

MEMÓRIAS TRANSCRITAS

DEPOIMENTOS

Realização:



Projeto
Marcas da Memória

Comissão de
Anistia

Ministério da
Justiça



Apoio:



NDH
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDOS E PESQUISAS
EM DIREITOS HUMANOS / UFG



UFG

Presidenta da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Justiça
JOSÉ EDUARDO CARDOZO

Secretária Executiva
MÁRCIA PELEGRINI

Presidente da Comissão de Anistia
PAULO ABRÃO

Vice-presidentes da Comissão de Anistia
EGMAR JOSÉ DE OLIVEIRA
SUELI APARECIDA BELLATO

Secretário Executivo da Comissão de Anistia
MULLER LUIZ BORGES

Secretária Executiva Substituta
AMARÍLIS BUSCH TAVARES

Coordenador Geral de Memória Histórica da Comissão de Anistia
MARCELO D. TORELLY

Coordenadora de Políticas de Justiça de Transição e Memória Histórica
ROSANE CAVALHEIRO CRUZ

Coordenação de Políticas de Justiça de Transição e Memória Histórica
ALINE AGNES VIEIRA MACABEU
DANIEL FERNANDES DA ROCHA
DEBORAH NUNES LYRA

EDUARDO HENRIQUE FALCÃO PIRES
ERIK DE CARVALHO LOBO VIANNA (Estagiário)
FELLIPE MATHEUS BERNARDINO PEREIRA (Estagiário)
JENY KIM BATISTA

JULIANA DE OLIVEIRA CARLOS (Consultora MJ/PNUD)
MARIA JOSÉ VICENTE DA SILVA (Apoio)
PAULA REGINA M. G. DE ANDRADE
SÔNIA MARIA ALVES DA COSTA (Consultora MJ/PNUD)

Conselheiros da Comissão de Anistia
ALINE SUELI DE SALLES SANTOS
ANA MARIA GUEDES

ANA MARIA LIMA DE OLIVEIRA
CAROLINA DE CAMPOS MELO
CAROL PRONER

CRISTIANO OTÁVIO PAIXÃO ARAÚJO PINTO
EDSON CLÁUDIO PISTORI

ENEÁ DE STUTZ E ALMEIDA
HENRIQUE DE ALMEIDA CARDOSO
JOSÉ CARLOS MOREIRA DA SILVA FILHO
JUVELINO JOSÉ STROZAKE
LUCIANA SILVA GARCIA

MÁRCIA ELAYNE BERBICH DE MORAES
MARINA DA SILVA STEINBRUCH
MÁRIO MIRANDA DE ALBUQUERQUE
NARCISO FERNANDES BARBOSA
NILMÁRIO MIRANDA

PRUDENTE JOSÉ SILVEIRA MELLO
RITA MARIA DE MIRANDA SIPAHI
ROBERTA CAMINEIRO BAGGIO
RODRIGO GONÇALVES DOS SANTOS
VANDA DAVI FERNANDES DE OLIVEIRA
VIRGINIUS JOSÉ LIANZA DA FRANCA

Célia Maria Alves / Vera Côrtes
(Organizadoras)

MEMÓRIAS TRANSCRITAS

DEPOIMENTOS

*O conteúdo das transcrições
tratadas e publicadas aqui
é fidedigno aos relatos de seus depoentes,
mas há sempre uma tensão, uma dor,
um silêncio, um olhar incapaz
de ser retratado no papel.*

Goiânia,
2013

REALIZAÇÃO:
ANIGO – Diretoria (gestão 2011-2013)
Memorial da Anistia
Projeto Marcas da Memória
Comissão de Anistia
Ministério da Justiça
Governo Federal

APOIO:
Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas
em Direitos Humanos/ Universidade Federal de Goiás

Conselho Editorial:
Vilma de Fátima Machado (NIE-PDH/UFG) – Presidente
Arthur Trindade Maranhão Costa (UnB), Alex Ratts (UFG), Arnaldo Bastos Santos Neto (UFG),
Eduardo Bittar (USP), Enrique Leff (UNAM - México), José Querino Tavares Neto (UFG),
Lúcia de Fátima Guerra Ferreira (UFPB), Luiz Mello de Almeida Neto (UFG),
Magno Luiz Medeiros da Silva (UFG), Manoel de Souza e Silva (UNILAB/CE, Brasil),
María Luisa Eschenhagen (Universidad Externado - Colômbia),
Paulo César Carbonari (IFIBE/RS e MNDH), Regina Sueli de Sousa (PUC-GO)
e Miriam Pillar Grossi (UFSC)

Organizadoras: Célia Maria Alves e Vera Côrtes

Obra: “Memórias Transcritas: depoimentos”

“O presente projeto foi apresentado no ano de 2011 à II Chamada Pública do Projeto Marcas da Memória, da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, e selecionado por Comitê independente para fomento. A realização do projeto objetiva atender as missões legais da Comissão de Anistia de promover o direito à reparação, memória e verdade, permitindo que a sociedade civil e os anistia-dos políticos concretizem seus projetos de memória. Por essa razão, as opiniões e dados contidos na publicação são de responsabilidade de seus organizadores e autores, e não traduzem opiniões do Governo Federal, exceto quando exposto em contrário.”

DEPOIMENTOS:
Acervo audiovisual da ANIGO
(2007/2008 - direção Ângelo Lima e 2012/2013 - direção Carlos Salício)

TRANSCRIÇÃO:
Célia Maria Alves, Daliana Geórgia Fonseca Alves Câmara, Flávia Ribas

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:
Mauro A. da Rocha

FOTO DOS DEPOENTES:
Acervo audiovisual da ANIGO

FOTO CAPA:
Luís Bala

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

A472m Alves, Célia Maria, org.
Memórias transcritas: depoimentos. / Célia Maria
Alves; Vera Côrtes. - Goiânia : ANIGO / NDH-UFG / FUNAPE , 2013.

504p.
ISBN: 978-85-8083-113-9

1. Ditadura militar em Goiás - memórias I. Côrtes, Vera II. Título.

CDU 321.6(817.3)

Distribuição gratuita/venda proibida

Impresso no Brasil
2013

COMISSÃO DE ANISTIA

A Comissão de Anistia é um órgão do Estado brasileiro ligado ao Ministério da Justiça e composto por 25 conselheiros, em sua maioria agentes da sociedade civil ou professores universitários, sendo um deles indicado pelas vítimas e outro pelo Ministério da Defesa. Criada em 2001, há dez anos, com o objetivo de reparar moral e economicamente as vítimas de atos de exceção, arbítrio e violações aos direitos humanos cometidas entre 1946 e 1988, a Comissão hoje conta com mais de 70 mil pedidos de anistia protocolados. Até o ano de 2011 havia declarado mais de 35 mil pessoas “anistiadas políticas”, promovendo o pedido oficial de desculpas do Estado pelas violações praticadas. Em aproximadamente 15 mil destes casos, a Comissão igualmente reconheceu o direito à reparação econômica. O acervo da Comissão de Anistia é o mais completo fundo documental sobre a ditadura brasileira (1964-1985), conjugando documentos oficiais com inúmeros depoimentos e acervos agregados pelas vítimas. Esse acervo será disponibilizado ao público por meio do Memorial da Anistia Política do Brasil, sítio de memória e homenagem as vítimas em construção na cidade de Belo Horizonte. Desde 2007 a Comissão passou a promover diversos projetos de educação, cidadania e memória, levando as sessões de apreciação dos pedidos aos locais onde ocorreram às violações por meio das Caravanas da Anistia, que já chegaram a 66 edições; promovendo chamadas públicas para financiamento a iniciativas sociais de memória, como a que presentemente contempla este projeto; além do Marcas da Memória, a Comissão de Anistia lançou em 2012 o Projeto Clínicas do Testemunho que realizará a atenção psicológica aos afetados pelas perseguições sofridas no período abrangido pela lei 10.559. A Comissão de Anistia também fomenta a cooperação internacional para o intercâmbio de práticas e conhecimentos, com ênfase nos países do Hemisfério Sul.

PROJETO MARCAS DA MEMÓRIA

Um projeto de memória e reparação coletiva para o Brasil

Criada há dez anos, em 2001, por meio de medida provisória, a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça passou a integrar em definitivo a estrutura do Estado brasileiro no ano de 2002, com a aprovação de Lei n.º 10.559, que regulamentou o artigo 8º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Tendo por objetivo promover a reparação de violações a direitos fundamentais praticadas entre 1946 e 1988, a Comissão configura-se em espaço de reencontro do Brasil com seu passado, subvertendo o senso comum da anistia enquanto esquecimento. A Anistia no Brasil significa, a contrário senso, memória. Em seus 10 anos de atuação, o órgão reuniu milhares de páginas de documentação oficial sobre a repressão no Brasil e, ainda, centenas de depoimentos, escritos e orais, das vítimas de tal repressão. E é deste grande reencontro com a história que surgem não apenas os fundamentos para a reparação às violações como, também, a necessária reflexão sobre a importância da não repetição destes atos de arbítrio.

Se a reparação individual é meio de buscar reconciliar cidadãos violados, que tem então a oportunidade de verem o Estado reconhecer que errou para com eles, devolvendo-lhes a cidadania e o patrimônio roubados, por sua vez, as reparações coletivas, os projetos de memória e as ações para a não repetição têm o claro objetivo de permitir a toda a sociedade conhecer, compreender e, então, repudiar tais erros. A afronta aos direitos fundamentais de qualquer cidadão singular igualmente ofende a toda a humanidade que temos em comum, e é por isso que tais violações jamais podem ser esquecidas. Esquecer a barbárie equivaleria a nos desumanizarmos.

Partindo destes pressupostos e, ainda, buscando valorizar a luta daqueles que resistiram – por todos os meios que entenderam cabíveis – a Comissão de Anistia passou, a partir de 2008, a realizar sessões de apreciação pública em todo o território dos pedidos de anistia que recebe, de modo a tornar o passado recente acessível a todos. São as chamadas “Caravanas da Anistia”. Ao fazê-lo, transferiu seu trabalho cotidiano das quatro paredes de mármore do Palácio da Justiça para a praça pública, para escolas e universidades, associações profissionais e sindicatos, bem como a todo e qualquer local onde perseguições ocorreram. Assim, passou a ativamente conscientizar as novas gerações, nascidas na democracia, da importância de hoje vivermos em um regime livre, que deve e precisa seguir sempre sendo aprimorado.

Com a ampliação do acesso público aos trabalhos da Comissão, cresceram exponencialmente o número de relatos de arbitrariedades, prisões, torturas... mas também, pode-se romper o silêncio para ouvir centenas de depoimentos sobre resistência, coragem, bravura e luta. É neste contexto que surge o projeto “Marcas da Memória”, que expande ainda mais a reparação individual em um processo de reflexão e aprendizado coletivo, fomentando iniciativas locais, regionais e nacionais que permitam àqueles que viveram um passado sombrio, ou que a seu estudo se dedicaram, dividir leituras de mundo que permitam a reflexão crítica sobre um tempo que precisa ser lembrado e abordado sob auspícios democráticos.

Para atender estes amplos e inovadores propósitos, as ações do Marcas da Memória estão divididas em quatro campos:

- a) Audiências Públicas: atos e eventos para promover processos de escuta pública dos perseguidos políticos sobre o passado e suas relações com o presente.
- b) História oral: entrevistas com perseguidos políticos baseada em critérios teórico-metodológicos próprios da História Oral. Todos os produtos ficam disponíveis no Memorial da Anistia e poderão ser disponibilizadas nas bibliotecas e centros de pesquisa das universidades participantes do projeto para acesso da juventude, sociedade e pesquisadores em geral;
- c) Chamadas Públicas de fomento à iniciativas da Sociedade Civil: por meio de Chamadas Públicas a Comissão seleciona projetos de preservação, de memória, de divulgação e difusão advindos de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) e Entidades Privadas Sem Fins Lucrativos. Os projetos desenvolvidos envolvem documentários, publicações, exposições artísticas e fotográficas, palestras, musicais, restauração de filmes, preserva-

ção de acervos, locais de memória, produções teatrais e materiais didáticos.

- d) Publicações: com o propósito de publicar uma coleção de livros de memórias dos perseguidos políticos; dissertações e teses de doutorado sobre o período da ditadura e a anistia no Brasil além de reimprimir ou republicar outras obras e textos históricos e relevantes e registrar anais de diferentes eventos sobre anistia política e justiça de transição. Sem fins comerciais ou lucrativos, todas as publicações são distribuídas gratuitamente, especialmente para escolas e universidades.

O projeto “Marcas da Memória” reúne depoimentos, sistematiza informações e fomenta iniciativas culturais que permitam a toda sociedade conhecer o passado e dele extrair lições para o futuro. Reitera, portanto, a premissa que apenas conhecendo o passado podemos evitar sua repetição no futuro, fazendo da Anistia um caminho para a reflexão crítica e o aprimoramento das instituições democráticas. Mais ainda: o projeto investe em olhares plurais, selecionando iniciativas por meio de edital público, garantindo igual possibilidade de acesso a todos e evitando que uma única visão de mundo imponha-se como hegemônica ante as demais.

Espera-se, com este projeto, permitir que todos conheçam um passado que temos em comum e que os olhares históricos anteriormente reprimidos adquiram espaço junto ao público para que, assim, o respeito ao livre pensamento e o direito à verdade histórica disseminem-se como valores imprescindíveis para um Estado plural e respeitador dos direitos humanos.

Comissão de Anistia do Ministério da Justiça

SUMÁRIO

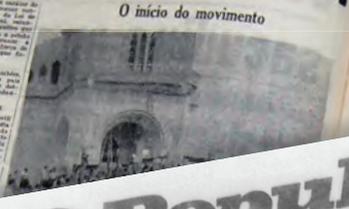
Apresentação.....	15
Prefácio.....	17
Abrão Marcos da Silva.....	21
Alaor Souza Figueiredo.....	33
Alexandre Alves de Almeida.....	45
Antônio Pinheiro Salles.....	51
Arão de Souza Gil.....	69
Cristiano Rodrigues Teixeira da Silva.....	77
Dirce Machado.....	87
Elio Cabral de Souza.....	97
Felix Valois Guará Bezerra.....	127
Hecival Alves de Castro.....	141
Horieste Gomes.....	161
Hugo Brockes.....	179
Jarbas Silva Marques.....	197
João Batista Zacariotti.....	213
João Silva Neto.....	225
Jose Elias Fernandes.....	251
Jose Fernandes da Silva.....	273
Juarez Ferraz de Maia.....	287
Luiz Antero de Moraes.....	301
Luiz Carlos dos Santos.....	311
Luiz Carlos Orro de Freitas.....	327
Luiz José do Rêgo da Cunha Lima.....	347
Marcantônio Dela Côte.....	369
Michéas Gomes de Almeida - Zezinho do Araguaia.....	387
Neso Natal.....	403
Paulo Silva de Jesus.....	417
Pe. Pereira e Marcos Antônio Pereira de Maria.....	429
Tarzan de Castro.....	439
Valterli Leite Guedes.....	467
Washington Luiz Teixeira Rabelo.....	481
Siglas.....	501

...volta com abertura
Banco do Brasil normaliza as
Veloso diz que as prioridades são...

CONFLITO ESTUDANTIL - POLICIAL ACUDIU E ANGIUSTIU A CIDADE!

Enquanto desembarcava em São Paulo o primeiro exilado que retornou ao país após a extinção do AFS, o ex-deputado Davi Lery, o Palácio do Planalto dirigiu ontem à tarde...

...xou 4 filhos órfãos
...Ainda na terça-feira, dia 20, o movimento estudantil...
...O movimento estudantil...
...O movimento estudantil...



O início do movimento

GORDURA DE COCO
pr'a sua cozinha
só a gordura de COCO
Levin...

O Popular

Goiânia, Sábado, 30 de Março de 1968 - Ano XXV - N.º 6.033

Baleado mais um estudante Deputados também apanham



inados dois estudantes goianos

Todas as horas da casa...



Após o 1º de Abril fabricaram dezenas de fichas falsas da DOPS

de «subversivos»...

...proceder à fabricação de várias fichas de agêdo com os profunurários "fabricados" pela DOPS.
...FUNÇÃO PARA RODRIGALHO
...O público espera que sejam esclarecidos todos os pontos fobos. Já que os acusa...

Prisão de estudante de Jornalismo leva aluno da UFG à paralisação

...Com slogans pela Anistia, Amnistia, Pela Liberdade...
...shows, palestras e outras programações, declarando o dia de hoje como o Dia do Protesto contra as tiranias.
...mas e pela tirania de 15 anos.
...É por sentir que nos dirigim para denunciar ur...

Balanço que dá o que pensar... Acusados de subversão presos em Goiás = 16 por corrupção = zero

Embora não se tenha conhecimento de uma única prisão por corrupção em Goiás, desde 1964 foram 16 os presos por subversão decretada pela Comissão de Guerra que se de Juli de Fora para Goiás, dezoito indicados por subversão nos IPMS realizados no Estado.

A todo momento a imprensa denuncia com liberdade de ir e vir e não se pode...

Seu mais é uma verdadeira situação de...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

10 - cinco das presenças são por corrupção praticadas por...



PRESOS POLÍTICOS ESTARÃO SOFRENDO TORTURAS?

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Seu mais é uma verdadeira situação de...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

Que Faz o Governo? Massacre à Imprensa!

Levado a julgamento...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Seu mais é uma verdadeira situação de...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

O "affaire" Ordem dos Advogados x I.P.M. Que é feito dos prêsos políticos de Goiás?

Uma nota de destaque da semana nos foi dada pela imprensa...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Seu mais é uma verdadeira situação de...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

P.S.D. goiano aconselha: -Mauro, abandone o país! Como a imprensa nacional focaliza o acovardamento

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Seu mais é uma verdadeira situação de...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Quantos foram atingidos pelo Ato Institucional? Balanço final das punições Civis e Militares

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Seu mais é uma verdadeira situação de...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Arguida a incompetência da Justiça Militar: 146 GOIANOS INDICIADOS EM IPMS PEDEM JULGAMENTO JUSTO E IGUAL

Acabam de dar ingresso em Juiz de Fora vários requerimentos levantando, de acordo com as leis vigentes...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Seu mais é uma verdadeira situação de...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

Em 1964, em Goiás, foram presos 16 acusados de subversão e zero por corrupção.

Os comunistas, como já se sabe, desmontam a máquina...

VIDRAÇARIA BRAS... Casa...

Arguida a incompetência da Justiça Militar: 146 GOIANOS INDICIADOS EM IPMS PEDEM JULGAMENTO JUSTO E IGUAL

Arguida a incompetência da Justiça Militar: 146 GOIANOS INDICIADOS EM IPMS PEDEM JULGAMENTO JUSTO E IGUAL

Arguida a incompetência da Justiça Militar: 146 GOIANOS INDICIADOS EM IPMS PEDEM JULGAMENTO JUSTO E IGUAL

Arguida a incompetência da Justiça Militar: 146 GOIANOS INDICIADOS EM IPMS PEDEM JULGAMENTO JUSTO E IGUAL

Arguida a incompetência da Justiça Militar: 146 GOIANOS INDICIADOS EM IPMS PEDEM JULGAMENTO JUSTO E IGUAL

APRESENTAÇÃO

Há um esforço coletivo de setores da sociedade e do Governo brasileiro de trazer à luz parte da história do Brasil que alguns teimam em querer fazer esquecer. Nenhum povo torna-se nação, no sentido mais amplo do termo, se sua memória é açotada. A memória é a referência para um novo e constante caminhar; é o ente que une gerações; é a base em que se assenta o futuro das gerações vindouras.

A ANIGO desenvolveu o projeto Resgate da Memória Viva da Repressão Militar em Goiás. Esse trabalho é parte do projeto Marcas da Memória, uma iniciativa da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça. Por compreender que não se pode contar a história de um todo sem reunir as partes, a ANIGO se une a outras forças empenhadas em respaldar o trabalho da Comissão de Anistia para ver assegurado o direito da Nação brasileira de conhecer sua própria história, aprender com seus erros e evitar, pela consciência dos atos praticados, que erros semelhantes sejam reproduzidos.

As páginas que se seguem são transcrições tratadas de depoimentos de pessoas que ousaram acreditar que era possível construir uma sociedade mais justa e com menos desigualdade e não se calaram diante de um governo que só conhecia a tortura e a morte como prática de dominação. Ao resgatar e registrar os acontecimentos daquele violento período da história da repressão militar em Goiás a partir do relato de quem sofreu e resistiu à violência do regime, a ANIGO contribui para que se perceba que a ação do governo militar não se restringiu aos grandes centros e para manter viva a memória dos que arriscaram suas vidas pelo sonho de um mundo melhor.

A essas páginas somam-se um acervo documental, o documentário “Se um de nós se cala...”, os relatos completos de cada depoente em vídeo,

e o site www.anigo.org.br que disponibiliza esse material para o acesso público. Assim, a ANIGO dá sua contribuição para que a história da resistência à repressão militar em Goiás seja conhecida e incorporada no contexto nacional.

Pelos que fizeram história e estão aqui para contá-la, e pelos que fizeram história e foram mortos e desaparecidos pela brutalidade do regime militar, mantenhamos vivo o compromisso com a construção de um mundo melhor, lapidado por nossas atitudes diante do(a) outro(a), diante do mundo, diante da vida.



Elio Cabral

Presidente da ANIGO

PREFÁCIO

*Aunque los pasos toquen mil años este sitio,
no borrarán la sangre de los que aquí cayeron.*

*Y no se extinguirá la hora en que caísteis,
aunque miles de voces crucen este silencio.
La lluvia empapará las piedras de la plaza,
pero no apagará vuestros nombres de fuego.*

*Mil noches caerán con sus alas oscuras,
sin destruir el día que esperan estos muertos.*

*El día que esperamos a lo largo del mundo
tantos hombres, el día final del sufrimiento.*

*Un día de justicia conquistada en la lucha,
y vosotros, hermanos caídos, en silencio,
estaréis con nosotros en ese vasto día
de la lucha final, en ese día inmenso.*

Siempre, Pablo Neruda

É como muita honra e entusiasmo que o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos e o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás colaboram com esse importante projeto coordenado pela ANIGO, pois o conjunto de depoimentos aqui expressados contribui de forma significativa para a compreensão de um dos períodos mais sombrios da história política brasileira, como foi o autoritarismo que ensombreceu tanto o Brasil como diversos países da América Latina nas décadas de 60 e 70. Nesse mosaico de regimes autoritários, ainda que muitos destes não chegassem a se tornar regimes totalitários, destaca-se a resistência de homens e mulheres que contribuíram com abnegação para superar o terror imposto pelos usurpadores do poder e, assim, desterrar tragédias como a experimentada pelo regime nazista na Alemanha, antes e durante a segunda guerra mundial.

Assim, a experiência narrada revitaliza a memória histórica da resistência de cidadãos que se enfrentaram contra um regime que no início mostrou-se como uma alternativa de saneamento da política brasileira, mas que na verdade continha um projeto conservador que, sobre a base da repressão e incentivos à despolitização, procurou submeter uma sociedade aos valores de uma ideologia conservadora, obtendo como resultado uma sociedade mais desigual e economicamente empobrecida. Dessa forma, dessa dor surgida da tortura, da perseguição, do encarceramento, dos desaparecimentos e das mortes de cidadãos, surge o cimento que contribuiu para asfaltar o caminho de recuperação da democracia brasileira, após 21 anos de autoritarismo.

A filósofa Hanna Arendt, em seu livro “Eichmann em Jerusalém” definia que, no cotidiano, em um contexto totalitário, as pessoas comuns, em relação àquelas que detêm o poder, têm opções de obedecer ou colaborar, se calar ou se omitir ou simplesmente resistir, pois cabe à consciência de cada indivíduo interferir no destino de todos e na história das próximas gerações. Dessa forma, os testemunhos aqui recolhidos são uma fonte notável associada ao resgate da memória e da verdade, pois recria uma atitude corajosa de resistência de civis, frente a uma majoritária atitude pusilânime dos muitos que contribuíram para legitimar direta ou indiretamente – e ainda contemporaneamente legitimam – regimes autoritários que, assim como no regime comandado pelos militares brasileiros sob o apoio de civis, procuraram eliminar a consciência individual dos brasileiros e, com isso, a sua humanidade, seja pela via da exaltação do nacionalismo ou pelo sobre dimensionamento do “inimigo”.

Como esclarece Paulo César Endo (2010), a prisão e a tortura são dois momentos diferenciados que os presos políticos sofreram no Brasil; o primeiro refere-se à captura do tempo e do espaço da pessoa presa, enquanto a tortura é uma captura radical: a do tempo e espaço psíquicos, e que implica a destruição do domínio da experiência do corpo ao impor uma dor imprevisível, num espaço coibido e controlado, além do medo constante da morte. O horror se monta sobre um destino eterno de dor – a dor que não vai passar. Tempo e espaço, então, se compactam em uma única e mesma coisa: o torturador que os controla absolutamente¹. Nessa perspectiva, os testemunhos não são simples reivindicação da memória histórica, os testemunhos fundamentalmente procuram no fundo, além de apresentar fatos da tragédia individual, propor o

¹Memória e Verdade. <http://www.memoriaenelmercosur.educ.ar/wp-content/uploads/2009/03/memoria-e-direitos-humanos.pdf>

debate político permanente e de forma indefinida sobre o que foi ou o que não fizemos para que essa tragédia tenha acontecido e em que nos tornamos depois dela.

Cabe aclarar que a violenta repressão contra os grupos de esquerda no Brasil foi desproporcional e sistemática, evidenciando uma das faces mais escuras dos propósitos do regime autoritário, que era a de manter o controle do poder absoluto dos militares; criado o inimigo artificialmente, desatou-se uma violência para-institucional nunca antes vivida na história brasileira e, nesse sentido, os testemunhos aqui recolhidos clamam no Brasil uma autêntica reivindicação da necessária materialização da justiça transicional, além do resgate da memória histórica, o que implica submeter à juízo, pelos crimes contra a humanidade, agentes do Estado durante os 21 anos do regime autoritário. Uma justiça transicional incompleta só pode expressar limitações à consolidação da democracia no Brasil.

**Carlos Ugo Santander
e Ricardo Barbosa de Lima**

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar
em Direitos Humanos (PPGIDH/UFG)

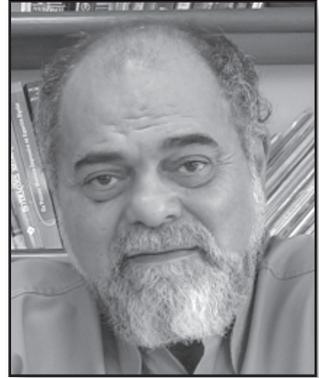
Núcleo Interdisciplinar de Estudos

e Pesquisas em Direitos Humanos (NDH/UFG)

Pró-Reitoria de Pesquisas e Pós-Graduação (PRPPG/UFG)

ABRÃO MARCOS DA SILVA

Data de Nascimento: 30/06/1948



MILITÂNCIA POLÍTICA

A militância política começou bem antes da minha entrada no partido, embora os fatos hoje estejam muito fragmentados na minha mente. Eu tenho, às vezes, mais lembranças intuitivas do peso que tiveram os fatos do que propriamente as datas. Mas eu me lembro de que, por volta de 1963, havia um burburinho muito grande e os diretórios acadêmicos, os centros acadêmicos discutiam muito política, e eu participava. Só que na época eu tinha posições antiesquerda. Com o golpe, isso foi sofrendo uma transformação a partir de discussões que eu tive, inclusive com pessoas que só depois de dois três anos fui saber que pertenciam ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). E essas discussões, à medida que elas foram crescendo, foram me convencendo. Naquela época se lia muito, havia uma preocupação política. Nós não tínhamos muito derivativos. Eu fiz o secundário no interior, e havia reunião do diretório acadêmico todo sábado, com discussões acaloradas, e nós tínhamos uma apreciação muito grande. Apesar de eu ter essa tendência direitista, tinha um apreço muito grande, um referencial, uma espécie de referência muito grande por figuras como o Fidel Castro, o Che Guevara. À medida que a gente tinha que discutir, tinha que ler. E a conclusão que eu cheguei foi que a esquerda na época era apenas uma posição romântica ao se sentir, de certa forma, traída pela revolução burguesa quando ela ofereceu a fraternidade, a liberdade e a igualdade, e nós não tínhamos nada. Eu sentia que a esquerda tinha nascido disso e que éramos todos ingênuos.

O GOLPE

Com a evolução da situação houve o golpe, fechou tudo. Um dos meus amigos disse recentemente que a nossa revolta não foi política, ela foi cultural. Eu penso que teve muito a ver com a privação da liberdade que nós tivemos naquela época. Eu nasci em 1948 e posso dizer que sou da geração 60. Então, essa necessidade de liberdade era muito grande, e havia um senso objetivo de como consegui-la. Isso não estava ligado com o que tem acontecido muito hoje, não é no rumo de liberdade por drogas, sexo; enfim, não era isso. Nós tínhamos que pensar de maneira objetiva como se chegar a isso. Essa evolução foi se dando à medida que discussões aconteciam. Até que eu entrei na universidade, eu que antes discutia praticamente com o Geraldo Afonso e com o Washington, passei a discutir, também, com o Benito.

Em 1967, eu entrei formalmente no partido e comecei a participar da organização de base. Já que eu estava dentro da universidade, teria que funcionar politicamente dentro da universidade, que era onde as pessoas me conheciam, e onde já havia uma participação em diretório acadêmico. Em 1970, eu me tornei diretor do órgão de divulgação dos estudantes que era o “Esqueleto 21”, um jornalzinho do centro acadêmico, do diretório acadêmico da faculdade. O partido queria que nós continuássemos participando de política de massas, tanto no que dissesse respeito à faculdade onde nós vivíamos praticamente, quanto na vida social, com a família e a comunidade. Essa era uma espécie de tendência que o partido tinha.

A RELAÇÃO ENTRE AS ESQUERDAS

Talvez as pessoas que não tenham vivido a época não tenham ideia da efervescência que havia, porque não havia só uma diretriz política. Na época nós tínhamos discussões com os próprios setores da esquerda. Aqui em Goiânia havia uma participação maciça da universidade, da Ação Popular (AP). O que acontecia? Havia discussões, e o pior insulto que alguém poderia dizer para qualquer militante é que ele era um pequeno burguês, que ele era um contrarrevolucionário, que era um revisionista. E esse tipo de coisa acontecia, e a gente não se entendia. O que aconteceu, pelo menos aqui, e que eu me lembro, foi - durante as discussões de montagem, não era de montagem do congresso, era montagem daquilo que Goiânia e Goiás pudessem contribuir para o congresso - uma série de estranhamentos ao longo e próximo ao congresso, que eu preferi me afastar. Eu senti que havia um predomínio da Ação Popular (AP), e havia certas medidas

impositivas que eram difíceis de serem aceitas. A gente tinha frequentemente discussões e críticas relacionadas com dificuldades existentes à época, principalmente entre o PCB (Partido Comunista Brasileiro), PCdoB (Partido Comunista do Brasil) e a AP (Ação Popular) aqui em Goiânia. Chegou um momento, pode se dizer, que eu me sentia meio marciano ali em meio àquelas discussões.

O PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

O PCB trabalhou arduamente na campanha que levou o PMDB àquela vitória maciça. Era uma orientação do partido, que eu considero absolutamente correta. Hoje pode não se ter lembrança disso, mas foi um dos movimentos mais formidáveis que o partido organizou e que conseguiu uma vitória, não estou dizendo que tenha sido só isso, obviamente, mas o partido trabalhou muito. E era uma orientação que o partido não discutia. Houve um consenso, percebia-se que havia um consenso nas atitudes dos membros do partido que a gente conhecia. Eu considero corretíssimo. Acho que podemos ter cometido erros, e obviamente cometemos, mas não esse.

AI 5

Até o AI5, a expectativa nossa era de que realmente aquilo que estava ali não duraria. Na minha cabeça isso acabaria em dois três anos, em cinco anos acabaria. O AI5, só tempos depois que nós percebemos - sentimos mais do que percebemos, não foi tanto a percepção intelectual - nós sentimos, por tudo que estava acontecendo, que aquela coisa tinha se incrustado, ela estava muito mais sólida: as restrições ganharam forças de status, a repressão ganhou essa força. Mas a percepção disso foi tempos depois. O sofrimento que veio foi algum tempo depois. Num primeiro momento, eu sinto que houve certa perplexidade, nós não sabíamos o que esperar. Eu me lembro de que, eu particularmente, fiquei desnortado com isso, e com medo. Nós conseguimos vencer aquele primeiro momento de perplexidade, aquele primeiro sentimento de medo e em seguida voltamos à ação.

A SEGURANÇA NO PCB

Voltamos à ação. Eu me lembro bem que tive alguns problemas relacionados com segurança. Eu sempre, por uma maneira de ser, eu tenho um

certo grau de paranoia e ela cresceu muito depois da prisão, mas já existia no sentido de você estar tentando sempre se preservar, estar atento. E eu tive discussões com o partido por questões de segurança na época. Continuei militando, mas tentando reforçar a questão da segurança. Eu me lembro de que tivemos várias discussões por causa disso. A discussão era: dentro dessa situação, nós vamos continuar com mais cuidado e tentando ter mais segurança. Aliás, por causa dessa questão, eu acabei tendo uma discussão muito áspera e ficando fora do partido por pelo menos seis meses por causa disso. Eu deixei o partido por que eu estava sentindo que não tinha segurança, o partido não estava cuidando da segurança da gente. Quando eu fui participar da assembleia que elegeu o Comitê Municipal... Eu insisti com as pessoas que eu conhecia porque, você sabe perfeitamente que naquela situação em que vivíamos, quanto menos pessoas você conhecesse, melhor. Houve muita gente que eu fui saber o nome, o nome verdadeiro, três anos depois; eu não sabia, eu sabia o nome de guerra. Então, o que acontece: como eu já tinha deixado o partido uma vez por causa de insegurança, exigi segurança máxima para a assembleia que elegeu os membros do Comitê Municipal - na época, eu fui eleito também. O que aconteceu: eu fui levado para a chácara em que o congresso foi realizado em um carro, um fusca, agachado no banco de trás e coberto com uma lona preta, à noite. Fui saber, dois anos depois que eu tinha sido preso, que eu fui o único elemento para o qual foi tomado esse tipo de medida. Isso me deixou muito chateado, muito magoado, inclusive com os membros do partido próximos a mim. Eu me senti muito... Enfim, mais uma vez enganado.

O ESQUELETO 21

No Esqueleto 21 que era o órgãozinho, um boletim, era um jornalzinho, eu participei bastante e com dificuldade pelo seguinte: para ele ser um tabloide que tivesse material ele precisava ser maior. Ele saía com quatro páginas, no tamanho hoje desse jornal Daqui. O que acontece: a universidade não financiava isso por “n” motivos. Nós tínhamos que sair de firma em firma pedindo porque o diretório acadêmico não tinha dinheiro. O Diretório Acadêmico 21 de Abril não tinha dinheiro. Então, eu saí várias vezes com um grupo de pessoas, inclusive a Graça Brasil que era redatora, saíamos pedindo - eu me lembro de que tinha uma escola de inglês aqui, a Chicago, que sempre contribuiu; alguns laboratórios que a gente conhecia os donos por causa da faculdade. Nós conseguimos financiar o jornal com muita dificuldade. Tinha firma que a hora que via que éramos estudantes

fechava a porta na cara da gente. Principalmente quando sabia que éramos estudantes de esquerda por causa daquilo que o jornal publicava. Nós mantivemos um nível muito bom, digo muito bom no sentido de que as matérias eram interessantes e eram palatáveis. Mesmo naquela época, nós não tínhamos nenhuma formação em comunicação, pedíamos subsídios, havia muitos artigos; isso não existe mais. Para imprimir o jornal, nós conseguimos a gráfica do Sindimacro da época, ninguém mais quis imprimir aquilo não. Havia um rapaz, infelizmente não lembro o nome dele, que ajudou muito a gente; ele trabalhava na gráfica e tinha um especial empenho em fazer esse jornal para nós. A última edição dele não saiu, prenderam a gente e prenderam o pessoal dentro da gráfica. Ele durou cerca de um ano e meio mais ou menos, sendo editado todos os meses. Ele se ligava às questões políticas, inclusive das questões salariais da área da saúde. Esteve ao lado dos grevistas da área de cirurgia, dos residentes, o jornal participava disso. Na época eu guardava, sempre guardei, um exemplar das edições do jornal para ter documentação. Mas quando eu fui preso, a minha mãe ficou tão aterrorizada que pegou esses jornais, junto com os jornais Voz Operária, e queimou tudo com medo de a repressão ir lá e criar mais um problema. Eu não tenho, talvez existam por aí, mas eu não tenho nada disso mais. Quando o Decreto 477 me pegou, pegou também baseado na minha participação no jornal. E a reitoria via. O diretor da Faculdade de Medicina na época, o professor Luiz Rassi, nos pediu que não editássemos mais o jornal porque ele estava recebendo críticas, ele estava sendo chamado à responsabilidade, enfim... E, nesse momento, dois colegas nosso que militavam na Ação Popular, o Valdir Camarcio que está no PT e o Ademar que deve estar em São Paulo, tinham sido presos pelo congresso de Ibiúna - nessa época nós recebemos essa ordem de não editar o jornal. Nós propusemos que o jornal não existisse mais como Esqueleto 21. Ele iria se chamar Esqueleto 19, e embaixo escreveríamos assim: faltam dois. Isso foi um horror! Transpirou, saiu, alguém levou essa informação para a direção, e nós fomos ameaçados: “Não sai jornal nenhum, nem dezenove nem vinte e um”. Aí o jornal acabou.

ATUAÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS

Se comparar a atividade política que existia na Faculdade de Medicina com a atividade política que existia na Faculdade de Direito é óbvio que a Faculdade de Medicina deixa muito a desejar. Nesse aspecto a participação, a militância é muitas vezes menor; e havia épocas que, por motivos que até hoje eu não sei a que atribuir, havia um volume maior

de militância e participação. Mas havia uns temas que mobilizavam; por exemplo: Quando o Vítor de Assis Pacheco propôs a criação de uma central de medicamentos criada pelo Estado que produzisse medicamentos e fez toda aquela crítica de que as multinacionais estavam explorando o povo brasileiro, vendendo os remédios a custo muito alto. Isso mobilizou a faculdade de uma forma tal que foi um campo muito fértil para outras mobilizações, para aquilo que nós chamamos de conscientização, de estar esclarecendo outros fatos ligados àqueles mesmos tipos de acontecimentos. Então, ela vivia ondas, e é obvio que a participação não era maciça. Muitas das pessoas que abraçavam a ideia de esquerda e que faziam a campanha antigolpe de 64 eram mal vistas por muita gente. Digo entre os estudantes que diziam: não, a gente está aqui é para estudar, não é para se envolver em questões políticas. Isso era muito comum dentro da Faculdade de Medicina. Eu não sei dizer como se comportavam na Faculdade de Engenharia; no Direito eu diria que 80% participavam e 20% não; na Medicina era o contrário, a participação se dava a uns 30% dos estudantes.

RECLUSÃO

Em 1971 tem uma história muito interessante pelo seguinte, quando a gente começou a ter notícia de que os membros do partido começaram a cair nas mãos da repressão, um atrás do outro, o Geraldo Afonso e eu organizamos um plano: que estivéssemos por ordem de sermos presos, nós abandonaríamos o país. Aí tivemos a notícia de que o Benito tinha sido preso em São Paulo, juntamente com a esposa dele. Então nós projetamos a nossa fuga para uma semana depois. Quando faltava um dia para a gente viajar, eu chamei o Geraldo e falei que eu não iria viajar mais, que eu não iria. Ele disse: você está maluco, você vai ser preso e morto aqui. Essa era a consciência que eu tinha. Eu não achava, com toda certeza, que eu representasse ameaça para coisa alguma. E ainda hoje eu penso que o que fizeram não tem muito sentido; pode ter sentido para as teorias da direita, enfim. Eu não acreditava nisso, pensei que as coisas aconteceriam como aconteceram antes do AI5. Porque o AI5 aconteceu no fim de 68; então, durante o ano de 1968, aconteceram muitas prisões aqui em Goiás de estudantes da UGES que foram presos um dia e 2 horas depois passava alguém lá e eram soltos. Eu estava vivendo esse ideal romântico, eu não esperava, e acho que muitos de nós não sabíamos o que esperava a gente. Não sabíamos, não tínhamos essa noção. Éramos talvez muito ingênuos; nem a vida preparou a gente, nem o partido. O partido tinha diretrizes a serem seguidas. Mas não se esperava, não entrava.

O que aconteceu, eu disse: não vou não. Ele disse: nós estamos com um grande problema, primeiro eles vão pegar você e vão matar, mas antes de matar vão lhe torturar. Você vai dizer a parte do caminho que você sabe, e eu e a Kênia vamos levar 28 dias para estarmos em segurança. Eu falei: eu não consigo, não acredito que vá acontecer, nem consigo deixar minha família, não dou conta disso; eu pensei e repensei e não viajo mais. Ele disse: Bom, então eu tenho que tomar minha direção; e foi embora. Dois dias depois eu fui preso, chegando do Adalto Botelho em casa. Na hora que a Polícia Federal me abordou, sei lá quem foi, eram três elementos armados, na porta de casa na Avenida Araguaia, me veio à mente a fala do Geraldo: eles vão me torturar e me matar. Foi uma coisa de momento. Eu falei, se eu vou morrer sob tortura é melhor morrer aqui; não me entrego. Dei dois murros em um dos policiais, e ele caiu. O terceiro subiu a escada do prédio e apontou a arma para mim, e eu disse você pode atirar que eu não vou não. E o sujeito que levou os murros encostou-se a uma parede, e o terceiro encostou-se a mim, e eu bati nele também. Eram pessoas menores do que eu. O que ficou armado não se animou a atirar, ele ficou mirando no meu peito, e foi juntando gente; eu acho que ele perdeu, ele não tinha mais condições de atirar. E ajuntou muita gente lá. Essa era uma das diretrizes que o partido propunha que a gente fizesse em caso de prisão. Só que no meu caso não era resistência, eu estava desarmado. Foi uma tentativa de suicídio para não passar pela tortura. Fui salvo da tortura em seguida, quando já estava dentro da base, pela morte do Ismael. Se o Ismael não morre, eu não sei o que teria acontecido. Mas a morte do Ismael os fez recuar do tipo de coisas que eles estavam fazendo. Então, o que aconteceu: Eu descí primeiro para sede da Polícia Civil - lá eles se livraram de uma pessoa, que era o meu vizinho, a quem eu devo muito, que entreviu na hora e perguntou para o pessoal que estava me prendendo se eles aceitavam que ele me acompanhasse; eles aceitaram, e eu achei que teria um pouco mais de segurança. Quando chegou à porta da Polícia, eles o puseram para fora do carro, quase a pontapé, e me levaram não sei para onde. Só fui descobrir depois que eu estava no 42º BIM, e provavelmente foi para lá, pois me colocaram uma fronha na cabeça e giraram nesse carro a partir da porta da Polícia Civil. Aí eu já estava sozinho com eles, e eles me ameaçavam o tempo todo.

Eu não posso dizer que tenha sido fisicamente torturado, exceto os pontapés, os murros e algumas batidas da cabeça na parede; além disso, não foram. Isso na primeira vez, dois ou três de julho. Fiquei lá no 42º BIM, sob esse esquema horrível, não me deixavam dormir; eu fiquei dormindo em um banheiro, enfim, eu não tenho mais estômago para ficar descrevendo

isso não. Depois de uns 40 dias, fui transferido para o PIC em Brasília. Só que chegando no PIC eu tive uma proteção, havia um coronel do Conselho de Segurança Nacional que era amigo do meu pai da FAB. Esse camarada conseguiu que eu ficasse na Aeronáutica ao invés do PIC. Passei duas semanas na Aeronáutica. É claro que eu não fui bem tratado, mas eu suponho que tenha sido muito melhor tratado do que se eu estivesse... Eles me deixaram nu em uma cela que tinha uma cama de cimento, não tinha nada para cobrir; depois de muito tempo me deram roupas e eu fiquei lá; davam-me comida duas vezes por dia. Mas lá, exceto algumas ameaças do sujeito que vinha do PIC para me ameaçar, não aconteceu nada. Eu devo ter passado umas duas, três semanas lá - suponho que esta tenha sido a fase pior. Em seguida fui para o PIC, de onde saí em novembro.

O DECRETO 477

O Decreto 477 era um meio de excluir da universidade pessoas que tinham participação ativa na luta contra a ditadura. Basicamente era isso. Eles achavam que essas pessoas representavam risco para universidade em termos de formar consciência, de promover greves e movimentos sociais. Então, eles arrumaram uma maneira de excluir essas pessoas. Se elas tivessem ligação com qualquer partido que tivesse na clandestinidade, isso era o bastante para elas não poderem concluir o curso.

O Jarbas Passarinho veio aqui e perdoou o 477. Faltava um mês para eu me formar, ele veio aqui em Goiânia e entregou a anistia para o 477. Eu fiquei mais um mês estudando e em março de 1973 eu peguei o diploma; quando foi em julho, voltei para o CEPAIGO. Aí fiquei três ou quatro meses no CEPAIGO. No ano seguinte saiu a condenação de dois anos pela atividade no Partido Comunista. Fui para o CEPAIGO, cumpri a pena, isso em 75, e saí de lá em março de 1976.

REPRESÁLIAS

Quando eu me apresentei para o Serviço Militar, eu consegui um adiamento de corporação. É interessante para as Forças Armadas que o estudante de Medicina não entre como recruta, que ele faça o curso e entre como médico - entra como tenente. Eu já tinha feito a opção pela FAB e terminei o curso; quando eu consegui pegar o diploma e fui me apresentar, em 1973, imediatamente fui encaminhado. Mas eu não podia por que tinha que levar um atestado de ideologia política e eu não tinha esse atestado. Eu pedi esse atestado e não consegui. Quem comandava o DOPS

aqui era um sujeito chamado major Rios, um sujeito que dava medo só de chegar perto dele. Eu me lembro de que era um sujeito muito frio. Eu fui acompanhado de um primo que na época era delegado, o Abdul Sebba; ele foi comigo até o major Rios, e eu devo isso a ele pela coragem que ele teve de pedir o atestado. Ele negou minha petição. Disse: ele não tem direito, e é melhor você não se envolver nisso mais. Saímos de lá. Mas eu tinha um amigo que era fotógrafo da Polícia Técnica, ele trabalhava lá. Esse amigo meu entrou à noite na sala desse major Rios e conseguiu pegar um atestado assinado, preencheu com o meu nome e me entregou o atestado; eu o apresentei em Brasília e foi aceito. Dois ou três dias depois, eu mal dormi em Brasília, no alojamento da FAB, me aparece lá três sujeitos grandalhões, me pegam pelo braço e dizem: Some daqui. Você está expulso. Algum tempo depois eu consegui pegar um certificado deles - um certificado de engajamento, de participação, não me lembro mais como é que se chama isso - onde eles tinham escrito que eu tinha sido expulso por incapacidade moral, por incorrer no artigo não sei das quantas. Eu não tenho esse documento porque quando eu fui requerer o Certificado de Reservista eles me tomaram isso e não quiseram me devolver de jeito algum. E eu, como sou muito besta, não tinha feito uma xerox. Eles me entregaram um documento dizendo que eu tinha sido excluído por excesso de contingente. Eu tinha sido incorporado como segundo tenente, ou primeiro, eu não me lembro mais qual a graduação.

Eu perdi o emprego para a prisão. A coisa é tão interessante que recentemente quando eu fui procurar os apontamentos disso aí, porque eu precisava como documento, a Secretaria de Saúde não tem, desapareceu com os apontamentos do concurso que houve na época.

Eles me prenderam, e não foi só isso; eu formei e não tive condições de trabalhar, ninguém me aceitava para trabalhar aqui em Goiânia, mesmo parentes corriam de mim. Isso já em 1973, 74. Não tinha meio de conseguir emprego. Eu queria fazer psiquiatria, mas não tinha jeito de ficar em Goiânia; como é que eu ia fazer psiquiatria no interior? Eu tinha uma formação clínica razoável, então, fui para o interior. Entrei para dar plantão no corpo de psiquiatria de Anápolis aos domingos e consegui trabalhar em finais de semana. Eu montei um consultório para atendimento em Inhumas, outro em Cromínia, outro em Maripotaba, outro em Hidrolândia. Eu passava três dias da semana em Cromínia, porque dava um pouco mais de movimento; um dia em Inhumas, meio dia em Maripotaba, outro em Hidrolândia e domingo eu dava plantão. Irapuan Costa Júnior entrou na prefeitura de Anápolis, e uma semana depois eu estava demitido. Entrei no emprego da Perícia aqui, passou duas semanas fui demitido pela mesma

pessoa que tinha me colocado lá. Ela não me chamou em segredo não, com mais dois ou três colegas veio me dizer que eu não podia mais trabalhar lá. A pessoa disse: “Recebi uma orientação de Brasília dizendo que você não pode trabalhar aqui; ou você sai ou eu saio”. Eu falei: claro!

No interior foi um desastre. Como eu não podia trabalhar aqui, montei com dificuldade um laboratório pequeno para análise de fezes, urina e sangue. Comprei maca, estufas, essas coisas. Na minha primeira prisão, que eu passei três meses, a minha mulher que era médica (na época não era casada comigo ainda, era noiva) foi lá atender para mim. E atendeu durante esses três meses, foi um período pequeno. Mas na segunda vez passei oito meses presos, quer dizer, não tinha jeito. Quando eu voltei à cidade o povo olhava para mim (todo mundo ficou sabendo), era como se eu tivesse alguma doença grave, não pude mais continuar na cidade. Eu fiquei tão constrangido que eu passei meses sem voltar, quando eu voltei lá tinha sumido tudo, todo meu equipamento; ninguém sabia o que tinha acontecido. Fiz um convênio com a prefeitura de Cromínia de maneira tal que eu tinha um número “x” de pacientes sem cobrar e fazia exames de sangue, fezes e urina; em troca a prefeitura me cedia o posto de saúde para atender e ganhar como consultório particular, havia esse convênio. Quer dizer, nem a própria prefeitura sabia o que fizeram com esses equipamentos que eram meus. Desapareceram.

Eu tinha um professor com quem eu me dava muito bem, era um psiquiatra, e surgiu uma vaga de plantonista na Clínica Santa Mônica, na psiquiatria. Foi para fazer Psiquiatria que eu entrei na faculdade. Então ele me aceitou lá, em maio de 76. Menos de seis meses depois, o dono da clínica me chamou e disse: olha o INAMPS disse que enquanto você trabalhar aqui eles não pagam os rendimentos a que nós temos direito. E sem isso a clínica não sobrevive. Eu falei, por essa porta eu entrei por essa porta vou sair. Ele falou: “espera um pouco, para mim é muito difícil; você está se dando muito bem nisso aqui. Eu já conversei com o Vacilo, vamos tentar; eu conheço algumas pessoas”. E aí ele conseguiu de alguma maneira, conversando com uma pessoa de grande influência, me manter. Na verdade, naquela época era INPS, não era INAMPS. O INPS voltou a pagar a clínica e eu pude permanecer, mas sob um certo cuidado. Mas aí o tempo foi passando, vieram a anistia, as diretas, o país se abriu, acabou.

ANISTIA

Depois de tanta dificuldade eu não participei mais da movimentação, eu diria que fiquei resistindo em silêncio; obviamente eu não mudei

a minha forma de pensar. Talvez não fizesse as coisas da mesma forma que fiz. Você vai amadurecendo e vendo os erros que cometeu aqui, ali. Mas eu não tive mais essa participação. De 1980 a 85 eu não me senti perseguido dessa mesma forma, pelo menos explicitamente não. Por que, o que eu fazia? Eu trabalhava em uma clínica, eu atendia os pacientes do SUS e tinha na mesma clínica um consultório. Minha vida foi essa.

Eu comecei a dar aulas na faculdade justamente em 85, como professor convidado. E assim mesmo porque o Vacilo que era professor da faculdade, também me levou para lá. Foi uma espécie de proteção. Em 1989 houve um concurso e eu passei.

Então, nessa fase de 85 eu acho que já não havia mais essa perseguição... O que você nota é hoje. Hoje esses grupos de direita ainda estão se mobilizando com relação àqueles que participaram. Acho que ainda tem agrupamentos aí, embora mais isolados por estar difícil a aceitação. Hoje eu sinto que eles existem.

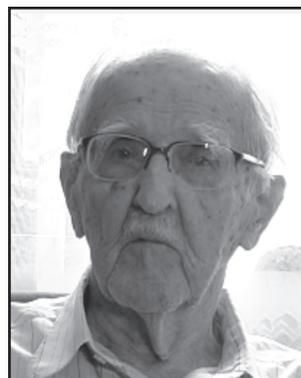
AS MARCAS

Eram pessoas marcadas, foram pessoas que se envolveram em dificuldades psicológicas a longo prazo, ou pessoas que tiveram doenças mentais desencadeadas pela agressão que sofreram. Existem em princípio dois tipos de situações, uma delas chamada de transtorno de estresse pós-traumático. Não precisa passar por aquilo que nós passamos não. Hoje tem pessoas, por exemplo, as mulheres que são vítimas de estupro; ou funcionários de bancos que ficam sob mira de revólver de assaltantes, às vezes por horas, essas pessoas começam, a partir daquela experiência, a viver com medo permanentemente. Ele está trabalhando, ele se sente altamente desconfortável porque todo estranho que entra no banco ele começa a tentar perceber se não vai acontecer a mesma coisa. Ele às vezes desperta de um sono no meio da noite revivenciando a situação, trêmulo, coração disparado, coberto de suor. O funcionamento pessoal dele acaba sendo limitado por isso. Isso é um transtorno de estresse. E têm companheiros nossos que desenvolveram isso. Por outro lado, existe fragilização da estrutura pessoal, emocional, que acontece quando um processo vai, não é um estresse agudo, mas um processo a longo prazo; uma repetição de situações de agressão que pode levar o sujeito a hipertrofiar certos aspectos da personalidade dele, preexistentes, mas que se hipertrofiam e que irão trazer prejuízos a ele: a desconfiança, o medo, o receio do que vai acontecer. Ele que tinha um certo grau de ousadia perde aquela capacidade porque emocionalmente, não é uma coisa intelectual, ele pode inclusive

intelectualmente perceber que ele poderia fazer aquilo, mas há um sentimento que o prende, que o impede de externar espontaneamente atitudes. Então, são prejuízos a longo prazo que podem acontecer de situações como essa. A chamada antiga neurose de guerra, o que era? Pessoas passando por situações de ameaça à própria vida, que nós passamos o tempo todo. O João se lembra disso: aquele tempo que nós passamos no CEPAIGO, nós não tínhamos nenhuma proteção, nós sabíamos que a qualquer momento os torturadores poderiam aniquilar com a gente. Depois ficou claro que havia um movimento subterrâneo nas Forças Armadas, do grupo do Sílvio Frota, que pensava realmente ser exterminador. Nós vivemos um tempo em Brasília que nem se fala; o tempo todo sabendo que nós não tínhamos proteção alguma. Quer dizer, vivemos todo tempo com isso. Vai dizer que isso não trouxe algum tipo de alteração na gente? Pode não ter trazido ao ponto de caber um diagnóstico psiquiátrico claro, mas é claro que alterações subclínicas nós temos e ficamos marcados.

ALAOR SOUZA FIGUEIREDO

Data de Nascimento: 24/09/1915



A minha compreensão da desigualdade social se deu quando eu era ainda muito moço, foi um fato histórico bem conhecido no Brasil. Nós estudávamos em Campinas, morávamos em Mococa, São Paulo. Estudávamos em Campinas, no colégio Diocesano Santa Maria. Eu tinha entre 12 e 13 anos. Houve a queda de 29, a crise de 29 com a queda do café, queda da bolsa dos Estados Unidos e da Europa toda. E nós perdemos a fazenda; nós tínhamos uma fazenda boa, fazenda de café. Meu pai tinha financiamento em banco, não pôde pagar o financiamento, não pôde vender o café e acabou tendo que entregar a fazenda para o banco. E nós perdemos tudo. Fomos para Mococa, acudidos por parentes, tal era a pobreza que ficamos. Ficamos pouco tempo em Mococa, porque decidimos mudar para São Paulo. A mamãe queria criar os moços em cidade maior e com mais condições de estudo. Viemos para São Paulo. Eu já tinha uma consciência bem nítida da injustiça, da desigualdade social e, em São Paulo, fui estudar. Primeiro estudei na Escola Normal de Casa Branca, depois me transferi para o Instituto de Educação de São Paulo, onde o nível político era bem desenvolvido pelo professorado. Tinha diversos professores, o professor Pimentel, o professor Hermes Lima, que foi até ministro da Justiça. Havia no Instituto de Educação uma condição de discussões políticas e militância muito grande, os professores estimulavam isso tudo. Eu fui continuar meus estudos lá e tinha contato com o professor Hermes de Lima, com o professor Pimentel e outro, cujo nome não me lembro, mas que era um militante do Partido Comunista. O Partido Comunista era uma dura ilegalidade naquele tempo. Mas era um controle do Marxismo. Eu comecei a ter contato com eles bem cedo até, fiquei estudando lá uns dois anos e sempre convivendo com esses professores. Saí de lá formado,

mas não me dediquei ao magistério devido aos salários que eram muito baixos. Eu fui trabalhar no Departamento Nacional do Café. Lá com um salário maior e com um ambiente também mais extenso eu tive contato com elementos do Partido Comunista, companheiros aos quais eu me juntei para formar, no Departamento Nacional do Café, uma cooperativa de consumo; e dessa fizemos outras diversas cooperativas de consumo em São Paulo. Chegamos até a fundar a Federação das Cooperativas do Estado de São Paulo. Tudo formado e dirigido pelo Partido Comunista, de maneira estritamente ilegal. E eu, sem procurar, entrei na militância de esquerda, muito acentuada, muito ativa. Elas eram orientadas pelo movimento. O Partido tinha ligação com o funcionalismo através do MUSP – Movimento Unitário dos Servidores Públicos. E eu, de repente, sem perceber como, estava militando no MUSP.

O MUSP ganhou uma importância muito grande porque o próprio governo do estado de São Paulo começou a combatê-lo. Antes mesmo que ele fosse combatido e identificado pelo governo federal como esquerda. Tive uma atuação grande no MUSP, que era uma composição muito grande de comunistas, e eu fui integrar o Partido Comunista como parte dos ferroviários sorocabanos. Fui para a base dos ferroviários porque eu já era professor, já tinha um nível de escolaridade preservado. Na base eu identificava uma deficiência de pessoal de nível de escolaridade mais alto. E eu fui para o lado de alguns companheiros de partido para nós darmos dinamismo e estendermos as bases que o partido tinha na Sorocabana (estrada de ferro) e em São Paulo.

MILITÂNCIA

Esse momento dos comunistas se encontrarem com outros, de ampliarem a sua composição no partido, sempre se dava nas associações de bairros, nas associações de assistência mútua, nas cooperativas, nos movimentos de cooperativas - os movimentos de cooperativas de São Paulo eram muito intensos. Só depois que percebi que elas eram completamente ligadas ao Partido Comunista Brasileiro. Realmente a minha atividade a essa altura ainda era iniciante no Partido, mas a ascensão, ou melhor, a multiplicação de atividades foi muito rápida durante a guerra, porque o Partido Comunista se pôs completamente contra o governo de Getúlio Vargas. O Getúlio Vargas aderiu ao mando dos Estados Unidos, que entraram na guerra. E de tal modo o governo de Vargas fez que mandou 25 mil homens em uma expedição nacional brasileira para atuar na Itália. Muito despreparados, muito desarrumados e muito improvisadamente foram

para o campo de batalha em condições muito difíceis de enfrentar uma guerra daquele tipo.

Toda história da Força Expedicionária Brasileira na Itália, dolorosa, com uma mortandade muito grande, foi despreparo da nossa expedição. Nessa época o Partido nitidamente já combatia o Getúlio Vargas; o getulismo era uma coisa espantosa no Brasil. Era um deus o Getúlio. Inclusive, a única organização que combatia o getulismo era o Partido Comunista. Por razões de ordens ideológicas e por ordens científicas - tinha um programa científico. E o getulismo nada mais era que um populismo.

Eu posso ressaltar bem a situação da consciência da juventude com o que acontecia comigo. Eu tinha uma simpatia muito grande pelo Getúlio e ao mesmo tempo eu seguia o Partido e não estava entendendo o porquê do Partido Comunista atacar tanto o Getúlio. Eu era bastante novo e não estava entendendo, mas orientado pelo Partido e não fugia à disciplina. Mas eu achei estranho porque o populismo do Getúlio era dominante. E o Partido Comunista era perseguido desde aquele momento. Todos os maiores perseguidores dos comunistas estavam abraçados, estavam estipendiados e ajudados pelo governo de Getúlio Vargas. Ficou bem nítido e, quando eu comecei a ganhar melhor compreensão política, eu vi que a minha simpatia pelo Vargas tinha que ser abandonada. Eu percebi que o governo dele não tinha nada a ver com o socialismo, com o Partido Comunista; muito pelo contrário, combatia muito.

O Prestes foi eleito por diversos estados, parece que por dezesseis estados. E o Partido fez deputados por toda parte: fez 17 federais; estaduais não sei quanto porque em cada Assembleia Legislativa tinha comunista. Então, imediatamente as atividades comunistas ampliaram muito. Eu não sei se o Getúlio quis fazer de propósito para se antepor às pressões dos Estados Unidos, ou por incompreensão. O certo é que chegou um momento em que o Getúlio Vargas teve que partir para o combate aos terroristas, talvez por pressão norte americana.

O partido estava na ilegalidade e não houve uma perseguição tão violenta não, mesmo porque o partido não tinha organização que se confrontasse com o Governo. Tinha simpatizantes em toda parte, tinha organização em São Paulo, no Rio de Janeiro; não tinha condições mínimas de se opor a um governo como foi o de Getúlio. De maneira que os comunistas se recolheram. Tivemos um período de acompanhamento de atividades sociais, de atividades trabalhistas. Uma atuação muito grande no sindicato trabalhista, no movimento de sindicalização rural, tudo isso nós fazíamos. Mas não tínhamos um confronto com o Governo porque não tínhamos organização para isso, mas nunca deixamos de atuar. Atuamos sempre no

movimento social, nas organizações, nos sindicatos, na sindicalização rural que foi um trabalho que sem dúvida nenhuma é onde se verifica o grande mérito da atividade comunista. E, em verdade, não tivemos perseguição violenta por parte do governo não. O Partido Comunista foi um getulista, chamava se aquele governo de quererismo. Houve uma distensão grande no Partido, mas depois os companheiros que se opunham ao Getúlio perceberam que ainda era a melhor opção. Não que tivesse muita esperança no Getúlio, mas para não haver quebra, para não haver cisão grande no Partido.

Era um movimento nacionalista, os comunistas entravam lá e deixavam um número para não serem apanhados e não serem discriminados. No movimento nacionalista nós desenvolvemos a luta pelo petróleo, a campanha pelo petróleo. E o Partido se firmou ali. A campanha era o maior empenho, o foco da agitação do Partido era em torno do petróleo é nosso. Não obstante a sociedade em geral não compreendesse nada disso, embora a população não compreendesse, o Partido insistiu. O Petróleo é Nosso, foi a campanha pela Petrobrás, até Getúlio criar a Petrobrás. Foi pressão popular e chegou à compreensão do governo de Getúlio que era possível.

Havia já algumas tentativas de exploração do petróleo no estado de São Paulo, na Bahia, e tudo se deu nesse sentido. Veio o governo do Getúlio, ou foi o do Dutra, e mandou vir lá dos Estados Unidos o Mr. Link, que era ligado à exploração de petróleo na América do Norte. Ele veio aqui para orientar as pesquisas petrolíferas do país. E eu não sei - muito complicado para nós, ninguém tem um pronunciamento sobre isso, eu não conheço - se ele fez de propósito por orientação do governo americano ou se fez honestamente, ele não encontrou indício algum de petróleo, nem na terra, nem no mar. Ele deixou unicamente uma esperança: é possível que pesquisas maiores, com maiores recursos deem uma resposta satisfatória no mar. Na terra não, ele queimou. Na terra não havia possibilidade alguma, as condições estruturais, geológicas não davam possibilidades para isso.

Eu não tenho dúvida alguma de que só o Partido Comunista era quem lutava pelo petróleo, só e de uma maneira tão isolada no começo que era uma situação até risível para o povo; era motivo até de chacota nos meios intelectuais e comerciais. Mas durou pouco porque logo se verificou que os comunistas tinham razão e começou a fluir a campanha do Petróleo é Nosso. Foi tal a movimentação em torno da campanha Petróleo é Nosso, que o Getúlio foi levado a criar a Petrobras. Também andou ensaiando algumas tentativas e não permitiu que os americanos viessem fazer pesquisas e sondagens aqui no país.

A LUTA PELA PAZ

Realmente, a luta pela paz era permanente, era uma palavra de ordem para qualquer momento; e essa foi uma muito mais incompreendida do que a luta pelo petróleo porque o mundo estava em paz. Porquê de luta pela paz? Aí era o momento de dar explicações nas nossas bases e em contato com a juventude, com as escolas explicar que a União Soviética estava se preparando para a agressão norte americana, do capitalismo; que havia lá fora esses dois polos, o capitalismo e o socialismo em luta, e que evidentemente isso teria reflexo aqui. E nós fizemos a campanha pela paz para evitar uma guerra lá fora, que certamente envolveria o Brasil. A luta pela paz também foi uma campanha do Partido.

Nós tínhamos uma preocupação muito importante que era a defesa da União Soviética. Havendo paz, a União Soviética estaria resguardada. No caso da guerra, aqui iria dar condições aos americanos para agredir a União Soviética. De maneira que nós tínhamos essa preocupação com a paz também. Quer dizer, a defesa do socialismo na figura da União Soviética, Cuba e outros países que já estavam avançados no socialismo.

A CISÃO ENTRE A ESQUERDA

Eu não me lembro em qual congresso que se deram as primeiras discussões. Em um desses congressos se deu essa cisão do PCdoB e o PCB. Se não me engano, foi no 8º Congresso que a militância começou tomar consciência dessa cisão, dessa divisão. Vimos isso com desgosto. As condições que se deram as atividades das duas facções eram tão intensas que não tinham meios de acudir, da militância do PCdoB ou a militância do PCB procurar um entendimento; houve uma ruptura repentina e definitiva. E nós perdemos diversos companheiros importantes do PCB que foram para o PCdoB. Eu não me lembro dos nomes deles, mas perdemos oito companheiros da direção nacional que passaram para o PCdoB. A única manifestação maior que houve nessa cisão foi que o pessoal que criou o PCdoB, não sei o porquê até hoje, atacava muito o Luiz Carlos Prestes, que ficou com o PCB.

O Prestes ficou com o PCB. Atribuía-se a atividade do Prestes, uma das razões da cisão. O núcleo do PCdoB não admitia a predominância administrativa do partido com a figura do Prestes. Até hoje, dentro do PCB, não tivemos nenhuma explicação sobre isso. Talvez o PCdoB tenha em seus arquivos, nas suas lembranças, nas suas memórias as razões definitivas do rompimento. Na cisão, o povo não tomou conhecimento, não deu

grande significação a isso; não acompanhou direito. Acompanhava o Prestes, Prestes era o partido, era o comunista. No meu caso, por exemplo, eu estava longe, estava em uma região nova do norte do Paraná trabalhando em derrubada de mato e em plantação de café, não tinha contato algum com o que estava acontecendo porque os jornais chegavam em Apucarana, mas eu estava na fazenda. Eu não me apercebi bem dessa cisão porque eu não estava perto disso.

ATUAÇÃO NO PARANÁ

Eu saí de São Paulo porque trabalhava no Departamento Nacional do Café - DNC e ele foi extinto. Nós fomos indenizados e eu, então, resolvi ir para o norte do Paraná. Um cunhado meu estava trabalhando por lá, com o meu sogro, em um estabelecimento de uma estrada de ferro entre Apucarana e Curitiba. Eles iam muito lá, e eu os acompanhei. Era uma efervescência, era uma coisa louca, eu resolvi mudar para o Paraná. Foi assim bem aventurosamente, não tinha nada que fazer lá. Tinha sim a missão do meu cunhado, que me deu a fazenda dele, fazenda Mococa, para administrar enquanto eu não tivesse outra ocupação. E foi a razão que me levou a ir para o norte do Paraná.

Eu demorei muito a ter contato com o Partido. Só depois de bastante tempo que estava no norte do Paraná foi que eu tive contato com o Partido. O contato foi em Londrina, através do Manoel Jacinto Correia. O Manoel Jacinto Correia era o responsável pela ampliação do Partido no norte do Paraná.

Eu comecei a ter uma importância muito grande, o meu trabalho junto ao sindicato, ligas camponesas, de tal modo que chegou o momento que recebi uma missão. Fui orientado pela direção do partido em Curitiba para retirar os companheiros nossos que estavam sitiados em Porecatu (PR). Porecatu era um latifúndio da família Lunardele. E lá nós estimulamos diversas invasões. Era uma área muito grande e eles não tomavam conta de tudo. Estavam plantando cana, já tinha uma usina grande, mas era muito grande. E o Partido estimulou as invasões nas regiões de Porecatu com muito êxito, de tal maneira que foi preciso o governo estadual mandar parte da polícia militar para nos tirar de lá. Esse foi o momento de maior atividade minha, para tirar o pessoal que ficou sitiado lá. Eu e o Manoel Jacinto fomos companheiros, fizemos ligações com os que estavam sitiados lá em Porecatu e em uma noite conseguimos retirá-los de lá. Os levei para o grupo de resistência; não todos, grande parte dos ocupantes de terras se amedrontou e desistiu. Fizeram entendimento com o Estado para

receber terras mais para o oeste do estado. De maneira que a minha missão lá foi retirar o pessoal que estava cercado. E retirei e levei lá para a fazenda que eu dirigia, a fazenda Mococa; lá ficaram comigo até que houve uma orientação de São Paulo determinando que nós levássemos esse pessoal para Paranavaí, num sítio de um companheiro nosso, um senhor de muito respeito, que acolheu esses companheiros que nós tiramos de Porecatu.

Depois, em conjunto com Francisco Julião, fizemos um congresso do Partido em Maringá (PR) - o congresso que foi, talvez com exceção do congresso de Belo Horizonte, o maior que houve. Congresso camponês. O Francisco Julião compareceu e aí começou o movimento de maior preocupação do governo do estado, foi no tempo do Moises Lupion; houve uma perseguição muito grande lá no norte do Paraná, prenderam muitos, e eu mandei a família para São Paulo. O meu irmão mais novo foi quem levou a família para São Paulo, onde estavam alguns dos nossos. Eu fui para Barranca do Paraná até amainar um pouco. Fiquei uma temporada por lá, uma temporada grande. Assim que um companheiro foi ao Paraná, eu peguei a Sorocabana e fui para São Paulo. Quer dizer, não houve interrupção alguma com o governo de Getúlio.

Era uma luta clandestina muito bem orientada no sentido da agitação que se fazia. Não tinha de verdade grandes bases, não tinha condições ainda. Um campesinato ainda muito atrasado e as cidades também; um campesinato temeroso, sem consciência. Então, tinha muita preocupação com o passadio, preocupação com vida, com a família... A luta no campo não foi fácil não. E assim mesmo criamos sindicatos poderosos, grandes. Em Santa Fé, por exemplo, tinha um sindicato com 30 mil militantes; Apucarana tinha 14 mil militantes; Londrina tinha mais de 20 mil militantes. Foi de tal modo e com tal entusiasmo que se criaram os sindicatos, mesmo com a perturbação que se fazia a Francisco Julião, que ele insistia em criar as ligas camponesas, e o partido queria os sindicatos. A gente já estava atenta para o quadro legal da legislação sindicalista do país. A Sorocabana foi de muita importância para a disseminação de material nosso e para a transferência de companheiros, foi muito boa. Já a outra parte de São Paulo, Paraná não tinha grande importância nisso, é que ia de Ourinhos até Apucarana. A Sorocabana era uma via ideológica nossa, podemos dizer isso.

O GOLPE

Em 64 eu estava em Apucarana, em uma atividade muito grande, a minha atividade no norte do Paraná, Londrina e Apucarana. O norte do

Paraná tinha uma atividade muito grande, Maringá, Apucarana e Londrina. Com a criação dos sindicatos, foi uma orientação muito bem feita, não tínhamos condições de fazer bases, grandes associações nessas cidades por serem muito novas. Mas o partido se sediou nessas três cidades, e tivemos um desenvolvimento grande.

1964 acabou com os sindicatos, prenderam todos os sindicalistas. Eu mesmo saí de Apucarana e fui parar lá na Barranca do Rio Paraná. Fiquei três meses fugindo da perseguição, foi um momento difícil para o partido. Tudo aquilo que nós tínhamos organizado no norte do Paraná: sindicatos, associações e mesmo as bases do Partido, foi tudo derrotado. Eu continuava ligado à comissão, mas tinha uma atuação muito grande em Maringá e Apucarana. Morava em Apucarana – agora, na fazenda, ainda não tinha nada, movimento ideológico nenhum. Porque os movimentos camponeses ainda estavam atrasados, havia uma preocupação nossa com o aventurismo do Francisco Julião criando aqui, para todos os lados, ligas camponesas que até hoje eu não sei para que servia. Elas não davam assistência alguma, não tinha assistência ideológica, não queria contato com os comunistas e foi um momento de perturbação na implantação dos sindicatos nos meios rurais.

Eu vinha sempre a Maringá, mesmo estando lá em Porto São José, na Barranca do Rio Paraná, eu recebia contato. Depois eu saí e vim até Maringá. Quando abrandou a pressão eu saí, fui à Sorocabana peguei um trem e voltei para São Paulo para dar um jeito na minha família, que estava um pedaço de casa em casa de um irmão, de uma irmã, de outro.

Construí uma casa em São Paulo e isso acalmou um pouco a minha vida, mas a minha casa continuava sendo aparelho do Partido. Uma coisa curiosa, eu dava a casa como aparelho, mas não tinha contato com a base porque eu estava sendo muito perseguido; então, se me prendessem, eles não tinham contato comigo. Minha militância não sofreu interrupção, desde que eu tive contato com o Partido passei a militar, ou no movimento camponês ou no movimento cidadão.

A ATUAÇÃO EM GOIÂNIA

O que me motivou a vir a Goiás foi uma coisa acidental, mas é bom saber disso: eu me liguei a um cidadão mineiro, Miranda, não me lembro do nome, e esse Miranda vendia terra no Pará, glebas no Pará. O sul do Pará foi dividido em glebas de 1200 a 1800 alqueires, e ele era um vendedor de glebas para os comerciantes, para os capitalistas de São Paulo. E eu tive contato com ele, que era aqui do Triângulo Mineiro. Tanto me influenciou que me trouxe

aqui para Goiás para continuar o movimento de venda de terras. E aqui eu continuei trabalhando nisso e trabalhando, também, com o movimento de vender lotes em Goiânia. E me fixei em Goiânia. Não me lembro por meio de quem que eu fiz contato com o Partido aqui. Se não me engano, foi com o Tibúrcio, José Tibúrcio de Anápolis. Tive contato também através de um companheiro muito fiel, que hoje está na região do Valparaíso, o Santos. O nome de guerra dele é Santos, ele era oriundo dessa região de Goiandira, que fica perto do Triângulo; lá que se deu o surgimento do Partido Comunista. Tive contato com o Tibúrcio e com o Santos e logo me entrosei aqui, não me lembro em qual base eu fiquei. Mas eu não quis entrar em contato com a direção não. Sempre gostei de militar em base. Depois, com a evolução do trabalho, eu me liguei com direção em Goiás.

PRISÃO

Fui preso quando houve a repressão com intensidade aqui em Goiânia; fiquei um dia e uma noite aqui no BC, depois fui para Brasília lá para o PIC, sob condições violentíssimas, tortura muito grande. Pesava sobre mim uma lenda de que eu era o financiador do Partido aqui em Goiás. Isso porque eu fui designado para abrir uma conta em meu nome, com os recursos que o Partido arrecadava. Não só os que vinham de fora, que eu não sei quem era que mandava, mas os que nós coletávamos aqui para atender a sobrevivência das famílias cujos dirigentes estavam fugidos, perseguidos. Já eram numerosos os que nós dávamos assistência, e eu que fiquei responsável por esse dinheiro e com essa conta. E daí eu fiquei como financiador do Partido aqui. Tinha uma casa grande, era um homem rico que o sustentava. Daí a atenção especial que me deram nos interrogatórios, na violentação. Eu tinha que descobrir, eu tinha que contar de onde vinha esse dinheiro. Na medida do que era possível contar eu contei; dinheiro que eu arrecadava em Goiânia de um e de outro; de quem que arrecadava, eu não sei. A base que arrecadava. Mas nesse interrogatório para escapar de alguma contradição eu às vezes confrontei com a violência, com a tortura.

Eu fui preso na feira, tinha saído para fazer feira e lá me prenderam, no meio do povo. Puxaram-me para um lado, me puseram em uma camionete, vendaram os meus olhos. E eu não tenho a menor ideia de quem foi, nem da fisionomia deles. A surpresa foi tanta que no dia seguinte eu já fui para Brasília; porque que eu fui para Brasília? Porque o meu filho, o Renato, era sargento do Exército e teve sediado aqui em uma cidade para o lado de Goiás e depois tinha sido recolhido para cá e ele estava aqui como 2º tenente. Depois foi que explicaram que eu tive a sorte de me mandarem para Brasília

porque a ação da tortura era violenta aqui em Goiânia. Uma coisa medonha, para matar mesmo. Coitado dos companheiros que ficaram aqui.

Eu fiquei quase oito meses preso, muitos choques elétricos. Não sei se isso me prejudicou um pouco a memória, eu não posso afirmar, mas tenho comigo que sempre tive uma memória muito boa, fui um estudante bom para memorizar, e depois dessas passagens por sessões de choques realmente eu não tenho mais memória. Minha memória é muito pouca, não memorizo mais como antes.

Uma debilidade minha, química, estrutural, ou sei lá o quê, me ajudou, porque não sei quantas sessões de choques, eles procuravam os pontos piores para a gente aguentar, mas eu não aguentava os choques, eu desmaiava. Machuquei os joelhos tudo. Colocavam-me na cadeira e era só dar o choque, de repente, quando eu percebia, tinha alguém me levantando do chão. E eu acho que isso não deu essa continuidade de choques, mas perdi sem dúvidas nenhuma parte da memória. Porque eu sempre fui um memorizador, sempre usei a memória, sempre li, um verdadeiro viciado em leitura. Tive um curso, a escola normal mais efetiva. E agora não tenho mais aquele potencial de memorização que tinha antes.

A gente tinha na militância, no Partido Comunista Brasileiro, orientação sobre isso, o comportamento da polícia. Alertavam os companheiros sobre os choques, essas coisas que a história dos outros tinha angariado para passar para outros militantes. Nós já sabíamos que isso iria acontecer, estávamos prevenidos, mas por mais prevenido que você esteja o choque é terrível. E eu acho que eu tive a sorte de não ter muita resistência, logo que tomava o choque já caía. Percebia que tinha desmaiado porque o repressor estava ali me levantado; os joelhos estavam sempre machucados.

Eles pegaram minhas contas correntes e fotocopiaram, o banco forneceu. Tinha uma saída de 5 mil reais, e eles falaram que eu peguei aquele dinheiro para mim, que eu tinha roubado. Foi um dinheiro que eu tirei para dar para o Comitê Municipal de Goiânia. Consegui com o Bailão, aquele capitão Ailton me pôs em contato com o Bailão e o Bailão que, era do municipal, confirmou que tinha recebido os 5 mil reais. E não houve contradição por causa de dinheiro, mas tentaram falar que eu tinha roubado o partido para desmoralizar o companheiro.

Em Brasília eu fiquei sempre sozinho na cela - pior situação porque mês de junho e julho em Brasília é muito frio, pior do que aqui - eu fiquei pelado, só de cueca o tempo todo. Era um frio tal que adormecia o corpo; para dormir eu encostava na parede fria... E para dormir um pouquinho fazia uma coisa caricata, era uma coisa grosseira para contar. Conto para

vocês, eu precisava pular, eu ficava pulando dentro da cela e esfregando o braço para poder dormir um pouco. Aí sentava, dormia um pouquinho, mas logo gelava tudo e acordava com um frio danado. Eles queriam me dar uma pneumonia, ou sei lá o quê.

Lá sempre deixavam uma brecha; a minha e a do João foi brecha por causa do contato da gente, das duas descargas de privadas, foi fácil, mas depois de sair da prisão a gente tinha um momento de comunicação. Em Brasília, eram diversas celas no presídio, um em cada; e nós só tomávamos sol a cada dez dias, nós íamos lá para o solário. E no mais ficamos presos isolados; só saíamos de lá para esses interrogatórios, os interrogatórios eram permanentes. Queriam saber do João, e eu, que estava preso, tinha que dar conta de onde estava o João. Alguns fraquejavam outros não.

TORTURAS

Nós sofríamos demais. Lá no PIC era uma coisa horrorosa, uma coisa doida. À noite você não podia dormir, eles batendo em companheiros, forçando o sujeito a contar onde estava o outro. Era um eu não sei, não sei; você esteve com ele, e a repressão procurava uma contradição. As maiores sessões foram com o capitão Ailton, ele mesmo não me torturava, ele orientava a tortura. Ele me ameaçava muito para conseguir informações, qualquer coisa sobre o Aníbal, possibilidade de conseguir prisão para o Aníbal. Ele estava na faculdade de Engenharia em Brasília e tinha uma atuação importante nos comitês da vida estudantil; e o Ailton ameaçava prender o Aníbal. E eu aguentei firme, ele pode e não pode prender o Aníbal; se prender, o Aníbal não sabe nada nem da minha vida, nem da minha militância. Poderiam até judiar dele, mas ele não sabia nada.

Era uma coisa terrível. Fez um contato meu com o Bailão e passou o aparelho de choque para o Bailão me dar choque. O Bailão, eu nunca vi um homem reagir de uma maneira tão decidida. Eles queriam desestabilizar um e outro. Choques e pancadas na cabeça e uma porção de coisas. O pior de tudo era quando eles deixavam por conta de um soldado violento; aí dava socos, dava ponta pés, maldade mesmo.

Eu percebi que a tortura que eles queriam era só de amedrontar para conseguir informações. Eram em momentos, às vezes tiravam a gente a noite das celas, vendavam e começavam a andar com a gente no corredor, colocavam a gente encostado nos corredores e ficava aquele silêncio não enxergando nada, e ficávamos lá desse jeito. E às vezes passava um e dava um passa pé nas pernas. Nunca houve uma tentativa, uma tortura tão violenta que se aproximasse da morte.

O PIC era como uma mesa, e ao redor da mesa tinha celas; de madrugada os guardas ficavam circulando, conversavam com a gente. A única simpatia que a gente tinha era essa. Nunca tivemos um oficial com manifestação de simpatia. Mesmo porque entre eles mesmos havia delação; então, o sujeito tinha que ser duro. Se fosse simpático, mole, já era punido certamente.

Houve julgamento, fui condenado há seis meses. Ninguém sabia. A família inteira em São Paulo, amigos me procurando em delegacias, uma coisa louca... é uma parte da tortura. E essa é a pior que tem, é não saber onde foi parar. O nosso advogado, o Dr. Rômulo que faleceu, conseguiu acompanhar o meu processo e de uma maneira enérgica, oh homenzinho danado, fez uma sessão final, pública, uma coisa louca o que ele falou para aqueles oficiais da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. Ele lembrou a todos eles a glória que tinha as suas entidades, que agora estavam ali a serviço de uma causa tão estúpida dessa. Era danado aquele homem!

O tempo todo eu era seguido aqui em Goiânia, sempre tinha um carro lá na frente, à direita aqui, a uns 500 metros ali; uma pessoa que ou ia a pé ou ia de automóvel me acompanhando. Eu percebia perfeitamente. A Clotilde, minha esposa, saía junto para ir ver. Mas nunca me incomodaram não, ninguém na rua, nem chamado eu fui mais. Os torturadores devem ser processados, mas isso infelizmente não vai acontecer porque o Exército não é democrata assim. A Marinha é pior que o Exército e a aviação, não sei. A Marinha é um antro de reacionários. Certamente não vão, eles vão poupá-los de qualquer processo.

Com a evolução política do país, os dias vão passar e eles não vão se safar disso. Mais tarde, mesmo depois de mortos, serão julgados e processados, eu não tenho a menor dúvida disso. Os torturadores vão ganhar processo sim. E a opinião pública e política do país devem ser alertadas para isso, ainda que governos se sucedam evitando esse processo. Há de aparecer um governo tão forte que leve adiante esse processo para historicamente mostrar à sociedade brasileira que houve tortura e que os torturadores foram fulano e fulano, que foram condenados e presos por tortura e covardia.

ALEXANDRE ALVES DE ALMEIDA

Data de nascimento: 28/03/1927
Data de Falecimento: 30/09/2011



Chamo-me Alexandre Alves de Almeida, cheguei a Goiás no ano de 1946 e me fixei em Anápolis, vindo da cidade de Barreiras na Bahia.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

Aqui me vinculei a Aluízio Crispim e Basileu Pires Leal. Entrei no Partido Comunista a convite de Aluízio Crispim, em 1946, quando cheguei por aqui. Atuei no Partido Comunista este tempo todo.

As gráficas do Partido Comunista eram invadidas em Goiânia e em São Paulo. Eu era estudante do Colégio Estadual José Ludovico de Almeida e vivia mais reservado. Aqui tinha o companheiro Washington Barbosa, ele era militante e dirigente do jornal “Frente Popular” de Anápolis que pertencia ao Partido Comunista.

Nesta época existia uma verdadeira unidade no Partido. Atuaram no Partido: Moacir Brechó, Walter Valadares, Paulo Nunes Batista, vivo até hoje. Aqui militava, também, João Carolino, Cláudio Mendes, Dr. Fuad e vários outros companheiros.

O Partido era uma verdadeira unidade de força, toda burguesia de Anápolis queria o apoio do partido, todos os prefeitos eleitos tinham o apoio do PCB.

MILITÂNCIA E PRISÃO

Eu era dirigente do PCB (Partido Comunista Brasileiro), mas na época da ditadura ajudava, também, a organizar o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro).

Veio a ditadura militar, e Anápolis foi, em Goiás, o verdadeiro foco da perseguição política. Aqui foi decretada área de segurança, justamente pela influência do Partido Comunista. Naquela época em Anápolis eram todos censurados e comunistas. Foi concentrada a verdadeira perseguição aos comunistas em Anápolis, muitas prisões foram feitas aqui, inclusive as dos deputados Haroldo Duarte, Fernando Cunha e Adhemar Santillo, todos apoiados pelo partido.

Anápolis transformou-se em verdadeira resistência porque o partido era mais concentrado aqui, inclusive elementos fundadores da cidade pertenciam ao partido.

Primeiramente tínhamos o jornal “Frente Popular”, todos os membros do partido eram acionistas, inclusive eu. Ronaldo Valente tomava todas as decisões. Transformamos o jornal em gráfica, negociamos e vendemos nossas ações a Washington Barbosa, que ficou na direção da gráfica Alvorada. A gráfica se manteve funcionando por muito tempo, até que Washington Barbosa, que passou pela prisão e por perseguições, a vendeu. A gráfica fechou após o golpe.

Eu era estudante secundarista naquela época e não fui preso. Naquele período aqueles que eram mais reservados, aqueles que a ditadura ainda não tinha colocado os olhos, “funcionaram” livremente até 1972. Por volta de 1972 caiu todo o partido.

Eu nunca abandonei a militância, eu tinha uma confiança muito grande em Prestes, o tal Prestes era um talento. Recebemos Prestes com uma banda de música, ele fez um importante discurso na Câmara Municipal. Oferecemos um jantar a ele com trezentos talheres. Eu sempre participava de tudo no centro das atividades. Prestes tinha uma deferência muito grande a minha pessoa. Na época que estávamos perseguidos, ele mandou um emissário me perguntar se eu queria me exilar, ele temia que a ditadura me matasse. Tenho treze filhos, eles estavam todos pequenos, e eu dizia que livrar só minha pele eu não iria livrar, então mandei dizer a ele que preferia morrer junto dos meus filhos.

Com o intermédio de Prestes enviei quatro estudantes daqui para fazerem curso superior, inclusive minha filha que é médica na Rússia, e doutor Lenine.

Por essas ligações é que eles me “baixaram o pau” e eu não neguei o que sou por isso. Nessa época me ameaçaram. Eu nunca negava o que eu era e andei falando umas verdades ao inquiridor. Quando queriam buscar o Henrique Santillo, eu falei que ele não era comunista e que meu pai nunca havia me ensinado a mentir. Falei ao coronel: se for para mentir para o senhor, prefiro que me leve para o pelotão de fuzilamento. Corri um gran-

de risco, não sei de onde saiu essa coragem. Ele me mostrou que Henrique Santillo seria preso, e eu disse a ele que Henrique não militava em partido comunista, mas que eu militava, não neguei ser da linha de Prestes.

Éramos funcionários públicos na prefeitura de Henrique Antônio Santillo, eu era diretor de feiras livres e fui preso em uma feira.

Primeiramente fui levado para Goiânia, no quartel 4ºBC. Fiquei oito meses na solitária, eram uns treze elementos presos em uma cela só, éramos incomunicáveis, só nos comunicávamos com a turma que estava ali. Tomava-se somente o sol do meio dia. Geraldo Tibúrcio, Horieste Gomes, Alaor, Zé Fernandes, Washington Rabelo, João Silva, todos eram da nossa turma que estavam presos no PIC – Pelotão de Investigações Criminais. Depois que saímos da cela separada ficamos uma temporada em uma cela comum, um salão no centro do PIC. Bailão estava junto comigo e José Porfirio estava em outra cela. Inclusive, essa noite sonhei com Bailão, nós morríamos em nome do Partido. O sonho era tão real, eu o via como estou te vendo aqui. No sonho ele não havia envelhecido nada. Deram-me uma surra de choque elétrico, fiquei desacordado. Levaram-me para Brasília e no gabinete do inquiridor me deram outra surra de choque elétrico.

Fiquei no PIC por oito meses, incomunicável, sem ver o Sol nascer nem se pôr. A tortura era terrível, mas de tudo que passei ainda fui o menos torturado. Prenderam o Sebastião em São Paulo e o torturaram. Bailão também foi bastante torturado. Bailão morreu cedo devido a tortura a que foi submetido.

No dia em que mataram Ismael, eu estava preso no quartel. Nós nos reuníamos com os estudantes daquela época, o Ismael era universitário e fazia o terceiro ano de Direito. Tenho lembrança da morte do Ismael. Acredito que o mataram. Naquela época não me lembro de escutar sobre enforcamento, ele morreu devido às torturas.

Levaram-me, me deram uma surra de choque elétrico em que fiquei desacordado, perdi muito sangue. Era tudo muito terrível naquela época.

Fui também sindicalista. Fui delegado sindical da conquista do salário mínimo e décimo terceiro salário para o trabalhador brasileiro. Como delegado compareci junto ao presidente da República daquela época. Era uma luta terrível.

Na época que estávamos presos em Goiânia mataram Manoel Fiel Filho e Vladimir Herzog. Foi naquela época que Geisel tomou a iniciativa de mudança. Muitos não resistiram, muitos companheiros morreram. João Querubino foi um deles. Ele tinha nove filhos e colocou os nove cursando nível superior. Ele era músico, consertava sanfonas.

Fui condenado a quatro anos de prisão, dois em liberdade condicional e dois anos no cárcere. Fui libertado por força judicial depois de

dezoito meses. Meu advogado foi o Dr. Rômulo Gonçalves, procurador do Estado. Fui libertado e me colocaram um processo de quatro anos, no Tribunal Militar. Eu tinha 48 anos.

Nessa época em que fui preso a cidade foi colocada em área de segurança, e eu nunca deixei de lutar, carregando processo nas costas, mas toda a vida lutando junto com meus companheiros.

Eu fui funcionário da prefeitura de Anápolis no gabinete da Administração por 17 anos. No mandato de mais de quatro prefeitos fui chefe de gabinete da Administração Pública do Município. Participei de muitas lutas, da caminhada das Diretas Já, e pelas eleições de 1982 quando elegemos Iris Rezende governador do Estado. Mesmo respondendo processo, sempre participei e nunca deixei de atuar.

LEMBRANÇAS

Tive uma boa formação no Partido Comunista. Estudei Marx, estudei o manifesto de Marx lançado em 1848, que convidava os trabalhadores do mundo a unirem-se. Foi ali que surgiram os sindicatos e as organizações de trabalhadores. Marx afirmava naquela época que o capitalismo era o maior coveiro, ele mesmo prepara sua própria sepultura. Isso está acontecendo de lá para cá, os estados capitalistas que se dizem a supremacia do mundo estão todos em crise. Confirmam-se as palavras de Marx.

Tenho saudade da época da Guerra Fria, da União Soviética, porque a União Soviética liderava a parte considerada lúcida dos trabalhadores do mundo. Na Guerra Fria como na Guerra do Vietnã morreram três milhões de pessoas, mas venceram a guerra. O Vietnã hoje prospera. Houve a Revolução Chinesa em 1949 e a China hoje também prospera. O capitalismo é que está cada vez mais em crise e caminhando para o fim.

Nasci em 1924. Lembro-me daquela marcha dos estudantes, me lembro de que eram trezentos mil liderados pelo estudante Edson Luís. Naquela época eu tinha um grande apoio do então prefeito Henrique Santillo, de Iris Rezende e Anapolino de Faria, foram três homens que me deram verdadeiro apoio durante toda minha caminhada. Essa época é inesquecível pra mim pelo apoio que recebi desses três homens.

Na década de 1950 fui do sindicato, época em que compareci como delegado, juntamente a outros quinhentos delegados do país inteiro no governo de João Goulart. Conseguimos a aprovação do décimo terceiro salário e do abono de família. Essa foi uma época marcante também. O deputado que nos dava "cobertura" era Roberto Morena, que era um deputado também sindicalista.

No ano passado, em meu aniversário, chamei vários desses companheiros. O companheiro Saulim, que é músico, Maristela, Clóvis Bueno, Pedro Afonso, que foi vereador, Tediê, Luiz Lopes de Lima, Raimundo, Dr. Iran, ainda existem vários companheiros vivos, porém estão dispersos.

Em 1969 eu trabalhava de alfaiate por conta própria. Foi daí que, a convite de Henrique Santillo, passei a realizar duas atividades: reorganizar a banda da prefeitura, “Lira De Prata de Santana”, da qual sou presidente e fundador, e reorganizar as feiras livres. Fui nomeado e contratado como diretor das feiras livres e reorganizador da banda. Eu tocava trombone e bombardine, montamos a banda com quarenta instrumentos, tocávamos todos os dobrados cívicos para nosso povo. Eu trabalhava na moda e fiz os ternos de gala da banda. Quando fui preso a banda ficou desfalcada. Eu que dava as determinações de comando para a banda, indicava o maestro, indicava tudo. Deixei tudo preparado e disse ao maestro escolhido por mim que eu estava indo preso, mas que no dia 31 de julho colocasse a banda para desfilar.

Na minha juventude fazíamos alvorada. Às 5 horas íamos aos colégios “puxar” os desfiles e ficávamos até o meio dia quando terminava a caminhada. Eu tinha um cuidado e um zelo muito grande por essa banda, tanto que o último prefeito da cidade da Anápolis me entregou o título de presidente de honra. Em 1959 nós tocamos para Juscelino no eixo rodoviário.

Em toda minha vida fui contra aquele que atrasa com o pagamento do assalariado. O prefeito a quem eu servia era Adhemar Santillo, eu fui criador de partido, sou formado em Ciências Sociais e toda minha pós-graduação foi em Ciências Políticas. Os salários estavam atrasados, me reuni com Adhemar Santillo, que era meu chefe, e disse a ele: Prefeito, vamos fazer uma parceria com o governador do estado e por o pagamento do funcionalismo em dia. O prefeito, que foi colega meu quando fizemos o curso médio, me respondeu: Você quer o que Alexandre? Seu partido não tem nem voto.

Meu partido naquele momento era o PPS, Partido Popular Socialista. Fiquei engasgado com aquilo. Chamaram-me na fazenda do Ernani, e eu portador de todas as campanhas que fizemos, a de Getúlio Vargas para a criação da Petrobrás, a campanha de Juscelino Kubistchek para a criação de Brasília, me situei em um discurso, coloquei toda essa minha passagem pelo sindicato, todas as conquistas, coloquei tudo no discurso. Quando terminei, Ernani de Paula levantou-se e me perguntou se eu tinha uma ficha para que ele se inscrevesse no Partido, eu tinha e o fichei. No dia da convenção ele compareceu e disse que queria ser candidato a prefeito de

Anápolis, eu disse a ele que iria lançá-lo como candidato com um porém, ele teria que investir na política. Eu disse a ele: Quem não investe em política, não ganha política, Ernani. Eu assessorei Ernani até o último voto na urna, e ele derrotou todos os outros cinco candidatos. Derrotamos todos e caminhamos vitoriosos. Ainda elegi o meu filho a vereador. Essa foi a resposta que dei a Adhemar, a resposta foi nas urnas.

A luta foi essa que contei a vocês, os detalhes necessitam ser contados em um livro, e estou escrevendo, cujo título será “A Militância Comunista na Cidade de Anápolis”.

Eu tenho livro do Molina, do Prestes, estou montando essa pequena biblioteca. Agora que estou comprando os livros. Ainda não fui indenizado pela anistia, quando chegar o dinheiro comprarei mais exemplares.

ANTÔNIO PINHEIRO SALLES

Data de nascimento: 29/06/1937



O PROCESSO DE TORTURA

Tortura, nós sabemos, é uma coisa desumana; não dá para gente colocar parâmetros. É uma coisa tão fantástica, tão brutal, absurda que não se pode prever comportamentos de pessoas não. Acho que quem falou na tortura não pode ser criticado não. Porque teve um determinado nível de resistência. Mas existem outras situações, outros comportamentos diferentes e não nos cabe fazer análise psicológica da pessoa, análise política porque aquilo foge de tudo. Mas de uma maneira geral alguém abriu, falou, apontou, deu o endereço da casa, abriu o chamado ponto na rua, indicou outra pessoa que pudesse dar informação. Inventou lugar. “Eu não tenho informação, mas aquela pessoa tem.” Então, essas coisas vão sendo construídas assim nos porões da ditadura e o que fica é uma coisa muito complexa. Então, se sequestra a pessoa e ela já sai dali no clima de terror. Os torturadores sentados, chutando, dando bofetadas. Quando chega mais ao menos nas imediações do local onde funciona a máquina da tortura, os torturadores fazem uma roda, coloca a vítima no centro e vão fazer o esquentamento. O esquentamento, eles dizem que é essencial para preceder a tortura. Porque com o esquentamento a pessoa já percebe o nível de violência que ela vai enfrentar.

Houve esquentamentos como o do Ivan Seixas, que era menor nessa ocasião, com o pai dele; os dois algemados, e no esquentamento as algemas partiram, quebraram. Aí terminaram levando o Ivan para uma sala de tortura e o pai dele para outra e depois levaram o Ivan para a sala onde o pai estava sendo torturado. Chegou lá o pai estava

pendurado num pau-de-arara e ele assistiu a morte do pai. O Ivan tinha 17 anos nessa ocasião. Aí a brutalidade da tortura.

A pessoa depois do esquentamento é arrastada, e nela é colocada um capuz. Em mim não colocaram o capuz inicialmente. Colocaram uma tira em meus olhos e amarraram apertado para trás. E durante esse período que você fica sem ver, você ouve o grito de terror de pessoas sendo espancadas, torturadas. É a coisa mais dolorosa para um torturado escutar. Então, ele entra naquilo ali – é como a gente fala na questão do inferno descrito por Dante - ali naquele local é como entrar no cemitério. E agora a pessoa tem que esquecer tudo. É um mundo que a gente não imagina. Aquela questão de descrever a tortura, dos manuais falarem como tem que agir, nada daquilo funciona porque é tudo diferente. Depois desse clima, eles te arrastam para a sala de tortura e arrancam a sua roupa porque ninguém aceita tirar. E uma das primeiras iniciativas nesse momento é amarrar os pulsos das pessoas para o pau-de-arara. A pessoa depois de ter os pulsos amarrados com a corda, abre os braços um pouco, dobra os joelhos e os joelhos ficam envolvidos pelos braços amarrados. A partir daí coloca-se ela na barra de ferro em cima das dobras dos cotovelos e embaixo dos joelhos dobrados, levanta-se a barra e você fica pendurado com a cabeça para baixo vendo as coisas de uma maneira diferente. Apoia-se aquela barra em cima de dois cavaletes encaixada de forma que não tenha perigo da pessoa cair. Aí começam as sessões de choques e as torturas complementares, que é uma variedade imensa. Coisas que às vezes a gente pensa que não significa nada, mas que na verdade, na realidade é extremamente dolorido. Mas o choque e o pau-de-arara são torturas permanentes que oferecem a base para as outras.

Em São Paulo muitas pessoas, falando até do Bacuri, o Eduardo Leite - interessante que ele era militar; o Lamarca também era militar, mas foi perseguido por suas ações políticas - mas o Bacuri, apelido do capitão Eduardo Leite, ele preso numa cela no fundão da Delegacia Especializada de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS), sendo torturado todo o tempo... Ele era torturado no Rio de Janeiro e em São Paulo, no Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) e no Departamento de Ordem Social (DOPS). No DOI-CODI o coordenador era Carlos Alberto Brilhante Ustra. E o coordenador da tortura no DEOPS era o Sérgio Fernando Paranhos Fleury. Chegaram para o Bacuri na cela e mostraram um jornal, o Jornal da Tarde, com umas fotografias dele dizendo que ele estava preso. Ele falou “é claro, eu estou preso.” Daí a dois dias

foram lá com outro jornal mostraram para ele e falaram “Bacuri, você fugiu”. Lê aí para ver como foi. Foi levado para um encontro com um companheiro, chegando lá conseguiu fugir. Daí a dois dias outro jornal com nota oficial do Exército dizendo que o Bacuri havia sido morto. Foi localizado numa Kombi na baixada santista, resistiu à ordem de prisão, sacou de uma arma, diversas pessoas foram atingidas, terminou sendo dominado, recebeu um tiro e morreu. A partir da morte dele tudo se agravou muito mais com as torturas. Tanto que furaram os dois olhos dele. Ele tinha os olhos verdes e comentavam que havia um terrorista com os olhos muito bonitos. Então, quando decidiram assassiná-lo, falaram que ninguém mais veria seus belos olhos. Quebraram os braços e as pernas dele, puseram-no no caixão, mesmo dizendo que ele havia morrido há dias atrás, o IML havia segurado o corpo por uns dias antes de ser entregue à família, mas não deixaram abrir o caixão. A mulher dele havia tido criança. Ele havia recebido na cela um sapatinho da filha, sua primeira filha, para ver que a filha existia. Então, são histórias que as pessoas não podem nem imaginar. Tudo que as pessoas pensam que é o cúmulo do absurdo, que não acontece, que é inviável, foi muito pior. É importante que a gente não exagere em nada porque a realidade já é cruel demais. Se alguém exagerar ela perde o significado. E às vezes, eu sei de companheiros, e isso acontece comigo, a gente peca por não levar até a realidade, por escrever num nível bem inferior àquele que acontece conosco. E isso que acontece.

O Devanir Carvalho, de São Paulo, foi dirigente do PRT, Partido Revolucionário dos Trabalhadores. Esse companheiro que era conhecido como Henrique não disse nada na tortura. Houve muitos comportamentos bons. Ele na tortura ficou quebrado, arrasado, mas não falou. Dizia “sou comunista, sou do partido tal e pra vocês não vou dizer quem atuou comigo, não vou dizer o nome de nenhum companheiro, não vou dizer nada”. Ele foi torturado... Não queriam matá-lo no começo porque tinham que tirar dele contatos importantes. E ele foi a pessoa, pelo menos que eu saiba, a única que disse que não falava e que não falou. Que pudesse matá-lo, que estava preparado para enfrentar a morte. A gente sabe que a morte não é muito difícil de enfrentar não, difícil é a tortura. Os próprios militares é que depois falaram como foi o comportamento dele. Eles contaram que antes dele ser morto ele cuspiu muito sangue na cara do Fleury. Ele ia torturá-lo, se aproximava dele e ele cuspiu sangue. Uma infinidade de casos, mas tem uns que a gente precisa dizer. Na Bahia houve um companheiro também que teve um comportamento assim. Mas mandaram buscar o Fleury

em São Paulo porque tinham urgência em tirar as informações desse companheiro. Fleury, com aquela calma dele, olhando o cara pendurado no pau-de-arara mandou tirá-lo de lá. Os torturadores, que não tinham conseguindo nenhuma informação, o desamarraram, o tiraram do pau-de-arara, sentaram ele numa cadeira. Fleury pediu que fosse providenciado um alicate para ele. Levaram o alicate e ele falou: “agora é você quem sabe, se quiser falar, tudo bem; se não quiser eu vou arrancar seu primeiro dente.” Prendeu o dente, mexeu para um lado e para outro e puxou. Falou “tudo bem aí? Você é forte”. Afastou-se daquele local, pegou outro dente, o terceiro, o quarto, aí quando chegou ao quinto dente ele falou. Então, houve gente assim: o Eduardo Leite, o Devanir Carvalho e muitos outros. Mas teve alguns que não queriam, mas que a violência fez com que chegassem a dar informações que facilitaram chegar a algumas pessoas.

Eu vou citar o meu caso porque com outros pode ter acontecido de uma forma diferente. Eles prendem cada fio que sai da maquininha, que no Sul se chamava Maricota. A Maricota tem uma manivela; o fio positivo e negativo tem os elétrodos, como um prendedor de roupa para colocar roupa no varal, aquilo é colocado nos dois ouvidos e roda-se a Maricota. E a pessoa sobe, desce e se não for bem apoiada, arreventa aquilo tudo. Mas como é bem apoiada ela fica vendo raios, coisas.

A tortura do choque também é terrível. Comigo eles pegaram uma bucha de Bombril, enfiaram no meu ânus com um eletrodo preso no Bombril e o outro no pênis. Rodaram a Maricota por algum tempo e eu dormi. Dormi com aquela coisa, gritando, a cabeça virada para baixo. Cada minuto no pau-de-arara é uma eternidade. Então, com esse tipo de choque eu não vi mais nada. Ouvi as palavras de baixo calão dos torturadores. O linguajar dos torturados é uma coisa que fere todos os princípios da educação, de relacionamentos humanos das pessoas. Então, dessa vez eu desmaiei, não sei o que aconteceu. Quando acordei já era dia. Estava com as costas no chão, sem roupa, e um torturador, porque outra pessoa não vai ali, levantando meus braços, baixando de volta e fazendo a mesma coisa com as pernas, fazia massagens nas pernas. Um me levantou debaixo do braço e me mandou pedalar como se estivesse de bicicleta. Essa foi a primeira sessão de torturas e ela continuou durante aproximadamente dois anos. Claro que não é uma tortura permanente durante dois anos. Ninguém suportaria uma tortura durante uma semana naquele nível. Durante os dois primeiros anos normalmente eu não usava roupa; era pelado o tempo todo e não caminhava também. As pessoas me levavam puxando pelas pernas ou pelos

braços, não tinham muito cuidado na hora de levar. Não tinham muito jeito de pegar não. Um torturador pegava pelas pernas, outro pelos braços, me arrastavam e jogavam por lá. Desse jeito eu fiquei uns dois anos, sendo arrastado pelas pernas, pelos braços. Eu tenho ali um livro de um professor universitário do Rio Grande do Sul, Índio Vargas, que fala de mim. Ele me viu e fala de mim no livro dele.

Havia um médico que dava alguma assistência, um comprimido, aplicava alguma medicação, reanimava a pessoa para não morrer e continuar sendo torturada porque queriam tirar o maior número de informações possíveis. Então, depois de um médico conseguir restabelecer a pessoa, vira para os torturadores e fala: “pode recomeçar, mas não pode demorar muito não”. Isso aconteceu com muita gente. Durante dois anos eu fiquei nessa fase. Isso tanto em São Paulo quanto no Rio Grande do Sul.

Eu tive atuação política em São Paulo e eles queriam que eu revelasse tudo, todas as pessoas que eu conheci durante o tempo que estive lá. E no Rio Grande do Sul, a mesma coisa. Houve uma coisa interessante: eu só fui torturado em São Paulo mais ou menos um ano e meio depois porque o pessoal do Rio Grande do Sul não sabia da minha atuação lá. Dois dias, um dia antes da minha prisão saiu a manchete no jornal Folha da Manhã. Nesse jornal tinha um retrato falado meu e a entrevista coletiva concedida pelo secretário de Segurança Pública. A manchete: “Já se sabe que o comandante do terrorismo no Rio Grande do Sul é nortista”. E no Rio Grande do Sul nortista é toda a pessoa que não é de lá, eles misturam tudo: baiano, mineiro, paulista, se não é gaúcho é nortista. Aliás, as pessoas de Santa Catarina também não são consideradas nortistas não. Ainda durante essa fase, que pode demorar um período longo ou até um tempo menor, você faz também o chamado cartório, que é o inquérito policial. Nesse chamado interrogatório existe um delegado para sistematizar todos os seus dados. O objetivo seria dar legalidade ao processo. Aquilo funciona como a denúncia. A denúncia no sentido jurídico. Com a denúncia o caso vai para a auditoria. O juiz, que nem sempre é togado, examina a denúncia e se dá início ao processo. Durante essa fase eles continuam torturando. Muitas vezes o juiz diz: “tira esse cara, volta com ele pra lá. Vocês vão trazê-lo aqui, quando estiver pronto”.

O delegado do inquérito, cada um diante deles tem uma reação. Eu percebi a necessidade que eles tinham de você não ficar calado. Aí eu falava demais. Eu descrevia a fazenda do meu pai; o professor particular que me deu aula pela primeira vez; a mulher pelada que vi, es-

condido atrás da moita, tomando banho na cachoeira. Escrevi volumes e mais volumes, escrevendo à mão. Quando entregava para o cara ele lia e dizia “você não falou nada”. Então, cada um usava uma forma de poder burlar a sanha dos caras. Agora depois dessa questão resolvida, mesmo antes de você ir a julgamento entre aspa, porque os integrantes do Conselho de Sentença são militares - às vezes da Marinha, às vezes do Exército, da Aeronáutica. Eu me lembro de um em São Paulo que os membros do Conselho eram todos da Aeronáutica, fardados, com aquela farda bonita, impassíveis. Eles vão fazendo as perguntas baseados nos dados levantados pelo delegado do DOPS encarregado de apresentar a denúncia. Muitos casos terminam com condenação da pessoa naquele tempo que ela já ficou presa: três, quatro, cinco anos para não ficar uma pena exagerada. Eles condenam aquele tempo que a pessoa já cumpriu. Aí na questão dos que não são órgãos de repressão, você é levado pelo Exército, pelo DOPS para outro lugar onde você passa uns seis meses. Por exemplo, lá em Alegrete, na fronteira com a Argentina, fiquei lá de 7 a 8 meses com nove companheiros numa cela. Uma cela até grande tinham dez camas. Tinha um armário onde você colocava o pijama; a roupa era só aquela que você entrou lá. A gente não podia deitar antes das dez horas da noite. Levantávamos às 5 horas com o toque da alvorada – muito bonito. Era um quartel, o VI Regimento da Cavalaria Regis de Abreu. Então, às cinco horas a gente tinha que levantar com o toque da alvorada. Eles traziam o café, colocavam no chão e cada um arrastava a sua bandeja. O café era sempre o famoso chá brochante, e ninguém podia falar conosco: os militares, soldadinhos, tenentes, sargentos. A porta era de grade. Lá no alto da coxilha o minuano cantando, e à noite você com um cobertorzinho ralo só faltava morrer de frio. Nesse local nós ficamos sete meses; e uma vez por semana eles levavam todos para outra cela. Na outra cela eles tiravam nossas roupas na porta antes de entrar e ficávamos o dia todo naquele local, por mais que fizesse frio. Às vezes fazia frio abaixo de zero grau. Ficávamos o dia todo dessa forma. Eles diziam que iam fazer revista na cela. Lá não tínhamos contato com o mundo, não tínhamos direito a livro, a rádio. A visita era numa cela chamada de cela forte. Você trancado na celinha, que não tem ventilação, só guichê, que é fechado. Abria a portinha do guichê e a visita ficava de fora e conversava com o parente. Só que ao invés dos filhos da mãe usarem um gravador, ficavam com uma caneta e uma prancheta na mão com algumas folhas e interrompiam sua conversa: “Perai,” Iara está grávida. Repetia a frase. A outra pessoa perguntava, e quando Iara vai ter criança? Pedia um momento e perguntava: “e quando é que Iara

vai ter criança?” Era dessa forma. Depois de algum tempo eles permitiram a correspondência. Eles levavam duas folhas de papel, um lápis e definia o tempo para buscar a carta. Você escrevia a carta com carbono para não ter que tirar fotocópia e colocava ao lado o endereço do destinatário para eles prepararem o envelope. A maioria das vezes a carta nunca chegava inteira. A pessoa fazia uma carta normalmente maior e eles cortavam a carta quase toda. Tinha um companheiro, Luiz Carlos Dameto, que uma irmã dele, médica, escrevia para ele. Um dia chegou uma carta que virou piada. Só chegou lá: querido Dinho e lá no final, sua irmã Sueli Dameto. Só isso que veio no envelope.

Quanto ao relacionamento entre nós presos, é um relacionamento tão bom, mesmo que surjam dificuldades naturais. A gente briga até com a mulher; mulher briga com a gente que dorme debaixo do mesmo lençol, agora se imagine com outras pessoas. Para dar um exemplo, ainda falando de Alegrete, imagine dez homens numa cela dia e noite durante oito meses. Um determinado escritor russo fala que o grande problema da comunicação entre presos é porque estar com outros é pior do que estar sozinho. O preso sozinho ele pensa, ele recorda, se lembra; e com o outro isso não é possível. Nem tem como desfrutar de um segundo de privacidade para tomar banho ou sentar no vaso para satisfazer suas necessidades físicas... Tem a porta, mas os outros estão olhando. Você não fica sozinho. Tinha um companheiro muito novo que dizia “olha vou me masturbar, se não quiserem ver, vira pra lá”. Era novo, tinha seus 19 anos. Mas o que eu ia falando para confirmar o relacionamento entre a gente. Quando as cartas chegavam, o preso que as pegavam ia ler primeiro; só que ia ler alto para todos ouvirem. Aí cada um se acomodava no chão entre uma e outra cama, porque não podia sentar na cama durante o dia. Então, a pessoa que pegou lia alto fazendo brincadeiras. Quando terminava entregava para o destinatário da carta, que só aí ia ler com atenção. Esse processo se repetia para cada carta. Isso eram coisas definidas por nós porque não tínhamos segredos. Qualquer problema que tivesse era de interesse coletivo.

O banho de sol era duas pessoas algemadas: metiam-se os braços dentro dos braços do outro e se colocava a algema. Se fosse de lado, podia caminhar normalmente. Aí nos colocavam numa cerca de arame farpado e ficavam lá diversos soldadinhos recrutas, com um fuzil apontando para você o tempo todo. Uns dez ou 20 em volta desse chiqueiro. Era difícil os comandantes nos ouvirem, mas havia ocasião em que eles iam fazer algum comunicado e a gente levantava o braço e falava. Um dia nós falamos que estávamos com medo de sermos mortos a qualquer

hora pelo pessoal que ficava lá durante o banho de sol. A gente via que eram soldados recrutas e que não tinham experiência com isso, e uma hora dessas o fuzil podia disparar. Nós falamos isso num dia e no dia seguinte aconteceu. Nós estávamos indo para o banho de sol e o soldadinho que ia nos acompanhando atirou acidentalmente e abriu um rombo na parede com a bala do fuzil.

Nós não ficamos só em quartel militar, muitos companheiros ficaram durante muito tempo em quartel militar, mas a gente ficou em muitos outros lugares. Numa ilha no Rio Grande do Sul, chamada Ilha do Guaíba. De lá nós víamos longe os prédios brancos de Porto Alegre. Ficávamos olhando muito tempo. Também no Presídio Central de Porto Alegre. Tem outra fase que fiquei na Penitenciária Estadual de Jacuí, na grande Porto Alegre. No Presídio Central terminamos sendo muito respeitados. Ficávamos lá, mas eles nos levavam nos lugares, depois normalmente nos traziam. A primeira vez que nos levaram para lá (passado o julgamento eles não nos levaram para o DOPS, nos encaminharam direto para o presídio - de acordo com a Lei de Segurança Nacional a gente tem um tratamento diferente, não é como o bandido, o marginal. Não existe o chamado rigor penitenciário) fomos recebidos pelo diretor de disciplina, Alípio Freitas, que me mandou tirar a roupa e me deu outra para vestir. Uma calça de mescla, uma camiseta escrito Presídio Central de Porto Alegre e uma japonsa de lona amarela porque fazia muito frio. Eu disse que não vestiria porque eu não era preso comum, era preso político e de acordo com as leis eu deveria ser tratado daquela maneira. Ele disse, é mesmo? Então, você veste agora. Chamou os guardas tiraram minha roupa, me puseram a outra e disse: “você vai para uma celinha boa, por isso aqui. Você é rebelde, pois aqui você vai amansar”. Eles me puseram numa celinha escura, sem nenhum móvel. Não tinha cadeira, nem mesa, nem cama, nada. Escura mesmo. Quando você é colocado lá dentro não enxerga nada. Depois de algum tempo vai se adaptando. Na primeira noite um mau cheiro terrível. O vaso não tinha descarga, era daqueles que fica no chão e você fica de cócoras. Eu deitei no chão e dormi. Quando acordei foi com alguma coisa mexendo nos meus pés. Eu afastei, me sentei apoiando as costas na parede. Estava cheio de ratos. Até que eu não sou muito medroso não, mas me deu uma coisa, náusea, medo, sei lá; eu não soube nem me proteger, chutar, sei lá, fazer alguma coisa... Eu fiquei encolhido, impotente, me diminuí de tamanho, de tudo, deixei de ser gente para ter uma reação. Sei lá, fiquei lá muito tempo. Até que o pessoal de Porto Alegre descobriu, arrumou um advogado e me tirou desse local, mas passei uma semana assim. E cada lugar que a gente ficava era pior do que outro.

O presídio Tiradentes. Sai da cadeia em 1979, fui preso em 1970. Numa dessas transferências, em 1974, saiu na televisão o Marco Antônio Tavares Coelho, ex-deputado federal, jornalista profissional, advogado. Houve uma denúncia dos maus tratos que ele estaria sofrendo no DOI-CODI. Aí o Armando Falcão, que era o secretário de Justiça e sempre dizia “nada a declarar”, desta vez deu uma declaração. Porque na carta da mulher dele ao presidente da República, que não era nada disso, era um torturador de plantão, o César Borges, que ficava com o presidente, conhecia a mulher do Marco Antônio. A carta foi entregue para ele. Ela dizia: se quiserem matá-lo não tem problema, matem o Marco Antônio; condenem ele, coloquem num lugar e deem um tiro nele porque ele é homem para ser respeitado. Então, podem matá-lo, mas, por favor, não continuem fazendo com ele o que vocês estão fazendo. Por que aí é a completa degradação do ser humano. Ele não vai ser fuzilado. Ele vai morrer da maneira mais torpe, mais vil, morrer na tortura; e com ele não pode acontecer isso. Não sei o que estava acontecendo, mas sei que isso acabou saindo no jornal. Aí o ministro da Justiça, o Armando Falcão acabou indo à televisão, numa daquelas entradas especiais, falar que o Marco Antônio estava sendo bem tratado e como preso político... Essa foi a primeira vez no Brasil, na ditadura militar que se chamou preso político de preso político – foi nessa fala oficial do Armando Falcão. Isso foi uma alegria para nós porque até aquele momento éramos tratados como terroristas. Aí o mostraram trabalhando. E o ministro falou que iria construir um presídio só para presos políticos.

Quando eles construíram o presídio eu estava em Porto Alegre e a maioria dos companheiros de São Paulo estava em outro lugar. Eles tiraram os companheiros do Carandiru e levaram para o presídio - isso em três dias. No primeiro dia levaram uns. No segundo dia me trouxeram de Porto Alegre. Quero falar uma coisa meio folclórica. No segundo dia me trouxeram e me levaram para a OBAN para dormir lá. Eu não sabia que eles tinham construído o presídio, que estavam inaugurando. Eu dormi na Oban e no terceiro dia me levaram. E aí, foi em 1974, fiquei ali até o final, e as coisas melhoraram muito porque tinha o nome de Presídio Preso Político. Presídio da Justiça Militar de São Paulo, presidio político. Aí começaram a mudar o relacionamento conosco. Muita provocação. O Erasmo Dias, que era secretário de Segurança Pública, colocou um dos torturadores como diretor do presídio. Nós exigimos a presença dos juizes auditores. O Paiva e o Nelson da Silva Machado Guimarães, da 1º e da 2ª Auditoria militares, foram lá conver-

sar conosco. Nós falamos que era inaceitável um torturador nosso ser cuidador de nós, que iríamos até as últimas consequências. O Erasmo Dias, em traje civil, paletó e gravata, segurando a metralhadora a tiracolo chegou e disse: “quero dizer para os juízes aqui que não pode atender as exigências de terroristas não. Terroristas a gente trata como eles merecem. Não tem nem que ouvir. Agora vocês são bons demais fazendo isso. Passa para mim a responsabilidade por eles que eu fuzilo esses filhos da puta todos agora, eu fuzilo”. Os juízes pediram calma ao secretário. Depois mudaram o secretário.

Agora não significa que tudo era tranquilo. Participei de três greves de fome. Dez dias, vinte dias de greve de fome só tomando água. Nós não aceitávamos mais nada. Entramos, por exemplo, quando cancelaram as visitas de pessoas ligadas a gente e que não eram pai, mãe ou irmão. As pessoas preenchiam um formulário, passavam por um interrogatório e podiam nos visitar. Depois os juízes mandaram acabar com as visitas. Foi a época dos senadores eleitos, em 1974. Tinham muitos políticos que detinham mandatos parlamentares que começaram a exigir que nos visitassem. Esse presidente, o Fernando Henrique Cardoso, quando ele chegou do exterior foi lá nos visitar. Nós ficamos muito contentes porque ele era uma pessoa muito respeitada. Franco Montoro, Teotônio Vilela foram lá. Aí os caras suspenderam as visitas autorizando falar somente com os advogados, na sala dos advogados, ou com parentes diretos. Não houve acordo. Redigimos um manifesto e entramos em greve de fome. O Nelson, que dos dois juízes parecia ser mais fascista, também foi lá. Reuniu-nos no auditório. Tinha mesa, cadeira, ele sentou em uma cadeira daquelas e falou: “Não negocio com vocês. Esse presídio foi construído por exigência suas; pessoas do governo não queriam que a gente atendesse isso, mas houve muita discussão, o presídio foi construído; vocês estão com a situação tranquila. Mais nenhuma reivindicação.” Terminou dizendo que não atendia nada sobre pressão. É lógico que muitos companheiros fizeram intervenção; interrompiam a fala dele, ele mandava calar e não calávamos. Nesse dia eu falei: vocês não negociam com pouca pressão, mas se a pressão vai em frente e aumenta mais aí vocês negociam. Depois, lá pelo oitavo, nono ou décimo dia de greve de fome eles procuraram o Dom Paulo Evaristo Arns para ele ir lá negociar conosco, que eles iriam atender. Todas as pessoas que nos visitavam poderiam continuar nos visitando.

Tenho que falar da viagem da última vez que me levaram de Porto Alegre para São Paulo com a construção desse presídio. O aeroporto era o de Congonhas. Eles me trouxeram em avião de carreira. Eu com

os braços algemados para trás e uns dez torturadores. Reservaram uma parte do avião, me sentaram lá no canto e aquelas pessoas próximas todas eram caras com metralhadoras e fuzis. Para aterrissar no aeroporto de Congonhas eles suspenderam todos os outros voos. Não podia aterrissar, nem decolar por um período xis, que era para eu descer. Quando desceu eu vi pela janela três camionetas do Exército entrando na pista do avião. Muitos passageiros olhando porque correu o boato de que um terrorista estava chegando. Suspenderam os voos, os aviões tiveram que ficar rodando. Todo mundo naquela curiosidade de ver um terrorista, quando saem comigo. Que decepção desgraçada! Isso aí que é um terrorista? Um carinha magro, enrolado, cercado por dez homens armados. Mas então são muitas situações.

Mesmo no período em que já estavam discutindo a anistia ainda aconteciam problemas. A gente ficava solta. As visitas eram recebidas dentro do presídio. Tinha um auditório, uma área com areia que era onde o pessoal jogava futebol - a gente tinha reivindicado isso e eles fizeram. Tinha o refeitório e tinham os companheiros responsáveis pelas tarefas da semana. Eles é quem serviam a comida. Eles colocavam os tachos, as panelonas no lugar, nós fazíamos a fila e os companheiros serviam. A gente naquele período era encarregada do chamado coletivo, entre aspas. Porque qualquer coisa que entrasse lá não tinha dono, era nosso. Roupas, famílias compravam roupas bonitas, levavam, a gente colocava em cima da mesa e quem queria pegava sem nenhum problema. Tudo era dessa forma. Um dia minha companheira, Helô, foi me visitar e eles a levaram para a sala ao lado do refeitório para fazer a revista. Eu ouvi um militar, da polícia e não do Exército, falando com ela com voz alta e pegou no braço dela. E eu gritei de lá, larga! Eu vá lá que me castigassem, mas estavam castigando alguém que não tinha nada a ver com aquilo. Aí comunicaram para o diretor e o diretor mandou me trancar na cela forte por três dias. Os presos brigaram, discutiram com ele, falaram do absurdo que era aquilo, solicitaram que suspendessem a punição até que recorrêssemos às auditorias militares. Se não tivesse jeito, viria a forma de encaminhar. O que a gente reivindicava era isso.

Tenho aqui um livro de um companheiro que foi assassinado e deixou um livro belíssimo: O Labirinto – encontros clandestinos entre a vida e a morte. O autor chamava-se Vitor Maia. Ele morreu e a esposa dele conseguiu editar esse livro, que foi lançado recentemente em Salvador. Ela telefonou para que eu fosse participar do lançamento, mas não tive condições de ir. Já me informaram que foi um lançamento

como dificilmente acontece. Cerca de mil pessoas. Eu sou um dos personagens desse livro. Então, são coisas assim importantes para a gente.

FORMAÇÃO POLÍTICA

Antes do famigerado golpe militar de 1964, eu já tinha alguma atuação política. E em faculdades encontrei muitas pessoas que tinham uma militância muito mais significativa do que a minha. E esses companheiros me ajudaram na minha formação, me ajudaram no levantamento de obras que muito contribuíram para que a gente pudesse entender a realidade brasileira. Aliás, como diz o Lenin, a formação teórica é essencial. Sem essa formação as ações, as iniciativas, as atitudes das pessoas não têm muito significado. Porque, em minha opinião, os princípios elementares defendidos por Max e Engels contribuem muito para isso. Nós sabemos que o Marx não é profeta, não tem bola de cristal, e grande parte das pessoas que se dizem marxista tem uma compreensão errada. O Marx lançou as pedras angulares de uma ciência nova e de uma nova filosofia, que é o materialismo histórico e o materialismo dialético. E assim como acontece com todas as ciências, não existe nada pronto e acabado. Se ele lançou as pedras angulares do materialismo histórico, o que nos cabe, e cabe a outros revolucionários do mundo, é dar outra contribuição para o desenvolvimento dessa ciência. E nós, principalmente nós da América Latina, temos uma deformação e praticamos um equívoco de grande significado: desprezar as contribuições anteriores e se preocupar muito exclusivamente com a prática. E essa prática, se ela não tem uma sustentação científica e filosófica, ela termina sendo uma prática equivocada. O Marx em suas teses diz uma questão muito importante: que a gente já estudou muita filosofia e a gente tem é que praticar a filosofia. Só que para essa prática a gente tem é que se preparar. E nós que não temos muita oportunidade num país em que somos massacrados pelas classes dominantes, principalmente considerando o papel desastrado dos Estados Unidos na América Latina, na Ásia, na África que querem retirar de nós qualquer possibilidade de reflexão, aí nós ficamos às vezes em situações muito difíceis que não nos permitem avançar. E o Brasil e a esquerda brasileira, que têm cumprido um papel heroico no processo de lutas de classes, terminam sem concluir aquilo que deve acontecer e que é de extrema importância para a gente ter condição de dar uma contribuição eficaz no processo de conscientização das pessoas; no processo de organização, no processo de mobilização para que as pessoas reconheçam a importância de um trabalho coletivo. Eu tenho dito muito que apesar da situação no país atualmente estar sendo muito difícil

para nós, porque muitas pessoas assistem tudo que está acontecendo aí e dizem: “poxa eu fico dando murro em ponta de faca e só sendo prejudicado e a minha família. Não aceito benesses de ninguém...” Então, o que acontece? É a capitulação. E a gente nem pode condenar muito as pessoas porque elas não fazem isso por iniciativa própria. Elas são utilizadas como muitas outras pessoas, são como massa de manobra. E mais uma vez o governo dos Estados Unidos contribui muito para isso, e a gente não tem a condição essencial para impedir esse massacre ideológico.

E nós sabemos que a questão da ideologia mata a pessoa sem ela saber que está morrendo. Há uma determinada filósofa que fala que a questão política, a instância política, está diante dos seus olhos, você está vendo o desenvolvimento político, as lutas, os retrocessos. Na questão da economia, onde está a infraestrutura da sociedade capitalista, também as pessoas enxergam desde a produção, os meios de trabalho, o lançamento do produto para o processo de troca, a entrada no mercado. Tudo isso a gente vê e identifica com facilidade, até mesmo se não tiver uma formação que se desenvolva e se manifeste em ações concretas. Agora, de tudo, a ideologia é onde temos a maior dificuldade porque ela é praticada e colocada dentro da nossa cabeça na escola, na igreja para quem é religioso – principalmente essas fabriquetas que se dizem evangélicas e estão aqui impostas pelos Estados Unidos para castrar a pessoa e anulá-la completamente. É por isso que acontece, por exemplo, lá no bairro Tiradentes (município de Aparecida de Goiânia) você não anda dois quarteirões que não tenha um templo desse pessoal. E ninguém sabe nem a diferença de uma para outra. E por que existe a outra? É um caso para se pensar. Mas existe para conquistar um espaço maior. E assim vão preenchendo tudo. Para concluir essa questão ideológica que é a que tem maior presença na vida das pessoas, como diz a Marta Harnecker: ela é o cimento que ninguém vê, que está na parede e ninguém enxerga, mas é ela que dá sustentação à parede, ao prédio, ao edifício. E nós com toda a dificuldade para enfrentar essa situação. Cada um procura dar sua contribuição, mas com muita dificuldade. E durante o período do regime militar, claro, a situação se agravou muito mais.

O PAPEL DA IGREJA

Sobre a questão do papel da religião durante o golpe, naquela ocasião não existia essa quantidade imensa de igrejas evangélicas. Mas grandes contingentes da população brasileira eram muito religiosos, e o catolicismo era o que cumpria com muita precisão esse papel de dominação. E a religião não é nada mais, nem nada menos do que um instrumento

de dominação pra impedir a libertação, a perspectiva de construção de uma sociedade diferente. Por quê? Hoje nós vivemos uma situação extremamente difícil. Porque se falarmos de revolução, falarmos de socialismo como um período transitório para a construção da sociedade comunista, da sociedade sem classes, as pessoas vão imaginar que nós somos loucos. E a gente tem que enfrentar, mesmo sendo considerados loucos ou não. O que a gente não pode é buscar justificativas para não fazer nada. Se as dificuldades são muitas, mais cresce a nossa responsabilidade. O que eu posso dizer com muita segurança, com uma determinada análise fundamental do processo de luta de classes do mundo, é que a classe operária, os trabalhadores, o povo vai construir em nosso país e em outros países o socialismo. O próprio Marx lembrou em certa ocasião, e é muito importante observar essa frase dele, que a libertação da classe trabalhadora vai ser obra da própria classe trabalhadora. Aqueles que se consideram iluminados e tentando impor qualquer concepção política - ou no plano teórico, filosófico - dá com os burros na água. Porque os trabalhadores estão desorganizados e muito vulneráveis, mas isso é por um período transitório. Eu acho que é importante a gente reconhecer que os trabalhadores, que a classe operária, aqueles que não possuem os meios de produção, a não ser sua força de trabalho, eles desenvolvem com todos os seus erros questões infinitamente mais importantes do que os acertos dos representantes das classes dominantes.

O GOLPE

Em 1964, o golpe foi preparado com muita antecedência. Governos fascistas como o de Carlos Lacerda, na Guanabara; governos corruptos como o de Ademar de Barros, em São Paulo; e voltado para a questão financeira, que assumiu uma proporção massacrante em Minas, como o governo Magalhães Pinto. Os Estados Unidos, por meio de seus embaixadores e outros testas de ferro, entraram em contato com esses três governadores, foram atrás de militares, de representantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica e planejaram o golpe. Começaram a construir a situação favorável que eles precisavam para imposição do golpe na tentativa de impedir uma atuação mais intensa do governo do João Goulart. E essa questão ideológica, ela compreende muitos elementos. Até a piada jocosa que se fazia contra a mulher do João Goulart, as piadas sobre o João Goulart, as marchas com Deus e da família contra o totalitarismo ateu, contra o ouro de Moscou, tudo isso foi planejado. Porque eles sabiam que se em 1959, em Cuba, que é um país 57 vezes menor que o Brasil, a revolução

foi vitoriosa, e aqui no Brasil? Então, eles tinham uma preocupação muito grande. Em Cuba tinha dificuldades de todas as maneiras para se construir o socialismo. Agora no Brasil, um país rico como o nosso, naturalmente esse processo aconteceria com mais facilidade. Aí tomaram as preocupações e elegeram como prioridade essa questão ideológica cumprida principalmente pela religião. E a igreja se comprometeu com os futuros golpistas em dar a sua contribuição, em assegurar a sua participação. E isso foi feito.

Em 1964, eu era vereador. Eu estava numa cidade chamada Itabuna, na Bahia. Porque eu fiz o vestibular para Direito na Universidade Federal do Espírito Santo, mas pessoas de Guaratinga, cidadezinha em que viviam os meus pais, me convidaram para ajudar na campanha. Era a primeira vez que ela participava do processo eleitoral, tendo conquistado a sua emancipação. Contribuí lá com o candidato a prefeito, me elegi vereador e fui o líder do prefeito na Câmara, que funcionava pela primeira vez. O pessoal me aconselhou a não voltar para Vitória e a fazer novo vestibular em Ilhéus, que era pertinho. Eu acabei fazendo isso, fiz um novo vestibular e tive uma boa classificação. Ilhéus e Itabuna são duas cidades quase como Ceres e Rialma. São 23 km de trevo a trevo. E para exercer as minhas funções na Câmara Municipal de Guaratinga e estudar em Ilhéus, acabei fixando residência em Itabuna. Aí foi a época do golpe e a gente já era identificado imediatamente porque os arapongas já nos acompanhavam. Eu tive o mandato cassado com dois anos. E tendo o mandato cassado, consegui a transferência da faculdade de Direito de Ilhéus para a faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. E lá comecei a ter uma atuação mais ousada. A gente sabe como funcionava o movimento estudantil naquela fase; e eu terminei sendo uma das principais referências políticas nas ordenações dos movimentos, dos enfrentamentos das forças fascistas do Antônio Carlos Magalhães. Fiquei uns três anos. Depois, já sem condições de continuar, Salvador é uma cidade grande – é a terceira cidade do Brasil hoje - mas as pessoas se conhecem, terminam se conhecendo, tendo facilidade para seguir você. Eu fui intimado diversas vezes pela Polícia Federal e eu ia com toda a tranquilidade. Eles não torturavam, não me prenderam. Eu ia e falava que participava do movimento estudantil e não estava cometendo nenhum crime. Justificava, debatia com os delegados e eles me mandavam embora. Isso antes do famigerado AI-5. Porque com a imposição do AI-5, isso acabou.

Na clandestinidade alugamos uma casa. Eu era da Polop – Organização Marxista Política Operária. A Polop, se considerando uma organização marxista, terminou tendo contato com uma dissidência leninista do PCB do Rio de Janeiro e do PCB do Rio Grande do Sul. Desse contato de uma

organização marxista que privilegiava a formação política, o estudo, congregava muitos intelectuais, e tendo a possibilidade de uma fusão com as dissidências do PCB do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul realizou-se um congresso (no Rio Grande do Sul) de fundação do Partido Operário Comunista, o POC. Já nessa ocasião, fiquei conhecendo os companheiros militantes de esquerda... O POC teve muita força no Rio Grande do Sul porque o Rio Grande do Sul não se iguala. O pessoal sempre é muito ousado. Aqui há uma certa tranquilidade dos baianos, dos goianos... E o Brizolismo que lá une muita gente é uma coisa impressionante. Um brizolista chegava para mim e dizia: “sou brizolista, marxista, leninista”. E aquilo para mim soava como o maior absurdo, claro!

Mas então, com isso, depois que entrei na clandestinidade, sem dinheiro, eu tinha que ficar escondido em algum lugar. Aí conseguimos alugar uma casinha lá no morro, perto da boca do rio, e tinha aquele grande mar da Bahia e do Dorival Caymmi pela frente – uma coisa belíssima. Depois já não tinha condições de ficar lá mais. Os meus pais moravam no sul da Bahia, em Guaratinga, mas a família é toda de Minas. Eu fui para a fazenda de meus parentes, levei muitos livros e fiquei por lá durante uns três meses. Saía de uma fazenda ia para outra, até que foi um companheiro de Salvador me encontrar para dar os contatos de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Ele deu senha, contrassenha, pontos, tudo. Eu fui. Parei em São Paulo só para me encontrar com um companheiro que ficou de me esperar na rodoviária. Conversamos muito. Ele levou uma blusa de frio para mim que não valia nada. Eu cheguei quatro horas da manhã em Porto Alegre com aquela blusinha, quase morri de frio. A partir daí a atuação passou a ser fundamentalmente em Porto Alegre e em São Paulo.

Existem muitos equívocos em todas as tentativas de organização política. Ninguém pode dizer isso aqui está errado, isso aqui está certo, isso vai funcionar, isso não vai. Os nossos erros são muito grandes, não somos nós os responsáveis por isso não. É a realidade concreta que determina a atuação dos homens. E num país dominado como o Brasil, em que as pessoas não têm instrumentos para enfrentar a violência - que não é a violência de matar, de torturar, de esquarterar cadáveres não - é a violência da opressão, da dominação, da gente se iludir com essa falsa democracia que está aí, muita gente se ilude acreditando que é isso aí o que a gente sempre buscou. Essa questão da democracia ela precisa ser discutida e compreendida em como é que nós podemos atuar dentro dela, já que nos oferece algumas condições para avançarmos.

Os militares tinham as suas divergências. Tinha o chamado grupo da Soborne, que era o Castelo Branco, que foi a principal liderança, o Gol-

bery do Couta e Silva e outros. E tinha outro setor que era fascista mesmo, representado principalmente pelo próprio Garrastazu Médici. Mas essa divergência entre eles era secundária. Como expressão, eles se entendiam nas questões principais. Muitos militares foram cassados, foram perseguidos, foram presos, foram mortos, mas não é porque eram militares. Eram militares como o João era advogado, eu jornalista, mas a luta política não tem nada com isso não. Então, as divergências entre as cúpulas militares eram completamente secundárias. E as pessoas que eram militares como o Eduardo Leite, o Bacuri, que foi uma das pessoas que acho que de todas foi a mais torturada no Brasil. Ele foi preso... Aliás, falar em prisão é uma coisa terrível, ninguém foi preso, foi sequestrado. Ninguém pode ser preso se não houver o flagrante ou por ordem expressa da autoridade competente. Você era sequestrado na rua e levado para a câmara de tortura.

Sobre essa questão do golpe, é claro que isso vinha sendo proposto há muito tempo. Mas algumas das lideranças de esquerda do nosso país ficavam acreditando em Papai Noel. Ficavam acreditando que íamos conseguir o apoio de alguns setores dos militares e que o golpe seria possibilitado e que avançaríamos e poderíamos seguir no rumo do socialismo. Todos nós sabemos: a luta de classes não aceita esse tipo de equívoco. E aí muita gente temia, mas achava que seria inviável. Enquanto achava que essa dominação truculenta, violenta não seria implantada no país, aconteceu o golpe que a gente nunca viu na vida, em nenhum momento, um golpe triunfar com tanta facilidade. E aparentemente sem nenhuma resistência. Claro que depois a gente começou a reunir os cacos, a avançar um pouco. Mas a classe dominante decidiu acabar com isso e veio o Ato Institucional nº 5, que suspendeu todos os direitos e garantias individuais e impôs o terror absoluto. Aí, claro que a luta se transformou e começou a enfrentar uma situação muito difícil. O que o AI-5 proporcionou aqui no Brasil não fica absolutamente a dever nada ao governo de Hitler, de Mussolini, de Salazar. E apesar de tudo, pelo menos nós aqui estamos vivos. Muitos morreram e a gente sobreviveu. Somos sobreviventes. E em nome da nossa consciência, em nome do nosso compromisso, em memória dos companheiros e das companheiras que foram assassinados pelo regime militar, nós temos o dever de não permitir nenhuma atitude nossa, em nenhum momento que não seja a de contribuir para que as coisas sejam diferentes. Cada um, claro, procurando dar a sua contribuição. Porque se a gente se omite tudo vai perdurando com facilidade. O Bertold Brecht tem um poema que ele conclui dizendo sobre o nazismo: “que bem pouco ele podia. Ele contribuía com quase nada. Mas os mandões, os poderosos do nazismo, sem ele teriam

mais facilidade de atuar. Se um de nós se cala, o espaço fica maior para aqueles que estão dominando o nosso povo.”

Essa questão de lei, os militares não cumpriam nem as próprias leis deles. Por exemplo, a Constituição de 1967 assegurava direitos para os indivíduos. Não se pode redigir uma constituição de um país em que ninguém tenha direitos. Eles não respeitaram nada. Quando eu falei aqui terror absoluto, a gente ficava era incomunicável durante muito tempo. Eu fui condenado em 1º instância em quatro processos: três em São Paulo e um no Rio Grande do Sul. Fui condenado em 54 anos e dois meses. Fiquei nove anos na cadeia e dei sorte demais que sobrevivi e estou aqui para continuar a luta. E para nós a vida só tem significado se ela for colocada a serviço de outras vidas, da possibilidade de emancipação do ser humano que está acima até da emancipação de um determinado segmento social ou da classe trabalhadora. Mas tenho plena convicção de que em cada momento a gente está caminhando para frente. Quando todo mundo reclama da violência no Brasil, no Rio de Janeiro, principalmente, em São Paulo e até aqui em Goiânia onde existem cidadãos, como aconteceu recentemente quando mataram uma mulher, esquartejaram essa mulher e a colocaram em uma mala e levaram para a uma rodoviária, isso assusta muita gente. E quando alguém me pergunta sobre a violência, como é que ela pode ser resolvida, eu digo que vai aumentar muito mais. A violência vai crescendo em cada instante porque esse sistema econômico que vigora em nosso país exige isso. Agora o que a gente pode concluir, em minha opinião, é que as pessoas não são tão burras quanto esses dominadores imaginam. E as pessoas vão a cada instante observando, enfrentando e atravessando essa situação difícil, que para mim é mesmo uma travessia, que pode demorar dez meses, onze meses, vinte meses, cem meses, mil meses. Mas, mesmo esse processo sendo lento, as pessoas vão compreender que do jeito que as coisas estão não adianta, a nossa vida vai ser em cada instante mais sacrificada e mais dolorida. E essa transformação num processo gradativo é muito importante. Que nós que estamos do lado do socialismo, nós que defendemos a democracia, que a gente compreenda isso e assuma o seu papel ou o papel do indivíduo na história.

ARÃO DE SOUZA GIL

Data de nascimento: 26/03/1936



Meu nome é Arão de Souza Gil, sou irmão do ex-deputado José Porfírio por parte de mãe. Morava em Tocantinópolis. E em 1957 voltei para a região onde morávamos antes. O Porfírio tinha mudado aqui para Trombas. Quando o Exército afastou eu voltei a Pedro Afonso e depois, em 1959, vim de mudança morar com meu irmão Zé Porfírio. Foi quando o capitão Agripino tomou Formoso e Porangatu no intuito de entrar em Trombas. Aí foram seis meses, nem eles entravam e nem podíamos sair. Eles em Formoso e nós em Trombas. Foram seis meses direto na trincheira, quando um grupo cansava passava para o outro. Tinha o conselho geral que era em Trombas, que era comandado pelo Geraldão. Cada córrego tinha o seu conselho, mas obedeciam ao conselho geral. Qualquer um que fazia parte dos conselhos, e eram muitos, todos eles topavam a luta, participavam das trincheiras, das tarefas, participavam de tudo pela posse da terra. Todo mundo queria um pedaço de terra. Eu mesmo fui para lá porque queria um pedaço de terra para morar. Uma parte era do Estado, outra era dos fazendeiros, mas era improdutiva. Os fazendeiros usavam para criar gado. As terras não tinham cercas, não tinham limites. Tinham uns fazendeiros de Campos Belos que soltavam os gados a três léguas de onde morávamos. O gado não tinha nenhuma cerca, era criado solto. Os posseiros é que tinham que fazer as cercas para proteger as roças.

A MILITÂNCIA NO PCB

Eu fazia parte do Partido. Era militante e do conselho do Córrego da Onça. A militância nossa era dar assistência a qualquer conflito com pos-

seiros na região. A gente dava cobertura. Eu andava muito com o Porfírio, ele gostava de andar mais comigo. Fomos a muitas regiões: Coqueiro de Gaia, Margoso, em toda essa região perto de Mara Rosa. Uma vez fomos numa reunião no Margoso e não morremos numa emboscada porque fomos avisados. Mandaram a gente voltar por outro lugar porque os jagunços estavam nos esperando entrincheirados na estrada. Depois disso, o Partido mandou outros dois militantes para lá, eles facilitaram e foram mortos. Todos que participavam da luta faziam parte do Partido.

O GOLPE

Era tudo tranquilo. Havia uns conflitozinhos com os fazendeiros porque de vez em quando tinha ameaça dos jagunços, eles abriam a roça dos posseiros e punham o gado para dentro, queimavam os ranchos... Continuávamos trabalhando, tocando as lavouras. Tudo estava até bem aliçado quando começou o golpe de 1964. Quem não correu para outros cantos, pegou a família e correu para as beiras de brejo, na beira dos rios. Para ir às casas buscar alguma coisa era como se tivesse roubando, era perseguido e vigiado pelos jagunços.

O Porfírio chegou lá em casa mais o Tibúrcio e contou como estava a situação. Aí nós juntamos todos e fomos para a serra, escondidos, caçar as armas que estavam guardadas. Nós não sabíamos onde estavam e a turma que tinha escondido as armas estava toda alongada, não sabíamos de ninguém. Eles tinham enterrado perto da fazenda da Carmina, mas caçamos durante um tempo e não conseguimos encontrar. O Geraldão, o Bartô e o Nelson Marinho é que tinham escondido, mas eles fugiram.

Quando o Porfírio desceu para a região já não encontrou mais ninguém fazendo a segurança. Como nós estávamos desarmados achamos que a única solução era achar as armas e resistir ao golpe militar. Nós não sabíamos o tamanho que estava e a proporção que esse movimento ia tomar. Quando nos convencemos de que não iríamos achar as armas, falei para o Porfírio: nós temos que ir para o Maranhão. Lá tem a família da minha mãe, é um lugar isolado. Eu nunca fui lá mas consigo achar. Aí nós pegamos a canoa - a canoa foi roubada de um primo nosso, mas depois nós pagamos - e descemos por rio abaixo. Nós sabíamos que eles estavam fechando o cerco por todos os lados e o único lugar onde eles não poderiam nos pegar era no rio. Eles nunca iam pensar que pudéssemos fugir de canoa. A gente viajava no decorrer do dia e quando chegava perto de alguma cidade deixava anoitecer. Quando anoitecia a gente passava devagarzinho como se fôssemos pescadores. Passava no meio daquele movimento de canoa no

rio, gente pescando, jogando tarrafa e nós passávamos lentamente. Nós éramos muito treinados em canoa. Tanto eu como o outro irmão, o Manoel, era a mesma coisa de peixe, a mesma coisa de índio criado na beira do rio. Nós gastamos, acho, 26 dias rio abaixo até chegar na região de Carolina. O Porfírio não chegou até a cidade com medo de ser reconhecido. Eu e o Manoel descemos para Carolina. E o Porfírio e o Tibúrcio cortaram a pé. Em Carolina vendemos a canoa e pegamos um pau-de-arara que ia de Carolina ao Riachão e Santo Antônio de Balsa. Aí fomos a pé lá para onde estava o Porfírio. Ficamos lá uma temporada.

Depois o Porfírio me mandou voltar para saber como estava a situação em Trombas. Aí peguei um avião em Santo Antônio de Balsa. Ele abaixava em Carolina. Ele levantava e baixava em Pedro Afonso e depois em Miracema. Em Miracema peguei o ônibus para Alvorada. Em Alvorada encontrei pessoas que estavam foragidas e me aconselharam a não ir porque estavam acampados dia e noite para pegar qualquer um da família que aparecesse, porque a metade já havia corrido. E os que não correram foram presos. Quando tentei entrar, eles estavam acampados lá dentro, prendendo todo mundo. Era o Exército mesmo. Aí fui para Gurupi trabalhar numa cerâmica para ganhar dinheiro porque não tinha dinheiro nem pra voltar. Trabalhei dois meses, fazia até serão a noite carregando caminhão com telha quente para ganhar um dinheirinho. Tornei ir para Miracema. Lá peguei o avião de novo, desci em Balsas e de lá fui para o interior onde estava o Porfírio. Falei para ele que não tinha condições de sair de lá e a única alternativa que tínhamos era tocar roça. E nós agarramos plantando roça. O Geraldo não aguentou e desceu para ir trabalhar de pedreiro junto com os padres.

Nessa história, o Durvalino, filho do Porfírio, foge até Balsas e de lá, não sei como, ele conseguiu chegar a Trombas. Eu fui até Balsas vender um saco de milho para começar a colheita do arroz. O meu já estava cortado e empilhado, o deles estava só maduro. Quando eu cheguei de volta, eu e o Manoel meu irmão, os dois solteiros, descemos para a fazenda de um tio meu para uma festa. Quando estávamos no engenho, veio uma prima nossa correndo, que já sabia da história, e mandou a gente correr porque a polícia estava chegando para nos prender. Quando ela falou isso nós pulamos a cerca e saímos correndo. Foram 18 km de areião correndo, mas correndo mesmo porque sabíamos que a polícia vinha atrás. Quando chegou perto, uns 3 km, meu irmão não resistiu à carreira. Falei para ele ir beirando do lado do córrego e marquei um ponto para ele esperar. Cheguei falei para o Porfírio, 'vasa, vamos vasar porque a cana' vem chegando perto. Pegamos o que deu para pegar e descemos. Atravessamos o ribeirão

para o outro lado e ficamos lá. Daí pouca hora eles passaram. Poucos minutos depois escutamos o tiroteio. Mas deram tanto tiro nesse barraquinho, acabaram com tudo que tinha. Então foram para a casa do meu tio, que era pertinho, fazer pressão. E eles não sabiam que nós tínhamos corrido... Voltamos para a beira da estrada. Quando estávamos na beira da estrada eles passaram de volta. Estávamos numa vereda e passou um aviãozinho bem baixinho para eles darem sinal se tinham nos prendido ou não. Quando deram sinal dizendo que não, já era de tardezinha, eles desceram para a casa do meu tio. E nós acompanhando do outro lado do córrego para ver qual era o destino deles.

Nessas alturas eles já tinham pegado outro tio meu, que era o dono do engenho, um velho já com uns 80 e tantos anos, e levaram ele na garupa do cavalo, fazendo pressão, judiando, falando em capar ele, fazendo tudo quanto era barbaridade com o coitado. Tomaram uma ‘tomezinha’ que ele tinha, um revólver, tomaram tudo. Eles passaram a noite na casa e nós, vigiando. Cedo eles deram um bocado de tiros e saíram, pegaram os animais e saíram. Aí o Porfírio falou, se prepara para viajar porque eles vão dar uma trégua, mas vão voltar novamente, vão dar outra batida. Aí fomos para as casas, mas não encontramos ninguém. O povo tinha corrido tudo das casas e escondido naqueles vãos de serra, deu trabalho para encontrar alguém.

DURVALINO

Vou contar um pouco a história de Durvalino, filho de Porfírio, que ficou louco. Ele morreu novo. No golpe militar, quando ele foi preso, ele estava com 17 anos. Ele estava em Trombas quando foi preso. Foi só desta vez, mas foi torturado até o fim da vida porque ficou a sequela da tortura e ele acabou morrendo. O Manoel o trouxe amarrado numa corrente. Chegou a Araguaína foi pedir auxílio à polícia. Ela não sabia que o Manoel era irmão do Zé Porfírio e que o Durvalino era filho dele. Manoel o amarrou perto de um monte de pedra. Nem a polícia conseguia chegar perto dele, ele jogava pedra em todo mundo que passava. Manoel foi conversando, pelejando até que ele conseguiu tirar ele de perto do monte de pedra. Arrumaram um carro e vieram de cidade em cidade pedindo auxílio até chegar a Trombas. Lá em Trombas um amigo nosso ajudou trazê-lo para o Adauto Botelho (hospital psiquiátrico) em Goiânia. Depois ele fugiu uma vez e foi lá pra casa, em Trombas. Estava um pouco melhor. Mas às vezes ele arruinava de uma vez. Pegava laranja, mexerica e comia com casca e tudo. Uma vez ele falou, “tio, lá no hospício eles tratam a gente é com

choque. Dá choque pra derrubar.” Daí foi arruinando cada vez mais. Não tinha condições de ficar com ele lá. Eu tornei pegar ele e trouxe aqui para Goiânia. Como ele tinha fugido, fiquei de seis horas da manhã até 12 horas para poder internar ele de novo no Adauto. Foi a última vez. Nós sabemos que ele morreu, mas nunca tivemos certeza.

PERSEGUIÇÕES E PRISÕES

Quando eu voltei o Manoel estava preso. Ele passou 45 dias preso. Eles usaram ele. Levaram ele, fizeram um acampamento fora da cidade (no lugar hoje tem um pasto) e a noite saíam com ele e o torturavam para ele entregar as pessoas que ele conhecia. Davam choque, batiam, todo tipo de tortura. Aí ele foi obrigado a entregar todo mundo. Ele foi inclusive lá em casa. Quando ele saiu da cadeia eu perguntei e ele confirmou. Disse que a hora em que eles mandaram ele me chamar tinham deixado o jipe longe e ido a pé. Eles estavam cada um de um lado, entrincheirado com a metralhadora nas mãos esperando eu sair. Era ou prender ou matar. Em 1964 quando nós invadimos as terras, sabíamos que eles estavam na região. Alguns disfarçados, mas estavam lá.

JOSÉ PORFÍRIO

O deputado Zé Porfírio foi muito bem apoiado por todo mundo. Na campanha a gente andava naquela região, Amaralina, Campinaçu, tudo andava a pé ou a cavalo. Na época tinha o Partido Comunista. Inclusive o Soarão andava conosco. Então não houve muita resistência à candidatura dele não. Ele foi muito bem apoiado. Todo mundo admirava a história dele. Na história do Brasil acho que só tem ele. Um camponês que nunca tinha sido nem cabo eleitoral, sair do cabo da enxada e virar deputado estadual com a votação que ele teve. Quando cassaram o Mauro Borges, cassaram o Porfírio. Até esse dia ele estava trabalhando no cabo da enxada com a gente, mas era deputado estadual. Nós estávamos ouvindo por um radinho de pilha, cassaram o Mauro Borges e na mesma hora cassaram o mandato dele. Aí aumentou a perseguição para cima de nós. Eles sabiam que eu era a pessoa que dava assistência ao Porfírio. Em qualquer lugar que ele estivesse, eu era a pessoa que fazia a ligação. Lembro uma vez que ele estava no Pará, saiu e foi para Santa Inês. Em Santa Inês ele trabalhou no batalhão do Exército, com o nome trocado – trabalhava com a picareta. Deu um calo na mão e ele foi para dentro da Santa Inês e ficou uns trinta dias tratando desse calo. Quando sarou ele foi até Porto Nacional e mandou me chamar.

Eu fui. Tinha um gadinho, vendi uma vaca e levei o dinheiro para ele e um revólver 38 muito bom que eu tinha. Passei a noite com ele em Porto Nacional, numa fazenda. Ele seguiu, foi embora e eu voltei para Trombas.

Quando ele fugiu a última vez pelo rio com o Manoel foram até Tocantinópolis. Eles não entraram na cidade. De lá eles passaram em Vão do Paraíso. Lá arrumaram uma terrinha e foram trabalhar. Lá o Porfírio manda buscar a Dorinha, a segunda esposa dele, essa que mora em Minaçu. Aí ele pegou o Estrela. Ele quem fez uma escola com o nome do Porfírio. Ele era investigador e foi para lá para descobrir onde o Porfírio estava. Ele descobriu. O sogro do Zé Porfírio contou onde ele estava. Ele foi lá. Quando eu fiquei sabendo, desci de imediato. Falei, compadre, foge porque você foi descoberto. O Porfírio desceu e foi para a Cachoeira de Itapecuru, fica perto de Carolina, tinha uma usina que iluminava a cidade. Lá eu já não pude ir. Eles já tinham prendido o compadre Manoel. Quando eu voltei para casa, minha mãe e minha esposa falaram que a polícia tinha soltado o Manoel. Perguntei se ele tinha entrado em casa e falaram que não, que só tinha me chamado do lado de fora. Eu falei, vocês estão enganadas e ele estava era com o Exército para me pegar. Eram 8 horas. Saí outra vez, fiquei mais uns dois dias fora. Quando vi que já tinham descoberto onde eu estava, mandei um companheiro, o Meluco, avisar o Porfírio pra sair de onde ele estava. Ele foi para a Fazenda Angical, mas ao invés de ir só, ele levou a esposa. Foi aí que prenderam o Porfírio, na fazenda Angical.

Quando estava com três anos que ele estava preso - ele estava na X-1 em Brasília, a Papuda - ele me escreveu. Foi o endereço que ele colocou na carta. Ele me pedia foto dos filhos dele e dinheiro. Ele disse que os outros presos tinham dinheiro para comprar balinha, merenda, caderno para escrever e ele não tinha nada disso. Eu peguei a carta e fui a Formoso. Naquele tempo tinha a doutora Lourdes e doutor Antônio, eram dois advogados muito conhecidos meus. Mostrei a carta para ela, ela escreveu outra carta e colocou num envelope. Fiz uma coleta com a família, consegui o dinheiro, pus num envelope especial e mandei pelo Correios. Passado uns 60 dias devolveram a carta dizendo que o endereço estava errado. Tornei levar na Dr^a Lourdes. Ela enviou novamente afirmando que o endereço era aquele. Outra vez a carta foi devolvida porque o endereço estava errado. Então nós pedimos que devolvessem o envelope que tinha ido com o dinheiro. Passado uns seis meses devolveram o envelope com o dinheiro.

Depois disso eu vim numa reunião aqui em Goiânia e encontrei o Sebastião Bailão. Ele me contou que os dois foram soltos no mesmo dia. Puseram eles no ônibus para irem para a rodoviária. Mas ele saltou na primeira parada e pegou mais dois ônibus até chegar na rodoviária de Bra-

sília. O Porfírio continuou no primeiro. Essa é a última notícia que nós tivemos dele, assim, com certeza, contada por alguém que falava a verdade.

Há poucos anos fiquei sabendo que tinha um Zé Porfírio em Santana do Araguaia. Eu estava em Marabá. De lá eu vim, fui para Casa de Tábua e segui para Santana do Araguaia. Tinha mesmo. Chama José Porfírio Paz, mas é filho do Pedro Porfírio da nossa família. Ele me contou que foi preso umas cinco vezes enganado. Todas as vezes que o Exército o achava e que falava que era o Porfírio pegava ele. Quando chegava lá descobriam que tinham pegado a pessoa errada e o soltavam. Faz uns quatro anos que estive lá e continuo procurando para ver se encontro qualquer pista que possa levar ao paradeiro dele. Em qualquer lugar que estivesse, ele se comunicava comigo. Se ele não se comunicou é porque sumiram com ele mesmo.

MARCAS

Eu não fui preso. Quando o 'trem' apertava eu fugia. A roça era meio longe. Muitas vezes quando eu ia trabalhar na roça e cismava que eles estavam rondando, não voltava pra casa, dormia no mato, com fome. No outro dia sondava para ver se podia chegar na casa. O dia que não podia, não chegava. Às vezes o pessoal mandava avisar que eles estavam em Trombas e que iam me pegar. Então eu fugia, passava o mês fora, escondido, sozinho. Era assim. Eles me perseguiram para me pegar até vir a anistia. Eles queriam me pegar de qualquer maneira. Eu fui o único da família em que eles não puseram as mãos. Eu não gosto mesmo de lembrar o passado não. É ruim. Não é um passado bom não. Já sofremos demais, Deus me livre. Eu fui criado sem pai, só no poder da mãe. Depois de grande quando quis caçar jeito de viver, vim pra cá e caí nessa. Sofremos o tempo todo. Veio maneirar um pouco mais depois que veio a anistia. Antes da anistia eu trabalhava, mas com medo, sobressaltado, com medo de ser morto. Sofrimento não mata fácil não, se matasse eu acho que tinha morrido.

CRISTIANO RODRIGUES TEIXEIRA DA SILVA

Data de nascimento: 25/08/1942



Fui um militante religioso radical, nasci e me criei na Igreja Metodista. Meu pai tinha curso superior de Teologia e era médico. E nós protestantes na década de 40, 50 e 60, éramos minoria, eu tenho essa vocação para minoria.

A outra militância política foi a militância partidária, nós éramos Pcdistas. Pedro Loudovico, um homem mais moderno, mais renovador. Lutamos pela eleição de Mauro Borges em 1960, que foi uma mudança expressiva na política, na forma de governar e estruturar Goiás, tentando quebrar as oligarquias da época.

O CONTATO COM A ESQUERDA

Foi na luta pela legalidade quando Jânio Quadros renunciou, em 1961. Nós já tínhamos uma grande simpatia por João Goulart, proibido de retornar ao país. Começamos a ouvir a Rádio Farroupilhas, que era capitaneada pelo governador do Rio Grande do Sul na época, Leonel de Moura Brizola, e nos tornamos “Brizolistas”. Acho que esse foi o primeiro passo nacionalista, mais à esquerda, mais democrático que demos. Não podemos dizer que Brizola era um comunista ou simpatizante comunista, de jeito nenhum; ele era um galgueiro, era um clarividente, fez aquela luta que desarmou o país. Nós nos inscrevemos na Polícia Militar de Goiás, porque o Governo de Goiás também “cerrou fileiras” para a posse de “Jango” como vice, que teve como solução a adoção do parlamentarismo através de Tancredo Neves.

A partir daí que a minha militância se deu mais ainda à esquerda. Na época do governo Jango existia uma liberdade muito grande. As organiza-

ções e os partidos de esquerda como o Pczão, o PC do B, a Ação Popular, que depois se desdobraram em diversas correntes, tinham muita mobilidade e liberdade de expressão, de atividades; elas não eram legalmente enquadradas, mas eram legalmente suportadas.

Em 1963 eu já era simpatizante de uma organização de esquerda, a Organização Marxista Política Operária, sinteticamente conhecida por POLOP - um grupo bem postado, de homens formados pela Escola Brasileira de Administração Pública, antiga EBAP. Vindos da EBAP, vieram fazer parte da mudança estrutural do esquema administrativo do governo Mauro Borges. Dentre essas pessoas que estavam na EBAP, estava Piragibe Castro Alves, o Guido de Belo Horizonte; Eveline Singer, casada na época com Paul Singer, que já era mãe de André Singer que foi recentemente porta-voz do Presidente da República. Goianos eram o Cleuler Loyola, já falecido; o irmão dele, Gleij; Juarez de Brito Guimarães e Maria do Carmo, esposa dele. Fomentaram o primeiro núcleo da POLOP em Goiás. Eu era simpatizante, depois me tornei militante.

Juarez, Piragibe, Eveline, Guido, Cleuler Loyola, e algumas outras pessoas que me fugiram da memória, vieram para tentar mudar a estrutura administrativa do Estado, contratados pelo plano MB - Mauro Borges, governador da época. Eles tinham uma posição ideológica definida e começaram a montar o grupo da POLOP em Goiás.

Pessoalmente eu tinha uma simpatia imensa por Eveline, pois ela tinha uma mente brilhante, era uma brilhante professora; eu tinha dificuldades escolares de segundo grau e ela me colocava as matérias dentro da cabeça. Pra ela era ainda mais fácil. Jovem, idealizava as diversas pessoas que falavam bonito, que falavam o lógico, que mostravam que o caminho e a salvação do mundo não era só por Cristo, mas também por Marx.

O Marxismo nesse nível era uma opção de fé; não só de convencimento, mas também de fé. Era fácil a pessoa que vinha de origem religiosa, ter também a fé ideológica. A visão daquela época era uma, hoje é outra; mas na época eu era ainda rapaz, ainda muito novo e inexperiente; e, principalmente, muito idealista.

1964

Minha vinculação com a POLOP em todo esse período era via Universidade de Brasília. Tinha o Rui Mauro Marini, tinha o Teotônio, que de Minha vinculação com a Política Operária - POLOP em todo esse período era via Universidade de Brasília. Tinha o Rui Mauro Marini, tinha o Teotônio, que depois foi candidato a governador pelo PDT, sociólogos

e economistas. Em São Paulo eram o Emir Sader e o Eder Sader, falecido irmão de Emir, jornalista conhecido; e eventualmente, na POLOP, tinha o alemão que era adido cultural da embaixada e também um dos mentores da POLOP no Rio de Janeiro.

Eu participei de um congresso da POLOP, às vésperas do golpe, na Faculdade de Filosofia da USP, do outro lado do Mackenzie, que era o ambiente da extrema direita universitária de São Paulo, da elite econômica de São Paulo. Nós discutíamos, às vésperas do Golpe, a possibilidade e o perigo do golpe que estava eminente. Ainda recebemos a visita de um agente do DOPS que dizia que estávamos sendo vigiados e que o golpe estava vindo naquele momento. Nós não acreditamos, pois éramos muito teóricos, elaborávamos muitas teorias desassociadas com a vida real. O golpe pegou todo mundo de “calça curta”.

Houve o golpe, mas o golpe aconteceu de maneira meio imprevista, eles não tinham um plano elaborado de prender e liquidar todos ao mesmo tempo; ele não foi tão bem planejado como foi o de 1973, no Chile, do Allende. O golpe no Brasil foi em decorrência de fatos que passaram fora do controle dos próprios golpistas. E o famoso esquema militar do Assis Brasil, chefe da Casa Militar de João Goulart, mostrou que estava tudo “furado”.

A primeira etapa do Golpe foi mais branda, pois não fechou toda a censura, não foi tão violento na primeira etapa, ele não era tão planejado. A intelectualidade podia se manifestar; o teatro de opinião, as grandes peças teatrais de contestação - O Rei da Vela, o Chico Buarque compondo suas músicas, criando suas peças; Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha; o resíduo do teatro da UNE, Teatro Popular, CPC – Centro Popular de Cultura. Foi uma época efervescente, interessantíssima, brilhante e criativa. Ali Nara Leão adoentou-se e não pôde participar, foi quando surgiu Maria Betânia na peça “Opinião”. São coisas que guardamos para o resto da vida.

Foi com o tempo que as forças ultradireitistas mais reacionárias puderam se infiltrar e criar os DOI-CODI e as execuções sumárias, como foi a execução sumária da Guerrilha do Araguaia. Nós, e eu pessoalmente, nos desiludimos com certos conceitos ideológicos, visões políticas do Brasil e da América Latina.

GUERRILHA DO ARAGUAIA

Um velho militante comunista de Uberlândia - Artan de Azevedo, que doou e criou o Instituto Artan de Azevedo, pai do “Afraninho” que foi o cirurgião plástico do Capitão Lamarca, militante antigo do Partidão e religioso - me deu em mãos, na Igreja da Avenida Paranaíba com a Ara-

guaia, um manifesto dos guerrilheiros do Araguaia. Foi aí que ficamos sabendo da guerrilha, através da literatura clandestina. Isso nos trouxe uma esperança: há uma resistência; pensávamos, isso tudo vai acabar. E os “liquidaram”, foi um erro político enorme a Guerrilha do Araguaia.

Onde foram fazer a guerrilha? Era igual, em proporções muito menores, a nossa experiência no Sudoeste: nós não tínhamos armas, não tínhamos munições, não tínhamos estrategistas militares, não tínhamos nada; não tínhamos convivência, experiência, não éramos do local, queríamos cair como paraquedistas no meio de uma região para tentar convencer como libertadores da humanidade. A guerrilha foi vítima disso, de uma distorção política da visão da guerra revolucionária. Só deu munição para a extrema direita. O General Hugo Abreu foi quem comandou e mandou que matassem a todos. Hugo Abreu era o chefe da Casa Militar do Presidente Geisel, que com Golbery foi um dos mentores da distensão política. Eles viveram em uma encruzilhada. O ministro da Guerra, Silvio de Abreu, foi chefe disso tudo. O Ednardo, comandante do Segundo Exército onde morreram Vlado e Manoel Filho assassinados, foi munição para eles, foi “bucha de canhão”.

Minha experiência não foi só com a Guerrilha do Araguaia. Tiveram as tentativas da Serra do Caparaó, do Vale da Ribeira, em locais teoricamente muito mais propícios a isso, com maior densidade populacional, próximos a segmentos urbanos maiores, pois o país já estava totalmente urbanizado, não era um país rural, já não era mais um país proeminente rural. Acredito que as experiências mostraram o que aconteceu, as experiências falam por si.

LUTAS E RESISTÊNCIA

Pouca gente sabe que tentamos através do Ângelo, do Ismael e do Brício Cordeiro, que foi militante de todas as organizações com o filho dele Nelton, um núcleo de guerrilha no sudoeste de Goiás, abaixo de Rio Verde, depois de Jataí, logo após o golpe, em 1965-1966.

Achávamos que lá estava uma área de futuro crescimento agropecuário, que no momento era muito isolado e que podia permitir um treinamento militar real. Sem nenhum instrutor militar, sem ninguém com experiência militar. Se tivéssemos, por exemplo, um oficial, um suboficial, um sargento ou cabo de qualquer unidade das Forças Armadas especialista em treinamentos, mas não tínhamos nada disso. Nem experiência de recruta do Exército tínhamos. Eu, por exemplo, não fui recruta do Exército. Com muita dificuldade de assistência, de manutenção deles, de víveres, de ali-

mento, de sobrevivência, de munição, e nem era munição para treinamento, era munição para sobrevivência, para caça, pois eles estavam isolados como um bando de bichos no mato. Até que ele sozinho se desmanchou. Nós não dávamos conta, não fizemos uma estratégia militar correta, estávamos longe disso; só existia no coração e na vontade. Mas a situação foi até engraçada. Certa vez uma manada de caititu afugentou os bravos guerrilheiros que estavam lá. Comprávamos era carabina, era revólver usado, aquela famosa “papo amarelo”, coisa que não foi para frente, coisa de amador, de paixão, de ilusão.

Hoje nós vimos que a queda da ditadura não foi pela luta armada. Foi pelo amplo movimento de luta pelas liberdades democráticas em que o papel da Igreja Católica foi também importante - de segmentos da Igreja Católica, como dom Paulo Evaristo Arns, dom Elder; aqui em Goiás o padre Pereira era o representante dessa ala da igreja; movimentos protestantes como daquele pastor metodista do Rio de Janeiro, ou o próprio Sobel, que era o líder da Comunidade Israelita Brasileira, mais as divisões internas dentro das próprias Forças Armadas, a conceituação de visão política e econômica. Por que o que foi o governo Geisel, o governo militar? Eles estatizaram o Estado num movimento militar golpista que defendia a propriedade privada e a desestatização da economia. Eles fizeram o inverso. Entraram em choque também com os interesses da burguesia nacional, do capital industrial, bancário e agropecuário e os ventos mudaram. Caia-se a ditadura na Europa, a de Portugal, a da Espanha, e elegia-se um presidente americano extremamente preocupado com a defesa do ser humano, Jimmy Carter. Ele mandou sua esposa ao Brasil, Rosalynn Carter, para cumprir a missão de relações humanas, de direitos humanos. O presidente da época, o general de plantão Geisel, engoliu-a a seco. Depois que ele saiu da presidência - morava em Teresópolis, a história está aí, Hélio Castro conta - se recusou a atender os telefonemas do casal até depois deles saírem da presidência americana, devido à raiva que havia passado.

Houve uma forte liquidação dos quadros da esquerda revolucionária e mesmo da esquerda não revolucionária, do Pczão, do partidão. Surgiram novas lideranças e dentre essas novas lideranças criou-se o PT; criou-se uma nova forma sindical no ABC, e o Lula foi a maior expressão disso. Ele não foi comunista, nunca foi socialista. Ele disse também em entrevista recente que nunca foi esquerdista. Isso fez parte da luta da descompressão política, mas era útil também ao regime. O partidão sempre dominou as lutas sindicais operárias no Rio, em São Paulo, no Sudoeste industrializado. Era bom que isso tivesse outras mãos, era bom para a igreja que isso acontecesse, e aconteceu.

PERSEGUIÇÕES E PUNIÇÕES

Do ponto de vista emocional, o golpe foi um choque. As prisões, as demissões, as torturas, mesmo que no primeiro instante as torturas não fossem disseminadas com o Ato Institucional nº1. Eu fui vítima do AI-1. Eu era funcionário público concursado no governo do estado de Goiás e fui demitido pelo governador da época, Mauro Borges, porque eu já estava fichado no DOPS local. Para nós foi uma situação de terror, mesmo não tendo sofrido a violência física nesta primeira etapa, nós sentíamos a discriminação social. Na minha cidade, por exemplo, Inhumas, de onde nós mudamos dia 15 de julho de 1974, as pessoas se apavoravam ao ver um comunista, um perseguido na rua. Fugiam como se fôssemos leprosos. Uma das razões que fizeram com que meu pai mudasse de lá foi a perseguição. Numa cidade pequena a maledicência andava muito rápido.

A perda do trabalho, a impossibilidade de outros trabalhos legais, o fechamento de linhas de crédito, principalmente dos bancos oficiais, tudo muito forte. A legalidade do trabalho ainda era muito difícil. À medida que o golpe avançava a discriminação e a perseguição prática também aumentavam. Mesmo se você não fosse de fato proibido por lei, por decreto, por algum documento que o impedisse trabalhar, o Serviço Secreto do Governo informava às instituições de crédito, às organizações constituídas quais eram os elementos perigosos, porque eles não podiam ter acesso ao trabalho, nem a nada. Caíamos na informalidade do trabalho. Eu caí na informalidade do trabalho e acabei me tornando corretor de imóveis, porque o corretor não tinha um trabalho fixo, não tinha vinculação trabalhista, não tinha a obrigação trabalhista por parte de quem contratasse seu trabalho e só ganhava se produzisse a venda.

Parei a faculdade de Ciências Sociais. Eu tinha um projeto de fazer macroeconomia especializando-me na Alemanha Oriental, através da professora Eveline Eller Singer que me encaminhou na época. Destruí esse plano, mas em 1968 consegui me formar em Direito na Faculdade de Direito Federal. Foram padrinho e patrono da turma, Juscelino Kubitschek e o Professor Samuel Pinto. O ex-presidente Juscelino Kubitschek foi preso no Rio de Janeiro para não participar da cerimônia. E o professor doutor Samuel Pinto, emérita figura humana desse país, que em Goiás nós tínhamos o correspondente que era o doutor Rômulo Gonçalves, foi preso no Hotel Bandeirantes. Nós não nos formamos em protesto às prisões dos nossos paraninfos. Não houve cerimônia, foi suspensa em protesto. Vinte anos depois esta mesma turma, no mesmo local, com o mesmo orador, que era

José Marcelino, com o mesmo discurso, que ele guardou por duas décadas, realiza a cerimônia no Teatro Goiânia. Comemoramos com um jantar em um restaurante local.

O golpe fez com que tivéssemos uma atividade política maior. Na primeira etapa do golpe, na primeira etapa do AI-1, AI-2, AI-3, a POLOP enraizou-se em Goiás. Participaram estudantes, operários de prestação de serviços; nem sempre operários registrados como operários, mas como encanador, eletricitista.

Lembrarei agora daqueles que fizeram parte da nossa associação e são anistiados hoje como nós: Roberto Prateado, Adilson Luiz - um eletricitista outro encanador - eles trabalhavam com carteira assinada eventualmente, pois a indústria da construção civil é muito sazonalizada, ainda mais naquela época. E estudantes como Rafton Nascimento Leão foram também simpatizantes militantes. Alguns outros amigos como Luiz Antero, Valterli Leite Guedes, hoje jornalista, Ângelo, que foi vereador em Goiânia; e Ismael da Silva Bizuca.

Eu fui preso em 1964. Minha primeira prisão se deu pelo DOPS local. O delegado do DOPS na época era o doutor Jurandir Rodovalho. Ele não foi um sujeito mau; pelo menos com quem eu vi, e comigo, inclusive. Fiquei uma semana mais ou menos na prisão. Ela ficava na hoje Avenida Independência. Na Casa de Prisão Provisória éramos presos e misturados aos presos comuns.

Iniciou-se um processo pela 7ª CSM e eu respondi a esse processo junto à Justiça Militar. A região era Juiz de Fora, Quarta Região Militar sediada em Juiz de Fora. Doutor Rômulo Gonçalves foi nosso advogado na época. Nesse processo foi envolvida uma militância nossa na cidade de Inhumas, onde eu nasci; e na cidade de Itauçu. Em Itauçu militava um velho companheiro do Pczão, o Bailão. Ele quis fazer o trabalho de sindicatos legais camponeses. Começou por volta de 1962 e terminou em 1966-1967 com o fim do protesto. Nós, também, começamos a montar um sindicato legal de camponeses em Inhumas, ao mesmo tempo em que já tínhamos fundado dois Grupos dos Onze na cidade. Então, o movimento camponês operário na cidade de Inhumas e Itauçu era feito com origem no movimento de resistência brizolista ao golpe militar tentado em 1961 com a não posse do vice-presidente João Goulart.

Quem realmente eram essas pessoas que militavam lá? Eram camponeses, meeiros do campo ou pequenos semi-operários; por exemplo, sapateiros ou alguns profissionais que trabalhavam com funilaria. Eles não chegavam a ter uma relação de trabalho assalariada, eram autônomos. Todos esses participaram do mesmo processo e tiveram o mesmo advogado,

Dr. Rômulo Gonçalves. Incluo ainda um amigo meu de infância e adolescência e militante daquela época na área do Grupo dos Onze de Inhumas, que era Salim Calil. Era um pequeno comerciante que praticamente foi à falência por pressões fiscais do governo pós-golpe militar. Ninguém resistia à pressão de uma fiscalização tributária e ele era um micro comerciante. Era uma miscelânea de pessoas que sobreviviam com o próprio trabalho manual, físico; camponês ou autônomo na cidade. Tivemos esse processo do qual o Dr. Rômulo conseguiu nos livrar. Ele conseguiu trancá-lo junto ao Supremo Tribunal Militar, que naquele tempo ainda funcionava com certa independência, através de um habeas-corpus.

Para ser justo, o Doutor Rômulo, recentemente falecido, quando percebeu que meu pai era médico e que eu tinha alguma condição de pagar as custas, e o Salim, um pequeno comerciante que tinha algum recurso, ele disse: todos vocês não têm condições de me pagar, mas esses dois vão pagar por vocês para que, pelo menos, eu pague as custas processuais. Doutor Rômulo era um homem de uma grandeza, de uma generosidade anormal.

Na segunda vez fui preso pela Polícia Federal e preso no Exército daqui, antigo 10º BC, por mais ou menos um mês. O PCdoB em Goiás tinha sido desmantelado recentemente. E nós já tínhamos recebido informações por pessoas do PCdoB que haviam sido presas, que o pessoal da repressão mandou avisar que o próximo grupo a cair seria a POLOP. Naquele tempo eu tinha uma livraria com um já falecido ex-sócio, eu fui preso na entrada da livraria, na Rua 6, no Centro.

Meu pai ficou extremamente aborrecido com as minhas duas prisões. Ele era anticomunista; era um fervoroso cristão, achava que o comunismo fazia do ser humano um simples monte de carne e ossos, mas brigava pelo filho. Ele fez um tumulto, fez uma gritaria muito grande, foi até a chefia da Polícia Federal em Brasília, movimentou até o Movimento Anticomunista em Goiás para ir me defender através do Dr. Manoel dos Reis e Silva. Dizia que era coisa de menino, menino bom.

Minha prisão e meu sofrimento talvez diminuíram por essas circunstâncias, e o comandante do 10ºBC na época foi acessível a isso. Falaram-me, informação genérica que chegou até mim, que o próprio comandante, que não me lembro do nome, foi colocado na Reserva por não ter tido atitudes radicais; ele não era um membro do DOI-CODI, por exemplo.

Após o golpe militar essa estrutura básica que formou a POLOP em Goiás foi dissolvida através da intervenção militar no estado, o término do Governo Mauro Borges e a implantação do governo militar, a intervenção do Marechal Emilio Ribas; todas essas pessoas foram demitidas, só algu-

mas sobreviveram. Lembro-me bem quem sobreviveu e passou mais ou menos incólume sobre tudo isso, que era um dos simpatizantes militantes, não sei como classificá-lo corretamente, mas muito ligado ao pessoal da POLOP, que foi o Paulo Vachequi; ele continuou sua vida legal e não foi punido. Alguns outros mudaram de opinião e eu deixo de citar o nome deles; eu sei, mas não quero citar.

Piragibe voltou para o Mato Grosso; Guido voltou para Belo Horizonte. Maria do Carmo com Juarez foram para o Rio de Janeiro e entraram na luta armada. Eu não presenciei, eu conheço muito da história principalmente porque nossos companheiros relataram esses fatos. Havia um pacto entre o casal de que se fossem presos - eles achavam que inexoravelmente eles seriam assassinados ou barbaramente torturados - eles se suicidariam para não entregarem nenhum companheiro e nem sofrerem a violência física com dor insuportável. Juarez manteve o pacto e se suicidou com um tiro na cabeça. Maria do Carmo não fez, ela preferiu optar pela vida, ela está viva, não a vejo há muitos anos. Casou-se novamente, entrou em um grupo de troca dos prisioneiros pelo sequestro do embaixador americano - primeiro sequestro que existiu no país. Está aí em jornais, na história, a fotografia e os filmes dela e da turma em que o Gabeira participou.

ANISTIA

A Anistia foi um processo de luta, foi um processo que saiu às ruas, começou com essa distensão do Golbery e Geisel. Na realidade ela começou do lado da direita, do lado da ditadura. Porque tinha que se distender; o modelo já estava se esgotando, as forças econômicas do país estavam exigindo a mentalidade política. As grandes massas foram para as ruas; o MDB e a OAB tiveram um papel importantíssimo, todos eles somados. Os estudantes, principalmente os universitários, capitanearam uma grande frente dessa luta.

Naquele tempo nós no geral tivemos o fim dos nossos sonhos; foi o onze de setembro de 1973, foi o fim dos meus sonhos, o golpe militar e a morte de Allende, o golpe do Pinochet. Nós ainda sonhávamos e ouvíamos a rádio de Cuba ou a Rádio Moscou dizendo o general Prats estava subindo do sul do Chile com uma coluna do exército para derrotar os golpistas. Era conversa, foi mentira. Ali nós integramos profundamente na luta do MDB, na luta política pela redemocratização, pela anistia; foi quando veio a anistia de agosto de 1979, quando começaram a voltar os primeiros brasileiros que estavam fora do país. Voltaram os grandes políticos exilados; voltou Brizola, voltou Arraes e militantes como Gabeira. Aqui em Goiás

voltaram Nezo, Tarzan e foi uma festa democrática, uma alegria democrática a luta pela anistia; e depois pelas eleições com o Diretas Já, outro grande movimento que envolveu a população com o coração.

O tempo é pouco para relatar todas as emoções que vivemos. Em algum momento falamos até de forma confusa sobre tudo que passou, acabamos por atropelar a ordem das coisas e também dos sentimentos, mas alguns fatos são fundamentais nessas quatro, cinco décadas: a luta pela posse de João Goulart; o Golpe de 64; o AI-5; o exílio de milhões de brasileiros; o exílio de milhões de brasileiros aqui dentro, eu me considero exilado, autoexílio - você estava isolado e eliminado da sua terra; e os grandes movimentos de massa que resultaram na anistia de 1979; a abertura política; as eleições para os governos estaduais; a Diretas Já; e, por fim, até a queda de Collor. Isso nos marcou profundamente e nos mostra que a humanidade é muito mais otimista do que podemos imaginar.

Nada derrota o direito à liberdade, o direito à democracia e o direito à vida. Esta é a lição que temos que ter: o amanhã sempre será melhor que o hoje.

DIRCE MACHADO

Data de nascimento: 04/09/1934



A gente morava nas fazendas alheias. Meu pai pegava as roças para plantar. Minha mãe trabalhava na cozinha dos fazendeiros. Eu, pequena, com 7, 8, 10 anos, enfrentava a cozinha junto com minha mãe de madrugada. E ia para roça com meu pai. Minha mãe trabalhava também, mas só quem tinha salário o dia que trabalhava para o fazendeiro era meu pai, que trabalhava por dia. Eu e minha mãe trabalhávamos de graça. A gente não tinha valor de nada, era instrumento.

Meu pai era arrendatário em Rio Verde. Foi lá que eu entrei para o partido, por uma coincidência, porque ninguém nem sabia o que era um partido. Eu era revoltada com a exploração dos arrendatários, meeiros e achei nas propostas do Partido a resposta para minhas perguntas.

Em 1954 eu já morava na Itapeva, num córrego da Colônia Agrícola, perto de Ceres, e era militante comunista. E o partido decidiu que fosse um grupo de companheiros para participar da luta e orientar porque eles estavam jogados nas mãos dos bandidos sem saber se defender.

Aí fomos eu, o José Ribeiro e o Geraldo Marques. Eu casei para ir para Formoso.

Eu e meu marido a gente já namorava. Ele era militante comunista, eu também. Eu era uma adolescente. E nas mãos do partido era uma batata quente porque o partido, o povo, tinha um preconceito muito grande com as mulheres, com as moças na companhia. Então, eu era a menina dos olhos de todo mundo. Eu era funcionária, morava na casa dos companheiros.

O Rio Formoso fica na entrada da cidade. Tem o Santa Teresa, o Formoso e lá pra dentro, tem a Laje, Lajinha, Montividiu... É uma região montanhosa, com muitos córregos, muitas matas. Era mata pura, tinha muito pouca roça, poucas benfeitorias. Os posseiros foram para lá, a turma

dos Marinheiros, foi uma turma muito grande. Ela veio para se agregar em Ceres, mas as terras já tinham acabado e eles desceram porque as terras eram devolutas, e camponês para o lado de terra é como enxame de formiga, quando um vai, vai todo mundo. Eram umas quinhentas pessoas.

E aí o povo apossou e quando começou a beneficiar vieram os grileiros de Porangatu, Uruaçu e resolveram investir. Esse é um dos problemas do sistema capitalista agrário: quem tem muito, mais quer.

Em 1956, 1957 começou a luta lá. O primeiro embate foi em 1955. Depois eles se afastaram. Aí quando o Exército entrou mesmo foi em 1964. Já tinha uma história de conflito lá em Formoso. O povo estava desorientado, estava lutando para organizar a terra. O Porfírio já tinha ido ao Rio duas vezes, já tinha vindo em Goiânia, e os grileiros começaram a acossar, a botar fogo nas casas. Ninguém dormia em casa mais, dormia no mato, embaixo de chuva porque podia tá em casa e os grileiros vir e atear fogo nos ranchos. Ninguém tinha sossego, era um terror.

Tinha o João Soares em Formoso que era o chefe do bando. A turma vinha e ele ficava lá. Eram pessoas de fora. Eram jagunços comandados por policiais. Já tinha um início de luta.

O Zé Firmino foi um posseiro que começou a dizer não para os grileiros e a encabeçar a luta, mas sem ter noção de nada, sem ter política na cabeça. Logo ele foi apertado pelos grileiros e ele, como diz os maranhenses, “frouxou” o riacho, saiu da luta.

Nós fomos de Ceres, lá do córrego Itapeva, era muito longe; a gente viajava o dia inteiro em terra esburacada e na carroceria de caminhão porque não tinha nem ônibus. Quando chegamos lá, eles já tinham iniciado uma luta pela legalização da terra. Eram terras devolutas, e eles queriam comprar as terras e não conseguiram.

A primeira atitude nossa foi pegar uma posse e viver como os posseiros mesmo. Porque a gente era de origem camponesa e sabia tudo de lavoura. Era participar da vida dos posseiros, viver como posseiro e orientá-los na luta pela defesa da terra. Fazíamos tudo, a gente colhia a roça, organizava mutirão. Lá tinham as intrigas de cerca, de gado na roça. A gente ia, organizava e resolvia os problemas. Eu lecionava também, mas não era educadora, eu era mesmo camponesa.

Nós, os comunistas, não falávamos que eramos comunistas. A gente sabia que a turma era contra, a igreja, principalmente, era ferrenha. Então, a gente levava a mensagem, mas não dizia a sigla. Nós orientávamos, eles acatavam porque sabiam que era certo e estavam precisando de apoio. E nós fundamos uma associação que dava assistência jurídica e tudo – Associação dos Posseiros de Formoso, registrada no início de 1955.

Em 1964 houve uma trégua, foi quando Mauro Borges foi eleito. Na época do Mauro, nós, a associação, chegávamos ao Palácio, marcávamos audiência e falávamos com o governador no mesmo dia. Ele mandava engenheiro para nós.

TRAIÇÃO

A traição, é treição que eles falam, é uma reunião de pessoas para trabalhar na casa de um amigo sem ele saber. Ele está com roça, no mato, ou para plantar ou para derrubar. Aí reúne todo mundo, sem ninguém comentar. Quando é de madrugada chega todo mundo caladinho, sem falar nada, sem fazer barulho nenhum, faz simpatia para o cachorro não latir, e quando chegam perto da casa solta foguetes, fazem aquele arroubo todo e assustam tanto o dono da casa que às vezes ele até veste a roupa do avesso. E aí pedem café, pedem comida e deixam ele no sufoco. Mas aí vem uma comitiva trazendo o almoço pronto para outro dia.

A GUERRILHA

Chamava guerra fria, a polícia ficava em Formoso e nós no mato. Nós tínhamos as matas, os rios, as moitas, as pedras que eram as nossas defesas. E o camponês quando cai com medo no meio do mato para se esconder ele anda igual bicho do mato mesmo, não faz nem barulho. A gente conhecia tudo. Nem nós íamos a Formoso e nem Formoso vinha até nós, se entrássemos lá era perigoso. Isso durou uns três anos.

A guerra fria (*luta dos posseiros pela terra em Formoso*) e a Guerrilha do Araguaia não tinha nada uma coisa com a outra. A gente usava o sistema de guerrilha, dava um tiro, dois e caía fora, ia montar outro piquete. Não tinha nenhum treinamento de guerrilha, era uma defesa natural mesmo. Formoso foi uma luta para defender as suas terras, as suas casas, a vida. E a turma do Araguaia, segundo eu penso, o que li, porque eu não participei, era para se defender do sistema político de dominação. Defender a nossa terra, o que era nosso, o que era do Estado. O partido foi para lá para ajudar os coitados a se defenderem.

JOSÉ PORFÍRIO

O Zé Porfírio era um camponês desses bonachões que não se preocupava com roupa, com o barracão onde morava; saía com o bolso da calça cheio de farinha, de rapadura para comer com pequi no cerrado. Ele podia

tá indo para uma tarefa muito importante, se ele sentisse cheiro de abelha no ar não tinha tarefa; ele parava, cortava o pau e ia comer o mel.

Ele ficou viúvo quando os jagunços queimaram a casa dele. A mulher dele estava de resguardo há poucos dias, era cardíaca e morreu.

Eles nos torturaram muito para gente condenar o Mauro, o Zé Porfírio e outros companheiros. A gente apanhou ali, fez tudo, mas não os condenamos. A gente fazia tudo para livrar a pele um do outro.

O Zé Porfírio foi eleito deputado estadual. O mais bem votado da história de Goiás. Ele foi feito líder. A associação o elegeu a presidente. A gente decidia e ele aparecia. Tinha que ter uma liderança, ele era um camponês nato. Eles o mataram.

A FORÇA E A RESISTÊNCIA DAS MULHERES

Na região de Formoso e Trombas (o povo) era muito atrasado. As mulheres não tinham direito de dar um pouco de água para alguém que chegasse se o marido não tivesse em casa. Com a perseguição dos jagunços elas tiveram que lutar por sua sobrevivência e a dos filhos. Os maridos correram para o mato. Quando não estavam no piquete, estavam no mato. Ai tinham as roças, tinham os filhos, tinha alguma criação, tinha que angariar a sobrevivência. Ai elas tiveram que se organizar. Angariavam comida, angariavam coisas. A gente cozinhava e levava até certo ponto porque a gente não podia descobrir onde eram os piquetes. Ai vinha um pegava a comida e levava para os piquetes.

Então, a gente angariava comida e começou a se organizar. E como as mulheres estavam separadas, tinham que saber atirar, que saber se defender, montar guarda, tinha que levar recado... Foi uma luta dura. Tinha que dar comida para os homens no piquete, tinha que colher as lavouras – às vezes plantar; tinha que cuidar dos filhos, cuidar das companheiras doentes. Tinha que cuidar de tudo, inclusive da orientação certa de pessoas estranhas que entravam na região. Era um serviço muito pesado para pessoas que não tinham, até aquela época, vivido uma fase dessas.

Teve vez de companheiros que estavam no piquete instruir os elementos para relaxar a guarda das estradas para a polícia poder entrar. Teve uma vez, lá no Sapato, que os homens vieram depositar as armas. Ai duas companheiras pegaram as carabinas e falaram que a estrada não ia ficar aberta porque era o ponto principal antes de Trombas. Se passasse desse piquete se chegava a Trombas. Uma velha que era a matriarca, comadre Onília – uma maranhense- ficou muito enfezada. Para o maranhense você falar que vai “frouxar o riacho” é pior que qualquer nome que você

xingar. Frouxar o riacho é ficar com medo, sujar as calças (risos). Aí ela chegou, andou na sala onde estavam os homens, colocou o dedo no nariz de todo mundo e disse: vocês frouxaram o riacho, homens frouxos. Então colocou o dedo no nariz dos dois filhos dela, um de 12 outro de 14 anos e disse: Liontino e Osvaldo quem te pariu fui eu, quem te criou fui eu. Toma o seu pau de fogo e vai com as mulheres. Se você frouxar o riacho é para meter bala na sua cabeça. Aí nós saímos. No outro dia teve uma nova reunião, a turma caiu em si e aquele que estava fazendo papel de desertor ficou proibido de passar na região.

A dona Francisca, do seu Mateus, todo mundo a chamava de mãe Francisca – uma velhinha magrinha. Ela e a filha dela, Isabel, eram terríveis. Os jagunços passavam na casa dela, os companheiros de piquete passavam na casa dela, ela vivia no fogo cruzado. Tinha um sinal, quando o terreno estava livre ela colocava um pano branco no arame como se tivesse estendido. Se tivesse algum problema, às vezes o jagunço estava na sala dela, ela colocava um pano vermelho. Aí eles não iam. Eles deixavam um ramo em determinado lugar, quando via o ramo sabia que eles estavam esperando ela no fundo do quintal. Eles carregavam água num pote, e era longa a distância. Então ela pegava a comida, que era feijão com farinha, amarrava numa palha, fazia uma trouxinha colocava no pote, punha na cabeça e ia buscar água. E os jagunços estavam lá dentro. E ela ia levar a comida pra um companheiro lá no córrego. Isso não é um gesto de bravura?

A Ita do Nego Carreiro, que foi o homem quem deu o primeiro tiro lá, que matou o jagunço, o sargento Nelson. Ele foi para receber arrendo e queria obrigar, no meio de uma reunião, o Nego Carreiro e os outros posseiros a assinar que pagaria o arrendo. O Nego não aceitou porque, se assinasse, estaria aceitando que a terra era dos fazendeiros e que eles eram invasores. Eles não aceitaram isso. Não ia pagar e não pagou. O sargento Nelson estava ganhando naquela época cinquenta conto para matar o Nego Carreiro – a gente soube disso depois. Aí quando o sargento Nelson foi tirar o revólver para matar o Nego Carreiro, ele, que era mais esperto, estava com uma camisona de algodão, tirou a garruchinha e foi bem na testa, foi só um tiro. Dias depois a mulher do Nego Carreiro estava em casa fazendo comida para levar para o piquete, eles (policiais jagunços) chegaram, viram aquela panelona de farofa e falaram que era muita comida para pouca gente e que iam comer. A mulher do Nego Carreiro pegou a comida, jogou no chão e disse que preferia que os cachorros e porcos comessem do que os cachorros do governo. Eles bateram tanto nela que ela abortou a gravidez de cinco meses nos pés dos policiais. Eu mesma curei os hematomas das pancadas nas costas dela.

A UNIÃO DO POVO

O povo era tão unido! Se um estava doente, não tinha carro, a pessoa não dava conta de ir nem a pé nem a cavalo, ia na rede. Pegava um pau, botava a rede, pegava cada de um lado e saía correndo e uma turma de homem ia atrás. Lá adiante trocava.

A gente fazia uma lata dessas de 20 litros cheia de comida, punha prato e um ia a cavalo levando a comida. Determinado lugar parava, arranjava dois paus e amarrava a rede. Isso era de Formoso a Santa Teresa, umas 8 léguas no meio daquelas montanhas, carregando doente. Nunca morreu ninguém assim. De lá, às vezes pegava um pau-de-arara, colocava o doente em cima e ia para Ceres, de Ceres para Goiânia. Aqui (Goiânia) era fácil. Nós tínhamos um grupo de médicos amigos (Dr. Omar Carneiro, Dr. Nilton. Dr. Jonas Aiube) todo mundo colaborava com a gente. Chegávamos aqui eles cuidavam, ajeitavam as coisas e davam pra gente; angariavam medicamentos, me explicavam a forma de usar e eu fazia a manutenção.

ABASTECIMENTO

A comida a gente é quem produzia. Se tivesse um prato de comida e chegassem mais dois companheiros, nós repartíamos. Medicamentos, nós tínhamos uns amigos caminhoneiros que levavam pra gente escondidos dentro dos calotes de água. Eles tinham um tipo de buzina, um jeitinho de tocar, quando chegavam a determinado lugar eles tocavam, passava um pouco repetia e repetia de novo e daí a gente sabia que um companheiro ia descer. Esses companheiros eram de Anápolis e Goiânia, iam levar cargas para comerciantes e fingiam para polícia que eram inimigos nossos, inventavam conversas para polícia os deixar entrar.

MUTIRÕES

Todo camponês de Minas e Goiás usam o mutirão. Quando uma pessoa está apertada de serviço na roça e outros vêm ajudar. Depois do serviço fazem uma festa, um baile que é uma parte divertida. Lá a gente fazia os mutirões porque ninguém podia trabalhar sozinho numa roça – era perigoso o ataque dos jagunços e eles iam mesmo. Então a gente ia para a roça com a carabina e a enxada do lado. A mulher ia levar comida na roça com a espingarda e a bacia de comida na cabeça. Se fosse atacada a gente jogava a bacia no chão e o “pau comia”. Ali ficava todo mundo de olho. Tinha um pombeiro (pessoa que ficava vigiando) que ficava à distância vigiando,

podia até ser um garoto, se visse de longe algo estranho dava um sinal, a turma largava as ferramentas e pegava a espingarda. Então, trabalhávamos só em mutirão porque não podíamos trabalhar isolados. Era tudo feito assim. E como a região era muito pobre, reunia aí 20, 30, 40 pessoas na roça. As mulheres ficavam para cozinhar, fiar, fazer as coisas – as roupas, as cobertas eram de algodão tecidas no tear. Então, elas faziam esses serviços e os homens cuidavam das lavouras. Como era muita gente, muitas vezes o dono da casa não tinha condições de dar alimentação para todo mundo, cada um colaborava com um pouquinho. Nós tivemos muita colaboração dos estudantes, dos jornalistas; o O Cruzeiro (revista da época) foi lá nos entrevistar. Nós fomos notícia internacional. Eram jornalistas, médicos, desembargadores, deputados... Nós tivemos uma cobertura muito grande, principalmente dos estudantes de Goiânia, os universitários, a UNE. Até hoje, algumas pessoas não entendem, mas o nosso grupo antigo que participou da luta lá de Formoso ainda é assim: o que eu tenho é dos companheiros, o que eles têm é meu. Se eu chego à casa de alguém eu tenho cama, eu tenho comida, tenho tudo que eu precisar. Se tiver doente eles me ajudam, eu faço o mesmo por eles. Tem mais uma coisa, os companheiros não pensavam em si, mas no outro. A gente não traía o outro por nada na vida. Deus me livre se eu fosse taxada de traidora.

PRISÃO

Nós ficamos dois anos foragidos no mato. Era dentro da minha posse, na posse de um amigo. Quando eu fui foragir eu tinha dado à luz numa cesárea de poucos meses, seis meses. Mas tinha um grupo de pessoas de confiança que sabia onde eu estava. Teve dias de eu sair do mato para ir fazer parto (risos).

No dia que nós fomos presos lá no mato, o Ribeiro estava com uma desidratação violenta. Nós éramos sete pessoas: eu, meu marido, meu irmão e um grupo de companheiros. Tinha também o Geraldo Tibúrcio. Isso foi depois da Revolução, era 1974. Isso foi em Formoso. Ainda voltei pra lá me candidatei, fui vereadora por 2 mandatos pelo PMDB.

Preso mesmo eu fiquei só dois meses e 10 dias. Estive aqui em Goiânia na Casa de Detenção, depois fui para Brasília. O DOPS escondia a gente (tinha um jornalista no nosso grupo) porque tinha uma comissão de estudantes e jornalistas... Fiquei girando porque eles não deixavam a gente num lugar só. Estávamos numa prisão, de repente mandavam a gente fazer as trouxas e sumiam com a gente para outro lugar. Era só eu de mulher no grupo. Eles me colocavam junto com as presas comuns.

No meu ponto de vista era morrer, não entregar companheiro nenhum porque a gente morre uma vez só e o covarde arrasta a covardia pelo resto da vida. Então, o nosso grupo ter essa posição de ninguém entregar ninguém, foi a nossa salvação, a nossa resistência.

TORTURA

O negócio é o seguinte, eles te espancavam para extrair alguma informação. Se a gente falasse era como bolo no fermento, quanto mais fermentado mais cresce. É isso. Meu marido eles espancaram muito, quebraram o nariz dele, despenduraram ele pelos pés. Ele ficou mais tempo preso do que eu. Foi preso duas vezes e eu fiquei em Formoso, não fui presa, mas fiquei vigiada pela polícia. Eles espancavam sem dó. Teve dois companheiros nossos, o Onésimo que eles o espancaram e tanto que ele mudou de cor; e o Nelson Marinho, eles espancaram ele demais. Cortaram um pedaço do couro cabeludo da cabeça dele e fizeram ele engolir com urina dos policiais.

A gente fazia tudo para livrar a pele do companheiro ou de qualquer outra pessoa. Por exemplo: eles nos torturaram muito para que nós condenássemos o Mauro e o Zé Porfírio e outros companheiros. Apanhamos mas não condenamos. Um dia eu perguntei para um torturador se ele tinha coragem de pegar nos filhos dele, beijar a mulher dele com as mãos sujas de sangue. Ele olhou pra mim e disse: quem faz pergunta aqui sou eu.

Isso tudo não deixou sequelas psicológicas em mim porque eu estava preparada, mas meu marido, na doença dele, teve crises de loucura, de desatino achando que os médicos eram todos policiais. As condutas médicas ele achava que era tortura. Foi uma loucura o fim da vida dele. Morreu aos setenta e poucos anos. Agora eu fiquei com problema nos tímpanos por causa dos “telefones” (técnica de tortura em que a pessoa leva tapas nos dois ouvidos simultaneamente).

A coisa que mais me chocava quando eu estava na casa de detenção era aquela música “Amada Amante” porque eu sabia que eles estavam torturando alguém. Eles colocavam a música muito alta para tampar os gritos do torturado e psicologicamente torturar os outros.

LEI DA ANISTIA

Foi um reconhecimento da luta das pessoas, porque nós fomos tachados de bandidos e hoje somos reconhecidos como heróis. Foi certo, veio numa hora oportuna. Nós tivemos que engolir todas as provas que a

gente tinha. Agora, hoje, tem que vomitar. Caçar onde não acha para provar que a gente sofreu, que foi torturado.

Por incrível que pareça, eu sou uma pessoa que deito e durmo tranquila. Eu tenho a minha consciência tranquila de ter cumprido com o meu dever. O respeito que todo mundo tem por mim, principalmente o povo de Formoso. Lá eu sou comadre, madrinha de quase todo mundo. Quando vou lá não sei nem o que faço para ir à casa de todos, beber café com todos. Aqui minha casa é grande, cheia de cama, as panelas são grandes e vive cheia de gente de lá e de outros lugares.

Eu tive quatro filhos legítimos e sete adotivos, só um faleceu há pouco tempo. Eles se orgulham de mim e do pai que tiveram.

Eu me sinto realizada. Não existe faculdade melhor que o Partido Comunista. Apesar de que eu não milito mais, depois de tudo que passei - doença do marido, do pai, mãe, eu não milito. Mas é a maior faculdade que já conheci.

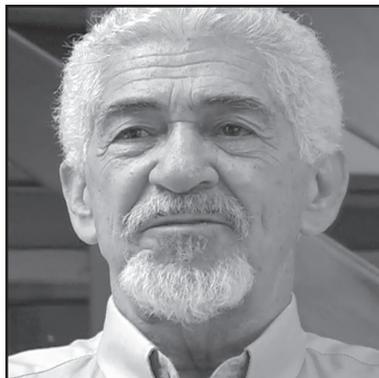
Eu faria tudo novamente, valeu a pena, foi muito importante. Vejo o interesse que o povo tem até hoje em descobrir o que aconteceu lá. Muitas vezes sou convidada a dar entrevistas em universidades, escolas estaduais, nas igrejas...

A gente reunia, discutia, traçava as estratégias e aplicava. Depois de tudo, de reunido, discutido, traçado e aprovado a gente cumpria com penas de morte. Mesmo que eu fosse morrer eu cumpria o que havia para mim.

Acontece que a gente lutava por uma causa legítima. Não era nada imposto, nós não tínhamos patrão. Nós éramos os donos da história.

ELIO CABRAL DE SOUZA

Data de nascimento: 13/11/1936



Eu nasci no município de Mineiros, em um local denominado Fazenda Ribeirão Grande. Meus pais eram agricultores e vivíamos em uma economia de subsistência. Éramos praticamente autossuficientes com a nossa atividade na agricultura. Tínhamos plantação de café; era tudo pequeno, somente para a família. Fazíamos açúcar, tínhamos uma plantação de cana e um pequeno engenho. Minha mãe tecia o algodão, fazia cobertas. Tínhamos alguns carneiros e ela fazia cobertas de lã. Dependíamos da cidade simplesmente para comprarmos o sal. Até para a iluminação, tínhamos a mamona, fazíamos o azeite, e com o pavio colocávamos no candeeiro.

Eu trabalhava duro na roça desde pequeno. Éramos 11 irmãos, um time de futebol. Aos 12 anos, estávamos todos lá. Eu tinha um irmão mais velho que eu; pela ordem eu era o segundo; éramos todos analfabetos, não sabíamos nada. O engraçado é que eu sempre tive curiosidade para aprender a ler e escrever, uma coisa que não tinha muita explicação. Meu pai contratou uma professora, e juntaram os vizinhos na nossa casa. Eram uns trinta alunos. Aos 12 anos aprendi o ABC. Fiquei um ano na escola e fui para Mineiros.

Meu pai alugou uma casa em Mineiros e fui estudar no Grupo Escolar Pedro Ludovico Teixeira. Terminei o primário e meus pais voltaram para a fazenda, porque as coisas não deram muito certo em Mineiros. Eu fui para Alto Araguaia (MT), no Colégio Interno dos Padres. Quando estava na segunda série, lá no Ginásio Padre Carlet, aconteceu o suicídio de Vargas, em 1954, me lembro direitinho. A época em que Vargas se suicidou, para mim foi um negócio estranho. Fiquei interno por dois anos. Não gostei porque os padres eram muito carrascos. Mas tinham um ensino muito bom.

Antes que eu terminasse o ginásio, meu pai faleceu. Era muito novo, tinha 46 anos. Meu pai era um absurdo em trabalho braçal duro, pegava

coisas dos outros para fazer, fazia cerca de arame, curral, serviço grosseiro. Trabalhava demais e contraiu a doença de Chagas. Quando ele faleceu eu estava terminando o ginásio. Nem cheguei a fazer as provas com a turma, fiz separado. Passei e vim para Goiânia.

MILITÂNCIA

Em Goiânia, fiz uma admissão no Lyceu, passei em terceiro lugar e lá fiz o científico. Isso aconteceu em 1958. Já não tinha mais condições de sobrevivência em Goiânia. Morei um tempo com um pessoal em uma república, com o Tarzan, com João Garcia. Tarzan de Castro já estava aqui fazia um ano, já estava mais familiarizado e já fazia política estudantil. Tarzan sempre teve um dom muito forte para liderança, desde Jataí já era líder estudantil, e eu ali, sempre amigo dele. Chegando aqui, me escorei nele e fomos fazer política estudantil.

Havia a FLEG e a UEG. A FLEG era do Aldo Soares e era uma dissidência da UGE – União Goiana dos Estudantes, que era do Zé Martins. Fizeram a união das duas e nasceu a UGES – União Goiana dos Estudantes Secundários. Zé Martins continuou como presidente e o Tarzan como vice. Vencendo o mandato, Tarzan se candidatou à presidência. Eu também me candidatei na chapa dele e fomos eleitos. Eu fui tesoureiro. Eu tenho uma chaga de ser tesoureiro, todo mundo quer que eu seja tesoureiro e é um negócio que eu detesto. Fui tesoureiro durante duas gestões, com Tarzan de Castro.

Tarzan de Castro naquela época era o maior líder estudantil que tínhamos em Goiás. Por quê? Pela participação que tivemos no movimento estudantil. O movimento estudantil de 1958 a 1962 aqui em Goiás foi muito forte, forte mesmo. A prova disso está nos anais e jornais. Era um movimento muito forte, até os carroceiros quando queriam fazer greve iam para a nossa entidade pedir apoio. Aqui ainda não tinha indústrias, não tinha nada, acho que o movimento mais forte era o dos carroceiros. (risos)

Marcávamos muito contra aumento de passagem, não aumentavam a passagem. Mas não era assim simplesmente na ignorância. Colocamos um estudante em cada roleta, e no final do dia, fizemos isso por uma semana, provamos a eles que não precisava ter aumento porque já estavam tendo lucro. Verificamos quanto gastavam com pneus, com gasolina, e tudo somado ainda sobrava muito dinheiro para eles. Dizíamos que não precisava de aumento, e que eles precisavam olhar para o lado mais fraco da sociedade também.

Éramos nacionalistas, não tínhamos nada de comunista. Até tivemos uns lances contra comunistas. Fomos muito simpáticos a Revolução Cuba-

na; ela não era comunista, era nacionalista. Até certo tempo Cuba tinha um bom relacionamento com os Estados Unidos.

Participamos de muitos movimentos estudantis aqui. Teve um episódio, que o Marcantônio até falou dele, de uma manifestação que fizemos na Praça do Bandeirante. Era um comício, não me recordo muito bem do que se tratava. Fomos protestar contra o objetivo do comício e o secretário de Segurança Pública, Tales Reis, trouxe a polícia e mandou que invadissem a praça. Saíram dando tiros e acertaram um tiro de fuzil em um estudante. Era o João Gualberto, que ainda mora em Goiânia. Aquele fato foi uma comoção. Pegamos sua camisa cheia de sangue e passamos pelo comércio. Arrecadamos muito dinheiro, a camisa ficou cheia. O comércio inteiro fechou em solidariedade. As rádios protestaram contra aquele ato absurdo. Foi uma solidariedade da sociedade contra esse ato da polícia. Nós nos categorizamos muito mais em cima desse fato.

Lembro-me que saí num Jeep e, com um autofalante, fomos a todos os colégios conclamando o pessoal para a manifestação no outro dia. Pedíamos para que viessem armados com qualquer tipo de arma que tivessem: arma de fogo, arma branca, pedaços de pau; era para virem armados. Essa era a nossa convocação para a passeata.

Concentramo-nos na Praça do Bandeirante. Tinham mais de dez mil pessoas - naquela época Goiânia tinha cerca de 150.000 habitantes - foi uma das maiores manifestações até então. Subimos a Avenida Goiás, era algo muito bonito (Preciso achar essas fotografias. A ditadura apreendeu meus materiais, então não tenho mais, mas estão nos jornais por aí). O Governador era José Feliciano Ferreira. Ele era de Jataí, da mesma terra em que morávamos, Tarzan também. Ele se antecipou e veio. Quando nós estávamos chegando à Praça Cívica, aquele mar de gente, o governador chamou suas lideranças e fez um discurso protestando e desautorizando; dizendo que aquele fato não havia sido por seu mando, que ele nem sabia daquilo. Ele assinou na hora, na nossa presença, a demissão do secretário de Segurança Pública. Falou ainda que nós é que íamos indicar o novo secretário. Indicamos Reinaldo Baiocchi, que foi o secretário de Segurança Pública nesse período.

A partir daí, a UGES passou a ser uma entidade mais forte que qualquer secretaria.

MOVIMENTO ESTUDANTIL / UGES

Éramos da entidade União Goiana dos Estudantes Secundários. Esse episódio (da Praça do Bandeirante) aconteceu no dia 5 de março de 1959.

O Batista, o Telmo Faria e outros que agora não me lembro do nome, eram todos estudantes, resolveram fundar um jornal semanal aproveitando esse episódio. O jornal foi batizado de Cinco de Março; cinco de março era algo que estava na moda, pois foi um episódio que contaminou a sociedade goiana. Arrumamos móveis, cadeiras, mesas, máquinas de datilografia para a fundação desse jornal. A sede do jornal ficava na Rua 61 com a Avenida Goiás. Nasceu então o Jornal Cinco de Março, que hoje é o Diário da Manhã.

Além desse movimento, houve outros grandes movimentos como o movimento contra o aumento da passagem de ônibus. Era como falei anteriormente, ficávamos nas roletas. Os proprietários dos ônibus não davam aumento para os cobradores nem para os motoristas porque não aumentavam as passagens, e isso os insuflou a quebrar nossa entidade que funcionava no Lago das Rosas.

Voltando um pouco atrás, nesse episódio do cinco de março, fizemos um projeto escrito por Péricles José de Moura, irmão do Antônio José de Moura, que também era nosso colega, secretário geral da União Goiana dos Estudantes Secundários, e que falava e escrevia muito bem. Ele participou ativamente da campanha do Mauro Borges e morreu nesse período, em um avião. Péricles e José César Filho, que também escrevia bem, fizeram um projeto de doação de uma boate no Lago das Rosas para a União Goiana dos Estudantes Secundários. Lotamos a Assembleia e conseguimos a aprovação. Nessa época tínhamos um deputado eleito pelos estudantes, que era o Cristovão do Espírito Santo. Ele apresentou o projeto, lotamos a assembleia e o clima na época era totalmente favorável e foi aprovado. Construímos um restaurante lá.

Contarei outro episódio que também foi grandioso, embora não tenha tido a grande repercussão que esse outro teve; foi um fato inusitado. Foi contra o aumento de passagem. Insuflaram os motoristas e eles invadiram a entidade. Não havia quase ninguém lá. Estava o Antônio Leone, o Roosevelt, se não me engano, enfim tinham algumas pessoas por lá. Eles chegaram, tiraram as alavancas dos ônibus e quebraram as máquinas. Deram pauladas na cabeça do Antônio Leone, que teve ferimentos. Quase que estraçalharam com o nosso escritório. Então, conclamamos novamente todos os estudantes para uma manifestação contra um ato de selvageria, contra os proprietários dos ônibus. Dissemos que iríamos quebrar todos os ônibus, e o Lago das Rosas encheu. Compareceram cerca de seis mil estudantes (A ditadura me mostrou, quando fui preso, dando guarda com um fuzil lá porta). Então, seguimos. Havia um posto onde eles abasteciam, chamado Bode Cheiroso; quebramos tudo. Tentamos colocar fogo, mas como era óleo diesel, não conseguimos que queimasse tudo. Fomos mais para frente, no depósito

dos ônibus. Tinham uns dez ônibus que estavam para conserto, porque todos os ônibus prestáveis tinham sido levados para Trindade. Os ônibus que estavam no depósito foram esvaquiados. A garagem veio abaixo, arrasamos o negócio. A polícia chegou - aquilo já estava parecendo vandalismo. O comandante era o Miguelão, que depois foi cassado pela revolução. Ele era um excelente professor da Católica, e era um nacionalista, e nos apoiava. Ele pediu, então, que disfarçássemos; a ordem que ele tinha era de prender os líderes, mas ele não faria aquilo porque éramos idealistas. Ele tinha ordem para prender, mas ia dizer que tínhamos voltado tranquilos. Assim fizemos e o carregamos.

Esse episódio também nos deu uma credencial muito grande, pois a passagem aqui acabou sendo uma das mais baratas do Brasil.

Outra coisa que não aumentava de valor aqui eram os ingressos de cinema. Fazíamos fila boba no cinema para que não entrasse ninguém. Fila boba é o seguinte: Você pega cinco, seis, dez pessoas suas e entram na fila para comprar o ingresso. Chegando a vez, você conversa com o atendente, pergunta sobre o filme, enrola, e depois o próximo faz a mesma coisa, com a mesma conversa; aí as pessoas que estão na fila desistem de entrar, pois são impedidos dessa forma. Aqui tinha o cinema mais barato do Brasil, não aumentava. Não deixávamos aumentar.

Éramos nacionalistas. Eu e o Péricles até fundamos um jornal, que acho que foi um dos primeiros jornais alternativos, o Mogno. A Rio Intex, que era uma firma alemã, fazia a exploração do mogno no norte de Goiás, que hoje é Tocantins. Isso aconteceu em 1961. O Mogno deve ter tido no máximo três números, pois era um negócio dispendioso, meio complicado. Era um jornal impresso. Quem financiou o primeiro número foi o Eliezer Pena, que era secretário não me lembro de que. Era um jornal gratuito, entregue de mão em mão. Entregávamos nas entidades, nas repartições. A tiragem era pequena, pois era uma experiência que estávamos fazendo. Era mais por motivos políticos, para chamarmos a atenção para a exploração de uma riqueza nossa que estava sendo despendida, porque eles não cumpriam o contrato de tirarem uma, plantarem duas.

Havia também muita exploração de minérios mais ou menos clandestinas, ou que não obedeciam as normas. Pegamos uma veia de defesa do patrimônio brasileiro, do subsolo, do solo, das riquezas naturais. Éramos muito atentos a isso.

Com a participação na política estudantil, éramos muito requisitados por todo tipo de entidade que congregavam estudantes, operários, enfim, toda a sociedade organizada ou em tentativa de organização; nós éramos convidados a ajudá-los. As carroças, por exemplo, que chamávamos de ex-

presso beijudo, charretes, eram praticamente o transporte oficial de Goiânia, carregavam mercadorias de um lado para outro. Os carroceiros tentaram fazer uma greve, foram na entidade, e nós hipotecamos todo o apoio. Fizemos a greve e saíram vitoriosos. Tínhamos muita força.

Tínhamos tanta força que Juscelino para candidatar-se a senador aqui, pediu a nossa autorização. Dissemos a ele que não tínhamos nada a ver com aquilo. Ele disse que não queria apoio e achava que nem iríamos apoiá-lo, mas só queria que nós não nos opuséssemos.

Uma nota que soltávamos era algo fortíssimo, a imprensa publicava na hora. Fizemos muitas notas condenando várias coisas que não me recordo agora.

Essa participação no movimento estudantil chamava a atenção de muitos grupos aqui. Participamos da campanha do Mauro Borges. Com essa presença na mídia, presença de destaque na política goiana do movimento estudantil da época, fomos cortejados por tudo o que era grupo existente. Trouxemos João Amazonas, e porque fizemos isso? Primeiramente não foi por ele, nem pelo PCdoB, foi movido pelas divergências sino-soviéticas - divergências da Rússia com a União Soviética. Líamos aqueles 20 pontos que os chineses escreveram criticando o Partido Comunista da União Soviética. Discutíamos aquilo e achávamos que estavam corretos. O PC do B distribuía esse material e achamos muito interessante, pois o PC do B era aliado da China e defendia a luta armada. Nós éramos pela luta armada. Nesse momento já éramos pela luta armada. Isso já nos atraía.

Antes disso, participamos do Movimento Tiradentes, movimento pela reforma agrária liderado pelo Francisco Julião que era apoiado por Cuba. O Movimento tentou a guerrilha no país. Teve sete dispositivos armados. Eu mesmo fui para um na Bahia e comandi trinta homens por lá, no mato. Isso merecia um romance, pois é a coisa mais hilariante que já vi. Fui fazer guerrilha no sul da Bahia, em Itanhém. Fiquei um ano por lá e a coisa abortou. Era um negócio tão absurdo que nem vou me alongar nisso. Isso aconteceu mais ou menos em 1961.

REFORMA AGRÁRIA NA LEI OU NA MARRA

Foi em Minas. Aconteceu um congresso de camponeses em Belo Horizonte. De lá a cúpula da política do Julião saiu e foi para Tiradentes. Era o Movimento Tiradentes para fazer reforma agrária na lei ou na marra. Era o lema “Reforma agrária na lei ou na marra”. Tínhamos sete dispositivos armados. Eram sete, mas dois nem vingaram, só começou e já acabou. Tinha um aqui em Goiás, em Dianópolis; outro em Serranópolis, no Mato Grosso;

outro na Bahia, onde eu estive e comandava 30 homens com armas e tudo. Plantamos uma roça, pois não tínhamos nada para fazer. Tínhamos dinheiro para danar, para comer bem, mas não tínhamos nada para fazer. Até que a polícia foi e aí vi os guerrilheiros que eu tinha. Chegou a polícia, eu estava com pouca gente. O restante já estava se transferindo para um lugar mais apropriado, que era mato, pois estávamos em um lugar que tinha um povoado, tinha gente. Eu estava organizando para sairmos de lá.

Chegaram três policiais, e os caras quando viram a polícia sumiram. Lá eu era professor, era médico - fiz operações, curei muita gente. Meu nome era famoso lá. Plantamos uma roça com verduras à vontade. Tentamos vender na cidade, mas ninguém comia verdura. Mudamos de lá e fomos para o meio do mato mesmo. Compramos uma mata que tinha muito jacarandá. Ficamos lá por um tempo, até que surgiram denúncias. O negócio foi se esvaziando, a polícia chegando e eu saí de lá. Dispersamo-nos.

Em pleno governo, em plena democracia, queríamos tomar o poder. Éramos entusiastas. Não tínhamos nada a ver com comunistas, éramos nacionalistas e queríamos fazer a revolução, fazer a reforma agrária. Nessa época existia uma discussão muito interessante pelas reformas de base: reforma agrária, reforma urbana, reforma bancária, reforma educacional. As nossas principais eram a reforma agrária e a reforma educacional - contra o acordo MEC-USAID, e toda interferência dos Estados Unidos na educação no Brasil.

Participamos do movimento pelo direito de sargentos e praças se candidatarem. Em setembro de 1963, fomos a Brasília. Os sargentos tinham uma organização para tomar o poder. Estavam organizados no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, em Brasília e em Pernambuco. Na época, eram os sargentos quem comandavam os quartéis. Os armamentos estavam nas mãos deles. Participamos desse movimento como braço civil. Eu morria de medo da Operação Bandeirante me perguntar sobre isso, porque dei guarda no comando da Marinha, prendemos os militares da base aérea, da base naval.

O MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO PAULO FREIRE

Na verdade, quando conheci e trabalhei com Paulo Freire, eu já estava bem politizado. Conhecia o que era esquerda, o que era direita. Nessa época eu já estava no PC do B. Eu e Sebastião Tavares de Moraes fomos contratados para trabalhar na Fundação Brasil Central com o Paulo Freire. Fomos e fizemos um curso com o Paulo. Conhecíamos Paulo Freire dos jornais, pela revolução que ele estava fazendo na educação, pelo seu método de alfabetização de adultos. No Brasil, a porcentagem de adultos analfabetos era muito grande. Então, Paulo Freire, pegando essas estatísticas, ela-

borou um método barato e diferente para educar, para ensinar pelo menos a ler, escrever e fazer contas; enfim, para alfabetizar o analfabeto.

O analfabeto não tinha direito a voto; não votava e não podia ser votado. Havia uma discriminação muito grande, e Paulo Freire, sensível a isso, bolou um método que tinha o seguinte slogan: A alfabetização pela conscientização. Dentro de um mês as pessoas aprendiam a ler e a escrever com apenas uma hora de disponibilidade diária, porque trabalhavam.

A princípio, o método de Paulo Freire foi criado para a zona urbana, voltado para a alfabetização dos operários e os analfabetos que tinham na cidade. Os motivos que usavam eram coisas que encontravam na cidade. Paulo fazia uma pesquisa do universo vocabular do grupo que seria alfabetizado. O que era essa pesquisa do universo vocabular? As coisas sobre as quais eles conversavam: os sentimentos, a vida deles. Tanto é que o primeiro projeto começava com um tijolo, que é um elemento da construção civil. Usavam slides.

A filosofia era a alfabetização pela conscientização. A pessoa era o sujeito e não o objeto da história, como vinha acontecendo. Era despertar no indivíduo a consciência do papel importantíssimo que ele tinha na sociedade.

Como o método Paulo Freire inicialmente era voltado para a zona urbana, ele queria recrutar pessoas que tinham entendimento de campo para ajudá-lo a fazer uma adaptação do método dele da cidade para o campo, fomos escolhido. Eu tinha uma experiência muito grande de vida camponesa: eu era um estudioso do campo, eu sabia, tinha na cabeça toda a realidade, todos os livros sobre reforma agrária, minha origem estava no campo, onde vivi por muitos anos. Eu que tinha um entendimento do problema camponês, gostei muito da experiência. Fizemos um levantamento, montamos um núcleo, formamos cerca de oitenta orientadores para trabalhar no campo, nas comunidades, ligas e associações camponesas. Naquela época ainda não existiam os sindicatos, estavam começando a se sindicalizarem.

Era um projeto grandioso para acabar com o analfabetismo no Brasil. Era rápido e barato, quase de graça. Porém, foi abortado. Quando voltávamos para o campo e começávamos a experiência, veio o obscurantismo com o golpe militar.

O GOLPE

Antes do golpe, o Brasil vivia uma fase, um momento político superinteressante. Uma efervescência de discussões culturais, políticas para

dar um novo rumo ao país. Reformas, que já mencionei anteriormente, reforma agrária, reforma da educação, reforma urbana. Era um momento riquíssimo na vida do país. Foi onde surgiu o CPC da UNE. A UNE teve um destaque muito grande no Brasil inteiro nessa época, e Aldo Arantes, um goiano, era seu presidente. Sua época coincidiu com esse grande despertar político da juventude. E não era só a juventude, nesse momento surgem muitas pessoas que hoje são ilustres como Ferreira Goulart, o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) no Rio de Janeiro. Na área cultural, o Centro Popular, muitos cantores, de protestos inclusive, propostas interessantes com participação muito grande na vida cultural do país. Na vida política então, nem se fala.

Nessa época em Goiânia, participávamos da vida política; da vida cultural era mais difícil. Era o tempo em que a Record realizava os festivais de Música Popular Brasileira.

Quando veio o golpe, eu estava em Brasília. Invadiram a minha casa em Goiânia, casa da minha tia; minha mãe não morava aqui, morava em Mineiros. Cercaram a casa da minha tia, que era o endereço que eu tinha, cercaram, invadiram, maltrataram as pessoas. Tiraram todas as minhas coisas: livros, roupas, tudo. Saquearam. Eu morava na Rua 9, no Centro.

Fui convidado a fazer depoimento, fui arrolado no IPM (Inquérito Policial Militar) . Consultei o pessoal, que disse que era melhor não ir porque eu tinha um passado muito forte em Goiás e era bem possível que ficasse, não iria sair facilmente e poderia ser maltratado. A turma do partido recomendava que não comparecêssemos atendendo o chamado do IPM – Inquérito Policial Militar. Não fui porque a amostra que eles deram já era suficiente para que não fosse. Invadiram, pegaram as coisas, maltrataram e empurraram minha tia. Pegaram as fotografias, inclusive a que eu estava dando guarda na UGE com um fuzil, a da passeata dos 10.000 com todos armados, levaram todas.

Tentamos reagir ao golpe esperando que o Brizola pudesse levantar como ele havia feito em 1961. Ele tentou abortar o golpe, como fez em 61, e nós participamos aqui com Mauro Borges. Fomos fazer treinamento na Polícia Militar, aprendemos a montar e desmontar armas, metralhadoras, fuzil. Mas ficou apenas nisso, o golpe foi abortado, a rede da legalidade acabou prevalecendo. O Terceiro Exército reagiu contra o golpe. Os militares tem essa ética: se um comando forte não apoia e testa o movimento, eles dão um jeito de contornar. Eles nunca brigaram entre si.

Em 1964, não houve isso. Houve uma tentativa, mas o compadre do Jango, o cara de São Paulo, Amaury Kruehl, ficou naquela história até aderir completamente. O Rio Grande do Sul também não teve condições; era o

Bevilacqua, se não me engano. Brizola foi até lá tentar, mas não conseguiu e o golpe triunfou. Em Brasília o comandante era o general Fico, que dava declarações de que eles não iriam tomar o poder.

Estávamos reunidos no Teatro Municipal de Brasília, com o general Fico, e as notícias que o negócio estava sendo tomado e que eles estavam deslocando tropas para Brasília foram chegando. A única ação de tentativa feita foi o Grupo dos Onze, que eu, no começo, participei. Sebastião Abreu também participou ativamente, mas nada foi para frente. A força prevaleceu, eles estavam determinados. Acabaram com as resistências. A União Goiana dos Estudantes Secundários foi invadida. A UNE também foi invadida, depredada, queimada, destruída e o golpe se consolidou.

A CLANDESTINIDADE

Nessa época, como eu estava em Brasília, eu já tinha tirado um passaporte, mas fui para o campo a mando do PC do B, que era uma estratégia que se dá depois na Guerrilha do Araguaia. A estratégia era fazer movimento de apoio, de conscientização e de organização dos camponeses ao longo da Belém-Brasília. Eles ainda não tinham controle da saída do país. Ainda não tinham o controle de quem podia e quem não podia sair. O negócio foi apertando e fui para o mato. Fui mais cinco companheiros, depois chegaram mais. Levamos umas armas, um negócio maluco.

Era município de Peixes, norte de Goiás, próximo a Gurupi. Lá já tinha tido uma história de resistência de camponeses; então, fui procurar os caras, fiz reuniões. Eram camponeses tradicionais, os Dantas.

Apoiei-me em um ranchinho que havia lá. Não me lembro de quem era aquilo, se estávamos lá invadindo ou não. Ficamos no mato fazendo visitas, procurando essas pessoas. Tinha o Geraldão, que era um cara até meio folclórico na região, de tradição de luta. Era um negócio difícil, mas era o que estávamos fazendo. Primeiro procuramos discutir com essas pessoas. Procurávamos motivá-las para uma organização que pudesse vir a apoiar um movimento futuro, que era a quinta tarefa. A quinta tarefa no PC do B era conhecida como a luta armada. Fiquei por lá menos de um ano. Éramos meio estranhos por lá, mas estávamos em um lugar despovoado, tinha poucos habitantes. Lá apoiamos uns caras conhecidos. Tinha o Francisco, que já havia participado do movimento e me ajudou muito. Éramos cinco pessoas. Era para o Partido mandar mais pessoas, mas os planos foram mudando.

Contraí uma malária e quase morri. Eu me dava como morto, pensava que dali não fosse sair.

O TREINAMENTO NA CHINA

Já em 1965, fui para a China. Acharam importante me mandar para a China para que fizesse um curso de capacitação política e teoria militar, já prevendo a Guerrilha do Araguaia. Fui eu e mais dez pessoas. Entramos pelo Paquistão, tranquilos, sem problemas. Tínhamos um intérprete e ficávamos isolados em uma Casa do Exterior, que recebia pessoas do mundo inteiro. Era tudo compartimentado, nenhuma delegação entrava em contato com a outra. Estávamos clandestinos na China. A China era o “capeta” naquela época. Então, se fôssemos vistos, estávamos lascados.

Fizemos o curso de capacitação política e conhecimentos militares. Todos achavam que esse curso de conhecimento militar era para treinamento de guerrilha, mas não era nada disso. Falavam que não precisávamos de armas, que pegaríamos as armas do inimigo; que lutaríamos com as mesmas armas deles e que tínhamos que nos capacitar em tomar as armas, e usar os recursos que o povo, que a sociedade tinha. Podíamos ter as armas das mais modernas em nossas mãos, mas se não tivéssemos a consciência, se não tivéssemos uma linha de massas, se não tivéssemos o apoio da sociedade, dos operários, dos camponeses, não adiantava ter armas. Diziam ainda que arma por arma eles tinham muito mais que nós. Isso era exemplificado inclusive com os dados da Revolução Chinesa, com os exemplos que eles tiveram.

Foi bonito. Na Revolução Chinesa foram conquistando províncias, conquistando povoados, foram administrando. Eles faziam reformas no que havia sido conquistado. Reforma agrária, que era a principal, reformas de distribuição de renda. Eles não chegavam simplesmente e faziam. Eles organizavam o povo para que fizessem. Eles pensavam da seguinte maneira: se eles pegassem e fizessem, o povo não daria valor. Então, o próprio povo é que tinha que participar e fazer. Era muito bonito, e com isso eles foram tomando o campo e cercando a cidade. A batalha principal se deu no final, quando Chiang Kai-Shek teve que fugir.

Para mim, essa experiência foi muito rica. Passei a conhecer o Brasil de forma diferente do que eu conhecia. Conheci muito mais o Brasil lá na China do que em nossa participação aqui. Eles nos conheciam melhor do que nós.

Terminamos o curso e voltamos. A única entrada e saída era pelo Paquistão. A ideia era Paquistão, França, ou Suíça, e daí para o Brasil. Ninguém saberia que tínhamos ido à China porque não tinha carimbo, não tinha nada. A escala que fazíamos no Paquistão, vindo da China, era escala técnica como fizemos na ida. Só descemos para almoçar e para que abastecessem o avião. Na volta seria a mesma coisa; mas no ar, antes de chegarmos, recolhe-

ram nosso passaporte. Eles não tinham que ter feito isso, pois não permaneceríamos lá. Era só uma escala técnica, não sairíamos do aeroporto. Pegaram nossos passaportes. Conversamos com o chinês que estava nos guiando e ele nos orientou que entregássemos, pois não teríamos o que fazer. Entregamos, e eles filmaram o passaporte e mandaram aqui para o Brasil.

A CIA já tinha forte influência no Paquistão. Era uma luta ter influência dos Estados Unidos e da China no Paquistão, mas eles conquistaram uma brecha. Tanto é que fizeram esse tipo de coisa que não tinham que fazer.

Fomos para a França, e já estavam fazendo estripulias aqui no Brasil. A CIA e o governo brasileiro já sabiam quem tido ido à China. No Paquistão carimbaram nosso passaporte, e mesmo se não tivessem carimbado, haviam fotografado. Fotografaram-nos também e mandaram para cá, para o governo brasileiro. Nessa época o controle dos Estados Unidos, do imperialismo, seja dos Estados Unidos ou de outros países aliados liderados por eles, foi muito grande no mundo. Era a Guerra Fria que estava se esquentando na verdade.

Fomos para a França e ficamos lá por um tempo. Tínhamos ido a todos os países da América Latina pedir visto: Argentina, Uruguai, Bolívia, Colômbia; primeiramente nesses de fronteira. Depois nos outros: Equador, Panamá, e ninguém dava o visto. Fomos à Guiana Francesa, que faz fronteira com o Brasil, e também não conseguimos. Fomos ao chamado Porto Livre, na Guiana Inglesa. Deram o visto e ainda questionaram o porquê dos outros não darem. Disseram que se estávamos querendo conhecer o país deles, porque não dariam? Deram o visto e compramos as passagens.

Na Guiana Inglesa, compramos as passagens e fomos para a Guiana Francesa. Lá alugamos um teco-teco, um aviãozinho, e descemos em uma cidade que faz fronteira com o rio Santo Antônio. Eles tinham um controle na fronteira, tinham um posto. Nosso passaporte estava carimbado de Orly, na França, e quando descemos o cara pediu os documentos, o passaporte. Mostramos o passaporte, e ele perguntou por que Orly? Dissemos que estivemos na França, passeando por lá. Arranhávamos um pouco de francês, e explicamos. Atravessamos em um barquinho para o lado de cá. No lado de cá, tinha o avião da Cruzeiro do Sul que passava de 7 em 7 dias, ou 5 em 5 dias, e que fazia a rota da Guiana Francesa, passava nesse Santo Antônio e ia para Belém e Macapá. Compramos as passagens e esperamos uns quatro ou cinco dias até o avião passar. Viajamos. Fui para Belém, Tarzan para o Macapá, outro para não sei onde.

Em Belém, como já estava no Brasil, rasguei o passaporte. Joguei fora, pois não podiam me pegar com aquele passaporte informando que

fui à China, entre outros lugares. Fui para o Rio de Janeiro sem problemas. Eles ainda não tinham um controle maior.

Nós éramos visados. O Tarzan era muito conhecido. Todos já estavam visados - os guerrilheiros que tinham ido fazer o curso na China. Mas aqui ainda não tinha essa perseguição, como depois do AI5. Depois do AI5 o negócio mudou. Mas nós que já éramos visadíssimos, a clandestinidade era severa, cuidávamos bem disso.

Chegando da China, nos apresentamos para partido. Demos informes do curso, da nossa viagem. Entregamos uns dólares que haviam sobrado. Na China nos deram um dinheiro. Como aconteceu esse contratempo em que tivemos que ficar por mais tempo na França do que estava previsto, conseqüentemente, gastamos muito mais. Eu fui à Embaixada Chinesa na França, contei a história, disse que estávamos sem dinheiro e que queríamos ajuda. Eles deram dinheiro, que sobrou inclusive, e devolvemos para o partido quando fizemos a prestação de contas.

Fui para São Paulo, me apresentei para o partido, que me mandou para o Mato Grosso do Sul. Fui parar na primeira experiência de colonização agrícola, uma espécie de reforma agrária que Getulio Vargas fez. Na cidade de Dourados, que hoje é uma cidade próspera, grande, foi onde começou essa reforma. Fui trabalhar. Lá houve um forte movimento, o Partidão tinha uma grande influência lá. Havia muitos simpatizantes dos partidos políticos, do PCzão. O PCdoB tinha contato com eles e trabalhamos bastante juntos. É uma historia muito interessante.

6ª CONFERÊNCIA DO PCdoB

Fomos convocados para a 6ª Conferência do Partido Comunista do Brasil, onde surgiu aquele documento: “União dos democratas contra a ameaça neo colonialista no país”. Participei dessa conferência e já tinha fortes divergências. O pessoal que veio da China tinha outra visão. Tanto é que eles podaram muitas pessoas para a essa conferência.

O pessoal com quem tínhamos contato, o pessoal que foi à China, e outros que preparamos depois que voltamos de lá, foram boicotados na 6ª Conferência. Grande parte não pôde ir, não todos. Não sei o critério usado para chamar o pessoal, mas o dedo político é certo que tinha.

Lá tentamos, fizemos críticas, mas o clima era mais favorável a eles. Nós estávamos em número inferior. Fizemos críticas, mas acabamos aprovando com ressalvas os documentos da 6ª Conferência: “União dos democratas contra a ameaça neo colonialista”.

Chegamos com uma capacidade política de argumentação muito forte. Conheci o Brasil lá na China. Eles sabiam muito bem do Brasil, das influências dos países aqui, dos interesses econômicos bem em detalhes. Eles sabiam dos movimentos sociais, pediram muita informação sobre a AP. Naquela época a China precisava de apoio além do PC do B, que era o canal deles. Eles pediam informação de todo o movimento social, e eles conheciam mais do que nós. Dávamos as informações que tínhamos, mas eles conheciam mais.

Sáimos, fomos mandados de volta ao Mato Grosso do Sul, mas já não fui para a colônia agrícola de Dourados. Percebi que estava limitado para fazer trabalho político. O Diniz, que também foi à China, estava em São Paulo; fazia um trabalho importante por lá e tinha o controle do partido em suas mãos. Ele e sua turma. Acabamos fazendo um QG em São Paulo. Eu vinha do Mato Grosso do Sul, mas estava mais em São Paulo. Fomos juntando, sabendo das perseguições do Comitê Central contra companheiros nossos e, por isso, nos organizamos como Ala Vermelha do PC do B. Em São Paulo, praticamente todos do partido ficaram na Ala Vermelha; no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, o partido ficou quase a zero.

Partimos e fizemos um documento de crítica ao documento: “União dos patriotas para defender o país da ameaça neo-colonialista”. Fizemos um documento de crítica. Foi um documento muito bem escrito, mas bem chinês. A realidade é que tínhamos aprendido muita coisa. O documento é bom, até hoje ele é bom. Com ele organizamos a Ala Vermelha no Brasil inteiro.

OPERAÇÃO CONDOR

Lembro-me bem do Governo Abreu Sodré, de 1967 a 1970, em São Paulo. Todos os hotéis eram obrigados a, quando o hóspede fosse se hospedar, fazer uma ficha e mandar para o DOPS. Na época do Abreu Sodré organizaram a chamada Operação Bandeirantes. Lembro-me do Abreu Sodré falar isso na televisão. Operação Bandeirantes, que mais tarde veio resultar no DOI-CODI. Eles institucionalizaram a Operação Bandeirantes, que era clandestina; não era legal, mesmo na ditadura.

Já era um terrorismo. Era difícil para os que estavam sendo perseguidos alugar um quarto, ou uma casa. Tínhamos que alugar em nome de pessoas que estavam totalmente legais e pudessem apresentar uma ficha limpa. Para se hospedar em qualquer hotel, tínhamos que ter muita cautela, pois as fichas eram encaminhadas para essa Operação Bandeirantes, para o SNI ou para o DOPS, não sei para onde eram encaminhadas direta-

mente. Lembro-me da polícia de São Paulo fazendo essa divulgação, dizendo que era obrigatório, pois havia muitas pessoas tentando acabar com a democracia; muitos elementos terroristas; então, precisavam de um pente fino para essa questão.

A Operação Bandeirantes teve seus financiadores, a Ultragaz, Boilelsen, que era de uma companhia de gás, era financiador da OBAN. A comida era ele quem pagava, além do dinheiro que dava.

Estive agora em Brasília, na 12ª Conferência Latino Americana dos Direitos Humanos. Um promotor de Justiça Federal está fazendo um levantamento; levantou o problema de que não eram só os militares, o golpe militar aparecia com mais evidência, mas era através do financiamento de empresários. Ele citou o Boilelsen, e o pessoal da FIESP também financiava os torturadores.

Muita gente boa que não sabemos ainda, mas isso está sendo levantado e acho que deve ser apurado e cobrado. Esse estudo que o promotor de São Paulo está fazendo é superinteressante. Ele disse que ainda tinha reservas, muitas coisas que ele tinha já pegado uma trilha, mas que ainda não poderia dizer porque ainda tinha que provar tudo. Ter prova cabal da participação desses grupos.

Outra coisa que achei interessante foi a Operação Condor. Foi impressionante o controle que o SNI com a CIA tiveram na América Latina e no mundo inteiro. Sobretudo na América Latina com os golpes. Teve golpe aqui no Brasil, no Chile, no Uruguai, na Argentina, e na Bolívia. Houve um cerco total em implantação de governos títeres da política dos Estados Unidos.

O Uruguai, que era um país considerado a Suíça brasileira, era superdemocrata, recebeu o golpe. Colocaram militares. Foi Uruguai, Argentina, Chile - com a morte e o golpe que deram no Allende - a Bolívia, que também sempre teve golpes militares.

Essa Operação Condor, que era organizada pela CIA e tinha como um de seus líderes o Pinochet, com o DINA que é o SNI do Chile, tinha o controle de movimentação de pessoas por todo o continente. Houve muitos assassinatos a mando dessa operação. Muitas pessoas desapareceram. Desconfiam, e até falam, que o Jânio foi morto por atentado, e que não teria sido natural a causa de sua morte. Teria sido atentado dessa Operação Condor e de toda essa organização. Quem levantou esse fato com detalhes de nomes, com publicações em jornais, foi um paraguaio. É muito interessante esse levantamento que ele fez sobre a Operação Condor. Existem muitas pessoas no Brasil e na América Latina que participavam.

A ALA VERMELHA

No AI5 eu estava em São Paulo, que era nosso QG. Já existia uma dissidência nossa com o PCdoB. Éramos uma ala chamada Ala Vermelha, por influência da revolução cultural chinesa. Chamávamos o outro grupo de ala branca. Havia uma forte influência chinesa, e o que tínhamos aprendido lá não tinha quase nada a ver com o que nós e o partido fazíamos aqui. Ficamos descrentes com a situação e organizamos uma ala. Os criticávamos por que só falavam em luta armada e não tomavam nenhuma providência. Na verdade acho que até estavam tomando com a Guerrilha do Araguaia. Nós falávamos que faríamos a luta armada, mas acabamos não saindo da cidade. Falamos, mas também não fizemos porque não éramos foquistas, embora nosso documento de crítica tivesse muita coisa de foco.

Não acreditávamos que era possível acontecer como aconteceu em Cuba, em Serra Maestra. Tínhamos que fazer algo mais sofisticado, pois nossa realidade era bastante diferente do que foi em Cuba. A análise que se fazia do país era que o Brasil era eminentemente agrário. Até o Mari ghella fez uma graça dizendo que aqui os mamões eram barras de ferro, e que a luta no Brasil, o campo até poderia ajudar, mas o fundamental seria a cidade - essa era a crítica dele. Dizia também que para se fazer revolução não precisava pedir licença a ninguém, cada um poderia participar da maneira que quisesse. Teve esse movimento da Aliança Libertadora Nacional que se fortaleceu bastante porque dava liberdade para fazerem o que bem quisessem, desde que fosse para fazer a revolução.

A Ala Vermelha conversou com Marighella. Tínhamos contato com todos, mas tínhamos também nossas reservas. Tínhamos uma política de segurança muito apurada. Sabíamos das dificuldades, das infiltrações que aconteciam, éramos bem conscientes, mas acabamos também sendo vítimas disso.

Tínhamos um forte movimento estudantil em São Paulo, e com o AI 5 os líderes do movimento estudantil e os do já incipiente movimento operário foram perseguidos. No depoimento para o livro falo em quinze pessoas que foram para a clandestinidade, mas na verdade eram mais. Mas, de qualquer forma, as lideranças, tanto estudantis como operárias e os funcionários públicos, que também eram muitos dentro da nossa organização, foram caindo na clandestinidade. Tiveram que abandonar os empregos onde estavam para conseguir outros empregos em fábricas ou escritório de pessoas que eram simpatizantes. Mas a maioria ficou desempregada e sem condições de subsistência.

Partimos, então, para aquilo falei. As finanças eram contribuições de simpatizantes, daqueles que estavam na produção; da venda de material que produzíamos; finança tradicional. Tínhamos aliados que também colaboravam, mas isso já não dava mais. Tínhamos a necessidade de acudir esse pessoal, senão iam sendo presos. Eram muitas pessoas na clandestinidade. Então, fizemos uma reunião com a nossa direção e foi aventado que teríamos que fazer umas requisições. Nós fomos os primeiros a fazer expropriação no Brasil nesse período. Não sei se anteriormente tinham feito ou não. Não conheço na história.

Acuados pela ilegalidade, e com a prisão de alguns, tínhamos a necessidade de dar guarida para esse pessoal, alugar casas, dar dinheiro para a sobrevivência. Reunimos com a direção do partido, com as pessoas mais seguras e tomamos a decisão de usar um método não tradicional de finanças. Iríamos expropriar o capital monopolista imperialista que sempre sugou o Brasil. Era dinheiro que deviam para nós. Combinamos que iríamos usar esse método de expropriação do capital monopolista imperialista no Brasil. Como achavam que eu havia me destacado e feito um bom curso militar na China, que eu era um exímio atirador, principalmente à noite - eu havia aproveitado bem o curso militar, as estratégias - escolhi quatro pessoas, comigo cinco, um pequeno grupo para fazermos levantamentos. Não usaríamos essa expropriação como luta política, decidimos que não faríamos a divulgação disso. Iríamos expropriar, mas não divulgaríamos nem usaríamos isso politicamente. Essa ação era para cobrir uma necessidade específica momentânea, não salvaria ninguém. Não garantiria a revolução, mas era uma contingência de momento. O que iríamos fazer? Iríamos pegar o inimigo desprevenido, em movimento.

Tínhamos uma informação, de pessoa nossa que trabalhava no setor bancário, que havia um banco que recolhia dinheiro das fábricas e do comércio (naquela época o transporte de dinheiro era mais frágil). Ao invés da pessoa ir depositar, eles recolhiam, davam o recibo e levavam o depósito para a sede do banco. Os seguimos por umas três vezes, era sempre o mesmo trajeto. Atravessavam uma linha férrea, e concluí que a abordagem seria ali - um lugar mais afastado que ficava em Mauá. Vestiríamos-nos de ferroviários, uma pessoa ficaria com uma bandeirinha vermelha sinalizando a parada do trânsito, chegaríamos no motorista e o desarmaria. Meteríamos a arma, tomaríamos a chave do carro e pegaríamos os malotes que estavam dentro. Os pegaríamos de surpresa.

Fizemos o treinamento direitinho e bolamos um plano de fuga. Expropriamos um carro, o pintamos como um carro oficial, fizemos a placa, para termos liberdade para transitarmos, e demos esse golpe. Antes disso,

fizemos o treinamento no mato, designamos a tarefa de cada um, treinamos bem. Comentamos que era como tomar pirulito de menino. Tínhamos que estar em alerta e não nos apavorarmos. Fizemos o treinamento e fomos. Sabíamos a hora que ele passava nesse local. Fiquei afastado dando o comando para os outros. Quando o carro estivesse vindo, eu daria o sinal para que eles cercassem e parassem o movimento. Era pouco trânsito ali. O cara veio, parou, e ainda ficou olhando para trás conversando com os outros que estavam dentro do carro, sem a menor malícia. Nosso cara chegou, disse que não era nada contra eles e que só queríamos o dinheiro que estava lá dentro. Tomamos a chave, eles entregaram o malote. Nosso carro expropriado também estava ali, colocamos os malotes dentro, e mais na frente tínhamos um carro legal. Tínhamos feito exaustivamente o trajeto de como chegar com segurança na Avenida Brasil. Eu conhecia São Paulo como a palma da minha mão, rapidinho estaríamos lá em segurança. Essa a foi a primeira requisição do capital monopolista imperialista no Brasil.

O fato saiu na Folha de São Paulo como “cenas hollywoodianas”. A Folha de São Paulo ainda era um jornal pequeno na época. Deve ter saído em outros jornais também, mas me lembro bem desse “cena hollywoodiana”. Esse foi o primeiro, mas na verdade esperávamos que tivesse um numerário maior. O numerário era pequeno, cerca de 23 mil, o que deu um alívio, mas tínhamos que conseguir outra coisa melhor.

Fizemos mais um, agora em um banco mesmo. Um banco francês, que também tinha pouco dinheiro. Esses fatos aconteceram em 1969, em decorrência do AI5, que colocou todo mundo na clandestinidade. Assaltamos mais um banco, que também rendeu pouca coisa, 30 mil. Decidimos então fazermos um grande para pararmos com isso. Resolvemos assaltar o pagamento de uma montadora. Tinha o banco que fazia o pagamento dos funcionários. Seria essa uma grande operação. Uma fábrica enorme, um banco em frente à fábrica.

Tivemos a informação que os caras no dia do pagamento levavam o dinheiro há tantas horas. Sabíamos tudo, havia operários que nos informavam. Fizemos, e esse precisou de muita gente, era um negócio grande. Fizemos todo o levantamento, treinamento de como seria, passamos lá, demos uma olhada e fizemos o levantamento da situação lá. Na hora marcada, estaríamos lá. Ficaram esparramadas pessoas por diversos outros lugares. Levamos cabeças de prego e pregos para na saída jogar na estrada e os caras não terem condições de nos seguir. Tínhamos uns três carros, também expropriados, e para pegar esses carros foi outra ação que fizemos. Numa dessas, fomos pegar um carro e havia uns 10.000 dentro. Fizemos a ação, houve vários tiros. Não atirávamos para matar, pois daria muita complica-

ção e não era nosso objetivo. Queríamos o dinheiro para sobreviver. Essa ação rendeu muito dinheiro, cerca de 300 mil, naquela época era muito dinheiro. Um cara se apavorou com tantos tiros e ainda esqueceu um malote que era grande também. Foram tantos tiros e ninguém foi ferido, nem da parte deles, nem da nossa.

Aconteceram outras ações intermediárias. Requisitamos material de gráfica, tomamos uma rádio e colocamos nosso manifesto. Fizemos muitas outras ações nesse sentido em São Paulo, Santo André, principalmente no ABC. O interessante é que nosso propósito era bom. Nunca usamos esse fato como propaganda política. Ninguém sabia que era a Ala que havia promovido isso, nem a própria esquerda. Depois os outros também passaram a fazer, mas divulgavam manifestos no local que realizavam. Achávamos que essa divulgação não levaria a nada.

PRISÃO

Depois que aconteceram essas expropriações, a vigilância aumentou muito mais. Tínhamos que fazer muita coisa para concretizarmos uma expropriação dessas. Você tinha que expropriar um carro, trocar placa, treinar o pessoal, ter armas. Arriscávamo-nos muito nessas ações, mas fazíamos e nunca caímos em ação nenhuma. A expropriação não foi motivo para prisão. O que aconteceu para sermos presos foi aquilo que chamávamos de pequena burguesia rompendo as normas de segurança. Em São Paulo passou a ser um hábito fazer barreiras dentro da cidade toda. Tínhamos que nos locomover, mas sempre muito atentos para não cairmos em uma daquelas barreiras. Passei por algumas, parece que minha cara inspirava confiança e não mexiam comigo. Mas em uma dessas eu caí, e acho que foi um pouco de displicência minha. Eu estava levando placas e armas dentro do carro. Entrei em uma dessas barreiras e não tinha jeito de voltar. Em alguns lugares era assim, tentávamos evitar, mas às vezes era inevitável a passagem. Nessa eu estava sozinho, em um carro legal, mas com metralhadoras e placas roubadas. Eu estava passando, apitaram e me mandaram parar. Ali pensei que iria morrer. Eu era um elemento procuradíssimo, meu nome já havia saído no jornal. Parei, saí do carro, me mandaram abrir o capô. Como eu havia escutado o cara dizendo que o comandante estava para outro lado, virei como se fosse falar com esse comandante, peguei os documentos, coloquei no bolso e passei por eles. Quando viram, gritaram perguntando cadê o dono do carro e daquilo ali. Virou uma fuzarca. Nunca vi caminho tão cumprido, mas consegui sair e eles não me pararam. Eu já estava a pé. Meu carro havia ficado lá com as armas e as placas.

Eles estavam procurando pelo dono do carro, mas como aparentemente eu tinha vindo do rumo em que estava o comandante, só vi a confusão e passei tranquilo. Tranquilo assim, até com gosto de sangue na boca. Eu sozinho, em um carro com armas; se pegassem, aquilo era morte. Seria a coisa mais terrível.

Estava caminhando e na hora passou um taxi, entrei e disse para que seguisse. Foi um sufoco. Acho que se tivessem me pegado, na certa eu teria morrido. E iriam me matar na tortura, não iam atirar. Iriam me torturar para que eu dedasse os outros. Eles queriam pegar um peixe grande e a essa altura já saberiam que estavam prendendo o Mateus, o famigerado Mateus, que era meu nome de guerra naquela época.

Usei diversos nomes de guerra para me livrar da ditadura. Era Flávio, Mateus, Pedro, todos nomes bíblicos, mas escolhidos inconscientemente. O nome que mais pegou foi Mateus; e no Rio de Janeiro, Campos, que usei por muito tempo.

Salvei-me desse momento terrível. Fui até a casa do sobrinho do dono do carro, contei o que havia acontecido e falei para que caísse fora dali, que fosse embora. Fui até o lugar onde eu estava morando, organizei tudo, chamei o caminhão da mudança e fui para outro lugar. Fui a todos os outros locais e recomendei que estivessem atentos por causa do acontecido, falei para que saíssem de circulação, para que caíssem fora, deixassem tudo, que não voltassem mais àquele lugar. Eles saíram. Eu saí, mudei, tirei as coisas de onde estava morando, pois eles sabiam onde eu morava. Quem eles sabiam onde morava, eu avisei a todos. Tomei todas as providências necessárias para isso.

O cara que era o mais visado, seu tio era o dono do carro e sabia dele - era ele e o filho de um senador - saiu e depois voltou para ver se a polícia havia ido lá mesmo. Que inocência! Pegaram o cara, pegaram os dois. Bateram, eles não aguentaram e dedaram os outros. Mesmo assim, fui à casa de todos novamente avisar que ele havia ido lá de besta, praticamente se entregar, e havia caído.

Enquanto eu estava indo avisar um cara, chega a OBAN. Eu conhecia o carro deles, eles usavam um Veraneio. Passei de lado na rua, próximo a Veraneio e lá dentro estavam às armas. Pensei que ali nem dava para subir, se passasse alguém que fosse para o rumo da casa desse pessoal, eu já avisaria por ali mesmo. Eu estava correndo risco ali, porque meu nome já estava nos jornais. Tomei as providências cabíveis, mas outro cara também voltou ao local onde morava. Parece que eles não acreditavam. Foi lá e foi ganho. Foi preso e começaram a cair.

Um cara conhece daqui, outro conhece dali, e chegaram a mim. Até então ninguém sabia onde eu morava. Só eu, e o casal que morava também.

Fazíamos reuniões lá, mas iam todos em uma Kombi com os olhos vendados, no escuro, só abriam quando já estavam dentro da garagem. Tínhamos toda a segurança.

Já sabíamos que ninguém conhecia o lugar, mas não confiaríamos. Não faríamos como os outros fizeram. Antes, mandamos as mulheres com os meninos para a praia de Santos. Ficamos eu e o cara para tirarmos o material mais importante de lá, as armas, livros, documentos. Estávamos indo e, na esquina, disse para o cara para não demorarmos, pois já tínhamos ultrapassado o limite. Ele iria levar umas malas para a casa de um parente dele, e eu iria para onde estavam as mulheres. Já estava a um quarteirão para cima e o cara me gritou dizendo que deixássemos um sinal, porque o cara do Rio poderia vir ali. Falei que não era momento para que nos preocupássemos com aquilo. Ele continuou dizendo para fazermos um negócio, eu o perguntei o que ele queria fazer, lembrando-o que não podíamos demorar. Enquanto estávamos discutindo sobre aquilo ali, chegaram os veraneios da OBAN. Era polícia e mais polícia. Cercaram a casa por traz e pela frente.

Eu nessas horas consigo me manter tranquilo, mas ele ficou apavorado. Disse a ele que agora não adiantava e que só tínhamos dois caminhos. Tínhamos uma metralhadora, mas lá fora havia uns cinquenta policiais com armas melhores que a nossa. Pelo fundo não dava para sairmos, nem por cima, para lado nenhum, pois estava tudo cercado. Podíamos abrir fogo e matar uma meia dúzia, mas morreríamos também. Disse a ele que não trocava minha vida por meia dúzia de meganhas daqueles, não.

Em minha opinião o que tínhamos que fazer era deixar eles atirarem. Eles já chegaram atirando, mas estávamos dentro da casa, uma construção forte, com portas de madeira grossas. Eles davam muitos tiros. Enquanto eu estava dizendo para o cara que deixássemos que eles atirassem, que não resistíssemos e não trocássemos tiros com eles, e para que ficássemos quietos, eles deram uma rajada no vitrô e instintivamente o meu companheiro levou a metralhadora e deu um tiro para cima. Aí choveu bala. Disse ainda que já que havia provocado, que parássemos por ali e deixássemos que eles atirassem a vontade. O que poderíamos fazer é que quando parassem de atirar, fizéssemos outra provocação para que atirassem mais.

Estávamos vendo que o povo ia aparecendo, e eles eram covardes, não matavam ninguém na presença de muitas pessoas. Eles faziam a sacanagem e matavam escondido. O que poderia acontecer era morrerem na OBAN, mas aí pelo menos teríamos provas, pois a imprensa também estava lá. Prova de que nos entregamos em vida. Continuava a chegar gente. Os caras atirando em uma casa, que não tinha nenhuma reação lá de dentro,

causava curiosidade. Pipocaram toda a casa e em um dado momento vi que havia muita gente, tinha imprensa, tinha fotógrafo, saí na janela e gritei para que parassem, pois iríamos sair. Gritei bem alto me identificando, dizendo que era contra a ditadura. Disseram para que me calasse. Continuei falando e eles falaram para que colocássemos a mão para cima e saíssemos.

Quem tinha que sair na frente era eu. Coloquei as mãos para cima e fui. Ficamos receosos de levar logo um tiro, mas eu sabia que a ditadura brasileira era covarde, ela não fazia esses atos mais nojentos na vista de gente não. Prenderam-nos e nos pegaram pelos fundos, aquela posição mais incomoda em que você fica nas pontas dos pés. Olharam todos os quartos da casa. Revistaram, viram que não tinha ninguém. Pegaram a metralhadora. Prenderam-nos, eu saí gritando, me identificando. Não dava para ver a reação da população, só escutávamos pessoas questionando o que estava acontecendo, perguntando quem éramos, e eu gritava meu nome. Eu dizia que não éramos ladrões, nem terroristas como estavam dizendo, que éramos lutadores contra a ditadura. Os policiais me mandavam calar a boca, dando tapas para lá e para cá e nos jogaram dentro do camburão. Caíram muitos da Ala.

TORTURAS

Quando cheguei à OBAN foi a maior farra, chamavam todos para verem o famigerado Mateus. Um dos gaiatos deles pegou um fio descascado, ligou na tomada e colocou nas minhas costas, fui parar uns três metros à frente. Isso logo no início.

Sabíamos que eles só queriam saber de ponto e aparelho. Ponto era onde você encontrava os colegas, os camaradas. Você não sabia onde os amigos moravam, então nos encontrávamos em pontos: locais combinados com hora marcada. Aparelho era onde nos escondíamos, onde morávamos.

Falando em ponto e em aparelho, eu até criei uma história. Eu realmente fiz um tratamento de úlcera e disse que se quisessem conversar de fatos de seis meses para trás, poderíamos conversar, mas de seis meses para cá eu não sabia de nada, pois estava afastado fazendo tratamento. Eles disseram para que eu contasse isso para outro, e eu disse que era verdade. Eles realmente haviam pegado minhas chapas do estômago, que diagnosticavam que eu tinha úlcera. Mas isso foi pior, porque aí que eles metiam chutes no estômago.

Lá estavam em equipes. A equipe que me prendeu fez o primeiro interrogatório mais rápido, pois já estava na hora de passar para outra equipe. O cara me chamou em particular e disse que já sabiam que eu

era o chefe, dirigente da Ala Vermelha do PCdoB, que eu era o cara mais importante que tinha ali. Disse a ele que não havia nada disso, e que eu estava afastado. Conversa fiada. Eles disseram que muitas pessoas já tinham passado por ali, dirigentes, chefes importantes, que eles não haviam tocado neles, mas que eles haviam colaborado e por isso não havia acontecido nada. Eles citaram os nomes, mas eu prefiro não falar porque acho que pode ter sido mentira deles. Falei a ele que o que eu tivesse para falar, falaria na presença de todos, não precisaria ser em particular. Perguntei o que ele gostaria que eu falasse. Ele disse que queria que eu contasse sobre os pontos e os aparelhos. Falei que não sabia. Ele escreveu o seguinte para passar para a outra equipe: “Seu Mateus declara que não fala e que quer ver o machão que fará falar”. A outra era a equipe C, do capitão Albernaz, o pior torturador que eu conheci. Os dois maiores torturadores eram o capitão Albernaz e capitão Lisboa, mas quem se ocupou de mim foi o capitão Albernaz.

A técnica dele também era essa, ponto e aparelho. Primeiramente eles colocam na cadeira do dragão, que é uma cadeira forrada de metal, com zinco no encosto e no assento. É uma cadeira consistente, de braços bastante fortes. Ficávamos com os braços amarrados, eu e o cara que foi preso comigo, estávamos pelados, e ele estava sentado no meu colo, fomos torturados com choque elétrico. Davam o choque em mim, conseqüentemente passava para ele também, mas nós aguentamos. Já havíamos discutido que se gritássemos muito, você desfalecia, mas no choque elétrico não há desfalecimento. Isso era teoria furada. Você pode estar até em coma, que com o choque elétrico você reage. Choque elétrico é a pior tortura que existe. Eu estava amarrado, com o cara no meu colo, sendo torturado. As torturas deles eram nos menores locais, no dedinho, na orelha, mas enquanto estávamos em dois, era choque no meu dedo e no dedo dele.

Éramos tirados da cadeira e íamos para uma sessão de mangueira de ar comprimido. Aquelas mangueiras grossas que tem apenas um furinho, as pegavam e batiam nas costas. Para mim aquilo era fresco, eu chegava a achar bom, o pior era o choque na cadeira do dragão. Eu gritava muito porque na teoria achávamos que se gritássemos muito desfalecíamos. O cara disse que eu não podia gritar ali, porque o comandante era contra aquilo e chamaria a atenção deles. Eu continuava gritando, e ele pegou um pano cheio de fezes e urina e colocou na minha cara. Aquilo pra mim foi a pior tortura. Ele ficava segurando aquele pano contra meu rosto e eu disse a ele que podia tirar que eu não iria mais gritar. Não gritei mais. O cara torturava, e eu ficava teso sem falar nada. Agüentei a tortura quieto. Dali, falaram que eu ia para o pau-de-arara, que consiste em ficar dependura-

do entre dois cavaletes, com braços e pernas amarrados, com as pernas dobradas, com uma barra de ferro por debaixo das pernas, que era o que mantinha você suspenso entre os dois cavaletes. No começo não era nada, mas com o passar do tempo o corpo começava a doer. As juntas todas iam doendo. E se fosse só ficar dependurado, mas eles ainda vinham com o choque. Choque na língua, choque na orelha, choque no pênis, os lugares preferidos deles. Não sei bem por quanto tempo fiquei no pau-de-arara, só sei que saí de lá na posição de frango, do jeito que me tiraram de lá eu fiquei, não conseguia mover nada.

Tinha um cara que era da Polícia Federal, um negro forte, ia fazendo massagem em mim para que eu conseguisse me espichar, para que minha circulação voltasse. Essa era a tortura do pau-de-arara, que é a pior porque você fica com dor no corpo todo, nas articulações, nas costas, é um negócio terrível. Ninguém aguenta por muito tempo. Não sei bem o tempo que fiquei, porque com tanta dor, você perde a noção. Com dor, levando choque e você naquela situação. Foi a tortura que achei pior. A tortura e os choques na cadeira do dragão eu suportava bem, bem vírgula, mas dava para suportar. Saindo do pau-de-arara, o colocavam na cadeira do dragão novamente. Jogavam água com sal na estrutura da cadeira, que era de metal, e colocavam os fios. Os pontos preferidos deles para comigo foram as orelhas e o pênis.

As torturas aconteceram por quase duas semanas direto. Não sei exatamente quantos dias. Eu desmaiei, perdi a noção. Só me lembro de que meu braço, que era um lugar que eu tomava muito choque, virou um arco-íris de cores. Meu braço estava maior que a minha perna, inchado. Um negócio horroroso. Eu estava todo deformado. Tive uma paralisia renal porque chutaram muito na região das costas, e acho que o choque também ajudou. Os choques não eram de corrente, eles tinham magnetos; cheguei a levar choque de 400 volts. Eles usavam duas maquininhas, uma vez chegaram a usar três. Você estava amarrado, era terrível. Às vezes iam fazendo devagar, a situação era mesmo torturante. Eles falavam que estavam cansados de rodar aquilo, e a minha vontade era falar: “Então para!” Aí praticamente já nem faziam mais perguntas. Perguntavam cadê as pessoas, e eu já não dava mais conversa para eles.

Havia um negócio que colocavam duas latinhas; o colocavam em cima de duas latinhas de creme de leite, descalço, segurando um papel. Falaram que seria minha vez. Eu disse a eles que eu não ia me torturar. Eu dizia que eu não iria me torturar, se eles quisessem me torturar tudo bem, mas eu não iria fazer nada daquilo. Eu não fazia nada que eles me mandavam. Os outros faziam talvez para se aliviarem das torturas, porque ali seria uma tortura menor. Mandavam um sujeito dar choque no outro,

companheiro no próprio companheiro. Eu disse a eles que nunca me veriam dando choque em ninguém.

Você ganha uma moral, o problema é esse. É uma coisa engraçada, eles passam a lhe respeitar. Comigo não fizeram nada de degradante nesse sentido. Era choque, era pau-de-arara, era paulada que pra mim era fresco àquelas alturas.

Fui levando tanto choque que acabei entrando em coma. Eu estava deitado, não sei se isso é devaneio meu, mas eu vi um cara com uma fantasia de árabe falando que eu iria dormir, como se estivesse me hipnotizando, e eu virava o rosto. Não sei se isso é verdade, se aconteceu realmente. Só sei que Fleury foi lá, e parece que ele já tinha usado isso com alguém. Na verdade não sei se isso aconteceu realmente, ou se já era um delírio.

Eu tinha ido a um local em que companheiros mataram um policial. Fui dar cobertura para eles, e acharam que eu também tinha ajudado a matar. Mas eles sabiam que eu não tinha, cheguei a falar que não tinha participado. Fleury falou que quando eu fosse para o DOPS eles colocariam aquele fato em pratos limpos, disse que eu contaria sobre isso. Eu tinha um receio danado.

Entre em coma. Lembro-me de ter chegado um cara, que para mim é da Aeronáutica, me olhou e perguntou aos outros o que eu estava fazendo ali, o que havia acontecido comigo e o que estavam me dando. O suposto farmacêutico mostrou os remédios que estavam administrando, e o cara perguntou a eles se eram malucos e disse que daquele jeito iriam me matar. Falou que teriam que me mandar imediatamente para o hospital. O cara era major médico. Falou ainda que minha situação era supercrítica e que me levassem para o Hospital Militar. Só me lembro da hora que me levantaram do colchão, dali em diante não me lembro de mais nada. Quando vi, já estava na porta do Hospital Militar em São Paulo. O cara estava passando mercúrio no meu corpo todo. Já tinha voltado a mim e o escutei falando que não tinha condições de permanecer ali, que me levassem para o Hospital das Clínicas. Só me lembro dessa fala, desmaiei e não me lembro de mais nada. Eu só acordava nos momentos críticos, bom para mim, né?! Quando acordei estava no Pronto Socorro, que acredito ser do Hospital das Clínicas. Vi aquele monte de gente de branco, eram os residentes e os médicos. O cara da OBAN que me levou até lá, falou para os médicos que tinha me achado e achava que eu havia sofrido um desastre de carro e que havia me queimado. Meu corpo parecia que estava queimado, deformado. Acordei, me internaram com um nome qualquer e eu falei que meu nome não era aquele e que aquilo era consequência de tortura. Falei que aquilo era tortura, e que eu vinha da OBAN. Fiz um discurso e desmaiei de novo.

Acordo no outro dia, no sexto andar, já na cama tomando soro. Uma enfermeira, anjo da guarda japonesa, era superdelicada e me atendeu muito bem. Fiquei lá por uns vinte dias me recuperando, fazendo tratamentos de paralisia renal, de infecções, de tudo. Tive um tratamento excelente. Para quem vinha da OBAN, cair em um negócio daquele: roupas e lençóis limpos, comida boa, embora eu ainda não comesse. Fiquei lá me recuperando dos traumas físicos, da paralisia renal, dos machucados que tinha pelo corpo. Fiquei de quinze a vinte dias lá.

O Soldado ficava na porta do quarto. O Hospital das Clínicas era dirigido por militares. Na porta do meu apartamento ficava um soldado direto. Eu descia para poder fazer diálise, e o soldado acompanhava. Quando disse que eu tinha vindo da OBAN e que aquilo era resultado de tortura, um padre apareceu no outro dia. Ele me ouviu falando aquilo, foi até o meu quarto e me perguntou se eu estava mesmo vindo da OBAN, e se aquilo era mesmo resultado de tortura. Disse a ele que sim, que era tortura. Ele me perguntou se eu queria que ele avisasse alguém. Dei um nome para ele. Nessas horas nem achei que fosse perigoso, mas ele realmente avisou, e meu irmão conseguiu ir até a OBAN me visitar.

Nesse episódio fiz uma denúncia, o hospital todo ficou sabendo que lá havia um torturado em recuperação. Depois me mandaram para o Hospital Militar, eu já estava mais ou menos. Eu me esqueço do nome do médico que fez um relatório dizendo que eu não podia mais ser encostado, não podia mais apanhar e não podia mais sofrer torturas e que a responsabilidade seria de quem o fizesse. Um cara corajoso, escreveu em termos médicos. Fui para o Hospital Militar, fiquei mais uns 15, 20 dias. Fui terminar o tratamento, terminar minha recuperação. Fiquei mais outro companheiro, que era de outra organização, da ALN, não me lembro. Um cara muito legal. Ficamos lá e já estávamos nos recuperando. Já estava andando bem, comendo, mas ainda muito magro. Disseram então que podíamos ir embora. Chamaram a OBAN e os caras vieram dizendo que iríamos para o hospital deles, e que era melhor que ali.

Chegando lá, aconteceu a tortura que mais me doeu. Os caras ainda torturam. Eu estava um trapo de tão magro, com o relatório do médico, e um cara com apelido de Jesus Cristo queimou minhas coxas, essa marca ficou por muito tempo aqui, escrevendo JC. Disse que iríamos lembrar algumas coisas, que eu ainda não havia falado tudo, que, aliás, eu não tinha falado era nada. Falou que eu era um durão, um machão, me deu choque e eu gritei. Mandou que me levassem, dizendo que eu era durão e machão, para a cela zero, que era o isolamento.

Era uma cela escura, não se via nada. Você ficava agachado em cima da privada. Era tudo fechado, sem ver ninguém, sem nada. Às vezes nem

levavam a comida, e quando levavam você devolvia, não dava para comer. Não sei por quantos dias fiquei lá, você perde a noção. Eles falavam que como eu não poderia mais ser torturado, que eu ficaria ali, isolado, sozinho, e que cuidariam bem de mim; estavam fazendo gozação. Não sei por quanto tempo fiquei lá e também não me torturaram mais. Torturaram apenas daquela vez, e não torturaram mais.

Eles tiveram respeito comigo, mas não adiantou, não conseguiram tirar nada de mim. Isso nos fortalece. Eles podiam me matar na tortura, que eu não denunciaria ninguém. Disso eu tinha consciência plena, porque o que eu já tinha aguentado... Eles passam a ter respeito por você. As sacanagens que faziam com todo mundo, fazer ficar ajoelhado em cima de grãos de milho, segurando papelzinho, isso não tentaram comigo.

O que eu quero dizer é que cada um tem sua maneira e seu comportamento. Firmei-me nisso e acho até que foi minha salvação. Se eu entregasse um cara, eles diriam que eu era dirigente, sabia de tudo e que iria entregar mais. Eu iria sofrer muito mais porque eles não acreditariam que eu sabia só aquilo. Eles falavam que eu era dirigente e conhecia a organização inteira. Eu dizia que eles estavam errados, que ninguém conhecia uma organização inteira, ninguém sabia onde as pessoas moravam, ninguém sabia daquilo porque tínhamos normas de segurança. Mas nada adiantava, passei a não discutir com eles. Tiraram-me da cela isolada, não sei por quanto tempo fiquei lá.

Fiquei por quatro meses na OBAN. Fui preso no dia 20 de janeiro de 1971. Lá era para prender gente, de lá mandavam a pessoa para o DOPS. Quando Fleury esteve lá, me disse que como eu não queria falar ali, falaria no DOPS. Eles ameaçavam.

Quando voltei das clínicas e da tortura, me chamaram de bobo e disseram que tudo o que eu não queria dizer, os caras já tinham dito. E realmente foi tudo. Pegaram muita gente e desceram o pau. Saí de lá e fui para o DOPS. Fui para o DOPS com muito receio, porque Fleury, um famoso torturador, também usava muito o método do pau-de-arara, afogamentos. Os caras mandaram meu relatório para o DOPS. Todos que saíam da OBAN tinham um relatório dizendo o que ele havia falado, e eu não fiz relatório nenhum. Não tem nada que eu tenha escrito na OBAN.

No DOPS, eles fazem o chamado cartório, que vai para o juiz. Lá, para minha surpresa, não aconteceu nada comigo. Fleury apareceu por lá dizendo que agora eu estava ali, que o que eu não havia falado lá, falaria ali porque ali era diferente. Fizeram muitas ameaças. Eu não estava nem aí. Fizeram o cartório, que era o documento oficial que a OBAN não podia fazer. A OBAN mandava para o DOPS o que você havia feito, o que havia

aprontado, e o DOPS fazia o cartório. Do jeito que vinha da OBAN eles transcreviam. Eu nem sei o que o DOPS mandou para a auditoria, praticamente não falaram nada. Fiquei por uns dez dias. Foi o tempo de fazerem o cartório. Não sei exatamente o tempo, porque ficava isolado.

Fui para o Tiradentes, onde estavam os companheiros que haviam sido presos. Estavam Genésio, Alípio, muitos que tinham chegado primeiro. Fiquei por mais tempo que todos na OBAN, fiquei por quatro, cinco meses, também para me recuperar. Visivelmente quem me olhasse, sabia que eu havia sido torturado. Como o juiz poderia logo chamar, eles tratavam da sua recuperação. Acho que era por isso, pois não me perguntavam mais nada; só as ameaças do Fleury, mas como eu já havia aguentado muita coisa, não seria grande novidade aquilo lá.

Eles faziam o cartório, você assinava. Se falasse que queria ler, eles diziam que aquilo tinha vindo da OBAN, que tratasse logo de assinar. Se insistisse, diziam que ali ninguém lia nada daquilo. Eu assinei, não tinha o que fazer. Nem sei o que era, mas na verdade não teve nada.

Fui para Tiradentes, onde tinham muitos presos políticos. Não passou muito tempo, me tiraram do Tiradentes. Tiraram aqueles que eles consideravam mais perigosos e mandaram para a Casa de Detenção Carandiru. Fui um dos que foram para lá. Fui para o Carandiru. Lá era algo horripilante: os dirigentes mal encarados, provocando. Tínhamos uma ala inteira de presos políticos. Eles não nos misturavam com presos comuns. Estávamos no sexto pavilhão, eram pavilhões de nove andares. Não lembro se no terceiro ou quarto andar. De um lado era enfermaria, do outro lado estávamos nós, presos políticos. Ficamos um tempo tranquilo por lá. Jogávamos bola, descíamos para o banho de sol. Estávamos presos esperando julgamento. Estávamos na Casa de Detenção, ainda não tínhamos sido julgados. O endurecimento do regime primeiramente refletia em nós. Era uma arbitrariedade dentro do regime deles, que sem julgamento nos mandaram para a penitenciária, lugar onde se cumpria pena.

A penitenciária era um lugar de outro mundo. daquelas que você vê nos filmes, portas e mais portas naqueles corredores imensos. Celas grandes, individuais, que só tinham um pequeno buraco na porta, mas havia uma janela para o pátio. Nos comunicávamos da seguinte maneira: Eu estava em uma cela, colocava um espelho e nos comunicávamos pela língua dos surdos e mudos, fazendo sinais. Conversei muito com Genésio, que ficou na cela ao lado. Uma vez por semana, nós presos políticos, descíamos para tomar o banho de sol.

Quando estávamos no Tiradentes, fomos levados para a auditoria e fizemos depoimentos. Denunciávamos as torturas, mas o cara não escrevia.

Em uma ou outra ele escreveu. Não sei se era de algum cara que ele queria salvar. Eles diziam que aquilo era fantasia nossa, e que falássemos de coisas sérias, do que havíamos feito, que éramos assaltantes, terroristas. Tinha um juiz togado que era civil, da 2ª Auditoria Militar de São Paulo, Nelson Machado, que era malvado, e quatro militares.

Aqui em Goiás tive um processo, que foi pra Juiz de Fora; inclusive Marcantônio também está nele. Teve um que fui condenado a quatro anos de prisão, e esse não prescreveu. Quando fui julgado em São Paulo, ele veio relatado também, dizendo que eu era um elemento de alta periculosidade, esses macetes deles. Não sei direito, pois para mim isso era pequeno em vista do que ia ser julgado. Eles na tinham prova de nada e colocaram um artigo genérico. Tentar impor uma ditadura de classe de pessoas era algo totalmente genérico, a pena era grande para isso. Se falassem que era apenas militante a pena era pequena. Fui condenado há 18 anos, mais cinco que eu já havia sido condenado. Minha pena total era de 23 anos. O processo foi para o Supremo, e o Supremo derrubou essa condenação nesse artigo. Condenaram-me como se eu tivesse feito assaltos, o que eles também não tinham provas. Na verdade só podiam me condenar por militar em organização clandestina, porque isso eu confessei. Contei que pertencia e que havia militado no PC do B.

A LUTA CONTINUA

Em 1976, vim para cá em livramento condicional sem poder sair daqui e teria que arrumar ocupação dentro de 30 dias. Ia todo mês a Brasília, me apresentar na Auditoria Militar. No primeiro mês fui e falei que não poderia comprovar que estava trabalhando, pois não tinha emprego, que se eles me arrumassem um emprego tudo bem. O cara me respondeu dizendo que aquilo era apenas prache.

Meu irmão Wilson era um dos gerentes da Delta Larousse, e como eu não achava emprego aqui, me chamou para que fosse trabalhar com ele. Falei que a única coisa que eu tentaria fazer era ser vendedor. Eu não tinha jeito para isso. Ele disse que eu tinha cultura, o que de nada adiantava, porque você renegava aquilo. Montei uma equipe que trabalhava comigo viajando por aí. Genésio, inclusive, fez parte disso. Em menos de um ano falei que não queria mais aquilo, não aguentava. Deixei isso e fui para o Rio de Janeiro.

Particpei da fundação do PT no Rio de Janeiro. Fui eleito por duas vezes secretário geral, em eleição disputada voto a voto. Eu era militante e ganhava um salário mínimo para exercer a função. Tínhamos um deputado,

José Eudes, que me pagava um salário mínimo para ser seu assessor, mas na verdade era para organizar o partido. Fiquei lá por um tempo, eu gostava da coisa. Era uma discussão, uma efervescência política muito grande.

Eu gostava daquilo, estava bem. Fui para lá contra as orientações dos militares. Estava clandestino, mas no Rio de Janeiro fiquei muito mais conhecido do que aqui em Goiânia. Lá não sabiam meu nome, todos me conheciam por Souza. Eu tenho Souza no nome; decidi não usar nome de guerra, usar um dos meus sobrenomes.

Levamos o Lula para um comício em Duque de Caxias, foi um grande comício. Aprontamos bastante. Fundei um jornal juntamente com outros companheiros, chamado Jornal da Baixada. Esse Caruso, que está aí, era ilustrador no nosso jornal. Esse jornal teve uma função importante.

Lá conheci a Vera, que era funcionária do Banco do Brasil em Duque de Caxias. Fui morar em Duque de Caxias para fazer política na Baixada Fluminense e lá conheci a Vera. A Vera era do MEP – Movimento de Emancipação do Proletariado. Ela era uma ativista, subia naqueles morros e favelas do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense.

Fizemos um movimento muito bom.

E a vida continua por aí.

FELIX VALOIS GUARÁ BEZERRA

Data de nascimento: 23/06/1950



O INTERESSE PELA POLÍTICA

Comecei a militância política com 16 anos. Eu era estudante no Lyceu de Goiânia.

O que me despertou o interesse pela política foi meu pai. Meu pai era um democrata, um nacionalista. Ele trabalhava na antiga Fundação CESPE, que tinha um convênio com o Departamento Estadual de Saneamento, que hoje seria a Saneago.

Naquele tempo houve várias perseguições na Saneago, e ele foi uma das pessoas que teve problemas. O que era na época diretor da Saneago, hoje já falecido, engenheiro Rodolfo José da Costa e Silva, também foi indiciado em IPMs, mas não sei se chegou a ser preso. Meu pai fazia parte daquele grupo. E eu me lembro do interesse dele, das conversas deles em casa, defendendo posições nacionalistas, legalistas, a resistência que houve na posse do Jango, e sua situação no golpe de 64.

No Lyceu de Goiânia havia um ambiente bastante interessante, de estudantes, jovens, que se interessavam não apenas pela cultura, mas também pelos problemas do país.

Os estudantes se agregavam no Grêmio Literário Felix de Bulhões, que era um centro de debates, de discussões sobre os assuntos daquela época, inclusive de resistência à ditadura.

Foi em 1966, com 16 anos. Entrei em contato com colegas, estudava l Marcantônio Della Côrte, que conheci naquela época, e já era ligado ao PC do B – Partido Comunista do Brasil. Fundou-se ali o que seria uma organização de base, uma célula do Partido. Não sei se pela situação de clandestinidade, naquela época não havia juventude comunista, pelo menos

organizada como tal, como existe hoje dentro dos partidos legais. Naquela época então, as circunstâncias faziam com que um jovem de 16 anos entrasse direto para o Partido Comunista.

O GOLPE

Lembro-me perfeitamente do dia do Golpe. Só não me lembro se foi no dia 31, ou no dia 1º de abril. Acho que no dia 1º. Eu estudava no período da tarde no Lyceu de Goiânia, e as aulas foram suspensas. Naquele tempo a diretora era a professora Ercília Milazzo, e o vice-diretor era o professor Sebastião França.

As aulas foram suspensas. Lembro-me que o tempo estava meio nublado. Por volta das 16h30min eu ia descendo a pé rumo a minha casa, naquela época eu morava no Setor Aeroporto. Eu ia atalhando pela Rua 60, em direção a Rua 55, estava chovendo, eu estava com a pasta na cabeça, e coincidiu de o professor Mesquita, naquele exato momento abrir a janela e gritar em alto e bom tom para a vizinhança: “Derrubaram o homem!” Me lembro perfeitamente disso. O professor Mesquita, hoje é falecido, era um excelente professor de inglês. Aliás, quase todos os professores do Lyceu, daquela época até o golpe, eram excelentes professores. O ensino no Lyceu de Goiânia ainda era levado a sério naquela época.

Fiquei com essa frase na cabeça: “Derrubaram o homem, derrubaram o homem”, que o professor Mesquita gritou pela janela.

À noite, me lembro de que meu pai chegou mais cedo em casa. Naquele tempo não tínhamos televisão, apenas rádio, e ele tentava sintonizar alguma rádio que tivesse resistência ao golpe.

O Lyceu de Goiânia era um centro de ensino com uma juventude muito efervescente, como era em geral a juventude mais esclarecida daquela época, principalmente dos centros de ensino, seja nos secundários, ou universitários.

Não sei dizer se as primeiras greves, as primeiras manifestações estudantis ocorreram já em 1965, ou foram em 1966. Lembro-me que a primeira greve em que participei era uma greve contra o uniforme, o sapato estilo canoinha, que as meninas eram obrigadas a usar, e outro detalhe qualquer do uniforme que gerou aquela resistência, aquela revolta, que serviu de trampolim para outros tipos de reivindicações; denúncias das condições de ensino. Posteriormente já estava se engendrando aquele famigerado acordo MEC-Usaid, que era a privatização do ensino, a introdução de disciplinas de caráter ideológico. O que arredondou, e quem é da minha época se lembra, a diferença e a perda de qualidade de ensino em Goiás, e do Lyceu de Goiânia.

Naquela época, até o golpe, havia concursos para professores. Havia congregação de professores. O salário de um professor do Lyceu de Goiânia antigamente era quase que equiparado a um de magistrado. O Lyceu de Goiânia era uma referência como o Pedro II, do Rio de Janeiro. Depois do golpe começou a esculhambação do ensino. Lembro-me que tinha estudante de engenharia que era professor, não tinha nem o curso superior completo e já era professor, sem nenhuma didática. O cara estava no primeiro, segundo ano de engenharia e já dava aula no Lyceu, e nos colégios estaduais como professor.

No ensino médio, que eu saiba não houve grandes perseguições a professores. Deve ter tido casos pontuais. O que se evidenciou foi que a educação já na época não era prioridade para a ditadura. Eles tinham a política voltada para outros aspectos da economia, da sociedade, mas a educação deixou de ser uma prioridade. A educação de qualidade, o ensino universal, a luta contra o analfabetismo e outras políticas educacionais que hoje são elementares, naquela época já deixou de ser. A perda de qualidade no ensino é evidente nas estatísticas e em outros indicadores sociais.

Somos de uma geração que, além de generosa, era muito interessada pelo estudo.

Não estou querendo fazer comparação de gerações, pois isso é uma coisa equivocada, mas como tudo era proibido naquela época, as pessoas jovens gostavam de ler. Fazíamos intercâmbio de livro; terminávamos de ler um livro e passávamos para o outro colega.

Havia interesse também pelo Cinema Novo naquela época, pelo teatro. Lembro-me que uma das manifestações contra a ditadura foi a apresentação da peça “Mortos Sem Sepultura” do Sartre, que ele escreveu logo após a guerra em 1947. Foi levado através do antigo Teatro de Emergência, e todas as apresentações ficavam lotadas.

Ingressei na célula do PC do B no Lyceu de Goiânia, em 1966, mas foi uma militância efêmera, de uns quatro meses, pois logo em seguida toda a direção, ou parte da direção do PC do B foi presa, e ficamos sem contato nenhum, ficamos isolados. Até o Marcantônio esteve preso em uma época também. Éramos quase todos menores de idade, talvez por isso não tenham se preocupado com a gente.

Consegui ficar no Lyceu de Goiânia até 1968, época em que fui expulso antes do AI 5.

Consegui milagrosamente me matricular no Pedro Gomes, em Campinas. Lá eu já havia ingressado naquele grupo que ficou isolado do PC do B.

Naquela época evidentemente não tínhamos maiores discernimentos em termos de política, estratégias políticas, inclusive por causa da censura. Na nossa idade tínhamos muito mais capacidade, e elementos inclusive, para discutir as situações internacionais, que a nacional e a local. Sabíamos muito mais das correlações de forças na arena internacional, a luta contra o imperialismo, principalmente ouvindo as emissoras dos países socialistas. O destino depois até me reservou uma surpresa, digamos assim. Naquela época tínhamos mais conhecimento da situação internacional. Não digo desconhecimento da situação nacional, mas para discutir as tendências faltava informação.

Fui expulso em 1967. Lembro-me de 1967, pois foram comemorados os 50 anos da Revolução de Outubro. Lembro-me que houve várias atividades de pichação, e eu já estava no Colégio Estadual Pedro Gomes, no Bairro de Campinas.

A primeira greve feita em Goiânia depois do golpe foi no Pedro Gomes, mas eu ainda não estudava lá.

Nessa greve, durante a noite a polícia cercou o Colégio Pedro Gomes, houve um tiroteio e morreu um policial militar. Até hoje não sei o desdobramento que teve aquilo. Essa greve foi em caráter abertamente político. Era em protesto contra a prisão do Tarzan de Castro, que havia sido preso, mas não sabíamos onde estava. Fizeram essa greve para denunciar a prisão e se saber o paradeiro de Tarzan de Castro. Tenho a impressão que o motivo da greve foi esse.

Stepan Nercessian, hoje ator global e vereador do PPS, no Rio de Janeiro, estudava lá. Frequentávamos muito a casa dele, era amigo da família, das irmãs dele. Ele era um garoto, bem mais novo, mas estava sempre conosco. Ele morava perto do colégio.

AI 5

Eu estava em Goiânia. Dezembro, como sempre, aqui é um mês chuvoso. Lembro-me que a noite teve aquela cadeia nacional de rádio e televisão. Fui até o centro e me encontrei com o companheiro Benedito Carlos, estávamos comentando e ele usou pela primeira vez a expressão: “esse foi um golpe dentro do golpe”. Acho que a primeira vez que escutei essa expressão, salvo erro, foi com Benedito Carlos.

Os setores mais radicais do bloco que constituíam, ou que repartiam entre si o poder no período da ditadura, levaram à edição do AI 5, Ato Institucional nº5, onde o que restava da liberdade, dos direitos e garantias individuais da Constituição anterior, foi escancaradamente eliminado.

PRISÃO

A minha prisão se deu em 1969.

Um companheiro nosso, o Manoel de Jesus Oliveira, o Ezu, tinha uma escolinha no Setor Ferroviário. Tinha o Instituto Rio Branco, que era um preparatório de vestibulares próximo à Praça do Bandeirante, que ele era sócio na época, se não me engano, e tinha uma filial no Setor Ferroviário, onde nos reuníamos.

Em um domingo aconteceu um jogo, uma disputa terrível do meu Vila Nova com o Atlético Clube Goianiense. Não me lembro se era final, só sei que era um calor terrível no Estádio Pedro Ludovico. Entre milhares de pessoas, eu torcendo pelo Vila. Não sei se era por causa da cor da bandeira vermelha, o Tigre. Estávamos no Estádio Pedro Ludovico, e eu sempre dizia: Este tigre não é de papel. Lembrando Mao Tse Tung, que dizia que o imperialismo era um tigre de papel. Não me lembro com certeza quem ganhou. Acho que foi o Vila.

No fim da tarde caiu um toró de chuva, depois disso tivemos uma reunião à noite nessa escolinha. Naquele tempo tínhamos muita facilidade em andar a pé. Saíamos do Setor Aeroporto e íamos para o Ferroviário numa boa. Era uma reunião do Comitê Secundarista do Partido Comunista Brasileiro. Éramos umas oito pessoas, já tínhamos começado a reunião, quando demos fé, com as nossa ilusões, o aparelho estava cercado pela Polícia Federal. Lembro-me que estava lá o delegado da Polícia Federal Jesus Antônio Lisboa, José Xavier do Bonfim, Milton, entre outros policiais. Naquela mesma noite fomos levados para a sede da Polícia Federal que ficava na Avenida Goiás, esquina com a Rua 2, onde passamos a noite. Depois fomos levados para o Quartel do 10ºBC, onde ficamos durante um determinado tempo, e depois para Juiz de Fora.

Foi uma prisão em flagrante, com farto material subversivo, como se dizia. Eram jornais do partido, “Voz Operária”, e outros materiais de estudos. Minha família deve ter se preocupado, pois não era normal que eu dormisse fora, e logo no outro dia pela manhã ficaram sabendo da prisão. Minha mãe ficou arrasada, pois naquela época quando a pessoa era presa, a família logo pensava o pior: que iam matar, torturar, desaparecer. Só o fato de estar ali naquela situação, em um cubículo... Lembro-me que fomos divididos em dois grupos de quatro pessoas. Eu estava em um cubículo de 2 metros de comprimento, por 1,5 de largura. Havia apenas um colchão para quatro pessoas. Se não me engano, depois nos colocaram todos em uma cela maior.

A 2ª PRISÃO

Não me lembro do motivo, mas fizemos manobra tal e corremos para dentro da Catedral. Eu estava sentado, me lembro perfeitamente. De repente vejo uma confusão e escuto um barulho passar perto do meu ouvido, era uma bala. Olhei para trás para ver o que era aquilo, e o Telmo estava caído, o tiro tinha acertado na região de seu glúteo. Havia uma moça, Lúcia Jaime, que também levou um tiro no pé. Lembro-me do policial civil com uma pistola apontada para o altar. Vejam vocês, aqueles que defendiam a religião cristã.

Ficamos por uns quatro dias e fomos para a Casa de Detenção, na Rua 66. Ficamos lá por um mês. As condições sanitárias eram péssimas, aquilo era um depósito de gente. Havia o corredor, celas de um lado e de outro, e à medida que iam chegando, iam colocando as pessoas. Pelo que consta, a cela que estávamos era até uma das melhores. Imagina? Era um ar irrespirável, uma comida horrível. As condições eram degradantes. Tinham percevejos, pulgas. O vaso sanitário nas piores condições de higiene.

Depois de um mês mais ou menos, fomos levados para uma filial da Casa de Detenção que funcionava no CEPAIGO. Estávamos presos à disposição da Polícia Militar. Naquele tempo, o julgamento desses processos era na Auditoria, na 4ª Região Militar, em Juiz de Fora.

Fomos para esse anexo da Casa de Detenção no CEPAIGO. Pelo que ouço falar, o CEPAIGO não tem nada a ver com o CEPAIGO de hoje, que, aliás, nem chama mais CEPAIGO. O último andar era reservado, e tínhamos banho de Sol. Dentro desses termos não posso falar que nem uma prisão era melhor, mas comparado ao que estávamos antes, era melhor. Cada pessoa tinha sua cela individual.

Fomos levados para Juiz de Fora. Chegou o camburão, nos conduziram para a sede da Polícia Federal no Centro, em Goiânia. Nossos pais já estavam avisados. Enfiaram-nos dentro de um camburão. Estávamos em oito pessoas, oito jovens, com as respectivas bagagens que ocupavam quase a metade do espaço. Meteram-nos naquilo e mentiam para as pessoas que estavam ali, os pais, que aquilo era só até o aeroporto, como se fôssemos de avião para Juiz de Fora. Fomos direto para Juiz de Fora naquela situação de quase asfixia. Deve ter sido inspirado naqueles vagões de gado que levavam os prisioneiros para os campos de concentração nazistas.

Fomos naquela situação em uma viagem de mais 24 horas para Juiz de Fora. Quem conhece a estrada Belo Horizonte-Rio sabe muito bem o quanto aquilo é cheio de morro, de abismos, curvas e contracurvas. Se tivesse acontecido algum acidente, muitos, provavelmente eu, não estaria

aqui agora fazendo esse depoimento. Acredito que se fosse na idade que tenho atualmente, ou um pouco menos, eu não teria chegado vivo lá.

Fomos divididos em Juiz de Fora. Metade foi para um quartel de Regimento de Artilharia e a outra metade, em que eu estava inclusive, foi para o Regimento de Infantaria. Inclusive foi uma honra muito grande, pois fiquei sabendo que o golpe de 64 começou lá naquele regimento de infantaria (risos). Estávamos sempre no olho e ninho da serpente, da cavale, e ali ficamos.

Naquela época era inverno em Juiz de Fora, era muito frio. Quem conhece aquela região, Zona da Mata, Mantiqueira, sabe do frio que faz ali. Ficamos lá, não me lembro se por um ou dois meses, até que aconteceu a tal da audiência.

A Auditoria Militar, que é a Justiça Militar, era constituída, e até hoje acho que mudou pouca coisa, por um juiz togado civil, o Ministério Público também era um civil, mais os juizes, que se não me engano são seis, em geral são capitães e oficiais.

No nosso caso, tirando dois companheiros, Marcantônio e o Léo Lince, que já eram maiores de 21 anos, todos os demais eram menores e consta, eu não sabia disso, pois não tenho formação jurídica, que os policiais federais daqui, acostumados com todo tipo de arbitrariedade da época da ditadura, e é bom desde logo que não se confundam Polícia Federal da época da ditadura, e Polícia Federal de hoje, são coisas bem diferentes, e eu acredito que apesar dos efeitos, estamos em um estado democrático de direito. Era preciso que nos depoimentos o menor fosse assistido por um curador, chamado curador de menores. Eles não fizeram isso e proforma posteriormente procuraram um advogado da turma deles, que assinou dizendo que tinha assistido nossos depoimentos.

Esse advogado, que não me lembro do nome, era também conhecido - em cidade pequena, as pessoas se formavam mais ou menos na mesma turma da Faculdade de Direito - do nosso advogado Eney Curado Brom, que conseguiu uma declaração dele dizendo que não havia assistido nosso depoimento. Isso foi apresentado pelo nosso advogado lá, o que foi um grande trunfo na argumentação para conseguir o relaxamento da nossa prisão. E foi o que aconteceu. Conseguiram o relaxamento da prisão, menos para o Marcantônio, que continuou preso.

Voltamos para Goiânia para respondermos o processo em liberdade.

Eu trabalhava como desenhista no antigo e extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento. Eu era terceirizado, diziam que eu seria contratado com carteira assinada depois de um mês, mas passado um mês me mandaram passear. Depois não consegui mais nada, não podia estudar,

não podia trabalhar, não conseguia emprego. Até que veio o julgamento propriamente dito.

O julgamento aconteceu no fim do ano de 1969. A orientação era para que ninguém fosse ao julgamento porque não sabíamos qual seria a pena. Os companheiros e inclusive eu, achávamos que se fosse de até um ano, porque faltariam poucos meses tirando o tempo que já havíamos ficado, cumpriríamos a pena em Goiás mesmo. Foi o meu caso. Outros companheiros que achavam que não seriam condenados há apenas um ano resolveram ir para a clandestinidade.

Cumpri a pena no CEPAIGO, para completar um ano. Havia ficado alguns meses lá, e fiquei mais uns oito, nove meses no CEPAIGO.

Quando ainda estava na prisão, Salvador Allende havia sido eleito no Chile, o que despertou na América Latina uma nova esperança.

Havia outros presos políticos por lá, inclusive um que era muito meu amigo, Daniel Ângelo, que já é falecido, e estava no regime semiaberto. Daniel Ângelo foi um dos participantes do famoso assalto ao Tiro de Guerra de Anápolis e, posteriormente, com a anistia, foi um dos vereadores mais bem eleitos em Goiânia. Foi também Secretário Municipal na prefeitura de Iris Rezende. Daniel Ângelo já estava no regime semiaberto, e era o encarregado da horta. Em um belo dia desapareceu, e a horta ficou entregue a outras pessoas. Ele foi embora e só apareceu após a anistia. Estavam também o Nelson Cordeiro e o Euler, que era um ex-sargento da Aeronáutica.

Quase no fim da pena, Salvador Allende havia sido eleito no Chile. Cumprimos a pena e saímos da prisão.

Aqui em Goiânia era impossível conseguir emprego. Não podíamos estudar, ninguém trabalhava e havia a possibilidade de qualquer momento voltarmos para a prisão. Você não estava seguro em nenhum momento. Se houvesse novas investidas, ondas de prisão, estaríamos com certeza entre os primeiros para voltar para lá.

Com a ajuda dos companheiros, dezenas de companheiros, resolvi ir para o Chile. Fui em companhia do companheiro Ubiramar Peixoto de Oliveira, o Bira, que hoje é advogado trabalhista em Brasília.

CHILE

Fomos para o Chile. Não avisei nada em casa. Pedi para meu irmão, que hoje é falecido, que avisasse depois de uns dois dias, ou três. Fomos de ônibus até São Paulo. Em São Paulo passamos um dia no apartamento do professor Bianor Ferreira, que era amigo nosso, amigo do Bira. De lá fomos de ônibus até Porto Alegre, de Porto Alegre fomos para Montevidéu.

Naquele tempo podia viajar sem passaporte. Se fosse necessário, não teríamos condições de pedir um passaporte na Polícia Federal. Seríamos presos, porque, com certeza, pensariam que queríamos o passaporte para ir para Rússia ou para Cuba. Naquele tempo não se dava passaporte nem para o exterior, nem para dentro, para pessoas que tivessem antecedentes políticos, que haviam sido presos políticos.

Quando fomos comprar a passagem em Porto Alegre o atendente pediu a identidade. Para o Bira não tinha problema, pois já tinha 21 anos, mas eu ainda não. Isso foi em maio de 1971, eu faria 21 anos em junho. Lembro-me que ele apontou para o rumo do Juizado de Menores, falando que eu tinha que ir até lá pedir uma autorização. Fui e deram, se não seria um problema.

Quando estávamos passando em Chuí, na divisa havia uma placa escrita Chuí com “i” no fim, e do lado de lá Chuy com “y”. O Bira estava me cutucando, e eu disse a ele que havíamos chegado ao Uruguai. Ele brincou dizendo: “claro que si”. Mais adiante, ele não conhecia o mar, e o mostrei para ele. De lá fomos até Buenos Aires, cidade esquisita para nós que não falávamos a língua. Depois tomamos um ônibus para Mendonza, já na fronteira com o Chile.

Sentia-me como um passarinho. Ainda no Uruguai, passando em frente às universidades, vendo aquelas pichações dizendo “Viva o socialismo”, vendo aquelas manifestações diversas de esquerda, pois ainda não tinha ditadura no Uruguai, foi muito interessante.

Lembro-me que quando você vai de ônibus de Buenos Aires para Mendoza em direção ao Chile, você vê aquele pampa argentino. São quilômetros e quilômetros até sumir de vista e de repente ao longe vai surgindo aquele perfil, você vai se aproximando e é a Cordilheira dos Andes. É uma coisa que me impressionou bastante. Você vê aquela coisa majestosa no horizonte, que são os Andes a perder de vista.

Em Mendoza fomos no que seria uma espécie de van para Santiago. Você vai em toda Cordilheira, todos aqueles desfiladeiros, aqueles penhascos, Aconcágua. Era maio e já estava começando a nevar. Foi ali na divisa do Chile com a Argentina que fui conhecer a neve, pela primeira vez.

Chegamos ao Chile e havia uma greve geral naquele dia. Fomos para um apartamento em um endereço que tínhamos, e estavam lá nosso velho amigo Juarez Ferraz de Maia, Alberto Berquó, Joaquim Jaime, que era professor na Universidade de Concepcion, entre outras pessoas.

A experiência no Chile foi muitíssimo interessante e até hoje tem consequências tremendas em termos políticos, tanto no próprio Chile, como na América Latina. Demonstrou naquela época, e é muito importan-

te quando falamos daquela época, que não se perca de vista o quadro, que foi um momento histórico que não se repete mais, e que nunca mais irá voltar, porque todo momento histórico é único, não existem outros rigorosamente iguais, mas demonstrou possibilidade de se chegar ao poder, de mudanças através de articulações políticas, de um arco de alianças dentro dos marcos institucionais do país, no caso, o Chile.

Demonstrou também que as oligarquias, que pregavam muito a democracia, mas desde que fosse democracia sem povo, democracia da boca para fora. Eles demonstraram que não estavam dispostos a abrir mão do poder de Estado e criaram então aqueles impasses históricos. Quem está em cima diz “eu quero”, quem está em baixo diz “eu quero”, e quem está em cima diz “não dou”, e usam todos os que tem a seu alcance para defenderem seus interesses.

A evolução do processo, as forças que constituíam o bloco que apoiava o Salvador Allende não conseguiram conquistar novos setores da sociedade chilena em apoio àquele processo de transformações, por medo, ou por susto, por acharem que estavam muito rápido, muito radical. Questões elementares naquela época eram consideradas radicais; reforma agrária. Não tiveram dúvidas em usarem seus setores nas Forças Armadas para pisar na Constituição que eles tinham jurado, e cometerem todas as barbaridades, genocídios praticamente, que fizeram contra o povo chileno.

No Chile entrei em contato com o pessoal do partido que existia lá. Morava em uma pensão, e logo em seguida, como eu era desenhista, consegui trabalho em um comitê de indústrias de materiais para a construção civil ligado à Corporação de Fomento da Produção, que administrava todas aquelas empresas de produção de produtos para a construção civil, que haviam sido nacionalizadas. Trabalhava de dia e estudava à noite no Chile. Eu havia entrado em Desenho Industrial na Universidade Técnica do Estado.

As condições do Chile foram se deteriorando, havia muitas sabotagens, muito desabastecimento artificial provocado pelos grupos inimigos do Salvador Allende, mas o que não significa que não tenha sido um período riquíssimo de efervescência política e de aprendizado.

Recentemente eu estive no Chile, passei lembrando daquelas avenidas, chamadas de alamedas, que cortam a cidade de Santiago no Chile, das manifestações de apoio ao Salvador Allende, com mais de um milhão de pessoas participando. O povo estava organizado, mas não foi o suficiente para mantê-lo. Salvador Allende carecia de um dispositivo militar que fosse mais eficiente, ou de setores fiéis a Constituição. Hoje talvez não seja assim, e a história demonstrou isso, que você pode chegar ao poder sem

precisar utilizar canhões. Usando a mobilização, usando trabalho de conscientização, de organização.

Eu já não estava mais no Chile quando aconteceu o golpe. Naque-la situação de trabalhar, eu dividia uma casa com o Bira, que tinha ido comigo, e o nosso saudoso Carol Stalin Pires Leal, filho de outro saudoso companheiro, Basileu Leal, de Anápolis. Carol faleceu em um desastre na altura das sete curvas, trabalhava como arquiteto. Dividíamos o aluguel de uma casa, mas aquilo era uma situação precária, pois estava evidente que só por milagre não haveria um golpe no Chile. Quem estava lá sabe disso. A situação estava se deteriorando cada vez mais em termos de abastecimento, para conseguir comprar um pão era complicado.

Eu tinha solicitado para o partido uma bolsa de estudos na União Soviética, na Universidade de Amizade dos Povos Patrice Lumumba.

RUSSIA

A bolsa que havia solicitado foi me dada, e fui para Moscou.

As aulas na Europa em geral, na União Soviética começam em 1º de setembro. Fui para Moscou uns dias antes, em meados de agosto. De Santiago fui para Havana, de Havana para Moscou, e logo em seguida aconteceu o golpe militar no Chile.

Quis o destino. Meus dois companheiros, o Carol e o Bira foram presos, barbaramente torturados no Estádio Nacional, junto com praticamente todos que eu conhecia. Meu diretor Eugênio Ruiz Tagle foi fuzilado, e até hoje é um assunto muito comentado no Chile. Ele era parente do ex-presidente do Chile, antes desse presidente.

Cheguei à União Soviética em agosto de 1973, em Moscou. Outras experiências que o destino me quis, e foram muitíssimas interessantes. Tive o privilégio, como bolsista na União Soviética, de ser pago para estudar. Eu tinha meu alojamento no campus, o dividia com mais dois estudantes, era sempre um soviético e mais dois. Variava, um ano era com árabe, sempre variava as nacionalidades. Éramos pagos para estudar. Tínhamos assistência médica-odontológica, férias pagas, alimentação; e o ensino era de alto nível.

Conheci a experiência soviética, conheci praticamente todos os países socialistas na época, conheci bastantes cidades da Rússia. As aulas eram em russo, e tínhamos que fazer o curso de russo. Fiz o curso de Economia, o curso se chamava Economia e Planejamento Econômico Nacional. Vim de lá com o diploma de economista e mestre em ciências econômicas. Fiquei seis anos por lá. Foi lá que tive minha filha, e hoje já tenho um neto. Minha filha é engenheira civil, mora e foi formada em Portugal.

Conheci tanto no Chile, como na União Soviética, vários companheiros brasileiros, vários dirigentes do partido; inclusive, Luiz Carlos Prestes, com quem eu tinha certo relacionamento. Alguns de seus filhos estudavam na Universidade, e de vez em quando, por assuntos do partido, me dirigia a casa dele.

Quando já estava dominando russo, lá pelo terceiro ano, comecei a trabalhar na Rádio Central de Moscou, na transmissão para o Brasil. Eu trabalhava como locutor e tradutor. Eu recebia o material em russo todo dia, mas trabalhava mais com a locução, dia sim, dia não. Gravávamos antecipadamente os programas que eram lançados no ar. Era uma rádio muito ouvida no Brasil.

Chegava revista, ouvíamos outras rádios, a BBC e outras rádios da Alemanha que transmitiam para o Brasil indiretamente, e os jornais que lá chegavam. Depois de 1975, 1976, depois de tantos assassinatos que houve, mas a Voz Operária sempre chegou. Que eu saiba a Voz Operária nunca deixou de funcionar.

Terminei o curso em fevereiro de 1979. Fiquei em um estágio pós-diploma até setembro, outubro de 79, quando fui para Angola. Fui trabalhar na Angola, que ainda estava em guerra. Luanda estava libertada, mas havia regiões em que não se podia ir. Fui trabalhar na Diretoria de Planejamento do Ministério da Agricultura de Angola, onde fiquei por três anos.

Em novembro de 1979 teve a anistia, foi aí que recebi o passaporte e, depois de nove anos, pela primeira vez pude vir ao Brasil; a Goiânia, Belo Horizonte onde estava minha família. A saudade do Brasil, no meu caso que além de ter uma visão de solidariedade com outros povos, sou nacionalista. Nossa pátria é nossa pátria, não confundimos as coisas. Não quer dizer que agora temos que humilhar outro país, não. Temos relações fraternais, amistosas e tudo, mas em termos de amor pela pátria, pelo Brasil não devemos nada a ninguém. Acredito até que muito mais que aqueles que querem dar o nosso país para espoliação estrangeira imperialista.

Vim para Goiânia, e o Iris havia sido eleito. Comecei a trabalhar na Comissão Estadual de Planejamento Agrícola, ligada a Secretária de Agricultura. Era um sistema nacional, e cada estado tinha a sua comissão estadual.

Naquela época a inflação estava terrível, galopante, havia crise, e atrasavam muito o pagamento. Com esses problemas todos comecei a mandar o meu currículo e fui contratado para um projeto em Moçambique.

Em 1990 fui para Moçambique. Um projeto ligado ao PNUD-FAO, de formação de gestores agrícolas, e lá fiquei por três anos.

Existe aquele sistema socialista que seria o ideal, aliás, em relação ao qual Marx não se aprofundou em detalhes, e seria até leviano se o fizesse

na época em que ele viveu, pois não existiam elementos para isso, exceto traços gerais do que deveria ser uma sociedade socialista. Mas, uma das características, e quem conheceu os países socialistas sabe disso, da economia ou das relações sociais, principalmente da economia, é que muitos bens e serviços eram gratuitos, ou vendidos abaixo do seu custo, o que significaria que eram subsidiados, e isso teoricamente é possível. Você tem um setor da economia altamente produtivo, que poderá financiar e compensar aquele setor que venderá bens ou serviços gratuitamente ou abaixo do custo. Em uma contabilidade nacional, no papel você pode ter esse equilíbrio, mas na prática, como se costuma dizer, o buraco é bem mais embaixo.

Numa sociedade que tinha um Estado com forte ranço do Stalinismo, que foi um fenômeno que deformou enormemente todos os países socialistas, o que pressupõe a existência de uma máquina burocrática emperrada, onde as pessoas por questão cultural, ou por medo e receio, em geral não tomam nenhuma iniciativa. O que está em cima manda, e o que está embaixo sempre consegue algum argumento na estrutura. O último sempre está argumentando, só para que haja outro embaixo dele, para que saia daquela situação um pouco incômoda, onde se planejava até quantos botões de camisa seriam produzidos em cada plano quinquenal. Onde você tinha uma tecnologia capaz de mandar uma nave a Vênus, mas não se fazia um isqueiro que acendesse na hora que você quisesse. Tinham esses paradoxos. As questões culturais também. O povo de lá nunca havia conhecido a democracia burguesa ou representativa como hoje: você publica um artigo que escreveu e vai dormir tranquilo, mas não era assim na própria cultura russa e naqueles países do Leste Europeu. Era a cultura autoritária, onde czar era o secretário geral. Era como dizia o povo “O chicote era o mesmo, só mudava a mão”.

Mas não quer dizer, e não vamos confundir as coisas, em muitos aspectos acho que foi historicamente um grande avanço, uma grande conquista da humanidade você ter redimido o povo de uma miséria secular, com o acesso a educação, ao conhecimento científico, acesso à saúde. Os aspectos positivos não vamos de maneira nenhuma negar. É como o camarão, comemos o que há de bom e jogamos a casca fora.

Está demonstrado historicamente, e aí o velho Marx tinha razão quando dizia que era preciso que o capitalismo esgotasse suas possibilidades de reprodução. Historicamente está demonstrado que ainda está longe disso. Essa crise que estamos atravessando não será o fim do capitalismo, é o fim do neoliberalismo. Se para frente o neoliberalismo irá voltar, não sei, mas hoje tenho certeza que ele está falido. Não o sistema capitalista como

um todo, que já está recorrendo rapidamente às políticas Keynesianas já requentadas, filme que já vimos.

Naqueles outros países do Leste Europeu, refletindo o quadro que se formou com a derrota do fascismo na Segunda Guerra Mundial na Alemanha, aqueles países que foram libertados pela União Soviética, em comum acordo com as potências da época, ficaram em zona de potências, zona de influência soviética e passaram o governo aos partidos comunistas. Aquilo não foi um processo histórico, foi simplesmente um processo exógeno. Veio de fora para dentro, enfiado onde foi possível. Tiveram casos de serem libertados pelos soviéticos, mas que não aconteceu isso, e outros lugares onde não foram, e também aconteceu. Não havia regra.

O Sistema Socialista Soviético, chamado na época de Socialismo Real, entrou em crise, em colapso, e só tinha duas alternativas: ou partia, e eu não condeno o Gorbachev, como muitos condenam, ou voltava ao stalinismo, fazendo de conta que a coisa estava andando, “me engana que eu gosto”, voltava à repressão, e já era impossível acontecer naquele mundo de então, ou se reestruturava. Estava esgotado, porque estávamos em mundo onde existia, e se existe cada vez mais, a livre circulação de informações, de ideias, já estava quase surgindo a internet.

Lembro-me que quando eu trabalhava aqui, como assessor para a Europa Oriental, quando o Senador Pedro Simões era Ministro da Agricultura, para chamarmos um técnico para uma reunião, para uma licitação, os técnicos deles nunca chegavam a tempo porque não tinham o visto, e até que recebiam os passaportes sempre estavam em desvantagem, e não acompanhavam. Eles desenvolveram muito a tecnologia ligada aos aspectos militares, são grandes vendedores de aviões-caças, queriam até vender para o Brasil, Sukhois, mísseis, mas as tecnologias de amplo consumo, os soviéticos não tiveram.

HECIVAL ALVES DE CASTRO

Data de nascimento: 03/07/1939



Meu nome é Hecival Alves de Castro. Nascido aqui na cidade de Goiás e residindo aqui até hoje. Eu realmente vivi numa família de políticos. Meu pai era político, meu tio era político e tinham uma grande participação na vida político-social da cidade. A família sempre que se reunia discutia política. Mas o fato que deflagrou esse processo de inserção política da gente foi o suicídio de Vargas, em 1954. Aquilo causou um impacto muito grande pelo inesperado. E naquela época as notícias, a comunicação aqui na cidade de Goiás era toda feita pelo rádio. E o Repórter Esso com todo aquele sensacionalismo ia trabalhando o emocional da gente para aquelas questões todas. E durante aqueles vinte dias tumultuados a gente foi acompanhando.

A cada dia novas emoções eram vividas e teve o seu clímax na madrugada do dia 24, naquela famosa reunião do Palácio do Catete. O meu pai interessado no desenvolvimento daquele movimento ligou o rádio de madrugada. Tocavam aquelas marchas militares, aquelas conclamações dos repórteres. De manhã estava indo para o ginásio e estoura a notícia do suicídio dele. Aquilo me causou um impacto muito grande. O suicídio de Vargas travou um golpe que estava em pleno desenvolvimento e adiou em 10 anos a tomada do poder pelos militares. A carta de Vargas também teve um impacto enorme na sociedade, levou o povo para as ruas, houve depredações... Aquilo causou uma comoção muito grande. A partir daquele momento passei a me interessar pela vida política do Brasil. Em seguida, em 1956, há o contragolpe do Lott com todo aquele discurso nacionalista.

Logo em seguida fui para Goiânia estudar e lá me envolvi com Tarzan de Castro, Elio Cabral, Félix de Moura e com um grupo de jovens que também foram tocados por aquele movimento e que desenvolviam

um pensamento mais progressista de acordo com a soberania nacional. O que se discutia naquele momento era a teoria nacionalista – o Brasil se apropriar de suas riquezas, o Brasil tornar-se independente da exploração americana, o Brasil, enfim, encontrar o seu desenvolvimento próprio que o levasse ao encontro de sua destinação histórica.

Então, aquela juventude, principalmente do Lyceu que tinha a participação dos grêmios, passou a ter uma preocupação não somente com as eleições dos seus grêmios estudantis, mas também com os grandes temas nacionais, principalmente a soberania nacional. E essa geração é tocada por um grande acontecimento que marcou a América Latina, que é a Revolução Cubana. Naquele momento a figura de Che Guevara, de Fidel Castro, do Comandante Almeida aquilo excitou a imaginação romântica dessa juventude. Então, nós também, começamos a sonhar não só com a soberania do Brasil, mas com uma revolução que viesse a modificar profundamente as estruturas sociais, econômicas e políticas do Brasil. Não se tratava mais de defender a Petrobrás, a escola pública e gratuita, defender as mulheres que estavam sendo esterilizadas na Amazônia, a apropriação da Amazônia, a defesa do mogno no norte do estado. Todas essas lutas tomaram uma proporção maior com a Revolução Cubana. Queríamos uma revolução no Brasil também, que rompesse com toda aquela estrutura arcaica da sociedade brasileira. E esse grupo foi tomando uma consciência maior de sua participação na vida política da Nação. E outro grande momento que marcou também profundamente a nossa luta foi a renúncia do Jânio.

MILITÂNCIA

Em 1955, um ano depois do suicídio de Vargas, eu já estava em Goiânia e acompanhei toda essa movimentação da UGES - União Goiana dos Estudantes Secundaristas, da UBES – União Brasileira de Estudantes Secundaristas, dos grêmios estudantis dos colégios Félix de Bulhões, Ateneu Dom Bosco, Escola Técnica Federal, Pedro Gomes, Lyceu de Campinas. Eram os grêmios que movimentavam toda a política estudantil. Os congressos estudantis da Uges – congressos de Itumbiara, Rio Verde, Goiânia... Foi uma geração que se fez principalmente no debate. Era bonito, o jovem ele se fazia, se insinuava através do seu discurso, através da sua oratória. Eles se especializavam. Muitos tomavam até aula de dicção, se preparavam para ter desempenho nos congressos estudantis. Então, iniciei nesses grêmios estudantis. Estudei no Ateneu Dom Bosco, atuei no grêmio junto com Eldório Pedrosa e outros elementos. A gente já tinha uma participação lutando pelas reivindicações estudantis. Tinha o jornal, a imprensa estudantil e tínhamos

atritos muito grandes com os padres lá porque eles tentavam interferir na vida do grêmio e nós queremos uma soberania maior na sua atuação. E, justiça seja feita, teve momento que eles desistiram de impedir a atuação do grêmio. Chamava grêmio Auriverde e foi um grêmio de muita participação, especialmente junto a UGES que era a entidade que congregava todos os estudantes secundaristas do estado de Goiás. E se impunha nesses congressos estudantis. E como eu disse anteriormente, era essa oratória que ditava quais os grêmios teriam maior participação através de seus representantes, de suas oratórias, de suas teses, de suas propostas nacionalistas, de autonomia, de reivindicação contra aumento de passagem de ônibus, meia entrada no cinema – isso era sagrado para os estudantes. Esses eram os temas que movimentavam a vida estudantil.

Teve um comício em 5 de março que foi dissolvido a bala e deflagrou um movimento muito grande entre os estudantes no estado de Goiás, principalmente entre os grêmios estudantis de Goiânia. Aquela ação do governo do José Feliciano. A partir daí a presença dos estudantes passou a tomar uma dimensão maior – antes estava restrita aos grêmios e agora passa a ser também na política partidária. Aí surge a grande liderança do Péricles, do Tarzan, do Elio Cabral que vão se desligando um pouco do movimento estudantil e começam a participar na vida política do estado, dentro dos partidos políticos: do PSD, do PDN, do PDC. Esses partidos também começam a acoplar, a buscar essas lideranças que eram grandes oradoras. O Péricles, por exemplo, foi o maior orador estudantil do Brasil. Era muito comum as entidades fazerem torneio de oratória.

Agora temos que lembrar que a partir da ditadura do Estado Novo grandes lideranças da esquerda vieram para Goiás. Foram perseguidas no nordeste, no sul e vieram para Goiás viver com suas famílias. O Cristiano Ribeiro, fundador do Partido Comunista do Brasil, foi professor na Faculdade de Direito de Goiás. Essa zona da estrada de ferro foi uma zona do Partido Comunista. Catalão foi um grande centro de comunistas. Aqui em Goiás, também em 1946, eles faziam passeatas e pannels reivindicando melhores salários e comida para a população. Havia um partido comunista muito forte aqui e essas lideranças foram para Goiânia. E Goiânia também surge dentro de um contexto assalariado. Gente do nordeste, de todo o Brasil veio para Goiânia a fim de fundar a cidade. Ela foi feita fundamentalmente por essas populações pobres, humildes, excluídas.

E há também grandes líderes intelectuais, Bernardo Elis, Eli Brasi-liense, Maximiliano da Mata Teixeira que eram homens de esquerda, mas com penetração no governo. Maximiliano foi desembargador e presidente do Tribunal de Justiça. Bernardo Elis foi diretor da Imprensa Oficial.

Havia a revista Oeste que abriu espaço para grandes intelectuais da época. A geração de 1945 em Goiás tem espaço fundamentalmente na revista Oeste. E isso, claro, vai criando um ambiente dentro da juventude. Muitos deles eram também professores nas faculdades. E tinham grandes professores que levavam para lá essas grandes teses, fazendo a cabeça da juventude. Esses professores tinham tanta credibilidade não só social, mas, também, com os alunos porque eram abertos, conversavam com eles, se reuniam com os alunos no pátio. Não havia um distanciamento entre a cátedra e os estudantes. É claro que havia grandes canalhas, mas foi a participação desses professores de esquerda que fundamentalmente formou essa geração.

Teve problemas em Goiás que foram grandes temas nacionais: mudança da capital, a Petrobrás - na greve de 1955 os estudantes erguem uma torre de madeira no centro de Goiânia. O Centro Acadêmico Onze de Maio participou dessas grandes campanhas nacionais. Outro problema foi o mogno que a empresa imperialista Rimpex estava devastando o norte do estado de Goiás. Então o Declê Crispim, que foi uma grande liderança, o Haroldo de Brito Guimarães, o Hélio de Brito Guimarães, essa juventude toda formada dentro dos parâmetros da esquerda, do pensamento progressista. E eram grandes intelectuais, grandes poetas que tinham grande penetração com a juventude. Então quando a gente vai para Goiânia já encontra esse ambiente de efervescência cultural. Através da UBE, do Geraldo Vale que era um boêmio e vivia entre essa juventude, o Bernardo Elis, em 1955, lança O Tronco, que foi um acontecimento literário, relatando a luta dos coronéis no norte do estado. Tudo isso forma essa juventude.

Também o estado já não estava tão isolado como era quando a capital era aqui (cidade de Goiás). Goiânia surge como uma metrópole, com a proposta de inserção de Goiás no mundo moderno. Essa foi a proposta de Goiânia. Goiânia era o moderno, o avanço, o novo, o progresso. Então, aquilo cria o consciente coletivo. E essa juventude assimilou essa ideia de progresso. Foi fácil a gente assimilar e integrar essas lutas, esses grandes temas nacionais. Houve um conjunto de fatores que contribuiu para que Goiânia tivesse essa efervescência cultural e política. Lançamentos de livros, palestras, o relacionamento entre intelectuais e juventude. Eram intelectuais ligados a uma causa, a busca de justiça social e não esses intelectuais dissociados da realidade.

UGES

Fui do grêmio do Atheneu Dom Bosco e da UGES. Formei ao lado do Tarzan, do Elio Cabral, do Dinis, do Herlan, do Péricles - esse grupo

que lutava contra o grupo da direita. O Zé Martins, o Xavier, esse grupo que detinha o comando da política estudantil. Esse grupo do Tarzan abre uma dissidência no congresso de Itumbiara, a Fleg - Frente Livre dos Estudantes do Estado de Goiás. Esse grupo junta com o Movimento Cinco de Março, rompe com a UBE, que era de direita, e cria UGES com maior participação, maior militância, maior disponibilidade. Depois esse grupo do Tarzan acaba assumindo completamente o controle da UGES e desencadeia em todo estado um grande movimento, através principalmente desses congressos que eram realizados no interior. Então, levavam o debate para Itumbiara, Rio Verde, Catalão, Jataí, Goiás. Os estudantes recebiam essas informações através desses congressos. Raramente eles aconteciam na capital. Isso vai despertando lideranças interioranas que quando chegavam à capital já estavam com o espírito trabalhado.

Outro grande momento é a renúncia de Jânio e a resistência para a posse do Jango. Em Goiás o governo do Mauro Borges, num fato inédito na história goiana, distribui armas para o povo resistir ao golpe juntamente com Leonel Brizola no sul.

Outro fato importante que influenciou essa efervescência foi a luta pela implantação de Brasília aqui no Centro Oeste. A juventude, as classes empresariais, há uma união da sociedade goiana para trazer a capital para cá. Isso já estava presente, esse espírito efervescente que explode com a luta pela legalidade.

Com o movimento em 1961, em função da renúncia do Jânio, Mauro Borges lança um manifesto aderindo ao Brizola em defesa do Jango, convoca a polícia militar e arma o povo através da sociedade organizada: os grêmios estudantis, federação dos trabalhadores, sindicatos dos trabalhadores recebiam armas através de seus representantes. O Cebaigo, os quartéis da polícia militar abriram os portões para o voluntariado que era treinado pelos oficiais para resistir ao golpe. As armas não foram distribuídas indiscriminadamente. Houve treinamento para o voluntariado, principalmente estudantes e trabalhadores organizados em seus respectivos sindicatos.

Depois disso o Brasil foi outro país. Ai vem a posse do Jango. Aí é lançada a grande campanha pelas reformas de base. Esse é o grande momento que o Brasil perdeu, o das reformas de base. A campanha foi feita através dos sindicatos, dos grêmios estudantis, da UNE que assume um papel fundamental, também, através da cultura ao criar a UNE Volante que percorre o interior brasileiro levando os grandes temas nacionais por meio do teatro e do cinema: reforma de base, reforma bancária, reforma universitária...

Outro grande momento é a criação da Universidade Federal de Goiás. Até o arcebispo de Goiânia, Dom Fernando, foi enterrado pelos estu-

dantes no centro da capital. Aquela figura mística, quase intocável é desmitificado pelos estudantes. Eles vão para a rua e enterram Dom Fernando com todo estilo, com toda a pompa e isso gera uma grande repercussão. Então esses acontecimentos: Brasília, criação da UFG, criação da Petrobrás contribuem para a efervescência em Goiânia, que tem seu clímax na luta pela legalidade em 1961, quando há então uma integração quase total da juventude com os grandes temas nacionais.

MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS

Houve muito equívoco, aquele momento, todo aquele entusiasmo, aquela pressa da juventude... A revolução estava na próxima esquina esperando cada amanhecer a partir de 1961 com a posse do Jango, que lançou todas aquelas reformas num país que estava doente. Nós não queríamos reforma. Inclusive qual era o grande tema nacional, reforma ou revolução? É claro que a juventude optou pela revolução. Fomos viver isso aí, fomos buscar a revolução. Tanto que houve em Dianópolis, aqui no estado, um centro de treinamento de guerrilha. Famoso. Através do Julião um revolucionário de Recife que manteve contatos com o Tarzan, com o Elio Cabral, traz-se para Dianópolis um centro de treinamento em guerrilha, que teve um final trágico e que é resgatado pelo Lula (Luiz José do Rego) em seu romance Dias de Fogo. O Exército foi lá, dizem que foi até avião a jato, encontrou meia dúzia de carabinas descalibradas e o pessoal todo doente.

Houve um fato interessante, tinham dois pernambucanos servindo o Exército em Recife, eles assaltaram o paiol e vieram para Goiás trazendo as carabinas descalibradas para o Centro de Treinamento em Dianópolis. Lá ficaram meses completamente isolados, sem a mínima assistência. Praticamente eles se entregaram. Um pegou isipela, outros pegaram essas doenças tropicais e foram obrigados a abandonar o dispositivo em busca de atendimento médico. O Exército já não encontrou quase ninguém. A vítima disso foi o Tarzan, que foi preso. Na verdade, antes, em pleno governo constitucional, ele já havia sido procurado, preso, enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Eu vivi todo esse processo porque morávamos no mesmo quarto de pensão. Foram noites de medo. Então, antes de 1964, a gente já vivia esse processo de tensão, de medo, de ameaças. Vivíamos quase que numa semiclandestinidade.

Houve um movimento reivindicatório de terras em Porangatu e eu fui para lá levar umas mensagens para os estudantes. Tudo isso através do Movimento Revolucionário Tiradentes, dessa concepção de guerrilha de

cercar a cidade pelos campos. Houve várias invasões de terra no estado de Goiás antes de 1964. A maior delas foi em Porangatu. Em todas elas nós estávamos dando apoio logístico através de advogados, de conselhos, de palestras, de conscientização. Ficou uma coisa interessante, os contatos mantidos entre os estados, principalmente Rio Grande do Sul e Pernambuco, que eram estados que também estavam em grande efervescência. Eles ficavam esperando que Goiás deflagrasse o processo; Goiás esperava o Rio Grande do Sul e o Rio Grande do Sul, por sua vez, esperava Pernambuco. Ficou aquele ciclo vicioso, cada um esperando o outro agir. Então, quando um movimento surgia a gente achava que a revolução estava próxima, estava a um passo.

Houve também um movimento do operariado nos grandes centros - São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul. Foram fundados o CGT (Comando Geral dos Trabalhadores), o PUA (Pacto de Unidade e Ação), esses movimentos reivindicatórios, grandes greves que começam a atingir as Forças Armadas, o movimento dos sargentos, o movimento pelo direito dos marinheiros se casarem... O país foi convulsionado por esses movimentos reivindicatórios, movimentos de organização, movimentos de conscientização. O movimento Paulo Freire de alfabetização de adultos foi também um grande momento na vida nacional. Aquilo envolveu principalmente a juventude universitária. Muitos foram para Pernambuco fazer curso, vieram para Goiás e colocaram em prática o método Paulo Freire. Foi um grande momento da vida cultural brasileira. O teatro de arena, a Une Volante com o cinema. Surgem o João Pedro, o Glauber Rocha, o Nelson Pereira dos Santos com Cinco Vezes Favela. A Une, os estudantes promovendo esse grande momento cultural: a música, a bossa nova, o Centro Popular de Cultura. O presidente da Une era um goiano, o Aldo Arantes. O presidente da UBES também foi um goiano, o Olímpio. De repente os goianos estavam tendo uma grande ascensão no movimento estudantil. Isso gera toda essa efervescência em Goiás.

O GOVERNO DE MAURO BORGES

O governo do Mauro Borges, vamos fazer justiça, era um governo planejado, um governo que fugiu dos padrões da época. O PSD (Partido Social Democrata) era um partido na época comparado com faroeste, devido a violência que vigorava no interior do estado. Na capital um jornalista foi assassinado no centro de Goiânia; a Assembleia Legislativa foi várias vezes invadida por jagunços, havia a figura oficial dos jagunços. Depois a revolução institucionaliza a segurança, mas havia jagunços. A polícia

militar era formada fundamentalmente por pistoleiros. Para ter qualquer promoção dentro da polícia era preciso ser bom no gatilho.

O Mauro Borges completa a obra do Pedro Ludovico e faz um governo planejado, um governo técnico. Ele chama a juventude para participar. Tarzan de Castro foi oficial de gabinete do Mauro. O Zacariotti era subchefe da Casa Civil. Mario Roriz serviu na Casa Civil. Hugo Brockes foi chefe de gabinete. Toda essa juventude da UGES estava dentro do governo Mauro Borges. Então, era um governo democrático que abriu a participação especialmente para a juventude. E eles não participavam só do governo, participavam também da campanha. Tanto que o Péricles morreu na campanha.

A partir do comício da Central (Rio de Janeiro) é que vimos que o país estava à beira de uma convulsão. Ou vinha da direita, ou vinha da esquerda. Eram cem mil trabalhadores em frente ao Ministério da Guerra. Naquele momento nós sentimos que o país estava na iminência do acontecimento. Não sabíamos de onde vinha. Era sintomática a frase do Arraes, ele foi ao comício e quando volta para Pernambuco ele diz “estamos no momento de um golpe, agora não sabemos de onde virá.” Aquele momento a gente viu que foi um divisor de águas, que algo importante aconteceria no país. E realmente poucos dias depois...

O interessante é que foi uma grande decepção. Nós tínhamos tanta confiança nos dispositivos da esquerda, no movimento dos sargentos, nos operários, no CGT, na UNE, que quando o Mourão Guerra se levanta em Minas, a gente ri, a gente achou bom. A gente pensou, nós vamos esmagá-los agora e dar um grande passo para a implantação do socialismo no Brasil. Foi nosso grande erro, nossa grande decepção. Numa noite, sem a gente disparar um tiro, cai toda a nossa esperança, o nosso sonho de construção de uma nova nação, uma nova pátria caiu naquele momento.

A gente não tinha essa perspectiva de duração. Mesmo após o golpe a gente achava que com seis meses, um ano, a sociedade brasileira, as forças progressistas conseguiriam reverter a situação através de um contra-golpe. E mais uma vez Goiás se sobressai no cenário nacional por causa da luta pela preservação do governo do Mauro Borges.

O GOLPE

No dia estava aqui em Goiás (cidade). Estava numa festa folclórica e quando cheguei em casa meu pai me deu a notícia de que havia arrebentado uma sublevação em Minas. Não dei muita importância, achei aquilo até salutar porque como já tinha falado antes “eles colocaram a cabeça de fora e agora íamos esmagar a serpente.” Mas imediatamente comecei a manter

contato com os companheiros do movimento estudantil. Havia um movimento estudantil forte aqui, do Partido Comunista, o Adircério, o Lafaiete. Nos reunimos. Comecei a sentir que o negócio estava indo por água abaixo na madrugada quando as emissoras de rádio, ainda não havia televisão aqui, começaram anunciar adesões às forças golpistas. Você não via uma adesão de autoridade militar ao Jango. E no momento que ele abandona o Rio de Janeiro e vai para Brasília, eu vi que tudo estava perdido. Ai então foi a debandada geral e na madrugada com o apoio do 2º Exército vimos então que era o fim.

Outra grande ilusão, Mauro aderi ao golpe. E aquilo trouxe uma grande frustração. A gente esperava que Mauro fosse repetir 1961, que formasse novamente uma rede pela legalidade no país. Brizola volta para o Rio Grande do Sul e toma o Rio Grande do Sul. Mas não ficou nem uma noite porque foi traído. Tinha o 3º Exército na capital, mas as guarnições de Santa Maria, as principais guarnições do interior apoiaram o golpe. O general Adálio Teles era o comandante do 3º Exército e garante Brizola em Porto Alegre para uma reunião. Mas quando Jango chega ao Rio Grande do Sul vindo de Brasília ele desautoriza a resistência. Brizola insiste para que ele nomeasse o general Adálio Teles como ministro da Guerra para eles iniciarem a resistência, mas infelizmente todo o país já estava tomado. Mauro não aderiu ao Brizola, as guarnições do exército já tinham aderido ao golpe. Brizola ficou mais uma semana no Brasil percorrendo todo o Rio Grande do Sul tentando levantar a Brigada Militar. Mas infelizmente ele viu que era inútil a resistência e uma semana depois se asila no Uruguai.

Aqui em Goiás de imediato a gente não sente nada, a não ser provocações, risos... Mas uma semana depois estoura as prisões. Prenderam o Lafaiete, prenderam vários estudantes. Eu consegui escapar. Uma meia dúzia - eu, o Mendes, o Adircério conseguimos escapar. Fomos para Goiânia. Lá eu fiquei legalmente, no primeiro momento. Em Goiás, no início do golpe, eles buscavam atingir o governo do Mauro Borges. Era uma luta do PSD e UDN (União Democrática Nacional). Não era mais uma luta ideológica, claro alguns comunistas foram presos, mas as prisões se deram mais efetivamente, com mais rigor entre os auxiliares do Mauro Borges. Vira uma luta política entre PSD e UDN. A UDN se sente fragorosamente derrotada e viu naquele momento a oportunidade de assumir o governo, o que acontece em novembro. Então, de março a novembro o estado de Goiás praticamente paralisou. E a gente tinha na presença do Mauro grande esperança de que ele também deflagrasse um movimento de resistência ao golpe. Mas a disparidade de forças era muito grande, uma polícia mal armada, mal municuada. E o Cruer já tinha certa divergência com a ditadu-

ra. O Mauro faz contato com o Cruer, com o Ademar de Barros para fornecer armas para Goiás, oficiais da polícia de Goiás vão a São Paulo atrás de armas, mas é tudo negado. Mauro tinha a pretensão de resistir. Vários oficiais foram a São Paulo compor com Cruer à procura de armas para poder resistir militarmente ao golpe. Era um golpe e tinha o objetivo em Goiás de tirar um Ludovico PSD do poder. Aquele PSD mais progressista, do Mauro, da liderança do Pedro Ludovico. Tanto que compuseram aqui com Castro Costa, com Peixoto, aqueles do PSD mais conservador foram resguardados. Aqueles mais progressistas como Eurico Barbosa, também foram atingidos. Então eles fazem essa luta política.

Eu me lembro de que a gente sempre visitava o Tarzan no Cepaigo. Todos os domingos nós íamos visitá-lo. Ele ficou preso do início de 1964 até setembro. E nós fomos visitá-lo todos os domingos, tínhamos livre acesso. Também foram presos: o José Mendes, diretor do ginásio; o Lafaiete Moraes; e dois líderes operários e levados para Goiânia. Aí Mauro viu que eram prisões políticas, principalmente a do diretor do ginásio, apesar de ser um cara de esquerda a prisão dele era para atingir o seu governo – foi liberado.

É interessante que a igreja, no primeiro momento, apoia o golpe aqui também. Tanto que a primeira manifestação pública de apoio ao golpe aqui na cidade foi feita através de uma missa. No estado eu não sei, mas aqui na cidade de Goiás, a primeira manifestação pública de apoio ao golpe foi feita dentro da igreja do Rosário. Esse padre posteriormente se redimiou desse ato. Logo surge a Teologia da Libertação, o Congresso de Medellín na Colômbia.

Na época é feito um ato ecumênico. Os representantes da maçonaria, das igrejas evangélicas que eram muito fraquinhas na época fazem um comício pedindo medidas repressivas contra os comunistas da cidade. Isso foi numa 6ª feira. No domingo a polícia começa a prender essas lideranças estudantis na rua mesmo. Eu me lembro de que estava andando com o Lafaiete e o sargento chegou dizendo que o delegado queria bater um papo com ele. Ele foi, chegando lá ficou detido. Fizeram umas três ou quatro prisões aqui. Na época, Goiás era uma cidade muito conservadora. Havia aqui um movimento estudantil forte e havia muito preconceito, tanto que a prisão dessas lideranças foi aplaudida. Apenas as famílias dessas lideranças atingidas é que reagiram negativamente a essa repressão.

PERSEGUIÇÕES E RESISTÊNCIA

É claro, tinha que mudar de endereço, mudar de quarto, dormir cada dia num local em função da atuação nessa guerrilha de Dianópolis e do

movimento estudantil que era muito forte. Toda vez que prendiam o Tarzan eu tinha que mudar de quarto. Minha atuação era mais dentro dos grêmios estudantis e do Centro Acadêmico Onze de Maio. Eu realmente não tinha uma grande visibilidade, era ofuscado pelas grandes lideranças. O Tarzan tinha uma personalidade muito forte, tinha uma liderança muito forte. Eu realmente era um pouco apagado diante dessas lideranças. A gente também estava em formação, estava estudando, pesquisando. A gente via essas pessoas, o Elio, o Tarzan, o Zacariotti quase como mentores. Era interessante porque às vezes tínhamos até posições divergentes, às vezes surgiam algumas dúvidas, incertezas. Um tinha uma proposta o outro tinha outra, um tinha uma concepção... E depois isso vai estourar após o golpe, em 1968.

Aí formamos - os centros acadêmicos, as universidades - formamos milícias, grupos para atuar contra o golpe contra o Mauro. Tanto que quando os tanques vêm de Brasília para Goiânia, deitamos no chão ali perto da Polícia Rodoviária Federal e formamos uma muralha humana para impedir a entrada deles na cidade. As tropas nos arrastaram, nos afastaram, usaram tiro de festim, jogaram gás lacrimogênio. Vimos que aquilo era inútil, nós nos dispersamos e fomos para a Praça Cívica. Agora houve todo um processo, foram noites, propostas imensas. Até que o nosso amigo Neso assalta o Tiro de Guerra em Anápolis. Ele, James Alen, o Belmiro... Aí sim, o Exército viu que havia algo sério em Goiás e aquilo contribuiu para o avanço do golpe no estado.

Os processos, as prisões, as torturas e a triste lembrança do coronel Danilo e do capitão Aníbal Coutinho que foram os mentores militares. Os mentores civis foram os da UDN: Emival Caiado, Hélio de Brito. Eu me lembro que fomos ao quartel do Exército, juntamente com o Rezende Monteiro, conversar com o coronel que era aqui de Goiás mesmo, me esqueci do nome dele, dizendo que nosso comandante era o Rezende Monteiro e que estávamos lá em apoio ao governador. E o Mauro toma aquela medida de apoio ao golpe e o Exército imediatamente também aderiu. Após o golpe esse coronel foi afastado e veio o coronel Havanir Rouchelas que era também do golpe, mas não era torturador, não era violento. Ele abriu vários IPMs. Aí o país foi tomado pelos famosos IPMs, pela Comissão Geral de Investigação. Fizeram uma devassa no governo Mauro. Esse Havanir agiu com certo critério, mas então não agradou os duros, nem a UDN que simplesmente queria a deposição do Mauro. Então substituíram o Havanir pelo coronel Danilo, de triste memória. Esse sim, ele assume na véspera do 7 de setembro, me lembro porque visitamos o Tarzan na véspera. No dia 7 de setembro nós estávamos no desfile quando chega a notícia de que o Tarzan havia sido

transferido para o Exército e estava sendo torturado. Todos aqueles presos que estavam à disposição do Estado, que foram presos pelo Estado foram imediatamente transferidos para o Exército. Aí as prisões recomeçaram. Foram presos o Hugo Brockes e o Zacariotti. Fizeram isso através de escritura pública. Aí começa haver uma mudança. O Correio da Manhã abre espaço. O Tarzan manda uma carta para o Correio da Manhã denunciando as torturas em Goiás. O Zacariotti também faz um manifesto denunciando as torturas e já alertando que a luta, as prisões, as torturas já não tinha um sentido ideológico, tinha um sentido político, visava depor o Mauro Borges. Então, o Mauro já sabia que estava irremediavelmente condenado. Naquele momento se tratava de saber se ele resistiria militarmente ou moralmente. O Palácio, a Praça Cívica tornou-se o centro, todas as noites íamos para lá. Eram reuniões, propostas, teses, sugestões de resistência, se o Mauro resistiria ou não. E aquilo foi trabalhando a emoção do povo goiano, tanto que Goiás ficou como um dos grandes centro de resistência à ditadura porque já havia sido trabalhada a emoção do povo goiano.

O governo Mauro Borges era um governo que tinha a simpatia, o apoio da sociedade. De repente esse governo é militarmente afastado, brutalmente com toda a violência militar. Goiânia é assaltada, ameaçada de bombardeio. Se falava em bombardear o Palácio das Esmeraldas. Um momento lindo foi o dia da deposição do Mauro. Ele sai do Palácio nos braços do povo. A Praça Cívica estava inundada, parecia que toda Goiânia estava concentrada ali. Na hora que os militares chegam com o decreto de intervenção, que foi a forma que encontraram de legalizar a deposição do Mauro.

Foi feito um acordo porque antes o Mauro obteve uma vitória estrondosa no Supremo Tribunal Federal de 5 a zero na votação do habeas corpus. Havia um habeas corpus concedido pelo Supremo que evitava a prisão dele. Ele requer esse habeas corpus e o julgamento é transmitido ao vivo pelo rádio para todo o Brasil. Você acompanhando o voto de cada ministro pelo rádio, a sua emoção extravasava, a nossa esperança estava naquilo ali, que o Mauro através de Goiás pudesse frear o golpe, pudesse enfrentar a ditadura. E ainda era uma ditadura disfarçada. Castelo Branco foi eleito pelo Congresso. Algumas instituições ainda funcionavam. O Supremo funcionava; ainda havia o instituto do habeas corpus. Ainda não havia a censura rigorosa à imprensa, tanto que o Correio da Manhã publicou a denúncia do Tarzan. Os grêmios ainda funcionavam. Então nós aproveitamos esse pequeno espaço democrático para poder respirar e construir alguma coisa também. Outros grupos já partiram para o preparo para a luta armada – o PC do B, a Polop.

Com o trauma sofrido pela intervenção, eles amenizaram um pouco o golpe em Goiás. A partir da intervenção, foi feito um grande acordo político entre o PSD e a UDN. Tanto que o Iris Rezende era presidente da Assembleia e permanece como presidente. Foi feito um acordo: Mauro Borges não seria preso, não seria processado, mas a Assembleia votaria pela intervenção e elegeria um governador indiretamente. Foram buscar um general gagá lá no Rio, que era o Ribas. Então amenizaram, concederam aumento para o funcionalismo público, fizeram tudo para amenizar o trauma da intervenção do Mauro. O Mauro permaneceu livre. Os secretários que haviam sido presos anteriormente, o padre Rui, o Ari Demóstenes foram transferidos para Juiz de Fora. Há uma amenização da repressão neste primeiro momento.

Em 1965, 1966 havia uma movimentação estudantil. Havia a ditadura, mas havia um espaço de movimentação. A Une funcionava. Ganhamos várias vezes a eleição dos centros acadêmicos, fui eleito presidente do DCE com chapa única. Veja bem, em plena ditadura a direita estudantil não teve condições de lançar candidatura para os grêmios estudantis, nem para o DCE. Dominávamos completamente o movimento estudantil em Goiás. Então, ainda havia um espaço em que você podia respirar e atuar. Tanto que esses grêmios atuaram. A esquerda tinha todo o controle do movimento estudantil no estado de Goiás. Então, permanece um espaço. Os militares, tinha o grupo Castelo, o famoso grupo da Sobornne, tinham como meta o retorno às liberdades democráticas. O Castelo queria limpar a área dos comunistas e entregar o governo. Tanto que ele nem queria o Costa e Silva, o candidato dele era outro. O Costa e Silva foi colocado pela goela abaixo. Ele se impôs como candidato. Costa e Silva garantiu um pouco dessa liberdade. Tarzan foi libertado através de habeas corpus.

1968

Em 1968 teve o mês de maio na França, a morte de Guevara...A primavera de Praga, as primeiras contestações do socialismo, já haviam grandes divergências na União Soviética, ela já não monopolizava mais o pensamento da esquerda no mundo. Já havia o pensamento do Mao Tse Tung, já havia a resistência do Vietnã, a geração silenciosa dos Estados Unidos, o movimento hippie, o festival de Woodstock, a bossa nova no Brasil... No Brasil então havia um movimento cultural maravilhoso: teatro de arena, Nara Leão, Chico Buarque, o Cinema Novo, Glauber Rocha, aquelas novas concepções de estética chamada de a estética da fome; os grandes festivais de músicas de onde surgem Disparada, Para Não Dizer que Não Falei

das Flores, Vandré. Tinha essa grande efervescência que já havia antes de 1968. A passeata dos Cem mil no Rio de Janeiro, a movimentac o estudantil no Rio de Janeiro, em 1967. 1968   consequência dessa movimentac o. Havia os deputados de esquerda atuando no Congresso: o Marcito, o Ermano Alves, o Márcio Moreira Alves... Nós mantínhamos contato com eles no Congresso, os trazíamos para fazer palestra em Goiânia. O DCE, a UEE funcionavam. Havia movimentac o. Havia luta contra a ditadura. Aquelas reivindica es estudantis, as lutas especificas do movimento estudantil desapareceram. Todo esforço, toda a energia foram concentradas para vencer a ditadura, para recuperar as liberdades democráticas. Foram grandes manifesta es: São Paulo, Brasília, Goiânia. A Faculdade de Direito foi várias vezes cercada. A faculdade centralizava todo o movimento estudantil porque estavam l  as principais lideranças estudantis. Preciso fazer justiça tinha também o nosso diretor Paulo Tormim Borges, conservador, católico, mas de uma corre o muito grande. Como também o nosso reitor Jer nimo Geraldo Queiroz que tinha uma postura horrível de apontar estudante no meio da rua para ser preso pela polícia. O Romeu Campos, a professora Arminda Pergamini que abria a sala de aula para o Exército prender aluno l  dentro. A prisão do Hélcio Brom aconteceu dentro da sala de aula com a complacência dessa professora Arminda. Então havia também a luta contra esses professores dentro da faculdade chamados de dedos duros que delatavam, faziam denuncias...

PRISÃO

A gente nem dormia mais, ficava a semana inteira fora de casa promovendo reuniões, passeatas. Aí a repressão aumentou também. A PM começou a cercar o movimento estudantil no estado de Goiás. Foi em 1966, quando fui preso. Fiquei alguns dias l  no 10  BC. Alguns se homizaram, outros se exilaram. Na prisão fiquei uns dois dias só. Como Goiânia estava traumatizada com as denuncias de torturas havia uma pressão, uma vigilância muito grande da sociedade sobres esses estudantes que estavam sendo presos, então não sofremos tortura. Sofremos guerra psicológica, palavrões, empurrões, ameaças de agressões físicas, mas isso não se concretizou. O presidente do nosso IPM na época está vivo, semana passada escreveu um artigo defendendo a ditadura.

O pior da prisão é a d vida. Porque quando você é condenado a dez anos, sabe que vai ficar dez anos ali. Mas quando é preso sem nenhum julgamento, sem nenhuma condena o, você não sabe o que vai lhe acontecer. A solidão nas madrugadas na prisão   terrível, você não sabe como

vai amanhecer, se será fuzilado, se será transferido, quanto tempo vai ficar ali. Pessoas já começavam a desaparecer, prisões ilegais, torturas. Nós não sofremos essas torturas por causa da denúncia do Tarzan que chocou a opinião pública de Goiás. Então quando fomos presos abriram esse IPM contra nós, vários estudantes, houve essa pressão da sociedade, da maçonaria, da OAB - o Dr. Rômulo Gonçalves, que morreu recentemente debaixo de um silêncio geral, nos visitou na prisão. Tem um fato interessante. Nós estávamos numa sala, quando ele chega lá o coronel aponta para nós e diz “aí, não está preso não, estão em sala.” Dr. Rômulo com toda a calma disse “não coronel, pode não ser uma prisão para vocês que estão acostumados com cadeia, mas para nós civis mesmo uma cidade pode ser uma prisão”. Ele foi muito duro, muito firme, muito corajoso e impediu que se consumasse alguma violência contra nós. Então, à medida que íamos depondo, íamos sendo liberados. Mas houve esse constrangimento. Ficamos marcados. Chegávamos na faculdade éramos olhados de modo diferente.

Aí veio o grande problema. Formei e agora? Fazer concurso. Me preparei para ser juiz. Abria concurso para juiz, procurador, promotor. Você se inscrevia e sua inscrição era rejeitada. Você não podia apresentar o chamado Atestado Ideológico. Para qualquer cargo, qualquer concurso, até para ser professor primário em uma corrutela, exigia-se o atestado ideológico, que era emitido pelo DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social. Havia lá toda a sua ficha. Você não ia lá, mandava alguém – sua esposa, seu irmão, sua mãe. Como você ia à toca do leão buscar um atestado sabendo que estava fichado? Você tinha certeza. Ia mesmo para desengano de consciência. E quando chegava lá faziam toda a pressão querendo saber onde estávamos. Todo o serviço de informação era feito pelo Ministério Público. Os promotores eram encarregados de fornecer as informações para o SNI – Serviço Nacional de Inteligência. Só me restava advogar. Quando chegava ao Fórum o promotor mandava tomar cuidado. Alguns promotores incompetentes sabiam que eu ia pegar uma causa e já me pressionavam. Já chegava para as audiências amedrontado, em estado de alta tensão psicológica. Muitas vezes não tinha nem condições morais de defender o cliente.

AI5

Foi repressão total. Há um caso interessante para você ver a influência da cidade de Goiás. O Suplicy Lacerda, que era ministro da Educação, estava com um osso na garganta que era a autonomia dos centros acadêmicos. Como eu disse anteriormente, os centros acadêmicos de esquerda permaneceram com o controle da política estudantil. A Une, os centros

acadêmicos mais importantes do Brasil: Faculdade de Direito de São Paulo, a Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro... Ele tinha que cassar a autonomia. Ele visita a cidade de Goiás e é saudado pelos representantes dos estudantes. Aqui, na década de 1945, o grêmio estudantil era chamado de centro cívico. Então, deu um estalo nele e ele decidiu transformar os grêmios em centros cívicos, mudando toda a estrutura do movimento estudantil por meio de um decreto. Logo após a edição da medida, os centros acadêmicos se rebelaram, não aceitaram a imposição da lei. Nós formamos os centros acadêmicos livres. Foi um equívoco. Na época a gente até defendeu que fôssemos para a disputa e que ganharíamos as eleições, que a sigla não importava, o que importava era o conteúdo, era a atuação desses centros. Mas o radicalismo na época era muito grande, o importante era contestar mesmo a ditadura. Então, optou-se por entregar os centros e formar os centros acadêmicos livres. Mas não tínhamos estrutura, não tínhamos telefone, não tínhamos sala... E o que é referência? É o local, nós não tínhamos esse local.

Uma das minhas prisões aconteceu em Goiânia. Eu fui preso por mais uns dois dias. Esse ministro veio a Goiânia e coincidentemente eu estava na Faculdade de Engenharia, próximo à Reitoria, quando falaram que o ministro estava lá. Então fui para lá, entrei no local. Eu pedi a palavra e fiz um discurso incendiário, carbonário contra essa Lei Suplicy Lacerda perante o ministro, perante o reitor que era o Jerônimo Queiroz, que era um repressor tremendo, rancoroso. A mulher do ministro estava lá. Toda a assessoria do ministro era militar. Aí não deu outra. Termina a solenidade, o reitor telefona para o DOPS me prender porque eu estava perturbando a recepção ao ministro. Quando estou saindo me prendem e me levam para o DOPS. Quando chego lá o delegado pergunta: cadê a ordem de prisão? Não tinha. Ela tinha sido oral. O delegado fala que sem ordem de prisão não vai ficar comigo e manda me levar para o Exército. Chega ao Exército a mesma coisa. Fiquei um dia rodando e sem ordem de prisão mandaram me levar para a PM. Na PM a mesma coisa, o coronel me manda de volta para o DOPS. Chego ao DOPS, o delegado manda me levar para o reitor. Quando chego no reitor ele se esquivou e disse que não tinha mandado me prender, que tinha sido um equívoco. Aí eu fui solto. Havia muito disso também.

Uma coisa interessante também, isso aconteceu comigo, que depois da prisão, dos três ou quatro dias que fiquei lá 10º BC, fui saindo e um sargento mandou eu voltar. Era para acertar a minha permanência. Tinha que pagar a refeição e o pouso. Tive que pagar os três dias que fiquei lá. Todos tinham que pagar. Você sai da cadeia sem um puto no bolso. Ai ti-

nha que telefonar, buscar os familiares para pagar sua estadia no quartel, no 10º BC.

Depois eu me formei, fui procurar contatos. Aí já estava bem difícil. Difícil encontrar contatos, focos de resistência, grupos resistentes. O grande problema da esquerda na época foi a desunião. Uma imensa gama de informações, de teses, de propostas, de estudos e análises da realidade brasileira. Cada um com uma tese mais brilhante do que a outra. Isso facilitou a repressão. Essas quedas foram facilitadas pela desunião. De repente Val Palmares, VPR, Colina... Formava-se um movimento hoje e amanhã já havia dissidência desse movimento. Cada um com uma teoria, com uma visão própria da realidade nacional, com uma estratégia própria para combater a ditadura. Para mim isso facilitou muito para a repressão desmontar esses movimentos de resistência que surgiram no Brasil pós 1968. Esses movimentos tomam maior amplitude após 1968. Já havia um arremedo. O PCdoB já tinha a guerrilha montada no Araguaia há muitos anos. Já havia a VPR - quando me formei em 1967 mantive contato com a VPR. Depois esses grupos logo se dissiparam também. Havia muito voluntarismo, muita fragilidade, muito entusiasmo. Você não sentia um movimento forte capaz de derrotar a ditadura. Para mim, isso facilitou a repressão.

O VPR, o grupo que me liguei, mergulhou totalmente na clandestinidade. Todos. Eu não, eu continuei com uma vida semilegal, mas os contatos que eu tinha desapareceram todos. Uns foram presos, outros exilados, outros procuraram asilo, outros se lançaram na clandestinidade absoluta. Era difícil o contato; era temerário, poderia colocar em risco a segurança da gente, do companheiro que você procura. Aí você se isola. Esse é o pior exílio – é o exílio dentro de sua própria pátria, dentro de sua cidade. Eu fiquei aqui completamente isolado dentro dessa cidade, vivendo a exclusão – você se torna um elemento perigoso.

Em 1968 voltei para Goiás, no meio do ano e procurei contato com a VPR, os contatos que tinha com a VPR sumiram todos. Fui a Brasília, mantive contato com o Abreu. Chegando a Brasília acontece um fato interessante. Tinham uma relação com a Síria. O Partido da esquerda assume o poder na Síria e dá um apoio ao grupo do Abreu para a formação de quadros: comunicação, terrorismo, explosivos. Eu estava prontinho para ir para lá fazer um curso de comunicação. O filho da puta do embaixador da Síria puxa um “fogo” no Rio de Janeiro, bate o carro e a policia o prende. Eu já estava arrumando toda a documentação, já tinha falado para minha mãe que tinha arrumado um emprego em Brasília, até que numa noite chega a notícia: some todo mundo porque o embaixador foi preso, pegaram toda a documentação dele e todo o plano, todo o projeto está compromete-

tido. Me lembro de que foi na noite em que o Pelé marcou o milésimo gol dele. Eu corri para a rodoviária, peguei o ônibus e voltei para Goiânia e de Goiânia direto para Goiás.

AS MARCAS

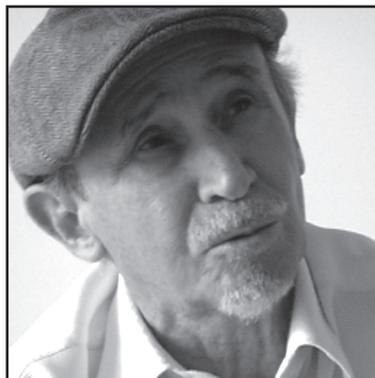
Você é olhado com desdém, com desconfiança. Você representa o perigo, você representa uma ameaça. Ninguém quer nem amizade com você. Seus amigos correm de você, a família obriga o término de qualquer namoro. Você não arruma emprego, não arruma qualquer trabalho. Dentro do seu próprio grupo familiar você é olhado até com certa hostilidade. Você é a ovelha negra da família. Com um diploma na mão não arruma trabalho, não pode prestar um concurso, tem que viver à custa dos irmãos. Eu formado, com o diploma na mão, tendo que viver à custa dos irmãos. Não arrumava emprego nem de professor. Em 1972 eu consegui um emprego de professor num ginásio lá em Novo Brasil. De 1968 a 1972 eu vivi à margem da sociedade. Isso é exílio. É o pior deles, sem contato com ninguém. Não tinha ninguém para trocar ideia, para te informar alguma coisa, para lhe aliviar, para desabafar. Você fica totalmente à margem de todo processo social. Você não existe. Ninguém lhe olha, ninguém lhe respeita, ninguém lhe dá credibilidade. Para você ver como é esse isolamento, até uma associação religiosa na qual eu tentei entrar aqui em Goiás me renegou. Então você não existe.

Você vira uma pessoa leprosa, qualquer contato com você é contagioso. Você não dormia, tanto que eu tenho insônia até hoje. Qualquer barulho acha que estão lhe prendendo. E as ameaças? As ameaças veladas, as ameaças explícitas: “ó, está chegando uma caravana na próxima semana, toma cuidado”; “olha vieram pedir informação a seu respeito”; “toma cuidado”; “estão atrás de você”. Todo esse processo de medo, de ameaça, de coação transforma você numa pessoa medrosa. Você se transforma, vira outra pessoa. E o pior: seus amigos presos, mortos, torturados... Será que é verdade, será que ele foi morto, será que está vivo, que foi torturado? Você vai perdendo o encantamento com a vida se torna uma pessoa sem compromisso com nada, cética. Vai se desumanizando. Vai se tornando uma pessoa retraída, tímida, sem ação, sem qualquer iniciativa própria. Porque no exílio você tem contatos com grupos lá, tem informação. O Tarzan sempre diz, a melhor informação que você tem é no exílio. Lá você tem liberdade de locomoção, de expressão, de reunião. Aqui não, no exílio na sua pátria você não tem direito, você não respira. O ar se torna irrespirável. Você não tem direito a nada, não tem informação sobre nada, você não tem

amizade, você vive sob constante ameaça, sob permanente pressão, até dentro da família. Você se torna um marginal. Esse é o pior exílio, o exílio interno. Você se torna uma pessoa depressiva, sem ação. No momento em que abre uma perspectiva você já não tem entusiasmo.

Em 1972 aconteceu o pior: cometi a loucura de me casar. Fui para Novo Brasil, tinha um primo que morava lá e me arrumou um emprego. No fim do ano corre a notícia de que tinha um comunista na cidade, fui exonerado. O delegado me ameaçou, tive que sair da cidade e fui para a roça, não tinha nem casa para morar. Deixa isso aí, não gosto nem de lembrar isso...

Data de nascimento: 17/01/1934



O CONTATO COM A ESQUERDA

Eu vou apontar de uma maneira bastante objetiva quatro condições que me levaram a entrar para o partido político e ter uma visão de mundo, que é a visão do socialismo, a visão do comunismo. A primeira: a formação de berço, a formação de casa, que vem da casa dos meus pais onde aprendi desde cedo a trabalhar; nós fomos forjados, criados no trabalho, pelo trabalho. E a disciplina dos meus pais era muito rígida neste sentido, era uma criação muito rígida e correta, com respeito ao ser humano em todos os sentidos. A segunda foi a educação comunitária. Eu fui criado e forjado desde os cinco anos no bairro de Campinas. Ali eu passei a fase de criança, de adolescência, de maturidade e foi onde eu me envolvi já com a presença de comunistas porque houve um fato importantíssimo.

Nessa época a perseguição de comunistas já era muito grande em Campinas. Inclusive a casa dos meus pais, que é outra questão fundamental, foi sempre aberta, de apoio e proteção. Nós tivemos alguns comunistas que passaram e ficaram, digamos assim resguardados na casa dos meus pais. Tivemos o Badu, que era um marceneiro do Partido Comunista, foi muito perseguido; tivemos o Carmo, que era um tenente da Aeronáutica; teve na casa dos meus pais, para você ter uma ideia, o Valter que era do Comitê Central. A casa dos meus pais foi uma casa que deu sempre apoio. Mas por que que deu? Porque meus dois irmãos já estavam a caminho dessa mesma causa, são irmãos mais velhos. Então essa questão foi central. Outra questão é que minha formação da adolescência para a juventude e da juventude para a maturidade deu-se num momento que foi o chamado grande movimento nacionalista que estava vivendo o Brasil. Você tem o

movimento nacionalista, logo após a queda de Vargas a subida do general Eurico Dutra, que foi um governo aberto à entrada do capital americano, mas a partir dessa época, e a partir do momento em que o Partido Comunista foi colocado na ilegalidade e depois vem à legalidade, o Partido parte para um processo de articulação política, processo eleitoral... Então, nós tivemos aí essa fase que vai 1946, 1947, principalmente 1948 até o governo Kubistchek, em 1955, a morte de Vargas em 1954, nós tivemos um período de movimento muito intenso com esse movimento denominado nacional desenvolvimentista, mas principalmente um movimento nacionalista, do Brasil para os brasileiros.

Nessa época eu já era estudante. Em 1954, já tinha terminado o Lyceu de Goiânia. Fiz o primário no Grupo Escolar Pedro Ludovico, em Campinas, que considero a melhor escola que tive na minha formação, escola pública, diga-se de passagem. Fiz o ginásio e o científico no Lyceu e ingressei na universidade em 1955. Aí fui direto para o curso de História. Como a gente tinha uma ligação com elementos de esquerda, uma formação rígida dentro de uma disciplina de respeito, tinha uma vida comunitária – conhecia Goiânia e Campinas de ponta a ponta, que era pequena; então, era uma sociedade integrada, havia todo um processo de emulação, digamos assim, entre as pessoas.

MILITÂNCIA

Fui cooptado pelo Bailão logo após o golpe de 64, na primeira semana. Isso do ponto de vista de militância organizada, porque antes eu já tinha aquela militância como simpatizante, digamos assim, um aprendiz do socialismo. Quando entrei em contato com o Bailão, ele já me conhecia, já vinha há alguns anos trabalhando comigo. Ele me conhecia por causa dos meus irmãos mais velhos que eram do Partido, o Orlando e o Batista. A chegada do Bailão teve um papel fundamental para mim. Isso foi na década de 1959, 1960. Isso teve um papel fundamental porque eu encontrei nele a pessoa com espírito coletivo, com desprendimento. Eu encontrei nele um homem de sabedoria em todos os sentidos. A vida ensina a gente a reconhecer um homem de sabedoria na simplicidade, no valor coletivo que ele representa. Ele tem um valor de indivíduo, mas tem um valor de cidadão que dá uma dimensão coletiva. Então, quando encontro o Bailão e entro no Partido, eu já passo a ser um elemento ativo no Partido. Aí vou conhecendo os outros companheiros e encontrando antigos companheiros. Por exemplo: o Basileu Pires, um elemento que me chamou muita atenção; o Tibúrcio, um elemento extraordinário, primeiro encontrei nele

uma pessoa de um raciocínio muito lógico, muito lúcido e uma capacidade de desprendimento e trabalho. Estava pronto para a ação que eu organizava. O Geraldo Marques Mendes era outro elemento. E fui encontrando os elementos do Partido. Elementos daqui, dentro dessa realidade nossa. Encontrei o José Fernandes, que foi um elemento que a gente cooptou, um trabalhador de um significado muito grande, de muito valor e respeito. E fui ampliando aquele círculo. E à medida que eu fui vivendo as condições de formação profissional - eu me interessei muito cedo em conhecer também a parte teórica, o que vinha a constituir o Marxismo, o Leninismo...

Eu fui marcado muito cedo. Quando eu fiz o Grupo Escolar Pedro Ludovico - foi por isso que falei que foi a melhor escola que eu tive, naquela época a gente entrava aos 7 anos de idade, não era aos 4, 5 anos como é hoje - havia uma disputa, mas uma disputa sadia. Eu tive um quadro de professores excelentes, que estava adiantado à época do ponto de vista didático-pedagógico. As aulas eram quase todas fora da sala de aula. Eles faziam um processo de emulação, de disputa. Eu sempre fiz esforço porque havia premiação. Meu autor premiado, o primeiro autor que me despertou foi Monteiro Lobato. Primeiro a literatura infantil. O Saci foi um dos primeiros livros que eu ganhei. Tinha premiação até o 3º lugar. E aí foi o Sítio de Dona Benta, As Reinações de Narizinho... Eu sei que ganhei vários livros de Monteiro Lobato. Depois eu dei um salto para as obras dele de análise da realidade brasileira, mais tarde evidentemente, mas foi um autor importante.

Agora, eu me envolvi com a literatura muito, principalmente quando eu estava terminando o Lyceu para o curso de História. Por que eu me envolvi? Por uma razão básica. Eu passei a gostar tanto da História, que é um fato que até parece meio inédito, mas um professor de História me colocava para dar aula para meus colegas. Grande parte das aulas no primeiro ano do curso de História, o professor me colocava para dar afirmando que eu às vezes tinha conhecimento superior ao dele. Mas é que eu gostava da História e estava lendo. E ao mesmo tempo eu tive uma professora de História, que é da família Castelo Branco, Helena Castelo Branco, que está viva, que era uma professora extraordinária. Quando eu escrevi a minha primeira monografia foi sobre o socialismo na União Soviética. Ela me deu dez. E ela é da família Castelo Branco. Na época era tida como reacionária, mas foi uma pessoa de um valor extraordinário, com uma respeitabilidade, de um saber muito grande. Eu fiz vários trabalhos com ela e recebia uma nota elevada. Ela não misturava as coisas. E foi uma pessoa importante. Quando eu estava preso e precisei de um atestado do tempo que eu passei na universidade, tinha os advogados Dr. Rômulo Gonçalves e o Luiz Forti-

ne, que é muito meu amigo, eles a procuraram e eu recebi dela um atestado de alto mérito, que era para fazer parte do meu processo em andamento em Brasília.

Já na década de 1950 tinha a presença de muitos comunistas perseguidos. Eram os comunistas do passado. Essa década de 1950, 1960 para mim é um marco, foi quando eu entrei em contato com vários elementos do Partido Comunista e que dei cobertura... Vou citar dois exemplos. Um pouquinho antes da década de 1950, eu era aluno do Grupo Escolar Pedro Ludovico Teixeira. Seu Romualdo, que era vizinho do Grupo, era um comunista notório, altamente perseguido. Então, era uma pessoa com quem acabei me identificando no próprio grupo escolar quando, num jogo de pelada no pátio, a bola caiu do lado de lá do muro. Estava na minha cabeça que os comunistas eram comedores de criancinhas. Seu Romualdo era um exemplo de perseguição. O Carmo Bernardes é dessa época, era tenente da Aeronáutica. O Badu, que eu citei, que era o marceneiro que está em dois meus livros, foi um dos elementos com quem eu tive muito contato porque eu também era marceneiro, nós o abrigamos em nossa casa. Teve uma época que ele me convidou para participar do movimento lá em Uberlândia e eu não fui por causa da minha mãe. Ela pediu para eu não ir. Eu não fui. Eles nem chegaram a descer do caminhão e foram barbaramente espancados. Quem cuidou das feridas do Badu foi minha mãe. Isso foi na década de 50.

Vou citar outro fato: A vinda do Gregório Bezerra, que muita gente desconhece. O Gregório Bezerra veio, fez uma ligação com Belo Horizonte, Uberlândia, Anápolis, parou em Campinas. Aqui em Campinas onde eu morava. Eu era menino, estudante, não era do Partido Comunista, era um simples estudante. Ele ficou com a missão de reorganizar o Partido. Ele foi a grande injeção de ânimo e ficou três meses no estado de Goiás dando cobertura e principalmente reorganizando o Partido na área rural, no campo. Onde havia uma organização de base, onde havia um resquício de comitê ele conseguiu reanimar, criando as várias organizações. Foi importantíssimo. Quem acompanhou mais isso aí junto com o Gregório Bezerra foi o Bailão e o Tibúrcio, que eu saiba. Tinha também o Lindolfo. Esses três que acompanharam mais o Gregório Bezerra durante essa turnê pelo estado de Goiás. Fez dois comícios e a polícia desceu o pau. Quem estava nos comícios? Os comunistas, os estudantes e os simpatizantes populares. Alguns comunistas foram presos, mas a maioria foi de estudantes. Houve várias prisões e a atuação da polícia foi violenta.

A presença dos comunistas vem da década de 1949 para 1950 aqui dentro dessa realidade, no nosso território que é Goiânia, Goiás... A gente

sabe que após a 2ª Guerra houve realmente a bipolarização do mundo, a formação de dois blocos definidos. É preciso retomar a história. Durante a guerra o imperialismo percebeu que o maior inimigo que tinha pela frente já não era o nazifacismo, eram os comunistas. Eram as repúblicas populares que se formavam durante a caminhada do Exército Vermelho de Libertação. Você sabe que tem uma marcha desse Exército que vai perder quase vinte e dois milhões de pessoas. Onde tinha condição de se formar um partido que fosse nacionalista, que fosse comunista ou socialista se criou o partido e surgiram depois as repúblicas populares. Durante o processo da guerra, o imperialismo, principalmente tendo os Estados Unidos pela frente, já sabia que o grande inimigo era a União Soviética. Então, tinha que jogar em cima da União Soviética tudo aquilo que podia denegri-la.

Quando o Gregório Bezerra esteve aqui, quais foram as duas principais campanhas que foram feitas pela paz? A campanha pelo Pacto de Varsóvia e do Apelo de Estocolmo – todas as duas pela paz. A paz contra a guerra do Vietnã e a paz contra a guerra da Coreia e contra a bomba atômica. Isso estava dentro da linha do socialismo. A bandeira pela paz era fundamental. Para vencer os inimigos a paz era fundamental, e não a guerra. Os comunistas dessa época já tinham essa visão. E nós trabalhamos aqui. Na época do Gregório Bezerra já houve a distribuição e a coleta de assinaturas para os dois apelos, o Apelo de Estocolmo e o Pacto de Varsóvia.

No caso de Trombas e Formoso, o conflito maior vai acontecer em 1967, 1968, mas antes tem conflitos menores. Eu relato isso num livro meu que vai sair.

Tinham os governadores Juca Ludovico, Mauro Borges e Pedro Ludovico. Pedro Ludovico foi primeiro. Pedro Ludovico foi um governador importantíssimo do ponto de vista de que ele vai levantar a bandeira da reforma agrária na região, o que evidentemente não vai acontecer no governo dele. Vai acontecer no governo do Mauro Borges, do filho de Pedro Ludovico.

1º ENCONTRO DE CAMPONESES, OPERÁRIOS E ESTUDANTES.

Nós tivemos uma coisa extraordinária aqui em Goiânia, que foi o primeiro encontro de camponeses, operários e estudantes. Eu não sou muito bom de data, mas ele aconteceu em 1963, se não me falha a memória. Aquele encontro em grande parte foi organizado pelos comunistas, pelos elementos do nosso partido. Eu estava lá, o Bailão, estava a turma toda, todo o pessoal de Anápolis, o Clóvis, o Tibúrcio. Esse encontro representou a unidade. Porque uma das concepções básicas Marxista-Leninistas, e aí é Leninista, é

a unidade do campo com a cidade. Esse encontro do campo com a cidade foi possível fazer com a participação efetiva dos estudantes. Foi um encontro tríplice. Por que estudantes? Porque nossa representação estudantil era muito grande, forte. Goiânia sempre foi uma cidade de estudantes, de movimentos estudantis, de engajamento. Foi um encontro de três mil pessoas. De Trombas e Formoso estavam o Amaro, o José Ribeiro, marido da Dirce, uma pessoa extraordinária que eu vim a conhecer no partido; o José Porfírio era o presidente do encontro; o desembargador Maximiano da Mata. No dia do encontro houve uma crítica a ele, uma jovem estudante o desconhecia, uma menina, uma grande combatente que eu acho que a ditadura matou, era até uma aluna minha: Isa Oliveira. Ela levantou-se contra o Maximiano, todo engravatado, ele estava na mesa; ele, Mauro Borges, Zé Porfírio, Colemar Natal e Silva. (Esse encontro me fez lembrar a Revolução de Outubro, aqueles soldados acampados, os soviets espalhados colocavam redes para se proteger do frio. O Instituto de Educação ficou tomado, camponeses para tudo quanto é lado com os seus colchões...) Então, o Maximiano foi cobrado. A jovem não o conhecia e se referiu a ele como o “homem aí representante da elite burguesa”. Ele tomou a palavra e fez um relato da vida dele como camponês e explicou que estava ali representando o Comitê Pro-Cuba. Deu uma lição de sabedoria. Foi um encontro maravilhoso.

O GOVERNO JOÃO GOULART

Tem um dado importante. Nós temos que agregar a concepção que nós temos do governo Goulart. Essa é uma concepção minha. Posso estar enganado, mas vou colocar a minha concepção. Eu comecei como professor em 1957. Em 2007 fiz 50 anos de carreira. Temos a figura do presidente João Goulart. Se pegarmos a relação dos presidentes do Brasil a partir dessa fase, a gente verifica que no governo Goulart se criaram as condições mais favoráveis de abertura total – de ideia, de pensamento, de reunião. Havia uma facilidade imensa de você se reunir e passar as ideias. É lógico que isso vinha de trás. Não podemos entender o governo Goulart só a partir daqueles dois anos que antecedem o golpe. Ele vem da época do Getúlio Vargas, quando ele era ministro. Então, vem a grande luta contra a existência do João Goulart, contra seu comportamento, seu modo de agir. Depois vem o Café Filho, que é um governo de um ano só. Depois o Plano de Metas do Juscelino que desemboca na eleição do Jânio Quadros e do João Goulart como o vice-presidente mais bem votado na história do Brasil. A condição de liberdade era imensa. Eu me lembro que nessa época em qualquer reunião que a gente fosse, na vida social, vivendo em contato

com a sociedade, num banco, em qualquer lugar, o povo se comunicava com aquela expressão de mudanças. As mudanças já estavam em marcha. As reformas de base, que eram preconizadas, era o grande objetivo do governo Goulart. E foi nessa época que o Partido mais entrou no governo, foi nessa época do governo Goulart. Ele esteve presente no governo Getúlio Vargas, mas sua maior participação foi no governo Goulart. A história do Partido em Brasília confirma isso.

Na época do Jânio Quadros eu estava presente e assisti aquela renúncia. Ele governou seis meses. Tudo leva a crer que, como ele tinha uma tendência para uma liderança totalitária, a preocupação era provocar aquele impacto com a renúncia e voltar nos braços do povo, o que não aconteceu. No partido a gente estava analisando essas questões. Eu já estava praticamente dentro do partido, atuando. O Partido teve uma participação assim. Quando a gente pega a história dos movimentos, pega, por exemplo, o movimento dos marinheiros, dos cabos e sargentos se confrontando contra a estrutura daquele poder representado pela extrema direita tanto a nível da sociedade civil quanto dos militares, o que você verifica é que o Partido tinha crescido muito dentro do governo Goulart e vai dar o apoio. O grande comício dos cem mil na Central do Brasil é um exemplo da presença do Partido. Em grande parte o Partido esteve presente. É lógico não é o partido por si só, as centrais dos trabalhadores que o Partido tinha muita relação com elas.

Em contrapartida o inimigo tinha seus movimentos: a Campanha por Deus, a Pátria e Família; a TFP – Tradição, Família e Propriedade, do Plínio Correia, que era nazifascista. Os institutos como o IBAD, que era um instituto financiado pelo capital americano; o IPÊS que era um grande instituto de pesquisa, mas permitiu a entrada de tudo. O Golbery, por exemplo, estava lá dentro do IPÊS.

O Partido tinha um vínculo muito grande em Brasília. Por exemplo, a ligação de Brasília com o campo. O Partido de Goiânia, Anápolis e Brasília fazia uma ligação com a luta dos camponeses de Trombas e Formoso e com a luta que começou a se desenvolver pela criação da associação, que se tornou Sindicato dos Lavradores do Vão do Paranã. É uma história que eu conheço bem porque meu irmão foi presidente da associação e depois do sindicato, que era do Partido Comunista. Então, o partido teve uma grande atuação nesse processo. Quando se lançou aquele discurso da Central do Brasil, o governo Goulart radicalizou mais, evidentemente, lançando aquelas reformas. Apesar de que ainda eram reformas dentro do início de um processo, não era uma radicalização do processo. O socialismo ensina muito bem, o Leninismo, o Marxismo, que a conquista da democracia se faz através de um processo dialético, uma luta de contrários.

Veio um grande cisma no Partido. Isso começa no início da década de 60, quando o Partido já estava caminhando para um racha devido posições antagônicas. Quando chega a fase que vai, digamos assim, anteceder o golpe, que o Partido deveria enxergar esse momento... Aqui em Goiás, a visão do partido que eu tenho, eu militei dentro do Comitê Estadual, dentro da Comissão de Agitação e Propaganda e dentro de uma organização de base - na condição de quadro do Comitê Estadual eu tinha maior entrada e conhecia grande parte da estrutura do partido. Eu que fazia as viagens, juntamente com o Bailão fiz várias viagens pelo interior tentando organizar o Partido. O grande eixo era o eixo Anápolis-Goiânia. Anápolis com uma tendência maior do ponto de vista sindical, já tinha um movimento sindical mais avançado, já tinha muita experiência. E Anápolis fazendo um gancho com Trombas e Formoso e Brasília.

Aqui, experiência nossa, nós não enxergávamos o ontem. A visão que nós tínhamos era uma visão utópica da realidade. Até a formação nossa foi uma formação na crista de uma conquista do poder político pela via pacífica. E as experiências do Partido, a nível nacional, de perseguições, o Partido já tinha experiência de perseguições, ela não foi repassada a nós como militantes. Eu posso afirmar isso com muita certeza dentro da estrutura do Partido em Goiás. Os mais velhos não passaram a nós essa experiência. Nós acreditávamos que íamos enfrentar o inimigo, apesar da grande diferença de forças. De um lado você tem uma estrutura de poder imensa e do outro nós éramos franciscanos. Nós não tínhamos nada. Poucos aparelhos. Nós tínhamos o quê? Ideias, ideais, sentimentos, emoções e ideal de mudanças, de transformação. Isso tanto é verdadeiro que quando você lê todos aqueles documentos do Partido, a história de 20 anos do Partido, quando lê a carta do Marighella, que é um documento importantíssimo em que ele se posiciona contra e vai se afastar do Partido. É bom que se diga que quase todas as organizações se originaram do Partido Comunista. Quase todas. O Partido é o galho, a mãe natureza que desabrochou todas as outras vanguardas revolucionárias, quase todas. São poucas as que não nasceram do Partido. Às vezes por via direta, às vezes indiretamente. Bom, quando você olha a carta do Marighella, que faz acusação, que o Partido tinha que ter se posicionado naquele momento do golpe, tinha que ter tomado posição, partido para as ruas, para o movimento, e isso não aconteceu... Nós sabemos que não houve aquela movimentação. Veio o golpe, parece que pegou tudo assim de supetão. O partido não tinha infraestrutura suficiente e nem superestrutura de quadros para partir para movimento de rua. Isso a gente constatou bem: se a nível nacional isso não aconteceu, a nível regional muito menos.

Nós já tínhamos certo nível de organização, já tínhamos uma área de organização, de atuação relativamente boa tanto no sudoeste de Goiás, na linha da estrada de ferro, aqui seguindo também em direção à Goiás Velho, Itauçu, Itaberaí. Tínhamos atingido também a Chapada dos Veadeiros, os municípios que correspondem ao Vale do São Patrício, uma atuação muito importante do Partido naquela área, na formação de organizações camponesas. Os quadros que estavam lá eram os quadros do partido que estavam na cabeça desse movimento. Era o Bailão, era o Tibúrcio, o Geraldo Marques, o Zé Sobrinho, era a Dirce e outros mais. Não houve tempo suficiente para a fuga, mas realmente acreditávamos que seríamos julgados. Porque partimos para uma luta pacífica, achávamos que teriam uma condução honesta, de respeitabilidade. O partido não nos orientou sobre isso.

Quando houve aquela luta que vai produzir a separação, criando as diferentes alas... O Marighella é o elemento que conduz a separação, cria a Ação Libertadora Nacional - ALN e leva grande parte dos partidários para a ALN. Muitos companheiros cobraram que nós deveríamos ter feito a preparação para a pressão do golpe. Isso aconteceu. Mas olha que nível de preparação. Essa eu conheci pessoalmente por duas razões. Essa preparação foi cobrada em várias reuniões do Comitê Estadual, aí o Comitê para dar uma satisfação criou uma comissão de preparação para a luta armada. Fazia parte dessa comissão o meu irmão Batista. Ele foi encarregado de ser um instrutor – um elemento que nunca teve o menor preparo em armas na vida dele. E quais foram as armas que o partido conseguiu angariar nesse processo de preparação que praticamente não houve? Elas ficavam escondidas na casa dos meus pais. O Batista era o encarregado. Eu vi essas armas. Contava no dedo e não chegavam a dez. Então, nós não tínhamos instrutores, não tínhamos condições. Foi mais para dar uma satisfação àqueles quadros que queriam partir para a luta armada, que acreditavam que tínhamos que ir para a luta armada para impedir o surgimento do processo de um contragolpe. E o golpe veio. Eu coloco algumas variáveis para entender isso aí. Uma delas está relacionada à atuação do partido. Nós tínhamos uma relação, apesar de não ser uma relação devido à distância Rio-São Paulo-Belo Horizonte, mas nós tivemos a presença de vários militantes do Comitê Nacional aqui. Evidentemente nós não sabíamos os seus nomes e não tínhamos essa preocupação de saber seus nomes, apenas seus nomes de guerra, isso fazia parte do nosso processo de preservação. Mas vários desses militantes eram os elementos que mantiveram uma chama acesa no partido. Por exemplo, na minha época de militância teve o Ferroviário, teve o Cairó, teve o Carlos, teve o Velho, teve o Valter Ribeiro. O Valter Ribeiro ficou três meses escondido na casa dos meus pais.

Ele era um oficial, um capitão que a ditadura assassinou depois. Tivemos vários elementos, o partido teve isso. Tanto que quando eu estava sendo inquerido eles queriam saber desses detalhes. E a grande vantagem nossa é que, pelo menos que eu saiba, ninguém tinha conhecimento dos seus nomes verdadeiros e nem dos seus locais. Evidentemente a gente suponha que eles tinham vindo do eixo Rio-São Paulo, pelas suas falas, pelos seus saberes. Foi uma escola de aprendizagem que eu tive dentro da casa dos meus pais. Eu aprendi muito com esses companheiros, mesmo antes de entrar para o Partido.

Outro lado importante: O movimento de Trombas e Formoso começou a dar projeção para Goiás. Lembrou aquele movimento lá do Paraná que o Partido organizou e participou. Chamava Pareucatu, uma coisa assim. O nosso companheiro Alaor atuou nessa região de Apucarana, onde viveu. Foi o primeiro movimento camponês, foi no Paraná, antecedeu Trombas e Formoso. O movimento Trombas e Formoso levou a imprensa, a grande imprensa parou lá: O Cruzeiro, por exemplo, esteve lá; a Manchete, vários jornais. Alfredo Nasser esteve lá e foi um dos grandes elementos que fez a propaganda a favor dos camponeses. Era um elemento da UDN, mas era a favor dos camponeses. O que deu projeção também, depois da deposição do governo João Goulart, foi a Campanha pela Legalidade. A relação Brizola e Mauro, por meio de quem vem a campanha, e devido à questão de família. A mulher de um é parenta do outro. Goiás já não era mais uma província. Goiás tinha feito um encontro camponês, talvez o maior encontro de camponeses que já tenha acontecido no Brasil.

Eu agrego nessa análise mais duas coisas importantes, que é a questão da nova capital – a presença de Pedro Ludovico nesse trabalho - e a questão da nova capital federal com Juscelino, e o apoio do Partido nesse processo. Veja que vai havendo uma conjugação de movimentos importantes. Com a mudança da capital, Goiás passou a ser muito conhecido no Brasil. Esse é um fator que vai colocar Goiás na centralidade do Brasil.

MAURO BORGES

Eu fiz parte de uma comissão criada pelo Comitê Estadual para fazer um trabalho junto com Mauro Borges; apoiar a candidatura dele a governador. Tivemos a primeira vez na casa dele, ele não estava. Fomos muito bem recebidos pelo Pedro Ludovico. Foi marcado um encontro, neste ele estava. Foi a primeira vez que tive contato pessoal com o Mauro Borges. A gente via a posição dele. Aceitou o apoio do Partido, mas não podia transparecer. Era algo meio velado, meio à distância. A gente viu que tinha

alguma coisa. Quando acontece o golpe, ele toma uma posição que todo mundo sabe, ele tentou se manter na estrutura do poder. Isso perdurou até ele ser deposto, oito, nove meses, não sei bem a quantidade de meses.

No fundo, também, ele alegou uma coisa e é preciso resgatar isso: ele acreditava na fidelidade das Forças Armadas. Ele é um militar. Ele acreditava que iam arrumar a casa e depois os militares abandonariam o poder. Então, ele era um ingênuo. A gente sabe o tanto que ele tentou afastar companheiros na tentativa de apaziguar, de não ir a confronto com os militares. A gente não sabe até que ponto ele tinha uma visão da atuação dos militares.

Depois vem a pretendida aliança. De um lado a oligarquia dos Caiados, dos coronéis que vem desde o Brasil Caiado, Totó Caiado, etc. E, do outro lado, o movimento revolucionário de 1930, tendo Pedro Ludovico à frente aqui em Goiás, com todo o apoio de Getúlio Vargas. Evidentemente isso não ia frutificar. Mas a gente não pode negar que determinados elementos da UDN foram elementos importantes dentro dos movimentos que surgiram nessa época. Eu citei o caso do Alfredo Nasser, que foi um elemento que sempre foi reconhecido por muitos pela sua postura. Mas ele é uma figura à parte. Cesar Basto, também foi uma figura importante; aquele que foi governador de Goiás, lá de Goianésia, o Otávio Lage; o próprio Ary Demóstenes, que estava ligado a UDN também, e era do Partido. Dizem que ele foi do Partido, só que eu não o conheci e não achei nenhuma documentação a respeito da participação dele dentro do partido. Mas se propagava que ele pertencia, e o fato é que acabou sendo um dos perseguidos, embora fosse da UDN.

Tem que se considerar que houve um rolo compressor dos militares. E esses militares, na medida em que ia tomando posse, estabelecendo seus inquéritos, não faziam muita distinção de “A” ou “B”. A gente viu que muitos elementos mais ligados à direita do que à esquerda também sofreram seus golpes. Jerônimo Geraldo de Queiroz, por exemplo, acabou sendo atingido pelo golpe militar. O próprio professor Gilberto Mendonça Teles, que foi diretor do Centro de Estudos Brasileiros, foi um elemento importante, era um liberal progressista.

Eu entrei na universidade através do Bernardo Élis. Bernardo Élis sim, teve vínculos com o Partido, pertenceu ao Partido e foi de uma das primeiras diretorias do Partido. Inclusive, tem documento histórico que comprova isso e está registrado no meu trabalho. Já o Gilberto era um elemento liberal progressista, mas deixava toda a opinião livre. Nunca foi um elemento do movimento de esquerda, mas também nunca foi contra. Mas vem a ditadura e poda. Assim, muitas cabeças do lado da UDN, ou da

direita, rolaram também nesse processo. E nesse processo, evidentemente, às vezes tem a aproximação de um ou outro diante do golpe. Mas quero dizer que são duas posições ideológicas diferenciadas. Nós estávamos muito mais próximos ao PSD, que vem dar nome ao MDB e depois PMDB, do que da UDN. A distância (da UDN) era enorme, mas havia determinados elementos progressistas entre eles.

O GOLPE

No dia do golpe eu não estava aqui. Eu tinha comprado uma chacrinha, que só deu formiga, ali na saída de Inhumas. A única coisa que deu lá foi abacaxi. Era uma chacinha de 10 mil metros quadrados que depois, quando comecei a lecionar, troquei por uma lambreta. Eu estava lá, só fiquei sabendo da notícia quando cheguei de tardezinha.

A resolução do Partido foi essa, tomar providências naquilo que fosse possível. Como ocupávamos cargo de direção, eu tinha uma responsabilidade não só pelo fato de estar numa organização de base, a Comissão de Agitação e Propaganda, mas principalmente pelo fato de estarmos no contexto estadual, todos nós tínhamos a responsabilidade de avisar o maior número possível de companheiros. Foi o que fiz quando tomei conhecimento da primeira prisão de companheiro.

A primeira prisão de que tomei conhecimento foi a do companheiro Jarbas, que era o José Fernandes. Eu estava na minha casa quando a companheira dele veio me procurar. Nós éramos muito amigos e estávamos trabalhando juntos na Agitação e Propaganda. A esposa dele veio e disse que algumas pessoas o levaram até a esquina, o colocou num carro e ele desapareceu. Isso foi na boca da noite. Ela não chegou a ver as pessoas. Eu falei para ela que ficasse calma, que às vezes ele tinha ido para uma reunião e ela não estava sabendo. Evidentemente eu captei que iria acontecer alguma coisa e fiquei preocupado. No outro dia ela voltou, e eu falei que precisávamos retirar alguns materiais da casa dela. O que deu a entender é que ela era totalmente alheia à militância política e desconhecia que ele estivesse ligado à organização. Eu falei a ela que como ele era professor era muito comum alunos passarem algum material, que eu queria ver se na casa dela tinha alguma coisa que pudesse comprometê-lo. Marquei de ir às 10h da noite. Eu estava sabendo que ia correr um risco. Fui e retirei o material. Eu sabia que ele tinha recebido o material e que ainda não o havia distribuído. Ele recebia o material e nós fazíamos a distribuição. Eu fui. Ela falou que não tinha nada. Falei para olhar debaixo do colchão e lá estava o pacote. Levei para minha casa e queimei esse material. Imediata-

mente procurei o companheiro Luís. Luís era filho do Davi, que era o secretário geral do Partido Comunista. A pessoa mais visada era o secretário geral. Por isso que imediatamente procurei o Luís e o informei da prisão do companheiro Zé Fernandes. Ele não deu muita atenção, fez até uma expressão que não foi bem de companheiro. Depois que entendi que era coisa de jovem. Falei para ele avisar o pai dele, para colocar os companheiros que pudesse em contato. Por que que eu o procurei? Porque ele era um membro muito ativo do Comitê Municipal, além de ter uma posição muito ligada ao Estadual pelo fato de ser filho do secretário.

Em 1964, a providência que sei que o partido tomou foi de desmobilização do ponto de vista de evitar qualquer contato pessoal, não reunir as diversas organizações que eram praticamente as organizações de base, os comitês secundaristas, universitários, municipais. A ordem que veio de cima foi esta: imediatamente desativar aparelhos e esconder o máximo possível do material que cada companheiro tivesse em sua casa. É o que sei de providências imediatas que foram tomadas. Vários aparelhos foram desativados no momento. E parece que deu fruto. Na verdade esses aparelhos vão aparecer mais tarde, já nessa época em a gente vai ser preso.

Veio o golpe e eu não fui preso. Por quê? Porque eles ainda não tinham em suas mãos os elementos. Eu era do quadro de professores. Eu lecionava Estudos Goianos. E foi tão importante isso que uma das coisas que eu ministrei para os elementos do partido foi Estudos Goianos. Então, eu já tinha uma experiência muito boa. Veio o golpe, e eu fui absorvido pela Faculdade de Filosofia. Logo em seguida fiz um concurso público, o primeiro concurso público para a Universidade Federal como um todo, passei e em 1968 eu já era vice-diretor da Faculdade de Educação, onde funcionava a Faculdade de Filosofia e Educação. A ditadura já estava penetrando na universidade como um todo e procurando descobrir o máximo possível. Ela foi cerceando. Ela derrubou o nosso Centro de Estudos; derrubou a nossa exposição internacional do livro; o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), nosso Centro de Estudos Brasileiros, durou menos de três anos. Ele foi fundado por um professor português, professor Agostinho da Silva, a grande cabeça que veio, que tinha uma experiência na África, em Angola; tinha uma participação muito grande contra o governo de Salazar. Era um homem altamente ligado à luta revolucionária. O Centro desapareceu.

Veja como as coisas são interessantes. Quando houve o golpe de 1964, veja o que estávamos fazendo no Instituto. O que era o Instituto? Nosso instituto era o ISEB em miniatura. O ISEB foi o grande Centro no Brasil de preparação teórica para formação de quadros que deveriam assumir as

rédeas da administração brasileira. Ele tinha sede no Rio de Janeiro. Tivemos figuras extraordinárias no ISEB como o Celso Furtado, um elemento muito importante do ponto de vista da formação da política brasileira; o filósofo Jacob Gorender, que depois vai criar com o Mário Alves outra ala.

Eu continuei a carreira na Faculdade de Filosofia, fiz o concurso, passei, fui ligado a dois institutos e permaneci até a época em que houve a queda do Partido. Com a queda do Partido eu sou puxado também. Eu vou ser preso só em 1972. As prisões começam em 1970, com vários companheiros em Anápolis, em Goiânia e em Trombas e Formoso, também. A gente encontrou esses aparelhos, que tinham funcionado desde aquela época, à medida que passou aquela fase e nós pudemos fazer as primeiras reuniões. Nós chegamos a fazer várias reuniões em chácaras, em fazendas... Havia naquela época um companheiro que possuía uma fazenda. Muitas reuniões foram realizadas na chácara do Barçalos. Diversas reuniões a ponto de a chácara ficar aberta. O próprio Barçalos agora, nesse documento que foi passado pelo filho dele e está no meu livro, ele mostra como um elemento da ditadura penetrou na chácara dele, e nós desconhecíamos a presença desse elemento.

Eu entrei no Partido logo após o golpe de 1964, na primeira semana. Eu queria ser um militante de carteirinha. Eu ouvia falar dessa dita carteirinha e nunca tinha visto essa bendita. Eu queria guardar porque era um documento histórico. Hoje teria em mãos para mostrar para os meus filhos, para os meus netos, para os meus amigos. Não tive nada disso. Eu desenvolvi a minha militância direto. Apesar de ter passado a fase do impacto, ficamos uns dois três meses sem muita atividade. Logo depois já estava participando das reuniões do Partido. Eu já estava atuando na minha organização de base, que era a de professores. Já tinha sido guindado como membro do Comitê Estadual responsável pela Sessão da Educação. Foi me dado uma missão nessa época, antes de eu ser preso, que era estruturar e catalogar a biblioteca Goethe, que era a biblioteca estadual do Partido. Esses livros foram levados da minha casa. Eu tinha muitos livros e esses livros estavam todos misturados com os meus. Eu tinha a relação de todos. Quando fui preso esses livros vieram à tona.

A gente fazia um trabalho muito bom de leitura de textos, não só do nosso jornalzinho *A Voz Operária*, e de outros documentos que vinham do Nacional já preparando para o 6º Congresso. O partido já estava se preparando para o 6º Congresso. Tem uma coisa interessante que hoje eu sei analisar e que na época eu não percebia. Alguns elementos que vinham nos dar assistência já tinham posições contrárias à linha do Partido. O próprio Sérgio, um militante jovem que atuou muito no Comitê Universitário, um

rapaz brilhante por sinal, mas não tinha muita disciplina, não tinha muita vigilância em nada. O Sérgio teve muitas vezes na nossa casa. Depois a gente vai saber que ele já estava vinculado à outra ala, à linha Marighella, dentro da estrutura do partido. Eu considero que foi uma disputa sadia do ponto de vista do desenvolvimento teórico dos militantes. Precisava haver um processo de oposição. Isso no contexto da preparação para o 6º Congresso do Partido, que foi realizado em 1968 dentro da linha do Comitê Central. Então, a entrada desses outros elementos trouxe novos documentos. De um lado foi benéfico, aumentou o nível teórico dos militantes. Por outro lado, desestruturou muitas organizações de base, balançou muito os companheiros. A gente sabe, muitos partiram e se filiaram à luta armada e às outras organizações. Então, eu estava em atividade quando veio a minha prisão.

Eu tive um trabalho imenso quando veio o golpe, um trabalho muito importante. Não o golpe de 1964, mas o golpe em cima da estrutura do Partido que começa praticamente em 1969 com a queda do Comitê Municipal. Teve um elemento, o Jarbas, que não foi preso porque dormiu um pouco mais e não chegou a tempo no aparelho em que estava se realizando.

PRISÕES E TORTURAS

Eu fui preso quando eu saí da minha casa, exatamente no aniversário da Revolução Francesa, em 14 de julho de 1972. Eu não tive condições de fuga. Quando houve o golpe, eu acho que realizei três trabalhos importantes: o primeiro foi aquela ajuda ao companheiro Jarbas de retirar o material de dentro da casa dele. O segundo foi avisar os companheiros que pude: o Luís; fui à casa do companheiro Manoel, ele não estava, mas avisei a família e os que pude avisar. O terceiro foi passar a noite inteira folheando livro por livro, não só da biblioteca, mas principalmente os livros que o João Silva chegou e despejou dentro da sala num momento em que eu não estava lá. Ele conhecia muita a minha patroa, pediu licença e colocou os livros no chão. Quando cheguei estavam todos lá. Passei a noite folheando e tirando o que achava que podia incriminar mais companheiros. Eu achei que devia tirar e queimar e foi o que fiz. De manhã, saí para ir à casa da minha mãe, ela morava a cerca de 100 metros de onde eu morava, na Rua Pouso Alto, quando eu vou chegando à casa da minha mãe chega uma Rural Willys em grande velocidade. Dentro do carro três pessoas; duas descem, uma imediatamente me dá voz de prisão e me joga na Rural. Eles me prendem, me encapuzam, me levam, tiram minhas coisas e começam o interrogatório dentro do carro. São uns quinze, vinte minutos de inter-

rogatório dentro do carro. Já começam citando os nomes de quatro, cinco companheiros, e citam meu nome de guerra, que naquele momento era Tiago. Evidentemente adotei a negação de imediato. Em seguida me levam à minha casa para olhar os livros e começam a retirar esses livros. Eu perdi livros preciosos. Eu perdi um dos primeiros livros que eu li, uma edição número um da Coluna Prestes, do Lourenço Moreira Lima. Levou Alviero Pinto, que era o maior filósofo que o Brasil tinha, que era o presidente do ISEB. Eu tive uma perda de quase trezentos livros. Vou revê-los em Brasília, quando sou chamado para reconhecê-los. Então houve essa prisão.

Depois sou levado para o 10º BC. Fizeram uma pergunta até boba dentro do jipe. Eles me perguntaram se eu reconhecia onde nós estávamos. Como só ouvia barulho de avião, sabia que estávamos perto do aeroporto e que estava sendo levado para um quartel, o 10º BC. Lá eu fiquei cerca de um mês. Lá teve coisas interessantíssimas. Sofri torturas, mas de ordem psicológica. Teve tortura física, mas tortura pequena, dessas bobas de mandar andar com os olhos vendados para meter a cara na parede, ou cair numa escada. Isso aconteceu comigo várias vezes no 10º BC. Primeiro eles me levaram direto para uma cela grande com várias camas sem colchão. E tinha uma com colchão, uma manta e banheiro; eu deduzi que era uma cela de suboficiais. Talvez não fosse uma cela porque era grande demais. Depois vieram os interrogatórios. Nesses interrogatórios eles sempre batiam na mesma tecla: mostravam fotos e perguntavam se conhecia as pessoas. Eu adotei a negação como tática até meu limite máximo. As práticas de tortura que eles adotavam eram psicológicas; eram ameaças, ameaçavam a família, diziam que iam fazer coisas com a mulher, mãe, essas coisas bobas que citei antes. Isso aconteceu aqui em Goiânia. Não sofri pancadas, a não ser os safanões; recebi uns três, quatro na cabeça e no pescoço, mas não pancada como vai acontecer lá na frente, em Brasília. Eu fui negando. Depois, como não queria falar, me jogaram na turma de baixo, na cela que eu falei. Acho que era de dar paulada em soldado. Um ambiente muito ruim, desprovido de tudo, não tinha nada, nem luz, nem papel higiênico, o sanitário era um buraco no chão, a água vinha por uma mangueira. Ali eu fiquei uns três dias.

Depois me levaram para uma cela que, na verdade, era um banheiro transformado em cela. Aí vou ter contato com o Barçalos, João Batista Barçalos, um espanhol. Um homem importantíssimo, coerente, adepto do socialismo, nós utilizávamos o aparelho dele, que era sua chácara no Caveirinha, saída do campus universitário. Lá nós participamos de dezenas de reuniões. Por que que eu tive contato? Porque notei que um homem tinha sido levado para o corredor e alguém falou alguma coisa para ele. Ele respondeu que ele era estrangeiro, mas não tinha menos valor que os bra-

sileiros. Eu pensei, essa voz não me é estranha. Depois comecei a perceber que quando chegava para dar a guarda na cela dele, ele pedia merthiolate, iodo. Comecei a me preocupar, achava que ele estava ferido. Mas ele pedia merthiolate para escrever bilhete no papel sanitário. Ele deu três pancadas na parede. Eu não respondi de primeira não, resolvi esperar mais. Achava que podia ser um álibi, tinham muitos soldados. Passado mais um tempo ele tornou a bater. Aí também dei as minhas pancadinhas. Daí fui até o fundo do banheiro e descobri uma pequena fresta na parede do banheiro, quando ela emenda com a outra. Dali eu consegui ver um pedaço do rosto dele. Aí nós passamos a trocar mensagem. Falamos o que tinha acontecido conosco. Citei os nomes que eles haviam citado durante o interrogatório para que ele pudesse ter conhecimento. Quais eram os nomes? Diógenes, Benito, José Fernandes, Daniel, João Silva, uns oito companheiros. Esse encontro com o Barçalos deu ânimo para a gente.

Passado esse tempo sou colocado num quarto, não era cela porque não tinha grade, que tinha uma cama com um papelzinho com o nome de João Silva. Deixei do mesmo jeitinho. Sabia que eles queriam que eu o identificasse. Depois veio o que me prendeu para fazer o inquérito sobre o João Silva. Eu falei que ele havia sido meu aluno, que era vereador e que não tinha muita informação. Perguntaram sobre o Davi, queriam saber onde ele estava. Davi era um nome de guerra.

Depois, já quase um mês, veio a morte do Ismael. Só fiquei sabendo quando veio a visita. A visita que recebemos no trigésimo dia era só dos familiares. Eu recebi a visita da minha mãe, do meu irmão e da minha cunhada. Nós fomos colocados em fila indiana e nisso vi alguns companheiros caminhando para uma grande mesa. Nós tínhamos 15 minutos vigiados pelos soldados armados de fuzis e metralhadoras. Os nossos familiares sentados. Aí foi só emoção. Nessa mesa meu irmão me falou da morte do Ismael. Esse irmão não era do partido. Dali mesmo nós fomos levados para o camburão rumo à Brasília. No camburão tinha alguns elementos que eu conhecia. Alguns tinham sido meus alunos. Quase todos eram da Engenharia. O velho Alaor também estava nesse camburão. No caminho o companheiro Hélio fala da morte do Ismael.

Em Brasília fui parar no Grupo de Artilharia Motorizada. Nesse grupo o interrogatório que houve foi com o tenente coronel Rodrigues, que falavam que era responsável por todo inquérito. Era um homem já de idade, uns 60 anos, de certo modo um homem respeitável. Ele começou fazendo perguntas sobre a biblioteca, se eu reconhecia os livros. Confirmei que quase todos eram meus. Depois foi o reconhecimento de uma banqueta, que era onde operava o mimeógrafo. Dessa cela fui levado para a Polícia de Inves-

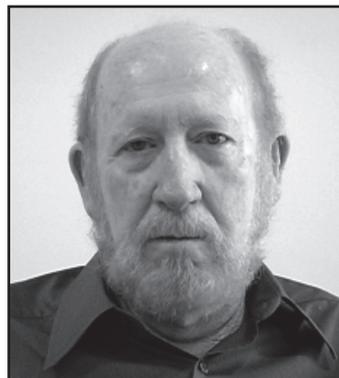
tigação Criminal - PIC. Aí vem a fase aguda da prisão, a fase da tortura. Lá eu permaneço quase três meses. Lá tinha inquisidores torturadores. Éramos torturados todos os dias à base de choque elétrico e pancadaria. Sempre tinha um elemento que chefiava as operações, o tal capitão Airton. Esse fica para a história. Era um sádico na maneira de se comportar. Quase todos desse grupo que foi para lá passaram pelas mãos desse capitão Airton. Tinham outros capitães também, mas esse capitão Airton... Foi uma fase muito difícil, foi uma tortura muito forte. Muita pancadaria, principalmente nos rins. Era bater e cair. Choques elétricos todos os dias. Depois, a que eu considero a pior de todas, que é a psicológica. E foi também acompanhada de uma tortura base que eu percebi, mas não sabia que era, o chamado soro da verdade. Depois eu vim saber. Como eu percebi isso? Logo no 1º dia começa a tortura com o capitão Airton e ele fala que vou ser levado para uma cela que é a mais imunda, mais cheia de baratas... À medida que eu fui colocado na cela, a cela 14 – meu livro que vou publicar se chama Cela 14 – que na verdade não era imunda coisa nenhuma. Uma cela pequena, normal, tinha muitas baratas, mas que vinham à noite. Os interrogatórios eram todos os dias de manhã, à tarde e à noite. Era raro o dia que não tinha tortura. Algumas sessões com a presença de alguns companheiros, todos foram barbaramente torturados. A gente percebia pela feição deles. Nessa cela começo a perceber alguma coisa na comida. Comia e depois começava uma certa frouxidão, uma moleza. Aí era levado para a sessão de tortura da tarde e em seguida a da noite. A voz ficava mais mole, mais frouxa, seguida de sons. Eles montaram uma tortura psicológica à base de gravações.

REARTICULAÇÃO DO PARTIDO

Eu não quero nem contar porque eu estava com o Bailão quando fomos fazer uma rearticulação do Partido. Nós já tínhamos saído e tentamos rearticulá-lo. Uma das primeiras pessoas que fomos procurar foi o Bené. E foi muito horrível, principalmente para o Bailão. A casa dele, junto com o filho dele que era um engenheiro, que estudou em Moscou, era uma verdadeira central do movimento revolucionário. Tinha uma atuação imensa. Naquela época ele era o secretário geral do Partido, deu todo apoio. Ele foi preso, acho que passou por torturas, por isso mudou de posição, não teve ideologia suficiente. Na época do golpe ele era secretário geral do Partido. Depois renega o Partido, não queria mais ver nenhum militante do Partido. Nós fomos... Eu não, mas fazia parte dessa missão. O Bailão foi enxotado da casa dele... Pelo companheiro que deixou de ser companheiro.

HUGO BROCKES

Data de nascimento: 06/03/1937



Em 1958 eu cheguei a Goiás vindo do Paraná, onde morei durante 7 anos. Minha família foi para lá, e voltou em 1957. Em 1958 eu estava servindo o Exército e quando eu saí do Exército vim para Goiânia. Em Goiânia eu fui trabalhar na Secretaria de Viação e Obras Públicas - SEVOP, e na SEVOP eu conheci o João Bênio e o Oscar Dias. Eu trabalhava com ele e o Carmo Bernardes. O Carmo Bernardes era o meu chefe, na parte de assessoria de imprensa. O meu primeiro contato com o teatro foi por meio deles. Eles me convidaram para fazer parte do grupo Benes e Seus Artistas. E com isso, eu que era praticamente apolítico, passei a conviver com um pessoal que era altamente politizado na época. Foi a minha primeira impulsão na política, na discussão sobre a vida, sobre o desenvolvimento social do Brasil.

Com a eleição do Mauro Borges Teixeira, eu fui trabalhar no Palácio e lá eu conheci a colega Dalva Alzi e Lima. Lá trabalhava também Tarzan de Castro, que era assessor do Mauro. E eu me integrei a esse pessoal altamente politizado.

MILITÂNCIA

Primeiro eu estudei no Pedro Gomes e depois eu fui fazer o clássico no Lyceu de Goiânia. No Lyceu de Goiânia houve uma greve contra o aumento de ônibus e o representante da classe não estava na sala. E eu fui escolhido pela turma para ir participar da greve. E a greve resultou em pancadaria entre motoristas e estudantes. Eu fui barbaramente espancado pelos cobradores e motoristas de ônibus, e passei a ser considerado quase um herói por ter enfrentado, praticamente sozinho, os motoristas e

cobradores.

Em agosto de 1961 os estudantes estavam reunidos e fizeram uma barreira para impedir a passagem dos ônibus. Tinha uma ruína de uma antiga boate no Lago das Rosas, era uma boate famosa em Goiânia. Em 1961, ela tinha sido demolida, mas ficaram os alicerces. E nós subíamos nesses alicerces para falar com os estudantes. Veio um ônibus e quase atropelou a barreira, passou por cima e quase atropelou os estudantes. Nós jogamos pedras no ônibus, quebramos o vidro traseiro dele e ele foi embora. Eram duas companhias que eu não me lembro do nome. Os cobradores e os motoristas se reuniram, se armaram de porretes, de pedaços de ferros e barras de direção. E nós estávamos lá, reunidos, quando chegou um senhor que era motorista de caminhão, de ônibus e disse: meus filhos saiam daqui, vão embora, estão vindo dois ônibus cheios de motoristas e cobradores, todos armados com porretes, para acabar com vocês. Vocês vão embora!

Eu me lembro de que na época eu disse que iríamos esperar eles lá, porque lá nós tínhamos a ruína, os alicerces para fazer uma espécie de uma barricada. Eu sei que algum gaiato falou, nós vamos para dentro da sede da URJS. Só que o pessoal entrava pela porta, saía pela janela e ia embora.

Eu fui contra ir para a sede da URJS sim, eu fui o último a entrar lá. E fui levando um monte de tijolos, pedras, tudo que eu podia carregar eu carreguei e levei.

Quando eu entrei e tranquei a porta, não vi mais ninguém. As janelas estavam abertas, as janelas da frente da URJS. E os motoristas começaram a jogar pedras em mim. Eles jogavam pedras e as pedras que tinha, jogava neles. Ficava nessa, eles jogavam e eu escondia atrás do corredor. Nesse corredor tinha um banheiro. De repente, alguém abriu a porta do banheiro que estava fechada e recrudesceu a chuva de pedras em cima de mim. Eu pulava para dentro e para fora do banheiro, ia lá e jogava pedra neles. Teve uma hora que eu entrei e um sujeito trancou a porta do banheiro para eu não sair e tirou a chave. E eles jogaram uma pedra no vitrô, uma pedra grande que arreventou o vidro e caiu lá dentro do banheiro. E eu xingando, gritando, berrando com os motoristas, falando sobre o movimento. Fazia discursos para eles através do banheiro. Dizia que estávamos contra a empresa e não contra os motoristas e os cobradores. E que nós estávamos querendo, também, aumento salarial para eles. Aí serenou, parou, ficou quieto.

Eles entraram lá e quebraram o gabinete dentário, quebraram o gabinete de barbeiro, quebraram tudo. E o estudante que estava com a chave achou que eles tinham ido embora. Abriu a porta, correu e pulou a janela, e eles pau em cima dele, mas fugiu. E tinham mais dois comigo, que

também fugiram. Eu olhei para o lado e vi uma cavadeira. Uma cavadeira daquelas de moldar buracos, no formato de uma espátula com corte e de metal grosso. Para aguentar a pancada, eu peguei aquilo e saí. Quando eu saí eles estavam tentando arrebentar a porta da URJS. Eles não tinham entrado lá ainda porque estavam com medo de mim. A parte do gabinete ficava em uma parte anexa, do outro lado. E eu peguei a cavadeira e falei, o primeiro que meter a cara aqui e arrebentar a porta eu meto a cavadeira no meio da testa. Aí a porta se abriu e eu meti a cavadeira na cabeça do João Malandro, era um motorista de ônibus chamado João Malandro, um negrão forte. A sorte foi que a porta bateu e voltou. Quando voltou eu fui dar um golpe e acertou a porta, furou a porta, e a cavadeira ficou presa, eu puxava e nada.

Eu senti alguém, da janela, me dar uma cacetada na cabeça. E o João Malandro entra com uma barra de direção na minha boca. Eu perdi os sentidos. Ouvi uma voz feminina falando: corre meu filho, corre. Quando acordei eu estava dentro do Lago das Rosas. O Lago estava seco, mas corria aquela água que forma o lago. Eu estava caído lá dentro. Passei a língua na boca e os dentes estavam todos deitados em cima da língua. A camisa só tinha o colarinho. Peguei um pedaço de pau, atravessei lá e voltei. Uma mulher que tinha um bar lá me deu uma água com sal para lavar a boca porque eu estava todo ensanguentado. E voltei para a sede a URJS. Quando cheguei lá os motoristas já tinham ido embora. Pedi carona a um sujeito que estava com uma vespa. Pedi a ele que me deixasse na porta do Palácio. Eu queria falar com o Mauro, o Mauro não estava e eu falei com o Ari Demóstenes: olha qualquer movimento estudantil o governo Médici manda a polícia meter o cacete. Nós fomos massacrados e não houve interferência da polícia, não houve nada. Permitiu que eles nos massacassem. Quero deixar a minha manifestação aqui. Da minha revolta, da minha indignação contra o governo do Estado.

E o Ari disse, calma, você está com o sangue quente, você tem que ir é ao hospital. E mandou o carro do Palácio me levar num hospital que tinha quase em frente à faculdade de Direito, na Rua 20, não me lembro do nome dele. Eu fiquei lá esperando quase uma hora, não me atendiam. Aí liguei para a minha irmã, que era dentista: Herta eu estou aqui no hospital aconteceu isso e isso. Eu estou com a cabeça quebrada, a boca está cheia de ossos de dente e tudo solto. Ela foi lá e me pegou. Ela estava terminando a odontologia, chamou um professor dela para fazer a cirurgia na minha boca e na cabeça.

O consultório dele era naquele prédio antigo em frente ao Cine Goiânia. Eu sendo operado e sirene correndo a rua. E saiu a notícia de que eu

tinha morrido, que estava morto. Aí os estudantes com cartazes “procurase João Malandro vivo ou morto” foram em direção às empresas de ônibus que ficavam antes de Campinas, ali era a sede.

Eu soube depois que os estudantes foram lá para depredar, queimar as duas empresas de ônibus. Incendiaram uma e quando foram incendiar a outra a polícia estava lá com o comandante, o José Joel Marco, oficial do Exército que o Mauro Borges trouxe, amigo dele - trouxe do Exército para ser o comandante militar e era secretário de Segurança Pública.

O que os estudantes fizeram? Gritaram “viva o comandante José Joel Marcos”, pegaram ele e puseram na costa, carregaram ele e a polícia ficou sem comando. Eles foram lá e incendiaram ônibus, e tudo com o comandante nas costas. Uma tática fantástica. E a polícia ficou assistindo tudo.

O Henrique Meirelles, ele criou, em oposição a URJS, a Confederação dos Estudantes Secundaristas e deu um golpe. Com isso, ele foi lá com jagunços, estavam armados, e expulsaram a URJS da sede, a sua sede perto do Lago das Rosas. Foram expulsos com o golpe que o Henrique Meireles deu na época. Foi um golpe danado, comandado e idealizado por Henrique Meirelles, que sempre foi um canalha.

Eu fui convidado para entrar nas Ligas Camponesas, do Julião, através do Ataliba e do Tarzan. E fui treinar guerrilha na Serra da Saudade, no município de Rondonópolis, onde eu fiquei durante uns 6 meses.

LIGAS CAMPONESAS

Na Serra da Saudade a minha experiência foi muito rica, porque tinham apenas duas pessoas com fartos conhecimentos militares, que era eu e o James Allen. O resto não tinha conhecimento algum, eram estudantes do nordeste de Goiás, do norte de Goiás que hoje é o Tocantins. Tinham quatro camponeses de Formoso. Era comandada por um nordestino chamado Adalto Freire. Eu sei que já havia uma ameaça, o nordestino ameaçava, olha quem sair daqui, tentar ir embora, é teco! Está morto, nós matamos. E era sempre essa ameaça de teco.

Eu e o James Allen era quem dava as instruções militares para o resto da turma. Nem o comandante sabia nada de guerrilha e nem de conhecimentos de armas. Não sabia nem desmontar um mosquetão. Eu era o tenente-intendente; o James Allen era o tenente não sei o que lá, os oficiais. O Pinóquio era outro tenente. Eram quatro tenentes que comandavam. Eu era o responsável pelo abastecimento.

Para a população pátria, a população da região, o acampamento era de uma companhia que estava fazendo prospecção mineral. E eu era o en-

genheiro. No acampamento era terminantemente proibida bebida alcoólica, bebida alcoólica não entrava no acampamento. Tinha um boteco na beira da estrada onde a gente fazia compras, tínhamos conta lá. Certo dia eu cheguei lá e, conversando com a dona do estabelecimento, ela falou assim para mim: você não quer tomar uma cervejinha da geladeira do senhor Adalto? Eu perguntei que geladeira? Ela disse: eu faço um buraco em baixo do balcão, coloco as garrafas de cerveja lá no buraco, tampo com terra e jogo água. Então, quando ele chega, eu tiro do chão, lavo a garrafa e elas estão friazinhas. Ele gosta de uma cervejinha, de um rabo de galo. Eu disse, tá bom! A senhora me dá um fardo de cerveja, era fardo com um saco de linhagem e com palha de bananeira costurada, de feno de arroz para não quebrar. Disse que queria dois fardos de cervejas, umas cinco garrafas de cachaça, Fernet e Vermute Elefante. Cheguei lá carregado. O burro estava carregadinho de bebidas. O James Allen estava comigo e me apoiou na compra.

Chegando lá eu disse ao pessoal, olha hoje é farra, vamos cair na farra. Se um pode, todo mundo pode, aqui é democracia. Nós estamos aqui, e se um pode beber cerveja, que é proibido, sai daqui e vai lá em cima - e ele lá, o comandante, ouvindo - todo mundo pode. Então, hoje vamos cair na gandaia, vamos encher a cara. Só tomem cuidado para na ficar bêbados e não cair lá no precipício. Lá na frente tinha um precipício. A gente ficava instalados em um platozinho, descia a serra e aí tinha um platô; tinha o rancho, tinha umas bananeiras plantadas de lado e na frente era um buracão, rocha.

A partir disso eu passei a ser inimigo do comandante. Ele morria de medo de mim, por causa da minha fama de valente. Eu nunca fui valente coisa nenhuma, mas tinha a fama, e aí você aproveita a fama para mostrar a valentia. Ele dormia, com medo de mim, com uma espingarda atravessada no peito, uma faca, uma peixeira. Lá todos dormiam em rede. Eu chegava, abria a rede e ria na cara dele. Depois daquele dia virou uma bagunça total, o comandante não comandava nada. Mas continuava falando em teco. E nós estávamos lá, quatro meses, cinco meses e não dizia o porquê de nós estarmos lá, não tinha uma explicação. Nós fomos para lá em novembro, dezembro de 1961, e aí eu resolvi separar da turma. Eu falei James, eu vou embora, e se tentarem me impedir eu vou meter bala. Eu vou embora! O James disse, eu também iria com você, mas eu tenho dois caboclos que eu trouxe. O Garcia vai comigo, mas os outros dois não têm nada na cabeça, então, eles não vão. Eles estão do lado do comandante, então, eu não vou. Eu gostaria de ir com você. Eu disse, sabe de uma coisa, eu vou mudar para o mato sozinho, dou uma semana para a direção das Ligas Camponesas vir conversar comigo, e depois de uma semana eu vou embora.

Eu mudei para uma caverna. É muito interessante porque era uma caverna muito bonita, poucas pessoas do acampamento conheciam a caverna. Tinha um lago na boca da caverna, e depois uns 300 metros, que era um buraco pequeno cheio de pontas de pedra para chegar a um salão grande. E nessa caverna tinha estalactites, estalagmites, parecia até feito de concreto. Era aquele paredão de pedra, não era calcário. Eu levei uma caixa de fósforos, lamparina, roupa de cama, um revólver, um filobezinho tcheco de 12 tiros. E mudei para lá. Para ir para o salão tinha que nadar. E fui nadando e levando as coisas nas costas. O embornal que estava o fósforo caiu na água e eu continuei segurando com a mão para cima a lamparina. Nadando e segurando a lamparina acesa. E aí entrei no salão e tal e deixei a lamparina acesa. Dentro da caverna tinha uma ossada de uma onça. Eu arrumei a cama, a cama o que era? Era um lençol, um cobertor daqueles “sapecta neguinho”. Caí na besteira de pegar a lamparina e ir para outro salão, explorar o outro salão que tinha milhões de morcegos; era morcego que não acabava mais, tudo de cabecinha para baixo. Maravilhosos os morcegos! Com a minha entrada eles se assustaram e voaram ao mesmo tempo e vieram para cima de mim em voos rasantes e a lamparina apagou. Eu fiquei na escuridão completa. A minha sorte foi que estava perto da porta, do buraco que ligava ao primeiro salão. E dentro do salão que eu estava tinha uma cachoeira, a água nascia em cima e formava um rego. Pelo barulho da água cheguei ao salão e lá eu fui andando no escuro até achar a cama.

Peguei o embornal e o fósforo estava todo molhado. Eu pensei, não vão ascender os fósforos molhados. Peguei o fósforo, coloquei embaixo do braço para secar, deitei e dormi. Quando acordei, morrendo de sede, fui acender o fósforo, ele esfarelava todo. Peguei a filobé e fiz um sulco no chão para achar a cama, para ficar mais fácil de achar a cama. Fui fazendo buracos, que era o sulco, tomei água e voltei seguindo o sulco que eu tinha feito. Eu acho que fiquei lá uns três dias e três noites comendo coisas que tinha levado, comia no escuro mesmo. E falei, vou ficando aqui até “encher o saco”.

Um dia eu escutei um barulho, parecia conversa, longe. De repente apareceu uma luzinha e eu falei, me acharam. Eu peguei a filobé e pensei, a hora que começar a entrar eu vou matando. Aí o pessoal falou: Hugo? Somos nós! É o Cesar, é o Raimundo, é o Ailton, é o Caburé. Eu disse, está bem, então venham. E eles falaram: olha, nós vamos embora com você, não devemos esperar ninguém não, devemos ir embora. Eu falei, está bom, mas esperar, eu vou esperar. Eu dei um prazo e vou esperar, vamos ficar aqui na caverna. Eles disseram, caverna não. Dá um azar danado morar em caverna, vamos embora daqui. Eu disse, então vamos. Vamos para o mato.

Lá era aquela depressão, era um canyon, não agreste como o canyon americano. Era uma depressão e nessa depressão havia uma mata fantástica. Aroeira com troncos que pareciam troncos de jatobá. Tinha lugar que o Rio Jurigue passava e fazia um corte na costa que dava uns 200 metros. E dava para passar dentro do Rio Jurigue. Olhava para cima e só via uma luzinha lá em cima, porque era um paredão com o rio pequeno, estreito. Ficava em Mato Grosso, perto de Rondonópolis. Nós fomos para o mato e quando nós estávamos descendo, saindo da caverna, encontramos o James e o Garcia. O James me falou o seguinte, Hugo o pessoal vai preparar emboscada para você, quando vocês saírem. Está tudo preparado para fazer uma emboscada. A pessoa que mais conhecia a região era eu. Eu sempre fui mateiro, morei na roça muitos anos, explorava mato, então a única pessoa que conhecia mato era eu. Eu conhecia a região, explorei a região inteirinha. Enquanto o pessoal achava que só tinha uma saída daquele buraco geológico, eu conhecia três saídas. O James falou que na hora que nós chegássemos a tal ponto eles estariam lá nos esperando. Ele falou que gostaria de estar conosco, mas que não podia por causa dos dois que ele trouxe. Ele disse, eu vou ficar no meio. Vocês de um lado, e a turma da emboscada do outro; vou pegar dois revólveres e vou atirar para os dois lados. Vou ficar no meio do fogo cruzado, atirando para os dois lados. Eu disse está bem James, o que eu posso fazer?

Nós fomos para o acampamento. Fizemos o acampamento perto do Rio Jurigue, em um lugar estratégico. Depois eu falei, não vamos ficar muito tempo no mesmo lugar, vamos sair daqui, vamos para outro lugar, aí fomos para outro lugar. Do outro lado do Rio Jurigue, em lugar mais fechado.

Quando deu uma semana de prazo, no dia anterior, eu falei com a turma, olha, vamos fazer o seguinte, eu vou colocar em votação, nós temos como render o pessoal, eles vão estar nos esperando para emboscada em tal lugar. Nós saímos por uma saída que eu conheço, vamos sair atrás deles e os renderemos. Renderemos e vamos embora, os pegaremos de costas, na tocaia. O James Allen, segundo ele, estaria no meio atirando para os dois lados. Estava o Pinóquio, o Mourinha, o pessoal do nordeste. E eu falei com o pessoal, olha tem outra saída, nós podemos, eu já esperei e agora eu não tenho compromisso, e tem a outra saída que já sai do outro lado daqui do buraco, da depressão, e lá já está perto da estrada. De lá nós vamos embora, pegaremos a estrada e vamos embora.

Coloquei em votação e deu da gente ir embora. Ninguém tinha um centavo no bolso. Fomos ao boteco e compramos salsichas, quitutes, um monte de comida, uma garrafa de pinga com Fernet. Estava uma chuva da-

nada em julho, uma chuva gelada. Todos molhados. Eles falaram, vamos tomar uma pinga para a gente esquentar. Aí conseguimos uma carona, fomos até Rio Verde, fiz amizade com o motorista que me disse que tinha uma pensão. Eu falei que

tinha morrido alguém e que nós estávamos indo para Goiânia, mas estávamos sem dinheiro, que nós estávamos na fazenda esperando pagamento e tal. Ele disse: vocês vão lá o dono é meu conhecido, eu falo com ele e vocês combinam. E fomos lá. Eu entreguei a filobé como garantia do pagamento. E acabamos chegando a Goiânia.

O pessoal do Formoso na época que estava no acampamento foi para lá enganado. Disseram que eles eram fiéis ao Partidão, e as Ligas não tinham nada a ver com o Partidão. O Partidão era contrário àquele movimento do Julião. Lá eles se manifestavam, eram uns quatro de Formoso, e eram olhados com certa desconfiança pelo comandante. Então, chegamos a Goiânia e a primeira coisa que eles fizeram foi procurar o Partidão para contar o que estava havendo. E foi a partir daí que acabaram os acampamentos. Tinha em vários lugares, tinha no Paraná, tinha em Indianópolis.

Era em pleno governo do João Goulart, não tinha sentido algum fazer um movimento clandestino. O acampamento do Mato Grosso acabou logo depois que eu saí, depois foi o de Indianópolis e depois o do Paraná, e acabou.

Em 1962, eu pintava, eu fazia parte da turma do DJ Oliveira, eu cheguei a fazer exposição. Funcionava o Teatro de Emergência e o ateliê do Oliveira era lá. A gente saía com a turma da faculdade Católica, onde o Oliveira, também, dava aula de pintura. Eu pintava quadros, cheguei a ser escolhido em um salão. Depois da ditadura militar eu peguei meus quadros, joguei todos fora e nunca mais peguei em um pincel.

Antes de 64 existia um jornal, 4º Poder, que era da Universidade Federal, e eu publicava todos os domingos, era dominical o jornal. Era vendido nas bancas e eu tinha uma página cativa no jornal. Saía um conto meu publicado todos os domingos. O jornal era tão importante que era vendido, não era só distribuído. Eu tenho recortes meus publicados naquela época.

Eu tinha três atividades culturais. Tinha o teatro, que eu fazia parte do Benes e seus Artistas; eu fazia pintura e literatura, escrevia. Eu trabalhei em Ratos e Homens; trabalhei em Paiol Velho; depois eu fiz um filme com o Bênio, “ O Diabo Mora no Sangue” - eu fiz o co-roteirista. Aliás, eu fui o roteirista do filme, o argumento era do Bênio. E João Bênio tinha conseguido um financiamento do Banco Mineiro do Oeste. Aí eu fui para Rio de Janeiro e fiquei em seu apartamento, e escrevi o roteiro. O João Bênio

pegou o roteiro e o entregou para o Ziembinski. Aliás, quando o João Bênio contratou o Cecil Thiré para ser o diretor do filme, o Cecil Thiré levou o roteiro que eu tinha feito e entregou para o Ziembinski, e o Ziembinski anotou algumas modificações no roteiro. Pedi algumas modificações e as modificações foram feitas por mim. Eu que fiz todas as modificações, os diálogos do filme são 100% meus. Eu que construí todos os diálogos e atuei como ator.

MILITÂNCIA

Eu trabalhava no gabinete do Mauro, na Secretaria Particular, eu que abria todas as correspondências, tanto a correspondência comum, quanto a reservada, a secreta, tudo e passava para o Mauro.

Uma semana antes do golpe, eu recebi, caiu em minhas mãos, um telegrama do Meneghetti, que era o governador do Rio Grande do Sul, todo cifrado. Eu peguei e escrevi lá, Governador não entendi nada desse telegrama, parece coisa cifrada.

No dia seguinte eu fui trabalhar e o Messias Tavares, que era o secretário, falou, Hugo você está muito cansado, eu vou te dar uma semana para você descansar. Eu disse: não Messias, eu não quero descansar, não quero e não vou sair. Eu não estou cansado e quero ficar. E quando chegou o dia 31 de março eclodiu o movimento que deu início à ditadura militar, lá em Minas Gerais.

Na época estava sendo convocado o pessoal do Palácio para uma reunião à noite, no próprio Palácio. Fui lá e fiquei lá esperando a reunião do Mauro. E só entrava o pessoal da extrema direita, só a extrema direita enchendo o Salão Verde. O secretário de Governo era o Ary Demóstenes. Eu falei, Ary eu não estou entendendo, o que está acontecendo? Ele disse, Hugo não tem jeito não, o Mauro está apoiando o golpe, ele vai fazer um discurso apoiando o golpe, e mandou convocar todo esse pessoal.

Quando Mauro começou a falar, a discursar apoiando o golpe militar, eu estava sentado mais ou menos no meio, levantei e saí gritando, gorila, gorila... Saí e fui para o centro acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade Federal. O gorila era uma denominação da época para todos os militares golpistas. Qualquer movimento de militar era taxado de golpista, de gorila. Injustamente, porque o gorila é um animal pacífico, não mexe com ninguém. E esses são terríveis. Geneticamente não tem nada a ver uma coisa com a outra.

Fui para o centro acadêmico e teve o movimento contra uma tentativa de organizar alguma coisa, que tinha sido organizado em 1961. Na

renuncia do Jânio Quadros, o movimento garantiu a posse de João Goulart, foi o movimento desencadeado, também, pelo centro acadêmico. O centro acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade Federal, era onde acontecia o movimento político de resistência, golpes, tudo nascia no centro acadêmico da Faculdade de Direito da Federal, na Rua 20.

Aí veio o golpe e fui um dos primeiros a ser demitido do Estado. Um dos primeiro não, eu fui o primeiro a ser demitido. Antes de eu ser demitido, o Messias mandou um carro oficial de chapa preta ir em casa me pegar para trabalhar, e eu mandei um recado para o Messias, diz a ele que eu não trabalho para o gorila.

Por causa desse problema do gorila, que eu falei logo depois do golpe militar, foi instaurado um inquérito a respeito dos funcionários públicos subversivos. Então, me mandaram uma intimação, mandaram um prontuário. Fabricaram um prontuário meu, eu não tinha prontuário algum. Fabricaram um prontuário e me mandaram cópia desse prontuário para eu fazer uma defesa escrita sobre as acusações que havia no prontuário. Defender-me para não ser demitido, justificar o porquê que eu não deveria ser demitido do governo. Isso foi logo depois do golpe.

Eu fiz a minha defesa. Eles diziam que eu era agitador contumaz. Eu disse sim, fui agitador contumaz, trabalhei durante um ano e meio em uma farmácia de manipulação, onde eu agitava os frascos de medicamentos indistintamente. Mesmo que eles fossem verdes, vermelhos ou incolores eu agitava tudo.

No prontuário dizia que eu tinha visitado Cuba, que eu tinha feito uma viagem a Cuba. Eu respondi que eu nunca tinha ido a Cuba. E disse, já que vocês estão dizendo que eu fui, vocês deveriam me financiar uma viagem, porque eu gostaria de conhecer Cuba. Já que vocês estão falando que fui e eu não conheço, vocês deveriam me pagar uma viagem. Eu fiz toda minha defesa na base da gozação. E fui lá e entreguei para a Comissão do governo Mauro. Entreguei a minha defesa e, no processo, o Rivadavia Xavier Nunes escreveu no seu parecer final que se tratava mesmo de agitador, que no dia 31 de março ele saiu do auditório do Palácio chamando o governador de gorila.

E quando desencadeou a repressão eu e o Adalto fomos para Pirenópolis, ficamos lá escondidos muito dias. Voltamos e não aconteceu nada com a gente. Quando foi em agosto, eu estou em casa e, de repente, pára um jipão do Exército na frente da porta de casa. Invadiram a casa e declararam que eu estava preso, que iria para o quartel. Fizeram uma busca até o teto da casa. Entraram pelo telhado e fizeram uma varredura na casa procurando alguma coisa. E lá em casa nós não tínhamos nem literatura

política, já tínhamos tirado tudo. Eu estava lendo uma coleção de obras de Voltaire, e fui honrosamente preso com Voltaire. Eu e Voltaire fomos presos, fomos levados para o quartel. Era uma literatura altamente subversiva na época.

MAURO BORGES

Mauro é o seguinte, o coronel Danilo era inimigo do Mauro, ele veio para cá por que era inimigo do Mauro. Eles queriam realmente achar fatos, fatos que implicassem o Mauro para derrubá-lo. Apesar de o Mauro ter participado do golpe, eles não confiavam no Mauro. A Direita não confiava no Mauro por causa de sua participação no golpe que impediu o golpe de 1961, quando o Mauro e o Brizola garantiram a posse do Jango. Ele era visto com desconfiança. Então, o que fez o Exército, colocou o Danilo no comando do 10º BC para achar provas contra o Mauro, todas as prisões foram em busca de provas contra o Mauro. Por isso, eu era um capitão Russo que estava no Palácio, no governo Mauro.

Alguma pessoa do governo do Mauro Borges tentou libertá-lo? Não! Inclusive, ele não tinha como fazer isso. Ele não tinha como fazer. Primeiro porque o Mauro perdeu a referência política com a saída do Jesus da Paixão Reis, que era o seu secretário particular, em 1961. Ele tinha uma formação política firme, sólida. Ele quem influenciou o Mauro a lutar contra a tentativa de golpe em 1961 para impedir a posse do Jango. Ele quem redigiu aquele manifesto histórico que chamava o Cordeiro de Faria de gorila. Então, o Jesus da Paixão Reis fez um concurso público, ele era inteligentíssimo, ele fez para procurador da república, uma coisa assim, teve candidatos do Brasil inteiro e ele praticamente sem estudar, fez e passou em primeiro lugar e foi nomeado. E o Mauro perdeu o seu secretário, e colocou na Secretaria Particular o Messias Tavares. Ele tinha formação e tal, mas era muito pacífico, não dava opiniões, era muito devagar. Além disso, surgiu a iminência parda lá dentro do Palácio e começou a fazer a cabeça do Mauro, que é o pai da Bizé, o José Jânio, que era de extrema direita.

Eu me lembro de que o Geraldo Vale uma vez fez um artigo chamando o José Jânio de Jacu de Tapera. Então, o José Jânio teve uma péssima influência no governo Mauro. E o Ary Demóstenes, que era o secretário do Governo, também, vinha da UDN, era udnista. E o Mauro que ouvia uma pessoa sensata, da parte política, passou a não ter referência política com a saída do Jesus.

O Mauro colocou na Polícia Militar, um militar do Exército e de direita, que era José Joel Marcos. E colocou na Secretaria de Segurança

Pública o Rivadavia que era de direita também. Então, a repressão era altamente justificável. Eles tinham carta branca do Mauro, eram amigos do Mauro.

Passado uns dias eu voltei ao Palácio, fui lá para pegar as minhas coisas, quando o José Joel Marco foi pessoalmente me prender. Saí deitado nos fundos de uma Kombi para não ser preso pelo José Joel Marco. Ele era comandante da Polícia Militar. E o Rivadavia Xavier Nunes era o secretário de Segurança Pública. Nessa ocasião, o Rivadavia era secretário de Segurança Pública, ele já deveria estar sabendo que o Mauro iria apoiar o golpe, porque uma semana antes eu tinha aberto aquele telegrama secreto para o Mauro, do Meneghetti. O Mauro iria apoiar o golpe militar, o secretário de Segurança Pública já deveria estar informado.

O Mauro sempre tenta justificar o porquê que ele participou do golpe, só que ele criou um mecanismo que não é verdadeiro. Ele já me contou a mesma coisa umas dez vezes, diz que participou do golpe porque o Assis Brasil o tinha chamado no Palácio em Brasília e o convidado a participar do golpe para manter o João Goulart no Governo. Isso é uma coisa inverossímil, não houve tentativa de golpe do João Goulart, ele nunca pensou em golpe, ele era extremamente legalista. Ele não tinha essa pretensão.

Na verdade, o Mauro ficou enciumado por que ele foi um dos que garantiu a posse do Jango, e ele esperava que o Jango desse mais apoio ao governo dele. E o Jango não deu esse apoio que ele esperava. E como ele perdeu a referência política do assessor que saiu por causa do concurso, ele simplesmente, com magoas do Jango não ter apoiado ele na parte administrativa do governo, se sentiu a vontade para apoiar o golpe.

PRISÃO

A gente achava que o Exército era altamente democrático, até o golpe militar. A gente não tinha passado por aquilo que passou durante a ditadura de Getúlio Vargas. Então, a gente pensava que o Exército era uma força democrática, legalista. E de repente a gente se depara com a ditatorial, violento. Nós fomos surpreendidos, nós não acreditávamos que o Exército torturava pessoas em suas dependências. Naquele período ali do segundo governo do Getúlio Vargas, na década de 50, até a queda de Getúlio, a posse do Juscelino, a garantia da posse do Juscelino pelo general Lott, aquilo tudo deu uma impressão de que o Exército era legalista. Nós tínhamos, naquela época, certa simpatia pelo Exército, principalmente pelo posicionamento do Exército em relação à garantia da posse do Juscelino, logo após a tentativa de golpe do Café Filho. E isso criou em nosso

subconsciente alguma coisa de que o Exército era legalista, que ele jamais faria uma coisa daquelas. Lott nos colocou uma sensação na cabeça.

Quando eu estava preso no quartel, eles estavam me acusando de ter recebido 20 milhões de dólares, na Avenida Goiás, de João Batista Zacariotti para financiar o movimento. Que eu tinha recebido esse dinheiro da embaixada da Polônia. Eu disse não, não sei nada disso, que era uma coisa inverídica, que eu não tinha nada para falar. E sendo torturado para confessar onde estava o dinheiro. Nisso eu soube que o Pawel Gutko foi preso quando Saulo Taguatinga estava sendo preso na Avenida Anhanguera. E o Pawel Gutko conhecia o Saulo Taguatinga. Ele abraçou o Saulo no momento que ele estava sendo preso. E nisso eles pegaram o Pawel e o levaram preso.

O Pawel estava em Goiânia fazendo tratamento psiquiátrico. O Pawel trabalhava em São Paulo e tinha seqüelas da guerra, ele passou um período da 2ª Guerra Mundial fugindo de bombardeio. Então, ele tinha neurose de guerra. E ele foi com uns colegas de empresa para o litoral paulista e na volta o carro capota. Morreram quatro companheiros dele, colegas de trabalho, e ele escapou. Com isso a cabeça dele ficou ruim, e a firma o mandou para Goiânia para ficar com os pais e fazer tratamento. E eles o prenderam justamente nesse período que ele estava fazendo o tratamento.

Quando chegaram no quartel foram perguntar o nome dele. Ele disse que era Jean Fushier, espião Frances. Eles disseram: espião, predemos um espião. Isso em agosto de 1963. E o Pawel criou um esquema mental que envolveu o seu pai, que tinha quase 80 anos, e acabou sendo preso. Disse que o pai não era o seu pai e sim um oficial Russo. Disse que eu era um capitão russo, que estava trabalhando no Palácio, mas que eu era um capitão russo. E que iria ter uma revolução no Brasil de tendência maoísta e que a Polônia estava preocupada com os poloneses que moravam em Goiás. E só meia dúzia de poloneses moravam em Goiás. E que ele queria fazer um esquema para salvar essas pessoas de um movimento maoísta, uma revolução maoísta. E este movimento era chamado de Valadoli. E criou toda ramificação, que Zacariotti entregou 20 milhões de dólares para financiar o movimento de salvação para os poloneses residentes em Goiás.

E a gente sendo torturado para confessar uma coisa que era fantasia absoluta da mente do Pawel. E, com isso, eles prenderam o Ataalba Alves de Lima, eu gosto muito do Ataalba, meu amigo, companheiro e tudo. O Ataalba tem medos patológicos. Ele morria de medo de grilos, a gente ia jogar bola lá no acampamento e chutava a bola para ele e ele corria de medo da bola.

Eles foram prendendo. O Pawel tinha feito referência a mim, era

muito amigo meu, eu o conhecia de Ceres, a minha família era muito ligada à dele, lá de Ceres. E por isso ele me envolveu nisso aí.

Quando eu voltei lá do Mato Grosso, ele soube através de alguns amigos. Ele pescou algumas coisas de que eu tinha estado treinando guerrilha. Ele só não sabia onde era. Ele disse aos militares que era no Araguaia. E eles me torturavam para confessar o treinamento de guerrilha. E prenderam o Atalba e o Atalba conta toda história do acampamento, inclusive os apelidos. E eles foram me torturar para confessar com dados. Perguntavam fulano de tal estava? Sicrano que o apelido era x? E não tinha como negar, eles tinham já os apelidos, tinham tudo. E com isso, uma das coisas que o Pawel falou se tornou verdadeira e o esquema Valadoli era verdadeiro para eles. E aí recrudescer a tortura para confessar, mas confessar o quê?

Até que eles desistiram, porque o Pawel, com isso, passou a ficar totalmente demente. Eles o levaram para um estande de tiros, e perguntaram o que ele gostaria de comer, por ser a sua última refeição. Falaram que ele iria ser fuzilado no dia seguinte. O levaram e o colocaram no estande de tiros, colocaram uma venda nos olhos dele, e com balas de festim simularam o fuzilamento, e quando atiraram ele caiu durinho. E para reanimar o Pawel? Segundo eles foi difícil convencer o Pawel de que ele não estava morto.

Eu estava preso em uma cela que era uma sala. Aí eles me passaram para a casa onde ficava o sargento, e na guarita do quartel ao lado era a prisão dos soldados. E o Pawel preso junto com os soldados, na cela dos soldados. Um dia, os soldados sacaneando, deram uma farda do Exército para ele vestir. E ensaiaram o Pawel. E chegou o oficial do dia para fazer a vistoria e o Pawel vestido, bateu a continência. O oficial ficou furioso e gritava, tira essa farda imediatamente, e começou a ameaçar a bater nele. E os soldados falaram que ele estava fingindo, que ele se fingia de louco, e que ele não era louco não. Um dos soldados disse ao comandante, olha diz que o sujeito que come merda e rasga dinheiro é que é louco, o Pawel escova os dentes na merda do vaso sanitário e para fazer isso, só louco. E ele fazia isso, pegava merda na escova e escovava os dentes. E o soldado falou, ninguém finge um tipo de loucura como essa.

TORTURA

Eu sempre tive um controle muito grande sobre o meu psíquico, sobre o meu corpo. Eles me levavam para a sessão de tortura, eu era torturado e eles voltavam para a sala, eu dormia em um sofá, um sofá comum des-

ses de escritório. Eu chegava e passado 10 minutos eu já estava dormindo, e isso para eles era uma afronta. Passava um pouquinho e o capitão Aníbal me acordava me sacolejando, com ódio por eu esta dormindo.

O Aníbal participava, mas de vez em quando ele desaparecia, ele ficava mais na 7ª CR. Vinha, participava das torturas e dava uma de bonzinho. Era aquele tipo que chegava e dizia, olha eu simpatizei muito com você, minha mulher fez uns bolinhos eu trouxe para você. Era para tentar conseguir alguma coisa do preso através do suborno, do agrado. Ele se fazia de bonzinho, mas ele não era bonzinho não, ele participava das torturas.

O capitão Fleury tinha algum trauma, ele era um psicopata, eu acho Fleury um psicopata. Porque, uns dois meses antes do golpe militar, eu encontrei alguém, não lembro quem, que falou: vamos lá no Jóquei comigo. Tem uma festa de casamento, eu sou convidado e você vai comigo. Eu falei vamos, entrei no Jóquei era o casamento do Marcos Fleury com a filha do Hélio de Brito. Isso uns 2 meses antes, não sei bem se isso, mas um período antes do golpe militar. Esse homem recém-casado passava a noite inteira no quartel, deixava a esposa em casa para torturar pessoas no quartel. Tem que ter algum trauma, não pode ser uma pessoa normal. Preferir torturar pessoas a fazer amor com a mulher, sendo recém-casados, não dá para entender. Não é normal, e ele vivia no quartel durante o período da repressão. A pessoa mais assídua dentro do quartel era o capital Fleury.

No momento da tortura eles colocavam um capuz plástico grosso na cabeça. Você ficava ali apanhando e suando dentro daquela porcaria. E aí quando você não agüentava mais o sufocamento e eles já estavam com a garganta seca, perguntavam: está com sede? E começavam a beber água. Que aguinha gostosa! É só confessar que bebe da água. Está com sede? Tá bom, vamos dar água para ele. E tiravam o capuz até os olhos, tampava a boca e jogava a água no nariz, uma forma de afogamento.

Eles não batiam onde tinha ossos, eles batiam na parte mole, no abdômen, batia no tórax, surrava, afogamento, choques elétricos. Algemavam a gente na caixa d'água e ligava o diesel. Quando faltava energia eles ligavam um motor diesel. No mês de agosto, um calor infernal, e a gente colada no motor diesel. Uma fumaça que eu saía de lá quase morto. Tudo isso no 10º BC.

Eu fui transferido para outro lugar. Eu pensei, sabe de uma coisa, eu vou me matar. Eu estava em uma sessão e arrumei uma gilete e falei eu vou cortar os pulsos, pelo menos eu faço um escândalo nessa merda aqui. Eu queria criar um fato, um escândalo, porque todos estavam presos lá, eu também estava preso e sem expectativa, sem perspectiva de ser solto. A gente não sabia o que iria acontecer. Quando eu estava preparando para

cortar os pulsos, eles me chamaram e me levaram lá para comando do quartel. E falaram: você vai ser solto hoje. E nisso estava o comandante, que era o Danilo: nós vamos soltar você, e você vai ficar sendo vigiado, não conversa nem com a sua mãe sobre o que aconteceu aqui. Se não você vai conhecer a linha dura, você passou até agora pela linha moderada, se nós soubermos que você falou, você irá passar pela linha dura.

Eu fiquei 45 dias, e aí me soltaram. Eu fui para casa arreventado. Fiquei uma semana me recuperando do que havia passado. Depois saí, fui ao cartório e fiz uma escritura pública, datilografada. Eu tenho cópia dessa escritura aqui comigo. Eu narrava tudo, tintim por tintim, o que aconteceu comigo e o que eu vi acontecendo com outras pessoas. E a minha escritura se tornou escândalo nacional. Então, os militares preferiram não mexer comigo porque, quando eu fiz a escritura, a revista O Cruzeiro mandou a Goiânia Davi Nasser, que era o principal jornalista da revista, para fazer uma reportagem sobre a minha denúncia de tortura. E a revista trouxe umas cinco ou seis páginas a respeito do fato, da escritura da minha denúncia. Eu sei que o Davi Nasser fez uma matéria muito boa a respeito disso. Tanto é que parte dessa escritura está no livro Tortura e Torturados, está no livro do Mauro. Tem referência a ela naquela trilogia do Gaspari, tem na coleção de livros Direito, porque foi a primeira vez que se fez uma escritura pública para denunciar um fato político, um fato da repressão. E esse instrumento tabelionato, nunca tinha sido feito nada nesse sentido, por isso, faz parte de uma coleção de Direito, de livros jurídicos.

Quem convenceu o cartório a fazer isso foi o Rômulo Gonçalves, ele era o meu advogado. Ele que falou com o cartório, que fez todo o trabalho com o cartório para eu fazer a escritura. Ele que me deu a idéia de fazer a escritura. Qualquer pessoa pode fazer uma escritura pública de declaração. Então, eu fiz uma escritura pública de declaração contando fatos políticos. E isso foi um marco dentro do Direito, porque esse caminho ainda não tinha sido usado para fazer uma denúncia pública contra um ato de força.

Depois que eu fiz, tiveram algumas pessoas que não eram políticas, uma prima minha que participou, deu cobertura, fez uma declaração. Ela era amiga da família do Pawel Gutko. E ela fez a declaração confirmando as minhas declarações e falando mais sobre o pai do Pawel e sobre o Pawel, que sabia que eles estavam lá sendo torturados.

Eu era brasileiro e estava sendo torturado daquele jeito, imagina um estrangeiro, como seria tratado. O pai do Pawel Gutko era um ancião, deveria ter mais de 80 anos naquela época.

O aeroporto estava sendo vigiado. O João Bênio descoloriu o meu cabelo, e eu pintei o cabelo de castanho, fiz uma maquiagem no rosto, no

pescoço, nos braços. Coloquei uma camisa longa, e fui até o aeroporto peguei um avião e desci em Aruanã, onde tinha um caminhão me esperando. Um caminhão da fazenda onde estava sendo construído o Hotel das Cangas, do Valdir Flauzino. E eu fiquei durante 6 meses, escondido lá. Foi quando aconteceu a intervenção em Goiás.

O meu cabelo começou a crescer e o pessoal do acampamento falou, Hugo seu cabelo queima ao contrário, todo mundo queima o cabelo de cima para baixo, o seu queima de baixo para cima?

Eu fiquei lá até mais ou menos março. Aí eu falei, vou embora, vou voltar para Goiânia, vou enfrentar esses filhos da puta! E vim para Goiânia, fiquei uns dias em Goiânia e pensei, eu vou me asilar no Uruguai ou na Argentina. A minha fuga de Goiânia naquela época, após a escritura, foi importantíssima para a minha sobrevivência. Porque antes de tornar um escândalo nacional, eles poderiam fazer qualquer coisa comigo, como represália.

Eu tinha uma irmã que morava lá no Paraná, em Guarapuava, e que ficava perto da fronteira. Fui para a casa da minha irmã para, de lá, atravessar a fronteira.

Guarapuava é vizinha de Laranjeiras do Sul e Cascavel. O Gerson Cardim Osório saiu do Rio Grande do Sul e foi parar perto de onde eu estava. Eu na casa da minha irmã, e o helicóptero passando em cima da casa. E eu fiquei lá mais ou menos um mês. Pensei, eu vou voltar para Goiânia, aí voltei e fiquei aqui.

Particpei da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares - VAR Palmares dando cobertura ao pessoal com quem eu tinha contato. Na verdade eu não deveria ter participado dessas coisa, eu era muito vigiado. Depois, com o negocio da Agência Brasileira de Inteligência - ABIN, foi que eu vi que até 89 eu estava sendo vigiado. Era uma temeridade participar de um movimento clandestino como o VAR Palmares, mesmo não participando da luta frontal. Eu colocava em risco o próprio movimento, porque eu era muito vigiado.

Quando prenderam os estudantes em Ibiúna na manifestação do centro acadêmico, eu fui para lá e discurssei. Quando eu saí de lá, fui seguido. Eu ia pela Anhanguera e um sujeito atrás de mim, aonde eu ia ele estava atrás de mim. Entrei no Cine Casablanca e quando eu saí já não vi mais o caboclo me seguindo.

Um dia eu estava jantando no Tip Top, tomando uma pinga, quando de repente alguém venda os meus olhos com as mãos e pergunta se eu sabia quem era? Eu respondi não, não sei não. Quando eu virei, era o sargento Guido, um dos torturadores. Ele era cozinheiro do quartel e

participava das sessões de torturas. Eu simplesmente levantei. Eu era assíduo frequentador do Tip Top, levantei, dei a volta, saí e fui embora. Eu simplesmente olhei para a cara dele e fui embora. No outro dia eu paguei a minha conta.

Eu estava fazendo um financiamento pela Caixa Econômica para construir uma casa no Setor Oeste e fui falar com a direção da Caixa. Quando eu entro no elevador quem estava lá? O capitão Fleury, Marcos Fleury, eu olhei para a cara dele, fechei a cara e virei às costas. Quando o elevador abriu as portas, eu desci e fui.

De 1968 para 1978 como foi a minha vida? Foi-me barrado tudo. Eu não podia fazer mais nada, a não ser a publicidade, e eu comecei a trabalhar com publicidade. Foi a única forma que eu encontrei de sobrevivência. Aí eu conheci o Oscar Dias, conheci o Iberê e o Wiliam Guimarães. Eles estavam fundando a Legenda e me convidaram para ajudá-los na agência. Era uma sala emprestada das Organizações Jaime Câmara, no edifício na esquina da Rua 2. Descia do elevador e subia para a salinha quente, lá em cima, junto à caixa d'água. Eu comecei a redigir propaganda e fiquei 5 ou 6 anos na Legenda.

JARBAS SILVA MARQUES

Data de nascimento: 04/09/1943



Meu nome é Jarbas Silva Marques, nasci no dia 04 de setembro de 1943 em Monte Carmelo, Minas Gerais, uma cidade que fica no Triângulo Mineiro. Meu pai é goiano, teve problemas políticos em Goiás e mudou-se para Minas Gerais. Lá, casou-se com a minha mãe, Maria Ramos da Silva.

Na região do Triângulo Mineiro só havia dois colégios: Regina Pacis, em Araguari; e o Diocesano, em Uberaba. Eram dois colégios internos e só as pessoas de maior expressão econômica, latifundiários, podiam mandar seus filhos. Goiânia, que é a segunda cidade planejada da República, era a cidade que tinha escola pública. Praticamente toda aquela região do Triângulo Mineiro migrou para Goiás em busca de escolas públicas.

Em 1949, meu pai, depois da venda de uma casa e de seu salão de barbearia em Monte Carmelo, se muda para o Bairro de Campinas; depois fomos morar na Vila Operária. Nós fomos os primeiros moradores da Vila Operária. A partir de 1949 o ex-deputado constituinte Francisco de Brito, que foi com quem meu pai foi uma espécie de aprendiz de guarda livros na empresa dele em Goiatuba, passa a visitar nossa casa. Ele e a avó Antonieta, sua esposa - nós, os filhos de Antenor Silva Marques e Maria Ramos da Silva, éramos considerados como netos dele. O Dr. Chico de Brito era um grande intelectual goiano. Um fato incrível era que seus três filhos homens - Aroldo, Renato e Elbis de Brito - vão ser membros do Partido Comunista.

Meu pai torna-se compadre do médico Francisco Pelomia de Souza e da Glória Pelomia de Souza, que era filha do Cunha - um velho militante do Partido Comunista em Goiás. Vários irmãos da Glória Pelomia passam a ser militantes do Partido Comunista em Goiás: a Geralda, o Walteno Cunha Barbosa. Desde os sete anos, a partir de 1950, eu tomava conhecimento porque a

Glória Pelomia e os ativistas do partido frequentavam a casa do meu pai. Eu sabia da campanha contra a bomba atômica, da campanha contra a fome e da campanha pela paz. Então, desde os sete anos eu tinha uma vivência com pessoas que eram ativistas políticos. Nós éramos os primeiros moradores da Vila Operária, e minha mãe que estudou em colégio de freiras francesas - ela iria ser freira, mas meu pai que era um grande músico seresteiro acabou casando e a tirando do encaminhamento religioso – tinha um aculturamento; ela havia sido preparada em um colégio de preparação de elite e tinha uma média cultural acima da média da época. Nós, os primeiros moradores da Vila Operária, pelo poder aquisitivo, éramos os únicos a possuir um rádio. Minha mãe sabia aplicar injeção e o compadre dela, Francisco Pelomia, que era um dos maiores pediatras de Goiás, fundador da Faculdade de Medicina, professor e fundador da Faculdade de Odontologia, era um homem multifacetado, polivalente. Eles usavam minha mãe como ativista política, davam amostras grátis de remédio. À noite minha mãe colocava o rádio na janela e praticamente toda a vizinhança vinha ouvir as novelas da Rádio Nacional: o Albertinho Limonta, o Direito de Nascer. Por esse serviço social, ela tinha a confiança; e eles achavam que deviam ser dadas a ela as condições de ser uma líder comunitária.

Em uma invasão o que marcava a posse dos posseiros era furar uma cisterna. A razia administrativa do governo Pedro Ludovico se fazia através de um jagunço muito conhecido, famoso Luizão, queimador de barracos, espancador; e como todas as pessoas arbitrárias são levadas à corrupção, ele e seus asseclas roubavam máquinas de costura, que era a maior riqueza das mulheres na estruturação de uma família proletária ou semiproletária. Não existia ainda no Brasil uma classe média, e as roupas eram todas feitas por pequenos artesãos de alfaiataria, costureiros e costureiras.

A primeira vez que tive um contato direto, que me sensibilizei socialmente foi assim: meu pai foi gerente em um matadouro municipal, ou seja, ele controlava a matança de bovinos e suínos. Saíamos eu, meu irmão e minha irmã mais velha do matadouro municipal e íamos para a Escola Patriarca. No caminho, mais ou menos na Praça Joaquim Lúcio, no centro de Campinas, os estudantes haviam construído no centro de Goiânia e aqui em Campinas, uma torre de madeira, com mais ou menos uns três metros de altura, simbolizando uma torre de perfuração de petróleo. Foi a primeira vez que vi polícia batendo em mulher. Eram universitárias e mulheres da classe média. As mulheres naquela época, por imposição da igreja, usavam vestidos longos. Mulher não entrava na igreja com vestido no joelho ou acima, tinha que ser um palmo abaixo do joelho. Predominava nas roupas as confecções inglesas e francesas, o chamado “tailleur”.

Vi uma mulher ser espancada - o material de repressão vinha dos Estados Unidos, eram uns cassetetes de plástico - ela estava com a roupa toda rasgada pelo espancamento. Foi a primeira vez que eu vi a máquina repressiva ser usada contra a população. Eram jovens lutando pela campanha do petróleo e pela criação da Petrobrás.

Esse contato, esse privilégio tive com Francisco de Brito. Apreendi a ler muito cedo, meu pai era mudancista, e Francisco de Brito conversava como deputado constituinte. A presença dos comunistas e dos democratas na Assembléia Constituinte de Goiás foi uma presença muito participativa. Um estado de bases econômicas agrárias fez a Constituição mais progressista das Constituições estaduais do Brasil. Basta ver que na Constituição de 1946 do Estado de Goiás é contemplado um artigo sobre o arrendo. Então, em uma relação que predominava quase o servilismo, uma escravidão branca, a Constituição de Goiás contemplava a Lei do Arrendo. Além disso, os goianos colocaram a luta pela mudança da capital federal e, na Constituinte de Goiás, o vô Chico de Brito falava disso para mim. Eles colocaram 52.000 km à disposição do Governo Federal para que se fizesse o Distrito Federal.

PANORAMA SÓCIO-CULTURAL DE GOIÁS

É preciso que se saibam os antecedentes sociais e culturais do estado de Goiás para saber o porquê que em 1964 o estado foi um dos que mais sofreu a ação repressiva. Basta ver que foi o único estado que sofreu intervenção federal dos golpistas em 1964. Para que se tenha uma ideia disso, em 1954 é realizado um Congresso Internacional de Literatura em Goiânia, e há um episódio gozado nesse congresso. Vem para Goiânia Pablo Neruda, Jorge Amado e toda intelectualidade da época. Pablo Neruda ficou hospedado no Marmo Hotel, na Avenida Anhanguera. Apresentaram a ele nossa aguardente de cana de Goiás. Neruda, que ia fazer uma palestra, tomou muitas lambadas da pinga goiana e adormeceu. Ele não chegou no horário para a palestra, foram buscá-lo e ele estava dormindo. Quem me contou esse episódio foi Sebastião Barros de Abreu, na época jornalista, e Maria Aparecida sua esposa, que era secretária do Congresso Internacional de Literatura realizado em Goiás.

Os goianos têm uma participação massiva do ponto de vista da participação da intelectualidade. Bernardo Élis já havia escrito “Ermos Gerais”, estava preparando “O Tronco” que é um episódio, eu diria épico, que a literatura brasileira e os movimentos sociais precisavam tomar conhecimento. Quem deu a ele as bases para que ele escrevesse o livro “O Tronco” foi minha avó Antonieta, esposa do deputado constituinte Francisco de Brito. Eu tive o privilégio de ouvir essas histórias e conhecer Eli Brasiliense,

conhecer outras figuras fulgurantes da intelectualidade goiana, que é chamada a Geração de 45. Quanto à geração que fez a Semana de Arte Moderna, em Goiás os intelectuais caminhavam juntos na mobilidade social e na mobilidade política. Então as figuras mais expressivas da intelectualidade de Goiânia e do estado de Goiás eram também ativistas políticos. Esse ativismo político pode ser demonstrado na história brasileira através da luta pela mudança da Capital Federal, e essa participação dos goianos é a mais importante. Basta ver que a partir de 1945 o tenente-coronel Humberto de Alencar Castelo Branco é cooptado por Vernon Walters - um organizador de golpes de estado que fez mais de vinte golpes de estado pelo mundo e tem sob suas costas mais de dois milhões e quinhentos mil cadáveres e faz cooptação ideológica para o interesse dos Estados Unidos. Ele vem para o Brasil com a tarefa de constituir a Escola Superior de Guerra para preparar uma elite civil e militar para defender os interesses dos Estados Unidos. Eles passam a estruturar o golpismo em várias tentativas: no manifesto dos coronéis, na década de 50; no episódio que é configurado como uma grande trapaça política de Carlos Lacerda, chamada “Carta Brandi”. Azeredo da Silveira que depois participará do sequestro do Coronel Jefferson Cardin, em 1970, a mando de Ernesto Geisel, rouba os códigos criptográficos do Itamaraty e dá a Carlos Lacerda para forjar as Cartas Brandi que obrigaram Getúlio Vargas a demitir João Goulart do Ministério do Trabalho.

O primeiro comício da campanha de Juscelino se dá em Goiás, no dia 4 de abril de 1955, em Jataí. Um comício em que Antônio Soares Neto o questiona se ele iria cumprir a Constituição. Ele diz que sim, e faz o compromisso de mudar a capital.

Nós goianos, a partir de 1955, temos uma estruturação de grandes oradores a partir do movimento estudantil. Em uma época de plena liberdade no governo de Juscelino Kubitschek se estruturam várias frentes nacionalistas. Goiás era um estado de uma geração fulgurante. Nós tínhamos grandes oradores estudantis. Havia torneios de oratória nos grêmios estudantis, torneios colegiais, torneios intermunicipais, torneios estaduais, realizávamos seminários. Recitávamos Castro Alves, Augusto dos Anjos, líamos Gondim da Fonseca, participávamos da campanha pelo petróleo, da campanha pela criação da Petrobrás. Nessa progressão nacionalista fomos nos envolvendo em um comprometimento ideológico, já que o outro lado, alinhado aos interesses dos Estados Unidos, já preparava várias ações golpistas. Nós da juventude goiana participamos de toda essa luta e com uma herança dos ativistas de Goiás.

Na década de 40 quando se dá a chamada Marcha para o Oeste... Em 1965 eu entrevistei Plínio Salgado, que era o chefe da corrente nazifascista

do Partido Integralista. Ele me disse que na década de 40 os integralistas descobriram que o Movimento Sionista arrumou 10 milhões de libras esterlinas para comprar terras ao norte da Argentina e fazer o estado judeu, e a segunda opção seria a Uganda.

Goiás era um estado palpitante, e Getúlio Vargas nessa marcha para o oeste cria cinco colônias agrícolas; a única que vingou foi a colônia agrícola de Ceres, criada por Bernardo Sayão. Bem perto da colônia agrícola de Ceres, na chamada região cafeeira, era a Escola de Quadros do Partido Comunista do Brasil, porque só no alinhamento da Guerra Fria, em 1948, é que vão cassar o mandato dos senadores e deputados que tinham sido 'deseleitos' na Constituinte de 1946. A Escola de Quadros do Partido na região da cafeeira, perto de Ceres, é quando Sebastião Bailão com Geraldo Campos e Geraldão criam a UTABE, a primeira organização de organização de camponeses do Brasil. Essa UTABE é que será a geratriz da CONTAG – Confederação dos Trabalhadores na Agricultura. É um fato digno de nota porque Geraldo Campos, que havia feito um curso no Comiterme em Moscou, é destacado pelo Partido Comunista para vir ativar na região da cafeeira. É quando ele e o padre Estevão, que fazia casamentos, batizados, os sacramentos da igreja católica na região da cafeeira, fazem um mimeógrafo de bambu e imprimem no mato um jornal chamado "Ranca Toco". Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro existem exemplares desse jornal.

Esse Padre Estevão é nada mais, nada menos que Gregório Bezerra. Por aí dá para se ver a pujança do ativismo de Goiás, um estado que concentrou toda corrente migratória vinda do Nordeste. Daí a característica de Goiás ser um estado emulador de movimentos sociais no campo, e na juventude com o movimento estudantil.

A riqueza de Goiás se dá por dois fatos: a colônia agrícola de Ceres - na época o Banco do Brasil não financiava os camponeses, os agricultores - e a corrente sírio-libanesa erradicada em Anápolis. Essa corrente sírio-libanesa faz aos camponeses o chamado empréstimo na folha; ou seja, eles financiavam a produção agrícola. Esse fato tem que ser trazido à luz porque os fundadores do Partido Comunista de Goiás foram durante trinta anos os árabes, os sírio-libaneses que haviam fugido da opressão do Império Otomano dos turcos e foram para o Triângulo Mineiro. Eles são os formadores do Partido Comunista em Goiás e no Triângulo Mineiro, a chamada "Estrada de Ferro". Os chamados mascates podiam transportar veículos de propaganda em suas malas e eles constituíram o ativismo político na chamada "Estrada de Ferro", Catalão, Goiandira, Ouvidor. São os árabes, os Aiubs, os fundadores do Partido Comunista em Goiás, que vieram do Triângulo Mineiro.

Depois da repressão, a chamada intentona, em 1935, o estado de Goiás passa a ser o grande aparelho na linguagem da esquerda a dar outras identidades e sobrevivência, e a constituição de família e de outras atividades a vários militantes que escaparam da repressão a essa mobilização da Aliança Nacional Libertadora que lutava contra a corrente nazifascista. Basta ver que durante trinta anos o secretário geral do partido era filho dessa colônia árabe.

Os sírio-libaneses tinham uma forma de inserção social. Eles tinham a preocupação de que cada filho de uma família sírio-libanesa estudasse medicina porque, ainda sem a presença de uma atividade fabril, uma das formas de inserção social era a medicina. O médico era importante como senhor da vida e da morte. Grande parte dos médicos, e eu cito apenas em Goiás o Dr. Jonas Aiub Farjala Sebba, que foi médico dos ex-alunos da Escola Técnica, e a presença dos ativistas sociais já nas suas atividades profissionais como bons médicos. Havia um axioma na época que dizia que o comunista tinha que ser o melhor em tudo que ele fizesse. Eles como profissionais de medicina eram médicos respeitadíssimos, com uma presença social muito grande. Basta ver que o pediatra Francisco Pelomia de Souza atendia seus clientes em domicílio; ia de bicicleta aplicar injeções na alta calada da noite, por isso era respeitado como ativista político e como profissional.

Aqui, pelo menos para nós, não funcionava a história de que comunistas eram comedores de criancinhas. Eram grandes intelectuais, eram pessoas com inserção social muito grande, e isso foi o que deu a minha geração a oportunidade de ter uma vida cultural intensa. Nós nos reuníamos em tertúlias literárias a declamar Castro Alves, os poetas revolucionários, a fazer menção a Euclides da Cunha. Todos nós, na ponta da língua, sabíamos que o camponês, o canudense, o nordestino, antes de tudo é um forte.

OS MOVIMENTOS SOCIAIS EM GOIÁS

A juventude comunista, a chamada “JC”, dá a Goiás várias representações internacionais. Eu me lembro que eu era menino e Aroldo de Brito foi como um intelectual, como um poeta, representando a juventude comunista de Goiás, do Brasil, em um congresso da juventude na Europa. Aroldo de Brito reprisando o que eu disse, era irmão de Elbio de Brito e de Renato, filho de Chico de Brito, que era meu avô afetivo e que depois vem a ser meu dirigente no Partido Comunista do Brasil a partir de 1961.

Eu entro no partido, na juventude comunista, em 1959 através do movimento estudantil. Juntamente com James Allen, Elio Cabral de Souza, Luiz Antero e Tarzan de Castro, éramos a ponta de um movimento do-

minado com hegemonia pelos goianos, o movimento estudantil brasileiro. Basta ver que a primeira ação terrorista do movimento anticomunista se deu no Hotel Quitandinha, na eleição do goiano Aldo Arantes para presidente da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro. Durante cinco anos nós goianos mantivemos a hegemonia do movimento estudantil, que só veio acabar em 1964 quando Olímpio Gonçalves Mendes, filho de Formosa, era o presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundários. Isso mostra a presença de nós goianos nos movimentos sociais.

O mérito desse movimento social se dá porque em Goiás, hoje, por exemplo, na primeira década do século XXI, o estado vive uma pujança mesmo com a crise do capitalismo na Europa, e dos reflexos no Brasil. O estado de Goiás hoje é um dos poucos estados da federação que dá trabalho. Isso porque Goiás tinha e ainda tem muita água, tem vários microclimas e a produção era e é abundante. Goiás é hoje o segundo rebanho do Brasil, e o Brasil é o maior fornecedor de carne bovina do mundo. Isso nos mostra as contradições. Como não existia manufatura, não existia classe operária, os extremos se davam; era a extrema direita e a extrema esquerda. Basta ver que a União Democrática Radical – UDR é fundada em Goiás, o movimento dos latifundiários, o movimento da ação política e armada. Nós enfrentamos em Goiás esse aspecto de radicalismo por parte dos latifundiários. Houve sempre uma grande violência no campo em que o Estado era utilizado para massacrar camponeses. O fato mais meritório na história da América Latina, é que o primeiro estado onde se elege um camponês legítimo é o estado de Goiás. José Porfírio, que é eleito, é o líder da resistência dos posseiros em Trombas e Formoso, que concuminava com a guerrilha. Ele reagiu porque depois de dominar a terra, de vencer a terra, os posseiros... Em Goiás se dizia que se fôssemos ver nos cartórios, Goiás teria três andares porque a grilagem de terra se dava com a convivência da Justiça e do poder.

Eu tive o privilégio de ser escalado pelo Partido Comunista Brasileiro para fazer a segurança física de José Porfírio quando ele foi candidato a deputado estadual. Escrevi discursos e fui testemunha de sua honradez política e de sua honradez como militante. Ele, quando se elegeu deputado, morava em uma pensão na beirada do Córrego Botafogo. Vestia roupas simplórias, era obrigado a chegar na Assembleia Legislativa de Goiás de terno e gravata; ele usava o que chamávamos na gíria de caneta Parker: paletó de uma cor, calça de outra e uma gravata ridícula.

Conheci o Geraldão e a Geralda, que era irmã do Bailão, casada com Geraldão. As ativistas, as mulheres foram muito aguerridas. Tive o privilégio de conhecê-los e fui adotado por eles como uma mascote da juventude comunista.

O estado de Goiás tinha uma elite estudantil, elite não do ponto de vista como se tem na estrutura vernacular, mas em função dos companheiros aguerridos. Todos nós sabíamos discursar, organizar, e tínhamos uma coragem cívica para cometer ações políticas. Na história dos movimentos sociais, nós sofremos influência da Revolução Cubana e vários de nós, no desvio moncadista, achávamos no nosso romantismo revolucionário que se tivéssemos meia dúzia de espingardas e um morro poderíamos fazer guerrilha. Minha geração participou de todas as tentativas de insurreições. Dos sobreviventes, não chegamos a mais que dez. Sobreviventes esses que mantiveram a coerência, a dignidade e o ativismo político nas condições em que a história nos coloca. Até 1964 tínhamos uma convivência de organização. O estado de Goiás, tanto do ponto de vista da repressão política, quanto do ponto de vista das organizações políticas revolucionárias, era um estado em que várias direções de organizações se transferiram para cá. Basta ver a Política Operária, que era uma distensão do Partido Comunista em Minas Gerais, seus dirigentes vieram para Goiás. Basta citar Evelyn Pape Singer, que na época era mulher de Paulo Singer; Piragibe de Castro Alves, Juarez Guimarães de Brito, que morreu no Rio de Janeiro; sua esposa, e Guido, que foi militante político com a atual presidente da República Dilma Rousseff em Belo Horizonte. Guido sofreu torturas imensas e conservou sua dignidade até morrer. Morreu com lesões cardíacas em função das torturas que sofreu na OBAN, nas mãos do coronel Carlos Brilhante Ustra, um assassino de ativistas políticos.

Nessa miragem que preparávamos uma revolução, os movimentos sociais cresceram. O povo estava lutando por reformismo, por reforma agrária, reforma urbana, reforma do ensino, mas não havia uma preparação de tomada do Estado. Nós vivíamos uma ebulição política, e a luta política se dava na politização e no crescimento dessas organizações. Nesse crescer dos movimentos sociais em Goiás, se estrutura em 1963, por ocasião do congresso de camponeses que foi realizado no Instituto de Educação, em Goiânia, na Vila Nova, a Frente de Esquerda Revolucionária, englobando o nascente PCdoB depois do racha. A Frente de Esquerda Revolucionária tinha também em sua composição a Quarta Nacional Antiposadista e a Esquerda Independente na qual participava James Allen, Tarzan de Castro, Elio Cabral e todos aqueles companheiros que acompanhavam a sua liderança.

Fomos apanhados porque havia um baluartismo por parte do Partido Comunista Brasileiro. Prestes chegou a ponto de dizer que já estava no governo, faltava estar no poder. Quando se alertava sobre uma conspiração de extrema direita que apontou, a partir de 1961, um meio golpe de Estado, negociado por Tancredo Neves em Minas Gerais, em Goiás e no Rio Grande do Sul através da liderança de Leonel Brizola, constituímos os

batalhões patrióticos. Esses batalhões eram um batalhão feminino e outro masculino para resistir à tentativa de golpe e garantir a posse do presidente João Belchior Marques Goulart.

Em 1964, quando se aplica o golpe de Estado, grande parte dessas lideranças que foram crescendo a partir da década de 50, essa liderança estudantil, essa liderança camponesa... Para que se tenha a valoração das mulheres, em 1963, Goiás mandou uma delegação para o Congresso Internacional de Mulheres que se realizou em Moscou. Hoje, por exemplo, politicamente há uma frente de luta com relação ao restante dos resíduos da escravaria; mas se deve a uma comunista goiana, a etnóloga Meire Baiochi, que era da juventude comunista e foi quem descobriu os calungas, que passaram a figurar na sociologia brasileira e agora nas ações políticas, os quilombolas. Isso dá uma ideia da importância dos movimentos sociais da esquerda democrática e do movimento comunista do estado de Goiás.

Temos que ver a presença dos intelectuais comunistas. Bernardo Élis é o único goiano eleito na Academia Brasileira de Letras até hoje; e em sua geração tinha Carmo Bernardes, Eli Brasiliense, vários jornalistas e várias figuras que dão dignidade. Basta ver que um dos estruturadores do Partido Socialista é um dos líderes políticos a partir da Revolução de 30, que é Domingo Velasco, que chegou a senador da República.

Apesar de ter nascido em Minas Gerais, me considero goiano. Aqui participei dessas atividades que me levaram a ser, no dia 19 de abril de 1964, o primeiro jornalista a ser preso em Goiás. Eu tributo a essa agitação cultural, a essa política da minha geração que recebeu os aspectos bem fazeres da geração de 45, e de todas as mobilizações a partir da década de 30, quando se instala no Triângulo Mineiro a Colônia Sírio-Libanesa que fugiu da ditadura do Império Otomano no Líbano, na Síria, onde o imperialismo colonialista e neocolonialista fizeram as ficções da Arábia Saudita, da Síria e do Líbano. Fugindo da opressão do Império Otomano, esses socialistas vieram para o Triângulo Mineiro e do Triângulo Mineiro fixaram suas raízes sociais que geraram a formação e o domínio dos ativistas do Partido Comunista Brasileiro no estado de Goiás.

MOVIMENTO ESTUDANTIL

Para rememorar a pujança desse movimento estudantil, temos que buscar a origem, que já mencionei anteriormente quando falei sobre o movimento nacionalista. Nosso crescente comprometimento social se dá a partir da metade da década de 50 na Escola Técnica, onde o Cadinho era uma das lideranças e dos oradores mais expressivos, Aldo Azevedo Soares, Elcio

Ribeiro Borges, Tarzan de Castro, James Allen, e várias lideranças. A UEG – União dos Estudantes Goianos era ocupada... Assim como estávamos virando nacionalistas e comunistas, a entidade estudantil era de extrema direita, com alguns membros da UEG virando torturadores como Ibrahim Chediak; Zé Bezerra, que virou torturador e assassino depois de 1964. Então, foi feito um congresso em Catalão para estruturar um movimento contra essa entidade que era empolgada pelos elementos de liderança de extrema direita.

Nesse congresso em Catalão se constitui uma sigla, Frente Legalista dos Estudantes Goianos - FLEG. Seus líderes eram Aldo Azevedo Soares, Tarzan de Castro, James Allen. Marcamos um comício para o dia 05 de março, na Praça dos Bandeirantes, com vistas à legalização da FLEG. A polícia que decidia, foi o massacre do 05 de março. Antes em Goiânia só havia a chamada “viuvinha”, era uma viatura Chevrolet feita nos Estados Unidos para transportar presos, não existia radiopatrulha. Nesse dia inauguraram as radiopatrulhas e o Corpo de Bombeiros. Eu me lembro que eu estava nessa passeata e uma senhora estava passando ao meu lado na Praça dos Bandeirantes, onde havia uma agência de turismo que depois veio a ser uma loja do Bradesco, quando um dos bombeiros tirou seu cinturão de fivelas e “desceu” o cinturão na cabeça da senhora, ela arreia toda banhada de sangue.

Eles mataram muita gente. Eu dei uma tijolada em um soldado. Minha mãe estava no Hospital Santa Luiza, na Paranaíba, que era do Dr. Eduardo Jacobs, para dar à luz ao meu irmão caçula. Chegaram várias pessoas baleadas lá, mas na hora que eu estava no hospital o médico na portaria disse que eles não tinham o que fazer e que aquilo era coisa da polícia, porque aqueles já estavam mortos. O governo, aparentemente, assume que morreu apenas uma vítima baleada, mas só no hospital Santa Luiza eu vi três chegarem baleados. Foi um massacre covarde. Era uma reunião política sem nenhum objetivo de vandalismo, de agressividade. Nos dois dias seguintes a população estudantil e a população social, os habitantes, se reuniram em grandes manifestações de protesto contra o Governo. A concentração se deu na Praça dos Bandeirantes. Vieram da Avenida Anhanguera, de Campinas; o Setor Ferroviário e o Setor Sul ainda tinham poucos moradores, mas vieram da Vila Nova, do Botafogo. Acredito que, pela minha estimativa visual, tinham mais ou menos umas dez mil pessoas caminhando em direção ao Palácio das Esmeraldas. Previa-se que haveria outro choque sangrento porque o secretário de Segurança Pública, que havia promovido o massacre de 05 de março, havia mandado artilhar uma metralhadora em cima do Palácio das Esmeraldas. O encadeamento dos movimentos sociais, da passeata era em direção ao Palácio das Esmeraldas. Só não houve um segundo banho de sangue porque na época, em mandato tampão, era governador de Goiás José

Feliciano Ferreira, que era de Jataí. José Feliciano Ferreira desceu do palácio e desautorizou o secretário de Segurança Pública e seu aparato repressivo. Ficaram os protestos com vários oradores, porque, em 1953, já tinha havido outro massacre de ordem política.

Havia em Goiânia um jornal chamado “Movimento,” que era da UDN. Esse jornal tinha o que veio a ser qualificado na imprensa brasileira de “jornalismo marrom”, que se espalhava na “Tribuna da Imprensa” de Carlos Lacerda. Era um jornalismo agressivo, que procurava destruir as pessoas. Nesse fato acontecido na década de 50 (Na época repressa do Jaó tinha ruído e Goiânia ficou sem luz, compraram então dois motores de submarino. Colocaram um motor em Campinas, próximo à cadeia pública, e o outro aqui em Goiânia. Havia racionamento elétrico, cada dia em um bairro.) o chefe da Força e Luz, Pedro Arantes, estava com dor de dente e marcou uma consulta com seu dentista. Chegando lá viu que o dentista estava na área que teria racionamento elétrico. Ele, então, deu ordem para a companhia de luz modificar o padrão de racionamento e ligar a energia onde ficava o consultório para que ele fosse atendido. Numa época em que predominava o machismo, se alguém estivesse caminhando em uma rua que não tinha iluminação pública (só tinha iluminação na Avenida Goiás) com alguma lanterna e iluminasse o rosto da pessoa que vinha em sentido contrário, a pessoa que tinha o rosto iluminado tinha aquilo como ofensa, como se estivesse sendo chamado de ladrão. Pedro Arantes mandou transferir a corrente elétrica para dar energia ao consultório do seu dentista, e Haroldo Gurgel, no outro dia, coloca no jornal uma manchete “Pedro Arantes deu a luz”, foi a gota d’água. Ele contrata três jagunços - o Neném Calango e mais dois - e quando Haroldo Gurgel, juntamente com os irmãos Vaz, sai da redação do jornal e passa onde hoje funciona o Banco Itaú, na Praça dos Bandeirantes, era um lote vazio, os jagunços do Pedro Arantes baleia e matam Haroldo Gurgel e ferem os irmãos Vaz, que não morreram. É quando uma pessoa escreve na parede do hotel, que confronta com o hoje prédio do Banco Itaú, a seguinte frase: “Aqui tomou um brava pela liderança de imprensa”.

A população revoltada subiu para invadir em direção ao Palácio das Esmeraldas, e como na década de 50, em 05 de março também colocaram uma metralhadora na cobertura do palácio.

Pedro Ludovico enfrentou, na linguagem repressiva, a turba; ou seja, os manifestantes que levavam o cadáver do Haroldo Gurgel para colocar no palácio.

O massacre de 05 de março foi a máquina repressiva inaugurando as viaturas da radiopatrulha e do Corpo de Bombeiros em cima de nós estudantes que criávamos a Frente Legalista dos Estudantes Goianos. Com

esse massacre e sua expressão, em julho foi constituída em Formosa a assembleia constituinte para a criação da União Goiana dos Estudantes Secundaristas – UGES. UGES que é a trincheira de luta em Goiás e foi a ponta de lança da hegemonia dos goianos no movimento estudantil secundarista brasileiro. Mantivemos isso até 1964 com o golpe civil e militar.

O GOLPE

A partir do golpe civil e militar de 1964, se instaura em Goiás o terror. Esse terror se dá de várias formas: terror político, terror físico e a conjunção das organizações de direita. O estado de Goiás já tinha organizações de extrema direita. No campo quem liderava na distribuição de dinheiro e de armas era Bebé Borges, tio do governador Mauro Borges, e João Bosco Lousa. No movimento estudantil era capitaneado por Henrique Meirelles e seu pai Hegesipo Meirelles. Tanto que quando o golpe se consuma a festa de comemoração se dá na casa de Hegesipo. Eles tinham por objetivo, a UDN que não conseguia se eleger por votos, derrubar Mauro Borges.

Fui preso no dia 19 de abril de 1964 quando fui apanhar meus documentos no Colégio Lyceu de Goiânia. O diretor do Lyceu era um agente policial e marcou o dia e a hora para que eu fosse buscá-los. Quando cheguei lá, a equipe do investigador João Rosa da Interpol, com mais ou menos uns vinte policiais civis, me prendeu. Fui preso e levado para a antiga penitenciária. Fiquei em um local chamado “cantão”. Esse cantão era o local onde todos os presos da razia policial naquela noite ficavam. Na manhã seguinte fui levado para o gabinete do secretário de Segurança Pública, Rivadávia Xavier Nunes. O interrogatório de Rivadávia era para saber quem dava as informações para nós do Jornal Cinco de Março. O jornal na época era sediado na Rua 55 com a Avenida Goiás. Falei que as informações eram colocadas debaixo da porta. Foi quando me botaram uma pistola na nuca dizendo: “fala seu comunista”. Não vi quem havia colocado a pistola em minha nuca, e quando estava voltando para a cela pergunto ao policial quem era. Ele respondeu dizendo que havia sido o Dr. Joviro Rocha, que era o chefe de gabinete de Rivadávia Xavier Nunes.

Quando saí da prisão, em 1977, dei uma entrevista ao Jornal Opção e contei esse episódio. Joviro Rocha disse que eu estava enganado, mas depois eu provei, pois Joviro Rocha, como promotor público, era testemunha na legitimação dos IPMs (Inquéritos Policiais Militares) extraídos nas torturas; IPMs que os militares faziam em Goiás depois de prender e torturar as pessoas. Então, o primeiro fato foi Joviro Rocha colocar a pistola em minha nuca, em um tipo de tortura, na frente do secretário de Segurança

Rivadavia Xavier Nunes. Começaram as torturas que foram feitas no 10º BC, nomenclatura do quartel na época - 10º Batalhão de Caçadores. Essa nomenclatura teve origem na época da Guerra do Paraguai. Os primeiros soldados a partirem para o combate, as tropas de Solano Lopes que tinham invadido o Mato Grosso, saíram de Goiás, do 20º Batalhão de Caçadores. Ali foram torturados João Batista Rosa, Elbio de Brito, Paveogútico, James Allen, infundáveis nomes de estudantes, líderes estudantis e líderes sociais. Quem capitaneava as torturas eram o capitão Coutinho, sargento Thompson e tenente Fleury. Tenente Fleury era um assassino; participou do assassinato inclusive do Marco Antônio, que é o desaparecido mais jovem do país, com 15 anos de idade.

As torturas feitas no 10º BC eram fuzilamentos, choques, afogamentos.

João Batista Rosa, hoje falecido, era um homem de extrema dignidade. Todo arrebitado na tortura foi com o Elbio e outros torturados aos cartórios de Goiânia e deram declarações dizendo que tinham sido torturados e nominaram os torturadores. Se pesquisarem nos cartórios terão essas declarações desses torturados.

O pior, a vó Antonieta - esposa de Chico de Brito, meu avô afetivo que foi deputado constituinte, pai de três comunistas: Elbio de Brito, Renato e Haroldo – me disse debaixo de choro que tenente Fleury havia torturado um parente, que era o filho dela, Elbio de Brito. Isso deve ser levado em conta; e as outras pessoas, e a invasão de Goiás pelas tropas do general Meira Matos, que caminharam até Ceres e, a caminho de Formoso, prenderam Zé Porfírio, torturaram o Geraldão e uma porção de pessoas. Não posso nominar muitos torturados porque eu tinha saído da prisão e, baseado naquele eufemismo de sabedoria popular, “o que não é visto, não é cobijado”, eu já estava em Brasília na casa de meus pais. Meu pai como mudancista era chefe de transporte da Rádio Nacional na capital da República.

Depois, vim a ser preso novamente em 1967 com o João Batista Rosa. Minha mãe o ajudou em sua recuperação das torturas. Ele ficou completamente desestruturado pelas torturas que sofreu no 10º BC. Irapuã Costa Júnior, que era um delator e aspirava ser o diretor da Faculdade de Engenharia, disse que Marcelo Moraes, que esteve preso comigo, não no mesmo xadrez, mas na mesma época, em 1964, juntamente com o juiz de direito Dr. Sebastião, Francisco Pelomia, e Sabá. Os primeiros jornalistas a serem presos foram eu, Batista Custódio, Telmo de Faria e Jader Godinho. Foi presa também a socióloga Evelyne Pape Singer, que estava grávida de nove meses, e no dia da visita, por um rasgo de ousadia, saiu no meio da massa carcerária com uma barriga de nove meses, fugiu e se exilou no Chile.

Mataram uma porção de companheiros, desestruturaram. Neso Natal foi barbaramente torturado. Maurício Zacariotti também foi torturado e depois conseguiu se exilar no Chile. Inúmeros companheiros que foram militantes junto comigo no movimento estudantil, desde a década de 50, sofreram razias. Eu era jornalista do jornal “Quarto Poder” da imprensa universitária e programador musical da Rádio Universitária. Fazíamos uma experiência no radiojornalismo brasileiro, que era copiado da Rádio Jornal do Brasil; eram três módulos musicais e um pequeno de notícias. Fui preso na condição de jornalista, e quase respondi a um IPM porque disseram que eu iria roubar o cristal da Rádio Universitária para fazer uma rádio de resistência à ditadura civil e militar de 1964.

Eu fui preso por ordem do aparato repressivo do Mauro Borges. Quando fui ser interrogado no CEPAIGO pelo major Libânio, houve uma coincidência muito grande. Esse major era especialista do Ponto Quatro. Ponto Quatro era o organismo para a preparação do golpe por parte dos Estados Unidos. A liderança civil do golpe, por exemplo, os sujeitos ligados aos grupos paramilitares de Anápolis eram o Anapolino de Faria, o Rivadávia Xavier Nunes, que era secretário de Segurança Pública do Mauro. Fui o primeiro jornalista a ser preso, fui interrogado pelo secretário de Segurança Pública e fui interrogado no IPM pelo major Libânio. Por parte do major Libânio não houve tortura física; veio com tortura psicológica, e eu o desmonei. Ele me perguntou de onde eu era e afirmou que eu era comunista. Disse a ele que era da juventude do PSD. Ele me questionou: “como da juventude do PSD?”. Disse então que era o mais novo orador da campanha do Mauro Borges, disse que havia trabalhado na equipe de três oradores: eu, Péricles José de Moura, que havia ganhado em 1959 o torneio nacional de oratória da União Brasileira dos Estudantes Secundários no Rio de Janeiro; e o poeta e jornalista Adory Otoniel da Cunha. Eu não havia morrido porque estava cansado e havia cedido minha vaga no avião; o avião caiu em Mambáí, morreram o Péricles, o Adory e o fazendeiro para quem eu havia dado meu lugar.

Mauro Borges, que já estava procurando fazer com que se esquecessem de sua atuação em 1961 na Rede da Legalidade junto com Leonel Brizola, demite Tarzan de Castro, Zacariotti, João Bênio e o Hugo Brockes, que pertencia à assessoria do palácio. Todos aqueles que ajudaram a estruturar o governo “MB” – Mauro Borges, que eram sabidamente pessoas de vinculação a ideias socialistas libertárias e democráticas, sofreram uma repressão do governo do Mauro Borges para fazer média com os golpistas. Os golpistas eram golpistas sanguíneos, usaram depoimentos do Ary Valadão, do Olímpio Jaime, dizendo que para derrubar o Mauro eles iriam

assassinar o Eli Mesquita, que era vereador pela UDN em Goiânia, e colocar a culpa em Mauro Borges.

A primeira repressão não foi a repressão da ditadura, foi a repressão da máquina de Mauro Borges através de Jurandir Rodovalho, que era delegado do DOPS e recebia ordens para prender. A grande maioria das lideranças expressivas que vieram do movimento estudantil eram Tarzan de Castro, que era assessor do gabinete, assim como o chefe do Gabinete Civil, Ary Demóstenes, que era filho de uma família de comunistas em Goiás. O Governo Mauro Borges era um governo que se primava pela traição.

Eu me lembro que na noite de 31 de março de 1964... Quando o Partido Comunista Brasileiro entrava em crise, começava a perder todos seus quadros de base de direção para o Partido Comunista do Brasil – PCdoB, ele mandava Jacob Gorender para dar um cursinho de marxismo. Havia ordem do governo Mauro Borges para que se eu e James Allen aparecêssemos no Diretório, na antiga boate Lisita, onde funcionava o DCE da Universidade Federal, para tentarmos fazer agitação no curso de Marxismo de Jacob, era para nos prender. Nesse curso estava o chefe do Gabinete Militar de Mauro Borges. E depois, todos estavam esperando a definição do Mauro contra o golpe, quando chega à meia noite, e ele faz um discurso dizendo que era a favor do golpe.

Foi esse mesmo Mauro Borges quem mandou prender as lideranças que ajudaram a estruturar seu governo planejado, que foi um bom governo. Goiás até então não tinha tido um governo planejado. É o mesmo que para fazer média com os golpistas, bota armas dentro de sacos de arroz e manda três caminhões de balas e armas para Brasília para ajudar os golpistas. Os golpistas sabiam que Brasília era uma terra em que não se podia contar com o grupamento militar para apoiar a ditadura. Basta ver que a ocupação de Brasília foi feita pela Polícia Militar de Minas Gerais, ocupando colégios, escolas, o parlamento. Porque ela ocupou? Por que os conspiradores não tinham confiança nas guarnições militares, na classe operária, nos operários da construção civil que construíram Brasília? Em 1960, uma das poucas capitais que Marechal Lott ganhou de Jânio Quadros foi em Brasília. Os operários votaram em Marechal Lott pra presidente da República. Em 1964 mais de dez mil operários se reuniram no Teatro Nacional esperando que Darcy Ribeiro conseguisse do general Fico armas para distribuir para resistência ao golpe. Os golpistas ainda tinham a visão de que não poderiam contar com o grupamento militar da Marinha, do Exército e da Aeronáutica porque no dia 12 de setembro de 1963 houve a rebelião dos sargentos em Brasília.

Eu tenho profundo orgulho da militância que tive e da consciência social e cultural que adquiri no movimento estudantil e nas lutas sociais de

Goiás. É um motivo de orgulho, e só me arrependo das coisas que não fiz corretamente por falta de maturidade política e de maturidade como um ser social. Tenho orgulho dos companheiros de Goiás. Acho que James Allen Luz é uma pessoa que deve ser recuperada pela história brasileira. Citarei um fato de quem era James Allen: A família de James, os irmãos Luz, foram os primeiros industriários de Goiás, em uma época que não havia fogão a gás. Eles eram quem faziam o forno, que faziam a serpentina. Fui nomeado diretor da Casa do Estudante, que era um projeto do ex-deputado Cristovão do Espírito Santo, que funcionava no Lago das Rosas. No Lago das Rosas havia restaurante e a Casa do Estudante. A repressão fez questão de demolir o restaurante, demolir a casa que era a sede, que havia sido inaugurada na inauguração de Goiânia. Como fui nomeado diretor, James Allen faliu seus irmãos como industriários. Ele deu consciência social aos irmãos Luz, e para que a Casa do Estudante funcionasse pediu aos irmãos, Leon Diniz e seu outro irmão, para que comprassem cem camas, cem colchões, duzentos lençóis e fronhas, cem cobertores e cem travesseiros. Eu só pude dar guarida aos estudantes do interior, que não tinham lugar para morar, não tinham condições de pagar aluguel, graças a James Allen Luz.

Eu dizia a ele que ele era como Roberson Pierce, se deixasse sua cabeça em cima do pescoço, ele convenceria todo mundo. Basta dizer que quando ele, Tarzan e Gerson Parreira estavam no Forte de São João e foram levados como castigo para o Forte de Lajes, que é uma ilha que emerge na Bahia de Guanabara, James Allen politizou o cabo Arraes que era seu carcereiro, e o cabo foi quem alugou as canoas e deu fuga a eles. Eles fugiram a mar aberto, chegaram à Praia de Botafogo, pularam o muro da Embaixada Mexicana e se exilaram no México.

A Embaixada Mexicana era a única embaixada que tinha relações com Cuba. Deu asilo político a Gerson Parreira, Tarzan de Castro e a James Allen, mas o cabo Arraes, que deu a fuga, foi entregue ao Exército, e por isso o embaixador foi demitido pelo governo mexicano.

Eu antes falei do que foi a tomada de consciência. Primeiro dos valores nacionais, sejam eles culturais, poéticos, sociais, políticos e a história de luta do povo brasileiro; de falar sobre a luta contra a escravidão, a vergonha de o Brasil ser o último país da América do Sul a abolir a escravidão; as lutas populares, as revoltas havidas no Brasil. Para mim e para a minha geração ponteiavam dois aspectos basilares: Nossa coerência, através de uma sentença histórica na voz e no estro poético de Castro Alves. A poesia de Castro Alves serve para qualquer escravizado no mundo. Ele dizia: quem foge à luta nem da morte é digno. E outro que povoou nossa vida cultural foi um pensador argentino, José Ingenieros que dizia: “Juventude sem espírito de rebeldia é servidão precoce”.

JOÃO BATISTA ZACARIOTTI

Data de nascimento: 21/01/1930
Data de falecimento: 06/04/2012



No fim da Segunda Guerra Mundial eu tinha 15 anos. Era uma criança, mas era inquieto com a situação de Hitlerismo e a situação mundial de matança de Judeus. Isso me levou a ter contatos com a juventude do Partidão, do camarada Prestes. Ingressei primeiramente como simpatizante, depois como membro da juventude começando assim minha carreira política.

Lembro-me que logo fizemos uma campanha muito bonita, a campanha do “Petróleo é Nosso”. Apanhei muito da polícia pichando muros à noite, a cavalaria vinha e dava “cacetadas”. Nunca mais voltei a Uberlândia depois que vim cursar Direito. Lá tínhamos líderes comunistas de muito bom nível e muito corajosos.

Com Getúlio Vargas no poder, nunca entendi até hoje o porquê de eu estar fazendo pichações a favor do Petróleo é Nosso. Era intenção de Vargas criar a Petrobrás e a polícia dele nos prendia e batia. Eu tinha 15 anos e a campanha do Petróleo é Nosso é de 1950. Lince esteve aqui, fez prospecção, fez o “diabo”, e chegou a uma conclusão. Conclusão entre aspas, pois a conclusão já tinha vindo pronta com ele, de que aqui não tinha petróleo.

Conversando recentemente com um amigo me recordei de ter lido um trabalho do Lobato, chamado “O Presidente Negro”, se não me engano. Ele previa que nos anos 40 as mulheres negras dos Estados Unidos dariam a luz a muitos filhos e as brancas não. Ele dizia que chegaria a um descompasso tal, que chegaria um dia que os votos Norte-Americanos elegeriam um Presidente negro. O Presidente está aí.

Vim fazer direito e aqui chegando a seccional do Partidão era brava, era lutadora. Pedro Ludovico do outro lado era bravo para não deixar a situação sair do seu controle, mas sempre muito respeitoso com os líderes

comunistas. De vez em quando escondia o Prestes por aqui. Ele tinha alguns membros da Coluna que participaram da vida pública goiana. Os camaradas que eram perseguidos no Rio de Janeiro, em São Paulo vinham para cá e aqui eram bem recebidos. Pedro Ludovico teve essa visão do problema, a criação de Goiânia já era um importante elemento para a vida brasileira.

Em 1958 saí de Goiânia no fim do ano, fui passar a virada de ano em Hardenberg. Formei-me em Direito e fui me especializar. Chegando lá mudei de rumo, ao invés de fazer Direito Internacional Público, optei por Direito Administrativo Parte Geral. Convenci os alemães de me darem a bolsa. No pedido eu disse que Juscelino Kubitschek iria construir Brasília e que o canteiro de obras já estava montado, que quando ele comprometia a figura e a imagem dele, ele cumpria com a palavra, que precisaríamos de pessoas com conhecimentos em Direito Administrativo de bom nível e que eles eram os doutores no Direito Administrativo. Portanto, se pudessem me agraciar com uma bolsa seria muito grato e ajudariam o Brasil na constituição da nova Capital. Disse ainda, que daria a mão ao Governo no sentido de se fazer uma administração condizente com a nova Capital.

Em Hardenberg fiquei da passagem do ano de 1958 até 1961. Houve um romance muito bonito quando fui para a Alemanha. Ela foi com os estudantes do último ano de Medicina, ela era médica pediatra. Eu ia em um navio que teve problemas e todos tiveram que trocar de embarcação, para que se pudesse cumprir o contrato. Havia um grupo de uns sessenta estudantes chilenos, que ao invés de fazer festa de formatura, faziam uma viagem cultural para o aumento dos conhecimentos. Troquei de navio e encontrei essa turma, onde estava a Edith. Ela era noiva de um jovem colega de curso que havia ficado no Chile trabalhando para a compra dos móveis para o casamento, e eu entrei de sola no noivado deles.

Quando cheguei da Europa eles (Mauro) já haviam tomado posse do governo. Fidel mandou um tal de Garaiter. Camarada Garaiter esteve aqui conosco e Clodomir Santos de Moraes das Ligas Camponesas, que trabalhou comigo no Chile. Ele falou que Fidel mandou um convite para que eu fosse visitar Cuba.

Falei com Mauro que tinha um convite do Fidel para que fosse visitar Cuba e perguntei se ele tinha alguma restrição, ele disse que não e que eu poderia ir. Fiz minhas malas, fui e fiquei lá por um mês. Cheguei em Havana fazia 4 ou 5 dias que a Praia Girón, na Bahia de Lós Cochinos, Bahia dos Porcos havia sido invadida. Os Cubanos ficaram muito gratos quando acabamos com alguns comícios da Direita em favor do Vietnã.

Nós aproveitamos um palanque que havia sido montado na véspera, lá alguém deu um grito muito forte e foi um corre-corre. Quando

terminou a confusão, haviam vários pés de sapatos de mulheres que no corre-corre haviam ficado para trás. Subiu um “gajo” em nosso palanque e começou a falar mal da Revolução Cubana. Disseram-me que era da Polícia Federal, um desses provocadores profissionais. Peguei uma ripa, que segurava os fios de eletricidade da nossa espelunca que chamávamos de palanque, dei-lhe uma ripada na cara que ele cambaleou. Quiseram linchá-lo e fiquei apavorado. Fizemos um cordão de isolamento até que ele entrasse no Hotel Lorde e conseguimos colocá-lo dentro de uma lojinha que tinha ao lado e fechamos a porta de aço. Fiquei tremendo com medo de ser linchado.

O GOLPE

Acho que o Mauro pensou que a situação não iria se engrossar muito, e que ficando no Poder com a simpatia deles salvaria seus amigos. A mudança foi muito rápida e muito sem sentido. O primeiro discurso após o Golpe inovou da gloriosa, redentora, feito por Adhemar de Barros.

Mauro fez um discurso realmente perigoso para sua imortalidade. Tenho quase certeza que ele tentou salvar os amigos. Porque, quando me chamou no gabinete, me disse que o problema era o seguinte, ele queria fazer um Governo Socialista, um governo bacana e gostaria que eu aceitasse seu convite. Disse a ele que queria quinze dias de prazo para consultar meus parentes, meus amigos, as pessoas a quem eu tinha estima e ao esquema onde eu estava enquadrado. Ele disse que me daria os quinze, mais quinze. Consultei os meus amigos do Partido e todos foram unânimes dizendo que se eu deixasse aquela cadeira vazia se sentaria um malandro e que seria melhor que eu aceitasse. Fui mais ou menos pelo sacrifício. Ser governo, para quem nasceu na oposição era difícil, não era fácil. Participei, então, do Governo do Mauro. Eu era funcionário de carreira na Assembleia, Consultor Jurídico, do Partidão até a queda.

Eu estava com uma porção de pessoas eméritas, comunistas e não comunistas fazendo um curso com Jacob Gorender, em 31 de março. Recebi a notícia do Golpe pensando que fosse uma mentira inventada para nos apavorar.

O camarada Prestes dizia mais ou menos assim, que nós não estávamos no Governo, mas governávamos e fazia apologia à isenção das Forças Armadas. Como Prestes era um homem que merecia todo o respeito, acreditávamos piamente no que ele falava. Eu dizia que as Forças Armadas eram uma beleza, que todos nossos líderes do Exército quando não eram deles, eram a favor do povo.

Naquele dia um erro grosseiro que cometi me levou a chegar em casa. Na mesma semana do Golpe fui aconselhado pelos amigos a desaparecer do mapa, pois podiam me pegar. Compadre Pedro Celestino da Silva Filho chegou de Brasília, veio aqui, sentou-se no sofá e me entregou uma lista que ele havia conseguido a cópia. Ele dizia que Emival Caiado viria aqui para pedir a prisão de todos os cidadãos citados na lista. Disse ainda, que eu poderia me preparar que eu era o segundo, ou terceiro da lista. Aquilo me apavorou. Na lista estava eu, Tarzan de Castro, Ari Demóstenes, Messias Tavares, gente de todas as procedências, mas uma tônica todos tinham em comum, eram de posição avançada.

Minha casa terminava com uns dois metros de profundidade a mais e havia um alpendre. Tocaram a campainha na boca da noite. Era tudo mato, só havia a casa da minha mãe de frente, que dava para a participação da civilização. Tocaram a campainha, pedi a Edith que desse uma olhada, ela olhou pelo vitrô, havia mais ou menos de quatro a cinco Jipes, todos eles com soldados do Exército com armas pesadas, metralhadoras, entre outras. Edith falou que era a polícia e que eram muitos. Saí na ponta do pé, pulei o muro dos fundos. No fundo havia um matagal, me saí muito bem por ali e fui até a casa do Maurício, meu irmão. Falei a ele que se estavam atrás de mim, estariam atrás dele também. Ele topou esconder-se.

Ele namorava uma moça filha do Valter Arruda, dessa grande família Arruda que tem aqui em Goiânia. Fomos até o futuro sogro do Maurício e dissemos que precisávamos nos esconder, e ele disse que era com ele mesmo. Levou-nos para uma chácara onde ele tinha um longo esquema de habitação e ficamos instalados por mais ou menos um mês. Depois, o Arantes, de outra família amiga nossa, os Arantes, nos levou para a fazenda dele e nos deu guarita durante quase um mês. Foi assim, escorega daqui, foge dali.

PRISÃO

Um dia, quando volto do esconderijo, parecia que eles tinham uma araponga por aqui. Eu estava em lua de mel com a patroa, eles entraram pelos fundos, cercaram tudo e levaram a mim e Maurício meu irmão, presos. Chegamos no 42º Batalhão Militar, a coisa mais curiosa é que prenderam de dois a dois. Dois filhos do Desembargador Jardim, Ronaldo Jardim e o outro que não me recordo do nome.

O pai do Mário Roriz era o grande chefe da UDN, o que havia de mais reacionário em Goiás na época. Mário Roriz não sendo encontrado, seu pai foi a Juiz de Fora ver o que constava no prontuário dele. Havia tanta informação no prontuário contra Mário Roriz, invenções de quem não tinha o

que fazer, que seu pai não aguentou tanta emoção e morreu de infarto. Não me lembro com certeza se ele morreu em Juiz de Fora, ou no caminho de volta. Nessa altura eu já estava preso aqui em Goiânia.

TORTURA

O Chefe de Polícia goiano, Rivadávia Xavier Nunes, aderiu de cara ao Golpe e passou a despachar juntamente com o Coronel Darcy de Sá da Cunha e Melo, que foi o homem que comandou, assessorado pelo Capitão Fleury. Capitão Fleury, que nas altas madrugadas quando saíamos para sermos torturados no meio do mato, dizia para baterem mais em baixo, dizia que éramos meio perigosos. Não sabíamos aonde seria a “porrada”, nos colocavam um saco na cabeça, ficávamos imobilizados, pois as mãos estavam algemadas.

Fui bastante torturado. Usaram comigo o método de afogamento em tina de água e choques elétricos, principalmente na genitália. Me enforcavam e quando a língua saía para fora aplicavam fios elétricos. Aproveitavam também a oportunidade para aplicar o “suplício do telefone” e quase me estouraram os tímpanos.

Não vi meu irmão apanhando, mas vi o Brocks.

Eles não tomaram conhecimento de que eu havia acabado de retornar de Cuba, nunca entendi isso. Queriam que eu contasse o que Pawel Gutko tinha de relacionamento com Mauro Borges. Eu disse que nunca havia visto aquele homem, que tinha acabado de conhecê-lo na cadeia e que ele era um maluco. Eles diziam que ele não era maluco e que estava fazendo onda, que era um homem normal, inteligente, falava vários idiomas, diziam também que estávamos sonegando informações para a Pátria Brasileira e que éramos cretinos. Em boas contas eles fizeram o seguinte, criaram um esquema de espionagem internacional. Pawel Gutko ficava em uma ponta, eu ficava na linha intermediária e Mauro Borges ficava em outra ponta. Segundo eles, Mauro Borges teria roubado a fórmula da bomba atômica nos Estados Unidos. Eles me entregavam envelopes pardos grandes cheios de coisas cifradas. Eu entregava para o Mauro Borges que pegava aquele material e mandava para os chineses através da Polônia em São Paulo. Os envelopes iam com material de espionagem e voltavam com dólares. Por isso sou um cara rico. (risos)

Doutor Rômulo Gonçalves, falecido há duas semanas, fez uma brilhante defesa à minha pessoa na Corte Suprema em Brasília. Consegui com unanimidade ser solto, isso a uma e pouco da tarde. O Exército se fechou e não queria deixar, foi uma situação complicada. Lá pela madrugada do

dia seguinte, assessorados pelo Embaixador Norte Americano da época, Lincoln Gordon, eles chegaram a seguinte conclusão: Haviam chegado a uma situação que se me soltassem todos iriam recorrer e ganhariam, criaram uma espécie de jurisprudência e a Revolução acabaria.

Eles me soltariam, mas teriam que resolver o problema. Soltaram-me, mas iriam me prender uns dois, ou três quarteirões abaixo da Unidade Militar onde eu estava. Ainda não havia contado sobre isso, fui recambiado juntamente com Tarzan de Castro e outros. Paulinho Celestino que foi o organizador disso. Paulo de Tarso Celestino, que foi assassinado e seu cadáver nunca foi encontrado, organizou de tal maneira que tinham cerca de 15 a 20 carros de parentes e amigos nossos. Uma Kombi ficou com as portas abertas, eu iria entrar de um lado e sair por outro. Fizeram um fecha-fecha e não deixaram os “caras” manjados chegarem perto. Entrei por um lado, saí por outro, passei para um Fusca que saiu em disparada. Os “caras” estavam esperando que eu estivesse dentro da Kombi e foram atrás dela. A Kombi parou mais na frente, colocaram o foco da lanterna e com a arma disseram: Zacariotti desça imediatamente, não estamos de brincadeira. Os caras que estavam na Kombi falaram que eles poderiam olhar dentro e que eu não estava lá, eles concluíram então que tinham sido enganados. Saímos pela estrada em uma carreira, viemos de Brasília até Goiânia, chegamos o dia estava nascendo.

CLANDESTINIDADE

Fiquei no porão de uma casa que até hoje não sei bem de quem era, algum amigo nos emprestou. O Dr. Jales Arruda se comprometeu a me levar para o Rio de Janeiro, porque alguns amigos do peito nessa hora tem pouca coragem e pulam fora, arrumam sempre uma desculpa.

A caminho do Rio, quando chegamos a Itumbiara nos demos conta de que ali moraria o perigo, eles estavam parando e olhando os carros. Tivemos que caminhar um trecho na beira do rio e conseguimos um canoieiro que nos cruzasse no Rio Paranaíba. O carro estacionou do outro lado. Tínhamos um código de piscar quantas vezes fosse o perigo, concluímos que não havia o perigo de nos levarem presos, porque não nos conheciam, não tinham nenhuma fotografia minha. Quando chegamos o cara nos perguntou para onde iríamos, pensei: “Estou fuzilado”. Eles tinham arrebentado minha barriga com pontapés na última tortura, estava todo enfaixado, estava morrendo de medo de tomar outro pontapé e morrer. Chegou um “gorilão” e nos perguntou se tínhamos uma vaga no carro. Dissemos que tinha e perguntamos o que ele desejava. Ele disse que queria

que levássemos outro homem, disse que era gente boa, gente deles, que iria para Uberlândia.

Dr. Jales teve uma ideia genial e disse que tínhamos uma imensa vontade de atender ao pedido dele, mas que iríamos à Chácara de um amigo nosso, dois quilômetros dali, inventou um nome qualquer e perguntou se ele conhecia, ele disse que não, agradeceu e disse que conseguiria com outro. A suadeira foi tamanha que eu estava com a roupa pregada no corpo.

Fomos até Uberlândia, minha terra natal. Tenho uns tios e tias por lá, ficamos lá por uns dois, ou três dias para descansar o sistema nervoso, pois ficamos com uma grande tensão, terrível. Edith foi à frente com um menino de uns oito meses na barriga e outro de um ano nos braços. Ela foi encontrar-se com o Embaixador Chileno no Rio de Janeiro, no tempo do Alexandre, que era um reacionário horroroso que não queria nem recebê-la. Ela disse que era casada comigo e que eu tinha direito a requerer a nacionalidade. Disse ainda que ela e um de nossos filhos eram chilenos, e que ele teria que resolver aquele problema. Foi uma briga danada. No segundo, ou terceiro dia de briga dela com o Embaixador, ele resolver me aceitar como exilado.

É bom que eu conte esse episódio para que sirva de experiência para os futuros exilados dessas nossas republiquetas. Eu estava na Embaixada, e fiquei nervoso porque eles não forneciam o salvo conduto para que eu saísse do país. Quem teria que fornecer seria o Governo Brasileiro e o Governo Chileno em comum acordo. Pelejei para falar com o Embaixador, mas ele no máximo concedeu mandar o Largarine, que era um adido cultural.

Ele era um imbecil, soube que meu filho se chamava Krumaré, um nome indígena goiano, segundo me disseram de origem Carajá, e me perguntou se eu não achava que Krumaré era nome de cachorro. Olhei bem para ele e disse: Senhor Largarine, não estou entendendo a pergunta, mas seu nome, Largarine, também não se parece muito com lagartixa? Rompi a conversa, tivemos uma briga danada, uma grande discussão dentro da Embaixada. Aquilo foi me irritando e o Milton, um jornalista carioca do Jornal Última Hora, disse que iria plantar umas mentiras em meia dúzia de jornais cariocas e disse que eu veria o resultado.

Ele “plantou” o seguinte: Fontes diplomáticas, que não quiseram revelar a origem, teriam dito que o Governo Chileno estava um pouco nervoso com a situação dos exilados na Embaixada, que seguramente o Governo Chileno faria uma representação ao Governo Brasileiro para liberarem os presos políticos que haviam conseguido o asilo e que estava meio complicado o relacionamento dos exilados com os funcionários da Embaixada. No dia seguinte veio à resposta: O Governo Brasileiro informando que havia sido um problema burocrático que havia atrapalhado não terem dado o

salvo conduto, mas que em curto prazo ficariam livres daquele problema. Liberariam o Salvo Conduto para se verem livres dessa “cambada”. Três dias depois Milton veio com outra publicação, dizendo que a resposta do Governo Brasileiro não teria satisfazido ao Governo Chileno, mesmo porque falaram muita coisa e nenhuma providência havia sido tomada. Por sua vez o Governo Brasileiro informou que no outro dia, há tantas horas embarcariam os exilados políticos para Santiago, no Chile.

Fiquei um mês e oito dias na Embaixada.

EXÍLIO

Digo em tom de brincadeira, mas tem um fundo de verdade, eu caí para cima. Tentaram me arrasar, mas chegando ao asilo fui convidado pelas Nações Unidas a trabalhar em um projeto de Reforma Agrária no Governo de Eduardo Frei.

Fui solicitado para manejar a caixinha de exilados, que funcionava da seguinte maneira: Todo “cara” que chegasse tinha o direito a uma pensão, modesta, mas limpa e decente, com quatro refeições e uma cota em dólares para as pessoas que tivessem mais de dois, ou três filhos, para poderem ter dinheiro para o ônibus, entre outras necessidades. O exilado começava a trabalhar e dava a sua contribuição. Tivemos a felicidade de ninguém ficar em baixo da ponte. Os chilenos tiravam o emprego de seus compatriotas para nos fornecer.

A situação não ficava muito registrada porque eles entravam pelo Uruguai sem a carteira de identidade. Com a carteira de identidade não era necessário ter passaporte. Passavam pela Argentina, o militarismo havia explodido lá, estavam matando muita gente, eles iam a pé até a Cordilheira e entravam no Chile. Esse foi um exilado que não existiu pelo ponto de vista da legalidade e das estatísticas. Soube que na época havia mais ou menos 5.000 (cinco mil) famílias exiladas.

Lá tínhamos uma vantagem, o Governo era realmente de esquerda, bom, solidário e tinha a Cordilheira que nos dava proteção e trazia dificuldades para a espionagem brasileira.

Eu era muito amigo do Eli Brasiliense, Carmo Bernardes e Bernardo Elis. Bernardo Elis que inclusive fez uma coisa que me trouxe fortes emoções. Perguntou-me se eu poderia ler o original de “O Tronco” que ele havia escrito, queria que eu lesse e apontasse algum possível deslize. Peguei com as duas mãos uma honraria deste tamanho. Apresentei uns dez, ou doze probleminhas de menor quantia, ele aceitou quase todos, só não dois, e ele tinha razão.

Tivemos fatos importantes como a chegada do Geraldo Vandré. Geraldo Vandré nos deu dor de cabeça. Ele chegou, apertou a campainha (não me lembro se Paulo Freire, ou Paulo de Tarso, me chamou pelo telefone dizendo que iria chegar uma fera), sentou-se no sofá, colocou a ponta de sua sapatilha no calcanhar do outro pé e a tirou, jogou para cima, a sapatilha bateu na parede e caiu. Olhei para seu rosto, ele não se transfigurou, achando que estava fazendo algo normalíssimo. De repente fez a mesma coisa com outro pé e disse que precisava de não sei quantos dólares por mês. Disse a ele que ali a coisa era diferente, que dávamos o que podíamos. Disse ainda que quando ele comesse a trabalhar teria que dar uma porcentagem de seu salário, que era o que todos faziam. Ele disse que depois discutiríamos sobre isso. Perguntei se ele havia sido muito torturado, ele disse que não e que havia saído com medida preventiva, aconselhado pelos amigos. Então, essa história do Geraldo Vandré ter ficado maluco de tanto apanhar não é verdadeira. Ele já era meio maluco, e a pressão de ter sua música eleita como a melhor de um festival na época, fez com que ele ficasse “desbaratinado”.

Minha posição no governo do Chile era muito boa, eu era assessor da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura). Como assessor da FAO era raro um pedido que fizesse que não fosse atendido. Conseguimos colocar muitas pessoas na Corporação da Reforma Agrária e também no ICIRA - Instituto de Reforma Agrária onde trabalhei. Na verdade pouquíssimos companheiros ficaram desempregados. O mandato era de sete anos, então logo terminou o Governo do Eduardo Frei e veio o Governo do Allende.

Havia contradições de todos os tamanhos, uma das que mais me impressionava era que o sobrinho do Allende era um dos chefes do MIR e queria derrubar o Governo do próprio tio. De forma que não sabíamos como ficar diante dessa situação em que o sobrinho do homem trabalha conosco e quer derrubá-lo. O “velho” estava correto, fazendo um governo de “consertação” nacional e o sobrinho trabalhando na outra ponta para derrubá-lo.

O MIR tinha, como tem até hoje, um comportamento meio trotskista. O trotskismo para mim não é uma posição política, é um estado de espírito. Os trotskistas com os quais eu militei e convivi são todos muito parecidos, com pressa para resolver os problemas. Ninguém pode passar na frente deles que eles passam por cima.

Não cheguei a ser preso no Chile, mas ia visitar alguns deles, o Brooks, por exemplo, não esse daqui, um médico. Nós íamos até o Estádio Nacional levar algo para essas pessoas comerem. Tinham pessoas que pe-

gavam a casca da laranja e colocavam de molho. No último domingo antes do Golpe houve uma partida de futebol e havia muita casca de laranja. Eles descobriram que colocando as cascas de molho elas ficavam mais macias, mais mastigáveis. Contamos isso quase como piada, mas a situação era feia. O ácido da casca provocava uma acidez terrível

Maurício, meu irmão, fez uma negociação com Capitão Fleury, que ministrou a minha tortura. Esse povo depois fica bonzinho, viu? Ele negociou da seguinte forma: Quando eu voltasse entraria em contato com Fleury assim que chegasse no território nacional. Mediante a isso, Fleury faria um informe para o Serviço Secreto do Exército, da Aeronáutica, da Marinha, dizendo que eu havia entrado com o respaldo dele. Pensei: Para quem estava desesperado, na América Latina não tinha para onde fugir... Mandei uma carta para o Governo do Equador dizendo que trabalhava em um projeto de Reforma Agrária muito bonito, perguntando o que achavam de eu trabalhar em um cargo semelhante no país deles. Eles toparam a parada de cara e ainda davam uma Carta de Medicina para Edith trabalhar.

Fiz as malas para ir para o Equador e nas vésperas falei que estava era com saudades da minha terra. Se tivesse que ser agarrado por uns desses gorilas Latino-Americanos que fosse da minha terra natal. Era bobagem minha, porque o negócio era se esconder. Troquei a passagem e vim para o Brasil. Desci em Assunção, no Paraguai. Lá tinha um amigo que havia feito um curso de Economia no Chile, casado com uma chilena, ele me ajudou a conseguir que me colocassem do lado de cá da fronteira do Brasil, em Foz do Iguaçu. Cruzei sem nenhum problema e vim parar em Goiânia.

Chegando em Goiânia, Fleury mandou me chamar e disse que havia atualizado tudo, mas que, a partir daquela data, eu não pensasse em participar de reuniãozinha de Partido, porque ficaria ruim pra mim. Disse ainda que se eu tivesse um bom comportamento não me aconteceria nada. Passaram-se alguns dias, Fleury mandou me chamar. Já pensei que viria alguma coisa e começaria tudo de novo. Cheguei e perguntei o que a Excelência desejava, ele disse que esteve pensando bem e que se eu quisesse trabalhar com eles, eles ficariam muito gratos e que eu acabaria recuperando meu emprego. Eles baixariam um decreto na Assembleia para que eu voltasse a dar consultoria jurídica, mas eu teria que trabalhar com eles e colher as informações que eles precisassem. Olhei bem para a cara dele, para aqueles olhos verdes que ele tem, e disse que o problema era que eu chegava em casa, enfrentava meus filhos, olhava para eles e nunca tinha tido vergonha de ser pai deles, e não seria agora depois de tudo que passei que mudaria de rumo. Disse que ficava grato, mas que conseguisse outra pessoa que pensava como ele. Nessa altura da conversa, ele passou a mão

por debaixo da mesa, apertou um botão e fez “treck”. Eu não sabia se ele estava ligando ou desligando alguma coisa, e fiz uma piada com ele. Disse: Capitão, a última vez que o senhor esteve lá em casa, naquela madrugada que o senhor se lembra bem, o senhor me levou preso e agora gostaria que me desse uma viagem de volta pra casa em uma viatura da Polícia Federal. Ele disse que faria isso com muito prazer, chamou uma pessoa, pediu que me trouxesse um café e me levasse aonde eu determinasse. Era um cinismo tamanho, querer me comprar assim, com um emprego daquela natureza, transformando-me em dedo duro oficial.

Por incrível que pareça, ganhei no Judiciário a volta ao trabalho. Tem até uma quantia de R\$ 1.200.000,00 (Um Milhão e Duzentos Mil Reais) que eles têm que me pagar. Está no precatório e não irei receber isso nunca, por causa da minha figura, se fosse “filho de papai” recebia.

JOÃO SILVA NETO

Data de nascimento: 05/12/1945



Eu entendo que determinadas pessoas têm sensibilidade para essa ou aquela atividade. Eu sempre gostei muito de ler; ler jornal, livros, gibis. Eu fui um dos maiores possuidores de gibis em Goiânia. Eu ia para o Santa Maria, ia para o Cine Eldorado aos domingos, nas matinês, fazer a troca de gibis. Fui sempre de ler muito. Entretanto, a minha atividade mais no campo social começou quando fui trabalhar com um velho contador aqui de Campinas, chamado Lamartine de Castro, que era socialista.

Eu ia trabalhar com ele, via aqueles livros na estante e comecei a lê-los. Ele me emprestou vários livros do Máximo Gorki: um livrão grande chamado a História do Partido Comunista B, Bolchevique, da União Soviética. Comecei a ler esses livros socialistas e minha sensibilidade começou aí.

Na escola tive participação política inicialmente no Ginásio Brasília, no grêmio; depois fui para o Pedro Gomes, onde pude incrementar minha militância política. Isso foi antes da ditadura militar, eu tinha uns 21 anos. Eu era brizolista. Estávamos formando o Grupo dos Onze aqui em Campinas. Já tínhamos feito tudo. O grupo já estava formado, veio a ditadura e tivemos que desativar.

GRUPO DOS ONZE

Era uma organização que o Leonel Brizola tinha de se formar no país vários grupos com onze integrantes. Esses grupos de onze tinham a função de fazer a militância dentro do PTB e também de participar contra a reação, como chamávamos na época. Reação eram os conservadores, aqueles que depois vieram a dar o golpe. Era uma representação que o Brizola criou com o propósito de se organizar um grande corpo de resistência ao golpe que se avizinhava.

A Rádio Mayrink Veiga do Rio de Janeiro era o grande veículo de comunicação do Grupo dos Onze, era de onde se mandavam as diretrizes para o país inteiro.

Já havia desde aquela época uma série de indícios de que os reacionários planejavam o golpe. Goiás teve uma participação muito ativa na Campanha pela Legalidade, que lutou para que Jango pudesse tomar posse após a renúncia de Jânio Quadros. Foi necessário muita luta do governador Brizola, no Rio Grande do Sul, e do Mauro Borges aqui em Goiás. Eles garantiram, com setores legalistas do Exército, a posse do Jango quando Jânio Quadros renunciou. Jango estava visitando a China, e era um bom pretexto para eles dizerem que Jango não poderia assumir, pois estava em um país comunista. Havia essa resistência e o golpe já era preparado há muito tempo, só não via quem não queria ver. Todos nós sabíamos que o golpe estava em gestação. Brizola organizou o Grupo dos Onze para se criar instituições e organizações capazes de tentar garantir a posse do Jango.

O GOLPE

Após o golpe, em 1º de Abril de 1964, tive que desativar meu grupo de onze aqui em Campinas. Desses onze, restaram quatro: eu, meu primo Homero, que hoje é médico em Cuiabá; meu colega de classe José Fernandes da Silva e Josias, que era carteiro e trabalhava nos Correios. Continuamos a discutir as questões políticas e nos aprofundamos no estudo de Filosofia, História e chegamos a elaborar alguns projetos meio malucos. Alugamos um barracão na Vila Santa Helena, que naquele tempo era muito isolada até de Campinas, cada um pagava uma parte, e nos reuníamos uma vez por semana para fazermos os estudos de Filosofia e História. A partir disso, a ditadura foi se consolidando mais ou menos em junho, ou julho de 1964.

Analisando posteriormente, já vemos algumas modificações. Na verdade sempre me comportei normalmente, acho que a questão da consciência política nos faz ter algum tipo de ousadia, de coragem, faz com que desconhecamos determinados perigos. Até 1964, não teria problema nenhum participar do Grupo dos Onze, grupo do pessoal que estava no Governo. Com o advento da ditadura, houve aquela expectativa, aquela perplexidade, não sabíamos como aquilo funcionava. Pensava-se na época que seria apenas um golpe para que se tirasse o Jango; que o PSD reassumiria logo em seguida as rédeas com a candidatura de Juscelino. Havia uma concepção nesse sentido. Houve um refluxo geral do movimento social, com isso os militares da linha dura da ditadura avançaram e “panharam” gosto pelo poder, alijando primeiramente a esquerda, depois os liberais e os democratas. No começo

não foi de se apavorar, de se assustar, tínhamos a expectativa de que aquilo pudesse durar pouco. Entretanto, com o aprofundamento da ditadura nós também nos aprofundávamos nos nossos estudos, claro que com cuidado.

Goiás é um estado periférico, apesar de Jango ter tido um grande apoio aqui ao assumir. O PTB havia brigado com Mauro, brigado com o PSD, principalmente em Goiás, e o Mauro havia se desligado do PTB de Jango. Por isso, ele ficou ao lado da ditadura no início. Também, por pensar que seria algo provisório e que depois Juscelino viria com tudo e o PSD retomaria as rédeas do país.

No início havia essa expectativa; depois a situação foi se aprofundando, fomos perdendo as ilusões democráticas no futuro. Como a ditadura não reprimia totalmente, cassou políticos e se organizou de forma que pudesse ter apoio parlamentar. A linha dura ainda não tinha se organizado, o que só foi acontecer com o AI-5.

Tínhamos uma boa militância fazendo o movimento.

A RESISTÊNCIA

Resolvemos criar um embrião que poderia ser um grupo de guerrilha. Tínhamos planos mirabolantes; planejávamos comprar um pedaço de terra nas proximidades de Goiânia para fazermos treinamentos militares. Para isso, chegamos a implementar e concretizar algumas ações. Não compramos a terra; compramos um binóculo e um pequeno revólver calibre 22 para começar uma guerrilha contra a ditadura militar. Naquele tempo, achávamos que já tínhamos alguma coisa e que era apreciável.

Eu já era conhecido em Campinas e juntamente com o grupo militávamos no grêmio do Colégio Pedro Gomes. Não sei como, apesar de continuarmos nos reunindo muito secretamente, um dia apareceu o Sebastião Gabriel Bailão propondo conversar com o nosso grupo. Bailão era remanescente do desarticulado Partido Comunista. Éramos estudantes de classe média e não acreditei muito na conversa do Bailão. Conversei por três vezes com ele e disse que não colocaria meu grupo para conversar com um cidadão que eu não conhecia direito, camponês, não coloquei muita fé.

Todos podiam formar um grupo de onze ao bel-prazer, bastava apenas informar que havia um grupo de onze ali; e como nós éramos onze, era provável que algum desses remanescentes havia comunicado a esses membros de esquerda, contado para alguém que tínhamos esse grupo.

James Allen também apareceu querendo conversar comigo e com nosso grupo; também me mantive com um pé atrás, pois ele já era perseguido. Conversei com ele algumas vezes, mas deixei para lá. Quando Bailão

nos procurou, chegamos a conversar algumas vezes, mas não coloquei muita fé, não achei sua conversa muito convincente. Éramos estudantes, era outro meio de luta. Percebendo isso, Bailão era muito sagaz, muito ativo, muito vivo, nos colocou em contato com um intelectual deles. Marcamos então uma reunião com o Helber de Brito, já falecido há algum tempo, um companheiro extraordinário com grande conhecimento, equilibrado, uma pessoa excepcional. Conversamos com Helber e gostamos de sua conversa. Ele juntamente com o Bailão nos fez a proposta de irmos para o Partido Comunista Brasileiro. Depois de várias conversas, aceitamos.

Foi criada depois de 1964 a primeira base estudantil do Partido Comunista em Goiás, no Colégio Pedro Gomes. Dali saiu um movimento extraordinário de resistência democrática à ditadura baseado na luta estudantil. Criamos ali um poderoso Partido Comunista, com muitos estudantes, no meio da massa estudantil. Dominávamos completamente o grêmio; dominávamos as representações de classe. Criamos um movimento de embate contra a ditadura.

Houve uma greve que, modéstia parte, foi comandada por mim. Aconteceu quando recebemos a notícia que Tarzan de Castro havia sido morto pela ditadura, em 1966. Eu nunca tinha visto o Tarzan de Castro, mas achava aquilo um absurdo. Procurávamos pretextos para motivar a resistência democrática. Lideramos a greve no Pedro Gomes, onde houve a chegada da polícia, quebra-pau, tiros e, inclusive, a morte de um soldado. Foi uma greve poderosa, resultado do movimento que tínhamos ali. Esse movimento do Pedro Gomes só foi desbaratado com o advento do AI-5. De 1964 a 1968, Pedro Gomes foi um dos poderosos núcleos da resistência democrática no meio estudantil aqui em Goiânia e era comandado pela nossa base de estudantes.

Em 1966 e 1967, criamos e ampliamos os grêmios estudantis. Usávamos a seguinte motivação: procurávamos várias escolas como o Cinco de Julho, o Lyceu de Goiânia com o pretexto de fazermos um concurso de oratória. Pra que esse concurso? Naquele tempo se podia fazer isso, existia uma “certa liberdade”. Ao realizarmos o concurso, podíamos conhecer aqueles estudantes que falavam e se expressavam contra a ditadura, aqueles que a combatiam. Assim sendo, nos aproximávamos daqueles estudantes, passávamos material, íamos conversando. Tivemos a oportunidade de incentivar a criação do Partido Comunista em várias escolas de Goiânia, e fazer com que essas pessoas participassem da direção dos grêmios. Muitas delas ganharam a direção de grêmios e isso ajudou na criação de um grande bloco de resistência contra a ditadura no meio juvenil, no meio dos estudantes.

O grêmio do Colégio Pedro Gomes tinha um trabalho extraordinário do ponto de vista cultural e de lazer. Realizávamos bailes, concursos de oratória, de poesia, de contos. Tínhamos uma vida cultural intensa. Saí do Pedro Gomes em 1968 e as atividades continuaram até quando houve a prisão do pessoal, o que desmantelou o grêmio. Expulsaram os remanescentes do Pedro Gomes que eram o presidente Paulo de Jesus, o Stepan Nercessian, o Eli. Expulsaram mais de vinte pessoas, causando o desmantelamento do grêmio em 1968.

AI 5

Foi um ponto de ruptura entre uma quase legalidade democrática e o obscurantismo total. Eu já não estava mais no Pedro Gomes, entretanto, eu tinha um papel destacado nessa luta dos estudantes, nós já tínhamos organizando um Comitê - Comitê Estudantil Secundarista do Partido - com várias secções nas escolas e para todos os lados. Normalmente, nas lutas estudantis com universitários, eu representava os estudantes secundaristas. Para tornar isso mais fácil, me deram no DCE, mesmo não sendo universitário, uma carteira de estudante universitário para que eu pudesse ter trânsito livre no DCE e nas reuniões. Tenho essa carteirinha até hoje. Era para que eu pudesse ter uma participação e um vai e vem normal nas reuniões do DCE e dos universitários, e para que se houvesse uma unidade entre a luta estudantil secundarista e a luta universitária.

Saí do Pedro Gomes em 1968, prestei vestibular, fui estudar Direito na UFG e lá continuei na militância estudantil, no centro acadêmico. Não me candidatei ao centro acadêmico porque já era vereador nessa época. Entrei em 1970, e tinha também uma grande militância. Participei da base estudantil da Faculdade de Direito organizando o pessoal e fui eleito vereador onde tive uma boa participação e reputação.

Naquele tempo praticamente não existiam associações de moradores. Fui o maior incentivador da criação de associações de moradores do Estado de Goiás. Na posição de vereador, parti para os bairros. Já tinha mudado a minha base política, já não era só estudantes. Continuei ligado ao movimento estudantil universitário com boa relação com o movimento estudantil secundarista, mas como vereador achei por bem ampliar minha base de militância.

Fui eleito pelo MDB; fui o segundo vereador mais votado de Goiânia. Havia duas zonas: a primeira, em Goiânia; e a segunda, em Campinas. Fui o mais votado na região de Campinas e tive, naquele tempo, mais de 2% dos votos de Goiânia, que seria hoje muita coisa. Naquele tempo votava-se

70, 80 mil pessoas em Goiânia. Fui o vereador mais jovem daquela época e tive quase três mil votos. Passei a organizar as associações de moradores. Fazíamos ligações com o pessoal da Igreja Católica em alguns bairros; ajudávamos nas igrejas.

Na Vila Mauá, que era um bairro muito afastado naquela época (não tinha quase nada de Cidade Jardim, não tinha Vila Canaã, só Vila Mauá que era um centro importante eleitoralmente, pois lá havia um grande povoado) entrei em contato com o padre de lá, padre Rui, e ajudava muito na igreja. Na hora do sermão ele lia a homilia e eu era quem fazia a explicação para o povo. Eu já era ateu, mas era uma maneira que eu tinha de estar em contato para complementar meu trabalho na associação de moradores. Eu misturava, pois falava sobre a questão social e, é claro, dava as tacadas na ditadura, que nunca deixei de combater. Isso fez com que praticamente todo dia na Câmara eu fosse taxado pelo pessoal da Arena de comunista. Eu era muito combativo, bastava eu levantar a voz combatendo a administração pública de Manoel dos Reis, prefeito, que aparecia um ou outro da Arena tentando calar a minha voz, dizendo que eu era comunista, e a atemorizar.

A Câmara ficava na Rua 6, no Edifício Inhumas. A mesa era arredondada em meia lua e as tribunas ficavam nas extremidades; ficávamos um pouco atrás do presidente da mesa diretora.

Houve várias vezes em que eu estava combatendo o prefeito, xingando, falando dos defeitos da Administração, e Pedro Xavier Teixeira, presidente da Câmara na época, puxava a gaveta e me mostrava um revólver, fez isso várias vezes. Tentavam me atemorizar, mas isso não me preocupava. Não conseguiram me parar, isso não me impediu.

REPRESSÃO E PRISÃO

Minha atuação política na Câmara sempre foi pautada pela aproximação e conscientização dos bairros, das comunidades, da população através de um processo mínimo de organização. No movimento estudantil, esse processo mínimo de organização eram os grêmios, e eu entendia que o processo mínimo de organização nos bairros seriam as associações de moradores, onde seriam discutidos os problemas deles. Eu tinha plena consciência do meu papel social de conscientização naquele contexto.

Eu também fazia um trabalho no Partido Comunista, que era uma organização que se refez rapidamente. Muitas de suas táticas foram modificadas para o enfrentamento da ditadura, mas se mantiveram muitos princípios que não condiziam com a nova realidade, não a acompanha-

va. Como eu era chamado todos os dias de comunista na Câmara, bastava um agente da polícia me seguir que achariam o Partido. Nessa questão o Partido cometeu um erro clássico. Eu queria deixar a militância da organização, mas não permitiram que eu me afastasse, pois tinham medo que eu os abandonasse. Não me conheciam, não sabiam como era a minha cabeça e insistiram para que eu continuasse militando. Cheguei a avisar para o Bailão que eu era conhecido como comunista. Acho que houve um relaxamento na questão de segurança da organização. Bastavam me seguir que achariam o Partido. Tanto era que uma semana antes de sermos presos tínhamos marcado uma reunião no Centro, nos encontraríamos em uma banca na Rua 3. Tivemos que desativar a reunião porque percebemos que havia algo estranho por ali. Mas mesmo assim, não tomamos muitas precauções, relaxamos na segurança.

Ainda não haviam acontecido prisões. Nessa semana em que detectamos que estávamos sendo vigiados, alguns companheiros haviam sido presos em São Paulo. O Benito e o Bailão tinham sido presos, mas nós não sabíamos. Houve um relaxamento por parte do Partido no setor de organização. Nós conduzíamos a situação dentro de alguns princípios; o Partido é legalista, não era um partido de luta armada, ele relaxou e subestimamos a ditadura.

Houve uma orientação em 1972 dos setores reacionários, a linha dura, para acabarem com o Partido Comunista no Brasil. Já havia acontecido a redemocratização em Portugal. Lá o Álvaro Cunhal era secretário geral do Partido Comunista Português, partido que teve importante papel na redemocratização de Portugal. Houve a orientação dos militares daqui de acabarem com o Partido Comunista aqui, porque sabiam que mais cedo ou mais tarde essa redemocratização aconteceria também. Era o cúmulo da maldade, preventivamente eles tratariam de liquidar o Partido Comunista Brasileiro. Primeiramente pegaram a direção nacional e mataram. Mata-ram muitos, e de avião jogaram na Serra do Mar, na mata, no mar. Prenderam muitos, mataram e depois trataram de dismantelar o Partido no país inteiro. Nós fomos parte desse projeto de dismantelamento da esquerda brasileira. Finalmente, em julho de 1972, fui preso na rua. Eles já haviam dismantelado as entidades de luta armada, já tinham controle absoluto sobre a questão da Guerrilha do Araguaia, que nunca perturbou seriamente a ditadura; tinham controle absoluto sobre a situação e trataram de destruir o Partido Comunista.

Nossa prisão foi em decorrência do projeto da linha dura de dismantelar a esquerda devido o medo da presença dos comunistas no processo de redemocratização. Os militares sabiam que não havia mais jeito.

GUERRILHA DO ARAGUAIA

Fiquei sabendo disso depois, pois fiquei preso em Brasília por muito tempo. Lá tive contato com ex-guerrilheiros, ex-mateiros e ex-camponeses do Araguaia, e pelo que percebi na época, a ditadura cozinhou aquela Guerrilha o quanto quis.

Aquela Guerrilha nunca ofereceu perigo real à ditadura, mas os setores da linha dura, os setores mais reacionários do Exército precisavam daquilo para justificar a repressão em cima de toda a sociedade brasileira e mostrar que a Guerrilha oferecia perigo. Eles exageraram nas brigas e nas lutas. Conversando depois com alguns soldados que estiveram lá, disseram que a Guerrilha nunca ofereceu real perigo à ditadura, mas usaram a situação à vontade, até quando quiseram para que a repressão se justificasse.

Eu fui tratado como prisioneiro de guerra, foi naquele período que havia um clima de guerra no país e usaram como pretexto a Guerrilha do Araguaia. Na verdade caiu o Partido Comunista inteiro, tinha advogados, professores, todo mundo. Alguns foram presos diretamente, foram para a cadeia, para o 10º BC e depois para Brasília. Muitos outros foram apenas identificados como participantes das organizações de base, não chegaram a ser presos, mas foram chamados a depor e foram atemorizados. Foram mais ou menos umas setenta pessoas.

O MANDATO DE VEREADOR

Quando fui escolhido para ser vereador, fui escolhido à revelia do Partido Comunista. A direção não queria que eu fosse vereador, queria que apoiasse nosso aliado Messias Tavares. Entretanto, eu sabia da minha força eleitoral e do meu relacionamento em Campinas com os estudantes. Sempre fui muito popular, ia à festas, participava de tudo, dançava em bailes. Naquela época, o Colégio Pedro Gomes tinha cerca de 4.000 estudantes, eu sabia que isso podia me fazer eleito. Eu tinha convicção disso, mas a direção do Partido não queria que eu fosse candidato, queria uma política de alianças e que apoiássemos Messias Tavares.

Fomos para o Pleno, onde se discutiria a indicação de candidatos. Na verdade usei a força que eu tinha dentro do movimento estudantil secundarista. Houve a votação, éramos maioria e fui indicado a ser candidato também. Mesmo assim, fizeram uma malandragem comigo: a direção, Baidão, Davi e outros companheiros colocaram como prioritária a candidatura do aliado, a minha seria secundária. O Partido alugou um apartamento na Rua 8, esquina com a Rua 3, e alguns companheiros foram pra lá; era o

comitê do Messias, e o meu era o resto. Messias Tavares era um cidadão democrata, naquele tempo ele era mais posicionado à esquerda, um cidadão correto.

Fui eleito e fiquei apenas um ano e meio como vereador. Quando fui preso em julho, a Câmara estava de recesso. Era dia 17 de julho mais ou menos. Quando voltamos em agosto, ninguém falou nada; não houve nenhum pronunciamento. Na verdade fui atingido praticamente por todos os instrumentos da Lei de Exceção da Ditadura Militar.

Lembrei-me que o Idelfonso se manifestou. Alguns ex-vereadores me encontram e dizem que falaram sobre o assunto na Câmara, mas acho que isso não aconteceu. Peguei as atas daqueles dias e nem no dia em que fui substituído pelo suplente, o suplente não falou nada sobre mim. Realmente existia um medo e eu não os culpo. Existia um medo muito grande de se manifestar sobre qualquer assunto que dizia respeito a comunistas.

A Câmara distribuía algumas bolsas de estudos do MEC; o MEC mandava para a Câmara, que distribuía entre os vereadores. Peguei minhas bolsas e distribuí para alguns companheiros. Quem fazia essa distribuição era o Zeusse Moraes, secretário da Câmara na época, que me disse que os militares perguntaram a ele que negócio era aquele de eu estar distribuindo bolsas de estudos. Ele respondeu dizendo que as bolsas eram para todos os vereadores.

Meu mandato foi cassado e a Câmara, como órgão, praticamente não protestou com peso, a não ser faces isoladas como o professor Idelfonso Avelar. Substituíram-me sem problema algum, sem tocarem no assunto. Se houve algum discurso, não sei; pelo menos não consta nas atas. Se aconteceu, provavelmente tiraram dos registros.

REPRESSÃO E TORTURA

Com minha prisão passei a levar faltas na Câmara. Pelo Regimento Interno com cinco faltas seguidas se perdia o mandato. Acharam por bem que eu perdesse o mandato pela questão das faltas; entretanto, demoraram dois meses ou mais para me substituir. Perdi o mandato porque fiquei preso, fiquei preso de julho a final de novembro de 1972.

Enquanto isso, naquela época a matrícula era feita semestralmente, passei uma procuração a uma prima minha para que fizesse minha matrícula na Faculdade de Direito. Também acabei faltando às aulas, mas o ministro Passarinho, que dizia nunca ter punido um estudante e inclusive fez artigo sobre isso, mandou que o reitor Maciel fizesse a aplicação do Decreto 477 em uma série de estudantes, uns dez ou mais. Abriram um

processo, fiz minha defesa e consegui declarações com professores. Como eu era vereador, na Faculdade de Direito eu não fazia uma militância aberta, sempre fui muito moderado na minha expressão. Eu tinha minha convicção formada, minha posição política, me expressava, mas nunca radicalizei. Sempre fui muito equilibrado nessa questão, nunca exagerava nas situações e fazia meu trabalho sem problemas. Aplicaram a mim o Decreto 477, me expulsaram da Universidade.

Nisso já existia o AI-5 e a Lei de Segurança Nacional, um decreto que podia punir a todos. Nesse decreto rezava-se que quem fosse preso e condenado perdia seus direitos políticos. Eu, na verdade, não perdi o mandato; perdi meus direitos políticos, que na prática significava a mesma coisa. Suspenderam meus direitos políticos por dez anos. Eu não podia me candidatar e me aplicaram o Decreto Lei 477.

Recorri. Sempre lutei muito contra as coisas que faziam contra mim. Não havia como lutar contra a suspensão do direito político porque contra a Lei de Segurança Nacional não havia como bulir. Com a ajuda do deputado João Divino, fizemos uma excelente defesa do meu recurso. Recorri junto ao ministro da Educação, que era o Passarinho. Aproveitamos um dia que ele esteve aqui e cavamos uma audiência com ele. Alguns estudantes, também punidos, como Valdir Camarcio e Abraão Márcio que estavam no final do curso, os deixaram terminar. No meu caso, eu, o Washington, o Talvin e mais alguns, o Passarinho não aceitou o recurso, mas como ele havia liberado para que alguns estudantes voltassem a estudar, continuei frequentando as aulas por aquiescência do ministro.

Certo dia, estava estudando na Faculdade de Direito e Quintiliano Blumenschein, que já é falecido, era nazista e professor na Universidade, bateu na porta da sala procurando por mim. Apresentei-me, e ele da porta pediu que eu me retirasse da sala, dizendo que eu estava expulso e que não poderia estar estudando na Universidade. Todos os outros alunos escutaram e ficaram boquiabertos. O professor que estava em sala o questionou sobre a situação, e Quintiliano o respondeu dizendo que eu era um aluno subversivo, que eu havia recorrido, que o ministro havia permitido, mas que já havia sido homologada a minha suspensão e que eu teria que me retirar. O professor que estava dando aula foi digno comigo, disse a ele que eu sairia assim que ele terminasse de dar sua aula. Quintiliano Blumenschein ficou me esperando na porta com uma fotocópia do Diário Oficial em mãos, que homologava minha suspensão, e pediu que eu me retirasse.

Antes de ser vereador, eu trabalhava no escritório de contabilidade do meu irmão. Eu tinha experiência em contabilidade, mas não tinha o curso. Como eu não estava fazendo faculdade me matriculei em uma esco-

la secundária para fazer o curso de Contabilidade, no Cinco de Julho, no Bairro Popular. No primeiro dia de aula sentei na última carteira e fiquei quieto. Era no ano de 1973, ou 1974 não me lembro bem. Ainda guardo a carteira de estudante da lá, que pelo menos me valeu para que eu pagasse meia entrada no cinema.

No primeiro dia de aula entra o professor, era meu colega de faculdade, ele não havia me visto, e fazendo a chamada me chamou pelo nome; respondi, ele me olhou e percebi que ele havia mudado seu jeito e continuou fazendo a chamada. Quando terminou ele me perguntou o que estava fazendo ali. Disse que na universidade eu era um aluno brilhante, que sabia mais que ele e me perguntou como seria capaz de ser meu professor. Pedi para ele que ficasse quieto e lhe contei a situação. Estudei lá por uns vinte e cinco dias.

Um dia estava na aula e a porta abriu; vi que eram homens com ternos pretos (naquele tempo os policiais andavam de terno), olharam para mim e fecharam a porta. Quando a aula terminou e eu estava saindo, dois “caras” juntamente com o diretor me abordaram me perguntando se eu era o João Silva. Disseram que já haviam conversado com o diretor e que minha matrícula havia sido suspensa e anulada porque eu estava punido pelo 477 e não poderia estudar. Fui expulso mais uma vez da escola secundária, sendo que já era universitário.

Fui condenado a seis meses de prisão inicialmente, cumpri os seis meses e fui cuidar da vida. Como tinha experiência em contabilidade, trabalhei por uns dias de graça em um escritório de um amigo para me atualizar; depois comprei um pequeno escritório, comecei a trabalhar e a ganhar meu dinheiro. Após, comprei outro escritório. Eu fazia todo o serviço e meu irmão contador assinava para mim.

Arrumei uma namorada, fiquei noivo e faltando vinte dias para o casamento, com os convites todos distribuídos, tudo acertado, a Polícia Federal me prendeu novamente. Questionei dizendo que eu já havia cumprido minha pena de seis meses, e eles disseram que o promotor militar recorreu e que haviam aumentado minha pena para dois anos. Levaram-me novamente para o CEPALGO para que eu cumprisse o restante da pena. Pelo Código Penal Militar, condenados há dois anos que cumprissem um ano, poderiam sair em liberdade condicional. Suspendi o casamento, pois não iria me casar na cadeia.

Reputo-me por ter sido sempre um cidadão psicologicamente equilibrado. Mentalmente em meus depoimentos me sustentei bem, sem falsa modéstia. Sustentei-me bem naqueles momentos duros de interrogatório debaixo de pancadas e de choques.

Depois também, sempre mantive o equilíbrio, ajudei muitos companheiros na cadeia. Não é à toa que o Direito Penal mundial estabeleceu a prisão como um castigo. Aquilo é algo para desestruturar e desestabilizar o cidadão. Se o cidadão não for muito bem equilibrado ele não se sustenta, ele desorganiza a cabeça.

No 10º BC tentei manter aquilo, uma autorreflexão violenta, rememorei minha vida inteira, busquei aquilo que pudesse me fortalecer, minhas lembranças do passado, coisas que pudessem aumentar minha convicção. Fiquei preso por alguns dias em um banheiro no 10º BC. Depois de mais de dois meses, fui levado para Brasília e não sofri tortura propriamente dita, mas tortura psicológica continuou. Eu cheguei a ser ameaçado novamente com aquela maquininha de dar choques. Passavam em frente à cela e logo depois se ouvia os gritos, e isso gerava uma grande tortura. Um banheiro azulejado, onde só havia o vaso sanitário, a pia e um colchão de espuma. Na parte da tarde o sol entrava lá dentro e virava um forno. Não tinha como tomar banho direito para lavar as partes de baixo; tampava o vaso com uma cueca e fazia um poço de água, as partes de cima eram lavadas na pia, molhava-se todo o colchão, era uma confusão e um calor enorme.

Depois me transferiram para outra sala onde tinha uma janela. Havia uma parede e uma janela que servia para duas salas. Notei que no outro cômodo tinha alguém preso e fiquei na dúvida sem saber se era um cômodo normal frequentado por soldados, ou se era mesmo um preso. Com o passar dos dias, percebi a movimentação: quando vinham trazer comida pra mim, traziam para o outro. Comecei a bater, os vasos eram juntos, cada um de um lado da parede que dividia as salas; percebi que na hora que o cidadão estivesse no vaso eu poderia dar um sinal qualquer, bateria no vitrô. Bati por várias vezes e a pessoa não respondia, mas um dia respondeu.

Eu tinha uma caneta que deixaram para que eu escrevesse o relatório, escrevi no papel higiênico e joguei pela janela quando vi que a pessoa estava no banheiro. Passado um dia, a pessoa respondeu; era o José Fernandes que estava do outro lado. Fizemos várias correspondências escrevendo em papel higiênico.

José Fernandes é meu compadre, foi meu colega da época do Colégio Pedro Gomes, de estudar Filosofia, de festas; ele gostava de dançar também. Íamos às festinhas todo final de semana, era meu amigo, amigo mesmo. Nós já éramos materialistas naquele tempo, e como ameaçaram sua esposa Terezinha e sua filha, o Zé se desequilibrou. Falou que naquele momento ele estava fazendo uma reflexão e que achava que existia uma entidade superior e passou a acreditar em Deus. Eu escrevia uns bilhetes muito mal-educados para ele, para chamar sua atenção, pois via que ele

não estava normal; eu conhecia muito o Zé. Passei vários bilhetes bravos a ele, chamando sua atenção pra valer. Tenho a impressão que isso o ajudou, e ele me disse que ajudou bastante.

Depois me levaram para o PIC em Brasília. Levaram-me em uma rádio patrulha juntamente com quatro pessoas. Fomos eu, o Washington, o José Elias e outro que não me recordo o nome. Fomos levados para Brasília em condições piores impossível. Fomos quatro pessoas na rabeira da rádio patrulha juntos a um pneu todo sujo, empoeirado. Quando saímos do 10ºBC, só pediram que arrumássemos as roupas, mas não falaram para onde íamos.

O Código Penal Militar proíbe a remoção de presos durante a noite e sem conhecimento da família e do advogado, mas não existia lei nesse sentido. Levaram-nos para Brasília. Deixaram alguns companheiros na PE e disseram que eu e o Zé Elias iríamos para o Esquadrão. Naquele tempo havia uma conversa sobre esquadrão da morte, pensei que já podíamos nos considerar mortos. Pensei que fossemos morrer sob torturas.

Abrindo um parêntese: Em uma das noites em que fui torturado aqui, ao ligarem os fios nas orelhas, quando dava o contato, o processo era igual ao modo contínuo do motor. A cabeça mexia de um lado para outro. A cabeça acompanhava o movimento do choque igual a um motor, só não rodava porque o pescoço não deixava. Em uma dessas vezes começou a sair sangue pela minha boca. Saiu muito sangue que caiu no capuz e na minha camiseta. Nessa noite pensei que fosse morrer. Estavam dando choques nos ouvidos, saía sangue pela boca; pensei que pudesse ter estourado alguma coisa na minha cabeça. Terminada a tortura minha língua começou a inchar. No movimento da cabeça eu havia mordido a língua. O corte foi grande e não me deram remédio, fiquei por quase uma semana sem comer e emagreci. Não havia jeito de engolir nada.

Lembrei-me de Prestes quando foi preso na ditadura de 1935 e seu advogado pediu que dessem a ele pelo menos o tratamento dado aos animais, e pedi que me trouxessem o anti-inflamatório que davam aos cachorros, ou aos cavalos, pois não estava nem conseguindo comer. Não trouxeram remédios, até que o ferimento fechou e eu pude me alimentar de novo.

Quando me levaram para o Esquadrão pensei que ali me matariam, que teriam um esquadrão para matar, mas não era. Levaram-me para um quartel chamado Esquadrão do Reconhecimento Mecanizado.

Naquela época em que Marcantônio foi preso, a Auditoria Militar era em Juiz de Fora, não havia jurisdição militar aqui. Estávamos na jurisdição de Juiz de Fora, por isso ele foi para lá. Depois criaram em Brasília a Região Militar com a jurisdição militar, por isso fomos para lá.

No Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado foi onde recebi as primeiras visitas. Meu pai, minha mãe e minha irmã foram lá. Sempre procurei ser forte nessas situações e queria dar a meu pai e minha mãe uma demonstração de tranquilidade, de firmeza, mas na hora que os vi eu “desmanchei”. Caí em prantos convulsivos. Eles ficaram lá por uma meia hora e eu chorava copiosamente, com a maior raiva de mim mesmo por não dar conta de conter o choro. Hoje se acontecesse de novo eu choraria tranquilamente, mas naquele tempo e naquela situação eu não queria dar demonstrações de fragilidade. E pra todos os efeitos, nesse nosso mundo machista, chorar é sinal de fragilidade. Foi só meu pai e minha mãe saírem que acabou o choro, mas fiquei muito pesaroso comigo.

Fiquei por algum tempo no Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado; lá ficavam os tanques, era barulho de tanques o dia todo. Com muito custo consegui que me deixassem tomar um banho de sol. Chamei o diretor do quartel e me levaram juntamente com uns quatro ou cinco soldados, todos com metralhadora, delimitaram um espaço de 2m x 2m, e eu poderia ficar somente ali. Tomei sol por poucas vezes, depois me levaram para o PIC.

O PIC era o inferno. Tinha uma série de celas individuais e duas celas coletivas. Eu já tinha ficado sozinho aqui no quartel de Goiânia e no quartel de Brasília, onde fiz muita reflexão sobre a vida, procurei me fortalecer em meus pontos fortes, aproveitei bem esse tempo. Na cela individual do PIC foi a mesma coisa, mas não fiquei por muito tempo nessa cela. Interrogaram-me e referendi o que eu havia escrito no 10º BC. Meu depoimento era muito conciso.

Um fato notável foi o dia em estava um tal Capitão Ailton, que era torturador e me levou para depor. Em cima da mesa dele tinha uma maricota, que era uma máquina de dar choques, um cassetete e outras peças de tortura. Eu estava de um lado da mesa, ele de outro e o escrivão ao lado; ele fazia as perguntas e eu respondia. Uma hora o escrivão disse que queria ir ao banheiro; quando o escrivão saiu, Capitão Ailton ficou comigo mais um pouco, tirou a pistola dele e colocou sobre a mesa, entre mim e ele. Ele ficava brincando com o gatilho da pistola, deixava o cano para meu lado, depois a rodava e eu só observando a situação. Não sabia qual era a sua intenção rodando a pistola em cima da mesa, parando com o cano para o meu lado. Passado um tempo ele saiu e deixou a pistola em cima da mesa. Fiquei pensando como um “cara” daquele sai e deixa uma pistola daquele jeito. Se eu fosse um cara irresponsável poderia ter saído dando tiros. Fiquei por cerca de meia hora sozinho com a pistola na minha frente. Passado um tempo veio ele e o escrivão e continuaram o interrogatório.

Fiquei por algum tempo na cela individual; interrogaram-me, fizeram as peças processuais necessárias e me levaram para o coletivo X1. Havia o X1 e X2. Havia cerca de umas vinte pessoas: estavam lá Zé Porfírio, Geraldão e Agnaldo.

Um fato inusitado é que quando cheguei lá, Geraldão e Zé Porfírio dormiam no mesmo beliche. Zé Porfírio na parte de cima e Geraldão na parte de baixo. Zé Porfírio não fumava, e Geraldão fumava o tempo todo cigarros de palha; e eles viviam brigando. Brigavam muito por causa da luta de Trombas e Formoso, que eles tinham concepções diferenciadas da luta, mas brigavam mais ainda por causa da fumaça. Chamei os dois e propus que fizéssemos o seguinte: Zé Porfírio iria para minha cama, pois meu companheiro de beliche não fumava, e eu ficaria com Geraldão. Eu também não gostava da fumaça, mas não queria vê-los brigando por causa daquela situação e então trocamos de beliche.

Conversava muito com Zé Porfírio, perguntava sobre a importância da luta. Ele ficava estudando matemática, contas de somar, multiplicar; lia um pouco, pois tínhamos livros lá. Isso aconteceu em 1972.

Eu pedia que ele me contasse mais sobre a história de Trombas e Formoso, sobre a vida dele, e ele dizia que não contaria, pois eu era intelectual. Naquele tempo tinha essa separação entre intelectuais e camponeses. Ele dizia que eu era intelectual e que iria querer escrever sobre a vida dele, mas era ele quem iria escrever.

O ruim para nós que saíamos da cela individual para a cela coletiva era que saíamos do completo isolamento. No primeiro dia em que cheguei à cela coletiva, me colocaram para conversar com uma pessoa que estava em outra cela; subia-se no beliche e havia uma grade sem vidro. Quando me colocaram para conversar, senti o maior medo do mundo, mas eles já tinham o controle dos movimentos de soldados por ali. Havia uma forma de comunicação lá dentro, e eu com o maior medo.

RELAÇÃO COM OS SOLDADOS

Como sempre gostei muito de conversar, no quartel do Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado os soldados iam levar comida, ou passavam por lá e eu puxava conversa. Era um pessoal normalmente de Santa Catarina, na época. Fiz amizade com eles, amizade assim: muitos depois do expediente, quando os chefes saíam, iam para a porta da minha cela, que era de grade, e ficavam conversando, isso aconteceu várias vezes.

Eu tomei de três a quatro banhos de sol e lá também eu puxava papo com os soldados. Muitos diziam que como eu era um homem passivo,

tranquilo, não entendiam como eles me mantinham preso. Os chefes militares exageravam, diziam que éramos extremamente perigosos, assassinos e quando entrávamos em contato com os soldados, eles ficavam admirados com a nossa tranquilidade. Eu contava que era estudante de Direito, vereador; eles diziam que aquilo não justificava, e eu dizia, então, que a ditadura era aquilo.

No 10º BC, um soldado que era meu vizinho foi levar comida e ficou admirado ao saber que era eu quem estava preso. Conversavam rapidamente, pois tinham muito medo de conversar conosco; os chefes atemorizavam demais os soldados. Eles nos vigiavam muito e um dos meus prazeres no 10º BC era subir na pia, se dependurar no vitrô e ver os aviões aterrissarem e decolarem no aeroporto. Certo dia eu estava olhando pela fresta do vitrô, dois soldados me viram, arrancaram as pistolas e apontaram pra mim. Eu pulei e depois desse dia fiquei com medo.

ISMAEL SILVA

A morte do Ismael foi o resultado do processo de tortura pelo qual passamos. Francamente eu não pensava que pudesse vir a ser torturado dentro de um instituto, da sede do quartel do Exército Brasileiro. Tínhamos a noção do Exército Brasileiro como algo que merecia respeito, onde não se faziam essas coisas.

Enquanto fiquei preso lá, me levavam sempre à noite e o próprio Código Penal proíbe interrogatórios noturnos, mas naquele tempo a lei foi suspensa. Quando fui levado para interrogatório, neguei tudo; meu propósito inicial era não colaborar em nada com a ditadura.

Na primeira, segunda e terceira noites neguei tudo; debaixo de torturas, de muitos choques, continuava a negar tudo. Entretanto, em uma noite em que eu estava sendo torturado, com os pulsos machucados, pernas machucadas, tinham me dado muitos chutes, trouxeram o Ismael e fizeram acareação com ele. Eu não o vi, pois estava encapuzado, mas acho que colocaram o Ismael para me ver sendo torturado. Naquele ambiente não dava para perceber, era carpetado, não se ouvia barulhos externos e eu estava encapuzado. Colocaram-me para conversar com o Ismael, e até então eu havia negado tudo. Ele já havia falado meu codinome e muita coisa sobre a minha militância, sobre a minha participação, mas continuei com meu propósito de não colaborar. Embora minha convicção estivesse no limite para começar a admitir algumas informações, mas continuei me segurando no que eu podia. Colocaram-me para conversar com Ismael, mas não me deixaram vê-lo, não me tiraram o capuz.

Perguntaram a ele quem eu era, ele respondeu dizendo que eu era o João Silva, militante, e falou algumas coisas sobre a minha pessoa. Antes haviam me perguntado se eu o conhecia; disse que sim, do Colégio Pedro Gomes; disse que havia namorado com a irmã dele, fiquei apenas naquele papo furado. Colocaram-me para conversar e identificar a voz dele, eu identifiquei, sabia que era ele. Falaram para ele que eu não estava querendo falar sobre as coisas, que eu estava bancando o durão, que já havia levado muitos choques e continuava sem querer falar e perguntaram a ele o que ele me aconselharia a fazer. Ele disse que eu poderia me abrir, pois eles já estavam sabendo de tudo e que não havia necessidade de continuar sofrendo. Ele me falou isso e o tiraram. Estávamos no 10º BC, na sala de tortura.

Depois disso, não tinha mais jeito, só se fosse masoquista para continuar sofrendo. Eu já tinha a convicção de que sabiam tudo. É claro que eu queria minimizar meu papel e tentar salvar o meu mandato, que foi um mandato popular, que o povo havia me dado, e eu precisava continuar essa luta. Não era apego ao cargo, pois meu cargo era em função da luta. Se eu fosse oportunista quando fui eleito poderia ter deixado o Partido, a minha convicção era a luta de resistência contra a ditadura.

Depois dessa acareação com Ismael, passei a admitir determinadas informações, mas mesmo assim meu interrogatório e meu depoimento do ponto de vista de herói eram uma nulidade, eu mostrei minha desimportância total e permaneceu. Para a ditadura isso não era importante, eu entrei em 1964 para o Partido, me mandaram fazer um relatório sobre a minha participação. Deixaram-me um papel e um lápis e na primeira noite fiz um grande relatório contando tudo desde 1964. Ficaram de buscar o papel no outro dia e não buscaram. Dei uma lida novamente e vi que aquilo não estava certo, rasguei o papel, amassei e dei descarga. Pedi mais um papel dizendo que eu havia errado e queria escrever mais coisas e fiz uma declaração absolutamente concisa, mostrando que eu havia entrado para o Partido em 1970, sonoguei seis anos. Disse ainda que havia entrado no Partido porque ele tinha um movimento estudantil muito bom e que eu queria ser eleito vereador e precisava dos votos dele. Foi essa minha versão e foi isso que ficou no meu processo no meu depoimento na Justiça Militar. Isso não teve a menor importância, pois fui condenado da mesma forma, igual aos outros.

Essa acareação entre nós dois aconteceu uns dois, três dias antes dele morrer.

Minha concepção é a seguinte: Porque não me deixaram ver o Ismael? Fizeram a acareação, mas o tempo todo me mantiveram de capuz. Eu não vi o Ismael, só ele me viu de capuz. Fizeram com que nos identificássemos pela conversa.

O péssimo no PIC, no X1, essa cela coletiva, era que em frente a nossa cela ficava a sala de torturas. Víamos eles passando com os presos encapuzados, em pé, segurados pelo pescoço; depois escutávamos aquele barulho infernal que vinha de lá de dentro, gritos, pancadarias e passado algum tempo, uma ou duas horas, víamos passar os soldados carregando o indivíduo pelos pés e pelos braços, a pessoa não voltava em pé. Víamos só as cabeças dos soldados, pois o muro era alto.

A tortura era enorme. Aconteceu aqui no 10º BC, éramos aguçados. Naquele tempo eu ouvia bem, depois de tantos “telefones” e choques perdi boa parte da audição. Ainda ouvindo bem, passei a acompanhar e identificar sons externos; eu sabia quando eram quatro, cinco horas da tarde - eles davam o toque para reunirem e dispensarem os soldados. Os soldados que serviam normalmente iam embora e ficava apenas o pessoal do quartel. Começava a escurecer, começava a chegar pessoas, eu ouvia o barulho dos carros: eram três ou quatro carros e distinguíamos o barulho de cada um, pois olhávamos pela janela e víamos passar. Sabíamos quais eram os carros da polícia e dos torturadores que chegavam para o interrogatório. Quando a corrente do quartel caía, nós ouvíamos.

A tortura maior era quando ouvíamos de dentro da cela o “cara” vindo e balançando as chaves. Quando passavam direto pela nossa cela era um alívio, mas quando colocavam a chave na nossa cela era uma loucura, a cabeça quase estourava, pois sabíamos que seríamos levados para a tortura. Isso acontecia em todas as noites. Ou passavam balançando as chaves para pegarem os companheiros de outra cela, ou batiam na nossa cela, era uma tortura ferrenha.

No PIC era ainda pior: o “cara” já saía da sala de tortura com as chaves. Ficávamos lendo, jogando dama, batendo papo, e quando o “cara” passava já ficávamos atentos e a tensão aumentava tremendamente. Quando passavam por nós ficávamos aliviados, mas quando vinham e colocavam a chave na fechadura na nossa cela, nossa moral ia a zero. O “cara” chamava pelo nome.

Não houve caso de voltar morto, mas voltávamos arrasados, pois havíamos sido torturados. Aquela noite estava perdida, pois geralmente já não dormíamos à noite. Presenciei isso tudo por quatro meses, do final de agosto até novembro, quando saí de lá. Era toda noite, era um clima tremendamente mortificante. Eram gritarias e pancadarias. No PIC não havia o mínimo contato de presos com soldados.

A orientação que recebi no 10º BC, era que à medida que o “cara” chegasse na cela individual e batesse na porta era para irmos para o lugar mais distante, colocar as mãos na parede e abrir as pernas. Eles chegavam por trás, vestiam o capuz e nos levavam. Nós não víamos ninguém.

No PIC usavam mais ou menos os mesmos instrumentos: o cassete, pancadaria e choques elétricos. Essa já era uma técnica antiga, colocavam uma cadeira de ferro, o sentavam e ligavam os fios.

Em 1964, o Ponto 4 era a área de atuação do 4º Exército Americano, no Canal do Panamá. Com o advento dessa ditadura americana aqui, o Ponto 4 começou a treinar as polícias civis e militares. Levavam para lá e depois de certo tempo com o acirramento da Guerra do Vietnã, começaram a ensinar torturas. Foi onde houve um aprimoramento dos torturadores com determinados métodos e técnicas. Houve esse aprimoramento depois de 1968.

No PIC fiquei até novembro. Fui solto no final de novembro, deixaram que passassem as eleições. Nesse tempo ainda não tinham me aplicado a Lei de Segurança Nacional, estavam em fase de inquérito. Falaram que o que queriam era cassar meu mandato, mas que naquele momento não havia mais ninguém para ser cassado e que o presidente da República não cassaria somente a mim. Disseram ainda que me soltariam, mas que se eu tentasse reassumir meu mandato de vereador, me prenderiam imediatamente. Eu não tinha mesmo condições de reassumir; já haviam me substituído, mas eles faziam aquilo para atemorizar.

Fui solto no final de novembro de 1973, voltei para Goiânia e em 1974 veio a condenação. A Polícia Federal me prendeu novamente, fui para o CEPAIGO, ficando lá por dois meses. Cumpri a pena de seis meses e voltei a cuidar da vida como disse anteriormente.

Em meados de 1975, a Polícia Federal me prendeu novamente, alegando que o promotor público militar havia pedido o aumento da pena para dois anos. Eu teria que cumprir pelo menos mais seis meses no CEPAIGO para que me liberassem para a condicional. Fui para o CEPAIGO, quando completaram os seis meses eu já havia requerido a liberdade condicional, mas existia uma briga entre os grupos da linha dura militar e aqueles que já aceitavam a abertura.

Os da linha dura tinham muita força e não aceitavam a liberação dos presos políticos. Fiquei preso por mais dois meses, além do tempo que eu poderia ter ficado em liberdade condicional, por força da briga entre os militares. O argumento deles é que éramos um perigo. Quanto mais presos tivessem na cadeia, mais o perigo era eminente; eles não iriam nos liberar. Fiquei preso por mais dois meses desnecessariamente.

Em termos de prisão, o CEPAIGO foi um dos mais angustiantes, pois existia aquela expectativa de sair hoje, amanhã ou depois. No CEPAIGO tivemos várias fases. No dia em que fomos presos nos colocaram em uma cela normal, mas eles tinham medo, pois os presos políticos tinham a fama

de “fazerem a cabeça” dos outros presos. Ficamos apenas um dia na cela comum e como éramos muitos fomos levados para a enfermaria. Éramos mais de vinte pessoas, pois veio também o pessoal de Anápolis e vários companheiros antigos, velhinhos, foi um absurdo aquelas pessoas serem presas. Ocupamos o andar inteiro da enfermaria, e abriram outro compartimento ao lado para que pudessem abrigar a todos.

Alguns trabalhavam na Administração, eu trabalhava na Assessoria Jurídica. Aprendi tudo de Processo Penal, pegava um processo e o dissecava todo. Constatei que 80% dos processos eram falhos. Um dia falei para meu chefe, Dr. José, que como todos aqueles processos tinham falhas, poderíamos esvaziar o CEPAIGO. Eram muitos processos passíveis de nulidade. Como eu havia estudado Direito tinha noção e havia estudado muito dentro da prisão. Ele me respondeu dizendo para que não mexesse e deixasse aquilo quieto.

Muitos e muitos presos estavam lá injustamente, ou os processos eram nulos e eles não se importavam com aquela situação. Mesmo entre companheiros, a maioria era amigos, mas a tensão era permanente. Nervosismo de um e de outro, pois os problemas afloravam. Era muito difícil o processo lá dentro, houve alguns desentendimentos entre o Vilmar e o Elias, já falecidos; eles se desentenderam seriamente na fila da alimentação jogando a comida um no outro. O nervosismo imperava porque a prisão é um processo sério, é terrível, é uma pena dilacerante imposta ao ser humano.

Contarei um episódio da segunda vez que pensei que fosse morrer: Fazíamos reuniões em uma chácara no município de Hidrolândia e compareci umas três vezes. Duas vezes fui sendo levado. Evidentemente havia a recomendação de que fechássemos os olhos para não vermos para onde estávamos indo, mas na terceira vez fui com meu carro, uma Vemaguet, e fui levando alguns companheiros.

Nos interrogatórios eles me perguntaram sobre essas reuniões, onde eram e eu respondi dizendo que tinha ido de olhos fechados e que não sabia onde era. Perguntaram-me se eu realmente tinha ido de olhos fechados e respondi que sim. Eles disseram, então, que eu era capaz de fazer milagres, pois havia ido com meu próprio carro, dirigindo de olhos fechados. Percebi que alguém que tinha ido comigo já havia contado a eles esse episódio.

Disseram que eu teria que ir até lá com eles; disse que não sabia mais onde era. Dois agentes da Polícia me colocaram dentro do carro e fomos para Hidrolândia. A estrada para chegar à chácara era repleta de árvores nos dois lados. Como tinha ido apenas uma vez com os olhos abertos, eu realmente não sabia chegar lá.

Andamos para lá e para cá procurando, mas eu não identificava a entrada da chácara. Um dos “caras” me disse que eu estava dificultando, sonhando as informações, que dariam mais uma volta e se eu não mostrasse onde era a chácara iriam me soltar e “meter” tiros, iriam me matar. Fiquei em um dilema tremendo, fomos e voltamos e eu não encontrava a entrada da chácara. Em uma dessas voltas, eu conhecia o seu Arlindo, o dono da chácara, e ele vinha vindo em uma carroça pela estrada e justamente quase na entrada de sua chácara. Fiquei sem saber como reagir, pois poderia morrer. Como eles já sabiam das histórias, e as filhas do seu Arlindo também eram militantes do Partido, o jeito era dizer onde ficava a chácara, ou morreria por causa daquilo. Pedi que parassem e aponte para seu Arlindo dizendo que era ele o dono da chácara. A chácara era próxima à estrada, mas naquela emoção eu não tinha percebido.

Paramos, o cumprimentei e ele disse para que chegássemos até um pouco mais à frente, uns 50 metros e chegávamos a casa dele. Os policiais foram na frente. As mulheres que estavam na chácara ficaram assustadas, mas já estavam sabendo que tínhamos caído todos. Os policiais foram entrando com seu Arlindo. Uma mulher ficou para trás e fiz gestos para ela dizendo que eu estava preso, ela me confirmou que tinha entendido. Seu Arlindo não tinha militância, ele apenas cedia a chácara; suas filhas tinham pouca militância, tanto é que não foram presas, ficaram apenas no processo como militantes.

Levaram-nos no bananal, em uma casinha onde nos reuníamos; fotografaram o local, me fotografaram. Nesse dia novamente pensei que fosse morrer se não tivesse mostrado a localização da chácara. Seu Arlindo não teve problema nenhum, ficou como testemunha, mas depois ficou de fora.

Fizemos também uma reunião em uma chácara que eu tinha em Trindade, me ameaçaram de desapropriação, mas nada aconteceu.

Quando mataram o Ismael, Paulo de Jesus ligou para minha mãe dizendo a ela que fosse para o quartel naquele momento que iriam me matar, pois já tinham matado seu irmão Ismael. Minha família se apavorou, foi uma situação louca. Foram até o quartel, mas não os deixaram entrar, eles não tiveram acesso a mim.

Enquanto isso, sempre tive muitos livros e li muito. Eles levaram todos meus livros, não me devolveram, não fizeram a ocorrência da relação de livros requisitados. Era um arbítrio total.

ANISTIA

Fiquei preso de 1975 até fevereiro de 1976. Depois que saí não tinha muitas esperanças, mas havia um certo relaxamento. Tanto é que acho que

cometi algumas loucuras. Assim que voltei, mesmo estando em liberdade condicional - todos os meses eu tinha que ir até a Polícia Federal assinar um termo de comparecimento - continuei a militar, organizar algumas coisas no Partido, ajudar os companheiros. Eu sabia que era um risco tremendo, mas não medíamos às consequências. A convicção que tínhamos era de lutar contra a ditadura e sabíamos que determinados riscos tínhamos que correr.

Passsei a contribuir com isso, participava de reuniões, aconselhava, ajudava, mas o medo continuava latente, não podíamos confiar. Tanto é que até a pouco antes da anistia caçaram mandatos e prenderam algumas pessoas.

A ditadura aguentou o que foi possível, não cederam de bonzinhos. Eles tiveram que ceder porque houve um movimento nacional, houve o repúdio da população brasileira. Mesmo assim, setores reacionários faziam tudo para segurar. Cassavam mandatos e se pudessem prender, prendiam.

Haviam desmantelado o Partido Comunista, eles sabiam disso e sabiam também que não havia nem um indício de reorganização. Em Goiás havia se desmantelado tudo, tinham acabado com a guerrilha, então não se preocupavam mais com isso.

Tive alguma militância depois disso, mas após não teve mais condições. Na verdade sempre fui um militante, nunca deixei de ser.

Quando começaram as conversas sobre a questão da anistia, procurei o deputado João Divino e conversamos muito. Ele era extremamente correto, combativo e abraçou a ideia rapidamente. Colocou seu gabinete por conta disso; reunimo-nos, conversamos com as pessoas e começamos a organizar o Comitê pela Anistia. João Divino ficou como presidente, e eu como vice. Eu era meio maluco, pois era ex-presidiário e entrei nessa luta, não queria nem saber. Como João Divino não podia ir todos os dias, pelas suas funções de deputado, na verdade era eu quem dirigia o Comitê pela Anistia no início. Tenho até fotografias.

Reuníamos-nos no Edifício Anhanguera, edifício do Cine Capri. Tentamos envolver o pessoal da Igreja Católica, o Pedro Wilson, e resolvemos nos reunir no SPAR (Secretariado da Pastoral Arquidiocesana). Na minha época de vereador fazia muita coisa no SPAR, próximo à Catedral. Começamos bem. Eram mais as pessoas do Partido e o pessoal da Igreja Católica. João Divino na presidência acabou se inviabilizando, pois não tinha tempo. Eu achava ruim dirigir o Comitê por acreditar que poderia haver algum comprometimento, pois eu ainda era muito visado. Achamos por bem colocar Pedro Wilson como presidente, pois contemplava nosso projeto de envolvimento da Igreja Católica.

A Igreja Católica era sempre retraída e não abraçava tudo. Na verdade Pedro Wilson não foi um excelente presidente, era omissivo, mas pelo menos era o presidente, pois eu não podia ser. Começamos a nos organizar nacionalmente, o movimento pela anistia começou a crescer.

Depois organizamos o Partido Comunista com pessoas novas. Entraram Elias Rassi, Pedro Célio, muitas outras pessoas e foi muito bom. Não eram pessoas marcadas. Pedro Célio era um cidadão inteligentíssimo, muito ponderado e tinha uma grande militância na Faculdade.

Hoje acho que isso merece uma avaliação bastante ampla. Primeiramente, o ser humano sempre se movimentou por convicções, ideologias, correntes de pensamentos, formas de luta. Naquele tempo, junto com a questão democrática no Brasil, porque eu já tinha perfeita noção de democracia e ditadura, eu já tinha convicção democrática, mas tinha também a socialista. Naquele período o Socialismo era uma alternativa viável. O princípio socialista e a questão democrática vinha embasar a nossa luta. Isso nos levava e acreditávamos que o Socialismo seria a solução para os problemas do povo, como eu acho que o Capitalismo não era a solução. Era a solução para o problema da classe capitalista, como está acontecendo agora. Eles pensam em si próprios, no lucro.

Naquele tempo, tínhamos a nos embalar principalmente a questão democrática. Na verdade, quando entrei para o Partido Comunista entrei sem ser comunista. Já tinha lido materiais, mas ser comunista era ser militante, era a pessoa que militava em alguma organização. Você pode conhecer Marx e Lenin a fundo, mas se você não milita em uma organização você não é comunista. Você tem que ser militante para ser comunista. Quando entrei para o Partido, eu não era militante e não era comunista. Entrei para lutar contra a ditadura e para mim isso valia a pena sempre, a luta pela democracia. Essa era a minha convicção democrática.

Até hoje não gosto de muita coisa do PT por achar que não são democráticos, não são de esquerda, não são nada. Um grupo de sindicalistas que tomou conta do poder, que está fazendo as coisas, mas as questões básicas principais da sociedade brasileira estão sendo deixadas de lado. Fica um grupo de sindicalistas tomando conta do país e os banqueiros levando lucros extraordinários. Fazendo doações para os pobres, me parece que são 10.000.000 (dez milhões) em cestas básicas, e serão mais 5.000.000 (cinco milhões), amortecendo a luta e a convicção desse pessoal.

Tem muita coisa que me faz ainda ser um militante da causa democrática. Não sou mais comunista, pois não estou mais no Partido Comunista, nem ele existe mais como era no meu tempo, mas tenho a convicção democrática de que muita coisa ainda deve ser feita pelo povo.

Acho que a luta valeu a pena. O sacrifício foi algo que tivemos que passar e tolerar, eu não esperava por isso. Nós no Partido e a sociedade brasileira tínhamos a noção de que o Exército Brasileiro era aquele que se recusou a mandar soldados atrás de escravos na época da escravidão. Isso permaneceu, a imagem de um Exército legalista e que não torturava. Esquecíamos que o Exército havia praticado barbaridades na Guerra de Canudos. Houve degolas, mataram trabalhadores e camponeses. T í - nhamos essa convicção e isso acabou, pois acho que o Exército hoje é capaz de tudo, capaz de qualquer coisa, mas que felizmente está enquadrado dentro das normas democráticas.

Acredito que tenha valido a pena. Eu fui um dos que perdeu muito com isso do ponto de vista pessoal. Atrasou meu curso e sem dúvida desorganizou a minha formação universitária. Meu curso ficou seccionado. Fiz o curso até a metade, fiquei quatro anos fora, depois voltei para a universidade e me formei, mas isso sem dúvida me atrapalhou imensamente.

A tortura me deixou sequelas físicas e psicológicas. Por mais durão que eu tentasse ser, passei anos e anos atemorizado com barulhos de porta, de correntes. Acordava à noite sobressaltado; tinha medo, muitas vezes acordava sem saber onde eu estava.

Eu não ficava nem em boteco, não gostava de ficar com as costas viradas para fora, eu precisava ter o mínimo de controle sobre o ambiente. Fiquei inseguro durante anos.

Com a cabeça que eu tenho, ainda bem que sou ateu, senão seria ainda pior para mim.

Uma questão que quero ressaltar: O fato de ser presidente de uma entidade onde se congrega ex-presos políticos e ex-perseguidos demonstra que mesmo depois de 1964 nunca deixei de lutar. Participei de movimentos, depois participei ajudando a dirigir o movimento pela anistia.

A luta pelas Diretas: Uma das grandes glórias que tenho é de ter falado na Praça Cívica no palanque para milhares de pessoas; eu era vereador na época e pra mim foi algo extraordinário.

Depois entrei na luta pela reparação econômica. Sempre estive na luta, nunca deixei de lutar.

Acho deplorável que governos como o do Fernando Henrique, do Lula - do Itamar Franco nem tanto, porque naquele tempo a luta ainda não estava tão consagrada, mas principalmente agora - o Lula que é um anistiado, vindo da ditadura, permita que a Advocacia Geral da União faça um parecer onde se isenta os torturadores de punição.

O fato é que no mundo a luta é para que a tortura e o desaparecimento de presos políticos seja um crime imprescritível. Enquanto existir

um só desaparecido, o crime não prescreve porque o objeto do crime ainda continua vigorando.

Sou plenamente favorável que se puna torturadores. Torturador não pode ser anistiado, porque o que eles cometeram não foi um crime político, nem conexo, foi um crime contra a humanidade, contra o ser humano. Sou favorável a que sejam punidos, e que esse Governo do Lula tenha mais coragem e esclareça isso porque enquanto tiver um desaparecido esse problema não deixará de ser levantado. Essa questão precisa ser resolvida para que seja esclarecido às famílias e à sociedade o que foi feito com seus entes queridos. Enquanto houver isso não deixaremos de lutar: Primeiro pela punição dos torturadores, e segundo pelo esclarecimento do desaparecimento e das mortes dos presos políticos.

Acho um absurdo o resquício de ditadura que ainda existe. No Brasil ainda existe muita coisa da ditadura. Várias leis da época. Existe a Lei de Imprensa da época da ditadura, existem Códigos Militares, todos da época da ditadura. É preciso se extirpar da sociedade brasileira e das estruturas políticas os resquícios de leis da ditadura, e esclarecer a situação dos desaparecidos porque, enquanto houver isso, esse problema não estará solucionado, continua sepultado.

Felizmente o Brasil está sendo pressionado pelo exterior, principalmente pela Espanha, e até pela Argentina e Uruguai, no sentido de esclarecer esse assunto. Na Espanha estão tentando punir os torturadores, os assassinos da época da ditadura do Franco, que foi em 1936. Então, porque no Brasil vamos deixar isso impune?

Infelizmente o Governo do presidente Lula está preocupado com outras coisas, e não acho que a Advocacia Geral da União – AGU faria um parecer daquele tipo se não houvesse acordo com o presidente da República. Está havendo uma dissonância entre a Presidência da República, o Ministério da Justiça e a Secretaria dos Direitos Humanos.

O Ministério da Justiça e a Secretaria dos Direitos Humanos estão agindo corretamente, a Presidência da República é que está embaraçando. Lula está com receio de desenvolver qualquer ação que possa desagradar os militares. O que acontece é que o que vai ser condenado não é a instituição do Exército Brasileiro, quem serão condenados são os torturadores do Exército. Os atuais dirigentes do Exército teriam que se desvincular daquele passado se tivessem interesse em trazer a paz definitiva para a sociedade brasileira.

JOSÉ ELIAS FERNANDES

Data de nascimento: 04/12/1941



Sou José Elias Fernandes, nascido em quatro de dezembro de 1941, jornalista profissional e bacharel em Direito. Casado, pela segunda vez, com Mara Nei Negreiro Rego Elias, advogada, pessoa muito bem humorada, minha alegria de viver e inspiração de um amor que muito me fortalece. Tenho três filhos: Valéria, José Elias Junior e Fábio Elias Araújo. Valéria é professora, e os outros dois são engenheiros.

Particpei de uma geração que acredito será valorizada na história, especialmente nos anos 50, 60, 70 e 80. Acredito que as futuras gerações aprenderão, porque marcou uma verdadeira transformação, não só na política, mas na cultura, nas artes, nos vários setores de atividades da vida brasileira. Foi na nossa geração que se formaram os grandes líderes políticos da transformação, da criação da Nova República, da transformação da vida política do Brasil, formados justamente naquele movimento estudantil do qual participávamos e que era uma verdadeira escola de formação de líderes através dos grêmios, das entidades escolares - em Goiás, a União Goiana dos Estudantes Secundaristas - que acontecia no Brasil inteiro.

Foi essa geração a responsável pela mudança da música popular, criando a Bossa Nova; transformou o cinema, criando um cinema novo; criando a Tropicália; trazendo a música sertaneja, que era restrita apenas ao campo, para os grandes palcos. Uma geração tão rica da qual surgiu o maior atleta do mundo, o Pelé. Grandes músicos, grandes cantores, grandes compositores, além de grandes políticos capazes e responsáveis pelas maiores transformações que o Brasil assistiu no final do milênio, no final do século passado.

HISTÓRICO DE LUTAS NO CENTRO OESTE

Essa luta na qual nos empenhávamos não começou conosco. É bom salientar que o nível, o estágio de desenvolvimento que o Brasil alcança hoje, o Centro Oeste, especialmente o estado de Goiás, não acontece como produto do trabalho apenas dos governantes atuais. Vem de uma luta que se iniciou há décadas, há séculos atrás, com o José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca da independência, pregando a necessidade de interiorização do desenvolvimento do Brasil.

O Brasil sempre foi um país que usufruiu do conforto do litoral, sonhando com a cultura e civilização européia, sendo extorquido pelas empresas multinacionais inglesas e americanas. Porém, dando as costas para toda a vastidão e imensidão do interior, que era a maior parte do país e vivia no total abandono, desprezo, descaso, carência, miserabilidade, no isolamento porque não existiam nem rodovias para contato, o contato era feito apenas por algum veículo de comunicação, algum jornal ou revista que chegava por aqui naquela época. Essa política pela valorização do Centro Oeste, pela interiorização do desenvolvimento foi, inclusive, fortalecida pela primeira Constituição da República em 1892. A Constituição Republicana reservou uma área de 14.400 km para a implantação da nova capital, justamente onde está Brasília, o chamado quadrilátero de Brasília.

O segundo presidente da República, Floriano Peixoto, nomeou uma comissão tendo à frente o cientista Luiz Cruz e cerca de vinte outros cientistas para demarcar o local da nova capital. Logo em seguida tivemos alguns movimentos importantes como o General Couto Magalhães, herói da guerra do Paraguai, tentando interiorizar o progresso através da implantação da navegação fluvial. Tivemos o Mauá, primeiro grande empresário brasileiro tentando trazer a ferrovia, conduzir o progresso, a industrialização e também a navegação para o interior do país. Nós contamos com o empenho e o esforço do General Cândido de Rondon, que se embrenhou pelo Mato Grosso até a divisa da Bolívia levando as linhas, as redes do telégrafo para abrir comunicação com esse interior do Brasil.

Aqui em Goiás tivemos também o esforço de Pedro Ludovico para tirar a capital da cidade de Goiás, antiga Vila Boa, que, embora uma belíssima cidade, era considerada um buraco de garimpo, resgatando-a para o Planalto Central dentro dessa política de interiorização e fortalecimento do interior do Brasil. Há de se considerar um fato político interessante que foi a marcha do Prestes, a chamada “Coluna Prestes”, que foi a maior marcha cavalgada do mundo, em que, durante mais de dois anos, nos anos 1925, 1926, 1927, Prestes com a elite de oficiais da época, companheiros

seus do Exército brasileiro e demais lideranças que o acompanharam, percorreram mais de 20.000 km do território brasileiro. Saíram da região Sul, percorrendo o Centro Oeste, indo para o Norte, passando pelo Nordeste até descerem novamente para o sul, chegando ao Uruguai e a Bolívia. Embora fosse uma comitiva de oficiais de alto nível, acompanhada por centenas de outras pessoas, eles não conseguiram a transformação política desejada, mas tiveram contato com o interior do país, fato que nunca pessoas daquele nível tinham tido a oportunidade de promover, conhecendo a situação de carência do povo brasileiro. O interessante foi que ao perseguir a Coluna Prestes, embora nunca tenha havido o desmantelamento da Coluna, o Exército também percorreu todo o caminho, às vezes com combates, mas acompanhando e vigiando à distância. O Exército integrado por oficiais que pela importância histórica do evento acabaram sendo promovidos a pessoas decisivas do Exército e da política brasileira. Isso permitiu uma visão muito importante do interior do Brasil e contribuiu para transformações. Por exemplo, João Alberto, que era um dos homens do Prestes, veio a se tornar ministro de Getúlio Vargas. Temendo a ocupação desses vazios do Brasil pelas forças que combatiam após a guerra, o Japão e outras nações carentes de território, Getúlio, inspirado pelo ministro João Alberto, criou a chamada “Marcha para o Oeste” que foi, através da Fundação Brasil Central, um movimento muito importante de ocupação desses espaços vazios.

Com sede em Aragarças, cidade da qual fui prefeito de 2001 a 2005, a Fundação Brasil Central implantou uma missão chamada “Roncador Xingu”, por meio da qual praticamente se deu as primeiras ocupações do estado do Mato Grosso, até então do lado esquerdo do Araguaia, que era ocupado apenas por feras e índios; um ou outro morador muito escassamente. A Fundação Brasil Central permitiu a construção de picadas, que depois se transformaram em rodovias. Nos pontos de apoio desta expedição, acabaram surgindo grandes cidades do Mato Grosso de hoje. Isso agora há 50, 60 anos atrás. Portanto, esse movimento que nos empolgava aqui em Goiânia nessa época era produto de uma luta de muito tempo; de outras forças políticas que buscavam a renovação; de outros idealistas, lutadores do Brasil. Logo em seguida, a coroação desse movimento foi a construção de Brasília por Juscelino Kubitschek, inaugurada em 1960.

Com o progresso, com a vinda de Brasília, vieram as rodovias, veio o desenvolvimento de um modo geral, veio o crescimento da população com novos costumes, novas culturas, novos hábitos. Veio a mídia. Era a época do surgimento da televisão, em que o povo começava a se integrar e a ver os costumes de outras regiões, de outros lugares. Isso fermentou a política, especialmente da juventude que acompanhava de perto, que se dedicava,

que estudava para ter uma atuação mais eficiente, de tal ordem que, através dos grêmios estudantis, das nossas entidades, tínhamos uma atuação permanente nesse sentido.

Aqui quero prestar uma homenagem a essa geração porque não tivemos tempo para as drogas, não tivemos tempo para frequentar estádios e promover a violência. Agora vemos o esporte transformado em jogo, o jogo virando violência. Nós fomos uma geração que buscávamos nos inspirar em Monteiro Lobato na luta do petróleo; nas obras de Ozi Duarte Pereira; em Leôncio Basbaum; em Josué de Castro, com a Geopolítica da Fome; Anízio Teixeira; Paulo Freire, da educação; e em tantos outros. Nós valorizávamos, inclusive nessa luta, a poesia. Quando víamos os movimentos da igreja apoiando a ditadura, nós nos empolgávamos e recitávamos Castro Alves: “Quebre-se o cetro do Papa, faça-se dele uma cruz! Que a púrpura sirva ao povo pra cobrir os ombros nus”. Era um tempo de luta, de empolgação, de entusiasmo dessa juventude.

A vinda de Brasília ensejou também o fortalecimento da luta de classes, os sindicatos, associações, as associações de trabalhadores rurais, o surgimento do sindicalismo rural.

Depois de Juscelino, assumiu a presidência Jânio Quadros que durou pouco tempo, foi deposto pela pressão da extrema direita. Há de se lembrar que Juscelino enfrentou reações na própria posse, mas conseguiu conciliar até o término de Brasília e do mandato. Não elegeu sucessor. Foi eleito Jânio Quadros, que governou em constante crise. Tentando administrar com a direita e a esquerda acabou pressionado a renunciar por força da direita. O seu sucessor, o vice João Goulart, vinha de origem trabalhista e foi impedido de tomar posse porque, coincidentemente quando Jânio Quadros renunciou, ele estava na China visitando Mao Tse Tung, uma das maiores lideranças da esquerda no mundo. Houve um levante nacional: o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola; o governador de Pernambuco, Miguel Arraes e o governador de Goiás, Mauro Borges, levantaram um movimento nacional pela posse de João Goulart na presidência da República. A direita, embora com os militares respaldando-a, não teve a possibilidade de não aceitar a posse de “Jango” que, ainda assim, durou pouco tempo no governo.

Logo em seguida houve a chamada “Revolução de 31 de março de 1964”, de triste memória, que depôs o João Goulart, fechou o Congresso e começou a acabar com toda a estrutura política que vínhamos alegremente montando, que era a dos sindicatos, das associações, das entidades; esse fortalecimento, esse rejuvenescimento da política brasileira, que era o sepultamento das antigas políticas e a renovação com essas forças das quais

participávamos. Esse movimento de 31 de março foi que muito sacrificou toda a nossa geração. Somos produtos de uma luta contra a ditadura militar implantada nessa época.

MILITÂNCIA

Recém-chegado a Goiânia, vindo de Guapó, do interior do município onde trabalhava na roça, no cabo da enxada com minha família como minifundiária, logo me empolguei com o movimento estudantil. Inicialmente na Escola Técnica, mas sem qualquer destreza para participar. Dois anos depois fui para o Lyceu de Goiânia e comecei a atuar no grêmio como representante de classe. Comecei a fazer curso de oratória, participar de teatro e de outras atividades que eram pertinentes à juventude daquela época.

Qual era o tema da nossa luta, das nossas reivindicações políticas? Era a melhoria da saúde; na zona rural, por exemplo, não havia o mínimo de assistência médica. Eu me lembro de ver vizinho adoecer, e o que o curador, o benzedor ou o farmacêutico não curava, o cidadão ficava em casa, recebendo a visita de parentes e amigos até a hora da morte. Só havia em Goiânia, na capital do estado, a Santa Casa para atender todo o estado. Então, raras pessoas tinham acesso à assistência médica ali. Reivindicação na melhoria do ensino. Na década de 50, Goiânia tinha apenas três colégios públicos: a Escola Técnica Federal, o Lyceu de Goiânia, estadual, e um modesto ginásio municipal. No mais, quem tinha condições pagava escola particular, normalmente religiosa: o Ateneu Dom Bosco, o Agostiniano e, em Campinas, o Colégio Santa Clara. Nós brigávamos pela melhoria e massificação do ensino; além de melhoria na qualidade, a difusão para o atendimento de maior público.

Para entrar no Lyceu, por exemplo, participei de um exame de seleção chamado de admissão. Antes tive que aprender Latim, Francês, além das matérias tradicionais, umas dez outras matérias curriculares. Tinha que aprender a fazer traduções, versões do Latim, noções de Francês. Eram limitadas as possibilidades de acesso.

Embora trabalhando em funções modestas como balconista de bar, lavando chão de restaurante, eu atuava no grêmio, que era nossa grande escola no setor político, a grande escola da nossa geração. Foi muito importante, também, a União Goiana dos Estudantes Secundários. Ela congregava todos os grêmios estudantis da capital e do interior do estado. Como tínhamos poucas faculdades, as entidades, os diretórios dos estudantes acadêmicos de Direito e de outras poucas faculdades se aliavam à União Goiana dos Estudantes para as lutas políticas. Era uma força muito grande,

formadora de opinião pública junto à juventude. Lembro que na época até se elegeram alguns vereadores e deputados com a força do movimento estudantil.

Eu já estava no grêmio e na UGES, comecei a trabalhar em jornal com um grande esforço para aprender jornalismo, praticamente sozinho, trabalhei no Diário do Oeste, depois fui para o jornal “O Popular” justamente para escrever uma coluna que se chamava “Sindicatos e Associações”. Dando cobertura àqueles movimentos, eu me sentia valorizado e orgulhoso de poder dar cobertura ao movimento dos trabalhadores rurais poucos anos depois de ter saído da roça. Agora em uma redação de jornal, às vezes mandando notícias para a televisão sobre o movimento dos trabalhadores, da minha categoria, da minha família, do meu pessoal que estava lá. Nessa época comecei a ter contato com organizações de esquerda, Partido Comunista e outras que havia naqueles cursos de formação política, que eram normais. Infelizmente a ditadura interrompeu tudo isso. Tentávamos, insistíamos na luta, mas não foi possível.

Infelizmente perdi o emprego, fui afastado do jornal e fiquei desempregado por um tempo. Meu pai faleceu em 1964, fiquei cuidando da minha mãe e dos meus irmãos menores já as vésperas de me casar, foi um período muito difícil, mas continuamos nesse esforço.

Era um tempo de tanto medo, de tanto pânico que me lembro de um episódio: Eu era diretor da Associação Goiana de Imprensa; Batista Custódio, do Jornal “Cinco de Março”, com quem eu trabalhava, era o presidente; hoje ele é o atual dono do jornal “Diário da Manhã”. Dom Helder Câmara tinha sido arcebispo no Rio de Janeiro e lá promoveu uma grande campanha, ficou popular em todo o país, mas a igreja marchava com a ditadura pelo bem do país, formando filas de pessoas para dar o ouro para o bem do Brasil. As pessoas compareciam em solenidades públicas na Praça Cívica, na Praça dos Bandeirantes levando a correntinha e até a própria aliança e doando. Era a igreja ajudando a financiar a ditadura. Aqui em Goiás, Dom Fernando, que depois veio a romper com a ditadura, nessa época foi um bispo que participava desse movimento. Dom Helder Câmara, desde o Rio de Janeiro, já havia começado a romper com a ditadura. A igreja o mandou para Recife e Olinda, no Nordeste. Ele passou a ser um paladino da liberdade nessa época, e eu, como diretor da AGI, o convidei para que viesse a Goiânia ministrar uma palestra. O auditório da AGI era pequeno, e, para nossa surpresa, quando ele chegou só estávamos nós da diretoria para recebê-lo e ouvi-lo. Ninguém havia comparecido tamanho era o medo que as pessoas tinham de se aproximar de um arcebispo que era perseguido pelos militares. Havia episódios dessa ordem nessa época.

Logo em seguida entrei para a Faculdade de Direito, passei a trabalhar no jornal “O Popular”, já então casado, com responsabilidade familiar, logo tive a primeira filha: Valéria. Cuidava da minha mãe e irmãos menores e ainda com a responsabilidade na empresa. Eu não só tinha a coluna no O Popular como assessorava o senhor Jaime Câmara, que era titular da empresa e ainda dirigia um departamento da televisão, mesmo assim continuei na política estudantil.

Em pleno AI-5, em 1972, fui candidato a presidente do Centro Acadêmico Onze de Maio da Faculdade de Direito da Universidade Federal, que era a entidade mais prestigiada pelos estudantes universitários e pelos estudantes do Centro-Oeste. Antes da eleição, quando me candidatei, muitos me procuravam e diziam: “Zé Elias, você é um sujeito casado, jornalista com certo prestígio, ser candidato a uma entidade dessas, num tempo desses de tamanha perseguição e violência, você está ficando é louco!” Eu dizia que se existia a entidade era necessário alguém para dirigi-la.

Eu me lembro que o ex-deputado Olinto Meirelles havia sido presidente do centro acadêmico e a ditadura, para denegri-lo, publicou e espalhou um grande painel com a fotografia dele em um congresso internacional de estudantes em Pequim, em que ele aparecia jantando ao lado de Mao Tse Tung, que era uma das expressões mundiais da esquerda. Para mim, aquilo ao invés de denegri-lo fazia era homenageá-lo e promovê-lo. Ele havia sido presidente do centro acadêmico bem antes de mim.

Na eleição do centro acadêmico, um colega, hoje notável advogado Felicíssimo José de Sena, que era o presidente da Arena Jovem (Arena era o partido de sustentação da ditadura, enquanto o MDB era o partido da oposição, eram apenas dois partidos) se candidatou pela oposição. Às vésperas da eleição, vendo que iria ser derrotado, renunciou a candidatura e conclamou aos colegas dele que votassem em branco. Tive a alegria de contar com quase unanimidade dos votos dos alunos da faculdade, inclusive com os votos das pessoas que faziam cursos de especialização e não tinham obrigação de votar, mas que também compareceram.

Foi uma luta muito bonita dentro da faculdade, mas que infelizmente me custou muito caro. Eu, no diretório, promovia vários cursos para estimular, para dar oportunidade de encontros e debates políticos. O curso mais concorrido era o de oratória para treinar o pessoal a fazer discursos. Tanto colegas da faculdade de Direito, quanto colegas de outras faculdades vinham participar do curso ou assistir às aulas práticas, porque cada aula prática ensinava aos alunos a fazerem seus discursos. Os temas dos discursos eram sempre denúncias de violência, mortes provocadas pela ditadura, demissões, sequestros, todo tipo de arbitrariedade praticada pelo

regime militar. O curso era dirigido pelo professor Jerônimo Geraldo de Queiroz, que havia sido fundador e reitor da universidade, diretor da Faculdade de Direito, que começou apoiando a ditadura, mas que também, como a igreja católica, rompeu com a ditadura e passou a ser um dos seus críticos. Muito eloquente, muito prestigiado no meio universitário, seus discursos chamavam a atenção de um grande público.

Na abertura desses cursos sempre fazíamos uma grande solenidade. Em uma dessas, convidei para ministrar uma palestra o arcebispo Dom Fernando Gomes dos Santos, que a essa altura já estava rompido com a ditadura, como toda a igreja. A palestra seria no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal. Às vésperas da promoção, recebi um recado ameaçador dizendo que se eu comparecesse com Dom Fernando, ambos seríamos presos juntamente com toda diretoria do centro acadêmico. Eu nem quis me comunicar com Dom Fernando, esperei para ver o que ia acontecer. Eu sempre dizia: eu corro o risco e pago o preço, dentro dos limites do possível. Fomos para a abertura do curso, esperamos por um tempo, Dom Fernando não compareceu; então, fiz um discurso denunciando o que estava acontecendo. Felizmente nesse dia não fui preso, talvez porque havia muitas pessoas presentes.

Tive a alegria, durante a presidência do centro acadêmico, de adquirir uma grande liderança no meio universitário. Nessa época, a universidade promovia formatura unificada de todos os cursos e eu fui escolhido por unanimidade pelos diretórios acadêmicos da Universidade Federal para ser o presidente da Comissão Unificada de Formatura da UFG e, também, para ser o orador e falar em nome de todos os formandos de todos os cursos daquela época. Essa minha liderança cresceu de tal forma que acabei pagando caro por isso, porque sempre dei minha contribuição para a política de oposição ao regime, ao sistema; e, na medida em que eu crescia, mais a minha fala e condenação ao regime repercutiam.

A QUEDA DE MAURO BORGES

Um episódio que gostaria de reportar é a queda do governador Mauro Borges. Foi no dia 26 de novembro de 1964. Na época, eu trabalhava como jornalista na “Folha de Goiás” e dava cobertura também para a Rádio Clube.

Mauro Borges começou com o movimento pela posse de “Jango”, quando Jango caiu ele tentou dar apoio aos militares. Aqui em Goiás, ele promoveu uma grande confusão perseguindo até seus próprios assessores para agradar à ditadura, mas não chegou a merecer a confiança dela, a tal

ponto que o ameaçavam de afastá-lo do governo. Ele tentou judicialmente, junto ao Supremo Tribunal Federal, mas não conseguiu e isso gerou em Goiás uma crise que durou meses.

Eu era novo na imprensa e foi o meu maior exercício e oportunidade de progresso profissional, porque no Palácio reuniam-se repórteres dos maiores veículos de comunicação do Brasil na época: Revista Manchete, Revista Cruzeiro, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo; um jornal prestigiado por todos da esquerda, que era o Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, onde se notabilizavam grandes nomes da imprensa da época. Todo esse pessoal concentrado no Palácio à guisa de proteção do governador; toda liderança política que o apoiava se concentrava ali.

A Praça Cívica passou durante pelo menos um mês o tempo inteiro lotada de pessoas. A imprensa dando cobertura, esperando quando Mauro cairia. O telefone tocando a todo o momento. Havia plantões no aeroporto para ver as pessoas que aqui chegavam. Isso se arrastou por muito tempo, e nós convivíamos quase que na intimidade da família do governador Mauro: dona Lourdes Teixeira, primeira dama; seu filho Maurinho, que tinha sido meu colega no Lyceu. Naquele tempo o filho do governador estudava com o roceiro, recém-chegado do campo, que trabalhava à noite em um bar. Era engraçada a situação. Essa crise foi se arrastando, e eu convivendo, aprendendo, vendo como os jornalistas já notáveis procediam. Esse foi um período de grande aprendizado pra mim.

No dia 26 de novembro começou, logo pela manhã: aviões militares dando rasantes em cima do Palácio das Esmeraldas para atemorizar o Mauro, a fim de que ele abandonasse, que ele renunciasse ao Governo. Mauro resistia e acabou saindo para dar uma entrevista fora do Palácio. Diante daqueles voos rasantes e insistentes que duraram a manhã toda, Mauro começou a fazer um discurso direcionado aos militares que estavam no avião. Eu com o microfone da Rádio Clube de Goiânia, dos Diários Associados, onde eu trabalhava. Ele foi se aproximando de uma Kombi da Rádio Brasil Central, e eu acabei ajudando-o a subir em cima dessa Kombi. Eu lhe entreguei o microfone da Rádio Clube de Goiânia, e ele fez o discurso direcionando aos aviões dos rasantes, logo depois desceu e se recolheu ao Palácio.

Em seguida chegou uma expedição do Exército em carros oficiais: aqueles carros pretos com placas pretas e tarjas verdes. Voltamos para frente do Palácio novamente para acompanharmos a mensagem que os oficiais traziam. Eu me lembro que estava do lado do motorista, mas quem conduzia a mensagem estava do lado oposto. Ao descer, o oficial com a carta na mão, o público se aglomerou de tal forma que, não sei se propositalmente ou em função do aglomerado de pessoas, alguém empurrou aquele

oficial e ele puxou da cintura uma arma de fogo parabellum. Eu transmitindo: acaba de chegar ao Palácio das Esmeraldas uma equipe de oficiais para entregar um documento ao governador Mauro Borges, parece ser um ultimato para sua renúncia. Quando vi a arma, por coincidência na minha direção, eu deitei de lado nesse carro e gritei: atenção estúdio vai sair tiro, houve agressão, vai sair tiro, desliga que vai sair tiro. Conduzia um aparato enorme, maleta cheia de fios e microfones. Saí correndo com essa maleta naquela viela do lado direito do Palácio; pessoas tropeçando e rolando em cima daqueles fios, foi um tumulto terrível. Em função dessa confusão, a Rádio Clube acabou sendo punida, ficando fora do ar por alguns dias.

Logo a situação se acomodou, Mauro recebeu o ultimato e acabou deixando o Palácio, não tinha outra alternativa. A população estava ali, eram muitas pessoas armadas. Percebi que se houvesse um tiro por parte daquele militar, haveria um grande tiroteio porque os amigos do Mauro e de Pedro Ludovico estavam ali, e a maioria armada. Acredito que só não houve uma agressão maior por temor à reação popular.

No momento em que Mauro atendeu ao ultimato, saiu, veio caminhando, entrou pela Rua 26, hoje Avenida Dona Gercina, veio pela Praça Cívica a pé, e aquela multidão atrás dele caminhando até a casa do seu pai (coincidentemente moro ao lado do Museu Pedro Ludovico, que foi projeto meu quando deputado estadual). Doutor Pedro Ludovico estava na porta com outros familiares para receber Mauro Borges. Houve alguns discursos, mas logo as pessoas se dispersaram e encerrou-se ali o período da administração Mauro Borges, que havia sido uma administração revolucionária. Mauro criou alguns órgãos inovadores, que até hoje funcionam: Metais de Goiás S/A – METAGO; Indústria Química de Goiás – IQUEGO; criou a Distribuidora de Petróleo de Goiás - Dispetrogo; o Consórcio de Empresas de Rádiodifusão e Notícias do Estado - CERNE, para dar eficiência à comunicação do Governo; Aglomerado Agro Urbano, para a promoção de assentamentos de camponeses sem-terra; também a Saneamento de Goiás S/A - SANEAGO foi criação do Mauro Borges. Houve uma série de medidas administrativas renovadoras em Goiás. Na verdade perdemos um grande Governo, que foi substituído pelos coronéis da ditadura, que vieram mais com o intuito de saquear o estado e prestigiar os empresários desonestos que financiavam a ditadura.

PRISÃO

Em 1966, ocorreu a notícia que Tarzan de Castro havia sido assassinado ao fugir do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro. Eu estudava

no Lyceu de Goiânia, onde já granjeava como jornalista e orador da época, eu era boa liderança no colégio, ao lado de Nelson Figueiredo e outros colegas. Convoquei uma greve geral no colégio à noite e, à medida que o colégio parou, reunimos todos no pátio e começamos os discursos. A polícia chegou, comandada pelo oficial do Exército na época, e promoveu um tiroteio que, eu acho, nunca antes foi visto em um estabelecimento de ensino. Cobriram o colégio de tiro, quebrando paredes e telhas com balas de carabina, fuzil e revólver. Deram tantos tiros que acabaram matando um soldado, próprio colega deles.

Eu trabalhava no “Cinco de Março” nesse período e fiz uma matéria contando que a diretora tentou rezar um terço, nos convidando a ir a um saguão embaixo das escadas, um local mais protegido, mas infelizmente o terço não passou do primeiro mistério com tanto tiro e tamanho o pânico que tomou conta dos cerca de mil estudantes, a maioria menor. Foi uma noite negra e muito triste. Naquele tumulto todo vinha chegando o comandante da polícia, eu como jornalista já o conhecia, gritando com a diretora em alta voz, agressivamente. E eu que sempre tive o extinto de proteger o mais fraco, senti a necessidade de passar na frente e gritei pedindo que respeitasse o colégio; aquela quantidade de professores e estudantes não merecia tamanha violência e agressão. Ele só “meteu” em mim uma varinha que ele trazia na mão e mandou que me recolhessem. Já me algemaram e me recolheram. Fui o primeiro de uma fila de vários colegas que também foram presos nessa noite. Minha primeira experiência de prisão foi essa.

Tive outra experiência de prisão, ainda trabalhando no “Cinco de Março”. Dando cobertura a uma greve na porta do Lyceu de Goiânia, fui recolhido pela Polícia Federal e conduzido ao 10º andar de um prédio na Avenida Goiás com a Rua 1, onde funcionava uma delegacia, juntamente com o Eduardo, meu colega do jornal. Lá ficamos das dez horas da manhã até as duas da madrugada, sem beber nem água, recebendo apenas insultos. Já de madrugada, nos depoimentos, tive um entrevero com o delegado, que até era meu conhecido, que me chamou por um nome pesado e eu retruquei, revidei com outro ainda mais pesado. Ele acabou me agredindo. Ele me agarrou dizendo que me jogaria do 10º andar, começou a me arrastar rumo à janela. Eu que sempre gostei de fazer treinamentos físicos, dei uma gravata no pescoço dele e ficamos os dois na janela, com medo de cair; ele tentando me empurrar, eu tentando empurrar ele, até que os demais policiais chegaram para nos apartar. Foi um momento bem tenso nessa época.

Ocorreu uma situação delicada que mudou muito meu comportamento a partir desse episódio. Eu publicava no jornal matérias assinadas e fazia matérias sem assinatura, que eram de responsabilidade do jornal. No

entanto, no interrogatório fui muito questionado sobre matérias que eu sabia que havia feito, mas não levavam a minha assinatura. Ali vi o nível de penetração que a polícia tinha, até nas redações, para saber o que fazíamos ou deixávamos de fazer. Isso muito contribuiu para meu comportamento posterior, até no relacionamento com outros colegas e com entidades. Por exemplo, fui convidado para fazer parte de uma célula do Partido Comunista. Eu evitava ao máximo participar de reuniões porque sabia que estava colocando em risco meus colegas por ser um jornalista com certa notoriedade. Nos questionamentos que me fizeram no interrogatório, eu vi o nível de acompanhamento que me faziam anteriormente. Diante disso, passei a me resguardar bastante.

No dia 17 de julho, se não me engano, em uma segunda feira, eu havia participado no domingo anterior de um programa de televisão em Rialma, chamado Gincana Colegial. Ajudei fazer o programa até domingo à noite. Na segunda feira vim pela manhã. Depois do almoço em casa, eu deixei minha esposa Maria Alderi no médico, no Hospital Santa Luiza, na Avenida Goiás com a Avenida Paranaíba. Ela estava no quarto mês de gravidez. A deixei no hospital e fui para a redação do jornal “O Popular”, que funcionava na Avenida Goiás, entre as ruas 2 e 3. Trabalhei a tarde e quando saí para pegar a esposa no hospital, a Polícia Federal me fechou. Eu estava em uma viela que liga a Avenida Goiás com a Rua Oito. Na saída da rua, os policiais me fecharam, me vestiram um capuz, me algemaram e me jogaram no banco de trás do carro. Era de tarde e ficaram rodando comigo até alta noite e eu não sabia para onde estava indo. Tempos depois descobri que estava sendo levado para o quartel do 10º BC, que funciona no Jardim Guanabara, que não é tão distante, mas ficaram rodando comigo até tarde da noite, para me confundirem. Eles me jogaram em um banheiro no quartel. Só neste sanitário fiquei preso por mais de 30 dias.

Minha preocupação era minha mulher grávida me esperando na porta do hospital, e minha filha que a Kombi deixaria em casa. Fiquei preocupado pensando o que uma criança de três para quatro anos faria sozinha na porta de casa. Jackson Abrão, que trabalhava comigo na empresa, assistiu o meu sequestro, foi ameaçado, aterrorizado e não teve coragem de contar a ninguém. À noite, após a apresentação do noticiário que ele apresentava juntamente com o José Divino, ele contou para o José, que pegou a lambreta, foi na minha casa contar a minha esposa o que havia acontecido. Só então, ela soube o que havia acontecido comigo.

Fiquei no quartel preso, incomunicável, trancado nesse banheiro. Às vezes, para tentar saber onde estava eu pulava na grade do pequeno vitrô. Demorei a descobrir que estava no 10ºBC. Sabia que estava em uma

instalação militar pelos barulhos, pelas cornetas, pelas marchas e outras coisas. O soldado vinha com a baioneta e passava o saibro no vidro, se não soltasse logo a mão dali, decepariam os dedos da gente.

Alderri tentou se comunicar comigo nessa prisão incomunicável. Embora o coronel comandante fosse meu conhecido da redação do jornal, ela ficou praticamente um mês tentando a comunicação. O pior é que além de prenderem a mim, prenderam meu carro, meu fusquinha, também. Minha mulher ficou andando de táxi, de carona, pedindo ajuda aos outros para se deslocar, pois meu carro também havia sido preso comigo no quartel. Esse isolamento durou um mês, até que permitiram a visita dela. Foi pior do que se não tivesse visitado. Era um salão muito grande, um grupo de soldados em uma ponta do salão, outro me vigiando de cá. Quando ela viu minha situação deplorável, magro, com sinais de machucado, terrivelmente desmantelado, ela começou a soluçar, chorar e não conseguimos nos comunicar. Foi um momento da vida muito dramático, muito triste. Depois ela foi retirada, e eu me recolhi ao sanitário onde eu me encontrava.

Quando eles precisavam se comunicar, ou deixar alguma ração para comer, batiam o cabo da arma na porta, e eu tinha que correr, me encostar na parede, colocar as mãos no rosto, tapar os olhos encostado na parede (não podia usar cinto e a calça ficava folgada com o emagrecimento, tinha que abrir as pernas para a calça não cair). Eles nos vestiam um capuz, assim como no dia do sequestro, e às vezes nos algemavam e arrastavam para as sessões de tortura. Qualquer comunicação era feita dessa forma.

Eu me lembro que em certo dia escutei os estertores da morte de um colega meu, Ismael Silva, irmão do advogado Paulo de Jesus, na cela ao lado do banheiro onde eu estava preso. Foi um momento muito doloroso. Eu não sabia se ele estava sendo espancado, o que era; mas depois apareceu morto e foi devolvido à família com o corpo todo deformado, com sinais de queimadura, hematomas e machucados no cadáver. Veja o drama das nossas famílias quando foram ao cemitério visitar o corpo do Ismael e viram todos aqueles sinais de tortura. Eu me lembro que o ex-vereador Idelfonso Avelar fez um discurso nessa época ressaltando essas atrocidades e o desespero das famílias que esperavam a qualquer momento também receber seus parentes na mesma situação, porque ninguém sabia as condições em que estávamos lá.

Eu me lembro que os choques elétricos faziam com que os cabelos queimassem. Eu passava o tempo todo com o corpo fedendo a cabelo queimado; aquele cheiro desagradável nos acompanhava.

Depois de estar em Goiânia por um tempo, de julho até final de agosto, nos jogaram em um camburão da polícia, me parece que éramos uns

seis: eu, João Silva Neto, Altair Guedes, Pawel... Éramos seis. Eles nos espremeram em um camburão da polícia e ao nos apertar trancaram o portamalas de forma que se a qualquer momento ele abrisse, cairíamos fora. Começaram a correr com essa viatura. Pensávamos que iriam nos jogar fora bem longe daqui, nos deixar fora de Goiânia, nos soltar sem dizer onde estávamos. A viatura rodando e rodando, alguns colegas começaram a passar mal naquele sufoco, sem ar ali dentro. Tive que pegar um dos colegas e chegar com o nariz dele em uma greta para que ele pudesse respirar, para que pudesse receber um pouco de ar daquele buraco na carroceria do veículo. Já estava escurecendo, chovendo, desceram conosco no Ministério do Exército em Brasília. Lá descemos e ficamos pouco tempo; levaram-nos para o norte de Brasília, nesse lugar passei a usar uma cela, não era mais um banheiro.

No dia seguinte eu já escutei barulhos da minha família na porta do quartel tentando buscar informações a meu respeito. Nessa época fiquei muito triste porque meus parentes, minha mulher, meus irmãos, especialmente o Pedro, querendo informações a meu respeito, e eles diziam: “Ele está aí, mas hoje não podemos informar. O senhor volta depois de amanhã que deixaremos o senhor se avistar com ele”. Eu ouvindo ali dentro sem poder me comunicar, sabendo que se eu gritasse seria torturado depois.

No dia seguinte, dia que haviam marcado de deixarem me visitar, me levaram para o alto de um prédio, era uma cobertura não coberta, fechada apenas com uma cerca elétrica, vizinha do serviço de rádio do qual ouvíamos notícias de prisões, do que estava acontecendo quase em todo o país. Eles me deixaram o dia todo no sol, no relento; eu não podia sair, não podia saltar, pois tinha cerca elétrica. Fizeram isso no dia que haviam marcado para irem me visitar. Eu me lembro que meu irmão João, que morava em Goiatuba, veio para Goiânia e daqui foi com a Alderi e o Pedro para Brasília e ficaram o dia todo me esperando. Nesse teto do edifício, havia uma caixa de marimbondos pretos bem grandes; o soldado me vigiando e esperando a hora que os marimbondos me atacariam, porque marimbondo, como morava na roça já sabia, quando um ataca, os demais também atacam e aquilo é capaz de matar. Poderiam me matar e dizer que eu havia mexido na caixa de marimbondo, sofrido um acidente, que eu havia sido ferroadado e que por isso tinha morrido. Felizmente tive uma mentalização tão forte que, andando no teto do prédio, os marimbondos iam saindo e eu serenamente passando por eles e não tive nenhuma ferroadada o dia todo.

Na minha descida houve um episódio muito arriscado também. Um dos “caras” que me conduziam me pegou pelos testículos. Eu descendo a escada, encapuzado e algemado, o “cara” me pega pelos testículos e diz:

Você toma cuidado senão vai ser castrado aqui. Desci naquela situação mais constrangedora. Quando cheguei na cela, escutei barulho e conversa da minha família saindo porque disseram que naquele dia não daria para me verem. Uma covardia, pois já tinham ido lá num dia e não deixaram, marcaram o dia da visita e não deixaram outra vez. Eu ouvi o barulho dos meus familiares saindo para virem embora no final da tarde, depois de terem passado o dia todo de espera.

Eu me lembro que nessa época aconteceu outro episódio muito lamentável, foi em uma acareação entre vários colegas. Lembro que o professor me orientou que aquilo eu poderia abrir, que já tinha explicado em uma reunião que havia participado; e eu, então, confirmei esse episódio. Um colega nosso, Valterli Guedes, que não estava nesse grupo e que não sabia, foi questionado a respeito; ele negou e sofreu. Fiquei com peso de consciência na época sabendo do sofrimento do Valterli. Fiquei com peso de consciência com medo de ter sido eu o causador daquilo, embora depois tenha se esclarecido que não fui eu o causador; mas eu não havia sido informado. Muita tristeza, muita dor, muito sofrimento nesse período.

Eu me lembro de quando ainda estava preso aqui no 10º BC, minha esposa foi para o hospital dar a luz, isso em novembro, eu havia sido preso em junho; ela deu a luz dia 25 de novembro do meu segundo filho. Eles me liberaram para ir visitá-la. Como eu não tinha sogro, nem sogra, e não parava empregada doméstica em casa porque toda hora tinha polícia na porta, aquele tumulto, os vizinhos tinham pavor até de passar na porta de casa, minha mulher acabava ficando muito desprotegida. Fui acompanhá-la na maternidade de um dia para outro, a tirei da maternidade, a coloquei no táxi e a levei pra casa. Quando abri a casa, que desci com ela e a criança, acomodei-a no berço, me chamou na porta o cara da Polícia Federal me avisando que tinha ordens para me recolher, mas que naquela situação ele me daria um prazo, e me esperaria mais embaixo para que minha mulher não visse. Deu um prazo para que eu descesse, pois não queria me tirar de casa naquela situação. Acabei tendo que arrumar uma desculpa meio faju-ta para a Alderi. Disse que havia recebido um recado, que aquele sujeito era do jornal e estava me esperando para fazer uma reportagem importante que não poderia ser feita por outra pessoa. Saí e me recolhi de novo ao 10º BC. Foi um dia muito doloroso, e mais doloroso ainda saber que depois um oficial do 10º BC iria em casa tentar estuprar minha mulher. Eu me lembro que na noite em que saí, a casa cheia de parentes, entrou um cidadão para dentro de casa, chamou Alderi para conversar na sala de dentro, eu não sabia o que era e continuei com os visitantes. Vi que ele estava conversando com ela sozinho e fui ver o que estava acontecendo, quando cheguei perto

ele saiu. Ela me contou, eu até tentei pegar uma arma que eu tinha em casa para acompanhá-lo, mas não consegui alcançar, ele já havia entrado no carro e desaparecido. Foi uma pena não tê-lo alcançado. Eram momentos muito lamentáveis, muito dolorosos que vivíamos com esses episódios. Até nos relacionamentos nos frustrávamos com muitas pessoas. Eu me lembro que o professor Jonathas Silva, por exemplo, me usava muito para promovê-lo no jornal com notas, frequentava minha casa... Depois que fui preso nunca nem atendeu a Alderi. Ele era advogado conceituado, nunca atendeu para dar algum tipo de informação e colaboração como advogado para ajudar a esclarecer meu paradeiro na época.

Tiveram outras cenas de dignidade, por demais louváveis. Minha filha estudava em uma escola infantil, “O Mundo Infantil” da professora Belinha na Rua 4-A. Na formatura de fim de ano, a professora, mesmo tendo eu que voltar todo dia à polícia, eu estava liberado, mas quase todos os dias tinha que voltar ao quartel, me indicou a paraninfo dos formandos da escolinha, em uma festa no Ateneu Dom Bosco. Compareceram muitas pessoas, os pais das crianças que estavam se formando (era uma formatura infantil, era no tempo do João Paulo, um daqueles papas revolucionários da igreja). Fiz um discurso contando a violência para as crianças, mas misturando com a figura de Cristo para que os pais entendessem e as crianças não ficassem sem entender, e ainda agradecendo a diretora por ter me prestado aquela homenagem em um momento tão doloroso da vida quanto era aquele.

Houve momentos de grandeza como o da escola “O Mundo Infantil”... O Sr. Jaime Câmara, que era um empresário, embora muito dependente do Governo Federal, ele tinha concessão da Rádio e da Televisão Anhanguera e era dono do jornal “O Popular”, manteve muita dignidade no meu caso. Sei de donos de jornais cujos repórteres eram presos e eles denunciavam, dizendo: “Ainda bem que as forças da segurança nacional nos ajudam a nos ver livres de pessoas perigosas como fulano de tal”. Tiveram jornais que chegaram a denunciar dessa forma, enquanto Sr. Jaime manteve uma grande dignidade durante todo período em que eu estava preso. Eu assumia uma grande responsabilidade na empresa dele, e todo sábado ele mandava entregar em casa para a Alderi o “vale” correspondente ao meu salário. Isso muito ajudou na manutenção da minha família no período em que estive preso.

Quando saí da cadeia, fui me apresentar a ele, e ele disse: “Olha Zé Elias, vou até te contar que vários colegas seus vieram aqui a fim de disputar sua vaga. Seu setor está totalmente inativo e você pode reassumi-lo, só irei afastá-lo caso venha alguma decisão da Justiça me obrigando, aí terei

que cumprir, do contrário você pode continuar no serviço”. Fiquei no jornal e na televisão até ser convidado por ele para ajudar na implantação do Jornal de Brasília, depois para a implantação da TV e do jornal do hoje estado do Tocantins, naquela época ainda era Araguaína. Fiquei tendo uma grande gratidão ao Sr. Jaime. Na época eu queria sair candidato, ele disse para que eu fosse para o Tocantins dirigir a Organização Jaime Câmara de lá, que ele me traria deputado estadual, me ajudaria a ser eleito. Brinquei com ele dizendo que queria ser eleito pela oposição, e pela oposição não tinha como ele me ajudar e que sabia que criaria muitos problemas a ele. Eu me afastei amistosamente da empresa, me candidatei a vereador, com muita cobertura do jornal e da televisão, e fui o vereador mais votado da história de Goiânia - proporcionalmente até hoje ninguém me bateu. Eu tive na época votos que davam para me eleger com sobra deputado estadual e até deputado federal. Tanto que o segundo colocado mais votado teve menos da metade dos votos que eu tive. Faltaram 12 votos para completar 9.000 (nove mil), naquela época, em 1976. Devo muito isso ao apoio que tive da Organização Jaime Câmara. Sou muito grato ao Sr. Jaime, em memória, que foi um cidadão muito coerente e muito humano pelo que me fez e por outros atos que como seu assessor o assisti praticando.

ANISTIA

Gostaria de lembrar o trabalho de um colega, João Divino Dorneles, que já era deputado estadual quando eu era vereador, e que foi o líder da fundação da Comissão da Anistia aqui em Goiânia. Lembro que ele queria se reunir, e na época havia muitas restrições a reuniões, me pediu para que cedesse o espaço da Câmara. Eu cedi naturalmente, eu sabia da importância que seria a Comissão da Anistia poder se reunir na Câmara Municipal da capital do estado. João muito valorizou este fato, e até hoje tenho sido lembrado pelos pioneiros da anistia por este gesto de cessão das instalações da Câmara Municipal de Goiânia, mas é importante que se frise o trabalho e a dedicação do João Divino Dorneles à anistia. Ele chegou a promover uma marcha, a pé, daqui até Brasília, exatamente para chamar a atenção da mídia e de todos para o trabalho dele em favor da anistia e das eleições diretas também, um trabalho pioneiro.

Logo depois fui eleito deputado estadual e convivi com João Divino e outros excelentes colegas na Assembleia Legislativa de Goiás, inclusive Tarzan de Castro, Manoel Mota, entre outros. Na Assembleia nós, como membros do MDB no primeiro mandato, continuávamos aquele trabalho de abrir espaço para as forças de esquerda. Lembro que convidei para um

trabalho, uma manifestação na Assembleia, as lideranças sindicais trabalhistas. A Assembleia tinha uma norma que só permitia entrar no plenário aqueles que estivessem de paletó e gravata. O pessoal chegou inadequadamente paramentado, mas consegui com o presidente, já que era uma solenidade, que todos fossem para a mesa nos trajes que estavam vestindo. O presidente da entidade dos professores, dos trabalhadores da construção e de vários outros segmentos. Foram momentos de muita dedicação através do mandato parlamentar, a fim de continuar a luta política que vínhamos empreendendo desde os tempos de estudante.

Houve uma greve dos estudantes universitários, e na Assembleia sempre fui líder da bancada da oposição. A polícia tentou invadir a Faculdade de Direito, cercando a universidade toda na Praça Universitária. O pessoal foi se recolhendo para a Faculdade de Direito. Eu como ex-aluno, em um carro da liderança da Assembleia, que era um carro oficial, consegui furar o cerco da polícia e ir até a porta da faculdade. O motorista, para evitar ficar no meio da polícia, subiu com o carro na calçada até bem na entrada da faculdade. O reitor na época, José Cruciano, embora tenha sido político pela Arena, pelo partido do governo federal, vendo a polícia se aproximar, me viu como membro da bancada dando apoio aos estudantes, me chamou e disse que não deixássemos a polícia entrar lá dentro. Pegamos uma mesa e a colocamos bem na porta, barrendo a entrada. Ele como reitor, era um intelectual, filho do grande poeta Leo Lynce, de Piracanjuba, subiu na mesa e num gesto de muita bravura, de muita coragem, a polícia toda concentrada na porta da faculdade, os estudantes lá dentro morrendo de medo porque seriam presas muitas pessoas, ele anunciou: “Como reitor da Universidade, esse campus está sob minha responsabilidade, sob minha administração e eu não admito que a polícia violenta minha autoridade e invada este prédio”. Gesto muito bonito.

Nesse dia, camufladamente, fui colocando no carro da liderança da Assembleia aquelas lideranças estudantis que corriam mais risco e mandava que o motorista as levassem para meu gabinete. Devo ter levado umas duas centenas de estudantes que tiveram suas prisões evitadas e que reconheceram esse ato muito tempo depois. Eu publicava um jornalzinho e publiquei uma foto, vários que depois cresceram e se tornaram personalidades importantes no estado, se livraram da prisão nesse dia. Chegaram lá pela manhã, e eu tive que providenciar comida para todos. Ficaram até tarde, e eu providenciando almoço, jantar para todo esse pessoal. Nesse tempo deputado não tinha mordomia nenhuma, foi tudo custeado com recursos próprios, que depois passei apertado para pagar, pois foi uma conta bem grande. Aos poucos fomos entregando em casa um a um. Escaparam da prisão por este fato da época em que eu era deputado estadual.

Eu me lembro da época em que estava ressurgindo a UNE, e promoveram um congresso em Salvador. As lideranças estudantis convidaram alguns deputados estaduais e federais para participar desse encontro com medo que a polícia impedisse a realização. Eu fui por Goiás, Dante de Oliveira foi por Mato Grosso, Francisco, deputado federal da Bahia, também compareceu. Compareceram vários deputados estaduais e federais. Com a nossa presença o Congresso da UNE pôde acontecer sem invasão da polícia como se temia na época.

Em outra época, como deputado e líder da bancada, na instalação dos trabalhos da Assembleia fui o orador e lá estava presente o oficial representando o 10º BC. Eu o via e lembrava das torturas sofridas no quartel. Sempre falava atacando a ditadura, em todo pronunciamento meu era inquestionável que eu atacasse a ditadura, de alguma forma eu tinha que atacar. Quando comecei a falar sobre a ditadura, ele começou a resmungar na mesa da Assembleia e a fazer gestos ameaçadores pra mim. Eu virei para ele e falei: Olha, no quartel trancado, algemado, eu sofri calado as torturas que os senhores me fizeram, aqui dentro o senhor terá que me ouvir, porque suas bravatas não vão me impedir de falar. No que ele se levantou, pensei que ele tivesse se levantado para caminhar até mim e me agredir. Um amigo meu, Sérgio Cardoso, estava no plenário da Assembleia, saltou do plenário para o auditório e no que ele saltou as pessoas pensaram que era um começo de briga, virou um tumulto, e o oficial saiu. Eu saí da tribuna para encontrá-lo pensando que ele viesse ao meu encontro para nos agredirmos no próprio palco da Assembleia, mas ele saiu e foi para a rua, eu saí atrás dele, mas não mais o alcancei. Com todo o tumulto teve que ser encerrada a sessão solene de abertura dos trabalhos parlamentares dessa época.

DIRETAS JÁ

Na efervescência da campanha pelas diretas já, participávamos de eventos de toda ordem. Nos maiores sempre vinha a figura emblemática e impoluta da época do MDB, que era o presidente nacional do partido, deputado federal Ulysses Guimarães. Lembro-me de participar de encontros com ele no Clube Oasis, no Setor Bueno. Uma vez fui convidado a participar de um comício no Setor Universitário em que Ulysses Guimarães também comparecera. Fui surpreendido ao subir no palanque. O comício estava começando, o locutor me viu e já me anunciou não dando tempo de ver quem estava no palanque do comício. Dei sorte porque havia acabado de ler um livro do próprio Ulysses Guimarães. Nele tinha o decálogo do

político, e eu sabia esse decálogo mais ou menos de cor. Para os estudantes universitários era importante termos uma mensagem bem quente, bem de acordo com o que esperavam realmente, bem energizada. Não sabia quem mais estava no palanque, comecei olhando para ele e falando que cada vez que ele comparecia a Goiânia era porque uma página da história do Brasil estava para ser mudada, assim como tinha sido com a anistia e agora com as eleições diretas. Fui recitando seu decálogo e ele achou muito bom, me abraçou forte por saber o decálogo dele quase que de cor, pois usávamos muito nos discursos.

Desde os tempos de estudante sempre gostei muito de citações em discursos; era um tempo de muito combate, de muita manifestação verbal, de muita falação, e o povo gostava de ouvir porque, modéstia às favas, minhas mensagens tinham algum conteúdo. Eu gostava de recitar um poema no meio dos discursos, e um dos que eu lembrava muito, se não me falha a memória, era aquele: “Luta, se vive, se morre, descansa, dos seus na lembrança, na voz do porvir. Sê bravo, sê forte! Não fujas da morte, que a morte há de vir!” do Gonçalves Dias. Era uma maneira de empolgar as pessoas.

Outro comício da campanha das Diretas Já do qual participei, foi na Praça Cívica em frente ao Palácio, em que os organizadores foram surpreendidos com a presença do então senador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, que havia sido ministro e um dos baluartes da ditadura militar. Ele compareceu e usou da palavra dizendo: “Eu aqui estou representando a Bahia, que se faz presente por meu intermédio e por intermédio do senador fulano de tal”. Ele tinha um domínio muito grande sobre toda a liderança política da Bahia; na verdade estavam presentes os senadores do MDB e da situação, assim como os deputados federais da Bahia; e ele foi enumerando: “Senador fulano de tal, deputado fulano”. Enfim, toda bancada federal da Bahia estava presente no comício em que também compareceram Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e José Sarney. Foi a coroação da campanha, porque víamos que as Diretas Já era uma campanha vitoriosa realmente; porque até a oposição, como José Sarney e Antônio Carlos Magalhães, estava lá para apoiá-la. Comecei falando sobre a luta dos estudantes, que as grandes escolas de lideranças do país foram os grêmios estudantis e as entidades estaduais dos secundaristas e dos universitários. Nossa geração teve um importante papel na história. Acredito que a influência e a importância da nossa luta ainda serão reconhecidas pelas novas gerações. Nossa geração, acredito eu, ofereceu uma contribuição muito grande para a mudança dos costumes políticos do país. É aquilo que eu disse, quando vemos o progresso do estado, da região e do país hoje, temos

que tomar consciência que não é apenas produto das ações dos administradores atuais, isso vem de uma luta que começou lá com José Bonifácio de Andrada e Silva.

Compensaram a nossa luta e nosso sacrifício? Tantos perderam a vida nos embates contra os militares, contra a ditadura militar. Acredito que tenha compensado porque o país realmente mudou. Vejo hoje o estado do Tocantins, próspero, separado do estado de Goiás. Há 60 anos, nos torneios de oratória, o tema “Criação do Estado do Tocantins” era obrigatório nos discursos; a implantação de Brasília, da mesma forma. A interiorização de ferrovias, que os ex-presidentes José Sarney e Lula promoveram, e a presidente Dilma desenvolve um grande trabalho neste sentido, também já era reivindicação nossa naquele tempo. Portanto, era um tempo em que havia emoção na luta política, havia empolgação e entusiasmo de tal ordem que buscávamos inspirações nos maiores pensadores da nossa época: José Ingenieros, um filósofo argentino. Valorizávamos a nossa literatura: “Os Sertões” de Euclides da Cunha, Castro Alves, Gonçalves Dias. Surgia o regionalismo com Bernardo Elis, com Carmo Bernardes, com Gilberto Mendonça Teles na poesia, e tantos outros. Nós procurávamos inspirações na literatura que nos subsidiava nos discursos, como aquele: “Domina, se vive, se morre, descansa, dos seus na lembrança, na voz do porvir. Sê bravo, sê forte! Não fuja da morte, que a morte há de vir!”. E assim encerro meu depoimento.

JOSÉ FERNANDES DA SILVA

Data de nascimento: 17/12/1935



Sou de origem camponesa, nasci em uma cidadezinha muito pobre no interior de Minas Gerais, município de Patos de Minas. Mudei com dez anos de idade para o interior de Goiás, próximo a Carmo do Rio Verde, um lugar chamado Água Fria. Lá eu vivi como um trabalhador do campo. Bastante jovem já enfrentava o trabalho, isso em 1940. Eu creio que em 1950 eu já estava no interior de Goiás.

Em 1960 eu mudei para Goiânia, era uma vida muito difícil. Eu trabalhei muito como camponês. Depois mudei para São Luís de Montes Belo e aprendi a profissão de marceneiro. Trabalhei cerca de três anos como marceneiro, depois passei para profissão de seleiro - aprendi essa profissão, trabalhei mais uns três anos. Foi uma situação muito difícil lá também. Voltei para Goiânia e trabalhei inicialmente como seleiro, na Selaria Gaúcha Mexicana, mas sempre com vontade de estudar. Eu havia feito apenas até o 3º ano do primário em Minas. Nesse período que vivi no interior de Goiás, eu fiquei o tempo todo sem estudar, quando me mudei para Goiânia eu tive que fazer o curso de admissão para queimar etapas. Fiz a admissão, entrei no ginásio. Fiz o ginásio inicialmente no Ginásio Brasília e depois no Colégio Estadual Pedro Gomes. E foi como estudante que eu comecei a tomar contato com os problemas políticos. Havia o que chamavam na época de curso de oratória, na verdade reunia em um grêmio depois em outros grêmios, em uma escola, em outra escola. Fazia discurso para falar concretamente de problemas políticos. Foi uma época de muita efervescência, já no período do João Goulart, no período de transição. Ainda não tinha contato com partido de esquerda, era no meio estudantil. Foi a partir do período que eu estudei no Colégio Pedro Gomes, fazendo o curso clássico que é o 2º grau, que, a partir do grêmio, tive contato com pessoas que já

estavam militando na esquerda. Concretamente com o João Silva Neto, e mais um colega chamado Josias, que era do meio operário, trabalhava no Correios. E foi praticamente através dele que tive o meu ingresso no Partido Comunista Brasileiro, no PCB.

MILITÂNCIA

Entre em reunião do partido depois do golpe do Estado, em 64. Antes era apenas grêmio estudantil, cursos de oratória. Antes do golpe eu já tinha uma tendência natural para a esquerda. Eu sempre protestava contra as injustiças sociais e já estava meio condicionado, antes mesmo de entrar em contato com a esquerda para ir por esse caminho. Ainda quando eu estava fazendo não me lembro bem se o colegial ou o ginasial, eu li uma obra que era o discurso do Fidel Castro, chamada “Três Declarações Fazem História”. Fiquei muito emocionado com os discursos dele, o protesto contra o domínio imperialista no contexto latino-americano. Estava muito na moda protestar contra as empresas petrolíferas que exploravam aqui no Brasil, e tinha um livro que falava sobre o domínio dessas empresas no Brasil. Por aí eu comecei a tomar contato com a literatura esquerdista, e em 1965 eu já estava começando a militar. Inicialmente através de uma base do Partido no meio estudantil, e depois também como operário. Nesse período, eu estava trabalhando como balconista vendedor de tecidos. Trabalhador e estudante ao mesmo tempo. Eu sempre trabalhei muito e só pude estudar à noite, então trabalhava o dia todo e estudava à noite. Era difícil para mim, enquanto os meus colegas aos sábados e domingos podiam passear, divertir-se, eu tinha que ficar em casa preparando a matéria, colocando em dia aquilo que não era possível no decorrer da semana. Quando fiz vestibular e comecei a lecionar, inicialmente no curso de História, aí sim eu pude estudar pela manhã e lecionar à tarde e à noite. Fiz um ano do curso de História e notei que era muito difícil, eu não tinha muita tendência para memorização. Apesar de que os colegas diziam que História não era memorização, e na verdade é; era e é até hoje. Após um ano eu deixei o curso e fiz vestibular para Letras. História foi na Universidade Católica, inclusive lá eu tive apoio no grêmio estudantil para conseguir uma bolsa. Como eu já estava na militância, tinha apoio na Universidade Católica. Depois eu fiz as provas na Federal, no curso de Letras, e passei. Tranquei o curso de História. Comecei a lecionar Língua Portuguesa, lecionava em dois períodos. Em 1968, eu estava em plena atividade como professor, fazia parte ainda do grêmio e do diretório estudantil, porque ao mesmo tempo eu era professor e estudante.

Naquela época, no ensino médio era grêmio, na universidade era diretório. Eu fiz parte do diretório primeiramente na Católica e depois na Federal. Lecionei um pequeno período no Instituto Rio Branco: O professor Izu era na verdade um agitador, as aulas dele eram verdadeiras agitações políticas. Eu militava com Horieste. Em um determinado período eu participei da associação dos professores, eu não me lembro do nome da associação. Havia uma associação, um sindicato propriamente não havia, e sim uma associação. Eu trabalhava no ensino público, e não tinha sindicato. Estava começando a organizar através da associação. Então havia bases em colégios, havia determinadas associações de bairros. Naquela época proliferaram muitas associações assistencialistas, e atuei nessas associações, nos grêmios e nos diretórios. Havia sindicatos como, por exemplo, dos bancários. Nós tínhamos contato com um ou outro militante, mas eles faziam parte da base do sindicato, não havia essa mistura; havia base em cada setor particular, setor de trabalho.

Eu era estudante universitário. Aí sim era realmente muito pesado porque eu suponho que havia espões por todos os lados. Havia alunos que estavam ali estudando mais para espionar, eram agentes da polícia. E nós não confiávamos praticamente em ninguém, a não ser nos colegas que militavam com a gente ou na esquerda ou no grêmio, no diretório acadêmico. Mas muitos alunos que entravam para a nossa classe, nós ficávamos desconfiados que fossem agentes da polícia.

Eu acreditava muito no Partido, eu achava que a linha do Partido estava correta. Havia uma estratégia, havia uma tática. Eu lembro muito bem que a nossa tática era a destruição do sistema ditatorial. Era desenvolver lutas e alianças entre a classe operária e todas as demais classes que estivessem contra a ditadura para destruir esse inimigo principal. Mas o objetivo principal do ponto de vista estratégico seria chegar ao socialismo. A concepção era de que a luta pelo socialismo pressupunha enfrentar muitos inimigos, seria muito mais amplo os inimigos contra os quais nós teríamos que lutar. Mas, contra a ditadura não; a ditadura já estava caminhando para um estreitamento. Havia uma ampla base de protesto contra a ditadura militar. Daí tinha que haver uma tática para alcançar futuramente um objetivo mais profundo. Eu acreditava realmente na possibilidade de nós chegarmos ao socialismo.

Na época eu comecei a ler os livros marxistas. Um livro que me influenciou muito foi aquele que eu já falei aqui: “Três Declarações Fazem História”, do Fidel Castro; são três grandes discursos dele. Outro foi um livro de filosofia: “Princípios Fundamentais de Filosofia”, de George Collins, um livro muito bom, didático. Para a ética na época era muito im-

portante porque ele tomava exemplos práticos ligados aos acontecimentos do momento. O interessante é que antes a gente pensava que filosofia era algo só para os grandes intelectuais, os pensadores. Aquele livro mostrava que até os trabalhadores, os operários como a gente podem muito bem aprender a filosofia, tirar partido da filosofia, e mostrava que a filosofia não é algo puramente ideológico, puramente teórico. Ele mostrava que a filosofia marxista, na qual se baseava, era filosofia da prática ou da práxis, como mostrava Adolfo Sanchez Vasquez.

A minha militância foi difícil porque eu era uma pessoa pobre, o meu pai havia acabado de falecer e eu era responsável por grande parte da economia da família. Era uma atuação clandestina; a família não sabia ao certo, sabia das minhas ideias porque é claro que a gente não esconde, e sabia também das minhas saídas escondidas. Era realmente uma luta muito difícil devido a minha responsabilidade. Eu também queria ser responsável tanto no partido quanto no seio da família. Eu me lembro de que uma irmã, que até já faleceu, me criticava muito porque eu ficava só lendo e dizia que tinha um pedidor de esmolas que passava por ali que tinha ficado doido de tanto ler. Mas o problema é que ela notava que a minha responsabilidade em casa estava sendo sacrificada em função disso que eu andava fazendo às escondidas e que nem se sabia ao certo o que era. Foi o período que eu tive até ilusão de chegar àquilo que muitos eram, de poder ser um militante destacado da produção para poder ficar só atuando. Era um pouco ilusório para quem estava ligado à família da maneira como eu estava. Como desligar da produção para ter um bom desempenho no Partido, ser um funcionário do Partido? Eu tinha vontade de ser um funcionário do Partido. Para mim a melhor coisa era ir às reuniões, discutir e traçar metas. E até hoje eu tenho comigo que eu aprendi muito com a organização, foi a minha verdadeira escola. E não foi só em termos ideológico não, foi em termos de personalidade. Por exemplo, a minha esposa frequenta reuniões do espiritismo, vai a um e outro curso, e ela mesma já chegou à conclusão que na verdade eu pratico muito melhor o que eles pregam lá ou buscam sem acreditar nessas coisas. Mesmo colocando para ela abertamente que eu não creio em Deus, não creio em santo, em nada, mas creio no ser humano e nos princípios e fundamentos da existência humana. É que eu não tenho necessidade de religião para eu poder praticar o bem, para eu ser honesto, não roubar, não matar; eu não tenho necessidade de religião para isso. Eu tenho necessidade realmente é da minha crença no ser humano. E eu creio que quando o indivíduo morre, ele não desaparece totalmente; mas que também não vai para o céu. Ele continua, há muitos meios de continuar: através de outras pessoas, através do que fez, do que integrou na sociedade.

De qualquer maneira o próprio Marx não havia previsto que o socialismo chegaria aqui e ali, neste ou naquele canto do mundo. Ele previa que o socialismo chegaria mais desenvolvido no sistema capitalista, para se chegar lá teriam que se esgotar todas as possibilidades da burguesia e do próprio sistema capitalista; que enquanto não queimasse essas etapas seria impossível chegar a uma sociedade perfeita como essa. Então, quando Lenin reinterpretou o que Marx havia interpretado chegou à conclusão de que levando em conta o contexto internacional, o jogo com a diferença entre o país subdesenvolvido e o país ultra desenvolvido, o primeiro mundo e o terceiro mundo, seria impossível implantar o socialismo em um país ainda desenvolvido. Inclusive, como na União Soviética que quando começou todo processo lá, e estava ainda na Idade Média, não havia uma burguesia desenvolvida na União Soviética, muito menos na Rússia, que era o mais desenvolvido de todos. Se não havia uma burguesia desenvolvida, estava ainda no sistema capitalista. Para sustentar um sistema daquele tipo que a gente sonhava teria que queimar essas etapas, vencer essas etapas. Eu penso que uma coisa é essa e outra coisa, nesse caso, é o fato de que na União Soviética eles não tiveram que lutar apenas contra uma classe, na verdade era a aristocracia e suas bases. Não era apenas contra uma classe, era contra estados também, em decorrência da 1ª e depois da 2ª Guerra Mundial. E eles tiveram que ter uma luta dupla: contra o inimigo interno e contra o inimigo externo. E o inimigo externo era grande.

O socialismo na União Soviética pode-se dizer foi criado como em uma ilha cercada por oceano que poderia aflorar e destruir tudo. Esse oceano é o sistema capitalista mundial. Seria realmente muito difícil implantar o socialismo em um determinado país, em uma época em que o capitalismo estava tomando conta de todo o resto. Inclusive em relação à coisa corriqueira como, por exemplo, no meio de vida, na maneira de vestir, na maneira de viver. A União Soviética não pôde chegar a um nível de igualdade, a um estágio alto para conseguir uma igualdade, teve que ser em nível baixo. Quer dizer, para dar melhoria a todo povo teve que ser no nível mais baixo. Isso significa que estava bem mais baixo do que o nível em que os trabalhadores haviam chegado em determinados países capitalistas, nos Estados Unidos e em outros países da Europa. Isso significa que o trabalhador russo ou soviético, que havia conseguido certa melhoria de vida, quando começou a comparar o que tinha em relação aos trabalhadores de outros países capitalistas, começou a achar que eles deveriam ter aquilo ali também. Isso seria impossível no contexto histórico desse processo.

Outra coisa seria a corrida armamentista e econômica do Bloco Soviético contra o resto do mundo, e principalmente os Estados Unidos. Quan-

to teve que gastar, por exemplo, com armamentos para mandar o homem à Lua? E não era porque achava isso bonito, era para manter o equilíbrio. Eu estou colocando tudo isso para mostrar o que era que me motivava a lutar, a militar.

REPRESSÃO E PRISÃO

Embora nós procurássemos fazer as nossas reuniões da forma mais secreta possível (ninguém guardava anotações, rasgava tudo, era para guardar só na cabeça); embora fosse discutido constantemente o problema da disciplina, do perigo de cair; embora tudo isso, começou de certa forma um relaxo. A gente recrutava indivíduos rapidamente e foi com isso que, talvez, tenhamos levado inimigos para dentro do partido, espões. Quando eu fui preso, de certa forma foi até uma surpresa. A gente estava sempre se preparando para uma questão como essa, mas quase todos foram pegos de surpresa. Em uma semana eles prenderam cerca de 40 pessoas em Goiânia e colocaram cada um em celas separadas. Eu estava com seis meses de casado, e a esposa não sabia. Sabia das minhas ideias por que eu as manifestava, mas eu não contava que estava militando em um partido proibido. Eu não tive condições de contar, infelizmente. Mas a irmã dela, com quem ela vivia, desconfiava e começou a fazer críticas. Imagina! Com seis meses de casado ser preso. Eu não era máquina, era ser humano. Tinha uma moça que decidiu casar-se comigo porque viu determinadas qualidades e essas qualidades deveriam continuar. Não poderia passar a me ver como um cafajeste.

Fui preso, me buscaram em casa, me parece que era domingo cedo. Eu ainda estava de pijamas. Pararam o carro no corredor, eu morava em um barracão de fundos, e foi um lá e me chamou, disse que um colega queria falar comigo lá fora sobre aulas particulares. Quando cheguei lá, me mandaram entrar. Acho que era um fusca. Eu queria voltar para avisar à esposa, e eles disseram: Já você volta. Tem que ir à delegacia para explicar um problema. A dona do barracão onde nós morávamos viu eles me colocando no carro.

No caminho de casa até o 10º BC eu fui com a cabeça virada para baixo, me vestiram um capuz, a partir daí eu não vi mais ninguém. Chegando no 10º BC, foi algo esquisito. Já à noite, foi como se estivessem entrando comigo dentro de um túnel de lataria, sei lá, pelos sons que eu escutava, com a cabeça coberta e sem noção de espaço e de tempo. Na mesma noite eles me buscaram para ser torturado, me levaram a um local de tortura. Eu não via ninguém. Mandavam virar para a parede, colocavam o capuz e me levavam. Já nessa noite foram choques elétricos, chutes, cassetetadas na cabeça, na sola do pé, nas nádegas até não poder mais. Na primeira noite eu fiquei com

as nádegas tão amassadas que não tinha jeito de deitar. De todas as formas que eu deitava, deitava numa ferida que era minha mesma.

Nessa primeira noite me ameaçaram com uma cobra. Perguntaram se eu tinha medo de cobra, e eu disse quem que não tinha medo de cobra. Fizeram um barulho como se estivessem tirando uma cobra de uma caixa de madeira. Pelo ímpeto, acabei agarrando no negócio e aí eu tive a impressão de que não era cobra, era de borracha talvez, possivelmente. Quando me levaram para a cela, meio escuro, eu tive a impressão que tinha uma cobra imensa enrolada lá dentro. Após acostumar um pouco com a escuridão, eu notei que era um colchão que estava enrolado. Para ver como funciona o processo psicológico, a tortura psicológica nesse caso. Foram realmente torturantes os 15 dias que eu fiquei lá incomunicável no 10º BC. Eu fiquei mais de dois meses lá, mas os 15 primeiros dias foram mais torturantes porque eles me buscavam bastante tarde da noite para a tortura, e como eu não tinha relógio eu não sabia calcular a que horas eles iriam me buscar. Nesse período eles buscavam quase todos os dias. Quando eles chegavam para me buscar, parece que tinha um molho de chaves na mão e experimentavam uma e outra, eu já começava a sentir os choques e as dores de antemão. Creio que tudo isso era de propósito. Eles me buscavam muito tarde, como eu não tinha relógio, só chegava à conclusão de que eles não iriam me buscar naquela noite quando eu percebia que já estava firmando para a madrugada. Era um espaço muito pequeno para dormir. Cedo eles começavam com o mesmo processo de ruídos. Inicialmente eu pensei que tivesse uma banda de música treinando, mas era um treinamento bagunçado. Instrumentos de sopro, clarineta de percussão e tudo mais, mas desorganizado. Eu pensava que era treinamento, mas depois, refletindo bem, eu penso que não era propriamente um treinamento, era uma gravação que eles colocavam para eu não dormir. Quando iam de manhã levar pão para mim, era a mesma coisa das chaves, era torturante realmente. O barulho que era constante o dia todo não me deixava dormir. Quando me buscavam à noite para a tortura, eu já estava extremamente derrotado.

Quem ouvia os meus gritos achava realmente que eu já estava no extremo porque eu exagerava com os gritos. Parece que aliviava um pouco a dor. Eu me lembrava de quando eu era pequeno, que a minha mãe me dava chicotada; então, cada choque, cada chicotada, eu gritava até não poder mais mesmo. Parece que os gritos descarregavam um pouco. O João ouvia. Deve ter pensado: deve ter ficado meio doido ou está realmente morrendo.

Ele ficou em um local e eu em outro; tinha uma parede dividindo, e tinha um buraco por cima. Eu sei que nos comunicávamos por ali, com todo trauma, mas a gente conseguia se comunicar. Eu não adotei aquela tática de

sofrer a tortura calado não, de maneira alguma. Inclusive, quando permitiram que eu escrevesse carta para mandar para a esposa, a gente sabia que eles liam as cartas, eu tentava colocar alguma coisa que em parte era mentira e em parte era verdade tentando fazê-los entender que eu realmente já estava arrependido daquilo tudo.

Depois de mais de dois meses, eu fui levado para Brasília. Lá não sofri tortura propriamente dita, mas a tortura psicológica continuou. Eu cheguei a ser ameaçado novamente com aquela maquininha de dar choques. Só de ver outros passarem em frente à cela e logo depois ouvir gritos, isso já era uma grande tortura. Uma ou duas vezes que me levaram para escrever, estava realmente para receber a tortura, o choque elétrico e etc. Então, em Brasília a tortura foi apenas psicológica.

Eu quero aproveitar para colocar algo sobre o meu comportamento como indivíduo e como militante. Eu procurava ser enquanto indivíduo o mais fiel possível à organização e aos colegas militantes. Era dolorido quando tinha que denunciar um colega, que era um membro da família, uma família ampla na qual a gente se sentia tão bem. Em parte eu resistia porque pensava que naquela época isso dava cadeia realmente. Quanto maior fosse o meu período de participação, maior seria a minha sentença. Então, eu fazia tudo para que fosse encurtado. Inicialmente eu neguei a participação no partido, mas quando não houve jeito mais, quando muita gente já havia declarado: você participou de tal reunião, estava lá presente fulano etc., então eu adotei a tática de não soltar nomes que já estavam soltos, que outros já tinham declarado. Mas houve momentos que nós havíamos chegado à beira da morte, eu creio que o Ismael foi morto dessa maneira. Ele tomava conta da parte de finanças e era ligado ao meio estudantil, não era fácil prestar conta disso. Todos sabem como era organizada a nossa finança. Era tudo de memória, não podia fazer contabilidade de maneira alguma. Para a gente ele prestava contas por que a gente tinha fiel confiança nos relatos, nos informes da pessoa. Mas a polícia não, a polícia achava que estava mentindo. De modo que o Partido saiu de lá muito mais organizado do que ele realmente era.

Como o meu compadre estava por aí, outros estavam por aí, eu procurei não dizer isso. Eu imaginei que seria muito mais fácil eu sacrificar um indivíduo que eu sabia que estava fora do país, que estava na União Soviética, do que sacrificar um que estava aqui. Eu disse que havia sido o Leo Lince que havia me levado para o Partido. Recentemente eu fiquei sabendo que na época ele não estava na União Soviética, ele estava por aqui mesmo. E fiquei sabendo que ele ficou sabendo disso aí também e ficou irritado. Mas de maneira alguma eu tive a intenção. Eu procurei a melhor saída. E considero o Leo Lince um verdadeiro líder, eu tenho muita admiração por ele.

Fiquei muito sentido quando soube que ele também foi preso e torturado. Eu era um grande admirador do Leo Lince, eu creio que os colegas todos o admiravam por sua capacidade, a sua maneira de falar era realmente de um grande líder estudantil e militante do partido. Eu iria sacrificar um indivíduo desses? De maneira alguma. Eu pensava que se ele estava na União Soviética não seria bobo de voltar naquele momento. Depois que todos estavam presos, não iria. Então, se acaso alguém encontrar com ele, eu gostaria que explicassem isso a ele. Eu gostaria de encontrá-lo, mas não o encontrei até hoje, infelizmente.

Minha prisão foi em 1972, no dia que o compadre João foi preso; eu não tenho a data, o dia, era mês de férias escolar, porque eu não estava no colégio, estava em casa. Dois meses e meio no 10º BC e depois completou os cinco no PIC, em Brasília. Quando completaram os cinco, houve um julgamento para saber se mandava para fora para aguardar o julgamento definitivo ou se continuava preso. Então fui colocado em liberdade. Quando eu saí, não pude retornar para a escola, até que tentei.

Parece que a prefeitura tinha dito que eu tinha abandonado o trabalho e no estado eu tinha simplesmente sido exonerado. Para trabalhar em colégio particular eu precisava de um atestado de ideologia, e para tirar o atestado era na polícia. Eu tive até a ilusão de ir lá tentar tirar o atestado só para ver no que dava. E eles começaram a fazer um interrogatório como se quisessem rever, reproduzir tudo que eu tinha feito antes, aí eu disse que não iria querer não. Não tinha escola para eu trabalhar. Houve um concurso na empresa de bebida Antártica para vender, sair como motorista juntamente com um ajudante, eu fiz esse concurso e passei. Fiz um cursinho preparatório, trabalhei dois anos e meio na Antártica vendendo bebidas.

No julgamento eu ganhei seis meses de sentença. Como eu tinha cumprido cinco, faltava um mês. Eu estava trabalhando na Antártica e tive que conversar com o supervisor para me dar licença. Expliquei o caso, notei que ele não era muito reacionário. Expliquei que eu teria que sair para cumprir um mês de prisão no CEPALGO, e ele deixou. Fui e depois voltei para o trabalho. Depois a empresa começou a fracassar e lógico eu também, os funcionários todos, e eu não tinha mais meio de vida. Já estava comprando garrações de pinga e vendendo por aí, estava em uma situação muito precária e com uma filha que tinha acabado de nascer.

EXÍLIO

Quando o promotor reivindicou outro julgamento, já tinha saído para o grupo do João, que passou de seis meses para um ano e meio. Eu

pensei que no meu caso poderia ser até pior. No meu caso poderia ir para dois anos ou mais e eu não estava mais disposto a voltar para a prisão. E como havia uns amigos que tinham ido para a Suécia, cuja família tinha ido visitá-los e estava de volta, do Washington, por exemplo; eu e o Horrieste fomos encontrar com a família do Washington, que nos animou mais a ir para lá: Vocês podem ir, arruma o dinheiro só para a viagem daqui para lá, uns trocadinhos só para chegar lá. O governo atualmente está dando tudo aos anistiados políticos. E eu fiquei animado. Eu tinha o direito de uma casa na Vila União e um fusca. Vendi o fusca e com o dinheiro do fusca eu fui. Minha esposa ficou encarregada de vender o direito da casa. Depois de um mês ela foi. Na segunda semana que eu estava na Suécia eu fui com um tradutor brasileiro na polícia de lá, ele já tinha me orientado como deveria fazer, eu fui simplesmente denunciar a polícia daqui para eles. Lá eu me abri todo, sem problema, confiando no que me informaram. Logo o chefe de lá já falou para o tradutor que eu não poderia voltar de maneira alguma para o Brasil, que isso que estava acontecendo aqui era uma barbárie. Ele orientou o tradutor para passar comigo no Serviço Social, que combinou de mandar uma quantidade de dinheiro para mim todos os meses. Inicialmente eu fui morar com um colega, o Marco Antônio de Oliveira, morei uns dois meses com ele e depois saiu um apartamento para mim. A minha tarefa era estudar o sueco, dois anos eu fiquei lá para estudar o sueco, recebendo ajuda do governo, e muito boa, sem burocracia, sem humilhação porque o dinheiro vinha para a gente em casa, era só pegar o cheque e descontar no banco. Roupas, por exemplo, roupas de frio, levavam a gente para escolher. De maneira que eu agradeço muito o governo sueco. Eu creio que todo latino-americano, o terceiro mundo que na época estava lá deve ter agradecido. Quando eu cheguei lá, parece que tinha 30 ou 40 anos que eles e o partido deles estavam no poder. Eu fiquei encantado. Vocês imaginem um pobre como eu que vivia aqui assim: se estava com emprego, um medo imenso de perder o emprego; se estava desempregado, um medo danado de não conseguir emprego, e a família em casa não quer nem saber: está faltando isso, aquilo...

Eu tentei várias vezes arrumar um botequinho. Teve uma vez que eu comprei uns três sacos de arroz e tentei vender, mas a família ia lá e levava o arroz, levava mais do que o lucro. Foi uma luta realmente muito dura e para mim a Suécia era um paraíso. Eu fiquei 11 anos, mais do que muita gente. Primeiramente pelo fato de que eu fui para lá casado, depois do segundo ano veio a separação e eu tinha uma espécie de ideal em relação a filha. Eu diria que tudo que houve de errado comigo quando eu era criança eu quero fazer com que não aconteça com minha filha. Eu tinha um

projeto para ela, eu queria que ela aprendesse o idioma, que aprendesse algo da nossa cultura, e de fato aprendeu. Se você conversar com ela hoje vai ver que ela é meio sueca e meio brasileira. Eu me orgulho muito dela.

Eu tive que interromper o curso universitário antes de sair do Brasil, faltava uns dois anos para eu terminar. Eu mudei para Estocolmo e lá conversei com o orientador que me indicou determinadas obras para eu ler. Depois eu vi que muitas obras faziam parte de um curso, que era de um semestre. E eu fiz um, com seis meses eu consegui 60 pontos que era o que se exigia lá. Entrei no curso de doutorado, não tinha mestrado, era o que eu queria, mas não tinha. Depois, no decorrer do tempo, implementaram um curso de mestrado. Eu estava achando o curso de doutorado muito difícil, a tese teria que ser defendida em sueco, alemão, dinamarquês ou norueguês e eu estava inhambado. E me disseram que no mestrado eu poderia defender a tese internamente, poderia inclusive escrever em português. Passei de imediato para o mestrado, vim de lá com um curso de mestrado. Foi a melhor coisa que a gente teve realmente.

A comunidade de exilados era realmente organizada. Assim como havia um Comitê Brasileiro pela Anistia, havia um comitê no Uruguai, na Bolívia, na Argentina, além de comitês em outros países de terceiro mundo. E trabalhávamos realmente, todos os fins de semana tinha uma festa para ganhar fundos e às vezes eram conjuntas para mandar para esses países. Com isso, além de a gente lutar fazendo a propaganda anti-ditatorial, a gente se divertia também divulgando a cultura brasileira. Isso foi excelente, houve um vínculo muito grande entre as esquerdas do terceiro mundo na Suécia, em virtude de a Suécia estar tão liberal assim. E por incrível que pareça esse povo que estava lá recebia o apoio, a ajuda econômica. Quando houve a separação, a minha separação, a esposa pôde ir para um apartamento com os móveis todos para ela, passou a ter direito a um salário família, prioridade na fila para a creche, uma série de regalias. Tudo isso ajuda a gente a entender, e isso foi deslumbrante para mim, que apesar de a Suécia estar em um sistema capitalista, comparada com o sistema capitalista que temos aí, era um sistema socialista; era um descambar para o sistema socialista. Outra coisa que eu cheguei à conclusão foi de que muitas das reivindicações que nós fazíamos aqui, e que nos levaram à tortura, à prisão, lá eles haviam superado isso há muito tempo. Essas conquistas eles já haviam realizado, já tinham ficado para trás. Então não era coisa do outro mundo o que nós estávamos buscando aqui. Se nós tivéssemos alcançado o que eles alcançaram na Suécia, era uma excelente parte.

Havia informantes através dos comitês locais, das organizações locais, que informavam para a gente. Davam notícias daqui, e a gente via

que a luta aqui continuava. E a gente estava simplesmente tentando ajudar da maneira que poderia, e isso nos deixavam otimistas na época. Muitas vezes as pessoas pensam que a gente foi simplesmente fugindo, que foi uma fuga aproveitar do benefício, mas não foi. Se quem fala isso tivesse capacidade para perceber o que os comitês pela anistia faziam lá, iria ver que houve uma grande contribuição para o que estava ocorrendo aqui.

O dia 1º de maio era uma grande festa na Suécia. Todos esses países, através dos comitês, saíam para as ruas, cada um com a sua bandeirola, bandeirolas particulares, locais de cada nação; bandeirolas comuns que valiam para o mundo todo; e social democracia, também, em peso com as suas bandeirolas. Os sindicatos, porque a social democracia lá era muito fincada no meio sindical, praticamente todos os sindicatos estavam ligados à social democracia, e ao VPCOM, que era um partido comunista Sueco, que sempre foi aliado do Partido Social Democrático.

Durante todo período que eu vivi na Suécia houve sempre uma aliança entre a social democracia e o Partido Comunista. Com isso eles conseguiam a maioria. E todos esses partidos saíam pelas ruas no 1º de maio, terminavam em uma praça com um grande discurso. O (...) e o chefe do Partido Comunista era uns que falavam. Para eles era uma aberração o que estava acontecendo não só no Brasil, mas em todos os países; eles sabiam que eram muitos, a América Latina inteira era uma ditadura. Nós falávamos abertamente, no dia 1º de maio podia denunciar tudo e abertamente. Essa é uma característica que nós não podemos esquecer de maneira alguma em relação à Suécia na época. Pelo menos na época, a crise do mundo europeu realmente está se alastrando.

Mas, quando eu cheguei lá era uma coisa, realmente um paraíso. O trabalho comum, de limpeza, era feito por pessoas que vinham de países vizinhos. Eu tinha muitos colegas que viviam na União Soviética, que foram também exilados, e que iam trabalhar em Estocolmo, na minha casa. Às vezes trabalhavam em restaurantes lavando pratos, mas ganhavam uma nota boa e levavam para trás. Isso inicialmente. Os jovens suecos não faziam isso porque tinham capacidade para assumir outros postos, mas à medida que foram caminhando para o período em que eu vim de lá, a crise estava aumentando. Ultimamente esses colegas que moravam na União Soviética da época, na Polônia, naqueles países socialistas, nenhum estava conseguindo visto mais. E, mesmo assim, a Suécia não se compara com muitos países capitalistas que a gente conhece.

Eu fui para lá em 1975 e voltei em 1986, inclusive muita coisa decepcionou a gente. O Daniel Antônio, por exemplo, foi meu colega de colégio, de classe, de grêmio. Ele era companheiro de luta estudantil, e, além disso,

tinha a amizade. Eu fiquei muito contente, muito emocionado quando eu soube que ele tinha assumido esse cargo. É claro que a gente desejava tudo de bom para ele. Mas eu participei de uns comícios, inclusive um comício que houve lá no Varjão, e ele prometeu tanta coisa, dentadura, dentista. Ele dizia: Você vai rir de boca aberta, vai deixar de ser desdentado, e até piscina em determinado local. Ele discursava realmente muito bem e conseguiu se eleger. Mas depois seria impossível conseguir aquilo.

Aquele trauma não sumiu de uma vez por todas. Um detalhe, por exemplo, quando eu estava na prisão, no 10º BC, a polícia andava muito em uma Veraneio. Quando chegava lá, eu escutava o barulho, porta batendo e daí a pouco os patrulhadores. Então, eu notava que eles iam para lá. Esse barulho da Veraneio, inclusive a imagem da Veraneio, nunca separou da minha mente, principalmente nos primeiros anos que eu estava aqui.

O medo desapareceu de imediato, só o fato de eu ter ido à polícia com um tradutor... Eu achava que era barbaridade o que estava ocorrendo aqui. O apoio que me deu, me mandando estudar, me deixando só por conta dos estudos; a moradia, os custeios mensais. Ora, se a própria polícia fazia isso, as próprias autoridades militares faziam isso, é claro que eu não iria ter medo. O contexto lá não deixava a gente ter medo, se houvesse perigo seria algo muito isolado. E a massa de estrangeiros que havia lá e que não era repudiada; os latino-americanos que inclusive contribuíram um pouco para eu não aprender o sueco em profundidade. Inicialmente tinham muitas pessoas com quem conversar em português, em espanhol. Então, medo eu não tinha. Claro que como a esposa foi comigo, a filha, no primeiro ano tivemos uma vida regular. Não tinha o problema da saudade dessa família, mas tinha da mãe, da irmã, dos irmãos; é claro que a gente tinha saudades. Mas o meu plano desde que fui para a Suécia não era o de ficar, era o de tirar proveito no tempo em que eu estivesse por lá até que o sistema ditatorial findasse e que voltasse a democracia, e foi isso que ocorreu.

Às vezes eu era criticado por não integrar perfeitamente, por não me esforçar muito para me integrar na sociedade sueca, e eu dizia o seguinte: O idioma, por exemplo, o português nasceu comigo, faz parte de mim, está na minha personalidade, se eu for deixar o português de lado para dominar o sueco eu nunca vou dominar o sueco como eu domino o português. E afinal de contas, a vida não é tão longa e eu já estava com uma idade um pouco avançada. Eu iria deixar para trás tudo que eu tinha adquirido, inclusive em termos de personalidade, e querer assumir outra cultura, com uma personalidade em outra cultura? O povo sueco é muito solidário, é extremamente solidário, mas solidariedade lá funciona em termos práticos

através de instituições. Se em um determinado momento eu estou desempregado ou sem dinheiro, eu não procuro ninguém, eu vou a um social birô e esse social birô traça uma meta dizendo que em determinado tempo você vai receber mensalmente isso aqui, e ajuda para aluguel também; e ainda ajuda a descobrir um emprego, e quando descobre o emprego aí deixa essa ajuda.

AS MARCAS

Quando eu fui preso eu tinha uma pequena redução na audição. Escutava pouco, eu era professor no estado e na prefeitura, não usava aparelho auditivo e entendia muito bem o que os alunos falavam, me comunicava muito bem; mas na prisão eu sofri muitas pancadas na cabeça, espetadas, além das palmadas nos ouvidos e mais as torturas psicológicas que deve ter agido no meu sistema nervoso de todas as maneiras. Então, foi agravando e começou a agravar lá. Quando eu estava no CEPALGO eu tive a oportunidade de entrar em contato com um dos indivíduos que foi acusado de morte em 1964, “o crime da 64” em que mataram toda uma família. O Santino, não se sabe se ele foi o autor, mas ele foi um dos acusados. Ele me contou uma grande história da vida dele, e eu fiquei muito sentido por não poder ter entendido tudo que ele me disse, seria uma história interessante. Infelizmente pelo fato de eu não ter escutado, eu não tinha aparelho auditivo, eu entendi a história assim pelas metades - parece que ele contou isso ao Horiestes também. Então, começou a agravar a partir da prisão.

Em verdade eu era bastante idealista, eu acreditava no socialismo e achava que iria ser realmente algo perfeito. Quando comecei a ler livros, eu descobri o seguinte: na sociedade capitalista os produtos são produzidos não propriamente para servir ao bem comum, mas para serem vendidos e gerar lucro para o dono do capital. Por isso, era impossível no sistema capitalista produzir algo com qualidade, algo que pudesse durar realmente para sempre. Mas se a gente chegasse à sociedade socialista, que acabasse aquela gana realmente pela acumulação do capital e pudesse realmente produzir para o bem humano... Por que não produzir um produto para durar realmente o quanto for possível durar e não ter que estar constantemente produzindo, jogando fora o bagaço? Eu acreditava realmente que a sociedade pela qual nós lutávamos iria ser uma sociedade perfeita. Infelizmente deu no que deu e até hoje eu tento buscar uma justificativa. Eu creio que o Marxismo e o Leninismo, a doutrina de Marx não perdeu o seu valor.

JUAREZ FERRAZ DE MAIA

Data de nascimento: 05/10/1947



Eu sou Juarez Ferraz de Maia, sou natural de Itaberaí, tenho 61 anos de idade, sou professor na Universidade Federal de Goiás, na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia. Eu sou jornalista de profissão e doutor em Comunicação pela Universidade de Paris.

Eu ingressei no movimento estudantil em 1965, através de pessoas de Itaberaí, que antigamente chamava Curalinho. Logo depois do golpe de Estado de 64 se estabeleceram vários grupos de discussão na JEC - Juventude Estudantil Católica, junto com Oscarito Ferraz Borges, Rubens Americano, Manoel de Lima. Depois de 65 eu vim para Goiânia e começamos uma discussão na JEC sobre o que fazer com o golpe de Estado. A nossa visão inicialmente era uma visão muito nacionalista e democrática de combate à ditadura. Posteriormente essa visão foi se alargando até que o Oscarito me apresentou o Francisco Pinto Motenegro, o Chiquinho Montenegro. O Chiquinho Montenegro teve uma importância muito grande na minha vida, na minha formação política; e foi através dele, e do Oscarito Ferraz Borges, que eu ingressei na Ação Popular.

Na Ação Popular, através de um parente meu muito conhecido em Goiás, o Honestino Monteiro Guimarães, que depois foi assassinado - nos anos setenta ele foi líder da União Nacional dos Estudantes - eu consegui ter uma visão mais ampla do que era a vida, a luta política, a luta de classes, as lutas sociais. E foi com o Honestino que eu tomei contato com o socialismo, as ideias libertárias, tudo isso. A Ação Popular na época tinha uma visão do mundo muito cristã do ponto de vista do universo que ela via. Ela tinha uma abordagem marxista do ponto de vista da sociedade, mas cristã do ponto de vista filosófico.

Ingressei na AP e aí encontrei vários colegas que hoje são muito conhecidos: Jackson, Rui, Rui Manoel, Chico Preto. E continuei tendo con-

tato com Francisco Pinto Montenegro. A seguir tomei contato com uma figura que mudou completamente minha vida, que foi o Rabelão, tio do nosso amigo Rabelinho. O Rabelão me ingressa definitivamente numa célula da AP, e eu passo a ser definitivamente militante na organização com a possibilidade já de concorrer aos grêmios estudantis. Tiveram as primeiras manifestações de 1967, das quais eu participei. Depois participei de vários congressos da União Brasileira dos Estudantes. E depois desses encontros, conheci aquilo que é chamado os nossos grandes companheiros da época: Marcantônio Dela Côrte, Lula, Olga, Alan Kardec, João Silva Neto, Olívio Vieira... Nós fizemos parte do movimento estudantil da época.

Infelizmente, por eu ter participado de várias reuniões em Ituaçu com o Rabelão, caiu uma célula da AP, eu estava em Belo Horizonte. Cheguei, sabia da minha procura pela Polícia Militar e pela Polícia Federal, me refugiei em Itaberaí e lá fui preso. Uma prisão muito complicada porque fui preso em praça pública, me amarraram, meu pai apareceu, teve um ataque. Foi um processo muito complicado. Amarraram-me, me levaram para a cadeia de Itaberaí e lá fiquei por um tempo até a Polícia Federal me trazer para Goiânia. Trouxeram-me aqui para a Rua 2 com Avenida Goiás.

MILITÂNCIA

Em 1964 eu era um simples estudante em Itaberaí. O golpe mexeu conosco no sentido de que éramos um grupo de estudantes – Oscarito, Manoel de Lima, Ferdinando, Paulinho, e dois ou três professores que discutiam conosco a questão do golpe, o momento que o Brasil estava passando. Mas eu não tinha nenhuma participação política, era muito novo nessa época, devia ter mais ou menos 16 anos. A minha participação política foi posterior ao golpe. Foi 1965, 1966 quando eu começo a militar na Juventude Católica e já no final de 1966, início de 67 é que começo a ter uma participação mais efetiva na Ação Popular. Eu tentei várias vezes os colégios públicos, não sei o que aconteceu, tive que ir trabalhar naquele momento e fui para o Fernando de Noronha, que era um colégio do Nion Albernaz. Era um colégio pequeno, eu estudava à noite. Ali que nasce a militância na Ação Popular.

A AÇÃO POPULAR

Nós tínhamos construído uma célula: o Jacson, o Rui, o Chico Preto, Alanito que hoje é do PCdoB lá em Recife, o Euler Ivo Vieira. Nós tínhamos uma célula e o coordenador era o Rabelão. Depois teve o Osvaldinho.

Também participou conosco a Marilda. Nossas reuniões eram feitas na casa do Rabelão, do Omário, do Chico Preto... Eram reuniões clandestinas onde nós estudávamos as teses da Ação Popular, o que fazer naquele momento, a luta política, a importância de ganhar os grêmios estudantis, as entidades estudantis, os diretórios acadêmicos a fim de aparelhá-los na luta contra a ditadura e pelo socialismo. Interessante é que vindo hoje de longe, a AP era um movimento muito progressista no sentido de que ela tinha uma visão muito ampla do mundo. Ela se fechou um pouco quando se definiu marxista-leninista porque a visão dela passou a ser muito focada na China. Seguiu os pensamentos do presidente Mao, e naquela época a gente estudava Os Pensamentos do Presidente Mao como se fosse a Bíblia. Lembro até hoje que o carro atolou, o Rabelinho começou a empurrar o carro, ele estava com Os Pensamentos do Presidente Mao debaixo do braço, o carro saiu do atoleiro, ele tirou Os Pensamentos do Presidente Mao debaixo do braço e falou, “o pensamento do presidente Mao é foda, né”!? Então, tudo era o pensamento do presidente Mao. Acho que a AP se fechou no dia em que ela passou a seguir a China como ponto de partida ideológico. Ela tinha uma visão humanista-socialista muito bonita. Hoje você vê os documentos da AP, era muito progressista, muito libertária, muito revolucionária. Ela se amarrou a partir daquele momento justamente pela própria base que era cristã. E naquele momento o socialismo estava muito voltado a Cuba e União Soviética. E ela negava um pouco a União Soviética exatamente pela base cristã que ela tinha. Ela tinha uma plataforma política muito bonita que é válida até hoje do ponto de vista humano, socialista, democrático, mas se fechou naquele momento voltado para a China. Então, nós todos, militantes, seguimos o pensamento do presidente Mao que naquele momento era considerado a grande figura histórica para o movimento comunista internacional.

Quando tomo conhecimento que a AP estava enveredando por outros caminhos foi nessa época, 1967, o grupo Condor... Aí já vêm as manifestações de 1968 e já não dava tempo nem para pensar quem era quem porque era pauleira das manifestações de rua, das manifestações permanentes; as panfletagens quase que diária contra a ditadura. Aí todas as frentes de luta, PC, AP, Polop, eram os três principais na época, PCdoB praticamente não existia – existia o grupo do Marcantônio, Tarzan de Castro, mas naquele momento o PCdoB não era forte. Naquele momento, eu pessoalmente, começo a tomar conhecimento de que era preciso mais do que aquilo que estávamos propondo fazer. É então que aparece o grupo do Marighela, rompe com o Partidão, e aparece aqui em Goiânia. E começamos a conversar com ele no sentido de partir para outra. Mas, antes dele,

aparece o grupo liderado pelo capitão Lamarca, da VAL-Pamares, e, pela influência do Rafa, eu fui para esse grupo. Então, a AP para mim fica longe porque ela deixa de ter a importância dela e não tem um perfil do papel que ela deveria seguir. Ela foi esfacelada nas várias tendências que tinham propostas mais claras do que ela.

PRISÃO

Eu fui preso pela primeira vez em 1967. Depois fui preso junto com o Marcantônio Dela Côte. Naquele momento eu estava no grupo Condor em Goiás. Grupo Condor era uma célula do Partidão que queria se abrir para o movimento estudantil sem dizer que era célula do Partidão, mas com amplas possibilidades de discussão com a juventude, principalmente na luta pela preservação da Amazônia. Inclusive essa prisão junto com o Marcantônio Dela Côte, o nosso processo, é todo em função disso, pela defesa da Amazônia, contra os grileiros internacionais. Era um manifesto extremamente atualizado. Eu estava lendo um processo que consegui no Superior Tribunal Militar, era uma luta pela defesa dos interesses nacionais. Esse grupo Condor, que era dirigido pelo professor Izu, tinha mais militantes do Partidão, mas também tinha da AP. Era um grupo aberto. Nossas lutas eram pela denúncia contra as grilagens de terra na Amazônia e em defesa da integridade da Amazônia. Eu e Marcantônio Dela Côte fomos presos na rua em 1968 distribuindo esse panfleto.

O delegado na época teve uma reação interessante. Disse que não tinha motivo para nos prender, mas como os autos já tinham sido feitos, e estávamos presos legalmente, ele não podia mandar nos soltar e nos mandou para a Polícia Federal. Ele teve uma reação muito interessante em relação ao documento (panfleto). Não lembro os detalhes, lembro que ficamos olhando um para o outro e pensamos que seríamos soltos ali. Mas tivemos um processo no qual fui condenado a 8 meses de prisão. Inclusive, teve um ministro do Superior Tribunal Militar que justificou o voto dele a nosso favor pela defesa e pelo nacionalismo do manifesto que tínhamos soltado na época.

Em 1967 teve uma manifestação em Goiânia, com a participação do Dr. Samir Helou que redigiu um manifesto lançado na Faculdade de Direito, na Rua 20, contra a utilização do dispositivo intrauterino da maneira como estava sendo feita para o controle de natalidade na região amazônica. Então, há 40 anos já se falava nessa questão, mas não tinha a dimensão que tem hoje. Mas nós temos um processo por causa da defesa da Amazônia com um laudo interessante.

Eu estava confinado em Goiânia, não podia sair daqui. Aproveitei o nosso julgamento, meu e do Marcantônio Dela Côrte, e pedi para ser julgado em Juiz de Fora e aproveitei para fugir e caí na clandestinidade.

CLANDESTINIDADE

Eu saí de Brasília. Deram-me dinheiro para ficar no Rio um dia. Perguntei, e se acontecer alguma coisa? Lembro-me de que o Rafa falou: você acha que a organização vai deixar um companheiro na rua? Eu fui para o Rio de Janeiro sem nunca ter ido lá antes. Lá me deram um contato no restaurante Espaguetolândia. Tinha uma senha: a pessoa, que era a Maria Auxiliadora, depois se suicidou em Berlim, não aguentou o exílio. Ela tinha um encontro comigo e não apareceu. E o ponto posterior era onze dias depois. Eu sem dinheiro, sem nada, sem conhecer ninguém no Rio, procurado pela polícia, clandestino, sem poder voltar para Goiás, comecei a perambular pelas ruas do Rio de Janeiro até um dia em que não aguentava mais. Eu marquei um prédio em Copacabana, entrei no prédio, apertei a campainha de um apartamento no 5º andar. Apareceu uma senhora carioca, gordinha. Eu disse para ela: minha senhora, estou passando muito mal, estou morrendo de fome; meu pai é do interior, estou aqui para estudar, não mandaram minha mesada, estou muito mal e queria que me desse um prato de comida. Ela fechou a porta. Eu já não tinha para onde ir, estava a não sei quantos dias andando sem comer. Desesperado, sentei na porta e fiquei sem saber o que fazer. Depois ela (dona Ângela) apareceu na porta com um prato de comida na mão. Comi em um minuto. Ela me deu um litro de água, tomei o litro de água e ela me mandou entrar. Entrei e ela me serviu de novo um bife enorme com ovo. Eu transpirava feito um desgraçado de tanto comer. Depois ela me disse: sabe meu filho, a vida é assim mesmo, tem muita dificuldade, também já passei por muitas dificuldades. Na hora eu a agradei e ela estendeu a mão e me deu, sei lá, uns dez cruzeiros, dava para eu sobreviver uns quatro dias tomando café com leite no Rio de Janeiro.

No quarto dia já estava andando de novo sem dinheiro no Rio de Janeiro, de repente encontro o Bernardo Joffily que era do movimento estudantil, do comando da UBES, hoje é PCdoB. Ele pergunta como eu estou e eu respondo que estou mal – ele continuava na AP, era marxista-leninista e depois foi para o PCdoB. Eu contei a história para o Bernardo Joffily e ele falou que arrumaria um contato para mim. Entretanto, arrumaria um lugar para eu ficar no Rio. Levou-me para um cortiço no centro do Rio de Janeiro – um lugar ótimo, cheio de marginais, de estudantes com IPMs,

doidos, hippies, maconheiros estava todo mundo lá. Mas eu tinha um lugar para dormir, pelo menos. Ele me deu um dinheirinho, consegui ficar nesse lugar e consegui, então, alguém que fizesse um contato para mim. No décimo primeiro dia eu andei a pé uns três quilômetros para chegar ao ponto. Lá já estava a Maria Auxiliadora, eu não a conhecia, mas tinha a senha. Ela disse: o companheiro está atrasado há 10 minutos. Eu respondi, e você está atrasada há onze dias. Aí contei a história para ela, ela quase chorou. Então, o início do meu período de clandestinidade foi um período difícil. Depois foi a adaptação no Rio de Janeiro, com nomes falsos: Roberto Santana e Silva, José Carlos não sei das quantas... Tinham vários nomes.

Uma vez eu encontro no Rio de Janeiro o Leo Lince. Estava andando na rua e dou de testa com Léo Lince. Ele estava meio desesperado porque a casa onde ele estava caiu. Ele foi entrar na casa dele e viu a vizinha que nunca tinha olhado para ele, piscando para ele. Ele viu que tinha alguma coisa. Aí ele estava com uma roupa na mão, estava chegando do alfaiate, fez que estava tocando a campainha do vizinho. O pegaram, questionaram o que ele estava fazendo lá e ele disse que era da lavanderia. Soltaram-no. Depois ele foi descobrir que o aparelho dele tinha caído.

Depois disso, me integrei na organização e passei a fazer treinamento militar no Rio de Janeiro. Fiz treinamento militar: explosivo, tiro ao alvo, assalto a banco, essas coisas básicas; prisões de personalidades, essas coisas que hoje a gente tenta esquecer. Por exemplo, era véspera do 1º de maio no Rio de Janeiro, tinha uma grande fábrica na Av. Del Castilho e queríamos fazer uma panfletagem na fábrica. Aí tomamos militarmente a fábrica inteira. Ocupamos as entradas e saídas e panfletamos dez mil panfletos na fábrica, na vizinhança. É lógico que cinco minutos depois estava lá o Exército inteiro em cima da gente.

No dia que mataram Marighela nós fizemos uma ação muito grande no centro do Rio de Janeiro, panfletamos tudo. Fizemos várias ações de panfletagem. Eu participava mais dessas ações de panfletagem, mas armada mesmo que era para segurar a barra. Depois, na minha casa no Rio de Janeiro, aconteceu um fato extraordinário que até hoje não sei explicar. Só a Divina Providência é quem sabe explicar. Minha casa era a quarta ou quinta casa num subúrbio do Rio de Janeiro, um lugar onde a gente guardava documentos falsos, carteira de identidade, certidão de nascimento, placa de carros, munição, várias coisas; era um aparelho bem pesado. Nós tínhamos o teto de até 10 horas da noite para chegar em casa. Eu tinha muitos amigos no Rio de Janeiro, sempre tentava fazer amizades. Por causa do sotaque que era muito forte, inventei que era de uma cidadezinha de Minas Gerais que acho nem existia. Era São Cristóvão, subúrbio barra

pesada do Rio. Ali tinham os estivadores que eram meus vizinhos. Tinha uma filha de um dos estivadores que ia fazer 15 anos naquele dia, e ele insistiu para que eu fosse à festa. É lógico que não podíamos passar das dez horas. Acontece que lá pelas sete eu já havia bebido umas três caipirinhas e esqueci completamente do tempo. Dez horas da noite eu não estava bêbado, estava ‘trêbado’. Arrumei lá uma namorada, fui dormir na casa dela e esqueci completamente do resto do mundo. Deu um branco na minha cabeça. Acordei cinco e meia, seis horas da manhã e lembrei-me da tragédia que estava cometendo na minha vida, principalmente com meus companheiros. Vesti a roupa rápido e saí. Era perto dali uns três, quatro quarteirões. Quando estava descendo para casa, vi os caminhões do Exército passando, furgões da Polícia Militar e muita gente na rua. De longe ouvia o tiroteio. Perguntei para as pessoas que estavam ali o que estava acontecendo e a resposta era: ah são uns terroristas que moram ali; ah, são os comunistas do MR-8 – lá no Rio tudo era MR-8. De repente fiquei sabendo que a casa já havia caído há muito tempo e eles ficaram esperando a última pessoa chegar para invadi-la, mas como deu seis horas da manhã essa pessoa não chegou, eles invadiram a casa. Quando vi fiquei com muito medo das pessoas me entregarem porque elas me conheciam, sabiam que morava ali. Passou um táxi, o motorista se recusou a me levar. Coloquei uma pistola na cabeça dele e ele voou comigo para Copacabana achando que era assalto. Quando chegamos a Copacabana quis pagar o cara, mas ele não quis aceitar não.

Depois fiquei sabendo pelo Jornal do Brasil que o Marcos Torres tinha sido assassinado; dois colegas foram baleados e depois mortos na prisão. Daquela casa só eu escapei por inteira irresponsabilidade. Imagina, se eu não tivesse tido aquela farra naquela noite, estaria morto. Depois o Jornal do Brasil noticiou que eu tinha escapado miraculosamente de lá, até usaram a palavra em italiano. Ninguém sabia como eu tinha escapado (mal eles sabiam que eu estava namorando).

Depois participei dos grupos de defesa; em seguida passei a integrar aquelas brigadas revolucionárias de panfletagem, que eram uma loucura. Aí, a minha volta meus companheiros foram caindo, caindo, caindo, caindo... Dos que estavam na casa, morreram três; depois morreram mais quatro; outros foram presos. Eu fui escapando desse processo todo, graças a Deus. Até que um dia, na passagem de 1969 para 1970, estava num desespero. A casa tinha caído, não tinha lugar para dormir, a outra casa que eu estava também tinha caído e me avisaram para não voltar. Estava só com os documentos e o dinheiro que estava no bolso. Fui para a praia de Copacabana e entrei na fila para um passe. Foi uma coisa muito interessan-

te porque quando chegou a minha vez o pai de santo teve uma espécie de convulsão, me abraçou e disse que eu estava correndo sério risco de vida. Falou que eu estava muito carregado e que tinha que dar um jeito em mim. Até fiquei com medo. Ele me tirou daquela fila, me colocou de lado, me entregou para outro pai de santo. Deram-me uns passes, uns conselhos, mandaram tomar cuidado porque não era hora da minha passagem, mas eu podia perder muito de mim e das pessoas que estavam a minha volta; que eu ia fazer muito mal, ia ser uma coisa muito ruim. Nunca me esqueço disso. A partir daquele momento minha cabeça muda um pouco porque pessoas que eu nunca vi me falam aquelas coisas... É impressionante. Aí fizeram vários passes, tiraram minha camisa, deram um banho em mim, depois me deram um banho de fumaça de charuto, mandaram eu me ajoelhar e fazer o pedido que eu quisesse. Fiz o pedido. Pediram que eu jogasse umas flores no mar, eu joguei; aí falaram que eu poderia ir porque já estava bem. Eu pedi para não ser preso e que se fosse para ser preso que fosse morto para não ser torturado. Nós sabíamos que naquela ocasião uma prisão significa tortura intensa, dramática, uma morte por torturas. Então, meu pedido foi esse.

No dia seguinte encontro o Luís Ceguim, de Goiânia. Ele me encontra em Nossa Senhora de Copacabana e diz assim: oh Juarez, estão procurando por você, você viu você no jornal? Diz que você é terrorista, que história é essa? Eu comecei a rir. Ele daquele jeito dele, com aqueles óculos enormes, me abraçou e perguntou o que estava acontecendo. Eu falei, nada. São aquelas perseguições lá de Goiânia que você já sabe. Aí falei que não tinha para onde ir, nem lugar para dormir, nada. Ele me levou para a casa dele. Perguntei se ele sabia o risco que estava correndo. Ele respondeu que o máximo que aconteceria é que dariam uma sova grande nele, que descobririam que ele não era comunista e o soltariam; que eu não me preocupasse. Fiquei na casa do Luiz Ceguim até retomar de novo.

Fui para mais umas duas casas que caíram. Outros companheiros morreram e já era tempo de jogar o chapéu, já não dava mais. Aí veio o sequestro do embaixador alemão, suíço... Daí para frente você já podia contar nos dedos da mão quem havia sobrado. Fiquei doente. Veio um processo complicado que foi uma espécie de paralisação do meu intestino (isso carregou comigo até hoje) por causa da tensão nervosa que a gente vivia. Essa tensão foi muito grande. Foi quando resolvi pedir para ir embora. Todo mundo, também, já não queria que eu ficasse porque a situação já estava muito complicada. Deram-me dinheiro, um passaporte falso e fui para o Chile.

Nunca tive problemas para viver com documento falso. Assumia aquela personalidade na hora, em cinco minutos eu já era o fulano. Nunca

anotei um telefone, tinha todos de cabeça. Mas me aconteceu um fato quando saí do Rio de Janeiro para São Paulo. Encontrei o Honestino Guimaraes e o José Carlos Mata Machado, que estavam saindo da AP para o PCdoB. Os encontrei na rua, por acaso. Chamaram-me para ir para Guerrilha do Araguaia e eu disse que não, já tinha dado a contribuição que tinha que dar, que estava muito doente, não aguentava mais. Dali fui para Porto Alegre. Em Porto Alegre eu ia pegar o ônibus da meia noite para Montevidéu. Estava por ali circulando e compro o Zero Hora. Leio uma notícia dizendo que a Polícia Federal havia desbaratado um grupo que vendia passaportes e documentos falsos para subversivos e terroristas. A matéria trazia os números dos passaportes falsificados e o meu estava no meio. Volto para trás, de novo procurado. Depois saí com carteira de identidade falsa.

Tem um site que se chama Amigos de 68. Para entrar nesse site tem que ser apresentado por alguém. Lembro que quem me apresentou foi uma moça do Rio de Janeiro. Outro dia entrei e tinha lá uma lista de pessoas que foram propostas. Vi lá 'Sueli Coe Vieira'. Escrevi para o site e falei que a Sueli poderia entrar porque ela havia me guardado em sua casa durante muito tempo. Falei que hoje ela deveria ser médica, que nos ajudou muito e que nunca mais a havia visto depois que fomos embora. Depois ela me escreveu querendo saber meu endereço. Hoje é médica no Rio de Janeiro. Vou visitá-la no final do ano. É daquelas coisas que vão acontecendo e você vai sabendo depois. Então, fiquei em várias casas de pessoas amigas que na época eram chamadas de simpatizantes.

O movimento armado praticamente já havia sido dizimado. Eu fui um dos últimos a sair daqui.

EXÍLIO

De Montevidéu fui para Santiago no Chile. Para mim, o Chile foi uma das coisas mais bonitas que aconteceu na minha vida. No Chile eu descobri a América Latina. Quando falo descobri a América Latina, não estou falando da geografia, estou falando da cultura da América Latina – um povo que a gente vive muito distante dele. Os brasileiros sempre olharam para a Europa, para os Estados Unidos, mas nunca olharam muito para nossos vizinhos. Na universidade onde eu estava tinha nicaraguense, porto-riquenho, hondurenho, panamenho, argentino... E as manifestações de rua no Chile eram muito frequentes. Eu comecei a descobrir a América Latina - os escritores, as músicas, o vinho; a quiche, que é uma bebida chilena horrorosa que quase mata a gente; o pisco, que é uma bebida maravilhosa, mas se você tomar três, quatro copos você morre, no outro dia cai duro. Fui descobrindo

coisas, o estilo de vida do povo latino-americano. O Chile para mim foi uma descoberta. Estudava na Universidade Católica e trabalhava numa empresa de publicidade que alguém do Partido Socialista havia arrumado para mim e ingressei no Partido Socialista. Era um militante ativo do Partido Socialista Chileno, daqueles de carteirinha. O Partido Socialista Chileno é um partido social democrata que existe desde o século XIX, que tinha uma base republicana do ponto de vista filosófico e que, a partir dos anos cinquenta, foi radicalizando um pouco mais. Tem uma tendência marxista muito forte e foi o grande apoiador de Cuba e dos movimentos revolucionários da América Latina, mas sempre pela via legal. A direita chilena é uma direita imperial, se acha inglesa. Por isso que o Pinochet teve a imprudência de ir para a Inglaterra, ela se achava inglê e que lá nunca iria acontecer nada com ele.

César Maia era nosso colega. Ele jogava no nosso time de futebol. O Rafa era o capitão do time, eu o goleiro; e o César Maia era o mais briguento. Tinham conosco vários desses famosos que estão hoje no poder. Era muito bom. Marco Aurélio Garcia... Bom não vou falar não (risos). Ele era muito pernóstico, usava cachimbo e tinha uma maneira de falar e tal...Hoje quando eu o vejo na presidência levando umas bordoadas eu quase morro de rir. Conheci o Zacariotti lá. Ele era casado com uma chilena, mas a gente quase não se encontrava, tinha uma diferença de idade. Tinha o Jorge Michel, que também era casado com uma chilena e a gente se encontrava na casa do Zacariotti, do Michel. Então, tinham essas figuras todas.

Eu participava de uma brigada socialista composta por duzentos homens que seriam aqueles que estariam no centro de Santiago no caso de defesa do palácio do presidente. Faziam parte desse grupo comigo, o Rafael de Falco, que era militante da ELN; o Mateus e vários outros companheiros brasileiros. Era um grupo de dez - cinco brasileiros e cinco chilenos. No dia do golpe, às 5 horas da manhã, veio o alerta dizendo que a Marinha já havia tomado Valparaíso e nós tomamos nossas posições. Nós tínhamos a nossa posição, local, onde chegar, tudo certinho. Primeiro fomos pegar nosso material de defesa e ataque, dois carros. Fomos à casa do chileno pegamos as ferramentas, o armamento, saímos nos carros, mas não conseguimos nem chegar ao meio do caminho. Isso já devia ser umas nove horas da manhã. Os helicópteros já estavam bombardeando a gente, cercando o local onde estávamos. Dali para frente havia duas posições, a dos brasileiros e a dos chilenos. Eu fiquei com os chilenos. A posição dos chilenos era de que não tínhamos munição para enfrentar aquilo, era melhor pararmos por ali. E a os brasileiros que achavam que não, que tínhamos que enfrentar. Mas no meio daquela discussão na rua, carro parado, tiroteio, confusão, bombardeio um tanque começou a bombardear a gente. Aí foi cada um por si e Deus por

todos. Fiquei com dois chilenos. A gente conseguiu romper uma barreira do Exército. Já estávamos cercados, não tinha jeito. Quando eu falo cercado, era assim o caos absoluto; eles estavam matando indiscriminadamente. Já tinham nos identificado como foco de resistência - não só nos os dez, mas os outros companheiros que também já estavam se dirigindo para o local; outros populares que tentavam resistir com o que tinham nas mãos, um caos total e absoluto. Nós conseguimos escapar, jogamos fora todo aquele armamento no Rio Mapoche – uma tristeza jogar todo aquele armamento fora para conseguir escapar. Aí fomos para a casa de uns amigos meus que eram franceses e lá, também, desfizemos das coisas. Dali eu fui para a casa de outro francês. E um jornalista do jornal Le Monde, Pierre Calfon, ligou para a casa onde eu estava e disse para a gente entrar na embaixada do México há tal hora. Eu fui de terno e gravata no banco de trás do carro, com um francês dirigindo o carro da embaixada da França. A senha era quando a polícia chilena da embaixada fizesse assim (movimento de passar os braços um na frente do outro, fazendo um xis no ar), eu tinha que pular o muro. Só que naquela hora eu ia pulando o muro errado. Ouvi alguém gritando, Juarez, Juarez, Juarez... Quem era? Era o Athos Magno. Lá dentro estava o Athos Magno, o Athos Pereira, o José Eduardo dos Santos, a Dagmar, irmã dele; o Armandinho, várias pessoas estavam ali na embaixada do México. Éramos duzentas e sessenta e uma pessoas dentro de uma casa como esta aqui. Ficamos ali até o dia 23 de setembro, quando o governo chileno deu o alvará de salvo conduto. Então os embaixadores da Índia, Noruega, Suécia, Suíça foram lá com ônibus buscar a gente. Já era meia noite. Fomos escoltados até o aeroporto. O presidente do México tinha mandado o avião presidencial dele nos buscar. Havia ali vários ministros chilenos, a viúva do chefe da polícia do governo chileno que havia sido assassinado, o diretor da Rádio Nacional do Chile; tinham grandes personalidades, muitos sandinistas que depois tomaram o poder na Nicarágua. No aeroporto eles (o exército) levaram os embaixadores para uma sala, separaram vários para o lado e começaram a metralhar a gente com festim – foi um festival de loucura aquele dia. Finalmente conseguimos entrar no avião. Quando o avião subiu o piloto disse em castelhano: “o presidente dos Estados Unidos do México dá boas vindas a vocês e vamos servir uma bebida tradicional.” Eu lembro que o José Eduardo estava do meu lado e começamos a tomar Tequila; sal, limão, Tequila. Acho que todo mundo chegou bêbado na cidade do México, ninguém estava parando em pé. Aquela alegria de sair daquele sufoco, daquela tragédia, daquela angústia.

No México a vida começa de uma maneira diferente. Do México eu vou para a Bélgica. Na Bélgica eu termino o curso de jornalismo. Depois já

não podendo voltar para o Brasil, em 1976, 77, vem a independência dos países africanos: Angola, Moçambique em 75. Eu fiquei com muita vontade de ir para Moçambique – José Eduardo dos Santos vai à frente, ele vai no final de 1976 e depois manda me buscar dizendo que tinha arrumado um lugar para mim. Fui e assumi um lugar importante como diretor de comunicação do governo de Moçambique, do presidente Samuel Machado. Para mim foi uma experiência maravilhosa, outro povo, outro mundo. A Europa é muito boa, mas para você passear, ir lá ficar um mês, dois meses. A África não, a África é como o Brasil - o calor, aquele povo risonho, muita miséria, mas você se sente bem no meio daquele povo. A ida para Moçambique não foi a ida para um país, foi fazer aquilo que você sonhou a vida inteira. Primeiro, criar o socialismo em determinado país; segundo, criar uma nação; era um desafio criar uma nação. Moçambique tinha um ano e pouco de independência e você tinha que criar o Estado moçambicano. Na verdade não era a nação, a nação já existia. Era criar o Estado, a organização do Estado: administração, a saúde, a educação, as forças armadas, a polícia, o cartório. Tinha que organizar tudo num país que tinha saído do colonialismo.

Eu começo a trabalhar num posto privilegiado como diretor de comunicação do governo. Naquele posto consegui fazer um projeto das rádios comunitárias de Moçambique. Depois criei o Instituto de Comunicação Social, que é a maior obra da minha vida. A gente só tem a oportunidade de fazer uma obra dessas de cem em cem anos. O Instituto era responsável pelas rádios comunitárias. Depois criamos a televisão de Moçambique e, assim, sucessivamente, vários órgãos de comunicação. Nessa área em Moçambique, profissionalmente eu tenho uma passagem muito boa. Conheci cento e dezanove aldeias do país. Viajei o país todo, e depois vivi um drama muito grande que foi a independência dos países vizinhos. Porque quando Moçambique torna-se independente o jogo de xadrez na África muda completamente com Angola e Moçambique. A União Soviética de um lado, os Estados Unidos do outro. Os Estados Unidos apoiando a África do Sul, o apartheid, e apoiando a Rodésia do Sul. Moçambique começa a apoiar o movimento de libertação do atual Zimbábue. Moçambique joga cinco mil homens dentro do Zimbábue, o Zimbábue fica independente e muda completamente o xadrez. E Moçambique, junto com Angola, apoia a independência da Namíbia e apoia definitivamente o Congresso Africano de Nelson Mandela. Se não existisse Moçambique e Angola, Nelson Mandela teria definitivamente morrido na cadeia. A geopolítica na África nessa região muda completamente. E Moçambique, junto com Angola, começa a ter um papel importante na organização da unidade africana e no xadrez da geopolítica internacional, fazendo com que os países fossem não alinhados. Foi nesse momento que os

países não alinhados tiveram uma força muito grande junto com o Nehru da Índia; Nasser, que tinha sido morto, que tinha criado o movimento não alinhado. A geopolítica muda completamente na África com Moçambique e Angola. E finalmente Nelson Mandela sai da prisão em 1990, e em 1994 ele já é presidente. Tudo isso tem um efeito. Uma peça que mexeu, mexeu em todas. Aí se cria na região os Países da Linha da Frente: Angola, Moçambique, Tanzânia, Zimbâbia, Zimbaué - que na época era muito poderoso economicamente para enfrentar o poder do imperialismo na região.

A ida a Moçambique não foi apenas um sonho; foi criar um Estado e participar da criação de uma geopolítica que eu nunca imaginei na minha vida participar de um jogo de xadrez daquela envergadura; e participar ativamente como homem de Estado. Com a independência do Moçambique, no jogo de xadrez internacional, a África do Sul junto com os Estados Unidos criaram o movimento de resistência a Moçambique. Era um movimento de resistência sem um pensamento político. Porque você pode ser de direita, mas ter um pensamento político. O movimento da Renamo era um movimento que não tinha uma filosofia política. Foi um movimento de desestabilização: ponte, escola, infraestrutura, cortar orelha, mão, pé das pessoas, era desestabilizar mesmo. Então, Samora morre no auge dos conflitos. A partir da morte de Samora começam as negociações com a Renamo. Moçambique tinha infiltrado na África do Sul uma quantidade de gente, pressão internacional... Um dia a história vai reconhecer a importância dos países nórdicos para os movimentos de libertação da África e da luta pelo progresso no mundo. Dinamarca e Suécia foram decisivas em relação a Moçambique. Depois você tem a União Soviética que fez, digamos, o aporte militar. O aporte militar foi muito grande: formação dos oficiais, academia militar, treinamento no armamento sofisticado e transformar aquele bando de guerrilheiros em soldados regulares num exército de pelo menos 30 mil homens. Eu falo sempre dos países nórdicos porque eram países capitalistas, mas eles tinham, eles têm uma posição em relação à África que são as melhores que já vi na minha vida até hoje. Eles não tinham o ranço da União Soviética, ela é muito cheia de ranço. Eram mais soltos na análise deles, mas sempre fiéis ao pensamento de independência, de liberdade. E apoiaram Moçambique, principalmente, na área do desenvolvimento.

Do ponto de vista africano, quem teve uma importância no pensamento da libertação da África é Corno Crumpler, do Gana. Ele foi destituído do poder pelos ingleses, mas tinha uma visão mais ampla, mais aberta, menos sectária em relação à África. O Lumumba teve uma importância mais para fora do que pra dentro da África. O assassinato dele praticamente ficou restrito a alguns apoiadores dele que era o Kabila, que depois tomou o poder

do Mucutu. Vem tudo da época do Lumumba. E depois vem Argélia. Todo mundo que hoje está no poder na África pelos movimentos de libertação foi treinado na Argélia, inclusive Nelson Mandela foi treinado lá. A Argélia foi muito importante para a África negra. A independência da Argélia para mim é uma coisa que marca o antes e o depois para o movimento de libertação. Samora Machel, Agostinho Neto toda essa gente treinou na Argélia. Eles não iam para Cuba, nem para a União Soviética, eles iam treinar na Argélia. Só depois da tomada do poder que os oficiais da guerrilha iam para a escola militar em Moscou. Você pode ver a influência da Argélia em toda a região.

Em 1979, eu estava criando o Instituto de Comunicação Social em Moçambique e não tive coragem de voltar para o Brasil naquela época. Vim cá no fim de 79 para regularizar minha situação documental. Regularizei e voltei três meses depois. Lá fiquei até 1987, quando consolidei a criação do Instituto de Comunicação Social. Em 1987 volto para o Brasil definitivamente. Porque volto para o Brasil? É uma coisa complicada porque eu estava muito bem em Moçambique do ponto de vista ideológico, do ponto de vista político, do ponto de vista financeiro. Eu estava muito bem, mas havia sempre aquele peso nas costas de quem era exilado querendo voltar um dia para a sua terra. Então voltei e fiz um concurso para a UFG em 1987.

LUIZ ANTERO

Data de nascimento: 02/03/1942



Interessei-me por política no ano de 1960, quando fui eleito representante de classe. Após ser representante me juntei ao Grêmio – Grêmio Literário Castro Alves. Particpei do Congresso Estadual da União Goiana dos Estudantes Secundaristas. Após o congresso me candidatei a secretário geral do Grêmio, fui eleito com expressiva votação, mais votos que o presidente e o vice. Logo após assumi a vice-presidência. Neste ínterim, já viajava e tomava conhecimento do que acontecia no país. A Revolução Cubana já trazia alguns lampejos de que a juventude há muito já havia assumido o poder do governo revolucionário na América. Depois desta eleição, participando ativamente de greves, seminários, lendo livros, estudando, fui convidado a participar da União Goiana de Estudantes Secundaristas como um de seus membros, ocupando várias secretarias.

RESTAURANTE

Finalmente, no ano de 1962, fui convidado a fundar um restaurante para estudantes carentes de Goiás. Era um grande desafio, pois eu era um elemento jovem, nunca havia ocupado cargos executivos, e teria que fazer tudo, começando do zero.

Partimos para esta empreitada, não só eu como toda a diretoria da União Goiana dos Estudantes Secundaristas. Já existia um restaurante universitário, mas não existia um restaurante secundário.

Depois de muitos contratempos conseguimos inaugurar o restaurante. Pensamos que daí em diante seria fácil, mas foi um grande engano. Manter um restaurante funcionando sem receita, sem saber onde adquirir os alimentos, sem saber como contratar pessoas com mais experiência para

ajudar na administração e sem saber onde encontrar um cozinheiro, pois não sabíamos cozinhar.

Foram grandes desafios e quando o restaurante começou a “embarlar”, partimos para uma ampliação no atendimento, começamos a atender também desempregados e pessoas que vinham do interior. Tivemos também um dormitório.

Nesse ínterim, viajando e lendo sobre a Revolução Cubana, houve um despertar para um caminho filosófico. Compreendemos que a nossa luta era mais ampla e que era necessário que a juventude a liderasse. Vimos isso na greve: vai o estudante, depois vai o pai do estudante buscar o filho, o filho permanecia na greve, a polícia vinha, batia no pai, batia no filho.

Com isso, vimos que teria que haver um desenlace, e que havia um longo caminho a ser percorrido. Fomos estudar, trabalhar, viajar, e sentimos a necessidade do povo, já não era apenas as necessidades dos estudantes, mas a necessidade do povo em geral. Naquele tempo existia muita terra devoluta em que a pessoa entrava, derrubava, queimava o mato, plantava e quando chegada a hora da colheita o fazendeiro vizinho colocava o gado lá.

Essas pessoas vinham para a cidade e não tinham com o que se manter, tinham muitos ideais, muita filosofia, muita poesia, mas tinham também que se alimentar. Foi aí que entramos com todo desprendimento. Nosso objetivo era criar o restaurante e fazer com que ele funcionasse. Um grande desafio manter um restaurante sem dinheiro. Tínhamos algumas pequenas receitas da época em que se confeccionava as carteirinhas para os estudantes, mas durante todo o ano até que chegasse o momento de se distribuir as carteirinhas outra vez, sobrevivíamos com doações, saíamos pelas ruas pedindo. Este restaurante funcionou até o Golpe de 1964. Saíamos quatro estudantes, cada um segurando em uma ponta da bandeira nacional, íamos de comércio em comércio, porta em porta, explicávamos o que era o restaurante, falávamos da necessidade dele funcionar e pedíamos as doações. As pessoas ajudavam com dinheiro e alimentos. Era um trabalho difícil, mas valia a pena. No final nos sentíamos gratificados com o trabalho realizado.

O atendimento do restaurante variava de acordo com a necessidade, não tinha um horário fixo padrão. Em períodos de greve, por exemplo, se fazia almoço duas, três vezes ao dia.

Naquele tempo não tinha televisão, a diversão era o cinema; todos íamos pra lá, depois fazíamos a greve. Para não sentirem raiva de nós, explicávamos o porquê da greve, o porquê de se ter carteira de estudante. Os estudantes ficavam sem se alimentar correndo de lá para cá, então o restaurante funcionava quase que interruptamente.

O preço era simbólico, nos dias de hoje seria equivalente a R\$0,45 (quarenta e cinco centavos). Obviamente os custos eram maiores, mas tentávamos compensar com os pedidos de doações.

No almoço e jantar em dias úteis, se alimentavam no mínimo 100 (cem) estudantes, a grande maioria carentes. Vinham também do interior e se hospedavam. Vários grêmios estudantis de escolas do interior vinham participar de congressos, seminários e reuniões da União Goiana dos Estudantes Secundaristas, nosso objetivo era alimentá-los.

Meu sonho, juntamente com todos os diretores da UGES, era fazer o restaurante funcionar. O restaurante ajudou muitos sindicatos. Zé Porfírio mesmo mandava seu filho escrever bilhetes para darmos alimentação a alguns camponeses. Repetindo a história: o camponês tinha todo o trabalho com a limpeza da área e produção, quando chegava a colheita o fazendeiro cercava a área e entrava. Esses camponeses vinham para Goiânia e procuravam as associações; as associações mandavam nos procurar, nós os recebíamos, ajudávamos e os encaminhávamos. Contávamos com a ajuda do Secretário do Trabalho na época, Edson Guimarães; do deputado Zé Porfírio; do deputado eleito pelos estudantes, Cristóvão do Espírito Santo.

O restaurante funcionava no antigo “Castelinho”, que foi destruído no golpe militar. Primeiramente saquearam, depois destruíram o prédio. É importante salientar que a UGES foi o primeiro dentre todos os sindicatos e associações a ser tomada pelos militares. O golpe destruiu tudo, não sobrou nem as fotos, havia várias fotos; os materiais do restaurante foram todos saqueados. O prédio foi passado para a polícia e hoje não existe mais nada, nem o alicerce. Destruíram tudo para que não contássemos a história que estamos contando hoje. A história do restaurante que ajudou as famílias carentes, os estudantes carentes a realizarem seus sonhos de se formar. Tudo isso era nossa luta, era nosso objetivo.

GREVES

Aconteceram várias greves, greve de um dia, de vários dias, greves semanais. As greves semanais eram as que mais sacrificavam o restaurante, pois tínhamos que dar alimentos a todos.

Nessas greves é que se começava a conscientização dos estudantes. Os que estavam mais na vanguarda, os que liam mais, os que entendiam mais da filosofia, eram os líderes. Os vanguardistas é que explicavam tudo aos outros em plena assembleia. Diziam: “Vamos parar de quebrar ônibus, vamos fazer assembleias e explicar que aquilo era pequena faísca diante de

uma explosão que poderia vir futuramente, vamos explicar o que estamos fazendo aqui e quais são nossos objetivos”.

Sempre nos espelhamos nos vitoriosos e abnegados revolucionários da pérola das antigas de Cuba, porque eram as únicas que iam contra o aumento dos ônibus e do cinema, que ameaçavam fazer greve. Aliás, a primeira greve dos professores foi liderada pela União Goiana dos Estudantes Secundaristas. Devido aos atrasos no pagamento do salário dos professores, nós os arrastávamos para fora da sala de aula. Como eram apenas nomeados tinham medo de perder o emprego; estavam sem receber, mas tinham medo de fazer greve, nós que os incentivávamos. Nós fomos os primeiros a puxá-los, a arrastá-los da sala de aula para se juntarem a greve para que pudessem receber e melhorar seus próprios salários. Ao fazermos greves com relação aos ônibus, os patrões incentivavam os motoristas a virem contra nós. Pressionava-os dizendo que iam perder o emprego se nós estudantes continuássemos a quebrar e colocar fogo nos ônibus. Os motoristas dispostos a defenderem seus empregos vinham contra nós.

Eles não sabiam que a nossa luta também era a favor deles, nossa luta era a favor de todos os trabalhadores, todos os assalariados, mas eles não tinham essa visão. Além de corrermos deles, eles também ameaçavam invadir a nossa sede. Nós que tínhamos uma visão mais ampla tentávamos explicar os objetivos de toda a luta, mas eles não aceitavam nossos argumentos; tinham por trás os chefes que eram grupos de empresários que nós sabíamos os nomes e endereços e eles, também, sabiam onde estaríamos por sermos um número reduzido de pessoas.

MILITÂNCIA

Nós partimos à procura de conhecimento. Lendo livros de história, nós descobrimos o PCB, que na época era o partido mais organizado e que tinha uma juventude estudantil comunista. Fomos mantendo contato, conversando, mas sempre lutávamos para sermos comunistas mais independentes, nacionalistas, mais tarde transformados em socialistas.

Tínhamos que ler, e através de cursos e seminários descobríamos o porquê se estava lutando. Através disso, um grupo de jovens resolveu fundar o Partido Comunista do Brasil, que era composto por estudantes, em sua maioria secundarista, alguns universitários e outras poucas pessoas que eram professores universitários. Nessa época poucos professores secundaristas tinham ligações filosóficas com o partido.

Partimos para fundação do partido, nem todos os diretores da UGES participaram da fundação, parte deles queria permanecer independentes

e não entravam em organização nenhuma, mas líamos os livros e discutíamos.

Criamos o PC do B. Alguns permaneceram no PCB, e futuramente surgiu a Liga Camponesa, onde outro grupo fazia parte e outros foram para a ala vermelha do PC do B. Continuávamos a desenvolver nossas tarefas revolucionárias, sabíamos que teríamos que doar e termos desprendimento para fazer esta luta.

Levávamos sempre o pensamento de Aquiles, herói de Troia, que dizia que era melhor morrer jovem em plena batalha, que ficar velho, enrugado, sendo amparado para ir ao banheiro. Pensávamos então: vamos fazer a coisa, e é agora, respaldados no vibrante exemplo dos jovens de Cuba.

Aconteceu o Congresso Internacional na... a juventude estava em ebulição no mundo todo, e também na América Latina, pelo reflexo da Revolução Cubana. Os desempenhos dos comunistas que estavam sem agremiações nos preocupavam, tentávamos trazê-los também para esta luta.

Eu pessoalmente saí do PC do B, porque a revolução estava demonstrando para acontecer. Hoje há uma autocrítica, falam que estávamos nos antecipando, cortando etapas, mas nós estávamos com pressa, e após a reunião no Chile em que todos os Partidos Comunistas falavam que o Partido entrou tardia e afrouxadamente na revolução, nós víamos que não podíamos ficar amarrados em organizações que não estavam focadas na revolução. Teríamos que avançar, e avançamos.

Quando veio o golpe de 64 em pleno apogeu, eu já estava em outra organização, chamada POLOP – Política Operária. Um grupo coeso e de boas pessoas, todas praticamente escolhidas a dedo. Tentaríamos avançar e crescer trazendo os descontentes, os que não estavam militando em outras organizações. E nós conhecíamos vários. Seria esse nosso objetivo.

Era um grupo muito capaz intelectualmente, um grupo evoluído, não através de diplomas, mas sim na ciência, nos conhecimentos teóricos do Marxismo e Leninismo. Era a “fina flor” existente em Goiânia naquela época. Vários e bons revolucionários haviam saído do país e o que sobrou foi esse grupo.

Já “desgarrado” do PC do B, angariando um grupo de revolucionários, de guerrilheiros que avançassem no processo, acreditávamos que se avançássemos e intermediássemos com a massa poderíamos puxá-la. Tínhamos pressa. Muitas pessoas não estavam com pressa, não estavam entendendo, e quando se instalou o golpe de 1964 muitas saíram do país. Eu não saí, eu permaneci e foi o que me acarretou desgaste físico e mental. Na prisão me questionavam sobre isso, o porquê de todos terem saído do país e eu não, eu era visto como um elo com os que foram para o exterior.

Muitos anos depois descobriram que eu não tinha ligação com eles. Me questionavam do porque ter ficado e eu dizia: Fiquei por ser elemento consciente, o que eu estava fazendo não era um processo “Maria vai com as outras”, o que eu estava fazendo era revolução, e com a revolução eu tinha que pagar pelo crime, o crime era só ideológico, mas eu queria ficar e arrebanhar os que ficaram.

Como todos se foram, acabei sofrendo mais tortura. Fiquei sem amigos, os que não eram conscientes fugiam de mim; os conscientes fugiram, foram para o exílio ou foram clandestinamente para outros estados. Ao mesmo tempo houve várias rachas: ALN, Frente de Esquerda, POLOP, POC, e as prisões foram acontecendo, fomos perdendo o elo, mas eu permaneci em Goiânia e paguei caro por isso.

GUERRILHA

Particpei, mas não estive no local. Era tão secreto que até hoje não sei onde foi, era para o lado de Jataí. Foi um grupo de pessoas, a mais conhecida, Daniel Ângelo, que futuramente veio a ser vereador de Goiânia, ele foi encarregado do núcleo que foi pra lá, fizeram caminhada, mantiveram um contato.

O grupo era pequeno, o grupo todo sabia que existia, mas nunca estive no local exato, era secreto até pra mim. Eu era o tesoureiro, mandava no dinheiro, comprava rádios pra lá. Havia armas leves, mas não houve nenhum enfrentamento.

Com o desmembramento deste grupo, o pessoal começou a retornar à Goiânia e decidiu que não seria o momento ideal, pois em São Paulo, vários membros haviam sido presos e assassinados. Assim, buscamos nossos “camaradas”. Até hoje nem o Exército, nem a Polícia Federal nunca falaram nisso. Foi tudo muito secreto.

O GOLPE

No dia do golpe eu estava em Goiânia. Tinha bloco de parlamentar nacionalista em Brasília, tínhamos companheiros infiltrados no Exército, eles diziam que existia um dispositivo do Jango – João Goulart, que se eles dessem o primeiro tiro, lutaríamos muito mais em resposta, tínhamos essa ilusão, essa ilusão nos foi vendida.

No dia 1º de abril, dia da mentira, corremos pra lá, Exército e polícia estavam presentes e nós ficamos esperando o contragolpe. Reuníamos aqui e ali, o restaurante já não mais funcionou.

Nós nos reuníamos em casas, ligávamos rádios, assistíamos televisão (já havia em Goiânia dois canais sintonizados), o pessoal ligava para São Paulo para saber da situação. Os paulistas diziam “estamos fugindo”. Naquele momento tomamos conhecimento que tudo havia caído, sem um golpe, sem um tiro. Eles deram o primeiro e muitos outros tiros e nós não revidamos nenhum. Estávamos confiando que se eles desse um tiro, nós revidaríamos com outros dez, mas eles já deram dez em cima de nós e nós não revidamos. Imediatamente alguns saíram da cidade, ficávamos temerosos. Para ir a algum lugar avisávamos a alguém, dávamos satisfação para que se algo acontecesse soubessem onde estávamos.

Naquele tempo muitos foram presos e depois liberados por conseguirem habeas-corpus.

Foi Rio, foi Brasília, foram as lideranças nacionais. Aqui eles foram em direção ao PCB e PC do B que eram as maiores e mais conhecidas siglas. Confiávamos no habeas-corpus, no governador da época, Mauro Borges e em seus assessores. Ficávamos esperando a reação, como não houve, ficávamos temerosos e sempre estudando as formas de fuga. Alguns fugiram, outros não.

PRISÃO

Fui detido. Parece que não tinham o que fazer, nos prendiam a noite e liberavam pela manhã. Foram umas três, quatro vezes e não se tem nenhum registro. Eles diziam que eu não tinha porte físico, que me deixassem por ali mesmo que assim saberiam onde eu estava.

No final do ano de 1964 fui trabalhar, tinha emprego fixo, o que faziam pensar que eu não fugiria, mas continuaram sempre acompanhando. Sempre que algum conhecido saía da prisão me alertava, dizia que meu nome havia sido citado, ficava sempre precavido.

Trabalhei em farmácia, em seguida fui viajante de produtos farmacêuticos.

Em 1969 desmontaram toda a POLOP, escolherem-na e acabaram com ela. Foram todos detidos. Ficávamos na semiclandestinidade, tentando viver a vida da forma mais normal possível naquele tempo. Em 1964, dormíamos em um lugar, amanhecíamos em outro, pois tínhamos que articular partido, viajar, pichar, ler, estudar. Era uma vida vinte quatro horas dedicadas a causa.

Nos anos de 1964 e 1965 ficávamos mais dentro da cidade. Se fôssemos para o interior a situação se tornaria mais perigosa, pois tínhamos poucos conhecidos por ali.

Ficávamos restritos aos ciclos de amigos e parentes. Íamos muito a casa de parentes que serviam ao Exército para tentar conseguir com que falassem qual era a situação, o que estava acontecendo.

Fui preso quando estava saindo de casa. Na primeira noite notei vários carros diferentes, e como as orientações eram para que fizéssemos sempre o mesmo percurso, nessa noite voltei por outro caminho. Chegando em casa, fui tomar água, o filtro ficava próximo a janela e ao lado um lote vago. Neste lote vago havia um fusca, e outro na rua. Naquele momento fiquei em alerta. Fui até o portão após apagar as luzes da casa, os carros já não estavam mais ali. Durante a madrugada, dormindo muito mal, voltei ao portão e havia um carro perto, e um dos dois fuscas que eu havia visto antes. Pensei que ele pudesse estar estragado no lote vago. Saí de casa, deixaram que andasse aproximadamente uma quadra e me pegaram, Fiquei incomunicável, ninguém sabia onde eu estava.

Vizinhos que tinham um mercado próximo avisaram aos meu familiares que haviam me prendido. Eles ficaram sabendo da apreensão, mas não conseguiram me localizar imediatamente, demoram alguns dias e me localizaram através de informações confidenciais. Eu estava detido, mas sabiam que eu estava ali, foi o que os tranquilizou. Eu estava preso, mas não tinham desaparecido comigo. Fiquei isolado. Minhas irmãs e minha noiva iam até a prisão levar cigarros, roupas, alimentos, mas eu não podia vê-las. Eles me ameaçavam de torturá-las quando fossem levar os mantimentos. Diziam que sabiam em que igreja minha mãe rezava e que iam levá-la até lá. Aquilo era um desgaste mental. Era bom quando o dia terminava e eu não havia escutado gritos de nenhum parente, era um alívio por não terem prendido minhas irmãs, minha mãe e minha noiva. Mas a semana começava outra vez, elas voltariam novamente, era uma guerra mental fabulosa e constante. Isso acontecia o dia todo, não tinha horários.

Levaram-me várias vezes para a Polícia Federal que ficava na Avenida Goiás. Nessas transferências vinham sempre as angústias e os questionamentos: “Será que estão mesmo me levando para a Polícia Federal?”, pois antes de nos levarem nos ameaçavam de morte. Essa saída era preocupante, era preferível ficar onde estava, pois em todas as saídas nos ameaçavam, diziam que nos matariam pelo caminho, ou desviariam e nos desovariam em local desconhecido.

Fiquei trinta e nove dias incomunicável, mais uns cinco para poder sair. Fiz barba para melhorar a aparência, lá havia ficado doente - esses cinco dias foram para me limpar. Me colocaram em cela coletiva para que pudesse conversar e sair mais tranquilo. Nesta cela haviam dez pessoas,

o número de pessoas dependia do comandante do dia. Eu fiquei a maior parte do tempo confinado, sozinho, numa atmosfera terrível.

Aconteceram interrogatórios noturnos, na madrugada, para descobrir o que eu sabia sobre o pessoal que estava fora e sobre as guerrilhas, era um processo doloroso que evito lembrar, mas temos que deixar registrado o que houve em Goiás.

Eu reluto em falar algumas coisas, inclusive no livro “A Ditadura Militar em Goiás”, evitei falar das questões físicas, falei mais da parte mental, porque sofremos duas vezes. Quem é mais próximo a nós, que lerá o livro e verá o filme comentará que não falei algumas coisas, do tanto que sofri, mas acho melhor poupá-los. Eu tinha vinte e poucos anos, sempre seguindo o lema de Aquiles: “Se vamos morrer jovens é agora, não vou ficar velho pra ninguém ficar me carregando pro banheiro”.

Acredito que saí bem, ando bem, não quebraram fisicamente nem pernas nem braços, só ficaram nas ameaças. Em termos, acredito que saí muito melhor que muitos, não pensava que sairia desse jeito. Saí urinando sangue, com rins e as genitálias inchadas, mesmo com toda a situação ainda me senti feliz ao fazer os exames e constatar que ainda era potente.

Casei e uma das grandes alegrias da minha vida foi saber que minha esposa havia engravidado. Minha filha nasceu normal, depois vieram mais três filhos, com tudo isso vi que valeu a pena.

AS MARCAS

Nós viajamos para São Paulo e Brasília e víamos isso. Os companheiros perguntavam: “quando você entrou tinha algum pipoqueiro? Tinha alguém vendendo picolés? Tinham quantos picolés?” Ficamos neuróticos. Com relação a horários até hoje. Se marcamos às 15h, britanicamente estaremos lá. Levaremos isso para o resto da vida.

Afastei-me, fui participar da militância e política novamente já na anistia. Fiquei dois anos em tratamento quando saí da prisão, não podia trabalhar, não podia me alimentar com nada que tivesse sal. Fiz vários exames e fiquei impossibilitado de trabalhar por dois anos. Com uma melhora na saúde, procurei trabalho como viajante farmacêutico. Ia no laboratório, fazia bons testes, mas nunca conseguia a vaga. Procurava me informar do motivo pelo qual não era contratado, diziam que a presidência do laboratório havia encontrado algo. Depois ficávamos sabendo que o motivo era a DOPS, problemas em São Paulo, os industriários, meu nome estava lá. Fazia os testes aqui, era bem recebido, me saía bem, por que não me aceitavam? Era a lógica, íamos descobrindo o porquê.

Era uma tortura, pois eu queria progredir na vida em termos financeiros, queria estudar, mas havia esses bloqueios que não eram bem divulgados na época.

Perguntavam-me: “Por que não estuda?” O motivo era que tínhamos o nome nos restringido nesses locais, porque eu tinha sido um estudante na época.

Quero que fique bem claro que eu não era um dirigente estudantil, eu era um líder estudantil. Como liderança era que promovia as greves. Criei e fiz o restaurante funcionar juntamente com um grupo de jovens diretores, porém, eu direcionei minha visão e luta para o restaurante. Fico dizendo “eu fiz”, mas é porque fiquei tão dono daquilo, mas logo me corrijo: era nosso.

Até pensávamos que fosse paranoia, mas eu um documento que pedi no Arquivo Nacional constava que eu era membro da POLOP, outros dados e a frase escrita pela própria Polícia Federal na última linha: “Continuará a ser seguido”. Tenho este documento em casa para provar que não era paranoia, eu estava mesmo sendo seguido.

Fiquei dois anos sem trabalhar por problemas de saúde, fazia testes nos laboratórios, os gerentes e supervisores regionais elogiavam os testes, diziam que eu seria contratado, mas no final não era, acabava sendo outro tipo de tortura.

Saí para a luta, queria mudar o mundo e tentei. Minha parte foi feita, mas cheguei à conclusão, como Che Guevara falava: “Destroem uma, duas, três rosas, mas jamais conseguirão deter a primavera” e a primavera chegou. Estamos em plena liberdade.

LUIS CARLOS DOS SANTOS

Data de nascimento: 29/11/1947



Eu posso dizer que eu comecei quando nasci. O Luiz Carlos Prestes estava no auge, foi o senador mais votado em 1947, e da Constituinte. Também teve aquela luta da marcha pelo Brasil, a Coluna Prestes, que atravessou todo Brasil com muita vitória, não perdeu nenhuma batalha e foi parar na Bolívia. E o meu pai se entusiasmou com aquilo, como todos na época. Tanto é que meu nome é Luiz Carlos em homenagem a Luiz Carlos Prestes. Então, meu pai sempre foi simpatizante do Partido Comunista. Daquela época até 1960. Depois meu pai fez a opção pelo PSD, e eu sempre o acompanhava; a gente gostava de política, Juscelino Kubitschek. Eu fui morar no Conjunto IAPI, próximo à Paranaíba. E uns amigos lá, principalmente o Marcantônio Dela Côte, já tinham ideia formada sobre o comunismo, sobre o socialismo. E conversa vai, aquela amizade com o Marcantônio, fui me interessando mais ainda, fui me aprofundando. Geralmente reunia eu, o Marcantônio e o Antônio Batista Massavo, o Toninho, já falecido - um amigo muito leal e muito batalhador. Nessa época, eu ainda era criança, década de 60, eu nasci em 1947, veio a eleição do Juscelino em 1959, 1960. Então, naquela época já ia me interessando e sempre participei do movimento.

Naquela época nós chamávamos a turma de turma do IAPI. Tinha o Carlos Ribeiro, o Mauro Ribeiro, esses companheiros todos foram amigos de infância. Hoje o Mauro Ribeiro tornou-se pintor; o Carlinhos hoje é compositor. Então, a gente teve uma amizade com um pessoal com uma formação boa. E eu sempre participava. Naquele episódio do 5 de março eu estive lá, mas muito acanhado, ainda não era organizado. Ia, acompanhava as coisas mais ou menos de perto, às vezes entrava na luta. Teve um enterro, não sei se do Carlos Lacerda, estava acompanhando no Café Central e lá eu tive o primeiro atrito com a polícia.

Quem organizava mais na época eram os estudantes e também os operários da construção civil. O Pedro Ribeiro, pai do Carlinhos, era líder sindical; o PCdoB e PCB também, a esquerda em geral. Nessa época tive o primeiro confronto com a polícia, até então eu não tinha ido para organização nenhuma. Tive confronto com a polícia e depois, por a cidade ser pequena, um policial me encurralou querendo me espancar, me matar porque eu joguei pedra. Arrancava tábua para me defender da polícia. Eles com bombas. Então, o primeiro contato com organização política foi na realidade através do Marcantônio, ele que me recrutou. A primeira organização em que participei foi o PCdoB, numa reunião lá na fábrica de chapéu, em Campinas, com o Saulo Dias Taguatinga, o pessoal que depois foi para o PCB. Depois eu tive uma pequena militância na POLOP – Política Operária. Foi coisa muito rápida, através do Itamar, depois o João. Nessa época eu comecei a manter contato com o movimento estudantil, comecei a me interessar pelo movimento estudantil. O Tônico e o Marcantônio foram para o PCB, e eu fui também.

A FÁBRICA DE CHAPÉU

A fábrica de chapéu era um lugar que um empresário emprestava para a gente fazer reuniões. O partido nessa época estava na semiclandestinidade. Eu sei que era uma fábrica de chapéus. A coisa não era muito aberta. Sempre discreto, por motivos de segurança, não procurava saber, estava ali dentro de uma parede, ali era uma parede para reuniões. Não queria saber muitas coisas, eu era até muito discreto e só vim saber quem era o dono agora. Embora Goiânia fosse muito pequena eu nunca soube, eu era militante, não era policial.

O GOLPE

Nessa época já veio o golpe. Eu fui para a Praça Cívica. Eu trabalhava no Clube dos Diretores Lojistas. Eu só lembro que eu tinha pedido para sair do serviço no dia da derrubada do Mauro. E o pessoal sobrevoando Goiânia, aviões, e os interventores tentando entrar e a gente lá na Praça Cívica dando apoio para o Mauro.

Eu era estudante, estudava aqui no Brasiliense, antes eu estudei no Ateneu e depois estudei no Brasiliense. Eu me senti revoltado como todo mundo. Era visto no rosto de cada um a revolta, a indignação com aquele ato. O Mauro, como vocês sabem, no início ele apoiou o golpe, depois que ele resistiu, foi contra. Os militares o depuseram. A praça estava lotada, a solidariedade foi muito grande na renúncia do Mauro. O pessoal carre-

gou o Mauro Borges nos braços. Eu era muito magro para carregá-lo, mas apoiei esse ato. Foi realmente algo que deixou o povo muito indignado. E daí para frente serviu para eu firmar e tomar mais consciência, ler livros. Teve alguns que me inspiraram, que me ajudaram na formação política, como o Godinho da Fonseca, com O Petróleo é Nosso; Um Outro Dia na Vida do Brasilino - era um panfletinho, dizia que o Brasilino já acordava escovando os dentes com colírios, tudo americano, a vida todinha, da hora que acordava até a hora de dormir com produto americano, de multinacional. Era para mostrar como era grande a influência americana no país.

MILITÂNCIA

Fomos para o PCdoB. Já estava militando, não muito organizado, mas já participava de reuniões do PCdoB. Como eu disse, na época era semilegal, não era aquela clandestinidade que nós enfrentamos depois do golpe. Depois do golpe eu participei de reuniões, de algumas conferências, do que nós chamávamos de estudos, que fazíamos fora de Goiânia, sobre Marxismo, Leninismo, o socialismo. E, então, fomos nos aprofundando mais. O livro Princípio Fundamental da Filosofia para mim foi muito importante, despertou mais a minha cabeça para desenvolver mais em prol do socialismo. Nós reuníamos e formamos uma base do PCdoB. E isso durou, segundo Marcantônio, até a queda do PCdoB. Daí eu fui para a POLOP. Quanto mais o golpe, o governo ia apertando, mais eu militava. Era necessário mais luta, engajar mais na luta.

O PCdoB tinha caído, e muito dos militantes do PCdoB foram para o Partido. A maioria do pessoal do PCB era do PCdoB. Então, fomos nos organizando. Eu me organizei de verdade no PCB, uma militância muito ativa. Na época eu participava, eu estava praticamente sem trabalhar, vivia mais para militar, nem estudar eu estudava mais, militando.

A UGES tinha acabado e veio a CGE - Coordenação Goiana dos Estudantes. Participamos do congresso da CGE, organizamos o congresso, e o Partido ganhou as eleições na CGE. O Partido foi se tornando forte, tinha muitos militantes, e militantes de qualidade, muitos companheiros bons mesmo.

Eu comecei a trabalhar em televisão e fui levado pela mão do Marcantônio. Então, fui para a televisão e de lá conheci outros companheiros. Recrutei alguns lá dentro, que eu prefiro não citar nomes. Eu não estou autorizado para isso. Lá na televisão formamos uma base de jornalistas e radialistas. Nós participávamos do movimento estudantil, quando houve uma greve no Lyceu, onde o Kardec era presidente. Veio uma repressão

muito forte, um salve-se quem puder, cada um correndo para o lado. Peguei um amigo meu, um companheiro que a gente conhecia mais ou menos, como eu sempre fui discreto, não perguntava de onde era nem nada. Fomos subindo a Rua 20 até a Casa Paroquial da Catedral. Aliás, minto, no início quando eu comecei a subir a Rua 20, vinha um cara na contramão em um jipe da polícia, do DOPS. Vinha descendo e esse cara jogou uma pedra. Uma estupidez! Aquilo era entregar a cabeça para a polícia. Eu só vi que na hora que jogou a pedra, eles pararam o jipe e vieram. Eu corri para o rumo da Catedral e quando cheguei à casa do Arcebispo não tinha mais para onde correr. Entrei e eles me deram apoio, me mandaram ir para o fundo. E eu fui para o fundo do quintal, desesperado, com medo de ser preso. Naquela época não tinha normas, não tinha regras, não tinha lei, ninguém respeitava lei. Não tinha habeas corpus, não tinha nada, já não tinha mais, era o AI5, então do jeito que eu vinha eu pulava os muros. Sorte que eu não encontrei nenhum cachorro nesses muros. E exausto, já na quinta ou sei lá que casa, uma senhora me encontrou e me colocou em um quarto desses de despejo e mandou-me ficar quietinho lá até as coisas se acalmarem. A polícia estava toda lá, Rua 20, 24, Lyceu de Goiânia, Rua 18, estava tudo tomado pela polícia. Fiquei quietinho lá no quarto de despejo. E ela, uma senhora espetacular, quando viu que tinha acalmado, veio, me colocou dentro do carro dela, um fusca, se não me engano, pegou umas roupas sujas e jogou todas em cima de mim. Como eu era magrelo, pesava 57 quilos, bem diferente de agora, eu cabia em qualquer buraquinho. E fiquei entre os bancos. Eu falei onde morava, na Rua 70, ela foi me conduzido. Eu vi que fomos parados duas vezes, ali o coração foi quase a mil por hora. E ela dava uma explicação, eles olhavam e a deixavam ir. Aí me deixou em casa, tranquilo. Isso serviu para eu perceber que o povo estava do nosso lado. A solidariedade do povo, da igreja, a igreja progressista, estava do nosso lado.

AI-5

O AI-5 foi uma monstruosidade, começou a cair gente, foram presos uns companheiros nossos. Em 1969, foram presos o Marcantônio e o Léo Lince da CGE. Inclusive nós fizemos uma reunião para intensificar a panfletagem, o pichamento que a gente vinha fazendo para demonstrar que eles não tinham culpa, era para desviar a atenção deles e mostrar que o Partido não tinha caído. E sempre com a assinatura do PCB. Eu senti todo mundo solidário, super solidário. Na época, eu recrutei até minha irmã para levar documentos dentro do CEPALGO, porque quando o Marcoantô-

nio, o Léo Lince, o Toninho, o Paulo Silva de Jesus, esse povo estava preso, e minha irmã ajudava a levar documentos. Eu de vez em quando ia vê-los. Eu não podia me expor muito, mas eu ia lá e, também, levava documentos para A Voz Operária.

Em 1968 participei das greves, do movimento estudantil, mas eu era discreto, eu era cameraman. Eu trabalhava seis horas e ficava tranquilo o resto do dia. Tinha meu tempo para militar e não envolvia, não levava nada para televisão. O único trabalho que eu fazia dentro da televisão era falar com os companheiros tentando recrutá-los. Recrutei alguns companheiros dentro da televisão para o Partido. Nós formamos a base dos radialistas com o pessoal da TV Goiânia, era o nome na época, a TV Anhanguera. Da TV Brasil Central não tinha ninguém. Ganhamos o sindicato, a eleição do sindicato, graças à liderança do candidato a presidente, e meu companheiro, Paulo Vilar. Ele tinha uma liderança muito grande. Nós ficamos um partido forte, nós tínhamos a CGE nas mãos, tínhamos os principais grêmios: Pedro Gomes, o Lyceu era Ação Popular, o Colégio Rui Barbosa; tínhamos uns cinco ou seis, e ficamos fortes em termos de organização. O PCB era um partido respeitado, tanto é que a repressão ficava de olho na gente. Eles sabiam que era um partido mais consequente, um partido forte e que não estava para brincadeiras. Embora ninguém falasse em pegar em armas, a nossa luta, o que nós pregávamos foi o que aconteceu: era eleição direta, era democracia, voto livre e esse tipo de coisa que nós estamos vivendo, só não aconteceu o socialismo ainda.

REPRESSÕES E RESISTÊNCIAS

Eu participei da (...), então era reunião constantemente, só jornalistas. Eu era um dos responsáveis pela gráfica do Partido, que ficava na chácara da fábrica de chapéus. Esse companheiro era um companheiro espetacular, era um espanhol, uma pessoa que dava apoio para nós todos, não tinha medo.

Eu e o Ismael Silva tomávamos conta da gráfica. Tinha um jornal impresso aqui; o nosso era mimeografado. A gente mandava artigo para A Voz Operária, tanto é que pegava artigo no CEPALGO com o pessoal que estava preso. Estavam presos, mas estavam escrevendo, faziam reunião lá dentro, continuavam militando. Eles vieram de Juiz de Fora e foram para o CEPALGO. Como eu era da (...) eu tinha uma militância lá dentro, era uma tarefa que o Partido tinha me dado. Então, eu tentava por alguma coisa em noticiário na televisão... Na Folha de Goiás, que era da mesma empresa minha, eu tentava por alguma coisa; estava ali, constantemente, tentando driblar a censura.

Com o meu desempenho na televisão me deram o cargo de diretor artístico. E diretor artístico, naquela época, era ao vivo, tinha que cuidar dos programas, programar filmes. Eu era assediado, todos os dias a censura estava lá. O Ivanir, que era diretor da censura, e eu tentávamos fazer a política da boa vizinhança com eles, e eles até gostavam de mim. Na época que fui preso foi a maior surpresa para eles quando me viram lá dentro da Polícia Federal.

Nós distribuíamos, por exemplo, para os principais jornais, mandava para as ruas. Era rápido. Gostávamos muito de fazer comícios relâmpagos, pegávamos uma caixa e em três minutos dávamos o recado: Abaixo a ditadura, abaixo o AI5; era rápido, nos misturávamos no meio do povo e íamos embora.

Eles fecharam a CGE. Nós ficamos muito queimados com esse negócio da CGE, porque o DOPS prestava serviço para a Polícia Federal, e não saía do nosso pé. Só que não tinha provas, nós fazíamos as coisas, não tinha nada de concreto do Partido. Fecharam a CGE, que era legal.

Nós não podíamos estar batendo papo com amigos em um barzinho, em lanchonete que a polícia abordava a gente, não podia juntar que era reunião. Eu me lembro de um lugar na Anhanguera, em frente o Café Central, estávamos lá dentro, eu sempre com um Pasquim embaixo do braço, que era uma edição legal, embora contra o governo, de resistência à ditadura. Os caras tomaram, fecharam as portas lá no Garden e nos prenderam lá dentro, queriam nos levar presos. Nós dizíamos: somos estudante e tal... Chamavam a gente de melancia, verde por fora e vermelho por dentro, começavam a fazer provocações e depois nos liberavam. Era uma canseira violenta, nós não tínhamos paz. E eu, com esse negócio da televisão, tive que me afastar um pouco, mas continuei militando no sindicato. Eu era tesoureiro do sindicato; o Paulo era o presidente; o companheiro da televisão que eu trabalhava, o Nairam, era o secretário. Então a gente militava lá no sindicato. Eu com mais de dez anos na televisão, que era importante no meu entender, não pela questão salarial, porque me deram o cargo mais não aumentaram o salário, mas por uma questão de estratégia, estando ali eu saberia de tudo. Por exemplo, teve um Sete de Setembro, o Marcantônio era o câmera, nós ficamos mostrando a repressão lá; usava o zoom da câmera para mostrar os aparelhos da repressão, as armas. E eu mandava: o diretor quer que corta, põe no ar etc. para mostrar e denunciar o armamento que estava em um desfile estudantil. Então, até isso nós fazíamos.

A censura era total, tive até que fazer uma carteirinha da censura para trabalhar. O Ivanir mandou todos da televisão fazer; e eu não fugi à regra, como diretor artístico tive que fazer se não eu não poderia continu-

ar trabalhando. Carteirinha tipo da Polícia Federal, Ministério da Justiça, mas para trabalhar na televisão; e todos eram obrigados a fazer isso para trabalhar. A censura dele, na verdade, não era censura coisa nenhuma. Era um programa ao vivo, musical, que eu, o Valtinho, o Odilon cantor fizemos; era até um programa para ver se colocávamos um conteúdo político de leve, sutil, bem discreto e que se chamava “As Dicas”. Colocávamos este programa no ar, e ele nunca criou caso não. Ele fazia mais censura papel, filmes, a censura atuava como a coisa mais besta. Os caras não eram preparados, não tinham preparo intelectual nenhum. Tinha um jornalista, que era produtor e era da polícia, nós sabíamos, mas não falávamos. Como a gente pensava em infiltrar dentro da imprensa, eles também pensavam. Fiquei na coisa até cair. Quando começaram a cair uns colegas, os companheiros... Foi o Ismael. Detalhe a gente não sabe, o Comitê Estadual, o Comitê Municipal, caíram todos.

ISMAEL SILVA

O Ismael foi assassinado lá dentro. Mataram o Ismael, um jovem brilhante e que tinha um futuro pela frente. Muito inteligente, companheiro, solidário, um cara que só tem elogios. A família foi colocar na Folha de Goiás uma nota pelo enterro dele e a censura federal proibiu. Não poderia colocar nada. Eu tentei, insisti em colocar.

Simularam um enforcamento: uma corda e tal, mas pela altura que ele estava não dava para enforcar, foi um negócio muito mal feito. Eles o entregaram para a família. Na hora do enterro tinha mais polícia federal do que companheiros lá. Queriam proibir abrir o caixão, e o pai dele resistindo e por fim abriram. Parece-me que Dom Fernando, o pessoal da igreja tirou fotos. Ele estava com os olhos perfurados, as unhas arrebentadas, estava com marcas de flagrante tortura.

Eu acho que o Ismael merecia ser homenageado de todas as formas, tudo que fizer pelo Ismael é pouco. Ele para mim foi um herói, deu a vida por uma causa. Foi companheiro, não só meu, mas de todos; solidário, segurou as pontas. Com 17 anos ele já estava no Comitê Estadual porque ele tinha conhecimentos políticos, tinha teoria, tinha o que passar, discutir em pé de igualdade com aqueles de 60, 80 anos.

Nós andávamos dia e noite, eu e ele que fazíamos parte da gráfica, cuidávamos da gráfica, da distribuição de panfletos, pichamento. O Ismael não media esforços, ele foi um companheiro realmente de valor. A gente distribuía as coisas, ele era disciplinado ao extremo. No partido, quem era do partido tinha que ser disciplinado.

A gente tinha pouco conhecimento da mãe do Ismael, eu pouco tenho o que falar da mãe do Ismael. Ele vivia com o pai dele, ela era separada do pai. Ele era muito apegado ao pai, tanto é que foi o pai que insistiu em abrir o caixão lá no cemitério. Eu não estava lá, eu não posso falar, mas me parece que estava disposto a pegar em arma para abrir o caixão, para enfrentar a Polícia Federal; o pessoal que conteve ele. Por fim, eles tiveram que abrir o caixão. Foi onde o arcebispo, o pessoal ligado a igreja tirou fotos do Ismael morto; eles queriam enterrá-lo sem ninguém, a família, ninguém ver.

Então, eles mudaram; ficaram cismados, mudaram um pouco a tática, os interrogatórios. Para eles, o que eles achavam, é que tinha sido um acidente de trabalho. Eu senti que eles mudaram um pouco a forma de interrogatório, não deixaram de torturar, mas com cautela para não matar. Então eles tiveram mais cuidado.

E nessa época que estava o pessoal todo, saiu da cadeia um companheiro da minha base de jornalista, e esse companheiro foi direto encontrar comigo e me falou: Olha Luiz, eu vou te falar um negócio, eu te entreguei. No interrogatório eu não aguentei a tortura e te entreguei, e eles vão te pegar. Eles já devem estar te procurando. E esse companheiro me alertou, me falou: Olha, não negue nada, não nega nada do que eu falei, por que se negar será pior a tortura. Eu falei e falei tudo, não aguentei não. Foi muito honesto o cara comigo, eu acho honestidade. E aí eu comecei a bancar o esperto, eu não queria cair. E como eu trabalhava em televisão, e sempre tinha eventos aqui, musicais tipo Airton Rodrigues, o pessoal vinha constantemente a Goiás porque eles tinham boa audiência. E tinha aquele outro programa sertanejo, do Geraldo Meireles, e eu misturava no meio deles e dormia sempre no hotel com eles, porque queriam me pagar sozinho. Eu os via passar de jipe. Naquele hotel da Rua 4, esquina com a Rua 8, Hotel Brasília me parece, eles passavam, olhavam e chagavam até fazer menção de sair do carro, e eu me infiltrava no meio dos carros e entrava para dentro; aonde os caras iam eu ia atrás; boate, aonde eles iam eu estava junto, eu só não podia ficar sozinho.

Nós estávamos em pleno AI5, pleno governo Médici que foi o maior repressor da história. A imprensa amordaçada, a imprensa era massacrada. Era lógico, o pessoal temia, fazia a regra. O cara já tinha autocensura de jornalista na época, salvo alguns nomes que se sobressaíam na imprensa nacional e ousavam falar alguma coisa. Mas aqui em Goiás, não. Até hoje nós temos censura, só que a censura de hoje é diferente, ela é econômica. Hoje ninguém fala mal do governo. Quando você vê falando mal do governo, o Jornal Nacional falando, outro falando, você pode ver que está

faltando verbas. Em quatro dias começam a falar bem de novo, pois os pagamentos são feitos, está tudo acertado. A censura hoje é econômica, e eu acho até pior que a política.

Eu acho que as autoridades municipais, vereadores, poderiam fazer um processo (Só que ninguém tem história alguma na cabeça, a maioria desconhece; o que dá tristeza na gente é que ninguém conhece a história, conhece o que foi a ditadura. E a maioria desse pessoal que está no poder aí, com exceção do Iris que foi cassado, o resto são todos jovens, não se preocupa em saber), deveriam fazer uma estátua em homenagem ao Ismael. Deveriam dar o nome de uma praça, de uma rua, de um viaduto; ao invés de colocar pessoas ricas, deveriam dedicar a um estudante, um revolucionário igual o Ismael foi. Ele merece isso, já passou da hora. O único que se lembrou do pessoal foi o Pedro Wilson, que fez aquele monumento aos mortos e desaparecidos, mas hoje esta virando é lugar de dengue.

Houve um momento em que a gráfica do partido caiu lá em São Paulo, caiu e a Polícia Federal, o Ministério da Justiça e o Armando Falcão fez uma rede nacional de rádio e televisão para denunciar, mostrando como era a gráfica, as portas subterrâneas. E até quem morava na gráfica, por coincidência depois nós ficamos sabendo, eram os nossos companheiros que já tinham fugido e sido presos aqui no CEPALGO: o Marcantônio, o Elias Moreira Borges, já falecido. Nessa gráfica, por azar meu, ou sorte, a televisão minha lá sai do ar. Rapaz, foi um quiproquó para mim. A direção achou que eu quem tinha tirado a televisão do ar por causa disso, e eu não tive mais clima para continuar lá. Porque qualquer coisa: foi o comunista. Era taxado de comunista.

PRISÃO

A prisão mesmo foi em 1974. Eu fui julgado pelo Superior Tribunal Militar. Recebi um telegrama para comparecer ao julgamento e eu resolvi ir. Eu não estava disposto a fugir, eu tive até convite para fugir. O problema foi que meu pai estava doente e a qualquer momento poderia morrer, e eu não queria fugir, era muito apegado ao meu pai, a minha família. Eu falei, quem está na chuva é pra se molhar. Fui lá, fomos todos condenados. Eu e o Luiz de Oliveira Mota, grande companheiro, também já falecido, ficou preso comigo. Nós já saímos do Superior Tribunal Militar presos. Fui enquadrado no artigo 14 da Lei de Segurança Nacional; seis meses de cadeia por organizar, formar, incentivar, aquele montão de “ar”, partido clandestino e etc. Já descemos para o subsolo do Superior Tribunal Militar acompanhados pela Polícia Federal, entramos no camburão e de lá

fomos direto para o Centro de Custódia. Desse momento em diante o trem maneirou, não deixando de ter provocações. No Centro de Custódia eles tiraram as nossas roupas, tiraram cintos como de praxe - aqueles cuidados para não haver o suicídio. Ficamos no Centro de Custódia e fomos recebidos pelo Ronaldo 'Bics'. Ele perguntou o que precisávamos, e eu disse que precisávamos de um advogado. Perguntei: Você tem quantos? Ele disse que tinha 23. Então, arruma um.

O indiano estava lá porque no Centro de Custódia ficavam os estrangeiros que estavam esperando a extradição. Aquele falsificador de quadros, francês, que tomou remédio na hora de embarcar, para não ir... Ficamos um dia lá e de lá viemos para a Polícia Federal daqui - na época era em cima da Caixa Econômica Federal. Parece que eles não sabiam que eles tinham um escritório na Rua 7, em frente à loja do Natal. O irmão do Marcantônio tinha uma loja de máquinas lá e viu nós descendo do carro algemados, descendo do camburão. De lá nos transportaram para a Detenção, na Independência. Na Detenção nos colocaram primeiro em uma cela, eu e ele. Com três dias passou a gente para a cela de preso comum. Ficamos lá durante 15 dias, só que lá, com presos comuns, a gente era respeitado: chamavam a gente de professor. Eu comecei até a querer dar aula do Moral lá. Pedi minha família para levar o livro para alfabetizar alguém, fazer algo de útil dentro da cadeia.

Na hora que eu entrei dentro da cadeia pensei comigo: meu mundo lá fora acabou, eu tenho que viver aqui agora, tenho que me acostumar aqui dentro. Fiquei 15 dias lá. A família trabalhou e me levou para o CEPAIGO. Condenado ficava lá, mais cedo ou mais tarde iria para lá, mas abreviou porque o CEPAIGO em vista da Detenção é um paraíso. A Detenção era um inferno, não tinha vaso, não tinha água para tomar banho, tomava banho de vez em quando, quando ia tomar banho de sol. Isso quando não o colocavam de castigo. Comida era dentro do uma lata de cera; parecia que eles pisavam em cima da comida, e nós éramos obrigados a comer aquilo.

Eu saí de lá e fiquei sendo assediado no refeitório pelos presos comuns de outras celas, os das celas vizinhas já tinha ganhado, eram todos amigos; o Tiãozinho falava: qualquer coisa com você, você me fala. Modéstia à parte, já tinha alcançado uma liderança. Mas no refeitório nos misturávamos mais com pessoas que nós nunca tínhamos visto. Aí queriam levar o tênis, ou qualquer coisa de valor. Diziam: é meu isso aí. Roubavam lá dentro mesmo. Eu tirava tudo, ia para lá de sandália havaiana mesmo, esculhambado para não chamar a atenção deles e não ser ameaçado, porque se não você morre lá dentro da cadeia mesmo. Parece que eles faziam até de propósito, jogava você lá ao Deus dará.

No CEPAIGO eu fiquei na cela de provinha: deixam você 15 dias incomunicável para ver se você era bom elemento, a “provinha” que eles chamam. Nesse meio tempo, minha tia trabalhava no Hospital Geral e pediu ao Dr. Juraci Freire, que era diretor da enfermaria do CEPAIGO, para me transferir para a enfermaria pra me tirar do meio dos presos. Aí eu fiquei mais 15 dias depois da provinha, fiquei um mês no meio dos presos. Mas também já tinha feito amizade com todo mundo. Transferiram-me para a enfermaria, e lá eu fui ser enfermeiro. Para ficar lá tinha que ser enfermeiro, e eu aprendi a aplicar injeção. Eu peguei amizade com os presos porque os presos tratam o enfermeiro bem, a maioria quer droga, aí você dá um Melhoral para eles tomarem e aquele trem todo. O Paraibinha e o Raimundinho, que eram dois presos condenados por homicídio, estupro e tudo que tinha de ruim, tinham quase cem anos de cadeia e acabaram virando meus amigos. Nesse meio tempo foi julgada a turma do Adão, a turma do Abrão porque iniciava com a letra “a”: o Abrão, o Benito, o Wilmar Alves, o Paulo Vilar, o Washington, o pessoal de Anápolis, o Clovis. Então eles foram para lá e eu comecei a preparar o meio campo para eles irem. O diretor prisional, o Custódio, ele gostava muito, como todo funcionário público, de sobressair para ganhar promoção. E o Taquinho, que de vez em quando ia lá filmar para mim, ele era muito grato, eu arrumei para ser secretário dele o Wilmar Alves, jornalista, fazia matérias e mandava para o Cinco de Março. Com isso, fui pegando certa confiança com ele, respeito. Antes de eu ser enfermeiro eu era secretário dele, do diretor, quando o Taquinho foi lá. Quando o Wilmar chegou, eu falei: Wilmar eu arrumei para você ser secretário do homem. Nesse meio tempo eles entraram e ficaram. Como tinha aberto um precedente para a gente ficar na enfermaria, eles colocaram todos os presos políticos na enfermaria. Aí ficou ótimo! Tinha o Abrão e o Benito que eram médicos, e eu era enfermeiro deles; eles foram ser médicos na enfermaria. Foi até bom porque eu aprendi a aplicar injeção naqueles bandidos lá. Foi bom! Todos companheiros. Tinha o Pedrão, que era meu amigo, pistoleiro, falava para mim que era irmão do Jaques Jales. Foram praticamente cinco meses. Depois saí do CEPAIGO, saí primeiro, o pessoal continuou, tinha sido condenado há mais tempo.

Quando eu saí e fui comemorar minha saída, a família deu aquela festa e eu levei o batedor de carteira comigo, porque peguei amizade com ele e então ele foi comigo. Era um pessoal puro; eles estavam ali como consequência da fome; era problema estrutural, tem que entender esse lado também. Esse Morroni virou meu amigo. Ele não tinha para onde ir, e eu falei: Vamos lá em casa comer um churrasco. Ele se comportou direitinho, respeitava... Quando voltei a trabalhar, passava sempre na televisão. Então tem essas coisas.

Eu sair e deixar os amigos lá foi o fim da picada. Eu peguei muita amizade pelo Wilmar, que acabou virando meu compadre, faleceu há pouco tempo. Um grande companheiro, sincero, um cara solidário ao extremo, muito bom jornalista, inclusive o Correio Braziliense deu uma matéria de uma página com ele depois que ele morreu. Ele era um cara exemplar, ensinou muita gente a trabalhar, humilde, não era estrela. Então, eu e ele pegamos uma amizade muito grande, e largar os companheiros lá para mim foi o fim da picada. Como eu não estava trabalhando, não voltei para a televisão, de propósito fui ao Correio Braziliense e falei: para o Wilmar não perder o emprego, eu queria ficar no lugar dele e na hora que ele sair ele volta, continua no lugar dele e eu saio. Só para eu também não ficar desempregado. Fiquei, mas me sobrava tempo, o que eu fiz? Armei um esquema com a família do pessoal para ir a Brasília para requerer um habeas corpus. Eles subiam para o Superior Tribunal, e eu ficava escondido dentro do carro - um carro velho que eu tinha; secava o carro, arrebentava o radiador, as mulheres desciam todas, eram todas esposas, para por água. Era um sofrimento naquela época. Tinha o advogado que morreu há pouco tempo, o Rômulo Gonçalves, que é outro que eu acho que merece uma homenagem. Ele defendia preso tendo dinheiro ou não. Aquele merece uma homenagem, ele era amigo de todos. Se tinha dinheiro pagava, se não tinha ele defendia da mesma forma.

Nesse período que o pessoal estava preso até o Neso Natal, que hoje é meu irmão, que eu considero demais, ele chegou desfigurado e por coincidência eu estava lá. Eu não parava de ir ao CEPAIGO, já conhecia o sargento, já conhecia o oficial de dia, então chegava lá e falava com a maior facilidade, participava de reuniões dentro do CEPAIGO com eles, trazia as resoluções. O Neso chegou, e eu não conhecia o Neso (o Neso foi embora assim que eu peguei o embalo na esquerda, no PCB). Ele chegou e eu fiquei impressionado com estado do Neso. Eu lembrei até do episódio do Luiz Carlos Prestes, que estava preso e que o advogado, o Sobral Pinto pediu, invocou para ele a Lei de Proteção aos Animais. Então, o Neso chegou em um estado deprimente. Fizeram uma lavagem cerebral nele, ele não falava coisa com coisa, falava português, falava russo, falava de tudo, menos coisa certa. Sem querer, e devido ao estado dele, ele falava coisa sobre a União Soviética, ele falava mal. Hoje é uma cara leal, agradecido à pátria que deu acolhida a ele. O estado do Neso me chamou muito a atenção, e eu quando tinha um tempo disponível ficava indo lá. Quase diariamente eu ia ao CEPAIGO. Quando não era no CEPAIGO, era em Brasília ou era nos advogados. O Dr. Rômulo morava em uma chácara, tinha uma chácara, e eu ia atrás do Dr. Rômulo; atolava carro para chegar lá. Moral da história: Quan-

do saiu todo mundo, o pessoal achou por bem prestar uma homenagem a mim, pela solidariedade, e eu fiquei muito satisfeito, me senti realizado em poder ajudar alguém, mesmo não estando militando.

O que eu fiz depois de deixar a cadeia? Além disso, que levou mais uns 6 meses, logo o pessoal saiu da cadeia, veio a condicional, o único que ficou foi o Neso. Além disso, começamos a pensar em reorganizar o partido. Houve uma movimentação para reorganizar o partido: o Alaor, o Tibúrcio, o Elias Moreira. Minha casa, eu não tinha casado naquela época, serviu de aparelho para a reunião; passamos um dia e meio em reunião. Ninguém dormiu a noite, todo mundo em claro, segurança. Eu inclusive era um segurança, com a fortaleza de 57 quilos eu resolvia qualquer coisa. Continuamos lá para reorganizar o partido. E aí parece que não deu em nada, o pessoal não levou a sério.

LEMBRANÇAS E MARCAS

Logo surgiu a anistia, com o Figueiredo, em 1979. Depois da anistia o pessoal quis... Ah, tem esse detalhe: nós éramos do partido, do PCB, mas militávamos no MDB para termos legalidade. Nós inclusive conseguimos em 1970 eleger o vereador mais votado de Goiânia, que foi o João Silva Neto. Então nós tínhamos realmente uma base: deputado estadual, simpatizante nosso que era deputado federal, fazia coligação, e até senador, que era o Henrique Santilho, que era simpatizante do partido. Ele dava cobertura para a gente. Eu fiz reunião do Henrique Santilho com o pessoal para fazer propaganda, para dar apoio para o Henrique. Então, a gente realmente teve um partido forte, bem estruturado e era por isso que o pessoal sabia, os meios de informações tinham conhecimento.

Entre nós existia o elemento virtual, tinha um elemento chamado Trovão, ele era financeiro e nós fomos cobrar as finanças dele – tínhamos feito uma campanha de finanças em solidariedade ao Vietnã - e ele ameaçou mandar todo mundo para a cadeia, nos denunciar se nós quiséssemos receber. Então, tinha esses elementos que a gente não contava. Teve também o episódio do pessoal da televisão. Eles comunicavam que iria ter uma rede nacional e não dizia o que era. Está formada a rede nacional, com aquele vozeirão, e o locutor oficial da presidência da República colocava o pessoal, ex-companheiros para falar, vários de Goiânia. Fiquei constrangido, triste por aquele episódio, porque a gente jamais imaginava que iria chegar naquele ponto. Eu conhecia todos, nós militávamos na política estudantil, eram elementos bons, como o Alan, só que eles eram de outro partido, não era da nossa organização. Eles eram da Ação Popu-

lar. No partido não aconteceu isso não. Então, eu fiquei constrangido, foi uma desmoralização para a esquerda, parece que generalizou a coisa, mas paciência. Nós não podíamos fazer nada, nem por isso nos afastamos. Eu sou amigo deles até hoje. Tiveram motivos. Qual foi o motivo, eu não sei. Se eu tivesse na pele deles não sei se eu iria fazer ou não. No caso de abrir o útero para tirar uma criança, talvez, mas não sei se chegaria a tanto. Não sei, cada um tem uma reação. Não venha com negócio de bater papo: que eu faço isso, faço aquilo, que na hora você perde a cabeça, você fica doido. Tanto é que até hoje nós temos problemas, o Neso em particular, que é meu amigo, meu irmão. Nós somos nervosos, nós não temos estabilidade emocional. Tem companheiro aí que toda hora está chorando, que sem mais nem menos está emocionado. Então, até hoje nós temos sequelas daquela época. Se você falar que eu sou uma pessoa normal, eu não sou uma pessoa normal. Eu já passei na mão de psiquiatra, na mão de psicólogo, já tentei melhorar. Mas não sou uma pessoa normal. Imagina o medo que a gente tinha de voltar para casa. Não sabia se amanhã a gente estaria livre, e tinha que lutar, tinha consciência que não podia... Depois que o Ismael morreu deu força para a gente, fiquei revoltado. Eu negava coisas que diziam que já tinha falado, eu dizia não sei. Por quê? Somos realmente descontrolados emocionalmente. Isso é uma autocrítica que eu aprendi no partido. No partido você tem que ter crítica e autocrítica, e é muito importante o homem ter autocrítica. Eu aprendi que todos nós devemos reconhecer as nossas falhas, os nossos limites.

E depois disso, depois da prisão, depois da anistia do Figueiredo, eles continuaram nos perseguindo, tanto é que na minha ABIN, que eu peguei agora recentemente, está que eu fui observado até 1988, que eu fazia parte da Associação Instituto Cultural Brasil União Soviética, na minha ABIN consta isso. Eles estavam nos acompanhando ainda até 88. Para falar com franqueza, a partir daquele movimento eu pensei que já tinha caído. Mas não caiu não, o negócio durou até a Constituinte. Depois da Constituinte foi que veio realmente a democracia, e as coisas mudaram.

Até hoje tenho pesadelos horríveis, eu particularmente tenho: de estar sendo preso, medo de voltar atrás. Os jovens deveriam ler um pouco da história do Brasil para conhecer esses detalhes, para ajudar a preservar a democracia. Como dizem, a democracia é igual ao ar que nós respiramos, se perder nós ficamos completamente desequilibrados.

Foi realmente um período triste. Até hoje, depois da democracia, para os direitistas sou ainda um comunista velho. Há críticas infundadas do direitista, do ditador (...) contra a anistia, contra a pensão que o governo nos concedeu. Eu não vou entrar no mérito desse tipo de coisa. Eu

pergunto se acontecesse com eles a mesma coisa, se uma filha deles tivesse sido torturada, se invadissem a casa deles altas horas da noite, sem a ordem judicial? Se fizessem o mesmo, se hoje a polícia fizesse o mesmo, se o Estado brasileiro fizesse isso com ele, se ele não iria entrar com um pedido de indenização?

Os ditadorezinhos de pijamas, os torturadores que estão soltos aí, que hoje se está discutindo se devem ser julgados ou não, e que eu acho que devem ser julgados, o crime não é político, é contra o ser humano; é um crime comum, deve ser julgado. A anistia não é extensiva a isso, o pouco que eu entendo de Direito dá para perceber, isso está lá.

Nós estamos esperando até hoje pela justiça, nós só vamos sentir que fizeram alguma coisa por nós, que reconheceram a nós, depois que entregarem os restos mortais do pessoal do Araguaia, os restos mortais de muitos companheiros que foram mortos com tortura. Ninguém sabe, há muitas mães esperando, igual à mãe do Mirim, que morreu no desastre da rodovia esperando pelo filho. Não fechava a porta da casa dela esperando o filho, morreu esperando o filho. Então, enquanto não fizer isso, não punir exemplarmente os torturadores, não vamos nos sentir em paz, não vamos nos sentir tranquilos. Nós estamos sempre ameaçados.

O Exército hoje não, ele hoje está cumprindo o seu dever constitucional, está dentro dos quartéis exemplarmente cumprindo o seu dever que é defender o Brasil, a soberania nacional, tomar cuidado com invasões para não ser invadido pelos americanos, já que os americanos falaram que a Amazônia não era território de ninguém, é da humanidade. Eles já estão preparados, os Estados Unidos nós já sabemos a história deles, eles são capazes de tudo, de outra guerra. Eles já têm várias guerras aí: no Afeganistão, no Iraque e agora o genocídio que Israel está cometendo, que é um genocídio contra crianças. Morreram 247 crianças lá em Israel; isso até hoje, dia 15 de janeiro, e ninguém fala nada, não vai contra. A ONU, Israel não respeita a ONU, não respeita nada. Eles têm um grande parceiro que é o americano, o americano está por trás. O apoio do americano é constante para Israel.

Então, nós vivemos esse sofrimento todo. Hoje eu estou com a família formada, uma esposa maravilhosa, filhos. Tenho 4 filhos: a Taliana, que foi ameaçada na época pelo Exército, hoje está aí, me deu uma neta maravilhosa, que é a Mariana. Graças a Deus, eu tenho Ludmila, o Rodrigo, a Tatiana, são filhos exemplares, todos formados. Consegui formar todos, com a cabeça meio ruim, ansioso, sou ansioso demais. Gosto das coisas para ontem, nervoso demais. E tenho uma esposa que me compreende, sabe dos meus traumas, das minhas deficiências. E um companheiro que sofreu um

absurdo, que é o Neso, que eu não saio do lado dele, até hoje estamos lado a lado. Sempre que é possível nos encontramos. Ele realmente para mim é um irmão que me deu apoio e me ajudou.

É continuar a vida. Estou aguardando uma resolução do governo, todos nós estamos aguardando a entrega dos restos mortais do pessoal do Araguaia. É a nossa cobrança.

LUIZ CARLOS ORRO DE FREITAS

Data de nascimento: 19/07/1958



Sou Luiz Carlos Orro de Freitas, completo 54 anos agora em 2012. Nasci em Belo Horizonte, em 1958, e fui criado aqui em Goiás, em Uruaçu, na fase da infância e pré-adolescência. Minha mãe era filha de italianos, meu avô e minha avó eram camponeses e vieram da Sardenha, em um período, no início do século XX, em que havia muita crise e muita fome na Itália. Meu avô foi um exímio carpinteiro, um operário construtor de telhados em toda a cidade de Belo Horizonte.

Meu pai era filho de uma professora, uma das primeiras professoras primárias da cidade de Uruaçu, e se formou engenheiro civil pela Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalhou na construção da Belém-Brasília, de várias outras rodovias em Goiás e também na construção da usina de Itaipu. Nós tivemos na família essa tendência de não ficar muito tempo em um só lugar. Meu pai era como peão de trecho e a família toda o acompanhava. Foi um pouco da parte inicial da minha infância.

Na infância, uma das coisas que mais me marcou, quando minha mãe morreu em Uruaçu, em 1965, fomos morar com os avós em Belo Horizonte. Lá chegando, vi pessoas de uma favela próxima ao Bairro de Santa Tereza, onde morávamos, revirando latas de lixo em busca de alimentos. Então, eu, com sete, oito anos de idade, achava um absurdo como as pessoas podiam comer restos de comida vindas da lata de lixo. Foram essas coisas que foram me conduzindo para esse campo da esquerda, para essa luta que levo até hoje com muito orgulho.

Desde criança fui observando, gostava muito de ler; um dos locais preferidos que eu frequentava na pequena Uruaçu era a Biblioteca Municipal. Lia muita coisa e procurava adquirir conhecimentos. Sempre fui assim, como me chamavam no colégio das freiras, um menino rebelde. Até

que um dia na aula de catecismo, eu participava da Cruzada Eucarística, toda família muito católica, aconteceu certo incidente nos debates da aula de catecismo e me mandaram para a madre superiora. Ela dizia que as perguntas que eu fazia não eram possíveis de serem respondidas, que o estudo de ciências que eu estava fazendo era outra coisa, que religião tinha que acreditar, tinha que ter fé. Foi a partir de então que, com 12 anos de idade, aconteceu esse rompimento com essas ideias religiosas e eu fui me formando um cidadão com ideias de esquerda, ideias revolucionárias e libertárias e acabei me tornando comunista, desde os anos 70. Participei dos últimos anos da ditadura, em meados dos anos 70, participei de toda a luta para a conquista da liberdade para o Brasil.

Comecei no movimento estudantil através da luta pela reconstrução da União Nacional dos Estudantes - UNE, reconstrução do Diretório Central dos Estudantes - DCE da Universidade Federal, dos centros acadêmicos, ali fui me integrando à luta.

Entre na Universidade Federal no ano de 1978, na turma de jornalismo. Naquela época acontecia no Brasil a campanha pela anistia, pela libertação dos presos políticos, a campanha pela Assembleia Nacional Constituinte, a campanha em verdade pelo fim da ditadura e pelo fim do estado de arbítrio do regime militar.

Antes, com 15 ou 16 anos, já havia sofrido uma prisão nos tempos do ginásio, por conta do arbítrio de um delegado de polícia. Fui defender um grupo de jovens e fui espancado por esse delegado que me “enfio” na Casa de Detenção, onde estavam presos na mesma cela assassinos, homicidas, assaltantes entre outros. Uma prisão completamente arbitrária; de tão arbitrária, nem registro disso ficou. Fui tirado de lá ao raiar do dia, por um advogado que minha madrastra conseguiu.

Naquela época eu já tinha uma paixão pela música e participávamos das atividades culturais, dos festivais de música nos tempos do Colégio Pré-Universitário. Festivais que infelizmente acabaram. É preciso inclusive que sejam retomadas essas atividades com a juventude brasileira.

A partir daí, também, com atividades que aconteciam no DCE da Universidade Federal. Eu me lembro do Cineclube Antônio das Mortes, que todo sábado à tarde exibia filmes e logo após aconteciam debates. Aquele era o momento de reunião, debate e troca de ideias; era onde íamos adquirindo consciência política. Tivemos grupos de estudo com participação de professores da universidade. Procurávamos estudar sobre economia política, sobre o Marxismo, e assim fomos nos formando. Foi nessa época que entrei no PCdoB, que ainda era um partido perseguido, um partido clandestino. Completo neste ano 33 anos de militância ininterrupta no Partido Comunista

do Brasil. O PCdoB foi pra mim uma grande escola, e como dizia Lenin: “O ser comunista é a honra e o orgulho do nosso tempo”.

O GOLPE

“Há soldados armados, amados ou não. Quase todos perdidos, de armas na mão. Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição: de morrer pela pátria e viver sem razão”. Essa música ficou na minha lembrança desde os 10 anos de idade. Em 1968 morávamos em Uruaçu, na casa dos padres, uma casa que meu pai alugava, e recebemos a visita de duas jovens estudantes da Universidade de Brasília - UNB que ficaram lá por cerca de um mês. Depois fiquei sabendo que elas não estavam passando férias, o que havia acontecido era que o Exército tinha invadido a UNB e prendido muitas pessoas, e elas, com o apoio da família, se deslocaram até Uruaçu para passarem alguns dias. Elas levaram um gravador que tocava essa música o dia todo e acabei aprendendo. Era um gravador de rolo muito grande, do tamanho de uma caixa, que era uma novidade para todos naquele tempo em Uruaçu.

Em 1968 ou 1969, também me lembro, eu chegava da escola - estudava no colégio das freiras - tinha que trocar o uniforme, pegar a marmita, era daquelas de cinco bandejas, e ir à pensão buscar o almoço da família - era minha tarefa doméstica. Chego à pensão do seu Rodolfo e a pensão estava “coalhada” de soldados do Exército: metralhadoras, fuzis para todo lado, e eu passando e dizendo que queria o almoço, que tinha ido buscar a marmita, e me colocaram para correr de lá, diziam: Não tem marmita aqui não menino, some daqui!

Rodolfo estava preso e Zé Sobrinho, irmão dele, estava sumido. Tinha fugido para o mato, tinha “vazado” no cerrado. Eram o Rodolfo Fernandes Carvalho e o José Sobrinho Fernandes Carvalho que eram na época dirigentes do Partidão, do PCB; foram as pessoas que ajudaram a organizar e deram o apoio a toda aquela luta camponesa de Trombas, do Formoso. Trombas era distrito, território de Uruaçu naquela época, final dos anos 50.

Eu conheci muito tempo depois, inclusive filhos deles, o Alan, a Hélia, o Natan. Os pais tiveram que mandá-los para estudar fora, na Tchecoslováquia, na União Soviética. Era aquele clima de perseguição que existia no Brasil naquele tempo.

Ninguém elegeu um militar para tomar conta do Brasil. Foi eleito Jânio Quadros, que depois renunciou e assumiu o vice, o presidente João Goulart, Jango. Os militares não quiseram aceitar, desde 1962 tiveram que fazer a questão do parlamentarismo, mas acabaram dando o golpe em 1964.

São os mesmos setores militares, os mesmo setores das elites econômicas, dos grandes meios de comunicação, dos industriais, dos latifundiários que em 1954 provocaram o suicídio de Getúlio Vargas. Por quê? Porque não queriam a criação da Petrobrás, não queriam que tivesse aumento do salário mínimo, não queriam um governo nacionalista, um governo que procurasse o desenvolvimento do Brasil.

Em 1964 acabaram vitoriosos com o apoio de forças da igreja, da chamada classe média, de setores conservadores e da elite econômica no essencial. Eles pregavam o medo do comunismo, falavam que o comunismo ia tomar conta do Brasil. Tudo “balela”, pois João Goulart não era comunista. João Goulart era um presidente que poderia ter lá ideias de centro-esquerda quando muito, mas não passava disso.

Meu primeiro contato, quando tomei consciência de que existia uma ditadura no Brasil, foi quando vi a tropa invadindo e fechando a pensão. Esse batalhão do Exército ficou acampado dentro de Uruaçu, em um terreno do órgão de saúde pública, que era o SANDU naquela época. Ficaram lá, cavaram trincheiras, tinham cercas de arame farpado, faziam treinamentos.

Éramos muito danados. Eu com os irmãos, os primos e os amigos, subíamos no pé de manga do quintal da vizinha e ficávamos observando a movimentação do exército. Gostávamos de caçar passarinhos, fazíamos garruchas artesanais e vimos na mão de alguém uma cápsula de fuzil, era uma cápsula grande, e fizemos um plano para termos uma cápsula daquelas para fazermos uma garrucha maior. Entramos à noite por debaixo do arame farpado, pulamos na trincheira e saímos com os bolsos cheios de cápsulas de fuzil para fazermos as garruchas. Cronometrávamos no relógio quanto tempo a sentinela que vigiava a noite gastava para dar a volta. Muito tempo depois, já com mais idade, é que fui perceber a loucura que tínhamos feito, poderíamos ter morrido todos.

Essa era a nossa vida: pescar, caçar, andar de bicicleta; fazíamos campinhos de futebol na enxada, pista de bicicross, éramos uma menina-muito ativa. Uma dessas garruchas que fazíamos foi levada para dentro da sala de aula. Um colega, que hoje é delegado da Polícia Federal, disparou um tiro (não irei citar o nome porque ele pode não gostar); o outro, o que levou um chumbo no dedo que sangrou, hoje é advogado, o Gilmar Mota. A garrucha fui eu que levei, mas o tiro não fui eu que disparei não.

MILITÂNCIA

A ditadura militar já vinha dando sinais de fragilidade e desgaste. Eu me lembro que em 1974 no ginásio, éramos do Ginásio Rui Brasil Cavalcanti

te, no Setor Sul, eu e outro colega, o Ciro Lisita, que foi professor da UFG, já falecido, inventamos de sair fazendo pichações “MDB”, que era a grande campanha de oposição em 1974, quando a ditadura sofreu uma derrota política. A diretora fez um escarcéu no ginásio, passou de sala em sala dizendo que a Polícia Federal ia até lá, que tinham subversivos na escola, que ia fazer exames na caligrafia; e nós ficávamos com cara de paisagem como se não fosse conosco e não tivéssemos nada a ver com aquilo. Combinamos então de começarmos a treinar fazer as pichações com a mão esquerda para disfarçar a letra. Se a polícia viesse examinar, não nos pegaria.

A ditadura vinha acumulando desgastes e em 1978, foi quando entrei na Universidade Federal de Goiás, era um momento de muita efervescência, já existia uma diretoria provisória do DCE, porque as entidades estudantis tinham sido todas perseguidas, extintas e desmanteladas pela ditadura militar. A UNE e a União Estadual dos Estudantes de Goiás foram extintas, os DCEs e os centros acadêmicos não mais existiam. Eles inventaram nas legislações da ditadura, procurando institucionalizar o regime de arbítrio, os tais diretórios setoriais. Não existia a entidade própria de cada curso, eram entidades gerais que recebiam recursos, um valor da matrícula de cada estudante, e que tinham que prestar contas ao pró-reitor.

O movimento naquela época era de efervescência e já existia naquele tempo a comissão Pró-UNE que era de estudantes do Brasil inteiro procurando a reconstrução da UNE. Em 1978, quando entrei na universidade, era esse o caldo de cultura. Circulavam na universidade documentos, materiais, jornais e começamos a ter acesso àquilo. Era o jornal “Movimento”, jornal “O Pasquim”, “Coo Jornal”, eram essas as publicações que traziam as informações e tinham uma linha editorial de esquerda, muitas edições, inclusive, eram apreendidas e proibidas de circular. Era o arbítrio completo, era o tempo da censura. Inclusive, uma das coisas que mais me irritava é que tinham algumas músicas que eram proibidas. Eu não conseguia imaginar o negócio. Como era proibido tocar uma música no rádio, como era proibido cantar? Então, nos tempos do ginásio, nos tempos do segundo grau, eu levava o violão para a escola, cantava Geraldo Vandré, cantava Chico Buarque, e as pessoas falavam: Olha Che-Guevara, vão te prender aí! Era esse sentimento de liberdade que nos movia naquele tempo.

Do ponto de vista partidário, me integrei ao PCdoB a partir de 1978-1979. Formávamos grupos de estudos com pessoas que tinham afinidade de ideias dentro da Universidade Federal e descobrimos que tinha um grupo de estudantes secundaristas que também se reuniam. Marcos Araújo, Virgílio, Edmundo Galdino, Jordaci e vários outros eram também participantes de grupos semelhantes. O que fazíamos naquele tempo? Passamos a ler textos

Marxistas, livros do Marxismo e procurávamos conhecer a linha política-ideológica das várias organizações. Lemos materiais da Ação Libertadora Nacional / ALN; da Vanguarda Popular Revolucionária /VPR; do MR-8, do PCB, do PCdoB, da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares /VAR-Palmares; das várias organizações que existiam, e concluímos, dentre tudo que lemos, que a linha mais correta em nossa opinião era a do PCdoB, e então decidimos entrar no PCdoB.

Mas cadê PCdoB? Não tinha PCdoB porque o PCdoB que existia organizado aqui em Goiás foi totalmente destruído na época da ditadura militar. Membros do PCdoB foram mortos na Guerrilha do Araguaia. Foi o caso do Divino Nunes Ferreira, que era estudante secundarista de Goiânia e participou da Guerrilha do Araguaia. Outros foram mortos sob tortura, como foi o caso do João Batista Drummond, que foi preso em 1976 no episódio conhecido como “Chacina da Lapa”, em São Paulo, quando o comando do 2º Exército em São Paulo invadiu a casa onde acontecia a reunião da direção nacional do Comitê Central do PCdoB. Mataram João Batista Drummond, Maurício Grabois, mataram o Ângelo Arroio e prenderam vários outros: Aldo Arantes, Aroldo Lima e Elza Monnerat.

Nós discutíamos a partir dessas orientações, e uma das coisas que nos motivou a entrar para o PCdoB era a linha mais ofensiva, mais revolucionária que apresentava. Tinha toda aquela mística com a questão da Guerrilha do Araguaia, do enfrentamento corajoso que aqueles militantes fizeram na selva do Araguaia (antigamente era o norte de Goiás e a região do sul do Pará) para também mobilizar a população daquela região e contribuir para o fim da ditadura.

O Partido naquele tempo estava numa situação muito difícil e uma forma que encontraram para ele aparecer foi através de um jornal que foi criado legalmente, chamado “Tribuna Operária”. Nós passamos a vender este jornal, que era distribuído semanalmente. Recebíamos os exemplares através de empresas de ônibus, outras vezes despachados através de empresas de aviação. Nós vendíamos o jornal na universidade, na Praça dos Bandeirantes, nas feiras. Nossa diversão de sábado e domingo pela manhã era ir para feiras vender o jornal “Tribuna Operária”, denunciando a ditadura e o que ela havia praticado.

Naquele tempo houve um caso escabroso e sinistro que foi o show no Riocentro, em 1981, quando ia se comemorar no Rio de Janeiro o 1º de maio, Dia Internacional dos Trabalhadores. Setores da ditadura militar foram para o show colocar bombas para que o show explodisse. Seria o morticínio de inúmeras pessoas, mas eram tão incompetentes que a bomba explodiu dentro do carro em que eles estavam, um Puma. A bomba ex-

plodiu no colo de um sargento, que morreu, e feriu um capitão que nunca foi punido. Este capitão, inclusive, foi promovido. Fizeram um inquérito de mentira que nunca deu em nada. Era assim que a ditadura funcionava, perseguindo. Também nessa época mandaram carta-bomba para a sede da OAB no Rio de Janeiro, mataram a secretária; a Associação Brasileira de Imprensa também sofreu ameaças.

Aqui em Goiânia fazíamos vigílias de madrugada em bancas de revistas, Banca do Marcão, na Rua Oito com Anhanguera; outra em frente ao Bradesco, na Praça dos Bandeirantes. Essas bancas eram as que insistiam em vender os jornais alternativos: O Movimento, Coó Jornal, Pasquim, Tribuna Operária, Jornal Unidade, que foi o jornal que o PCB lançou; jornal A hora do Povo, que era do MR-8. Eles ameaçavam de explodir as bancas que vendessem esses jornais. No Rio de Janeiro e São Paulo explodiram várias dessas bancas.

Muitas vezes fizemos vigília madrugada adentro tocando violão, conversando, recitando poesias, falando sobre a luta para fazer esse movimento de proteção a essas bancas. Lembro-me de um dia em que estávamos na Praça dos Bandeirantes, no começo da madrugada chegou um deputado, deputado Lino de Paiva, que era da linha do MDB autêntico, para nos dar seu apoio. Perguntou se estávamos preparados, dissemos que sim. Perguntou o que tínhamos levado. Dissemos que havíamos levado livros, violão, um garrafão de vinho, vinho Canção, vinho Sangue de Boi, que era o que conseguíamos comprar na época para passarmos a noite. Ele nos disse: A preparação é essa aqui. Ele levantou a camisa e estava armado com um revólver. Dissemos que de armas não tínhamos nada, só tínhamos nossas ideias. Ele disse que tínhamos que nos preparar melhor para aquela ação.

Fui eleito, em 1979, presidente do Diretório Setorial de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal. Diretório que representava onze cursos. Fomos eleitos em uma grande aliança, eram as forças do PCdoB, do PCB, entre outros. Fomos eleitos com o seguinte programa: Vamos ganhar o Diretório Setorial e vamos implodi-lo. E fizemos isso. Ao final da nossa gestão, estavam criados os centros acadêmicos de cada curso. Esse foi o nosso trabalho, trabalho de formiguinha, de convencimento dos estudantes de cada curso a constituírem suas próprias entidades, o centro acadêmico livre.

Ao final, fizemos uma assembleia com os estudantes repartindo os bens do Diretório Setorial entre cada um dos cursos e prestamos contas aos estudantes do que havia sido feito. Na sala imensa que pertencia ao Diretório, mandamos instalar divisórias, ficando uma sala para cada centro acadêmico, para cada curso.

Isso já foi uma grande vitória, foi um início muito importante. O pró-reitor da UFG me chamava de desesperado, dizia que eu não podia fazer aquilo, que eu tinha que ter responsabilidade, que tinha o Decreto 447, tinha o Decreto 2008, que eu estava descumprindo a lei e que eu tinha que prestar contas para ele. Eu disse: senhor reitor, sinto muito, mas eu já prestei contas aos estudantes, estou lá os representando. Assim foi feito o trabalho naquela época.

Nesse momento foram feitas várias manifestações e mobilizações. Nós lutávamos pela melhoria da educação, da qualidade de ensino. Fizemos um levantamento naquela época e os laboratórios da Universidade estavam sucateados. Inclusive, voltei há alguns anos atrás na Universidade e estavam usando as mesmas cadeiras de 1978. Era um “bagaço” total, as universidades não tinham papel-higiênico, não tinham sabonetes, não tinham materiais para o laboratório. Às vezes eram comprados equipamentos caríssimos, mas não tinham os insumos para a utilização, não tinham professores o suficiente. Essa era a nossa luta na exigência da melhoria da educação.

Denunciávamos naquela época os acordos MEC-USAID, que foram acordos espúrios feitos pelo governo militar do Brasil com o governo dos Estados Unidos. Foi uma grande tentativa do governo dos Estados Unidos de disseminar aqui suas ideologias, seu modo de vida americano e suas convicções. Queriam na verdade amordaçar o sentimento, a consciência crítica dos estudantes brasileiros, da universidade brasileira enquanto centro de produção de conhecimento, centro de produção de tecnologia própria, e criar profissionais amestrados, formados em uma linha única para aceitarem aquela concepção de mundo e de sociedade que eles defendiam. Nós enfrentamos isso e fazíamos mobilizações, greves. Aconteceu uma greve histórica em que a universidade parou por vários dias. Os estudantes levantavam essa luta.

Fazíamos manifestações, me lembro de uma vez que veio à Goiânia o general Stroessner, ditador do Paraguai, e viria junto o general Figueiredo, ditador do Brasil, para fazerem a abertura da Exposição Agropecuária. Estavam divulgando que vinham esses dois ditadores, e nossas reuniões iam madrugada adentro.

No dia estávamos preparados, preparamos toda uma logística, pequenas faixas enroladas nas pernas das pessoas, faixas dobradas e colocadas dentro das roupas das meninas, tudo preparado para que entrássemos na “Pecuária” para abrirmos essas faixas na presença dos ditadores.

Tivemos a ideia de fazermos uma manifestação na Praça Universitária um dia antes da chegada dos ditadores. Eu me lembro que passamos a madrugada toda rodando panfletos que diziam: Fora Figueiredo, Fora Stro-

essner, Abaixo a ditadura! O panfleto conclamava a população a reagir e repudiar a vinda desses ditadores à Goiânia.

Nós rodamos os panfletos em uma gráfica que era da Câmara Municipal de Goiânia, com o apoio de alguns vereadores. Esta gráfica ficava na Rua 66, em frente ao DOPS. Passamos a madrugada toda em frente ao DOPS rodando esses panfletos para a realização da manifestação.

No outro dia cedo, as universidades praticamente paralisadas, a Praça Universitária cheia de estudantes, mais de cinco mil estudantes, e a tropa de choque começou a cercar e a dizer que ali não seria permitido. Diziam que a manifestação era ilegal, que tínhamos que nos dispersar. Nós sentávamos, hasteávamos a bandeira do Brasil, cantávamos o Hino Nacional para tentarmos convencer alguns dos policiais; gritávamos para os policiais dizendo que eles também eram explorados. Eles começaram a soltar os cachorros e bombas de gás lacrimogênio, o pessoal resistia, mas quando os cachorros começaram a morder e o sangue a escorrer, virava aquela balburdia. Corremos e nos refugiamos na Faculdade de Direito da UFG - a tropa de choque em frente, jogando bombas de gás lacrimogênio.

Alguns de nós tiveram que sair no carro do líder do PMDB, o deputado Costa Lima; saímos no carro oficial dele direto para a Assembleia. Transferimos, então, o ponto de vigília para dentro da Assembleia. A polícia, querendo nos prender, colocava policiais à paisana infiltrados. Detectávamos vários destes. Inclusive, certa vez encontramos um estudante que se transferiu do Maranhão para Goiânia, muito cheio de ideias; fomos pesquisando sobre ele e o pegamos entrando na Polícia Federal, que era próximo à Praça Universitária. Confirmamos que ele realmente era agente da Polícia Federal infiltrado.

A Praça Universitária era o que chamávamos de território livre, ali os estudantes se reuniam, faziam assembleias, mobilizações, e a polícia não podia entrar. Era algo que tentávamos negociar com as forças da repressão naquela época, que eles não entrassem nas universidades, nem na Praça Universitária.

Quando muitas pessoas se reuniam, víamos que estávamos com força, propúnhamos que a passeata fosse até o centro da cidade; nós tínhamos uma meta a conquistar: a Praça dos Bandeirantes. A Praça dos Bandeirantes era o ícone de toda manifestação, a meta era chegar à Praça dos Bandeirantes. Tudo que a polícia, as tropas de choque e a ditadura não queriam era que estivéssemos ali, porque ali era o centro, passavam milhares de pessoas. Se ficássemos na Praça Universitária, no campus, para eles era “menos pior”. Mas muitas vezes forçamos para vencer o cordão da tropa de choque para descermos e irmos até a Praça dos Ban-

deirantes. Aliás, essa era uma grande polêmica que acontecia nas assembleias: algumas forças políticas queriam a aprovação para que fossemos até o centro, outras queriam que ficássemos só ali para que não fizéssemos provocação e enfrentamento com a polícia. Esse foi um momento pelo qual passamos.

O movimento estudantil cresceu muito. Depois aconteceu o movimento para a conquista da meia entrada nos cinemas e espetáculos. Essa era uma luta antiga, os estudantes já haviam conquistado esse direito anteriormente, mas a ditadura acabou com esse direito também. Foi uma grande luta, mas conquistamos.

Depois veio a luta pelo meio passe no ônibus do transporte coletivo, foi aquele grande movimento do pula catraca. Era a época em que a Denise Carvalho era presidenta do DCE da Universidade Federal e liderou tudo aquilo. Aconteceram muitos enfrentamentos com a polícia, muitas prisões; eram centenas de estudantes levados ao Distrito Policial todos os dias. Também tiveram umas “pauleiras” porque o pessoal acabava reagindo; eram ônibus quebrados e incendiados.

Tem uma repórter da TV Anhanguera que diz que sou o salvador dela. Um dia no campus, numa verdadeira batalha campal, ônibus apedrejados e incendiados, a polícia “baixando o pau”, bombas de gás para todo lado, os estudantes pegaram o carro da TV Globo, o pessoal sempre teve essa “birra” com a TV Globo, e queria virar o carro. E ela, nossa colega do curso de jornalismo que já estava trabalhando, grávida, dentro do carro apavorada, e o pessoal querendo virar o carro. Eu subi e pedi para que parassem, pois ela estava grávida.

Participamos de manifestações no Rio de Janeiro em defesa do prédio da UNE, que é um prédio histórico situado na Praia do Flamengo, número 32. O prédio foi conquistado na década de 1940, quando a UNE “puxou” os estudantes para que o Brasil entrasse na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados na luta contra o Nazismo e o Fascismo, pois existiam pessoas que queriam que o Brasil entrasse na guerra do lado da Alemanha e da Itália fascista. No prédio da UNE funcionava justamente o Clube Germânico, que era uma organização de mentalidade nazista. Os estudantes entraram e tomaram o prédio. O governo Getúlio Vargas na época acabou passando o prédio para a União Nacional dos Estudantes. Pois a ditadura tomou, derrubou o prédio e queria tomar também esse patrimônio dos estudantes, que agora será reconstruído com projeto de Oscar Niemeyer, com a ajuda que tiveram do governo do presidente Lula e agora também da presidenta Dilma. Eram essas mobilizações todas e a defesa de democracia para o Brasil.

RECONSTRUÇÃO DA UNE

Particpei desse processo de reconstrução da UNE e fui um dos delegados do curso de Jornalismo para o histórico Congresso de Reconstrução da UNE, que aconteceu no dia 29 de maio, em Salvador na Bahia. Saíram daqui de quatro a cinco ônibus da Praça Universitária. Estudantes da UFG e da Católica rumo a Salvador, tudo pago com o dinheiro arrecado em sinaleiros, pedágios, vendendo bolos, com a ajuda dos professores, muitas vezes com ajuda também dos pais, da família, e profissionais liberais que ajudavam essa luta.

Eu me lembro que daqui para Salvador fomos parados 11 vezes. A viagem mal havia começado e no primeiro posto da Polícia Rodoviária, próximo a Morrinhos, já pararam os cinco ônibus. Todos tiveram que descer e ficar enfileirados com identidade na mão. A polícia saiu fichando todos, anotando quem eram os subversivos. Naquele tempo não tinha presidente, era um general que fazia o comando do Brasil, era o General Figueiredo, ele foi à televisão, em cadeia nacional, alertar aos pais para que não deixassem seus filhos participarem do congresso da UNE, dizendo que era uma atividade ilegal, que a UNE estava proscrita; mas de nada adiantou, participaram milhares de estudantes do Brasil inteiro em Salvador.

Chegando a Salvador, essas forças de direita que estavam incrustadas nas forças policiais e nas Forças Armadas lançaram pregos nas entradas da cidade, era um equipamento próprio da ação militar; eram dezenas de ônibus com pneus furados na entrada de Salvador, tudo para atraparlar o congresso da UNE. Não adiantou, a UNE foi reconstruída em 1979.

Aqui em Goiás fizemos a reconstrução do DCE. Fui candidato à presidência do DCE em 1979 pela chapa Aroeira. Não venci a eleição, mas começamos ali um movimento de uma corrente mais ligada ao PCdoB. Naquele tempo os partidos eram quase todos clandestinos, eram o PCdoB, PCB, ALN, o MR8; todos eram organizações de esquerda, clandestinas e não podiam aparecer abertamente. Qual era a saída? Nós criávamos as tendências estudantis, criamos a tendência “VIRAÇÃO”; o PCB criou a tendência “Unidade”; no campo de ultra-esquerda, os chamados trotskistas tinham a “Convergência Socialista”; tinha a “Liberdade e Luta”, que era a “Libelu”. Discutíamos e brigávamos muito. Às vezes, em alguma campanha do DCE, à noite colávamos cartazes em lugar muito bom, chegava no outro dia os “caras” já tinham arrancado e pregado os deles por cima. Muitas vezes aconteceram brigas homéricas por isso.

Hoje estamos aí: muitos formados, já estabelecidos na vida. Nós nos encontramos por aí e somos amigos de muitos deles, apesar das divergências que aconteciam naquela época. Foi um momento muito bonito.

Em 1980, no segundo congresso da UNE, em Piracicaba, depois da reconstrução, fui eleito pela chapa “VIRAÇÃO”; o presidente era Aldo Rebelo, atual ministro dos Esportes do Brasil, que já foi presidente da Câmara dos Deputados, já foi ministro de Relações Institucionais, já até ocupou a presidência da República por um dia. Uma contradição, pois naquele tempo ele era uma pessoa tida como perigosa e era perseguido.

Nossa diretoria na UNE foi de 1980 a 1981. Percorremos o Brasil todo em manifestações, mobilizações, procurando levantar os estudantes para organizarem suas entidades, lutarem pelos seus direitos. Essa também era uma luta para enfraquecer e por fim à ditadura militar e ao regime de arbítrio. Tivemos esse papel naquela época da UNE de reconstruir e puxar a reconstrução das entidades estudantis no Brasil inteiro.

Em 1981 fizemos uma grande greve puxada pela UNE, que aconteceu em quase todas as universidades de todos os estados do Brasil, denunciando o descaso com a educação e o ensino. Tentávamos dialogar com as autoridades da educação, mas era como brincávamos naquele tempo, a nossa patente era baixa, nossa patente era pouca.

Naquele tempo era uma desgraça total, o presidente do Brasil era um general quatro estrelas; o ministro da Educação, também, era um general quatro estrelas, o general Rubem Ludwig; o chefe de gabinete do ministro da Educação era o coronel Pasquale; ou seja, era toda uma hierarquia militar dentro do Ministério da Educação, era uma barbaridade completa. Então, professores, educadores, cientistas, pesquisadores eram totalmente uma questão secundária para o regime militar.

PRISÃO

Em 1979 eu era presidente do Diretório Setorial dos Estudantes da Universidade Federal. Aconteceu uma grande greve dos operários na construção civil em Goiânia. Pedreiros e serventes encheram o Estádio Olímpico, na Avenida Paranaíba, que infelizmente demoliram e está um buracão há mais de dez anos. Era a assembleia dos operários na construção civil, e fui levar o apoio dos estudantes. Chegando lá vi que vários daqueles agentes secretos, os paisanos da polícia, já conhecia vários e eles não davam conta de disfarçar, ficavam beirando, tentando escutar o que falávamos. Nós já sabíamos quem eram, eram os tais “X-9”, espíões, polícia secreta que ficavam espiando, apurando quem estava participando.

Houve muitos desentendimentos e repressão da polícia, os operários saíram revoltados fazendo o movimento e reagindo às baionetas, cassetetes e bombas. Aconteceu certo quebra-quebra na Avenida Paranaíba. Fui aju-

dar. Inclusive, o hospital que tinha na Avenida Paranaíba com a Avenida Goiás, Hospital Santa Luzia, fechou a porta se negando a atender operários feridos à baioneta e a golpes de cassetetes.

Eu estava denunciando essa repressão toda quando me cercaram - uns doze policiais com baionetas, fuzis - me obrigando a entrar no camburão e me levaram para o DOPS. Estavam lá vários operários sendo espancados depois de presos e algemados. Chegou o secretário de Segurança Pública, era um general do Exército, general Herbert Curado, um baixinho que gritava, falava alto, dava murro na mesa. Eu pensava: Esse cara vai quebrar a mão, que tanto de tapa na mesa é esse? Ele nos xingava. Falou que eu era estudante, que eu não era operário, que eu era o agitador, o cabeça daquilo tudo, um subversivo, um perigo para a nação, um irresponsável. Mas não tinham prova nenhuma daquilo e tiveram que me soltar.

Outra prisão que sofri foi em 1981, quando era vice-presidente da UNE. Fomos levar um grupo de estudantes, e meu irmão, recentemente falecido, Luiz Cláudio, foi dirigindo a caminhonete do nosso pai. Fomos pegar materiais de construção na universidade, recolhemos pão e leite dos estudantes no Restaurante Universitário, recolhemos dinheiro nas salas de aula. Naquele tempo os estudantes tinham essa generosidade e participação. Nós enchemos a bolsa com moedas e notas; também com um material do Hospital das Clínicas, remédios, pois tínhamos uma camarada que estudava enfermagem, e levamos para o pessoal da luta pela moradia que tinha ocupado um terreno no Nova Esperança. Quando chegamos lá, as tropas de choque já haviam desmanchado os barracos de lona; colocaram fogo em tudo, “moeram” o pessoal na pancada, até um padre que estava lá, um padre negro, foi espancado brutalmente. Estava lá o advogado da pastoral da arquidiocese, Chico Montenegro, que também foi espancado. Nós chegamos com a caminhonete carregada de tábuas, de compensado, de leite, de pão, de remédios, de dinheiro. Chegamos e já caímos na “boca do leão”. Disseram que estávamos todos presos e iríamos para o DOPS. Perguntaram o que era aquilo, dissemos que era uma ajuda dos estudantes. A tropa de choque e o pessoal do DOPS achava aquilo um absurdo. Eles nos levavam, fichavam, mas tinham que nos soltar novamente.

Logo após a campanha das Diretas, em 1984, quando já se aproximava a reunião do Colégio Eleitoral, setores extremados da ditadura, a ultra ultra-direita que tinha lá dentro, um setor mais “Pit Bull nervoso”, quis também “melar” o Colégio Eleitoral quando viram que o Maluf iria perder a eleição para Tancredo Neves. Havia acontecido um racha dentro de setores da ditadura, o Sarney passou para o PMDB e veio a ser o candidato à vice-presidente na chapa com Tancredo Neves. Os comunistas

apoiaram esse movimento e esse foi o caminho concreto para que se botasse fim à ditadura. Às vezes um caminho muito diferente do que imaginávamos antes, tiveram até processos de luta armada, mas o resultado foi que a ditadura terminou dessa maneira: no Colégio Eleitoral.

Por volta de outubro de 1984, esse setor mais extremado queria ainda implodir o Colégio Eleitoral e lançou uma operação no Brasil inteiro dizendo que os comunistas estavam se organizando, que estavam colocando as mangas de fora. Naquele tempo aqui em Goiás eu falava como porta-voz da Comissão pela Legalidade do PCdoB, já havia dado entrevistas para alguns jornais, fazia abaixo-assinado, manifestações dizendo que precisávamos legalizar os partidos comunistas, que isso era um requisito democrático mínimo. Esses setores da ditadura organizaram essa operação e, então, fui preso na manhã de 26 de outubro de 1984. Eles me prenderam, invadiram nossa sede, que era também a sede do jornal “Tribuna Operária”, que era um jornal legal, que transmitia as ideias, as lutas do Partido, a luta da moradia, da reforma agrária, a luta dos trabalhadores, dos estudantes, dos intelectuais. A sede do “Tribuna Operária” era uma sede legalizada e nós tínhamos um escritório na Rua 3, no Setor Aeroporto. Esse era, como se dizia antigamente, um aparelho; era uma sede clandestina que era usada em poucas situações como reuniões mais fechadas e reuniões que exigiam uma maior segurança.

Eu ia chegando pela manhã, sempre usávamos aquelas bolsas a tira colo com os documentos, jornais, tinha um homem na porta, me perguntou pelo nome, me estendeu a mão, eu me apresentei e ele falou que era da Polícia Federal, já foi me arrastando. Perguntei pelo mandado de prisão, ele respondeu: Que mandado o que! Já apareceu outro policial me pegou pelo pescoço, veio um, vieram dois, vieram três e eu abri a boca no mundo dizendo que estavam prendendo um comunista, que estavam me sequestrando, que era a Polícia Federal e pedia que avisassem a imprensa. Uma norma de segurança que tínhamos naquele tempo é que ninguém poderia ser preso clandestinamente, debaixo do quieto, pois assim ficaria mais fácil para eles sumirem com as pessoas como sumiram com o Honestino Guimarães, com o Marco Antônio Dias Batista, com o Paulo Celestino. Sumiram com tantos e tantos goianos e centenas de brasileiros que estão até hoje na lista dos desaparecidos políticos. Abri minha boca no mundo, eles me deram uma “gravata”, tentaram tapar minha boca, eu chutava um, cotovelava outro; daí a pouco apareceu um quarto, que era o motorista deles que estava dentro do carro, me pegaram pelas pernas, me carregaram de quatro tentando me colocar dentro de um Fiat 147, e eu não entrava de jeito nenhum. Eles me algemaram pelas costas e me colocaram dentro des-

te Fiat a socos e pontapés. Entraram dois na parte da frente, dois na parte de trás, em cima de mim. Eu, no assoalho do Fiat, sendo pisado e chutado. Queriam saber nomes, endereços, informações de algumas pessoas. Eu dizia que não tinha conversa com eles e continuava sendo espancado, algemado, uma verdadeira barbaridade a forma como agiam naquele tempo.

Aliás, é muito importante esse trabalho da Anistia, das memórias, porque é o que se faz até hoje. As forças policiais ainda espancam e torturam pessoas. Pessoas algemadas que não oferecem mais nenhuma resistência são brutalmente espancadas. Ainda se consegue informação no aparato policial do Brasil à custa de pancada, à custa de tortura, e isso também precisa ser denunciado. Tudo isso é herança maldita dos tempos da ditadura. É preciso inclusive avançar nessas questões, desmilitarizar essas polícias militares; tem que haver uma polícia científica que aja com inteligência na prevenção de crimes no Brasil.

Foram me espancando, querendo informações, me conduzindo daquela forma até a minha casa. Chegando, me disseram que lá havia um delegado e que fariam uma busca e apreensão. Perguntei pelo mandado e me deram uma porrada, um safanão, me jogaram de cara no chão, já dentro da minha casa, dizendo que não tinham satisfação para dar a comunista subversivo. Reviraram o guarda-roupa, a estante e saíram de lá com a caminhonete carregada; levaram embora meus livros, documentos, coleções de jornais e revistas e me levaram para a Polícia Federal.

Pegaram um vizinho meu, seu Anair, na Vila Santa Helena, atrás da Fama, onde eu morava, o levaram também dizendo que ele seria testemunha. Lá na Polícia Federal queriam que eu assinasse uma lista de materiais apreendidos na minha casa. Disse que não assinaria nada. Disseram que aquilo era o que tinha sido apreendido, e eu disse que não sabia o que tinham colocado naquela lista para me incriminar, e não assinei.

Fiquei o dia todo e a madrugada na Polícia Federal. Foram me soltar no raiar do dia seguinte, dizendo que eu seria enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de participar de organização de partido proscrito.

Quando fui preso aqui, invadiram a sede do jornal “Tribuna Operária”, no Centro, na Rua 27, perto do Grupo Gracinda de Lourdes, próximo à Igreja Coração de Maria. No Pará prenderam também uns dois ou três; na Bahia, uns oito ou dez; em São Paulo prenderam uns quarenta; prenderam também outros do PCB. Tudo isso para dizerem que os comunistas estavam se reorganizando no Brasil e que precisavam tomar uma providência com relação a isso. Nada adiantou, houve uma grande manifestação do movimento democrático em repúdio a isso. Com todas essas prisões, ficaram sabendo que eu tinha sido preso. Aliás, quem comunicou ao pessoal do

PCdoB sobre a minha prisão foi uma pessoa que estava visitando a irmã em um apartamento no Setor Oeste, em frente ao local em que eu havia sido preso. Ela viu o escarcéu que aprontei na rua no momento da prisão, ligou no gabinete do deputado Aldo Arantes em Brasília avisando que tinha sido preso um comunista, me descreveu e o pessoal logo ficou sabendo que era eu porque eram poucas as pessoas que sabiam daquele endereço, daquele escritório clandestino do PCdoB, no Setor Oeste. Eu era secretário de Organização do PCdoB naquele tempo. O pessoal se mobilizou; os estudantes, o pessoal do Partido, a família; uma multidão de pessoas ficou sentada na porta da Polícia Federal com cartazes exigindo minha libertação e dizendo que só sairiam de lá quando eu fosse solto. Estava lá a Regina, minha esposa que sempre foi companheira nesse período todo de luta, foi também militante, dirigente distrital do PCdoB aqui e professora. Estava também minha filha Renata, que era criança de seis anos de idade; meu filho Maurício tinha uns dois anos de idade, ainda muito pequeno para ir participar dessas situações.

Depois foi um drama na família, me orientavam a viajar para o interior, para a fazenda, ir pescar, ir para uma beira de rio. Diziam que a situação aqui estava muito complicada e que iriam sumir comigo. Mas eu analisava que a ditadura já não estava com essa força toda e que era outro momento.

Difícil depois foi explicar para a Renata, minha filha, uma criança de seis anos, que chega e encontra a casa toda revirada, era como aquelas cenas de filmes quando os policiais entram, as gavetas todas reviradas e jogadas no chão, as coisas todas esparramadas, colchões revirados, era um povo sinistro, medonho... Explicar para esta criança onde estava o livrinho de estórias infantis que ela tinha acabado de ganhar no aniversário em julho - haviam levado o livrinho também, pois tinha a capa vermelha, acharam que era um livro subversivo. Como explicar para a criança o porquê da prisão do pai e por que haviam levado o livrinho de estórias dela.

Naquela época recebemos um grande apoio da OAB de Goiás, era o Dr. Olavo Berquó. Quando fui intimado novamente pela Polícia Federal para ser interrogado, ele enviou um conselheiro da OAB para me acompanhar. Esteve lá também nos dando seu apoio o companheiro Tarzan de Castro, na época deputado estadual, que também tem toda uma história de luta desde os anos 1960; foi também preso e perseguido várias vezes.

Quando pedi a certidão na ABIN, hoje Agência Brasileira de Inteligência, sucessora do Serviço Nacional de Inteligência - SNI da época, pude comprovar que desde 1978, são várias páginas, que estive tal dia, em tal reunião, em tal local, eles monitoravam nossos passos dia-a-dia até o ano de 1989. A

ditadura acabou em 1985, mas até 1989 eles continuaram monitorando. Constatava que eu era comunista, que tinha participado de tal reunião, que fui eleito para o Comitê Central do PCdoB, que fui professor da Escola Nacional de Quadros do PCdoB, que tinha todo um esquema de um mês de estudos teórico-ideológicos; que fui professor de história do Movimento Comunista Internacional. Essa perseguição durou na verdade até o ano de 1989.

ANISTIA

Uma grande luta naquela época também foi a luta de conteúdo democrático, a luta pela anistia. Foi uma luta corajosa. Aqui em Goiás tinha o Comitê da Anistia que funcionava na Avenida Tocantins esquina com a Avenida Anhanguera, no Edifício Cine Capri - aliás, quando tinham os bons Cine Capri, Cine Ouro, Cine Goiânia, Cine Santa Maria, Cine Casa Blanca, acabaram-se quase todos os cinemas no centro da cidade, cinema agora só em shopping com um preço absurdo. Em uma daquelas salas funcionava o Comitê da Anistia. Era o Pedro Wilson, professor da Universidade Católica e sociólogo, o presidente do Comitê e procurava congregiar forças para a luta pela anistia. O objetivo da anistia era que as pessoas que haviam sido perseguidas, que estavam sendo processadas com base nas leis da ditadura, que estavam presas, condenadas em auditorias militares, verdadeiros tribunais de exceção, que essas pessoas fossem libertadas porque elas não haviam cometido crime nenhum. Cometeram sim um gesto de coragem, de honradez, de luta para que o Brasil voltasse ao estado de direito democrático, para que tivesse fim aquele governo de exceção.

Muitos tiveram seus mandatos parlamentares cassados, sindicatos fechados, outros foram presos e barbaramente torturados, trucidados. Recentemente li sobre a trajetória do Geraldo Vandré, que foi o cantor que empolgou as multidões de juventude naqueles tempos de ditadura. Ele foi barbaramente torturado e “pirou”. Hoje é um ser alienado, fora do mundo, vive como um autista, em um mundo próprio, vítima das torturas que sofreu por parte das forças da repressão.

Muitos ainda estavam presos e os comitês de anistia iam se alastrando pelo país, exigindo a libertação desses presos. Eu me lembro também de uma figura que conheci nessa época, a Dona Quita, professora, dona de um colégio em Anápolis, mãe do Aldo Arantes; uma mulher de coragem, muito religiosa, daquelas carolas, mas tinha coragem e escrevia cartas às autoridades, até ao presidente da República, dizendo que o filho dela, Aldo Arantes, estava preso injustamente e estava sendo barbaramente torturado nos quartéis do 2º Exército, em São Paulo.

Essa luta envolveu muita gente. Um grande papel teve o arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns; vários outros religiosos como Dom Pedro Casaldáliga, Dom Tomás Balduino, juntamente com professores e personalidades do mundo político que estavam envolvidos nessa luta pela anistia, como Ulysses Guimarães, que era o presidente do MDB naquela época. Essa luta foi crescendo e pessoas que durante certo tempo foram do lado da ditadura passaram a abraçar essa causa. Eu me lembro que fizemos reuniões no DCE, recebemos aqui o grande cartunista Henfil, que veio fazer palestras e lançar um livro, tudo isso era mobilização pela anistia.

Quando Aldo Arantes foi solto, fizemos uma recepção para ele no aeroporto. Aldo Arantes havia sido presidente da UNE antes ainda do golpe de 1964, era um ícone e até hoje é uma lenda para a juventude brasileira.

Na Câmara Municipal, que funcionava na Avenida Goiás quase esquina com a Rua Três, tivemos reuniões, palestras sobre a anistia com Magalhães Pinto, que era político tradicional mineiro, que também teve um envolvimento com apoio à ditadura durante um grande período.

A mais monumental de todas foi a vinda de Teotônio Vilela, que era senador da Arena por Salvador durante vários anos e abraçou a causa da anistia. Inclusive, fruto desse trabalho todo, dessas comissões no Congresso Nacional, das visitas e viagens que fez pesquisando, foram lançados dois volumes de publicações desse livro relatando as perseguições e torturas que as pessoas sofreram.

Todos os que participaram dessa luta, todos os que enfrentaram a ditadura militar são pessoas que devem ser lembradas, inclusive para que a nossa juventude e a população atual conheça a história, pois nós temos as sementes de regimes fascistas e autoritários. Hoje existem setores dentro de forças policiais que, se voltar a existir um regime de arbítrio, estarão prontos para torturar, espancar, para estuprar mulheres como fizeram, sevcicar, sumir com corpos, colocar fogo, jogar no mar, como tudo foi feito. Essas pessoas são sociopatas, psicopatas e existem até hoje incrustadas na própria estrutura governamental. Qual é a garantia para que isso não passe de um pequeno raio de atuação localizado? É garantir a democracia e seu aprofundamento.

DIRETAS JÁ

A campanha das diretas foi algo grandioso. Inclusive foi em Goiânia o primeiro comício da Diretas Já!

Em 1984 a luta pela aprovação da emenda Dante de Oliveira se alastrou. Era uma emenda constitucional que este deputado do PMDB do Mato Grosso propôs para que o povo voltasse a ter o direito de votar para eleger o

presidente da República. Essa luta mobilizou o Brasil. Aqui em Goiânia foi um movimento gigantesco, chegando a ter comícios com 400.000 pessoas na Praça Cívica. Na época o governador era Iris Rezende que deu todo o apoio.

Particpei da organização desse movimento e aproveitei para levar as bandeiras do PCdoB, que já estava em campanha pela legalização; o PCB também colocava as suas, e o PT fazia poucos anos que havia sido fundado. Aliás, esse comício das Diretas, foi algo engraçado. Particpei da organização juntamente com a equipe do governador e dos partidos políticos. Como o PCdoB ainda era ilegal, particpei como PMDB - tinha o Bloco Popular do PMDB. Nas reuniões nós éramos da coordenação e tínhamos aparelhos de rádio do Gabinete Militar do governador. A equipe da Polícia Militar que fazia a segurança do governador colocou isso à disposição da organização do comício das Diretas. Quando apareceram as bandeiras do PCdoB - nós programamos fazendo o croqui da praça, onde cada militante recebia orientações de qual quadrante deveria ocupar e o momento em que abriria as faixas e bandeiras - ouvimos no rádio: "Olhem os comunistas, não podem abrir as bandeiras, isso é ilegal, tem que tirar, tem que tomar". Nós ouvíamos e comunicávamos ao pessoal para que mudassem de localização porque a polícia estava indo. Ficamos sabendo das informações através dos próprios aparelhos walk toks que nos disponibilizaram.

Aconteceram grandes caravanas à Brasília, e também o comício na Praça da Sé, em São Paulo, com a presença de mais de um milhão de pessoas. Goiânia participou levando mais de vinte ônibus a esse comício do Anhangabaú, na Praça da Sé, que coroou todo esse movimento das Diretas Já.

As diretas acabaram não sendo aprovadas e a disputa acabou indo para o Colégio Eleitoral. O PCdoB defendeu que iria derrotar a ditadura dentro do Colégio Eleitoral, que era uma eleição indireta com deputados, senadores, representantes das assembleias estaduais - eram poucos para escolher quem seria o presidente. O candidato da ditadura era Paulo Maluf, e o nosso candidato e do campo democrático todo era Tancredo Neves, político tradicional de Minas Gerais, conservador, mas que naquele momento estava jogando naquele papel democrático.

Muitas vezes entramos na luta, entramos para o partido achando que a luta revolucionária era a que seria decisiva, que a ditadura seria derrubada no processo de luta armada, e acabamos criando condições para derrotar a ditadura no Colégio Eleitoral, tendo como vice do Tancredo Neves o José Sarney, que até o mês anterior era presidente da Arena, que depois se transformou em PSD, o partido de sustentação da ditadura. Isso tudo estava nos ensinamentos de Marx e de Lenin, de que muitas vezes as classes dominantes se dividem e têm suas contradições, e as forças revolu-

cionárias e democráticas têm que aproveitar essas contradições dentro dos próprios dominantes para que haja avanço.

Foi eleito, portanto, no Colégio Eleitoral. O Colégio Eleitoral aconteceu e a ditadura foi derrotada, derrotou-se Paulo Maluf, sendo eleito Tancredo Neves que infelizmente adoeceu e veio a falecer antes mesmo de tomar posse. Quem assumiu foi Sarney, que acabou fazendo um governo democrático. Convocou a Assembleia Nacional Constituinte em 1986, que acabou gerando a Constituição Nacional no ano de 1988, que foi uma Constituição avançada, tão avançada que hoje setores neoliberais querem desmanchá-la e não querem cumprir os direitos sociais, direitos dos trabalhadores, direitos básicos dos cidadãos que estão ali escritos.

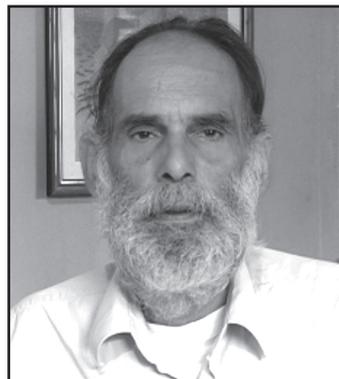
Ainda precisamos avançar muito porque no Brasil já temos a democracia formal, a democracia política; podemos votar para presidente, para vice, para senador, deputado, prefeito, vereador. De quatro em quatro anos tem a troca, mas isso é democracia política. Hoje pode se organizar a UNE, as entidades estudantis, aliás, nem todas. Tem diretor que não permite que se organize o grêmio estudantil, e existe lei federal garantindo o direito dos estudantes de se organizarem em grêmios. O governo está de braços cruzados diante disso, não toma providências para orientar e impedir esse arbítrio que acontece em muitas escolas.

Não temos no Brasil ainda a democracia econômica: São milhões de brasileiros ainda excluídos, milhões de brasileiros que não têm condições de moradia digna, não têm condições dignas de trabalhar, de receber um salário que permita uma melhor qualidade de vida. Milhões de brasileiros que ainda não têm acesso ao ensino público e gratuito, milhões de brasileiros que não têm acesso a um transporte público de qualidade, que não têm acesso a tratamentos de saúde, acesso à cultura e a bens culturais. Essa é uma luta que está em dia.

Hoje muitos estão escrevendo trabalhos científicos, inclusive pessoas que foram daquela época, estão escrevendo livros dizendo que o movimento estudantil nada valeu; que o pessoal que participou daquela época está em cargos institucionais apoiando o Governo. Nossa opinião é que temos que apoiar mesmo governos como o do Lula e da presidenta Dilma. Até porque lutamos, e muitos deram a vida, foram barbaramente torturados, foram assassinados ou estão desaparecidos até hoje, para a conquista de governos com esse perfil que procuram fazer mais por aqueles que mais precisam, pela população pobre, pelos trabalhadores, para a garantia da soberania do Brasil, um Brasil com vida feliz, com mais igualdade, um Brasil mais humano.

LUIZ JOSÉ DO REGO DA CUNHA LIMA (LULA)

Data de nascimento: 13/08/1950



Somos de uma família de imigrantes nordestinos que veio no embalo da construção da capital Brasília. Somos sete irmãos.

No início da década de 60, meu irmão mais velho de certa forma trouxe para o convívio familiar, através do contato que ele tinha com o mundo estudantil, amigos e através do seu próprio autoaperfeiçoamento intelectual, contato com as ideias chamadas de esquerda, ideias socialistas, ideias libertárias. De forma que isso - até o período do golpe de estado, no início de 1964, e através de amizades que ele tinha, das campanhas de alfabetização, dos movimentos culturais e outras amizades aqui em Goiânia, quando por aqui aportamos no fim de 1959 - foi nos sensibilizando. Acho que não só a mim, mas a todos meus irmãos e irmãs, para as ideias, diríamos, humanitárias, devido até a formação cristã com raízes populares em Recife, oriundas da minha mãe, principalmente. Fomos sendo influenciados, contaminados, nos foi colocado na pauta do dia-a-dia a questão social, a questão da justiça social, a questão de um mundo mais igual, mais bonito, de forma que acredito essas terem sido as primeiras influências. Não foram influências de eu ainda adolescente, de leitura.

E essa época, entre os doze, treze anos, quando passava da puberdade para a adolescência, me abrindo para o mundo, me abrindo para o universo de todas as coisas que inclusive também estavam ocorrendo no mundo, foi a época do assassinato de Kennedy, da crise das armas nucleares em Cuba, da Guerra do Congo, do início da Guerra do Vietnã; logo após a Revolução Cubana e de uma série de acontecimentos que no início da década de 60 sacudiram o mundo. De forma que, dentro desse contexto, passamos a ser cada vez mais simpáticos a ideias que considerávamos progressistas e humanitárias naquele momento. Ideias que anunciavam

um mundo mais bonito, mais justo, um mundo em que as pessoas fossem plenamente realizadas em todos os sentidos.

O GOLPE

Eu me lembro do dia 31 de março. Lembro-me sempre que morávamos em um bairro naquela época distante do centro. Sempre íamos para casa de carona com meu pai, e nesse 31 de março ele passou na casa de um amigo que tinha servido na Força Expedicionária Brasileira - FEB. Esse amigo comentou alguma coisa sobre a movimentação de tropas que já se anunciava em Minas Gerais e que o golpe realmente seria entre essas duas datas, 31 de março e 1º de abril.

Já sentimos um burburinho nesse dia. Apesar de naquela época a mídia ser mais devagar, mais lenta com as notícias, logo chegou a Goiânia o burburinho de que havia movimentações de tropas em Minas Gerais se dirigindo para o Rio, com o General Mourão, preparando-se para aquilo que resultaria no Golpe Militar de 1964.

Lembro-me vagamente que passamos na casa desse amigo do meu pai, que ficava em uma viela na Araguaia, e ele comentou alguma coisa, porque as pessoas buscavam informação naquela época através de outra pessoa que estivesse sabendo de algo que estivesse realmente ocorrendo.

Isso fez com que acordássemos no dia 1º já com os fatos se concretizando. O que veio resultar na deposição do Presidente João Goulart, que naquele momento não se encontrava em Brasília, se encontrava no Rio de Janeiro, no Palácio do Rio Negro, em Petrópolis, se não me engano.

O golpe aconteceu. Aconteceu sem resistência, ou com pouca resistência, em termos de todo o Brasil. Houve uma, ou outra resistência localizada, quase que de caráter simbólico. Não houve nenhum segmento, nenhuma fração da sociedade que realmente resistisse à avalanche do golpe militar, substanciado com o apoio de quase todos os comandos militares no Brasil, com exceção de um ou outro que ficou meio na corda bamba.

O MOVIMENTO ESTUDANTIL

Eu era estudante secundarista. Estudava no Ginásio Emmanuel, onde tive uma formação quase que doutrinária. Nessa época eu era católico e curiosamente também o catolicismo nessa época estava vivendo o abalo trazido por João XXIII com a encíclica, que pregava o ecumenismo.

Nessa época, ainda estudando no Emmanuel, incorporei de certa forma os ensinamentos da doutrina de Alan Kardec, o espiritismo propria-

mente. Lá cultivei algumas amizades que mais tarde também estavam no movimento estudantil, ou naquela época estiveram no movimento estudantil de uma forma orgânica. Estavam ligados a algum partido ou a algum segmento. Havia como que um movimento estudantil no Emmanuel, já naquela ocasião. Passei a estudar no Lyceu já no ano de 1965.

Depois do golpe de 64, no universo das amizades, passei a conviver com dois companheiros que já militavam na juventude de um partido clandestino, um partido de esquerda que era uma dissidência do tronco do glorioso Partido Comunista Brasileiro, o PC do B de João Amazonas.

Havia uma militância de reuniões, de estudos políticos, algumas ações de pichações, distribuição de folhetos, de manifestos. Enfim, um setor de propaganda dentro do movimento estudantil, porque éramos secundaristas do Lyceu, já naquela ocasião.

Dentro desse campo de influência de família, o meu irmão Paulo Roberto, um ano mais velho que eu, também tinha um conjunto de amizades, um conjunto de influências políticas-ideológicas ligadas ao segmento da Ação Popular. Curiosamente éramos irmãos. Enquanto ele estava ligado a AP, eu tinha outra vivência, a influência do Partido Comunista do Brasil. Muito curioso, até que mais tarde a AP – Ação Popular – veio, de certa forma, a incorporar o Partido Comunista do Brasil. Naquela época o Partido Comunista do Brasil teve um “quiproquó”, salvo engano, aqui em Goiás, onde me parece foram presas algumas de suas lideranças em uma ação da repressão.

Para mim é um contexto um pouco nebuloso, mas éramos companheiros: eu, Félix e o Laerte. Conheci o Félix através do meu irmão Roberto; e o Laerte de uma forma bem direta, porque ele tornou-se vizinho nosso de bairro, com a distância de um quarteirão. Ele morava há uns 400 metros de onde morávamos.

Nossa vivência de adolescente curiosamente foi uma vivência política. Nossa diversão e nossos interesses eram voltados para o que estava acontecendo no plano internacional e nacional. As perspectivas políticas, o movimento político, o movimento estudantil, as formas de atuação, de resistência que teríamos que ter contra a ditadura recém-instalada no país. Foi dentro desse campo que fomos tendo uma educação de formação política. Já fazíamos as primeiras leituras, algumas reflexões, grupos de estudos, e a militância dentro do PC do B até o ano de 1966, salvo engano, que foi o ano que aconteceu um debacle dentro do PC do B. Houve uma desarticulação, vamos assim dizer, e essa célula da juventude do PC do B ficou meio que no ar, dispersa; e meus companheiros, principalmente o Laerte e o Felix que eram de uma convivência mais íntima e estreita, nesse período vieram a se incorporar lentamente, um depois o outro, no Partido

Comunista Brasileiro. Passamos curiosamente do PC do B, naquela ocasião, para as bases da juventude do PCB.

O PC do B era uma dissidência que veio com João Amazonas e tinha outra filiação no plano internacional. Era uma linha chinesa, uma linha que criticava e até combatia a linha que eles consideravam ortodoxa, a linha tradicional do Partido Comunista Brasileiro.

Fizemos essa transferência de plano de um partido comunista para outro partido comunista, mas no plano da convivência era uma convivência dentro do segmento do movimento estudantil. Tínhamos também uma vida de estudantes, estávamos fazendo 1º, 2º, 3º ano ginásial na época, no Lyceu de Goiânia.

Havia o Grêmio Literário, onde era o espaço de atuação. Então vivíamos muito mais na sala do Grêmio do que na sala de aula propriamente. A sala do Grêmio era uma sala de formação e informação. Lembro-me bem que na época gostávamos de colocar o som para “bombar” no Grêmio, com as músicas dos Beatles. O Grêmio Literário Felix de Bulhões era um vetor de informação. Lá também fizemos o cineclube.

Era a época dos festivais, então o Brasil também vivia uma época de uma “explosão” muito grande. Tivemos o Tropicalismo, o surgimento do movimento hippie em um contexto internacional. Nos Estados Unidos, o movimento Black Power. Hoje estamos vivendo a época de Barack Obama, mas naquela época estávamos vivendo o movimento Black Power com Ângela Davis, Malcolm X, entre outros. Foi a época do assassinato do Pastor Martin Luther King e grandes combates na Guerra do Vietnã. Roberto Kennedy, o surgimento dos Beatles, do movimento feminista, da pílula anticoncepcional e da minissaia, são coisas que configuraram o ano de 1968, que foi um ano realmente muito especial. Dizem que foi o ano em que a juventude tentou tomar o Céu de assalto e era verdade. Havia como que uma projeção de força e de energia para a materialização do sonho. Havia como que uma vontade realmente de toda juventude de que naquela época o mundo fosse uma coisa diferente, radicalmente diferente.

Foi um ano realmente muito importante. Ano em que toda essa trajetória do Lyceu culminou, através de marchas e contramarchas que eram configuradas nas mobilizações de greve no Lyceu e passeatas, principalmente. Esse era o tipo de luta que era desenvolvida dentro do movimento estudantil entre 1964 e 1968.

Tenho um fato que não tenho precisão de data, nem mesmo precisão de nomes, mas foi um fato que muito me marcou nessa trajetória do Lyceu. Foi uma disputa que hoje vendo de uma forma retroativa, acho que foi curiosamente muito democrática, uma disputa que houve dos segmentos

que atuavam dentro no movimento estudantil, em relação a conquista do Grêmio Literário Felix de Bulhões. Disputaram o segmento que representava a juventude do PCB e o segmento que representava a juventude da Ação Popular - AP. Não me lembro de tudo absolutamente. Inclusive não me lembro de quem veio a ganhar a direção do Grêmio. Porém, o clima que houve de disputa e depois de contabilidade dos votos atravessando a madrugada, porque era eleição direta com todos os estudantes que escolheriam qual a direção seria eleita, ficou gravado em mim como um instante muito mágico, muito curioso da dinâmica do movimento naquele período, pois realmente tratavam-se de adolescentes, mas que curiosamente já representavam coisas muito sérias, posturas de alguma envergadura institucional.

O grêmio representava um plano político em que a disputa era encarada com muita força e muita seriedade, dentro de uma proposta política filosófica, olhando para trás, hoje bastante madura.

Lembro-me que o Lyceu foi cercado uma ou duas vezes, principalmente no ano de 1968, onde o conflito se intensificou entre o movimento estudantil e as forças de repressão da ditadura militar.

O Lyceu foi palco de acontecimentos muito intensos, muito vibrantes. Houve várias greves, fora as greves folclóricas como a greve do Vulcabrás, que foi uma greve que respondeu à obrigatoriedade do uso do Vulcabrás dentro do uniforme do Lyceu. O Vulcabrás era um tipo de sapato que tinha uma média popularidade no mercado como um bom sapato. Além da calça caqui e da camisa branca, foi estendido ainda um determinado tipo de sapato. Naquela época em que essas forças libertárias do pensamento que resultaram em 68 já estavam emergindo, aquilo deve ter sido visto na época como uma caretece. Foi uma greve vitoriosa, o Vulcabrás teve que ser recuado. Os grevistas ganharam a causa.

Essa greve foi um fato curioso, mas acho que não atingiu um nível de repressão das forças policiais. As forças policiais atuaram mais no momento em que alguns dos movimentos de rua tinham como refúgio, ou zona de início de partida, o Lyceu de Goiânia, na Rua 21. Eram mais nesses momentos que o Lyceu era atingido pelas forças policiais. Era cercado e às vezes acontecia de não só jogarem bomba de lacrimogêneo, como bater com cassetetes em pessoas que tentavam fugir e em pessoas que tentavam entrar. Soldados que adentravam até a zona dos corredores e nos prendia dentro do Lyceu. A repressão ia quase que dentro do coração da escola para buscar os líderes, aqueles que eles consideravam ativistas.

Sinto que na lembrança houve momentos dramáticos, mas não me lembro exatamente de uma prisão. Ouço falar que houve prisões em volta do campo do Lyceu, naquelas ruas adjacentes e me parece que também no pátio.

Não só em Goiânia, mas acho que em todo o Brasil, temos que fazer justiça a esse segmento (movimento estudantil) dentro da história. Segmento que por uma ironia talvez, entre 1964 e 1968, foi o que mais resistiu à ditadura. Onde houve as passeatas, as manifestações, onde houve qualquer tipo de resistência mais consequente que pudesse vir a desdobrar em uma reversão do processo autoritário que se instalava, foi o movimento estudantil.

Claro que houve greves operárias, movimentos camponeses, houve a tentativa das guerrilhas em Caparaó. Não sei bem, saiu no jornal como uma coisa curiosa. Não tínhamos informação sobre isso. Uma coisa ligada a Leonel Brizola, uma coisa que veio do sul do país numa tentativa de um foco de guerrilha já naquela época, que foi desbaratada e não teve maiores consequências. Não me lembro bem e nem fui muito ligado a essa história.

Acho que minha atuação vem um pouco ligada ao aspecto da atuação artístico-cultural. Porque antes do movimento estudantil ou no período do movimento estudantil, fiz também uma peça de teatro aqui em Goiânia, que era “Mortos Sem Sepultura” de Jean-Paul Sartre. Sempre gostei muito de falar poemas, me expressar em público nesse campo; teatro, poesia.

Havia também a questão da oratória, quem ia se manifestar, falar, no contexto da agitação da propaganda, essa parte da comunicação. Sempre tive uma voz um pouco mais grave e de um grande alcance. Naquela época não se usava muito o megafone, nem microfone, era no som direto. O megafone não tinha nem chegado.

Atuei várias vezes em comícios relâmpagos, comícios para convocação de passeatas, para anunciar uma passeata que viria, ou fazer uma denúncia grave de uma prisão, de um sequestro, ou de alguma atrocidade da ditadura.

O comício relâmpago que ficou famoso naquela época, eram comícios que eram feitos rapidamente, em lugares estratégicos, para não se dar tempo ao esquema da repressão e poder sufocar a ação. Esses comícios aconteciam em vários pontos da cidade. Aconteciam em Campinas, no mercado, na Vila Nova, nas ruas, na Avenida Goiás, na Avenida Anhanguera e próximos a zona da escola. Havia vários companheiros que participavam dos comícios relâmpagos, e eu era um dos que participava desses comícios, além das pichações que fazíamos, onde as palavras de ordem eram: abaixo a ditadura, abaixo ao Mec-Usaid, fora gorilas. Enfim, existiam diversos tipos de ações que realizávamos.

Meu nível de inserção no movimento aqui em Goiânia foi aumentando. Tornei-me conhecido porque falava poemas. Gostava muito daquela poesia: “Propriedade privada, anomalia pré-histórica. Qual a diferença há entre fundar ou assaltar um banco?” Falava esse e outros poemas do Bre-

cht, que na época era um poeta muito reconhecido dentro do movimento estudantil e do movimento da cultura popular. Era a esquerda festiva, o “porra louca”, um pequeno burguês.

Acho que por parte dos amigos, dos companheiros, dos camaradas sempre houve o maior respeito, o maior carinho. Havia críticas sim, porque ninguém é perfeito e todo mundo tem suas limitações, inclusive os que criticam. Você às vezes era obrigado a receber uma crítica e a fazer uma autocrítica, mas acho que dentro do contexto afetivo havia como que uma admiração, um carinho e um reconhecimento pelo seu papel, pela sua iniciação, mesmo sendo um papel um pouco ligado à arte, à cultura. Naquela época éramos ligados até a perspectiva de fazer cinema, havia o Cinema Novo, Glauber Rocha. Gostava também de toda essa ideia que estava no ar. O cinema também era algo encantador, uma perspectiva, pois naquela época os recursos eram muito caros, mas a ideia de fazer cinema e tudo mais. Fora isso, também a atuação política dentro do plano estudantil, dos movimentos de rua, entre outros.

Acho que da parte da esquerda não havia choque. Muitas vezes era um pouco diferente, porque talvez trouxesse até algum traço pessoal, da minha forma de ser, mas acho que eu era reconhecido com muito carinho. Acho que realmente chocava e talvez parecesse como muita ousadia às forças de repressão da ditadura, representada por alguns policiais federais e alguns generais ligados à segurança aqui em Goiás.

Contei uma boa parte das motivações mais reais, históricas e ligadas à biografia, mas há uma coisa de fundo filosófico que não falei e gostaria de falar.

Acho que o eixo das coisas é o amor. As pás que movem como se fossem hélices são duas, a bondade e a beleza. Essas coisas é que vão imprimindo ritmo, é que vão girando inclusive as utopias, os sonhos dentro da história.

Na época eu fazia tudo com muita pureza, com muita alegria. Eu não fazia com a intenção de suscitar nenhuma ira, ou constranger ninguém, ou ainda imprimir algum tipo de raiva. Nada disso, eu fazia tudo como se fosse a manifestação da alegria, da beleza. Colocava-me dentro da perspectiva daquilo que eu acreditava ser realmente o melhor. Eu estava de coração dentro da coisa e não tinha nenhuma intenção malévola com ninguém individualmente, ou mesmo especificamente com a ditadura no Brasil. Eu não tinha esse sentimento de revanche em relação a eles que deram um golpe, que na verdade eu era praticamente criança e não senti muito diretamente.

Sinto que era movido por outras coisas, de outra natureza, e acho que essas outras coisas criaram um campo de contraste muito grande na-

quela época. Digo não só com relação a mim, mas também com relação a alguns outros companheiros aqui na cidade. Por que de certa forma, Goiânia, temos que ver o contexto geográfico da população na época, era uma capital relativamente pequena. Então, uma pessoa que tivesse uma atuação muito grande passava a ser conhecida e reconhecida dentro da cidade toda, o que foi o meu caso. Além de carregar um exótico apelido, Lula.

Minha família era grande, meus outros irmãos tinham uma ligação com outro universo de pessoas e tudo era um emaranhado de grandes afeições, de vivências profundas e intensas. Então, talvez tenha acontecido o choque desses dois universos. Um universo que procurava uma coisa, que hoje falamos da utopia, mas que continua aí com uma perspectiva e, acredito, que continuará por muito tempo; e a perspectiva daqueles que estavam em nome de uma ameaça à democracia, do perigo do comunismo, estavam prendendo, reprimindo, torturando, desaparecendo. Muitas vezes, uma ou outra pessoa, e pode ter sido meu caso também, modéstia a parte, pode ter sido um caso dessa natureza. Desde cedo eu era alvejado pela repressão.

O PAPEL DA ARTE

Poderia dar vários exemplos. Darei um bem direto. Acho que um grande aliado do movimento estudantil na época, que tinha uma relação de simbiose, era a Música Popular Brasileira.

Vivíamos também naquela época, a época dos festivais. Hoje mesmo comentei com um amigo sobre o papel que tiveram A banda, de Chico Buarque, em 1967 quando foi lançada. Geraldo Vandré com suas músicas de protesto, Edu Lobo com o Arrastão. Os festivais com o surgimento de Elis Regina, Nara Leão, os shows “Liberdade, liberdade”. Dentro de uma mecânica, a música era uma espécie de correia, entre os indivíduos e a mobilização para a resistência à ditadura.

Acho que muitas músicas eram realmente engajadas, músicas que tinham o endereço certo, músicas conscientes. Vários autores de Música Popular Brasileira tinham também uma posição política avançada, de forma que o movimento estudantil e o movimento das artes em geral, o teatro, o cinema, e a pintura faziam esse papel de correia entre uma vanguarda, um segmento mais avançado da sociedade, e a resistência a ditadura.

1968

As marchas estudantis começaram com as setembradas em 1966. Aqui em Goiás, especificamente, houve algumas greves e alguns movi-

mentos também no ano de 1967, mas se não me engano não foram tão contundentes.

Porém, temos que nos lembrar de que o ano de 1968 abre logo no início, no final de março, com um assassinato durante uma manifestação no Restaurante Calabouço no Rio de Janeiro, com a morte de Edson Luís. Sua morte foi naquela ocasião, vamos assim dizer, guardada a suas devidas equivalências, para nós mais ou menos como um “World Trade Center”. Era uma movimentação pacífica, mas como o Calabouço, para os olhos da ditadura, era um refúgio de subversivos, de pessoas que iam até lá pegar uma alimentação mais barata e articular politicamente, foi vítima de um cerco policial. Houve uma refrega violenta e os estudantes responderam bravamente com pedras. Houve corrida da polícia atrás dos estudantes para prendê-los, e nessa refrega houve tiros por parte da polícia, o Edson Luís foi assassinado, e outros estudantes foram feridos na ocasião. Com a morte de Edson Luís, houve uma conflagração no país. O país foi repentinamente conflagrado, foi como se fosse um estopim que deflagrou toda uma reação em cadeia. No Rio Grande do Sul, em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Bahia, no Pernambuco, no Ceará, no Amazonas, em Goiás e em Brasília. Como Goiás sempre teve uma extensão muito grande no movimento estudantil, nos movimentos políticos sociais a partir da década de 40, 50, aqui aconteceu de uma forma muito intensa a reação ao ocorrido no Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro.

Logo após a morte de Edson Luís, houve uma série de assembleias no Diretório Central dos Estudantes - DCE, histórico DCE que ficava na Av. Anhanguera com a Rua 3. O DCE era a sede das assembleias, das reuniões do movimento estudantil a nível universitário, mas também a nível secundarista.

Estávamos naquela ocasião com a presença do deputado, ironicamente, Marcio Moreira Alves, fazendo uma conferência. Foi quando nosso companheiro Euler Ivo, vestindo a bandeira do Brasil, recolheu um apoio em espécie, em dinheiro, para a organização do movimento. Era para a confecção de cartazes, piche para as pichações. Dali foi marcado uma passeata, se não me engano para o dia 1º de abril, partindo da Praça dos Bandeirantes.

Essa passeata foi toda monitorada pela repressão, foi toda fotografada, toda vigiada, mas a concentração foi muito grande. Foram cerca de 500 a 1.000 estudantes, não me lembro exatamente.

Na época, a Praça do Bandeirante viveu uma manhã efervescente, onde várias lideranças do movimento estudantil se manifestaram através de discurso, denunciando a ditadura, denunciando o assassinato do estu-

dante Edson Luís. Pretendia-se após o comício, sair em passeata. A praça estava lotada, buscávamos, se não me engano, sair para a direita com relação a direção do Café Central, ou para a direção da Rua 8, não me lembro bem. Quando demos os primeiros passos, a Polícia Militar já estava tomando os quarteirões adjacentes àquela área e foi vivido um clima, quase que de goianaço, onde realmente houve um confronto violentíssimo da polícia com os estudantes, o que resultou na morte de um popular, ou de um estudante anônimo na época.

A repressão buscava as lideranças na rua. Aconteceu uma série de prisões. Toda a manhã e toda à tarde, o Centro ficou em um clima de conflagração e de uma expectativa violenta com relação ao destino das lideranças e das prisões que se sucederam. Isso permaneceu por mais um dia, e até um segundo dia depois havia uma concentração na porta da Catedral com a presença de Dom Fernando, que na ocasião estava solidário ao movimento.

Estavam presentes várias lideranças. Era uma concentração na porta da Catedral, que era ao lado da Faculdade de Direito, que também era palco de saídas de passeatas, também um centro de lideranças.

De repente houve um cerco da polícia na Catedral. Ficamos sem saída e a única alternativa foi entrarmos. Esse cerco foi muito violento. As portas da Catedral estavam quase se fechando, quando agentes da Polícia Civil, e isso sou testemunha desse evento na história, balearam nosso companheiro Telmo de Faria. Ele caiu no corredor da igreja. Eu estava na sua frente e fui um dos que deu socorro a ele. As portas da igreja foram fechadas, mas antes disso deram vários tiros, e um deles atingiu o pé da companheira Lucia Jaime. Lembro-me da companheira Lucia Jaime com o pé sangrando, com uma bala instalada em seu pé.

Foi um momento muito intenso da repressão. Era como se eles estivessem dispostos a alvejar e a matar as pessoas. Deram tiros meio a ermo, não conseguiram acertar em ninguém, mas poderiam ter acertado na cabeça de alguma pessoa. Vejam qual era o nível da repressão, atiraram para dentro da Igreja Católica, do átrio para o interior da igreja pra atingir os que estavam fugindo da repressão naquele momento. A polícia em número muito maior cercou a Catedral de Goiânia. Salvo me engano, isso aconteceu dois dias depois do dia 1º, foi no dia 2, ou dia 3 que isso ocorreu, em uma manhã.

A negociação para a saída da Catedral foi muito dramática. Ficamos dentro da Catedral uns 40 minutos ou uma hora, com um clima de muito pavor. No nível em que a repressão chegou, de atirarem para dentro da Catedral, atingirem alguns companheiros, não sabíamos o que poderia

ocorrer a partir daquilo ali, qual seria o ânimo da repressão, e também não sabíamos como sairíamos dali com a Catedral toda cercada.

Não houve prisões, essas coisas que meio que se respeitam em nível de negociações. Acho que houve uma intervenção da Cúria em um nível mais alto talvez. Dom Fernando interveio e sua intervenção, creio eu hoje, foi o que possibilitou a saída dos estudantes em magotes de dez a dez, de forma que se dispersavam na rua. Que eu me lembre não houve prisões.

Nossa família é uma família católica de classe média. Meu irmão mais velho, por exemplo, veio a militar na Ação Popular que tinha origem no catolicismo.

Sabemos que com o Papa João XXIII a Igreja Católica experimentou uma grande transformação de perspectivas. Era como se tivesse aberto as portas e janelas da igreja. Nessa abertura de portas e janelas, a igreja veio a se integrar e a vivenciar os movimentos sociais com mais intensidade, e isso provocou uma aliança natural de segmentos da igreja, de leigos e padres às causas da justiça social. Era a doutrina social da igreja.

Então, isso foi provocando um contágio em outras instâncias do Clero até atingir bispos, e etc. Acho que é o caso de Dom Fernando. Eu não tinha muito conhecimento sobre ele, pois na época eu já não era mais católico, não era envolvido com movimentos da igreja, mas observando hoje, vejo que de certa forma ele foi sentindo aos poucos, de 1964 para 1968, a justeza das reivindicações sociais contra a ditadura que estava instalada no país.

Não me lembro da presença do padre Pereira. Como ele era da Igreja Católica, e acho que ligado a Catedral, pode ser que ele estivesse presente nesse dia especificamente. Nossa memória, apesar de termos vivido muito intensamente aquele dia, nos reserva às vezes só mais algumas pessoas pelas condições objetivas de coisas que foram vividas. Dom Fernando é uma marcante, porque me lembro inclusive de pessoas indo na direção dele, desesperadas, perguntando como seria a coisa, e ele naquele momento fazendo seu papel de padre, de acalmar as pessoas, levar uma palavra de tranquilidade, dizer que tudo ia dar certo, e que não haveria maiores consequências.

Lembro-me do Telmo de Faria que foi baleado. Eu e o Félix, me lembro muito do Félix, porque fomos os primeiros. Félix de um lado e eu de outro, nos bancos da igreja. Fomos os primeiros a pegá-lo e arrastá-lo para frente, mas acho que ele foi levado para algum lugar no interior da igreja e começou a ser cuidado. Ele viveu um caso especial, pois levou um tiro nas nádegas. Lúcia Jaime recebeu um tiro no pé, e Telmo nas nádegas. Tenho

a impressão que o tiro dado contra a Catedral, que foi uma profanação do templo, ocorreu porque dois agentes da Polícia Civil tentaram a prisão dele na porta da Catedral e não conseguiram. Telmo era uma pessoa muito forte, muito corpulento e na sua fuga para o interior da Catedral, tenho a impressão que os agentes da Polícia Civil, (que no caso não era PM, fomos também cercados pela PM, mas havia ali agentes tanto da Polícia Civil, quanto do DOPS e da Polícia Federal) tentaram a prisão de Telmo e não conseguiram. Acho que meio, como um gesto de raiva, de desafeto, atiraram contra ele.

Sáimos por magotes, quase que num corredor polonês. Havia como que uma passagem pela presença da polícia. Naquele momento podiam estar fotografando, e eu acredito que sim, reconhecendo as pessoas que estavam presentes naquele ato. Dali as pessoas desciam pela Rua 19, Rua 18, mas já em liberdade. Creio que já não eram importunadas. Realmente dispersando, cada um para sua casa, que às vezes era ali perto.

O ano de 1968 é um ano especial não só para o Brasil, como também para toda América e todo o mundo.

À medida que o ano avançava, ia ocorrendo aquilo que houve em maio na França; os movimentos estudantis na França, com a proclamação daquelas frases utópicas, altamente libertárias: “Debaixo do asfalto há praia”, “É proibido proibir”, entre outras frases libertárias da época, antiautoritárias. Os movimentos do México, alguns deles com muita repressão, com mortes, principalmente o movimento estudantil, ou da juventude.

Isso refletia aqui em Goiânia, talvez até por já vivermos uma época meio midiática, com a televisão, jornal do Rio e de São Paulo chegando diariamente na cidade, atualidades das revistas, noticiários no cinema. Talvez devido à soma de tudo isso, Goiânia vivia pulsando junto com toda essa efervescência, essa vida que brotou no ano de 1968, em todos os locais e em todos os níveis.

Então, nós tivemos no Brasil, salvo me engano em maio, no Rio de Janeiro, após uma série de repressões muito violentas, o cerco de uma faculdade, salvo me engano, de Medicina. Tivemos a passeata dos Cem Mil, que se tornou um marco e uma referência histórica no Brasil. Tudo isso ia embalando, ia alimentando o fogo, ia esquentando o clima das ações de comícios relâmpago, de greves, de passeatas, de manifestações contra a ditadura no ano de 1968 aqui em Goiânia. Foram essas marchas, essas jornadas do início de abril, que foram muito importantes e abriram o ano de 1968 aqui. Ela voltou a ocorrer em maio, em junho, em agosto também houve jornadas em todo o Brasil e tudo foi indo até a desastrada prisão no Congresso da UNE em Ibiúna, também em 1968.

Lembro-me que nessa ocasião tive a oportunidade de ir a um congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas em São Paulo, em Guaratinguetá, onde tivemos uma participação. Na volta me lembro que houve manifestações na filosofia da Maria Antônia, e eu saí de lá um pouco antes da famosa guerra que houve, do Mackenzie com a Maria Antônia. Alguns dos nossos companheiros estavam presentes. A Maria do Socorro veio com o pé todo enfaixado por ter recebido garrafas de ácido sulfúrico próximo aos pés, e outros companheiros de Goiás também foram feridos na guerra da Maria Antônia, em São Paulo.

Nessa ocasião ficou bem configurada a batalha da Maria Antônia, porque era um pouco do que existia de vivo, de expressivo, da direita no movimento estudantil representada pelo Mackenzie em São Paulo, contra os segmentos avançados da filosofia da Maria Antônia. Inclusive na época, tive oportunidade curiosamente de conhecer de vista o líder na época e já famoso em todo o Brasil, José Dirceu.

O movimento estudantil universitário no Brasil, pontuando, tinha quatro grandes lideranças: Vladimir Palmeira, José Dirceu, Luiz Travassos e Franklin Martins, que hoje é Ministro das Comunicações.

Eu estava sendo monitorado e na iminência de ser preso, vamos assim dizer, de preferência em um momento de flagrante, usando uma linguagem policial. Eu sentia que eu era um alvo, mas contávamos também com certa esperteza, que nem o Chaves. Era bom nas corridas, nas fugas, havia os esquemas de saída. Havia um cuidado que se tomava nas ruas, apesar da cidade ser pequena e darmos de cara com a repressão toda hora. Até julho quando aconteceu à ocasião da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade - TFP, como contei anteriormente, eu não havia sido preso nenhuma vez.

A TFP é um segmento medieval oligárquico da direita católica, que através do Plínio Correia, reverencia brasões em uma conduta super disciplinada, meio jesuítica. Eles têm uma estrutura quase que militar de disciplina. Não conheço muito de TFP, mas eles atuavam sempre de terno e gravata, muito bem vestidos, cabelos curtos, uma caretice total. Sempre pegando assinaturas contra padres subversivos, combatendo o divórcio e as tendências mais liberais da sociedade. Sendo contra o comunismo e tendo isso como iniciativa principal da sua atuação.

PRISÃO

Em 1968 se deu a minha primeira prisão. Eu ainda não tinha dezoito anos, tinha dezessete.

Fui preso em função de uma coisa até boba, com relação ao montante de movimentos e eventos importantes que houve em 1968. Foi devido a uma assinatura da TFP na Praça dos Bandeirantes, pedindo a expulsão do Padre Joseph Comblin, que atuava salvo me engano, em Alagoas, em Pernambuco, fazendo um trabalho junto aos camponeses. Era considerado um padre comunista, de esquerda.

Estavam colhendo assinaturas para a expulsão do Padre Joseph Comblin, e nos manifestamos. Houve como que uma discussão com o pessoal da TFP, que se desdobrou com uma manifestação de rua praticamente, e de repente a presença da Polícia Federal e nessa ocasião fomos presos, quase que em flagrante, logo após um comício relâmpago.

Fui preso, e na prisão o agente, que não me lembro bem o nome, que depois veio ser agente de repressão ao tóxico, famoso aqui em Goiânia. Estávamos na Polícia Federal e lá estavam dois delegados que ficaram bastante conhecidos pela sanha repressiva, pelas torturas e tudo mais, que foram o Jesus e o Xavier Bonfim.

Nessa prisão fiquei por dois dias. Houve uma ação que resultou em sucesso na justiça para que me tirassem, pois eu era de menor. Quem comandou essa ação foi alguém ligado a minha família; acho que partiu da minha mãe, ou de algum dos meus irmãos.

O próprio movimento estudantil, vamos dizer assim, as táticas de passeatas foram entrando num pequeno desgaste, porque sabemos que tudo que vai se repetindo, a fórmula vai se desgastando. A repressão muito intensa, em vários níveis, de forma que depois do discurso do Marcio Moreira Alves, do processo, e de todo esse encadeamento de eventos do país, fez com que naturalmente a coisa se desembocasse no Ato Institucional nº5, com a linha dura forçando a barra e baixando aquela série de medidas que realmente caracterizavam a ditadura como uma ditadura.

Cerceava plenamente a liberdade democrática, todas as garantias e todos os direitos. Uma corrupção total dentro da lei, vamos assim dizer.

AI 5

Acho que o Golpe Militar de 64 não tinha acabado sua formatação, e essa formatação final veio com o AI 5.

O golpe veio com esse disfarce, de que rapidamente retornaria ao veio da democracia novamente. Mas o que vimos foi que à medida que o movimento estudantil, o surgimento de algumas ações da luta armada, os movimentos de igreja, movimentos dentro do mundo artístico, do jornalismo também, e, por fim, o pronunciamento do deputado Marcio Moreira

Alves, que pode se ver até como uma peça artística... O que ele falou naquele discurso? Falou para as moças do Brasil não darem muita bola para os soldados, porque os soldados estavam reprimindo os estudantes, estavam invadindo a Universidade de Brasília. Foi exatamente por ocasião da Universidade de Brasília que o Deputado Marcio Moreira Alves fez aquele célebre discurso que desembocou no AI 5. A desculpa para o AI 5 foi a cassação de Márcio Moreira Alves, que não ocorreu, porque o Congresso não aprovou. Então, um dia depois eles editaram o AI 5. Então, acho que a chamada linha dura já vinha impondo sua visão dentro do esquema do golpe de 1964, e a resultante disso foi o Ato Institucional nº5, que realmente fez descer sobre todo o país as cortinas escuras, as coisas realmente ficaram fechadas, nuvens sombrias rondando a vida de todos os militantes e de todos os cidadãos democratas do Brasil.

Foi uma resultante que a meu ver foi natural. Não que haveria possibilidade de outra coisa, não, não haveria possibilidade de outra coisa. Realmente a ação desses segmentos que resistiam à ditadura, foi uma ação muito dramática, pois foi caminhando para um ápice sem saída, que resultou em perseguições, em mortes, em torturas e desaparecimentos. Em todos os segmentos, no mundo artístico, no mundo jornalístico também ocorreram. Tudo isso nos anos posteriores a 1968, que foram os chamados “anos de chumbo” da ditadura.

No ano de 1969, que houve o surgimento da luta armada que foi um componente que atiçou os ânimos da repressão, que se tornou ainda mais feroz, torturando, matando, desaparecendo.

No final de 1968, depois do AI 5, inclusive acho que até contaminado por projetos de natureza mais interna, mais geográfica, mais do meu lado aventureiro, projetei uma viagem para o Amazonas. Era um sonho de infância e adolescência. Fomos eu e o companheiro Rui, que também era do movimento estudantil. Fomos ao Amazonas, passamos lá uns três meses. Fomos de carona, de barco e depois voltamos pelo Nordeste. Voltei a visitar minha terra natal, Recife. Já fazia quase dez anos que não ia até lá.

Voltei para Goiânia beirando março de 1969, e quando aqui cheguei senti que a configuração do engajamento dos companheiros politicamente já estava em outro contexto, em outro nível, que era um contexto mais próximo da luta armada, da opção pela luta armada. Alguns companheiros do movimento estudantil como, Alan Kardec, Francisco Sapienza, Dom Arnolfo, mais esse segmento que inclusive era ligado a Ação Popular. Foi um segmento que optou pela luta armada, se engajou em alguns grupos de guerrilha urbana, como foi o caso da Vanguarda Armada Revolucionária - Var-Palmares, a Ação Libertadora Nacional - ALN, a Vanguarda Popular Revolucionária - VPR e etc.

Nessa época, existencialmente, depois da viagem a Amazônia, depois de todo o processo de 68, curiosamente eu vivia - sem querer tirar da reta - um momento pessoal especial de busca de um aperfeiçoamento intelectual, queria estudar algumas coisas. Digo isso porque fui muito tentado a aderir à luta armada, e na verdade eu nunca aderi à luta armada. Era uma perspectiva também, pois eu tinha algumas posições críticas em relação a ela; ao amadurecimento, as consequências, e talvez até como reflexo da minha própria natureza já mais pacifista e também influenciado pelas ideias de conquistas pacíficas dentro do processo político.

Afetivamente eu era muito ligado a pessoas que estavam dentro do movimento da resistência armada, de maneira que em 69, eu ajudei em um nível de simpatizante, em alguns contatos, em algumas micro tarefas, de ajuda aqui, ajuda ali, um ou outro companheiro do movimento de resistência armada, mas sem estar engajado organicamente, sem pertencer a nenhuma das organizações, nenhum dos partidos.

No dia 6 de setembro de 1969, levei um companheiro para fazer contato com outro companheiro nosso, funcionário do Lyceu, Sr. Leonel, que era muito politizado apesar de ser uma pessoa muito simples. Nessa noite chegou seu primo que era da repressão, que já era PM, e tivemos que fazer um fuga em ritmo de “rififi”, uma coisa super rápida. Estávamos na casa do Leonel, hoje no Setor Novo Horizonte, próximo a Vila União. O muro era vazado pelo fundo, tinha um cerrado e nos enfiámos na escuridão. Era de noite.

Infelizmente não pudemos evitar a prisão do companheiro Leonel, que foi preso pelo próprio primo. Para dar conta de onde estávamos, digo até com muito pesar e muita dor, ele sofreu bastante. Ele e posteriormente a companheira dele. Ele teve uma longa prisão, viemos saber depois.

Daí já não pude mais voltar para casa. Era 8 de setembro de 1969, me escondi na casa de uma pessoa amiga e depois fui conduzido a casa de um juiz de direito em uma cidade do interior, doutor Moreira Marques, que era amigo do meu pai, de maçonaria, de rádio amador. Essa foi a solução encontrada naquela ocasião. Isso se deu nos dias do sequestro de Charles Elbrick, o Embaixador dos Estados Unidos. Logo depois, pela primeira vez foi promulgada a pena de morte no Brasil.

Um mês após ficar refugiado em uma casa no interior, quietinho, dentro de um quarto, de uma sala, sem dar a cara na rua, a própria família montou um esquema de fuga. Uma fuga simples, de avião para o Pernambuco.

Eu não estava ligado a nenhuma organização política, mas estava sendo perseguido, procurado pela polícia, e fui para o Pernambuco. Esse período de vivência em Pernambuco foi um período muito difícil, muito

doloroso. Eu estava noivo de uma companheira, tinha uma perspectiva de casamento. Ela foi me visitar, queríamos ficar juntos.

Nessa ocasião minha irmã se casou, minha família deu uma desintegrada com a separação dos meus pais, outro irmão também se casou, outra irmã estava estudando medicina fora, e outro já tinha voltado para Recife. Enfim, estávamos em um processo de desintegração da unidade do bloco familiar.

Fiquei em Recife vivendo escondido, dentro da casa da família, mas praticamente escondido, refugiado. Sabia que existia uma ordem de prisão contra mim em Goiânia.

Em Recife não estava muito bom em termos de trabalho, de sobrevivência. Recebi um convite do meu cunhado e minha irmã para ficar junto deles em Salvador e tentar trabalho e uma nova vida lá. Minha irmã achou muito bom, pois seria uma companhia. Nós tínhamos muitas coisas em comum no campo da cultura, da arte, da vivência. Era uma companheira nesse sentido também. Fiquei com eles, foi quando houve a visita de um companheiro nosso que havia saído da prisão e se dirigiu ironicamente para a Bahia, o Jackson. Ele estava morando conosco, em um bairro muito simples, que era meio uma favela, no Itororó, Cosme de Farias.

Minha noiva, que estávamos para nos casar a qualquer momento, também era perseguida e monitorada em Goiânia. Ela pegou um avião para dirigir-se a Salvador e nesse avião foi acompanhada por um agente da Polícia Federal, e desde que nos encontramos no aeroporto, até dois dias depois, quando todos nós fomos presos, estávamos sendo vigiados, monitorados. Nossa casa foi toda cercada, os horários monitorados e todos foram presos no dia 3 de abril de 1970.

SEGUNDA PRISÃO

Fomos presos na Bahia e depois recambiados para Goiás. Ficamos cinco dias na Bahia, depois trazidos para Goiás.

Foi aqui que foi minha prisão de 1970. Eu divido essa ligação com a organização Var - Palmares. Fiquei de molho, a bem da verdade não fui molestado fisicamente, não fui torturado no sentido da bordoada, choque, a não ser o molestamento da prisão. Fiquei por um período na solitária, sozinho. Fiquei por uns vinte, trinta dias em uma solitária, que curiosamente era uma grande cela, não era uma cela pequena. Uma solitária de cela grande no quartel do 10º BC. Depois dessa cela, fui sendo incorporado a outras pessoas e nessa ficamos de molho. Prestei depoimento formal uns vinte dias após a prisão. Fiquei lá por cinco meses e onze dias, mantido preso, mas não fui torturado.

Testemunhei a chegada de vários companheiros após a tortura. Companheiros e pessoas que passei a conhecer lá dentro, que não eram companheiros. Mas comigo mesmo, não houve tortura. No sentido clássico da tortura, da pessoa apanhar, receber pancadas, telefone, choque elétrico, enfim, todas essas barbaridades.

Foi feito um processo, fui julgado pela Justiça Militar praticamente um ano depois, e fui condenado a seis meses de prisão. Depois disso, logo após sair da prisão, já não era ligado organicamente a nenhuma organização. Já saí da prisão com traumas de ter acontecido todas essas coisas na minha vida. A prisão em si já é uma tortura. É uma coisa muito triste o cerceamento da liberdade, é algo que eu não desejaria para ninguém. Dentro daquelas circunstâncias bem sombrias que eram as circunstâncias do golpe, não era apenas a minha prisão e de outros companheiros. Companheiros que foram tirados e voltaram à cela após receberem choques. Vi várias pessoas serem conduzidas com capuz, que era uma forma meio secreta deles atuarem. Vivíamos as piores expectativas, era um clima de terror. Eu vivi um período de muito desconforto, de muita ansiedade e de muita tristeza também. Foi um período doloroso estar preso. Só quem experimentou sabe como é triste, como é duro.

Por um lado posso dizer que fui um felizardo, da perspectiva de companheiros que sofreram bastante o horror da tortura física, além da tortura moral e espiritual. Eu fui mais torturado ao nível do espírito, da psique, não fisicamente. Saio e caio como que em um regime quase que existencial de simplesmente viver, e dentro desse viver nós tínhamos simpatia pela causa hippie, pela contracultura.

Era difícil a perspectiva de viver, pois um componente juvenil de rebelião dificultava o enquadramento em um trabalho dentro do sistema; trabalhar oito horas, de terno e gravata, ou até mesmo fazer, como comecei, a universidade direitinho: estudar quatro anos, se formar, pegar o canudo. Aquilo que seria a opção mais natural. Mas o que aconteceu é que caímos na estrada, descobrimos a experimentação de algumas drogas como a marijuana, o LSD. A descoberta do Rock and Roll como um elemento revolucionário até, dentro do contexto cultural como música, eventos. Tinha havido o Woodstock, o movimento hippie, e então nós ficamos underground. Underground era uma página do Luiz Carlos Maciel no Pasquim na época, que ironicamente eu lia na prisão e gostava muito. O papo do Maciel era um refresco dentro da prisão.

Quando saí, saí muito inclinado a levar em consideração isso que também estava surgindo na cultura brasileira. Você via nessa época muita gente nas estradas, o fenômeno do hippie, as feiras de artesanatos. Uma

forma de fazer cultura um pouco como protesto, fazendo coisas loucas, contraculturais.

Meu noivado, meu casamento não deram certo. Rompi com minha noiva, o que talvez o que tenha me levado mais ainda para essa faixa autônoma, essa faixa de experimentação de dimensão que na sociedade era marginalizada, e por isso mesmo ela tinha certo valor até político. Era uma forma de continuar a militância, mas incorporando existencialmente um determinado tipo de vivência.

Isso também tinha seu preço, seu desgaste. Foram muitos anos de estrada, de BRs, como dizíamos, éramos 'BRzeiros'. Era subindo e descendo o Brasil pelas estradas, participando de grandes festivais que havia naquela época.

Porém, aqui em Goiânia, três companheiros de muita vivência da época do movimento estudantil - os líderes de 1967, 1968 e até mesmo início de 1969 - que estavam presos, juntos de um que conheci na prisão e que depois voltou ao Rio de Janeiro, foram tentados pelo canto da sereia, da promessa de liberdade e de reconhecimento que fazendo esse papel de certa forma estaria até, e como era interpretado por alguns, cumprindo um papel positivo. Porque realmente acreditava-se que o movimento não tinha perspectiva, que as coisas já estavam em processo de derrocada final. Isso foi no ano de 1970, enquanto eu ainda estava preso.

Havia a promessa, que foi cumprida inclusive, da liberdade individual. Foi uma troca. Não foi de graça. O que para muitos passa a ser até pior, mais visto de outra perspectiva, isenta, ou ameniza em muitos aspectos. Eu não julgo, e hoje continuo a ser amigo de todos eles. Não amigos de convivência, porque estou muito afastado, quase que em um novo exílio. Há 25 anos fui para a cidade de Alto Paraíso e é um refúgio, um lugar onde sou pouco visitado, mas volto a Goiânia sempre. Desses amigos, raramente me encontro com algum deles, mas quando encontro trato humanamente bem.

Sentia um desconforto na época, não nego. Senti que foi uma forçação de barra, mas também não julgo com tanta severidade, porque acho que não foi algo, por exemplo, que implicou em outras quedas, não implicou no desbaratamento final do movimento. Foi uma válvula de escape, talvez não muito legítima, usada por esses companheiros para aliviarem suas situações.

Aconteceu em várias partes do Brasil, mas não foi um número muito grande. Devem ter sido no máximo umas 15 pessoas que fizeram isso no Brasil. Esse expediente foi um expediente usado. General Bandejas, fiquei sabendo depois, foi o que fez a cabeça desses meninos para que eles renegassem a luta armada e dissessem que bom era o projeto Rondon, e eles aceitaram.

Esse pessoal era mais ligado às ações da guerrilha urbana. A Guerrilha do Araguaia era uma guerrilha ligada ao PC do B. Foi uma guerrilha que não acompanhei o processo por dentro, pois não militava no PC do B na época, mas pelo que lemos hoje, era uma guerrilha que vinha se instalando silenciosamente. Ela ainda não tinha um painel de eventos, de ações que já a fizesse reconhecida no Brasil.

Acho que quando os meninos foram à televisão e fizeram isso, (digo meninos porque olhando pela perspectiva de hoje eram praticamente meninos, apesar da responsabilidade, pois já eram conscientes), acho que não tinha nada a ver com Guerrilha do Araguaia, era mais relacionada com a guerrilha urbana e aqueles que estavam querendo entrar, aqueles que estavam no linear do engajamento, ou aqueles que estavam no linear do desengajamento. Acho que foi feito mais nessa direção, e um pouco também para desmoralizar. Teve o caráter de desmoralizar não só à esquerda, mas principalmente a opção da luta armada.

O discurso tinha um endereço, era abaixar as armas e partir para projetos do tipo Rondon Brasil. O que não seria uma má coisa, vindo da perspectiva de hoje.

O EXÍLIO

O desconforto era muito grande de 1970 em diante. Mesmo optando por uma vivência underground, sentíamos como se a sombra do que estava acontecendo no nível político, estivesse sobre a nossa pessoa. Não nos sentíamos totalmente seguros, ou livres, de forma que uma das perspectivas que se abriu foi o exílio e tivemos a oportunidade de vermos vários companheiros buscando esse caminho. Alguns com sucesso, alguns indo ao Chile e não tendo sucesso, pois foram presos e sofreram o pão que o Diabo amassou. Alguns torturados, com ameaça de morte, alguns até morreram, mas outros conseguiram sair do Chile antes. Houve todo tipo de situação.

O exílio na época era o Chile. Realmente pensávamos no Chile, pois o Chile, ironicamente a partir de 1970, vivia a experiência de Salvador Allende, da alternativa pacífica para o socialismo. A terceira via de Salvador Allende. Então, se vivia um clima muito efervescente no Chile nos anos de 1971, 1972.

O Chile era o abrigo de vários exilados da América do Sul naquela ocasião. Aqui de Goiânia vários se dirigiram para o Chile. Namorávamos aquela perspectiva no sentido de se ter um respaldo legal, com documentos. Eu estava naquele ânimo geográfico de talvez só passar pelo Chile, não

de ficar no Chile. Então, eu pensava no passaporte, e abri uma estratégia pessoal para tirá-lo que foi me dirigir à Recife, porque sabia que aqui em Goiânia seria impossível tirar o passaporte. Lá encaminhei todos os meus documentos, mas o passaporte não saía nunca. Como fui julgado e condenado a seis meses de prisão, e na verdade estive preso por cinco meses e onze dias, foi expedida pela Polícia Federal a ordem de prisão do restante da pena que eu ainda não havia cumprido. Era como se fosse uma picuinha realmente, de forma que fui preso.

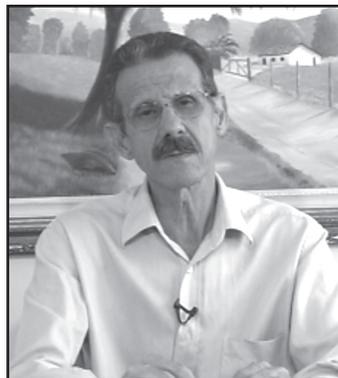
A polícia esteve em casa, e quando fiquei sabendo não resisti a prisão, e me apresentei a polícia para saber o que estava havendo. Disseram que eu tinha que cumprir a pena e me colocaram na Casa de Detenção junto a militantes de alta importância no contexto do Nordeste. Estavam: Carlos Alberto, que participou de refrega com a polícia, onde morreram pessoas em assaltos a caixa forte de empresas no Nordeste; Rolim dos Santos Cavalcante, e outros que na época eram bastante famosos. Eles fizeram depois várias greves de fome, eu acompanhava com muito carinho pelo jornal, pois havia sido companheiro deles na prisão por 19 dias. Lá tive uma experiência de um coletivo muito original para minha formação goiana, porque eu tinha uma formação política em Goiânia. Os companheiros do nosso universo eram companheiros daqui de Goiás. Lá me vi dentro de uma prisão com pessoas que tinham vivência com coisas do Nordeste, com a militância política no Nordeste. Todos já cumprindo pena, alguns até com prisão perpétua. De forma que foi muito enriquecedor, muito interessante. Na ocasião havia livros muito bons dentro da prisão, tínhamos uma vivência coletiva, fazíamos comida, cada um cumpria uma tarefa.

No dia em que saí da prisão, senti que os laços afetivos tinham sido muito aprofundados. Realmente me trataram com muito carinho. Acho que faziam isso com todo mundo, e fizeram comigo, um momento muito emocionante e que nunca me esqueço na Casa de Detenção, em Pernambuco: descendo as escadas, todos foram até a porta e deram uma salva de palmas. Foi muito bonito. Foi uma passagem muito bonita na minha vida.

Todos aqueles comunistas gloriosos do Nordeste, bravos combatentes, pessoas da mais alta estirpe intelectual, moral. Apesar de minha prisão ser passageira, ali gostaram de mim também, e foi uma coisa muito bonita. Ficou como se fosse uma coisa assim: os camaradas se reconheceram rapidamente. Foi um momento muito emocionante.

MARCANTÔNIO DELA CÔRTE

Data de nascimento: 12/10/1946



Em 1964 tivemos o golpe que todos conhecem, mas o período que temos aí, antes de 1964, foi um período riquíssimo dentro do movimento popular. Os movimentos dos partidos de esquerda, incluindo o PC do B, o Partido Comunista Brasileiro, a AP, as Ligas Camponesas, a POLOP e outras organizações que estavam juntas aos sindicatos e aos movimentos estudantis, estavam de tal forma pressionando o Governo e a sociedade para mudanças importantes na estrutura do país, que o Governo de João Goulart foi obrigado a abraçar essas bandeiras pelas reformas. Dessas reformas, principalmente a reforma agrária, as questões relativas à saída de capitais nacionais para o exterior e a questão das empresas estrangeiras foram questões de suma importância no contexto que veio culminar no golpe de 64.

Sabemos que no comício do dia treze de março de 1964 no Rio de Janeiro, na Central do Brasil, o presidente da República, juntamente com todo o movimento popular que estava apoiando as reformas de base, faz um comício com 200.000 pessoas. E naquele momento, o presidente da República assina uma lei criando a reforma agrária no Brasil, de tal forma que quinze quilômetros de cada margem das rodovias federais, das ferrovias e dos açudes do Nordeste eram terras passíveis de reforma agrária. É bom que as pessoas compreendam que naquela época 60% da população brasileira ainda viviam no campo. Nossa população urbana era menor, e esse quadro começará a se inverter pós-golpe, pós 64.

Quando houve o comício, e com essas medidas tomadas pelo presidente João Goulart, aquelas conspirações que começaram após a renúncia do Jânio Quadros, em 1961, encabeçada principalmente por Golbery do Couto e Silva, por Castelo Branco e por todos aqueles generais que ficaram

conhecidos e passaram a ser presidentes futuramente, de certa forma, em 1964, já tinham minado praticamente toda a estrutura do exército brasileiro nas três armas: Exército, Marinha e Aeronáutica.

Estávamos na época da Guerra Fria e os opostos se odiavam. Que opostos? A Guerra Fria todos sabem que tinha de um lado União Soviética comunista, o Leste Europeu e o mundo capitalista. O Brasil se aliava aos Estados Unidos. Os militares aqui já deram o golpe de 64 fundamentando que o Brasil se transformaria em uma república comunista, em um país comunista. Podemos explicar da seguinte maneira: comunista para eles eram bichos de sete cabeças e o ódio era tamanho que qualquer coisa que fizessem para esse pessoal era pouco. Acho que a lógica era essa.

É bom que tenhamos em mente, falando em Guerra Fria, que os Estados Unidos da América jamais aceitariam naquela época, e até hoje acho que não aceitam, uma segunda Cuba. Cuba naquela época era um país que estava desafiando. Tanto é que sabemos, e os documentos são fartos, das ligações dos consignadores com o embaixador Lincoln Gordon no Brasil e das manobras da frota americana na época do golpe. Se houvesse uma divisão do país, se houvesse um embate militar, eles imediatamente entrariam. Uma coisa é certa, historicamente quem conhece os fatos sabe que os Estados Unidos jamais aceitariam outra Cuba aqui.

Quando Mourão Filho e Magalhães Pinto, na madrugada de 31 de março, se sublevam apressando o golpe, que não estava previsto para aqueles dias, eles se antecipam como se já houvesse uma corrida para quem chegasse ao poder. Naquela época, é bom que todos entendam, o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, o governador de São Paulo, Ademar de Barros, e o de Minas Gerais, Magalhães Pinto, faziam oposição ao governo de Jango e a todo movimento popular; e todos eles eram candidatos à presidência da República. Aliás, a eleição aconteceria em 1965, e o Brizola também era candidato.

Quando acontece o levante em Minas, o presidente da República tinha algumas condições de resolver o problema se fosse rápido em algumas decisões. Ele demorou, ele vai para o Rio de Janeiro e no Palácio das Laranjeiras ficou o dia todo negociando. O ministro da Guerra, Jair Dantas, estava doente e o Estado Maior do Exército praticamente na mão do Castelo Branco, que foi um dos principais mentores e comandantes do golpe. Carlos Lacerda, governador da Guanabara, de extrema direita, de imediato, quando Magalhães Pinto toma aquela decisão em Minas Gerais, também mobiliza suas tropas; faz do seu palácio um reduto com proteções, com caminhões e com tudo, pois imagina que ali no Rio de Janeiro as tropas dos fuzileiros navais, que ainda eram fiéis ao presidente da República

invadiriam seu palácio. Mas nada disso aconteceu. Os fatos vão acontecer na noite do dia 31, quando o presidente da República já havia conversado inúmeras vezes por telefone com o comandante do Segundo Exército, Amaury Krueel, que tinha em suas mãos o comando das forças mais importantes do Exército brasileiro. Porém, havia uma questão. Aquelas pessoas que em 1961, dentro do Exército brasileiro, começaram a conspirar para derrubar o presidente da República (porque diziam que o presidente João Goulart iria criar no Brasil uma república sindicalista com viés comunista apoiado pelo Partido Comunista Brasileiro e tendo ao seu lado o próprio Luiz Carlos Prestes) perceberam que o próprio Segundo Exército, no qual o presidente João Goulart tinha plena confiança, não tinha o controle total da situação. Isso se deu principalmente porque aquela conspiração havia chegado ao Segundo Exército e a seu Estado Maior.

Nessas conversas telefônicas entre o presidente da República e Amaury Krueel (a última conversa se deu talvez por volta das dez horas da noite), o presidente cobrava uma posição do Amaury. Ele dizia que estava ali, junto do seu alto comando, pronto para descer com suas tropas para o Rio de Janeiro e dar apoio ao presidente da República. Porém, Amaury tinha uma simples exigência: que o presidente da República prendesse os comunistas, fechasse as centrais sindicais, fechasse os sindicatos, que deixasse de governar com os sindicalistas e fosse governar com eles que estavam dando as cartas naquele momento. O presidente João Goulart respondeu dizendo que jamais trairia seus amigos, jamais trairia suas ideias e jamais trairia o povo brasileiro.

Em pesquisas de opinião naquela época que antecedeu o golpe, o presidente da República tinha por volta de 60%, 70% de aprovação popular, mesmo com todas aquelas marchas com Deus e a Família pela Liberdade, que aconteceram em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. A partir desse momento em que o presidente não aceita as imposições do Segundo Exército, nós temos então os fatos sendo determinados, o golpe já estava praticamente vitorioso. Então, o próprio Amaury Krueel coloca a responsabilidade nas costas do presidente da República dizendo que ele havia tomado a decisão. A partir desse momento, o Segundo Exército desce para o Rio de Janeiro, não para garantir o presidente da República, mas para se aliar às tropas de Minas Gerais, que já estavam caminhando para o Rio de Janeiro, e aniquilar com qualquer resistência que poderia haver do Primeiro Exército. Com isso, o presidente da República foi para Brasília. De lá, encontra-se com Tancredo Neves e vai para o Rio Grande do Sul numa última tentativa de resistência. Chega ao Rio Grande Sul, ele mais Brizola, Brizola principalmente, consegue tomar Porto Alegre.

O governador Ildo Meneghetti vai para o interior, e quando vão fazer um levantamento da situação militar no Rio Grande do Sul, general Ladário, que foi nomeado naquele momento comandante do Terceiro Exército, chega à conclusão que o Terceiro Exército estava totalmente sublevado e totalmente revolucionário, entre aspas como eles diziam. Não restou outra alternativa ao presidente a não ser pegar um avião e ir para o Uruguai. Brizola fez o mesmo. A vitória do golpe já estava consolidada. As prisões começaram e aqui em Goiás as coisas terão caminhos similares. Não tão similares, porque o governador Mauro Borges por tradição era um homem ligado ao movimento popular.

Mauro Borges foi um homem de uma visão administrativa interessante, que deu uma estrutura administrativa para o Estado de Goiás que não havia antes. Um planejamento que não havia antes. Inclusive, Mauro Borges fez uma coisa que pouca gente sabe na história, que ficou esquecido, que foi a criação de uma empresa chamada DISPETROLGO – Distribuidora do Petróleo Goiano, baseado naquela linha nacionalista. Naquela época a Petrobras ainda era uma empresa pequena, uma empresa que tinha uns dez anos de existência e produzia pouco petróleo; e as distribuidoras de petróleo eram praticamente todas estrangeiras. Mauro Borges, quando teve a ideia de criar a DISPETROLGO em 1962, tinha a ideia de criar uma empresa goiana que fizesse esse transporte e distribuição do petróleo, mas não deu certo; embora tenha sido lançada publicamente. Mauro Borges fez um comício na Praça dos Bandeirantes com cerca de 10.000 a 20.000 pessoas. Andaram por todas as escolas de Goiânia, por todos esses rincões de Goiás divulgando essa empresa. Fez um comício belíssimo, e o sentimento nacionalista do povo goiano foi lá em cima. Mas foi uma empresa que não saiu da vontade política. Não sei quais foram as questões que atrapalharam essa ideia.

Mauro Borges tem um passado administrativo muito ligado as nossas questões nacionais e à defesa do patrimônio brasileiro, mas politicamente ele começa a fugir daquela linha nacionalista, daquela linha democrática e se alia aos conspiradores. Segundo nossos companheiros - o próprio Hugo Brockes que trabalhava no palácio e chegou a interceptar comunicações cifradas do Ildo Meneghetti, governador do Rio Grande do Sul, para Mauro Borges - tudo indicava que Mauro Borges sabia que o golpe estava a caminho.

Mauro Borges toma uma posição interessante porque no dia 31 as tropas ficam aquarteladas e ele não se manifesta. Sabemos, por informação, que as pequenas tropas do Exército que estavam aqui na 7ª CSM não eram golpistas. O comandante do 10º Batalhão de Caçadores também não

se aliava tanto ao golpe, embora lá dentro houvesse pessoas aliadas. Existia também outro quartel do Exército, se não me engano em Ipameri, que não estava obedecendo às ordens do Estado Maior do Exército, que era favorável ao golpe de Estado. Mauro Borges não toma uma posição, ele vai tomar uma posição no final da noite do dia 31 de março para o dia 1º de abril. Ele espera Amaury Krueel se decidir.

Em minha opinião, acho que ele espera o Amaury tomar uma decisão porque a decisão do Amaury era fundamental para sabermos para onde o Brasil caminharia. A verdade é que Mauro Borges apoia o golpe, lança um manifesto à nação e imediatamente, dois dias depois, começam as prisões. Em Goiânia tivemos dois locais de resistência: na sede da Confederação dos Trabalhadores do Estado de Goiás, que ficava na Rua 4 com a Tocantins; e na CGT, cujo presidente era o Pedro Ribeiro. Eu tinha 17 anos naquela época e acompanhei isso de perto. Acompanhei da sede do CGT - Comando Geral dos Trabalhadores. Havia também outro foco de resistência, que era no Centro Acadêmico Onze de Maio, que ficava na Rua 20. O povo brasileiro, o povo goiano, embora as pesquisas indicassem que o presidente João Goulart tinha uma aceitação de até 60%, ficou distante, não saiu para as ruas.

O Comando Geral dos Trabalhadores, que tinha à frente Pedro Ribeiro, obedecendo já uma determinação do Comando Geral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, da parte central, que em dias anteriores tinha decidido que no caso de um evento armado decretariam uma greve geral. Essa greve geral decretada pelo Comando Geral dos Trabalhadores foi um fracasso no país inteiro. Em Goiás distribuiu-se panfletos para todos os cantos. Goiânia era uma cidade pequena e as coisas concentraram-se mais por aqui. Conseguem-se paralisar pouca coisa sem a mínima expressão.

No dia 2, já não se tinha nada o que fazer. As prisões começaram e é bom que as pessoas tenham conhecimento que naquela época não tínhamos uma Polícia Federal organizada. O Estado brasileiro não tinha um sistema de informações organizado como passou a ter depois e como tem hoje, mas tinha as DOPS e as DEOPS nos estados, que eram organizações fundadas na década de 30 e passou pela ditadura do Estado Novo, passou pela democratização e sobrevivia. Faziam arapongagem, catalogavam fichas de comunistas. O melhor acervo que a repressão teve em Goiás quando começou a reprimir o movimento social, que eram os trabalhadores, os estudantes, as pessoas de esquerda ligadas aos partidos comunistas e outros mais, foram arquivos do próprio DOPS. Aliás, as primeiras prisões que se deram naquela época foram feitas pela polícia goiana, pela polícia comandada pelo governador Mauro Borges. Não citarei quem eram do

DOPS ou da Segurança Pública, pois isso era secundário, porque o chefe maior era o governador do Estado.

As prisões começaram e, evidentemente, imediatamente o Exército já encabeça as ações. Veremos que as cadeias, tanto da Casa de Detenção, que fica na Rua 66, quanto a do CEPAIGO e do 10º Batalhão de Caçadores se enchem. As prisões ficaram cheias, mas é bom que tenhamos em mente que do inquérito feito naquela época, tivemos cerca de 140 indiciados, nenhum dos indiciados foi a julgamento. A situação ficou complicada com os processos que vieram depois.

A tortura naquela época foi empregada de forma muito generalizada. Os casos mais notórios são o do Pawel Gutko e o do Hugo Brockes naquela história de espionagem que Hugo Brockes conta muito bem no depoimento que ele já prestou. Nesse aspecto, essas prisões evidentemente ocasionaram uma série de constrangimentos até para o próprio governador.

Tarzan de Castro esteve preso no 10º BC na época do golpe e as coisas pesaram em cima dele por causa de algo muito simples. Ele tinha ligações de amizade com o governador, não me lembro se ele tinha emprego no Estado, mas mantinha boas relações com o governador. Houve uma época em que o governador Mauro Borges era um cara progressista e, de certa forma, ligado à União Goiana dos Estudantes Secundários. Quando prenderam o Tarzan de Castro, o mantiveram preso e instalaram outro IPM no 10º Batalhão de Caçadores, que tinha o objetivo específico de incriminar o Mauro. Há uma série de questões acusando-o de comunista, mas Mauro nunca foi comunista na vida dele. Pelo contrário.

Prenderam e torturaram muita gente, inclusive o Saulo Taguatinga, para extraírem dessas pessoas depoimentos que comprometessem o governador Mauro Borges. Mauro Borges quando adere ao golpe de 64 faz uma opção política e se alia a antigos inimigos da chamada UDN, que eram seus adversários e que com a sua vitória ficaram fora do poder. Quem ficaria no poder era o PSD. Essa UDN irá tramar para derrubar o Mauro. A ninguém interessava a nível federal, nem a nível estadual. Aqueles que tinham, desde 1961, tramado contra o governo de João Goulart, que queriam o poder a qualquer custo, jamais aceitariam Mauro no governo. Mauro cai por um erro de origem. Ele escolheu o parceiro errado naquele momento e ele não resistiu a todo esse embalo, porque as Forças Armadas ficaram coesas e gradativamente (a história irá demonstrar que os militares quando tomaram o poder em 1964 não tinham praticamente uma estratégia de poder) foram criando uma maneira de se perpetuarem no poder. Através de atos institucionais foram cassando mandatos; proibindo eleições para governadores e presidente; e, com o mais forte deles, o AI-5, de 13 de novembro de

1968, praticamente aniquila com todas as nossas instituições democráticas que ainda sobreviviam.

Em 1966 existia um partido que se chamava Partido Comunista do Brasil, que existe até hoje: o PCdoB. Foi fundado em 1922 e se reorganizou em Goiás em 1962, tendo como proposta fazer a revolução brasileira, a revolução socialista. Entrei para o PCdoB em 1963, não tinha nem 17 anos completos. Esse PCdoB em Goiás sobreviveu ao golpe; já o Partido Comunista Brasileiro, não. O Partido Comunista Brasileiro foi totalmente esfacelado com o golpe de 64 em Goiás. O PCdoB não foi. O Tarzan era o dirigente máximo naquela época. Ele caiu, mas o PCdoB, não. Tarzan sempre teve uma posição muito reta.

A PRISÃO

Não sei dizer como, o PCdoB cai em Goiás em 1966. É uma história muito complicada para ser contada rapidamente.

Quatro importantes companheiros foram presos e eu gostaria de dizer que é muito complicado alguém julgar o outro. Tenho na minha mente que ninguém entrou obrigado em uma luta clandestina, uma luta contra o governo. Quem fez, o fez de forma espontânea e voluntária. Era uma luta voluntária. Você entra e você sai. Você fica, ou você não fica. Em uma luta voluntária, é claro que existem determinados princípios que norteavam e ainda norteiam um militante comunista, um militante socialista, um militante de esquerda. Mas só quem passou por um inquérito, por IPM, só quem passou pelo processo inquisitorial sabe como as coisas acontecem. Formas de torturas existem várias, imensas, desde a psicológica à física; e é muito complicado chegar e julgar um companheiro, se ele foi ou mais ou menos resistente.

Estive preso por dois anos em Juiz de Fora, em uma cadeia chamada Presídio Linhares. Éramos oitenta presos. Eu tinha 22 anos, e a média de idade talvez fosse a minha. Tinham presos com 18, 19, 20, 22, 24, 25, 30, 40, mas a média era de 22, 24 anos. Ali em Juiz de Fora, de goiano, por incrível que pareça, só tinha eu. Outros goianos passaram por lá, mas naquela época estava apenas eu de goiano.

Em Minas Gerais, quando prenderam a corrente revolucionária, prenderam a todos. Quando o Comando de Libertação Nacional caiu em Minas Gerais, caíram todos e assim sucessivamente.

Essa prisão em Juiz de Fora, chamada Linhares, fica no meio das montanhas. Juiz de Fora está em uma região montanhosa da Serra do Mar. É uma cidade mineira que sofre mais influências do modo carioca de viver do que

do modo mineiro de ver as coisas. Era uma prisão para presos comuns de alta periculosidade; antiga, estava localizada dentro de um buraco praticamente; eram montanhas de todos os lados. As paredes tinham quase meio metro, as barras eram grossas - para uma pessoa serrar uma base da grade era quase que impossível. As celas eram individuais e muito pequenas para o cidadão cumprir a pena ali dentro.

Citarei um fato acontecido lá: a Polícia Militar mineira era quem fazia a segurança externa do presídio. Quem fazia a segurança interna do presídio, que estava em contato conosco, eram os funcionários do governo, os chamados guardas penitenciários. Havia um batalhão da polícia tomando conta. Não sei o que deu na cabeça de minhoca desse povo da Polícia Militar mineira. O termo é bem esse mesmo, não sei o que dava na cabeça desse pessoal que eles tinham por hábito, não era todo dia, mas com uma grande frequência, apagar as luzes do presídio. Eram celas individuais. Você ia tomar banho de sol e almoçava no refeitório, pois era impossível que levassem oitenta pratos de comida para os presos. Eles apagavam as luzes às 20 horas para que você dormisse; a luz do corredor ficava acesa, mas pegaram o hábito de fazerem treinamento. Esse treinamento nada mais era que uma guerra psicológica, pois apagavam todas as luzes do presídio e começavam a dar tiros. Parece-me que simulavam que o presídio estava sendo invadido. Davam tiros de metralhadora e de fuzil para todos os lados. Havia umas bombas de impacto, não sei bem com que finalidade as jogavam nas paredes. Você sentia o prédio estremecer, mas o prédio era praticamente uma fortaleza. Isso aconteceu por um tempo considerável. No começo ficávamos muito tensos, mas depois acostumávamos com aquilo. Por incrível que pareça, quando eles começavam a realizar os treinamentos, começávamos a cantar. Os companheiros naquela época ainda estavam muito ligados à vitória do socialismo; ainda éramos muito jovens, com muita energia. No começo todos ficaram meio amedrontados, mas depois acostumamos. Começávamos a cantar músicas do folclore brasileiro; às vezes cantávamos o Hino Nacional, às vezes músicas internacionais. Perto daquela região existiam alguns moradores de pequenas fazendas que ouviam aquela barulheira. Lá o preso político recebia uma visita semanal. Eu recebi duas visitas durante dois anos. Minha família morava aqui e era uma família que não tinha condições. Havia três presos de Juiz de Fora (um deles era o Valdo, e os outros não me lembro do nome). O pessoal de Minas Gerais recebia visitas normalmente. Soltaram um boato, era história verdadeira, tanto era que pararam com o negócio, que eles estariam fuzilando presos de Juiz de Fora. Quando falo isso tenho vontade de rir, pois é a única maneira. Quem inventou esse boato não sei. Segundo alguns guardas nos contaram, daqueles civis que trabalhavam

diretamente conosco, e muitos fizeram amizade, uma rádio local teria soltado essa notícia. A notícia de que possivelmente estivessem fuzilando presos políticos no Presídio Linhares. Eles pararam com aquilo, mas chegaram a jogar aquelas bombas de impacto no corredor.

Tínhamos dois galpões de presos e tinha o das mulheres que ficava do outro lado. As mulheres estavam em menor número, se não me engano eram 12 ou 15, e nos comunicávamos com elas cantando. Cantávamos de um lado uma música, e elas cantavam de lá outra música. Aprendi naquela época muitas músicas do folclore mineiro que eu não sabia aqui em Goiás. Praticamente na prisão todos eram mineiros.

Tivemos uma greve de fome complicada nesse presídio. Uma greve de fome que não foi deliberada, mas foi um momento de reafirmação de alguns princípios. É simples e elementar: um companheiro muito radical desacatou um guarda penitenciário; ele estava errado e deram a ele um castigo, que era não tomar o banho de sol, ser isolado dos demais e ir para outro bloco. Seriam dez dias de castigo. Existia um princípio entre os presos de Linhares. Embora eu tivesse algumas discordâncias, acatava e aprovava esse princípio. O princípio era que a penalidade, o castigo aplicado a um era automaticamente aplicado a todos. Essa prática se deu em decorrência do receio que tínhamos de qualquer coisa de ruim acontecer com um companheiro e você perder o controle. O companheiro fez isso e nós ficamos na cela.

Cheguei a escrever um artigo detalhando essa história difícil e complicada. Pela manhã lhe serviam apenas um pouco de café e meio pão. Às 9 horas você ia tomar banho de sol, 11h30 ia almoçar no refeitório e do refeitório voltava para a cela. Às 15h30 você saía da cela, ia tomar o resto do banho de sol, tomava banho na água fria, jantava, voltava para a cela e só saía novamente no outro dia às 9 horas.

Para aquele cara que foi castigado, levavam a comida e o café, mas para você eles não levavam. Levavam o café, mas não levavam o almoço e nem o jantar. A fome era instalada sem que fizéssemos greve de fome. No primeiro dia você toma o cafezinho e tudo bem, mas daí para frente você vai somando os dias. Esses dias demoravam a passar. Nos três primeiros dias eles faziam as refeições, colocavam no refeitório, depois jogavam fora. Você sentia o cheiro da comida. A partir do terceiro dia quando viram que não voltaríamos atrás, eles não fizeram mais a comida. Só faziam o suficiente. Aquele companheiro que estava cumprindo o castigo isolado também não comia a comida que levavam.

O pessoal de Minas Gerais, a maioria de Belo Horizonte, recebia as visitas que levavam comida, levavam pães, salame, uma série de coisas. No meu bloco, quem cuidada dessa alimentação era eu. No bloco de cima não

sei quem era. Aquela comida que ficou ali comigo tinha que ser repartida com o pessoal do meu pavilhão que era por volta de trinta e cinco pessoas. Calculei que aquela comida daria para uns dois, ou três dias. Tínhamos que prolongá-la para dez dias. A fração de ração foi bem pequena.

Eu era o único que saía da cela. Eles me permitiam todas as noites sair da cela por volta de 20 horas para levar a ração para o pessoal, as porções. Do quinto dia para frente, você ia olhando para a cara dos companheiros e ia sentindo o que é a falta de alimentação. O sétimo e oitavo dias foram sofridos. Não era uma greve de fome declarada. No oitavo dia nossa ração acabou.

Quando ouço alguém dizer que fez greve de fome deliberadamente tomando apenas água, aguentou por trinta dias, penso que gostaria muito de ter visto e que alguém me comprovasse isso. Porque nesses dez dias tomando esse cafezinho, comendo essa pouca ração que distribuíamos, quando saímos para o pátio no 11º dia o que pude ver em todo mundo... Na época eu pesava 64 quilos. Durante esse período devo ter perdido mais ou menos um quilo por dia, estava muito magro. Você via o arraso e o que a falta de alimentação havia feito ali.

De certa forma esse sofrimento, que ao mesmo tempo não era um sofrimento, amadureceu muito o grupo. Na série de radicalismo que existia ali, senti que a coisa foi meio se atenuando. Senti que o ser humano é solidário. Quando a coisa aperta, quando as coisas se complicam o ser humano é solidário.

Vemos muitos exemplos no nosso cotidiano, nas catástrofes que acontecem pelo mundo, enchentes, tsunamis, e etc. Não dá para entender como o homem produz armas para matar e provoca guerras, só trazendo dor e sofrimento a todo mundo.

Eu saí daqui, perdi o emprego, fui para o Rio de Janeiro e encontrei-me com Neso Natal. Encontramo-nos em fevereiro de 1967. Foi uma alegria imensa, pois eu estava ali meio desorientado e o Neso havia sofrido uma condenação devido ao assalto ao Tiro de Guerra de Anápolis. Eu e o Neso, ainda sonhando em fazermos uma revolução socialista no Brasil, resolvemos ir para Cuba. Queríamos ir para Cuba porque sabíamos que naquela época eles estavam treinando pessoas para voltarem e serem agentes revolucionários. Eu tinha 20 anos; Neso devia ter uns 23, 24 anos, e nossa vontade era ir para Cuba. Resolvemos pedir o exílio. Fomos à embaixada do Uruguai, mas lá estava o Tarzan, que havia fugido da Fortaleza de Santa Cruz, o James Allen e o Parreira. Fomos então para a embaixada do México, que ficava no 10º andar de um prédio. Isso era coisa de jovem sonhando. O México, naquela época, não tinha tradição de dar exílio a ninguém; eu já havia tido

uma prisão, sido processado, e o Neso com uma condenação. Esperávamos que o México nos desse exílio e de lá iríamos para Cuba. Chegando à embaixada, deram um tranco em nó dois. O embaixador me pegou e o adido cultural pegou o Neso e nos ameaçaram dizendo que ou saíamos dali ou nos entregariam para a polícia.

Sabemos que dentro do ponto de vista da lei do exílio e da solidariedade, e o México era um país de Governo democrático, esse posicionamento da embaixada mexicana foi um posicionamento horroroso. Dissemos que iríamos embora, pois notei que o cara não estava blefando. Tanto é que quando nos encontramos na sala, o Neso falou a mesma coisa: que a prensa tinha sido violenta e que fôssemos embora. Pedimos que chamassem um táxi e que o secretário deles nos acompanhasse até o carro. O cara desceu conosco, nos ofereceu dinheiro para o táxi, recusamos e agradecemos. Entramos no táxi, demos umas voltas pelo Rio de Janeiro e a coisa acabou por ali mesmo.

Alguns dias depois fui para São Paulo. Neso teve contato com o Partido e foi para a União Soviética. Só contei esse fato, que é um fato pitoresco na minha vida, para mostrar do que um jovem é capaz. Quando se é jovem, você tem muita energia, você pensa longe. Muitas vezes você perde a vida heroicamente sem ao menos saber o que está fazendo. Na verdade, eu e Neso depois raciocinamos e chegamos à conclusão de que aquela nossa atitude de pedir asilo na embaixada do México e depois ir para Cuba era algo sem sentido. Nós estávamos até sem contato com organizações daquela época.

Fiquei sete meses em São Paulo e voltei para Goiânia. Fundamos aqui um grupo chamado “Grupo Condor”. Éramos mais ou menos umas vinte pessoas com o objetivo que ainda tínhamos na cabeça de revolução armada; o Juarez Ferraz de Maia, professor de Jornalismo da universidade, também era do grupo.

Em Goiânia, continuávamos militando abertamente no movimento estudantil e clandestinamente também contra o Governo, mesmo eu já tendo sido preso no PC do B e com um processo pesado em cima. Juarez também tinha tido um processo na Ação Popular, mas continuávamos reorganizando o movimento estudantil e continuávamos atuando na clandestinidade contra o Governo. Pensamos em fazer algumas ações armadas, mas, antes, Telmo de Faria, já falecido, e o Izu deram a ideia de fazermos uma panfletagem. Existia um problema de terras brasileiras na Amazônia, que estavam sendo vendidas a estrangeiros. Fizemos os panfletos e fomos panfletar à noite, de dois em dois. Nesse grupo estava o Laerte Guedes, um querido amigo. Laerte foi para outro lado. Com medo de sermos presos pela polícia, não distribuíamos os panfletos durante o dia, fazíamos isso durante a noite. Não pensávamos que à noite havia o perigo da ronda.

Eu e Juarez estávamos na Rua 68 quando um carro da Polícia Militar, fazendo uma ronda normal, nos viu entrando dentro das casas. Abríamos os portões para deixarmos os panfletos debaixo das portas. Quanta ingenuidade! De repente vimos os caras e começamos a correr. Juarez imediatamente tropeça, cai e eu volto para ajudá-lo a se levantar. Juarez logo é pego, e me pegaram já atravessando a Avenida Independência. Eu e Juarez simulamos que estávamos brigando, o que de nada adiantou. Pegaram os panfletos, cada um devia estar com uns 100, 200 panfletos, e ficamos presos. Esse episódio deu o que falar. Esses panfletinhos acarretaram um processo de 500 páginas. Esse processinho deu pra mim um ano, e ao Juarez dez meses de cadeia. Quando o advogado entrou com o recurso no Superior Tribunal Militar, cumpri dez meses de cadeia por conta desse processo. Juarez na época em que eu estava preso já estava solto.

Essa é uma história muito engraçada. Gostaria de agradecer também ao advogado Rômulo Gonçalves, que nos visitou. Contamos uma bela história para a polícia. Eu e Juarez ficamos sozinhos em uma das noites na cadeia, na Casa de Detenção; o delegado não tinha noção do que era, então bolamos uma história e dissemos o seguinte: que o Gilbertinho, criamos um personagem, o Gilbertinho havia nos procurado. Lavraram o flagrante e ninguém caiu. O grupo ficou intacto.

Dez dias depois fui visitado pelo advogado Rômulo Gonçalves na cadeia. Ele entrou lá dentro e achou um absurdo porque o que o panfleto dizia não atentava contra a segurança nacional em nada praticamente. Senhor Rômulo Gonçalves conseguiu; ele entrou com o habeas corpus, que naquela época ainda existia e só iria acabar no AI-5, em novembro de 1968. Rômulo Gonçalves entrou com o habeas corpus, que nem julgado foi. Através de um amigo dele que trabalhava na auditoria da 4ª Região Militar em Juiz de Fora, ele conseguiu demonstrar que o panfleto não atentava contra a segurança nacional. O cara foi nos visitar dentro da prisão. O juiz não aceitou a denúncia do promotor, então fomos soltos com trinta dias.

Quatro meses depois o processo dá andamento. Mas vejamos bem, que a história julgue e que a história condene quem tem que condenar. O promotor de Justiça da 4ª Auditoria Militar, doutor Simeão, fez o que era de praxe: recorrer ao Superior Tribunal Militar. Mas quem era o presidente naquela época do Superior Tribunal Militar? Era o ministro general do Exército Olímpio Mourão Filho, o cara que começou o golpe de 1964. Você tendo uma corte de Justiça comandada pelo general Olímpio Mourão Filho e depois seguidos do, suponhamos, general Ernesto Geisel e mais um monte deles. Essas pessoas eram todas de extrema direita.

Tentei uma vez localizar o filho do ministro do Exército, Peri Constant Bevilacqua. Em uma corte dentro de uma estrutura militar, o Superior Tribunal Militar era o mais alto e estava julgando o processo de dois jovens, um de 20 o outro de 21 anos, sobre um panfleto que falava de terras na Amazônia, e Peri Bevilacqua foi o único voto favorável a nós naquele momento. O general Peri Bevilacqua foi contra todos os outros ministros. Por causa disso e de na época do golpe ter sido intermediador entre o presidente João Goulart e um sublevado querendo encontrar um caminho (inclusive JK também fez esse papel), e por causa de uma série de decisões que ele tomou como general antes e após o golpe, Peri Bevilacqua acabou sendo aposentado de forma compulsória.

Inclusive, seu filho também é militar. Há alguns anos vi esse rapaz pela imprensa e ele dizia que não aceitaria nada relativo a seu pai. Gostaria que chegasse à mão desse senhor, que se não me engano é coronel do Exército, o voto do seu pai. O que disse Peri Bevilacqua? Que negaria o provimento do recurso. Que recurso? O juiz não aceitou a denúncia, então o promotor da 4ª Auditoria Militar fez um recurso junto ao Superior Tribunal Militar. Todos aceitaram para dar continuidade e nos ‘ferrar’. Peri Bevilacqua disse que negaria provimento ao recurso e teve voto vencido. Ele escreveu no processo manualmente e em cima está batido com máquina: voto vencido, porque foi o único.

Ele escreveu o seguinte: “Nego provimento de recurso porque os boletins, longe de ameaçar a segurança nacional, alertam as autoridades para o fato insólito da alienação em grande escala de terra a grupos de estrangeiros, principalmente norte-americanos. Não há nos autos deste processo fato caracteristicamente criminoso como bem assinala o doutor auditor em seu fundamento no despacho das folhas 62 e 63, negando-se a receber a denúncia. Muito obrigado” Peri Bevilacqua. “Um brado de patriotismo e de alerta não podem ser confundidos com crimes dos artigos 14, 19 e 38, item 2 do decreto 314.”

Estavam nos enquadrando em tantos artigos e na verdade não havia nada. Quando esse processo chegou a julgamento, eu estava preso e estive presente assistindo tudo. Eram as coisas mais absurdas que se possa imaginar.

Quando Mourão Filho e o senhor Ernesto Geisel, que faziam parte do grupo de julgadores no Superior Tribunal Militar, decidiram dar continuidade a esse processo, eu e Juarez fomos chamados à auditoria para o primeiro passo do processo que era a qualificação. Chegando lá, o que aconteceu na 4ª Auditoria Militar? Pegaram meu nome, meus dados, coisas que já estavam dentro do processo, pois quando era formulado o auto de prisão todos esses dados eles já tinham. O promotor baseando-se no fato de eu ser

membro suplente estadual do PC do B, um partido que muito me orgulho de ter pertencido e que defendo com unhas e dentes hoje, baseando-se nesse antecedente meu e nos antecedentes do Juarez, e achando que éramos perigosos e atentávamos contra a segurança nacional, solicitou uma coisa engraçada: confinamento. O que é confinar? Não era prender, era restringir a liberdade e os movimentos do indivíduo. Naquela época havia um brasileiro que estava cumprindo essa pena de confinamento em Cáceres, no Mato Grosso, que era o Jânio Quadros.

Nós, dois estudantes sem significação nenhuma, e os militares nos jogando nas costas uma responsabilidade tamanha que nos confinaram por unanimidade. Ele pede o confinamento e por unanimidade a Auditoria aceita. Os militares que estavam lá, não sei se sete ou oito, por unanimidade decretaram o confinamento. Era uma coisa de doido. Eu teria que entrar com outro processo contra o Governo para provar que esse processo não tinha lógica.

Esse confinamento nos deu trabalho. Para se ter uma ideia de como a coisa era séria, lá na Auditoria tinham pessoas da imprensa e esse fato vasou. No outro dia o jornal O Popular divulgou em primeira página (esse jornal deve estar arquivado lá) a manchete: “Estudantes goianos confinados: Marcantônio e Juarez”.

Nesse período de confinamento, eu e Juarez tínhamos que ir constantemente à Polícia Federal e ao DOPS para marcarmos presença. Não podíamos sair do perímetro urbano de Goiânia e se acontecesse qualquer coisa os caras recorriam e lhe prendiam. Era uma maneira de monitorar o cidadão. Eu e Juarez éramos loucos, éramos irresponsáveis mesmo; continuamos a fazer as mesmas coisas. Tanto que fui preso em flagrante, em abril de 1969, com um grupo de estudantes em uma reunião. Nessa época eu já não acreditava mais na luta armada e entrei para o PCB. Fui preso com esse pessoal, agora de forma definitiva. Foram alguns anos.

O que eu quero deixar a você que por acaso esteja lendo esse relato é que tenho 65 anos, faço em outubro 66 anos (estamos no ano de 2012). Quando olho para trás, mesmo quando tinha 35, 40 anos, e vejo um jovem de 20 anos e um militar de 60, 70 anos julgando um jovem de forma tão arbitrária como eles faziam, dá para concluir que estavam doidos. Alguma coisa de insanidade existia naquela geração. Eu não sei o que se passava.

TORTURA

A lógica da tortura é uma lógica tão abominável que, muitas vezes, A lógica da tortura é uma lógica tão abominável que, muitas vezes, se você

pega um jovem de 20 anos e o leva à tortura dificilmente ele aguentará. Você exigir do ser humano algo santo, heroico é muito bom e muito bonito na literatura. Na vida real, no contexto, no momento em que está se vivendo... Costumo dizer que quem não consegue contar uma boa história ou ter muita resistência não escapa. A realidade é essa.

Hoje eu me “bato” muito. Costumo escrever quase toda semana no Diário da Manhã, e eu sempre bato em um ponto central que eu considero importante no ser humano, na civilização, que é o respeito pelo outro. Você enxergar e respeitar o outro. E isso não existia naquela época.

Nesse processo inquisitorial não existia respeito ao outro, não existia respeito a ninguém. As pessoas religiosas dirão que o homem está aqui na terra porque Deus quer, e ele tem uma missão. De acordo com a religião ele tem sua convicção. Eu não sou religioso, sou ateu, mas acredito em uma coisa: na capacidade imensa que o ser humano tem de criar tanto para o lado bom, quanto para o mau. Acredito que o lado bom seja o mais importante; é preciso reconhecer no outro um irmão, respeitar o outro como um parceiro que o acompanha para sempre; reconhecer que a morte é a única certeza que temos na vida. Temos que pensar muitas vezes naquilo que fazemos. Por isso, afirmo que uma pessoa para infringir dor física ou psicológica na outra, ou tem que ser um monstro, ou estar imbuído de sectarismo tal que o segue perante a realidade de si mesmo. A lógica da tortura é a lógica do louco, é a lógica da morte. Não acredito que o ser humano tenha nascido para bater, para matar e para infringir sofrimento. Se eu estou aqui dando esse depoimento é porque acredito nisso. Acredito que seja possível o homem construir um mundo melhor do que foi antes, melhor do que é hoje. Construir uma civilização melhor em que os direitos humanos sejam realmente protegidos. Que o homem jamais seja o carrasco do próprio homem. Sobre a questão da tortura, que foi uma situação comum em toda essa história, minha opinião é essa: acho que o povo brasileiro deve cada dia mais ter consciência dos fatos para que não mais se repitam.

Em 1972, o Partido Comunista Brasileiro caiu em Goiânia. Ele cai em uma época em que a esquerda armada do Brasil já estava toda na cadeia. Como não tinham muito que fazer, foram cuidar do Partidão e, com isso, mataram um 1/3 (um terço) do Comitê Central do partido.

Em Goiás, eu, como já não pertencia mais ao Partidão, não entrei nessa história; é uma questão que estou escrevendo sobre ela, mas pertenci ao Partidão de 1969 a 1971. As prisões do Partidão se deram, desde a direção estadual até ao nível de base, com tortura campeando solta. Inclusive essas torturas são relatadas nos depoimentos, e é quando vai aconte-

tecer a morte do Ismael. A morte de Ismael aconteceu em um momento complicadíssimo.

O Ismael completa 18 anos na cadeia - e eu volto naquela ideia, hoje com os 65 anos que eu tenho, olho para trás e vejo um jovem de 18 anos, muito criança, sendo levado à tortura e à morte. É uma coisa extremamente complicada e elas não podem ficar assim, as coisas têm que ser esclarecidas. A Comissão da Verdade há de esclarecer isso! Por causa disso é que coloquei que a questão da ditadura no Brasil vai se afunilando e o horizonte do povo brasileiro se alarga. Nossas possibilidades de desenvolvimento humano e na questão da democracia vão tornando o país maduro e democrático - acho que os horizontes se alargam. Quando o Ismael foi preso, ele estava com uma série de documentos que o incriminavam. Mesmo sendo muito jovem, ele tinha muita responsabilidade dentro de um partido clandestino, estava com documentos sobre os quais ele teria que dar explicações. Documentos sobre a constituição do Comitê Estadual e de outras coisas mais. Acredito que a barra pesou tanto em cima do Ismael que fisicamente ele não aguentou.

No dia em que ele morreu, eu e seu irmão Luiz Silva de Jesus, fomos no dom Fernando Gomes dos Santos. A conversa com dom Fernando foi uma conversa tensa, muito emocional; o próprio dom Fernando fumando muito, aliás, uma pessoa que sempre admirei, sempre gostei. Saí até preocupado, pois ele estava fumando demais, ele fumava um cigarro atrás do outro. Fomos lá para relatar o acontecido, e dom Fernando nos disse que aquilo para ele não era novidade, que ele sempre recebia denúncias de torturas e outras coisas mais praticadas pelos órgãos de segurança do Brasil. Cheguei a aventar a possibilidade de ele ir até a casa da família, o corpo estava sendo velado na casa do Ismael. Ele disse que não iria naquele momento, pois tinha certeza que a polícia iria tirar partido disso contra ele e até contra a própria família. Ele nos pediu toda a documentação do Ismael, um relato de tudo o que havia acontecido e que tirássemos uma fotografia do Ismael. Ele pegaria tudo isso e, através da mala diplomática do Vaticano, enviaria para a Europa, para o Vaticano. Embora, boa parte da igreja tenha apoiado o golpe de 64, logo depois mudou a postura. Então, temos histórias e mais histórias de padres sendo presos, torturados. Fomos ao encontro de dom Fernando tentando encontrar um caminho para que essa denúncia não ficasse por aqui. Ele nos escutou e deu prosseguimento. Pelo menos foi o que passei para a família, para o irmão, e acredito que tudo tenha sido feito e mandado para fora.

A morte do Ismael foi um fato lamentável. Aconteceu em 1972, já se foram 40 anos. Seria hoje um senhor de 59 anos, mas morreu muito jovem.

Eu espero que a Comissão da Verdade venha e esclareça todos esses crimes, essas barbáries, esses absurdos cometidos. Venha e torne público os responsáveis, aqueles que não respeitaram a vida como um todo. A vida é efêmera, transitória, passageira. Todo ser biológico tem um ciclo de vida, mas ninguém tem o direito de interrompê-la. Ninguém tem o direito de matar ninguém. Ninguém pode arvorar-se a ser Deus; ser o juiz e determinar que o outro tenha que morrer.

Acho que a tortura e a morte de Ismael foi uma das coisas mais horríveis da história goiana. E o desaparecimento do Marco Antônio, que ninguém sabe a circunstância da morte desse menino. Gostaria que a Comissão Nacional da Verdade conseguisse, e oxalá consigamos, desvendar tudo isso.

MICHÉA GOMES DE ALMEIDA (ZEZINHO DO ARAGUAIA)

Data de nascimento: 30/01/1938



Sou Michéas Gomes de Almeida, nascido em 1938 às margens do Rio Caeté. Filho de Elias Gomes de Almeida, natural da Paraíba, criado entre o Rio Grande do Norte e Paraíba, veio para o Pará na época da borracha. Minha mãe, Maria Moreira de Almeida, descendente de índios, teve seis filhos, três ainda vivos hoje.

Meu pai foi casado por três vezes. Sua primeira esposa chamava-se Minervina, e tiveram juntos doze filhos. Minha mãe faleceu e ele se casou com Junia Matos de Almeida, descendente de portugueses. Casaram-se na Ilha do Marajó e tiveram sete filhos. Meu pai hoje é falecido. Toda minha vivência foi influenciada pelo meu pai e pela minha mãe.

Meu pai era aquele que desde 1922 nos passava como era ser brasileiro. Na Segunda Guerra Mundial, eu ainda pequeno com três ou quatro anos de idade, assistia em seu colo a ida dos soldados paraenses para a guerra. Eu olhando uma prancha de madeira no convés do navio e eles caminhando em cima com bandeiras brasileiras - o Cisne Branco tocando, mulheres chorando se despedindo dos soldados que iam viajar. Tocando o Hino Nacional e todas aquelas marchas militares. Aquela cena é algo que até hoje está impregnada na minha alma.

Aquilo era o meu pai. Meu pai era aquele brasileiro que teve 29 dias de aula, mas não deixava de ouvir a Rádio Nacional. Não deixava de ouvir a Rádio Jornal do Comércio. Estava sempre informado.

Meu pai era um verdadeiro brasileiro. Uma das coisas também que ele não deixava de fazer era todo 1º de maio enfeitar de flores e coisas bonitas as janelas, as portas lá na roça. As casas de todos os amigos do meu pai também eram enfeitadas. Ele dizia que aquilo era uma homenagem àqueles que faziam as nossas ferramentas de trabalho na roça: os operários.

Fui criado dentro dessa integração de operário e camponês. Meu pai não era de partido, mas tinha uma visão diferente, meu pai era um tipo de homem que não se prendia a pequenos obstáculos.

Quando minha mãe faleceu, eu ainda não tinha sete anos. Ela veio a falecer em Belém e seis meses depois meu pai casou-se com a Junia, em Soure na Ilha do Marajó. Começou outra difícil luta. Ela não era fácil. Foi muito difícil, e eu tive que sair de casa com nove, ou dez anos de idade.

Eu começava a estudar e parava porque tinha que trabalhar. Quando já tinha uns dezessete, dezoito anos fui para Macapá. Em Macapá entrei na ICOMI, uma mineradora americana. Quando entrei nessa mineradora os maquinistas, o pessoal que trabalhava de guarda-freio na estrada de ferro eram todos vindos da Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Após uma reunião, o Zé Antônio que era um maquinista começou a contar histórias de Goiás. Ele dizia que teve a honra de conhecer dois goianos de uma República Camponesa que tinha aqui em Goiás. Dizia ainda que eles tinham forças armadas para sustentar o poder político. Ele falava aquilo com uma empolgação muito grande e contava aquilo com detalhes. Eu me empolguei e perguntei a ele onde ficava. Ele respondeu que ficava em Goiás, e eu falei que não sabia nem onde ficava Goiás, muito menos essa República. Disse a ele: Eu vou lá, e se tiver condição venho aqui para te informar como é essa República.

Com a pretensão da mudança da capital, vim para a construção de Brasília. Em final de 1957 para 1958 resolvi vir para Goiânia. Em Goiânia, a primeira coisa que fiz ali em Campinas foi montar um barzinho naquela descida para o DERGO. Ali havia um comércio bom, mas foi a pior “viagem” que já fiz. Hoje não fico em um bar de jeito nenhum por causa do trauma que criei. Foram seis meses tomando conta de bêbado. Vendi o bar e montei uma oficina de móveis e decoração na Rua P16, no Setor dos Funcionários. Ali conheci o Divino Ferreira de Souza, fizemos o movimento estudantil na UGES. Eu tinha sua mãe, Dona Santinha, como minha mãe; e Teresinha Amorim, como vocês a conhecem, como minha irmã.

MILITÂNCIA

Eu participava da JOC – Juventude Operária Católica quando estava em Macapá. Já em Brasília deixei de militar na JOC e passei a militar no “Grupo dos Onze” do Brizola. Quando cheguei em Goiânia, comecei a manter contato com o Divino. Nós passamos a estudar e a participar da UGES. Os três amigos no movimento estudantil eram o Divino, o Daniel Ângelo e eu. Sempre estávamos juntos, e naquelas coisas mais intrincadas

na UGES nós éramos as “buchas de canhão”. Em uma greve, por exemplo, quando tinha muita polícia e não dava para fazer alguma coisa, nós éramos chamados. Nós dávamos o nosso jeito e fechávamos as escolas. Quando não tínhamos nenhuma outra alternativa, desligávamos o transformador. Também vale ressaltar que o maior movimento estudantil brasileiro na década de 1960 aconteceu no estado de Goiás.

Uma luta que não é falada é a de Niquelândia. Quando começou a extração do níquel de Niquelândia, nós da UGES nos levantamos aqui apoiando o governo de Goiás a extrair e explorar o níquel de Niquelândia. Estávamos contra o Grupo Votorantin e não foi fácil, ficamos sós na luta. Inclusive o Elio estava na nossa luta pelo níquel de Niquelândia.

Era um movimento muito forte. A luta por meia passagem, a luta pela Casa do Estudante. O pessoal da UGES conseguiu a casa no Lago das Rosas, onde hoje funciona o zoológico. Ali tinha um antigo cassino. Nós o reivindicamos e se tornou a sede da UGES. Tinha restaurante, alojamentos, tinha também um teatro muito bom. Essas vitórias foram alcançadas pelos estudantes daqui.

Estávamos estudando e fazendo o movimento quando veio uma campanha para angariar medicamentos, roupas e calçados para serem levados aos camponeses. Era esse trabalho que a UGES exercia. Aqueles que se destacassem nessa campanha, como prêmio, levariam os produtos arrecadados aos camponeses. Nós conseguimos arrecadar medicamentos com os médicos daqui de Anápolis e foi coisa inimaginável. Conseguimos nos destacar e fomos levar as arrecadações.

Quando chegamos à Santa Tereza fomos recebidos por uns meninos com animais. Colocamos o que havíamos levado nos animais fomos para a casa da Dirce, que era esposa do Zé Ribeiro. Depois alguns homens nos levaram para a casa do Zé Ribeiro, que ficava longe da Dirce, e de lá nos levaram até onde estava o José Porfírio. Tinha todo um esquema de segurança. Quando chegamos lá, ele estava deitado em uma rede com os dois pés trançados por debaixo dela. Tiramos as roupas, os remédios, os calçados e os entregamos. Quando abracei aquele cidadão, senti a maior emoção até hoje vivida por mim. A maior emoção da minha vida foi abraçar Zé Porfírio ali, não há nada que se possa comparar.

Já o convidamos a ser o primeiro camponês deputado da história de Goiás. Ele muito manso respondeu nos perguntando se achávamos que ele tinha chances. Divino respondeu: se você não tem chances nenhum outro brasileiro tem chances nem de ser vereador. Ele disse que se fosse daquele jeito ele aceitaria. Saímos de lá, viemos para Goiânia, entramos em contato com o Arroyo e outras pessoas do PCB e fomos conversar com Mauro Bor-

ges que iria se candidatar a governador. Mauro Borges nos ouviu sem dar uma palavra. Quando terminamos de falar, ele riu e disse que não só faria a dobradinha com o Zé Porfírio como seria o primeiro governador a titular terra de posseiros em Goiás, e foi.

Mauro Borges abriu um canal com os estudantes, estudantes não marcavam audiência para conversar com ele. Íamos, comunicávamos que estávamos lá, informávamos o assunto e se ele estivesse despachando, podia estar lá quem estivesse, os próximos a entrar seríamos nós, os estudantes. Elegemos Mauro Borges e Zé Porfírio.

Quando saí do Grupo dos Onze do Brizola, em 1962, passei a militar no PCdoB. Quem foram as pessoas no PCdoB que conheci em 1960, antes da reorganização? Nós tínhamos reunião com o Amazonas, com o Pedro Pomar, com a Elza Monnerat, que chamávamos de Tia Maria, com Ângelo Arroyo. Naquela época, antes do golpe militar, o Ângelo Arroyo nos perguntava qual seria o lugar mais seguro para voltarmos a organizar a República Camponesa, e nós sugerimos o norte de Goiás. Por que mais para o norte? Porque ali ficavam o Maranhão e o Pará. E se fôssemos um pouco mais para cima teríamos o Mato Grosso. Se continuássemos no centro como estávamos ficaríamos mais vulneráveis, não tínhamos para onde “pular”.

Nós reorganizamos o partido em 1962. Antes não éramos do PCdoB, cada um estava em sua organização. Quando se reorganiza o PCdoB, fomos para o PCdoB. Tínhamos aquela visão de que nós nos preparávamos para a luta armada para ajudar José Porfírio. Não tínhamos a intenção de ir para a Guerrilha do Araguaia. Se a coisa apertasse ali, levávamos o José Porfírio para o outro lado. Essa era um pouco da nossa visão naquela época.

Assim que os militares começaram a se organizar no poder, Arroyo começou a nos orientar para que começássemos a nadar, para que fizéssemos treinamentos de sobrevivência na mata. E nós estudantes fazíamos isso. Em 1960 ele dizia, avizinha-se um golpe militar. Quando eu contava a eles as histórias dos tenentes que meu pai nos passava, o Arroyo confirmava que realmente eles haviam se dividido. Até antes da Marcha do Prestes, 1924, eles estavam juntos, mas na derrubada de Washington Luiz, quando assume Getúlio Vargas, eles se dividiram ficando uma parte do lado do Getúlio, e a outra parte apoiando os americanos. Dali para frente, tínhamos a visão de um golpe, que se confirmou em 1964. Víamos também outra situação, a derrubada de Mauro Borges. Quando estávamos nesse “vai, mas não vai”, o Arroyo nos orientou a fazer um levantamento nos quartéis para preparar o povo para o apoio a Mauro Borges.

O GOLPE

Veio o ano de 1964 e nós, dentro da oficina, idealizamos a tomada de quatro quartéis do Exército. Queríamos conseguir armas e munições para preparar o povo para defender o Mauro Borges, que eles iriam derrubar de qualquer maneira. Quando estávamos esquematizando, o Ângelo Arroyo teve que sair e quem ficou em seu lugar foi o Luiz Vergatti. Tivemos que mudar todo o projeto, o projeto foi virado de ponta a cabeça.

Já estava na hora de tirar as armas do Tiro de Guerra de Anápolis, que era o mais fraco. Iríamos cair todos se fizéssemos ou se não fizéssemos. Decidimos, então, cair fazendo. Marcamos todo esquema direitinho, isso tudo na minha fabriquinha de móveis - tudo foi idealizado ali. Ninguém entrava em contato entre si para que as informações não vazassem.

Foi feito assalto ao Tiro de Guerra de Anápolis. Tinha um fusquinha e nele foram o Brício, o filho dele, o compadre do Daniel, o Daniel e o Neso Natal. Esses foram os companheiros que foram para a ação. Fiquei chateado por não ter participado. Eles foram, pegaram o outro carro, entraram no quartel. O vigia suspendeu a cancela para que eles passassem. Tiraram todas as armas e munições e levaram para a casa do Brício. Eles só sentiram falta desse armamento uns quatro dias depois, e foi um Deus nos acuda, caiu todo o comando do Centro Oeste. Como iríamos fazer? Levaram as nossas armas e o pessoal estava preso. Descobrimos que estavam presos no 10º BC e fomos atrás de um advogado. O advogado era um baiano, agora não me lembro do nome, que entrou com um habeas corpus e antes do habeas corpus com uma ação de visita. A prisão era incomunicável e ele entrou com uma ação de visita, é mole?

A primeira visita foi do pai do Daniel, que quando chegou lá recebeu chutes, o derrubaram de frente para a cela, foi uma situação terrível. Quando o pai do Daniel voltou, conversamos com ele e decidimos que teria que ir um de nossos companheiros até lá, o menos “queimado” que no caso seria eu. Eu fui com a mãe do Daniel, entrei e conversei com os companheiros, peguei o bilhete de cada um.

Eu era conhecido por Michel, mas meu nome era Miquéias; e graças a eles que não me chamarem pelo nome, eu não me queimei. Mas a partir do momento em que fui lá, não tive condições nem de permanecer no Brasil. Foi quando eu e o Divino saímos de Goiás. Com o golpe militar não podíamos mais atuar no movimento estudantil com a mesma liberdade. A tábua de salvação era apoiarmos o Mauro Borges, não tínhamos outro caminho. Não deu.

Os companheiros foram presos, e nós não tínhamos como ficar. Em 1964, uma turma foi para a China. Nessa turma me parece que foram o Elio

Cabral, o Gerson Parreira e o Tarzan de Castro. Quando houve essa situação do Tiro de Guerra, nós fomos a outra turma que foi parar na China.

CHINA

Devido ao cerco formado na fronteira da China, fomos obrigados a permanecer lá por um ano e meio porque não tínhamos como sair, se saíssemos éramos presos. No Paquistão e na Índia ficou tudo tomado. Nós fazíamos curso político e curso militar. Uma das coisas que aconteceram quando estávamos na China, foi a eclosão da revolução cultural. A revolução cultural eclodiu quando estávamos chegando lá.

Uma das coisas que tenho nos meus ombros como uma grande responsabilidade é que quando o avião chegou a Pequim estavam lá para nos receber o Zhou Enlai, Lin Biao e outros ministros. Até comentei com os companheiros sobre a responsabilidade que os chineses estavam jogando em nossas costas. Estavam nos recebendo com honras de estadistas. Aquilo para alguns companheiros foi apenas um gesto a mais, mas pra mim foi uma responsabilidade que foi jogada em nossos ombros. Lá tivemos contatos com vários tipos de armas; como montar, como desmontar, como fabricar munição, como colocar e detectar minas.

Nesse tempo percorremos vários lugares na China. Estivemos em Shanghai, Wuhan, Harbin, nordeste da China. Estivemos na divisa da China com a União Soviética, e também no Tibet. Quando a fronteira nos deu uma “colher de chá”, nós saímos e voltamos para o Brasil.

Não tivemos mais condições de ficar aqui em Goiás, pois todos éramos procurados. Fomos para o Maranhão e fizemos o levantamento das matas existentes. Na China fomos aprender como o povo chinês havia enfrentado a reação, quais as táticas usadas, as dificuldades que tiveram e as dificuldades que teríamos aqui. Isso nos dava certo ensinamento teórico. Agora a prática aqui era só nossa, não havia nenhum país com experiência de movimento camponês como o de Goiás, éramos só nós aqui no Brasil. Levamos aquela experiência para o Maranhão, aquela amizade que José Porfírio havia desenvolvido no norte de Goiás, que o Pai Chico havia desenvolvido antes dele - foi aquele ensinamento que levamos para o Bico do Papagaio.

GUERRILHA

Em 1970, nós assistimos uma manobra militar anti-guerrilha. Nós estávamos em Imperatriz e íamos atravessar para Goiás. Em 1971, começaram a colocar em Porto Franco cartazes com as nossas fotos dizendo que

éramos terroristas e procurados, pedindo informações para quem soubesse de nosso paradeiro. Nosso médico, João Carlos Raes, do Rio Grande do Sul, transformou sua casa em um hospital. O povo, em 1971, não queria que ele saísse de lá, mas ele não podia ficar. Ele juntamente com um grande grupo, era nosso médico na guerrilha.

No Maranhão cumprimos nossa missão de contato com o povo. O povo pôde nos conhecer e constatar que éramos iguais a eles e que éramos irmãos do mesmo jeito.

Quando chegamos novamente ao norte de Goiás, fomos obrigados a ir para o sul do Pará, porque estavam chegando perto de nós. Pegaram um pessoal da ALN no Maranhão, próximos de nós; pegaram também outros do MR-8. Esses companheiros chegavam na cidade abriam supermercados, chamavam a atenção, e os “caras” e os pegavam. Nós lidávamos era com a roça, isso foi o que nos deu condições de chegar até o sul do Pará. Lá concluímos que naquele momento eles iriam nos pegar mesmo. Nossa intenção era por a roça e ficar. Já tínhamos companheiros com criação de gado; outros tinham castanhais; outros com atividades de comércio, tanto no rio quanto em terra. Quando chega 1971 já não dava mais para tocar a roça, teríamos que encontrar suplementos para a guerra, não havia outro caminho. Não dava mais para tocar a roça, agora teríamos que conseguir suplementos como remédios, alimentos, roupas, calçados, armas, munições, e ir embora para dentro da mata.

Eu ainda saí com o Osvaldo, o Osvaldão, para fazermos uma retirada estratégica, que era sair do Bico do Papagaio para o Xingu. Fomos até o Xingu e quando voltamos não tivemos mais condições de levar outros companheiros. Para uma rota daquela, teríamos que conseguir suplementos ao longo dela.

Em 1972, fomos atacados. Não conseguimos mais nada, não tínhamos armas, a munição era pouca. O que fazer? Tínhamos que enfrentar com o que possuíamos. Lembro-me do primeiro ataque do Exército no destacamento “A”. Nós tínhamos ido até lá levar um remédio. Quando estávamos voltando, eles haviam montado uma emboscada. Eram muitos soldados. Uma parte do lado de baixo, e a outra parte do lado de cima do caminho. Como tínhamos noção de que não podíamos passar em lugares vulneráveis, viemos por cima, devagar, observando e vimos a movimentação de colunas camufladas. Saímos deles e resolvemos dar dois tiros. Demos os dois tiros e deixamos que se matassem. Mataram quase todos uns aos outros, e nós saímos fora, pois nossa arma era espingarda que dava um tiro só - dávamos um tiro e corríamos.

O que o Exército começou a fazer? O Exército passou a matar os próprios soldados e a dizer que nós é que estávamos matando. Mataram

um soldado de madrugada nos Perdidos, o penduraram em um fio de telefone e disseram que fomos nós. Mataram o cabo Rosa e disseram que foi o Osvaldão; outra hora disseram que foi a Dina, cada hora inventavam que havia sido um diferente, mas havia sido eles mesmos... Era tudo pra dizer que éramos terríveis. Era uma situação meio maluca.

Na Guerrilha eu era apenas o Zezinho, eu não era o Zezinho do Araguaia. E por que Zezinho do Araguaia? Porque na região existiam muitos outros Zezinhos, e todos os Zezinhos que o Exército pegou eles mataram pensando que um daqueles seria eu. Meu nome é Miqueias, mas aqui eu era Michel. Quando cheguei ao Maranhão eu tinha outro nome que nem me lembro. Cheguei a usar mais de oitenta nomes. Quando passávamos em um lugar todos nós mudávamos o nome porque eles vinham no nosso rastro, e quando chegava aqui, já havia acabado. Quando conseguiam descobrir o novo nome que estávamos usando, já estávamos muito longe.

Em todo lugar que passávamos fazíamos da mesma maneira que era feito por Pai Chico e Zé Porfírio: de amizade, de trabalho, de convivência e de conagração. Aquilo que aprendemos com eles aqui era o que usávamos lá. Comparo a guerrilha ao ressarcimento do Estado ao oprimido. Fomos nós os oprimidos pelo Estado e hoje apelidam de indenização. Guerrilheiros foi um termo pejorativo com o qual o Estado passou a nos tratar. Por quê? Porque um grupo com sessenta e oito malucos enfrentou o Estado brasileiro.

Os termos usados eram: terroristas, malfeitores, assaltantes de bancos. Não tínhamos no grupo da Guerrilha do Araguaia nenhum membro que tivesse participado de assalto a banco; e outra coisa, aquele período de assalto a bancos foi um período obrigatório porque os companheiros que não puderam sair como nós saímos, tinham que enfrentar a reação de qualquer maneira, não tinham outra saída. Ou se armavam e se organizavam para tomar o dinheiro para se manterem, ou não tinham outra solução. O movimento armado na cidade foi obrigado pelos militares. Foi a própria situação que levou os companheiros a isso.

Quando o Carlos de Meira Matos entrou e derrubou o Mauro Borges - eu inclusive assisti o trator derrubar a Casa dos Estudantes no Lago das Rosas - nós não tínhamos armas para lutar, a solução foi ir para o campo. Fomos para o campo porque a situação nos obrigou. Tínhamos certeza de que quando a situação "apertasse", teríamos que ir para algum lugar. Já tínhamos previsto isso antes; se não desse, ficaríamos na cidade. Já os outros companheiros não tinham a mesma visão, e achavam que se ficassem aqui na cidade iam chegar a uma saída para a situação, o que não aconteceu.

Quando os outros companheiros também foram para o campo, foram pegos porque já eram conhecidos. Quantos companheiros estão desapare-

cidos no norte de Goiás? Companheiros da luta armada da cidade... São muitos os companheiros que quando tentaram ir não conseguiram. Nós conseguimos porque levamos as experiências daqui de Goiás. Foi por isso que sobrevivemos durante três anos; por isso que ainda existem onze sobreviventes até hoje.

Quando dizem que em 1975 acabou a luta da Guerrilha do Araguaia, é mentira! Não acabou. Em 1976, João de Deus liderou os camponeses no Igarapé dos Perdidos, dos posseiros de lá, quando o Exército foi para fazer o desalojamento e entregar para as firmas. Os companheiros travaram uma luta; muitos foram presos, mas também vários militares foram mortos. Em 1981 aconteceu a Batalha do Cajueiro: dois padres e treze posseiros se levantaram. Foi outro ataque em que os militares ficaram tontos. Logo em seguida aconteceu aquele fato em Eldorado dos Carajás. Até hoje a luta continua.

Em 1975 deixamos a área com o Arroyo e fomos para São Paulo. O primeiro ponto foi com a Elza Monnerat; o segundo e terceiro pontos com o Pomar. Fiquei com o quarto ponto para fazer contato com uma pessoa desconhecida. Eu estaria usando roupa de certa cor, levando uma revista em baixo do braço, em uma esquina, e a pessoa viria vestida da forma combinada. Deram-me uma senha para eu falar quando visse a pessoa, e ela me responderia com outra senha. Daí passaríamos a entabular a conversa. No ponto que era para acontecer o encontro havia um açougue na esquina e parou um caminhão para pegar ossos. Vinha um carro em alta velocidade e quando virou a rua entrou embaixo do caminhão e ficou sem capota. Só estava o motorista que se agachou e não sofreu nenhum arranhão. Naquele tumulto apareceu a polícia, e o cara do encontro até hoje não sei quem é.

Fiquei sem contato com o partido, e toda a história que falo hoje aqui foi se apagando da minha mente. Não sei explicar esse esquecimento, foi como se eu tivesse dormido e minha vida tivesse começado a partir da hora em que acordei. Só fiquei sabendo da morte do Arroyo juntamente com o Pomar e outros companheiros, na Lapa, em 1996, quando o pessoal do partido me informou. Eu estava em São Paulo e a Erundina era vereadora na época, fazia ocupações, eram os Sem Tetos. Volta e meia eu estava com a Erundina e seu pessoal.

Eu estava sem documentos e trabalhava de servente de pedreiro. Eu ganhava R\$ 0,40 (quarenta centavos), era quanto custava um pão bengala. Eu cortava as duas pontas, comia uma ponta com água pela manhã - pois o dinheiro não dava para tomar um café - a outra com água era o meu almoço; e o meio, que era macio, era meu jantar. Isso aconteceu até que eu descobrisse uma maneira para me alimentar melhor. Qual maneira? Sábado à tarde eu não trabalhava na obra, eu ia até as casas e observava aquelas que

o jardim estava cheio de mato, que seus donos eram velhinhos, batia palma e perguntava se me permitiam limpar o jardim. Quando diziam que não tinham dinheiro, eu dizia que não iriam pagar nada; mas ali eu já tinha o café e o almoço. Eu não ficava à toa por medo da polícia, se ficasse à toa a polícia podia me pegar. Quando estava trabalhando ninguém iria me importunar.

Do meio para o fim, quando chegavam os netos e os filhos dos donos da casa e se deparavam com o jardim limpinho e plantado de novo, eles queriam me conhecer e iam à obra atrás de mim. Iam e me davam cinquenta reais; outro me dava dez; outro vinte, e assim acabava ganhando mais que trabalhando na obra.

Como servente eu iria morrer de fome. Então, peguei um pedaço de revista com um anúncio do Instituto Universal Brasileiro, preenchi o formulário, fui à Rua dos Timbiras e me inscrevi para o curso de eletricidade predial. A atendente disse que era um valor tal por mês, mas como eu já tinha o dinheiro paguei de uma vez, trouxe um monte de apostilas e depois fiz a prova. Encontrei essa que hoje é minha esposa, e, em 1980, ela me convenceu a tirar a certidão de idade. Fui à Vila Mariana, onde eu morava, e junto a um sargento bombeiro que foi minha testemunha, tirei a certidão com o nome de Antônio Pereira de Oliveira, nome que constava em uma carteira profissional que achei no chão, de um cidadão que era nascido em 1942. Eu tirei a fotografia dele e coloquei a minha. Usava a carteira dele, pois se a polícia me pegasse eu teria aquele documento para apresentar.

Fui participar de um encontro de casais com Cristo, da Igreja Católica, o padre foi informado que eu era especialista em retirada de mau contato, curto circuito. Fui fazer um trabalho pra ele e findou ele me batizando na igreja, e o dono do cartório, que também estava no encontro de casais, fez meu casamento. Toda a situação foi levada sem pretensão.

Ainda em São Paulo, em meio a isso tudo, desenvolvi uma campanha de educação no trânsito que era a seguinte: transformar a criança aluna em educador de adulto. Com um Código de Trânsito antigo, discutia aos domingos no Ibirapuera com Scaringella, Hanashiro e Maria Helena, as três autoridades, o novo Código de Trânsito - esse que está aí. Eu tinha clientes na universidade, que me levavam até lá para discutirmos exatamente esse assunto: o Código de Trânsito.

Em 1996, quando cheguei em casa a televisão estava ligada e apareceram duas mulheres. Sabia que as conhecia, mas não me lembrava de onde e quem eram. Fiquei enlouquecido com aquilo. No dia seguinte fui até a Rua das Palmeiras, onde ficava a TV Globo, pedir para que eles reprisassem aquela notícia, pois eu havia assistido apenas um pedaço. A reportagem era do Amaury Junior fazendo uma entrevista no Araguaia, e

eu via a árvore que eu havia passado com a Alice, a Crimélia, passei ali e o Exército passou em cima. Eu me lembrava da árvore, mas não me lembrava de mais detalhes. Eu conhecia as duas mulheres, conhecia o local onde elas estavam; era o local que passei retirando a Crimélia, quando ficou grávida, e aquilo me deixava perturbado.

Voltei para casa, pois não tive condições para trabalhar. Quando cheguei em casa, o telefone tocou e era um cidadão me convidando para um debate com a Vereadora Tereza Lajolo sobre reforma agrária. Fiz todo um esquema e pensei que aquela mulher poderia me levar àquelas outras duas, já saí de casa com esse pensamento. Quando terminou o debate, pedi para que me apresentassem à vereadora, ela era secretária de Transportes da Erundina. Comecei a conversar e perguntei se ela havia assistido a reportagem, ela me disse que havia assistido e que era sobre a Guerrilha do Araguaia. Lembro-me bem que houve um momento em que ela pegou nos meus dois braços e disse: “Desembucha, desembucha”. Ela queria que eu desse respostas a coisas que eu não lembrava, que eu não sabia. Ela disse que iria falar com a Crimélia. Eu tirei a Alice, e ela me vem me falar de Crimélia. Eu não me lembrava nem do nome de Alice. A que eu retirei de lá, a Alice, era magrinha e fumava demais. Quando vi pela televisão, do rosto para cima era a Alice que eu retirei, mas do rosto para baixo era uma mulher bem mais gorda, não parecia ser a mesma. Findou a vereadora dizendo que diria a ela que havia encontrado o seu Antônio electricista. Falei que ela não iria me conhecer por esse nome. Ela sabia que a Crimélia havia tido um filho com o Graboi, inclusive era o filho que ela estava esperando quando a retirei. Aí me lembrei de um jogo de futebol na universidade em que eu dei um drible em quatro chineses que ficaram sentados e me apelidaram de “Zé Minhoca.” Pedi a Tereza que perguntasse à Crimélia se o nome Zé Minhoca a fazia lembrar alguma coisa. De madrugada ela me ligou e disse: “Seu descarado, você quase fez com que a Crimélia me matasse, se eu estivesse junto dela, e não pelo telefone, ela havia me matado”. Mas acabou me dando o número do telefone da Crimélia. A Crimélia me ligou, conversamos, marcamos um almoço para o dia seguinte e no dia seguinte estávamos almoçando juntos. Uma situação inexplicável.

Os restos mortais de Maria Lucia Petit, a primeira assassinada na Guerrilha, estavam chegando naquela noite. Quando cheguei à Câmara Municipal, encontrei todos os familiares dos companheiros. Encontrei o Genuíno e minha primeira reação foi perguntá-lo: E a baixinha? Ele respondeu que a baixinha era esposa dele, que eles haviam tido três filhos.

Para ter contato com o PCdoB novamente, tive que vir aqui e ficar na casa da Terezinha, irmã do Divino. Quando eu estava aqui, veio da França o Giovane Felipe. Sua tese era sobre a Guerrilha do Araguaia. Eram três anos e ele só tinha

dois anos comprovados. Quando soube que eu estava vivo, ele veio de lá e nós nos encontramos na entrada do edifício onde morava a Terezinha.

Em 1996, me despertei para uma realidade passada, voltei a encontrar meus companheiros. Encontrei Daniel Ângelo, Gerson Parreira, Terezinha e Luiz Antero que fizeram o movimento estudantil junto comigo. Comecei a reviver o meu passado, e a partir dali é que fui me lembrando dos acontecimentos. A Terezinha tinha um cuidado muito grande comigo.

Euler Belém e Romualdo Pessoa Campos Filho fizeram a minha primeira entrevista. Quando terminou, Euler me pegou pelo braço dizendo que eu havia descongelado naquele momento. Aquela entrevista foi como se eu tivesse saído da Guerrilha naquele instante, pois eu não tinha contato com nenhum livro e nada sobre a Guerrilha. Aquela entrevista foi uma coisa muito fiel, e Giovane Felipe levou aquela entrevista para a França, para o doutorado dele.

Quando estava aqui, me encontrei com a Marina, irmã do Euler Ivo, e com o Daniel Ângelo, que estava com os braços “estourados” fazendo hemodíalise. Eu consegui recursos para levá-lo até São Paulo para fazer o transplante - até então eu não tinha contato com ninguém. O prefeito Nion Albernaz foi quem destinou um projeto de R\$150.000,00 (cento e cinquenta mil reais) para que ele pudesse realizar o transplante, que foi feito. Quando descansamos carregamos pedra, vim para Goiânia para reviver meu passado, já peguei o companheiro e levei para São Paulo para que fosse transplantado.

LEI DA ANISTIA

Fui eu quem fez o documento de anistia do Baiano. Em 2003, porque já existia a Lei 10.559; antes só existia a Medida Provisória 2151. Quando saiu aquela Medida Provisória, ainda era governo do Fernando Henrique, fui até o Ministério da Justiça parabenizar pela elaboração daquela medida, que o Greenhalgh discutiu e a transformou na Lei 10.559. Com a Lei 10.559, conseguimos com que a Neuza, a primeira mulher da área da Guerrilha, o Baiano e a Dirce fossem anistiados. O advogado do Baiano estava lá, e quando ele foi anistiado, foi até ele, fez com que ele assinasse uma procuração e cobrou 10% dele.

Hoje eu luto pelos meus amigos que estão em fase terminal, que tem mais de 70 anos, que sofreram e que estão sendo ressarcidos pelo Estado. Minha luta primeiramente é pela busca de uma fonte de recursos, porque nossa fonte de recursos atual não é uma rubrica, não é garantida, a qualquer momento podem dizer que não tem mais dinheiro e que não mais irão pagar. Minha luta tem alguns pontos: Um é a Anistia; o outro é fazer com

que se desenvolvam pequenos e médios municípios brasileiros, principalmente os da Bacia do Araguaia, do Tocantins e do Amazonas, que estão abandonados por falta de conhecimento.

O Capital é tão sanguinário que o Estado leva o desenvolvimento por um preço tão alto, que os pequenos municípios não têm condições de se desenvolverem pelo custo. Aquele que sai do seu município vem para uma cidade grande e se forma, se forma dentro de uma realidade que não é a dele, o que faz com que fique sem se desenvolver.

O Memorial do Araguaia pelo qual estamos lutando, busca primeiro o desenvolvimento para que ali seja um centro catalisador de conhecimento. Segundo, o Governo brasileiro é considerado como um monstro por não obedecer aos direitos humanos - lutamos hoje para que o Estado brasileiro possa ressarcir esse dano causado no passado, e mostrar que o Brasil e os brasileiros não são esses monstros. Aqueles monstros do passado já estão quase todos em fase terminal. Algumas raízes que ainda existem estão nos Três Poderes, e apenas com conhecimento poderemos extirpá-las. Eu com 74 anos, sem recursos financeiros para continuar dando seguimento.

Sou do Partido Comunista do Brasil desde 1962. Esse partido ainda é muito pequeno, embora tenha uma grande inserção no governo, se comparado a seu tamanho. Mas isso não é o suficiente para a mudança desse status quo.

Os partidos não têm o apoio do povo. Existe um cidadão, o Lula, que foi um líder que surgiu no meio de uma fervura, de um caldeirão que estava fervendo e ainda continua sua liderança até hoje. Gostaria de saber quem está sendo preparado hoje, com fibra, capaz de continuar essa luta. Quem irá me substituir, quem irá substituir o Elio?

A minha luta é exatamente para que surja um que continue a luta, e isso é o mais difícil. A minha preocupação dentro do meu partido é que tenha uma pessoa com consciência que ele está naquele posto que é um degrau, mas o outro degrau já deve ser preparado para ser assumido, para que possa galgar o outro. No entanto, as pessoas são vaidosas, quando chegam a um degrau, já acham que são os donos da escada. Não preparam o outro degrau e impedem que outro assumo o lugar dele, e ele o lugar da frente. Alguns chegam a querer assumir em suas mãos vários cargos.

A juventude hoje é tida como apática; é tida como alheia e alienada, mas eu acho que não. Acho que para fechar isso seria importante mostrarmos que a juventude nunca foi alienada, mas que quiseram aliená-la, isso sim. Tenho me emocionado muito quando chego nesses ministérios e encontro grupo de moças e rapazes ganhando um salário que não condiz com a responsabilidade que eles têm nas mãos, e que desenvolvem suas atividades com tanta serieda-

de e empenho. Não dá para dizer que a juventude é alienada não, e é muito importante que isso seja mostrado. O que a juventude está esperando é uma liderança em que eles possam acreditar, e é isso o que está faltando. Está faltando um nicho que empolgue a juventude a lutar. A juventude não é apática, ela está procurando uma liderança que possa levá-la à luta.

Estamos aqui passando essas histórias para a juventude brasileira para que não baixem a cabeça. Isso é a continuação daquela luta dos companheiros que tombaram aqui, que tombaram em Trombas e Formoso, que tombaram no Araguaia por liberdade, por direito a trabalhar na terra. Estão aí os sem-terra continuando a luta.

Ser brasileiro é não baixar a cabeça. Não adianta nenhum brasileiro chiar e apontar o dedo dizendo que fulano fez isso ou aquilo. Eu quero que diga o que ele próprio faz para que tenhamos um mundo melhor. O que eu faço hoje é continuar a luta do Pai Chico e do José Porfírio; é continuar a luta daqueles companheiros que morreram na prisão. O que eu posso transmitir hoje é que nós não estamos na democracia, estamos apenas em uma abertura democrática que o povo brasileiro tem que consolidá-la; pois, se não consolidarmos voltaremos ao caos. Não voltaremos ao que era antes, pois não temos mais aquelas matas que tínhamos, não temos uma reserva moral de brasileiros que dão a vida; a luta hoje é para preparar a juventude para que arranquem essas raízes podres que estão nos Três Poderes, e que assumam o lugar deles.

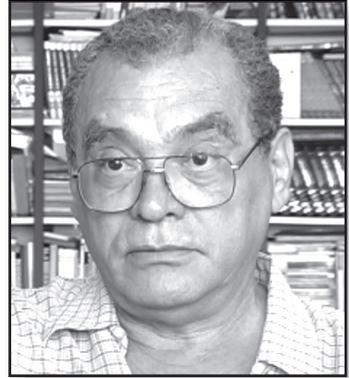
Nossa luta hoje é a preparação dessa menina para que continuem nossa luta. Não com o sofrimento que tivemos, mas com mais inteligência do que nós tínhamos. Esse é o momento, pois na época em que estudávamos as escolas eram públicas, gratuitas e de qualidade; hoje temos apenas 15% de escolas públicas e com penduricalhos de pagamentos. Pagamos o imposto dobrado, ou triplicado se comparado ao que pagávamos antes e não temos mais educação com a qualidade que tínhamos. Travamos uma luta pelo desenvolvimento com conhecimento.

Eu não tive condições de me formar, mas eu luto para que essas crianças possam se formar e para que não fiquem escravas do capital, como todos nós somos. Sequer tivemos consciência de nos organizarmos como consumidores. Hoje eu conclamo a todo o estudante, todo o acadêmico, todo professor, todo trabalhador a se organizarem como consumidores. A legislação de defesa dos direitos dos consumidores é um instrumento que o povo ainda não está organizado para usá-la. É chegada a hora de nos organizarmos para que possamos usá-la.

Costumo brincar que a Guerrilha do Araguaia para mim nunca acabou, todo dia temos um leão para matar e ficam soltos mais dois para que possamos pegá-los.

NESO NATAL

Data de nascimento: 04/11/1942



Desde os seis anos de idade, em Goiandira (GO), tive uma influência muito grande do Juca Ferreira, que era do Partido Comunista e trabalhava na farmácia com meu pai. A farmácia era o centro onde as pessoas se encontravam, onde se conversava. Na II Guerra Mundial as pessoas se encontravam na farmácia para comentarem sobre o nazismo, o fascismo. Então, desde muito pequeno eu percebia que tudo girava em torno dessa conversação. Logo depois, na mesma época, aconteceu a campanha o “Petróleo é nosso”. Essa luta pelo petróleo foi muito interessante. Construíram uma torre enorme em Goiandira, a torre foi colocada à noite, no dia seguinte o prefeito mandou derrubar, mas a persistência dos comunistas era grande e levantaram a torre novamente.

Na época as perseguições eram enormes, eram perseguições e torturas. Eles raspavam a cabeça dos comunistas, passavam piche, rancavam unhas com alicate. O Santos é da região, e Tibúrcio lá de Catalão(GO). A concentração e influência na região eram muito grandes. Goiandira foi a porta de entrada do partido, vindo de Uberlândia (MG) e Araguari (MG). O partido veio através da Estrada de Ferro que é Goiandira, Catalão, Ipa-meri, terminando em Anápolis. Foi um grande acontecimento, e pra mim foi muito importante.

O primeiro secretário do Partido Comunista foi o Abraão Isaac, que era de Goiandira, e a Carmem, irmã dele.

Eu vivi em um ambiente em que só se falava em socialismo, na invasão da Coreia pelos os Estados Unidos. Sempre se falava na miséria, na pobreza, na desigualdade; eu sempre ouvia sobre a luta pelo Socialismo, sobre Stalin. Inclusive, Stalin era tido como um Deus; era o papai Stalin, vovô Stalin.

Uma coisa interessante é que eram poucas as pessoas que tinham rádio naquela época, e na farmácia tinha um rádio que o pessoal ouvia, e tinha um mapa. Eu praticamente não me lembro da II Guerra Mundial, pois sou de 1942 e a guerra iniciou-se com a invasão dos alemães à Rússia em 1941. Embora a guerra já houvesse começado antes, a invasão de fato se deu em 1941 estendendo-se até 1945. A Rússia foi vitoriosa, porém perdeu mais de vinte milhões de pessoas na luta, entre soldados e civis. Existem historiadores que afirmam que esse número foi ainda maior. Foi um povo que muito sofreu no período da II Guerra Mundial.

Comentava-se muito sobre isso, sobre o desenvolvimento do Socialismo, sobre o crescimento do Bloco Socialista.

Meu pai participou do movimento da tomada de Ribeirão Preto, em 1932, da Revolução Constitucionalista que foi a luta de São Paulo contra Getúlio Vargas. Inclusive meu pai tem fotografia da época. Eles ajudaram a tomar a cidade de Ribeirão Preto, Goiás também participou desse movimento contra os paulistas.

Goiandira era o centro e tinha muita influência árabe dentro do partido. O arquiteto Puri, de Araguari, o próprio Juca Ferreira, também, de Araguari, que se formou no Rio de Janeiro e veio trabalhar com meu pai. Esse foi um grande centro de formação para mim.

Na época existia uma UDN muito forte. Eram a UDN, o PSD e o Partido do Ademar de Barros.

Meu pai foi candidato pelos comunistas em Goiandira. O prefeito que mandava na cidade era chamado de Coronel, Coronel Sinfrônio; ele também era candidato e era apoiado por Pedro Ludovico.

Havia um comício programado para Nova Aurora, uma cidade próxima a Goiandira, com a participação de Pedro Ludovico, Getulino Artiaga, entre outros. Aconteceu um grande tiroteio por parte do pessoal que não queria que fizessem o pronunciamento, foi tudo na base da violência. Isso aconteceu nos anos 50. Pedro Ludovico não foi atingido no fogo cruzado, mas Getulino, que era amigo e secretário de Pedro, foi atingido e morreu nessa época.

MILITÂNCIA

Eu tinha muito contato com o pessoal de esquerda dentro da UGES – União Goiana dos Estudantes Secundaristas. Participava de congressos e, como já tinha uma tendência, procurava participar de uma organização revolucionária. Entrei nessa organização revolucionária, que era o Partido Comunista Brasileiro, na ânsia de fazer revolução, muito influenciado pela

Revolução Cubana, pela Guerra do Vietnã, pela Revolução Bolchevique na Rússia, em 1917, que influenciou várias democracias e países no mundo.

Eu achava que tinha que participar de uma organização, e essa organização era o Partido Comunista Brasileiro. Eu já tinha certo conhecimento, muito embora pouco e apenas teórico, mas era conhecimento. Os primeiros livros que me colocaram mais em posição de esquerda, apesar dos livros serem nacionalistas, foram os do Gondin da Fonseca. Os livros foram uma descoberta porque falavam do nacionalismo.

Entrei no Partido Comunista Brasileiro em meados dos anos 60. Eu tinha aquela tendência, a tendência pequena burguesa de querer fazer a revolução como os cubanos fizeram. Achava que pegar a arma, o fuzil faria a revolução. Entrei no Partido meio descontente com a posição política e a luta que deveria ser feita através do voto, não de uma revolução armada. Eu estava descontente, mas participava. Participei inclusive da campanha da legalização do Partido Comunista. Nessa época, tínhamos uma mesa no Café Central, estávamos eu e o Jarbinhas fazendo a campanha para recolhermos assinaturas. Eu estudava no Colégio Dom Bosco, passaram alguns padres e os chamei para assinarem pelo reconhecimento do partido, pois naquela época os padres eram bastante reacionários. Esse fato foi a gota d'água. Imediatamente quando cheguei à escola me deram uma carta dizendo que seria melhor que eu conseguisse outro lugar para estudar. Isso no Colégio Dom Bosco, que era considerado o colégio mais reacionário da época.

Os revolucionários, as pessoas de esquerda estudavam em colégio estadual, estavam no Lyceu de Goiânia. Após, me transferi para o Lyceu. Participei de vários movimentos estudantis na capital. Tínhamos uma atividade intensa, campanhas contra aumento de ônibus; participávamos de várias greves que a UGES promovia. Inclusive, aconteceu, se não me engano, uma greve de ônibus. Nós paralisamos os ônibus e eles vieram pra cima de nós. Jarbinhas também participou dessa greve.

Aconteceu também à invasão da UGES, e nós resistimos à invasão.

Eu tinha aquela ânsia pequena burguesa de fazer a revolução, achava que fazer revolução era muito fácil, era só pegar o fuzil, subir e tomar o poder. Achava isso, às vezes por falta de conhecimento, muito embora já houvesse lido alguns livros marxistas, livros de Lenin, Hegel. Eu tinha tendência a querer realizar as coisas na forma mais rápida possível, que é uma tendência burguesa.

Logo depois aconteceu um congresso de trabalhadores aqui em Goiânia. Foi nesse congresso que comecei a ficar na dúvida, comecei a perceber que a luta pelo Socialismo estava muito pacata, tudo pelo voto, comecei a achar que daquela maneira não iria dar certo. Eu achava que para a tomada

do poder deveríamos agir de forma mais violenta e que sem a tomada do poder total não haveria possibilidade de construirmos o Socialismo. Nesse mesmo período estive aqui em Goiânia, João Amazonas. Com a vinda dele comecei a achar que o posicionamento do PCdoB era um posicionamento mais revolucionário, passei então para o PCdoB.

Eu já havia participado do Partido na juventude. Quando o secretário do PCdoB esteve em Goiânia, estavam todos mais ou menos migrando para o PCdoB: o Tarzan, o Elio, o Divino que foi um companheiro morto na Guerrilha do Araguaia, o James Allen, o Jaime e o Aldo Arantes que era de Anápolis, mas sua militância estava acontecendo mais em São Paulo e no Rio.

Existiam várias siglas na época, tinha a POLOP, cada uma querendo no seu modo e seu pensamento fazer a revolução. Existiam os Trotskistas, havia vários tipos de grupos e pensamentos. Foi isso que muito influenciou, principalmente no PCdoB. Organizávamos em Goiânia várias e constantes reuniões.

TIRO DE GUERRA(TG) DE ANÁPOLIS

Os partidos estavam organizando os grupos militares, eram grupos como os “Marxis” na França, que eram grupos de cinco, grupos fechados sem relacionamento com outras pessoas. Eu, o Daniel Ângelo, o Belmiro, que pertencíamos mesmo ao Partido, e outros que estavam no Partido, mas haviam entrado recentemente, organizamos o assalto ao Tiro de Guerra (TG) de Anápolis. Achamos que havia a necessidade de nos organizarmos para isso, pois não tínhamos armas; achávamos que tínhamos que tomar essas armas em um lugar mais fácil. Fui para Anápolis, fiz um levantamento e tomamos as armas lá. Foram sessenta e seis fuzis; eram sessenta e cinco mais um que era nosso, sessenta e seis. Conseguimos munições, granadas para serem recuperadas, cunhete de balas, telefones de campanhas, cintos, baionetas e transportamos tudo em um carro para Goiânia. Os fuzis, do tipo 1908, eram às vezes criticados, mas não significava que eles eram de 1908. Eram fabricados em Itajubá e até hoje é utilizado em demonstrações no DGP em Brasília; eram fuzis de cinco tiros da Guarda Presidencial. Falavam que eram fuzis que não atiravam, mas esses eram os utilizados.

No Tiro de Guerra não havia ninguém, era um Tiro de Guerra com as portas e paredes bastante reforçadas. O sargento morava pelas redondezas, mas no Tiro não havia ninguém. Nós entramos, assaltamos e colocamos os armamentos dentro do carro. Havia tido um planejamento anterior, fui antes várias vezes para estudar como aconteceria. Nessa ação não houve ninguém ferido.

Esse assalto ao Tiro de Guerra de Anápolis provocou um aceleramento da intervenção no Estado de Goiás. Goiânia já estava praticamente cercada. O Mauro caiu no dia 26 de novembro, logo após o assalto, que aconteceu no dia 13 de novembro, em uma sexta-feira. Fomos todos presos quase que imediatamente, por falta de experiência. Uma das pessoas que participou da ação era parente de um policial e, para não ser preso e julgado, nos denunciou.

Os armamentos e objetos trazidos ficaram na Avenida T-30, que ainda era puro mato, na casa de Belmiro. Por que isso? Porque quando efetuamos esse assalto era para ser uma reação em cadeia. Outro grupo pegaria essas armas e realizariam outros assaltos, que nós não sabíamos quais eram.

Mauro Borges escreveu em seu livro, até tenho o livro dele aqui, que esse assalto ao Tiro de Guerra teria sido comandado por Riograndino Kruehl, mas ele não tinha nenhum envolvimento com o acontecido. O assalto foi organizado pelo PCdoB. Belmiro, que também participou, teria ligação com uma pessoa por causa da venda de umas terras, que ele era primo de uma fulana. Mas Riograndino não tinha nada a ver com isso. Mauro foi muito apressado para escrever seu livro. Muitas vezes estive perto dele, mas gostaria de ter a oportunidade de falar que há passagens que não tem nada a ver, muito embora tenha sido um fato que o tenha prejudicado. Foi uma coisa que acelerou a intervenção. De fora, para quem lê o livro, tem-se a impressão de que ele está certo.

PRISÃO

O assalto foi realizado de 13 para 14 de novembro, por volta da meia-noite. Escolhemos um horário em que as pessoas estivessem dormindo. Fomos presos imediatamente na segunda-feira, dia 15. Naquela época eu morava em um prédio na Rua 4, pararam aqueles fuscas pretos e brancos e me prenderam. Fui o último a ser preso. Belmiro e os outros já estavam na cadeia. Foi uma ação muito rápida. Ficamos presos na Casa de Detenção e com a ocupação de Goiânia fomos transferidos para o 10º BC.

Quem decretou nossa prisão foi Rivadávia, que era secretário de Segurança Pública; e quem executou minha prisão foi o Rodovalho que, se não me engano, era delegado em Catalão. Não houve violência na minha prisão. A polícia goiana foi a responsável pela nossa prisão. Imediatamente após a intervenção fomos transferidos para o 10º BC, onde já estavam nos esperando. O Major Sidônio foi o responsável pelo nosso inquérito.

Já falei, mas vale à pena frisar que esse assalto ao Tiro de Guerra acelerou a intervenção no Estado de Goiás. Podemos ver nos jornais, nas

manchetes da época, que esse assalto acelerou bastante o processo de intervenção no Estado.

Estávamos presos no 10ºBC e ouvíamos os voos rasantes em Goiânia. Estava aqui aquele que participou quando não queriam dar a posse a Juscelino Kubitschek em Jacareacanga, tenente Veloso. Ele pegou nosso depoimento com todos em volta, em uma cadeira giratória, cada um fazia uma pergunta querendo saber o que estava acontecendo e o que havia acontecido.

Depois desse assalto, quando viemos para Goiânia procuramos companheiros, não irei citar nomes, que correram e disseram para que não os procurassem. Ficamos praticamente na mão.

Fomos presos imediatamente por falta de apoio, porque se tivéssemos tido apoio essas armas poderiam ter ido para outro lugar. Faríamos uma sequência; outro pessoal iria fazer a distribuição. Falava-se muito na época das armas do governador do estado de São Paulo, Ademar de Barros, mas essas armas nunca chegavam aqui.

Mauro Borges no início estava colaborando com o golpe, muito embora dentro de seu governo houvesse muitas pessoas de esquerda. Mauro depois mudou sua posição. Queriam que ele demitisse o pessoal, e ele não demitiu. Aí já começou a perseguição, querendo sua substituição, que aconteceu no dia 26 de novembro.

Estávamos presos no 10º BC e fomos transferidos para Brasília. Posso dizer francamente que não fui torturado. Basta ser preso para que seus direitos sejam cerceados, os métodos de recolhimento de depoimentos, não nos deixavam dormir, mas torturado de fato não fui e não posso dizer sobre isso. Saindo daqui fomos para a PE - Polícia do Exército em Brasília, eles manobravam aquelas automáticas, faziam ameaças, mas não passou daquilo, não chegava a ser uma tortura. No 10º BC, lá sim teve pessoas com problemas muito sérios, como o Pawel Gutko; mas ele não era do partido. O prenderam aqui em Goiânia. Foi uma pessoa que sofreu demais, ele tinha problema mental. Estava conosco, queimava o corpo todo com cigarro, bebia água da privada, quando defecava passava no rosto. Judiaram demais dele. Pelo que eu sei através dos jornais, ele não aguentou as torturas. Ele era polonês, seu pai era russo e foi meu professor, e sua mãe polonesa.

Fui preso em novembro e fui solto em março. Fiquei preso por quatro meses mais ou menos. Saí com o habeas-corpus que eu redigi. Naquela época havia presos que estavam redigindo seus pedidos de habeas-corpus direto para o Superior Tribunal Militar. Tínhamos um advogado, que era o Dr. Rômulo, mas o meu veio mais rápido porque eu já havia solicitado antes. Ele chegou a fazer a solicitação também, mas saí com o meu pedido.

Naquela época o pessoal ainda estava fazendo, como estava no início, eles ainda estavam aceitando.

Daquelas quatro pessoas que participaram comigo do assalto, sei que o Belmiro foi preso, mas não sei quanto tempo de prisão cumpriu. Duas delas que haviam entrado muito recentemente no partido, me parece que foram anistiados pelo Exército por colaborarem com o DOPS. Daniel Ângelo cumpriu bastante tempo de prisão no CEPAIGO, conseguindo fugir depois, mas continuou no Brasil.

Fui preso em 1964, saí em 1965. Depois que saí da prisão em Brasília, fui para Ceres onde viviam meus pais. Logo depois que saí, vieram o Capitão Fleury, o Thompson e o Garcia para colherem um depoimento meu. Fiquei com medo pensando que poderia ser alguma coisa, porque até então eles não sabiam que o assalto ao Tiro de Guerra tinha sido feito pelo Partido Comunista do Brasil, achavam que tinha sido organizado por um grupo de estudantes. Com a prisão de outros companheiros fiquei com medo de algum deles ter me identificado. Eles me perguntaram se eu estava pronto para ir para a China. Identificaram que eu era do PCdoB em 1965; identificaram minha ligação com o Gerson, com o Tarzan e com esse pessoal todo. Havia um pessoal que já havia ido para a China. Foram a Ceres, me prenderem por um dia para colher o depoimento e me soltaram. Logo depois voltaram de novo para me prender. Quando percebi fui imediatamente embora. Fui para o Uruguai, os Tupamaros estavam em luta e foi muito difícil manter contato com o pessoal. Fiquei pouco tempo por lá e fui para a fronteira. Fiquei em Livramento, ali tinha o partido e fiquei na casa de um companheiro. De Livramento fui para o Rio de Janeiro, mais ou menos no final de 1966.

No mês de setembro, em 1967, me encontrei com Marcantônio Dela Côte. Nessa época eu já estava condenado à revelia. Tentamos ingressar na embaixada do México, pois na embaixada do Uruguai não havia mais vaga, já estavam o Tarzan, o Gerson, James Allen, que estavam até dormindo na garagem da embaixada. Tentamos pedir asilo na embaixada no México. O que fizemos? Batemos na porta, o mordomo abriu a porta um pouquinho, nós a empurramos, quase que arreventamos com a porta, o mordomo caiu sentado e invadimos a embaixada. Éramos eu e Marcantônio, mas havia mais brasileiros na embaixada. O embaixador ameaçou chamar a polícia para nos tirar de lá, fez uma ameaça violenta, mas nós tentamos e fomos ficando. Pegou o Marcantônio para conversar, depois conversou comigo em separado, não queria de forma alguma nos dar asilo. Continuou com a ameaça de chamar a polícia. Se a ameaça se confirmasse estaríamos liquidados; eu principalmente, pela ousadia de tomar as ar-

mas em Anápolis. Ele ofereceu um carro para nos tirar de lá e nos deixar onde quiséssemos. Mas pensem bem, eles podiam nos largar e ligar para a polícia avisando que estavam nos deixando em tal lugar. Fomos muito ingênuos.

Depois desse acontecimento, em 1967, eu estava em contato com pessoal do partido e consegui uma passagem para Paris. Consegui todos os documentos legalizados.

Minha primeira condenação foi em 1967 à revelia, na 11ª Região Militar, em Juiz de Fora, Minas Gerais.

EXÍLIO

Fui para Paris, fiquei um tempo por lá. De lá fui para Moscou, onde fiz o curso.

Aqui estávamos sob uma mira, vivíamos uma grande pressão, e pelo fato de eu ter assaltado o Tiro de Guerra a pressão era ainda maior. Não foi um movimento, porque no início às vezes o pessoal do partido era preso e nem torturado era. O assalto ao Tiro foi uma afronta às Forças Armadas, à instituição aqui.

Quando consegui sair do Brasil, senti um grande alívio. Fui muito bem recebido na ainda União Soviética. Fui recebido de tal forma que compensaram certas coisas. Mas apesar de tudo você fica com aquela vontade de retornar à pátria de origem. Mas tenho certeza que se tivesse ficado aqui no Governo do Médiçi, que foi o governo mais violento da época, eu não estaria aqui vivo e falando.

Em Paris fiquei por volta de um mês, e fui para Moscou. Chegando a Moscou, fui para a Escola de Quadros do Partido, fiquei um ano na escola estudando Marxismo e teorias. Depois do término da escola, consegui a transferência para Kiev para fazer geologia. Meus conhecimentos de Matemática, Física e Química estavam muito fracos e eu queria fazer o instituto, que era um curso superior. Fui então para o técnico de Geologia, estudando em Kiev onde fiquei por praticamente um ano. Nesse período de um ano, eu já havia conhecido a Maria que morava em Moscou e fazia Medicina; pedi a transferência para Moscou. Em Moscou ingressei no Instituto de Geologia, agora em um curso superior. Na Rússia, instituto era o mesmo que faculdade aqui no Brasil. Lá existem faculdades também, mas os institutos tem a mesma equivalência. Ingressei no Instituto de Geologia, próximo à Praça Vermelha. Estava estudando, tinha muita dificuldade com Matemática e outras matérias. A Maria conseguiu professor particular e com muito custo superei e concluí o curso de Geologia. O curso durou

cinco anos, terminei o curso que era de Geologia e Engenharia. Era engenharia de construção de minas, barragens e de galerias de exploração de minérios. Depois da conclusão desse curso, retornei ao Brasil.

Durante esse período mantive contato com o Gregório Bezerra e com a família de Prestes. Cheguei primeiro que Prestes, mas ele foi logo depois; estava na França, depois foi para Moscou. Gregório Bezerra foi, naquela época do sequestro, para Cuba; e de Cuba foi para Moscou. Eu tinha muito contato com eles em Moscou, no exílio.

Quando terminei o curso, em setembro de 1975, viemos eu e Maria para o Brasil. Tínhamos um acervo de livros, quadros, uma grande quantidade de discos de músicas clássicas, e os despachamos por navio. Temos até alguns desses livros aqui, mas a maioria foi tomada. Chegamos em setembro de 1975. Minha grande alegria foi ter me formado juntamente com a Maria, voltado ao Brasil e poder começar a trabalhar; ela se formou em Medicina, doenças tropicais.

Tínhamos o sonho de poder fazer algo pelo país, mas quando chegamos, ainda sob o regime militar, sob um regime de perseguição, a vontade era de voltar. Na ânsia de poder trabalhar fui para São Paulo e publiquei anúncios no jornal O Estado de São Paulo para aqueles que estivessem à procura de um geólogo me encontrarem. Eu podia trabalhar, mas não como geólogo e sim como técnico, pois eu não tinha diploma reconhecido. Em novembro recebi uma carta comunicando que a mudança de Moscou havia chegado e fui para São Paulo. Era mais ou menos 15 novembro de 1975, eu fiquei uns três dias em São Paulo e fui para o Porto de Santos. Nesse período parecia que já estavam me esperando por lá. Fui sequestrado, preso e levado para a antiga Polícia Marítima. Na Polícia Marítima começaram as torturas, mas foi algo mais leve, não foi como no DOI-CODI. Começaram a dar socos, a fazerem perguntas sem muito interesse pelas minhas repostas, queriam mesmo era torturar. Logo depois fui transferido para o DOI-CODI, me levaram algemado, encapuzado, e começaram as torturas.

TORTURA

No DOI foi como se estivesse entrando no inferno, um inferno de torturas. Eles o levavam para uma sala, deixavam sem roupas, jogavam água e sal e o colocavam amarrado em uma cadeira pesada de zinco. Amarravam fios nos órgãos genitais e nos dedos. Torturavam dando choque; a cadeira era tão pesada que tremia e os dentes se contraíam. Eram choques violentos, uma sensação terrível. Ainda pior era quando colocavam os fios dentro do ouvido, era como se estivesse levando uma pancada de bigorna,

um barulho que o faz desmaiar. Desmaiava e eles vinham dando socos no diafragma para que você começasse a voltar a si para continuarem. Nessa primeira sala, que eles chamavam de sala de visitas, eles não queriam saber de informação nenhuma; nem do seu nome, pois perguntavam e quando ia responder eles vinham com o choque e você não conseguia mesmo responder, pois o corpo tremia todo. Isso foi no início, depois o colocavam em uma cela de 1.20m, com um colchão e um vaso sanitário, daqueles que ficamos de pé, toda escura com apenas uma tampinha que eles chamavam de X1. Colocavam lá e a partir disso não lhe deixavam dormir, era a noite toda pegando depoimentos. Percebi que eram três equipes, equipe A, B e C que recolhiam os depoimentos. Você fica encapuzado, mas quando saía dava para ver um pouco da sala, era uma sala acolchoada, protegida acusticamente.

A primeira equipe pegava o depoimento, esses depoimentos eram repassados para a outra equipe que o analisava e formulava outras perguntas; a terceira equipe às vezes nos mandava redigir e contar coisas sobre a história. Eles me perguntavam muito sobre minha participação no assalto ao Tiro de Guerra.

Por ainda estar falando muito a língua russa, geralmente me chamavam de agente da KGB. Fui preso no período do Governo Geisel, e nesse governo havia uma divergência. O Frota e o D'Ávila, o segundo comandante do Exército em São Paulo, estavam em divergência, queriam que prendessem os comunistas. Manoel Fiel Filho foi torturado e morreu na época em que eu estava lá no DOI-CODI, ele não aguentou as torturas. Era difícil aguentar as torturas, principalmente os choques. Eles já estavam especialistas, quem iniciou tudo foi a OBAN, depois veio o DOI-CODI ainda mais aperfeiçoado, com o Fleury e o pessoal.

Fui preso em meados de novembro e fiquei no DOI até o final de dezembro, sei disso porque li algumas coisas, pois eu estava praticamente transtornado. No inferno do DOI eu ainda estava consciente nas torturas, eu ainda mantinha a consciência, muito embora viesse sofrendo. Fiquei mais ou menos de novembro até o início de janeiro sofrendo com as torturas. Depois fui transferido para o DOI de Brasília, quando começaram as torturas psicológicas. Aí fiquei louco, completamente fora de mim. Usavam o método de prisão fechada com calor, frio, luz acendendo, água pingando, ouvindo coisas. Eles dividiam o dia em quatro. Como faziam isso? Mexiam com o nosso psicológico: a luz ia esfriando, esquentando, traziam o café, a comida, mesmo que você não comesse. Iam fazendo isso até você ficar sem ter noção. Quando estamos presos olhamos para as unhas, cabelos para termos ideia do tempo que estamos ali, mas passado um certo

período você perde a noção. A vida já não tem mais valor, você só pensa em outra coisa. Você pensa que não tem mais valor, você vira um rato de laboratório. Por isso, quando fazem os testes, imediatamente matam os ratos. Nós ficávamos daquela forma.

As torturas físicas, você está consciente e vai suportando; às vezes chega a um estágio que você não mais suporta; inclusive, a primeira vez que tentei suicídio foi em São Paulo. Mas as torturas psicológicas são piores, para mim foi um martírio. Às vezes não conhecia nem mais a família. Eu ficava mudo, não tinha condições de falar. Eu estava em um delírio, ficava delirando, ouvindo os julgamentos. Eles conseguiram que eu me tornasse uma pessoa sem consciência, como se fosse um bicho qualquer. Uma pessoa que não raciocinava, não fazia nada. É até difícil explicar a situação em que me encontrava, me tornei de certa forma inconsequente.

Quando fui transferido de Brasília para o CEPAIGO, se tivessem me colocado junto aos presos comuns, acho que eles não me aceitariam. Foram os companheiros que trataram e cuidaram de mim; ficaram me vigiando 24 horas para que eu não fizesse nada. No DOI-CODI, em São Paulo, eu não estava mais aguentando as torturas; peguei fios, descasquei, coloquei junto ao meu corpo e desmaiei. Não sei o que fizeram comigo depois, pois não vi mais nada. Em Brasília nos deixavam pelados, mas havia uma meia e eu tentei suicídio com ela, mas a meia arrebentou. Já no CEPAIGO também tentei suicídio com um fio.

Minha esposa estava em Goiânia, não falava português, apenas russo. Por orientação do Dr. Rômulo, advogado, ela não podia sair. Ficava sempre dentro de casa, estava grávida esperando o Daniel, meu filho. Ela não podia sair, pois estavam ameaçando de deportá-la. Ela de tão desesperada chegou a ir à embaixada da União Soviética, mas o embaixador não podia interferir nas questões internas do Brasil, a única coisa que ele poderia oferecer era a passagem de volta. Ela preferiu ficar por aqui e esperar as consequências. Ela ficou sem saber o que fazer, muito embora soubesse do meu caso no Brasil, do perigo que corria. Foi muita ingenuidade minha ter vindo e não ter ouvido os companheiros que diziam que era melhor esperar pela anistia. Naquela ânsia, eu não esperei. A Maria não falava português, era uma grande dificuldade, ela estava grávida e eu não tive condições de ficar e dar assistência a ela. Ela ficou solta, muito embora minha família tivesse dado uma grande assistência. Meus irmãos Zequinha e Jeová, e minha mãe deram assistência e ela. Ela ficou no Brasil e passou por muita dificuldade pela assistência que eu não pude dar por estar preso. Fiquei preso por quase dois anos, de novembro de 1975 a 17 de junho 1977.

(Fala da filha de Neso: A partir do momento em que minha mãe ia até a prisão, e que o senhor podia receber visitas, o senhor não reconhecia o bebê, falava que era um travesseiro.)

O que ela disse é verdade. Eu não me lembrava e pensava que a Maria estava fingindo, achava que ela estava com um travesseiro e cheguei a falar isso. Às vezes eu falava, às vezes não; eu estava mudo, eu via coisas, eu não reconhecia as pessoas, achava que todos eram espiões, fiquei transtornado, foi um período muito difícil.

Voltando atrás um pouco, quando eu estava em Brasília me pegaram, eu estava transtornado, me jogaram um balde d'água, cheguei molhado com os guardas. Eu procurava um lugar para pular, queria pular do prédio, para mim já não tinha mais sentido. Eles me vigiavam, pois sabiam da reação que poderia ter. Fiquei em Brasília por um mês, mas é como se tivesse ficado por um ano. Logo depois fui transferido para o CEPAIGO, cheguei lá como um bicho, não parecia um humano, estava transtornado, não sabia como eu havia vindo, que transporte havia me trazido. Minha sorte é que no CEPAIGO havia presos políticos, estavam o Abrão, que era médico; o Tibúrcio, o Elias, o jornalista Wilmar Alves, vários comunistas de Anápolis, de Goiânia e vários companheiros. Estava o secretário do Partido, o Bailão.

O CEPAIGO para mim foi o paraíso, os companheiros me trataram muito bem. Eu havia chegado como um louco, transtornado, tentei até suicídio. Eu não aguentava, eu estava ouvindo conversas, mesmo depois de ter saído das torturas de Brasília eu ouvia constantemente os julgamentos, tinha visões. Goiânia para mim não existia antes, era uma cidade nova. Eu não falava, chegava a Maria para a visita e eu não falava. Ela chegava com o Daniel, que era pequeno, eu não dava valor no Daniel, não dava valor em ninguém, era uma situação estranha. Demorou muito para o começo de uma melhora. Quem muito me ajudou foi o Abrão.

Conseguiram me tirar da CEPAIGO e me levaram para uma clínica psiquiátrica para que me receitassem os remédios, inclusive ainda existem as receitas que passaram pra mim. Aos poucos fui melhorando, mas mesmo depois que saí da prisão fiquei muito tempo me reabilitando. Não tenho vergonha de contar isso porque foram reais as reações que tive. Podem achar que era covardia, mas o que eu sentia era que eu não tinha mais valor. Achava que não tinha mais valor, que não tinha mais ninguém, que não tinha mais família. Eles o colocam de tal forma que se lhe soltarem, você morre. Você entra debaixo de um carro, ou faz qualquer coisa, como tiveram presos políticos que fizeram. Saíram e morreram, como o Padre Tito em Paris. O impressionante é que mesmo após muito tempo, você pode reparar na minha casa, não se tem chaves nas portas, eu não fecho as

portas. Aqui é uma exceção, mas não fecho a casa, deixo tudo aberto. Tenho o maior pavor e medo de lugares fechados. Isso por causa das prisões. Quando assisto filmes que mostram cenas de torturas, logo desligo; não posso ver. Tenho pesadelos constantes, eu grito. Sempre tenho pesadelos com a polícia correndo atrás de mim. Quando saí da prisão, eu não podia ver polícia, até as de trânsito eu achava que era um perigo para mim.

Eles conseguiram me deixar transtornado, tenho a impressão que usaram até algum produto, pois quando cheguei ao CEPAIGO eu estava com um cheiro característico de produto químico. As torturas tiveram uma influência muito grande na questão da irritabilidade. Tenho marcas das torturas; tenho até hoje as marcas da cadeira de dragão. Jogavam sal e você se movimentava, muito embora estivesse amarrado. Jogavam o sal para a condução da energia. O assento era de zinco e com a movimentação o sal fazia feridas, e as feridas com sal era uma dor insuportável. Tenho marcas nas pernas e meus dentes são todos postiços, pois os dentes molares e pré-molares foram esmagados devido às contrações fortes, com tanta força os dentes quebravam. Tenho problemas de audição, diabetes, tenho muita irritabilidade, tudo isso é consequência desses acontecimentos.

Com relação a trabalho, eu tentei procurar emprego. A Maria trabalhava como médica no Hospital São Francisco e através do Dr. Hugo Frota conseguiu para mim um teste na SAMA para trabalhar como geólogo. Eu não tinha diploma, mas poderia trabalhar como técnico ou como auxiliar, mas quando viram meu currículo não quiseram nem conversar. Por quê? Porque ainda era 1977, logo que eu saí da prisão, e a anistia só saiu em 1979. Essas empresas estavam todas nas mãos de multinacionais que não queriam nem saber. Foi muito difícil. Fiquei esse período todo sem trabalhar. Eu tinha uma sociedade com meu irmão em uma loja de materiais de construção há muitos anos atrás e quando voltei continuei a trabalhar com ele. Eu não tinha condições de trabalhar nem como vendedor, eu estava todo desestruturado. Mesmo se eu conseguisse um emprego como geólogo seria bem difícil trabalhar, pois eu estava sem condições de raciocinar, de ler e entender um texto, e até hoje tenho dificuldades.

Ainda não havia comentado, mas fui condenado em 1972 a seis anos de prisão mais seis anos de medida de segurança. Fui preso em novembro 1975 e saí em 17 de junho de 1977. Fui o último a sair da prisão. Saí, mas fui perseguido, acredito que não só eu, mas também os outros companheiros, até 1985.

Fundamos aqui o Instituto Cultural Brasil-União Soviética e, então, meus passos estavam sendo vigiados. Quando o pessoal ia para Brasília, nos movimentos, fizemos aqui uma exposição de filmes russos.

Logo que tive uma melhora mantive ligação com Ala Prestes aqui em Goiânia, participava do movimento pela anistia, como o Marcantônio e outras pessoas também participavam, e logo veio à fundação do Instituto.

O Gregório Bezerra assim que chegou ao Brasil veio até Goiânia e se hospedou na minha casa. Os telefones eram grampeados e, pela ABIN, sabemos como tudo era monitorado. Sabiam de todos os nossos passos, que eu iria para Brasília, que esperaria o embaixador na entrada, que o embaixador estaria aqui no Brasil. Claro que isso era o mínimo para aquele governo. A anistia saiu em 1979, mas o SNI continuava a perseguir.

Hoje a direita está aí, os jornais como já havia falado; a Folha de São Paulo nem fala em anistia, pois na época ela colaborou com a fundação da OBAN entre outras colaborações. Você vê a imprensa nossa...

No Governo Geisel dava para entender que caminhávamos para uma anistia. Eu percebia isso. Já o comandante do Segundo Exército de São Paulo, general D'Ávila, o Frota, o Erasmo Dias, o Fleury, entre outros militares, eram a favor que se prendessem novamente os comunistas para que se justificasse o golpe. Na época em que estava preso, o DOI estava cheio de pessoas que já haviam sido presas e estavam lá novamente. Quando houve essa reação imediata de Geisel, isso beneficiou a todos que estavam lá, muito embora existisse a resistência lá dentro. Existia o grupo do D'Ávila que não foi eliminado de imediato.

ANISTIA

Foi muito emocionante. Às vezes ficava incrédulo, pensando se realmente aconteceria esse reconhecimento. No julgamento da Anistia, dos Direitos Humanos, da Comissão de Paz eu estava muito aflito. O primeiro julgamento foi um julgamento que não participei, foi um acontecimento mais corriqueiro, e eu perdi. Fui ficando tenso e no segundo julgamento já estava sem esperança de conquistar a anistia, conquistar esse reconhecimento. Houve o julgamento, queriam me julgar e fui reconhecido como professor, pois havia sido professor da língua russa no Instituto Cultural Brasil-União Soviética - constava na ABIN que eu era professor e queriam me julgar como tal. Eu era formado em Geologia, minha profissão não era de professor. O relator havia pedido que me julgassem como professor, mas Lavonier, que era o presidente da Comissão da Anistia, não aceitou e disse que eu era geólogo, que havia chegado com diploma e que eu havia sido preso como geólogo. Nos documentos constava a prisão de um geólogo que estudou na União Soviética. Essa tese foi defendida e ganhou. Fui beneficiado como geólogo e passei a receber a pensão como tal.

Foi muito emocionante, havia várias pessoas no plenário que aplaudiram a mim e à Comissão. Companheiros como o Marcantônio e João Silva estavam lá. Milha filha Maia estava lá. Fiquei muito satisfeito e contente com o julgamento. Esse julgamento aconteceu no final do ano de 2004. O importante não é a pensão, não é o salário, é o reconhecimento de que o Estado errou. Isso é o mais importante e o principal.

Sou a favor do julgamento dos torturadores. Para mim os torturadores não devem ser anistiados. Em lugar nenhum do mundo se anistia torturadores. Deve haver um julgamento dessas pessoas, eles mataram muitos, não só brasileiros, mas também italianos, argentinos, espanhóis que estavam na luta aqui e que morreram. Na Argentina e no Chile foram processados e condenados. No Brasil existe uma resistência, não só das Forças Armadas, mas também dentro do Congresso, dentro do Senado, pois lá está cheio de pessoas que não tem interesse. Na minha época tinha o comandante Ustra, que agora foi condenado; era torturador e não tem nada a ver com a Anistia. O Congresso e muitas pessoas acham que devem ser anistiados os dois lados.

Dizemos que vivemos sob uma democracia, mas vemos nos jornais, vemos constantemente situações que vão contra a nossa ideologia, contra o nosso posicionamento. A Folha de São Paulo na época dava cobertura aos torturadores, a Globo, O Globo, o Estado de São Paulo, toda a imprensa. Atualmente vocês podem ver o que o Opção faz conosco; e outros jornais também que não aceitam o posicionamento, não aceitam a anistia. Acham que a anistia não está correta e que não deveria ser feita dessa forma. Na Câmara dos Deputados e no Senado tem mais anticomunistas e pessoas com tendências de direita, em minha opinião. O Lula foi um presidente com muita dificuldade para realizar as ações, pois o Congresso não aprova os projetos. Melhorou, não está como na época da ditadura, um governo que impedia tudo. Não podíamos nos manifestar, não podíamos falar nada; um livro de capa vermelha já era considerado um livro comunista; as perseguições a padres, a intelectuais, a escritores. Acredito que até hoje no Brasil ainda não há uma plena democracia.

Foi uma grande violência. Não estou comparando o número de mortes que na Argentina, no Uruguai, ou mesmo no Paraguai foi maior; mas no Brasil houve tortura, houve mortes e não só isso, houve um castramento. Hoje vemos a juventude que pouco se interessa pelos acontecimentos da época, acham muito maçantes. Observo nas universidades, quando acontece alguma conferência, o pessoal fica ouvindo, depois pega os livros e vai embora.

O golpe militar no Brasil conseguiu fazer com que até hoje as pessoas tenham resistência ao movimento. Quais movimentos existem hoje

no Brasil? Há o Movimento dos Sem Terra, movimento dos trabalhadores, mas vemos que não há mais aquele movimento como antes. Está aí a UNE, que foi e é muito importante, que tem uma representante muito atuante. No meu entendimento a juventude atual pensa mais em música, em eletrônicos.

Na nossa época a atividade era muito grande. Queríamos fazer algo, queríamos mudar o mundo, queríamos transformar o mundo em um mundo diferente, um socialismo sem miséria, sem pobreza. Víamos que estávamos sendo castrados pelo imperialismo norte-americano, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento dos países socialistas como Vietnã, Coréia, Cuba. Cuba, à frente dos Estados Unidos, já era uma ameaça. Kennedy logo criou aquele programa “Aliança para o Progresso” e estava intervindo diretamente no Brasil.

O Golpe de 64 foi com apoio total do embaixador Lincoln Gordon, que assumiu que apoiou e fez a movimentação toda. As frotas dos Estados Unidos estavam perto. Onde nossos militares faziam cursos? Nos Estados Unidos, no Panamá, em Israel se aperfeiçoando cada vez mais em torturas. Quiseram logo eliminar o presidente do Chile, Allende, que era socialista. Caiu em 1973, ficando pouco mais de um ano na presidência. Hoje vemos que o imperialismo americano, o capitalismo está em crise, e acredito que o domínio deles não será eterno. Chegará ao fim como o Império Romano e Bizantino; como o Nazismo e o Fascismo também terão um fim, mas acredito que hoje ainda exista. O Congresso e o Senado estão cheios de pessoas daquela época, da Arena. Por isso se torna difícil fazer algo. Por que no Brasil ainda não se fez reforma agrária? Porque é muito difícil que isso aconteça nessa situação, nesse regime capitalista; e ainda mais difícil pelas pessoas que estão no Congresso e no Senado. Há muitos democratas, mas há uma grande resistência. Há pessoas que são contra a anistia.

PAULO SILVA DE JESUS

Data de nascimento: 31/08/1949



Sou Paulo Silva de Jesus, filho de Jandira de Jesus e Ismael Augusto da Silva. Nasci em Palmelo, em uma família de 7 irmãos; dentre eles Ismael Silva de Jesus, assassinado em 1972, no 10º BC - Batalhão de Caçadores do Estado de Goiás, naquele período da ditadura em que ele ficou incomunicável durante 28 dias. Ele também nasceu em Palmelo. Somos de uma família espírita. Mudamos para Goiânia em 1958 e moramos na Vila Operaria até 1972, quando ocorreu a tragédia com o Ismael.

Estudei o primário na Vila Operária, na escola Damiana da Cruz, escola municipal. E o Ismael também. Quando viemos para cá, meu pai foi nomeado pelo governador Mauro Borges para a guarda fiscal, posteriormente virou fiscal.

Eu tinha apenas 15 anos quando ocorreu a intervenção em Goiás, logo após o golpe militar de 1964. Estudei na Escola Técnica Federal; em 1962, 63 foi quando eu comecei ver as atividades estudantis, que eram muito efervescentes na época. Quando eu escutei falar do nome de Tarzan de Castro, Carlos Alberto Santa Cruz, James Alen eu não entendia bem o que estava acontecendo, mas me chamou a atenção aquela movimentação na Escola Técnica Federal.

MILITÂNCIA

Eu me transferi para o Colégio Estadual Professor Pedro Gomes em 1965. Nesse período, eu me aproximei do companheiro nosso, Pedro Torres, que já foi embora, trabalhava no Cinco de Março e era o presidente do Grêmio Literário Vander Borges do Colégio Estadual Professor Pedro Gomes, em Campinas, Goiânia. Fui trabalhar com ele no grêmio, e come-

cei a participar das atividades que naquele momento, em 65, ainda eram incipientes no movimento estudantil porque vínhamos da eclosão do golpe militar, da intervenção em Goiás. Eu não tinha muita visão, mas com a proximidade com o grêmio estudantil e as atividades estudantis comecei a ter mais contato com a política.

Foi no final do ano de 1965 que eu conheci o João Silva Neto e o Eli Alves Fortes, que veio a ser presidente da OAB de Goiás. Nesse período eles me apresentaram umas teses, uns documentos com as propostas e ideias do Partido Comunista Brasileiro, o PCB. Após um período de 6 meses de estudo, eu ingressei no Partido Comunista Brasileiro, fazendo parte da célula estudantil do Colégio Professor Pedro Gomes. Nesse período nós fomos aprofundando as atividades do jeito que foi recrudescendo a violência militar, a interferência da ditadura na vida da nação, na vida dos brasileiros e de Goiás também. Foi quando eu tive mais contato.

Em 1968, logo após a morte daquele estudante no Calabouço, no Rio de Janeiro, espalhou-se no Brasil inteiro a revolta da juventude brasileira, comandada pelos estudantes. Aqui em Goiás, eu sempre notei o movimento estudantil secundarista muito forte e atuante. E foi, então, que em 1968 fomos chamados pelo Juarez Maia, que iniciou o trabalho de reestruturação da Confederação Goiana dos Estudantes. Ao mesmo tempo tínhamos atividades no Grêmio Vander Borges do Colégio Pedro Gomes. Teve o processo eleitoral de sucessão do Colégio Pedro Gomes, que naquela época tinha quatro mil e quinhentos estudantes. Eu participei do processo eleitoral. Naquela época era possível votar em qualquer cargo (presidente, vice-presidente e secretários) de qualquer chapa. Foi eleita a chapa de oposição, que era comandada por Euler Ivo, o vice-presidente Vilmar Cardoso e o secretário geral Israel. Eu fazia parte da chapa que era situação, que era do partidão, PCB, e tinha como presidente o João Silva, Eli Alves como vice-presidente, e eu como secretário geral. Da minha chapa somente eu fui eleito. Tomamos posse em meio àquela movimentação de maio na França, que correu o mundo inteiro em 1968. E o Brasil não ficou separado daquela movimentação, daquela busca da juventude por maior liberdade, democracia e participação. Comecei a participar, uma movimentação muito intensa, muitos protestos na luta pela redemocratização do país.

PERSEGUIÇÕES E PRISÕES

Naquele período, no início do ano, já tinham sido expulsos do Colégio Pedro Gomes 24 pessoas; inclusive a minha irmã Ismailda, o Ismael Silva de Jesus e mais alguns companheiros. E no final do ano, no mês de

setembro, todos nós fomos expulsos. Participavam com a gente, inclusive era da minha sala, o Stepan Nercessian, que é oriundo de uma família de esquerda que sempre lutou pelas liberdades e pela democracia.

Naquele período fomos todos expulsos, mas antes disso houve o congresso de reorganização da Confederação Goiana dos Estudantes, CGE, que sucedeu a UGES declarada extinta e proibida pelos militares no ano de 64. Daí para frente, eu fui eleito primeiro vice-presidente da Confederação Goiana dos Estudantes, a CGE.

Em 13 de dezembro começou o recrudescimento da violência militar, do regime ditatorial que veio abater sobre toda a sociedade. Como os estudantes eram os mais ativos, e aqui em Goiás os estudantes secundaristas eram muito ativos, e veio o Ato Institucional nº 5, houve uma perseguição muito grande. Alguns companheiros conseguiram se exilar, desaparecer e ir para a clandestinidade porque já estavam à procura deles.

No ano de 68 eu fui preso duas vezes, mas sempre levado ao 10º BC, hoje é 42º BIN. Sempre davam um jeito de nos prender às 6 horas da manhã. Eu já havia escapado deles por duas vezes pelos fundos de casa, os deixava esperando na porta. Mas tiveram outras duas vezes que não houve jeito: ia para o quartel e respondia aos questionamentos. Isso por conta das manifestações, das atividades de rua. Nesse período, eu já como vice-presidente (o presidente da Confederação Goiana de Estudantes, Léo Lince, passou no vestibular e foi para universidade, e eu assumi a presidência), foi quando as manifestações recrudesceram, e eu participei e organizei um trabalho de aproximação da ação de rua com os companheiros das universidades. Foi uma aproximação para participar dos comícios relâmpagos, das passeatas e das reuniões, sempre na luta em busca da democracia. Nesse período teve um assassinato, nós estávamos em uma passeata, junto à Praça do Bandeirante, a polícia chegou e todos correram de um lado para o outro. Já tínhamos programado de nos encontrarmos em outro ponto de Goiânia. Sempre acontecia isso, nós programávamos dois, três pontos para continuarmos as manifestações. Foi quando morreu um lavador de carro, me parece que na Rua 4 do Centro de Goiânia, muito parecido com o Euler. O Euler, um ativista muito organizado, um excelente agitador (era assim que a gente chamava naquela época), bom de trabalho. Nesse período nós ficamos sabendo que estavam à procura dele, então o levamos a um prédio na Avenida Goiás, foi quando eu o vi; depois só fui encontrá-lo novamente em 1979, com a anistia. Foi quando ele voltou.

Nesse período, o Tarzan de Castro e o James Alen já tinham sido presos. Tarzan na Ilha das Cobras - essa era toda a notícia que nos tínhamos. Já tinha ocorrido também o Congresso de Ibiúna, alguns companheiros

nossos tinham ido para o congresso, onde houve aquela prisão em massa. Tenho lembranças de alguns companheiros que foram para Ibiúna e depois para o exílio. E eu sempre participando do movimento estudantil e do movimento político em Goiás.

Fui preso. Tinha duas atuações (para fazer atividade ilegal tínhamos que estar num partido político). Logo após a mudança do sistema partidário, quando nasceu a Arena e o MDB, fui trabalhar com o MDB - todos nós ingressamos no MDB e fazíamos parte da Corrente dos Autênticos. Aqui em Goiás tínhamos o Fernando Cunha, Divino Dorneles, Tobias Alves, Iran Saraiva, Derval de Paiva que hoje está no Tocantins, todos eles faziam parte dessas atividades, da atividade ilegal na luta contra a ditadura. Com a edição do AI5, em 13 de dezembro de 1968, continuamos nossas atividades e o movimento sempre recrudescendo, e a gente sempre se organizando, mas no dia 13 de abril 1969 fomos presos - a nossa base, Comitê Secundarista do Partido Comunista Brasileiro. Quem coordenava o movimento secundarista do partidão, do PCB, era o Comitê Secundarista. Estávamos reunidos no Setor Norte Ferroviário, num domingo, e fomos presos por volta das 9 horas da noite. Nesse período de 69, fomos presos e ficamos no 10º BC.

Eu lembro que iria ter uma festa no 10º BC e eles tinham que tirar os presos de lá, estávamos todos lá. Éramos oito pessoas: o Felix Valoá Bezerra, Léo Lince, Mauro Curado Brom, eu, Elias Moreira Borges, Antonio Batista, o nosso Toninho, e o Zoelton. Fomos presos. O pessoal mais novo do partido, inclusive o meu irmão Ismael Silva de Jesus, o Vieira de Melo e o pessoal mais novo que a gente, que no início de 1967 tinha ingressado no partido (o Ismael, o Vieira de Melo, a Dalva, Pedro Célio que hoje é um grande cientista político), como eles não sabiam como estávamos, deram início a uma atividade mais intensa do partido, com pichações, com movimentação e panfletagens, que era justamente para nos proteger lá dentro. Fomos presos e ficamos dois dias e uma noite na Polícia Federal, na Rua 2 com a Avenida Goiás, no Centro de Goiânia. Depois fomos levados para o 10º BC, para o quartel onde ficamos; depois fomos transferidos para a Casa de Detenção, que era na Avenida Independência, perto do Parque Mutirama; e de lá, como estava muito lotado, nos mandaram para o antigo Cepaigo, hoje Coronel Aldemir Guimarães, até sermos transferidos para Juiz de Fora, que era a 11ª Região Militar, que hoje é em Brasília, para onde todo o pessoal nosso do Centro Oeste era transportado para os instrumentos de condenação, essas coisas todas. Nesse período nós tivemos uma sorte muito grande. Nós ficamos presos, mas o comandante da Polícia Federal era muito amigo do Mauro Curado Brom, dos irmãos dele, de toda família dele

da cidade Goiás. Nós sofremos muita pressão nesse período, mas somente pressão psicológica. Existia um delegado que todos tinham medo dele, porque ele era sangrento mesmo. Mesmo ele tendo sido criado na época, tendo tido seus estudos bancados por companheiros mais antigos (ele tinha feito parte da turma de Tarzan de Castro, de James Alen, desse pessoal mais antigo e de muitos outros, que nesse momento eu não me lembro) que o ajudaram a estudar, fazer universidade, ele virou policial e foi um dos que comandou muita tortura em Goiás. Enquanto isso, o Ismael, essa turma mais nova tocou as atividades.

Eu fiquei um ano na cadeia, mas foi em 1972, com o Médici, que recrudescer mais a ditadura no Brasil e em Goiás. Eu me lembro muito bem de quando desapareceu o Marco Antônio, que era irmão do Mirim, dos companheiros nossos que estão aí, alguns jornalistas, o Renato Dias, Antonio Batista Dias. Ele desapareceu e até hoje, ninguém sabe e nem tem notícias dele. Sua mãe foi uma grande guerreira, morreu vindo de Brasília, tentando uma audiência com o vice-presidente da República, na busca do filho. E ele, naquele período, tinha 15 anos.

Em 1972 houve uma prisão em massa. No Brasil a gente sabia que alguns companheiros formaram outros partidos, alguns partidos clandestinos como a POLOP, VAR-Palmares, ALN que foram para a luta armada, e mesmo o PCdoB que começou as atividades da Guerrilha do Araguaia. Nesse período eles deixaram o partidão mais quieto, mas nunca deixaram de prender seus membros, sempre recrudescendo. Embora nós do partidão também tivéssemos treinamentos militar, alguns treinamentos pequenos para saber como funcionavam os armamentos e essas coisas todas, a orientação era para que não fôssemos para a luta armada. Porque nós não tínhamos condições bélicas nem materiais de enfrentar um exército convencional. Eu acho que o partidão, o PCB, ele foi o mais procurado, mais massacrado no período do Médici e do Geisel, porque eles já tinham acabado com os nossos companheiros. Todos esses companheiros que foram para a luta armada tiveram que ir para a clandestinidade ou foram assassinados, como o Marighella e o Lamarca. Passado esse período, é que eles vieram. Esse é o entendimento que eu tenho hoje do que aconteceu com aqueles companheiros que foram para a luta armada.

A partir de 1972 foram presos alguns companheiros em Brasília, e aí foram caindo pessoas em Anápolis, muitos companheiros em Anápolis, e também em Goiânia, quando foi presa aqui grande parte dos companheiros que militavam no Comitê Municipal do PCB, e do Estadual. Houve no Brasil inteiro um grande assassinato de companheiros do Comitê Central. Os companheiros do Comitê Central Brasileiro tiveram que fugir do país,

os que deram conta. Foi dizimada mais da metade do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro daquele período. E aqui em Goiás não foi diferente. O Ismael era um dos mais novos, era o mais novo daquela turma que tinha o Wilmar Alves, que foi preso; o João Silva Neto, o Aguinaldo Lázaro Leão, que estava servindo o Exército. Todos eles foram presos, e muitos outros companheiros que a gente ficaria aqui citando o nome deles por muito tempo.

ISMAEL SILVA

Como ele era o mais novo e era muito ativo, e ao mesmo tempo tranquilo, ele conseguia cumprir a suas agendas. Ele era mais novo do que eu três anos. Ele dava conta de trabalhar, de estudar e de cumprir todas as suas atividades dentro do partido (PCB) e ainda as atividades juntas ao MDB, atividades legais da luta contra a ditadura. Ele sendo mais novo, era também responsável pela tesouraria da sua base, era responsável pela Biblioteca Municipal do Partidão em Goiânia. E sendo mais novo, ele, parece-me, foi o escolhido para a tortura. Todos eles foram muito torturados. O Ismael foi preso no começo de julho e ficou 28 dias incomunicáveis. Quando nós o recebemos, no dia 9 de agosto, nós recebemos o seu corpo. Meu pai, um dia antes, ao chegar no 10º BC para levar roupas e algumas frutas para ele, notou os soldados rasos todos nervosos. E como ele tinha feito amizade, tinha conhecimento com o chefe da Polícia Federal, o Antônio Jesus Lisboa, quando da minha prisão em 69, ele o procurou. Porque, me parece, que o Antônio Jesus Lisboa era espírita: o meu pai e todos nós éramos espíritas. O meu pai falou pra ele: “Você me falou que não estava ocorrendo torturas. Tem alguma coisa estranha, eles estão fazendo alguma coisa com o meu filho.” O Antônio Lisboa entrou em contato com o pessoal do Exército e informou ao meu pai: “Olha seu filho morreu, seu filho suicidou-se. Isso que eles me falaram.” Meu pai foi lá, e eles publicaram uma nota na Folha de Goiás que ele teria se suicidado em uma cela do 10º BC, no Pavilhão do Comando. E por ironia o nome do Pavilhão de Comando, a abreviatura era PC. E eu por acaso tinha sido preso e fiquei preso nessa mesma cela. Que é uma cela que quando você entra preso, eles tiram o cadarço do seu sapato, eles tiram o seu cinto. Não tem persiana, eles não deixam nada que possa facilitar o suicídio ou algum acontecimento. Sempre fazem isso, porque o Estado na verdade é o responsável pela vida de quem ele prende, de quem esta sob sua custódia. E eu tinha sido preso ali e não tinha naquela época, quando eu fui preso há dois anos, não existia persiana e nenhum instrumento. Eles tiram tudo da gente. Até o

vaso sanitário dessas celas é daqueles que só coloca o pé; ele é achatado. Existiam muito nos banheiros aqueles objetos para pendurar roupas, ou toalhas; eram umas pontinhas de porcelana que ficavam para cima e que, se você pressionasse, quebravam. E eles pegaram o Ismael, e após a tortura sempre faziam... Isso só depois o Aguinaldo me contou. Foi ele quem nos avisou em casa, porque ele estava servindo o Exército, era do Partido Comunista e da mesma turma, e ainda não tinha sido preso. Ele foi lá em casa com a roupa do corpo e falou: “O Ismael me falou que não aguenta mais tanta tortura; ele não sabe se aguenta, ele está sendo muito torturado.” Posteriormente ele me contou que a casa onde se faziam as torturas era a última casa do lado esquerdo da Vila Militar, que fica do lado esquerdo quando você chega em frente ao 10º BC (hoje 41º BIN). Eles levavam as pessoas ali para serem torturadas, para confessarem alguma coisa.

Eles nos entregaram o corpo do Ismael no dia 9 de agosto. E fui eu quem abriu a mão dele. Com 28 dias a unha estava muito grande, e ele estava com a unha cravada na mão. Eu abri a mão dele com muito custo: a unha grande e a mão perfurada, toda característica de retenção de nervo, que seria morte electrocutada, de tortura. Ele tinha do seu lado direito tudo preto, o seu olho direito vazado, a mão esquerda quebrada, era possível ver que estava quebrada. Eles nos entregaram o corpo desse jeito. Mas penduraram uma persiana, uma cordinha de persiana no seu pescoço, e o penduraram naquele instrumento de deixar a toalha. Colocaram a corda no pescoço e o deixaram no chão. Ele ficou com as nádegas mais ou menos as uns 20 centímetros do chão, com os pés estendidos e as mãos encostadas no chão, livres sem estar amarradas. Eu acho muito difícil uma pessoa se suicidar nesse ambiente.

Há uns 10 anos, no início do ano de 2000, o Mirim, que é o irmão do Marco Antônio, que desapareceu, ele descobriu no IML de Goiânia uma foto (há poucos meses dessa data sido publicada uma nova discussão sobre a morte do Herzog) e a foto do Herzog é a mesma foto dele, do mesmo jeitinho, pendurado para simular suicídio. O Mirim ao descobrir isso, mais ou menos no ano de 2002, ele falou, Paulo eu descobri uma foto, e me mostrou. Foi quando eu vi essa situação. Ele me perguntou se poderia publicar na revista Veja essa foto, e eu disse que sim, e saiu publicada na Veja. Falei, publica e guarda essa foto. E ele me deu outra foto dessa, que está em casa guardada. Então, ficou muito claro que ele foi morto torturado.

Eles nos entregaram o corpo na semana do dia 9 de agosto, nós o enterramos no dia 11 de agosto, e no dia 12 de agosto ele faria 19 anos. Hoje eu vejo jovens com 19 anos e vejo que naquele momento o que tocava a gente era a vontade de lutar. Porque são jovens, são crianças praticamen-

te. Eu vi, eu fui preso nesse período, eu tinha 18 anos e fiz dezenove anos lá em Juiz de Fora. Naquele momento o que levava a gente era justamente o desejo de ter democracia, liberdade. A gente só tinha o ideal da liberdade, da democracia, da distribuição de renda e das riquezas para todo mundo. Nós queríamos era justamente isso. E nós lutamos por isso.

Ficamos somente em seis irmãos, que eu ainda os tenho. Meu pai já faleceu e minha mãe também. E é aí que eu vejo que a nossa luta, até que enfim, valeu a pena. Apesar da desigualdade que nós temos hoje, o Brasil é um país maravilhoso. Mas é um país muito injusto ainda, pelo próprio sistema de distribuição de renda e de riqueza. Mas valeu a nossa luta e vou continuar nessa luta, agora para aperfeiçoar mais, para valer o desaparecimento do Marco Antônio, irmão do Mirim, do Renato Dias; para valer a morte do meu irmão e todos os sacrifícios que os nossos companheiros que foram para o exílio tiveram que enfrentar: O Lenine, a Marina irmã do Euller, que foi brutalmente seviciada aqui no Brasil, e depois no Chile. Quase que a mataram no Estádio Nacional, foi quando mataram mais gente naquele período que foi o período em que fizeram o acordo das ditaduras na América Latina, principalmente no Cone Sul. Então, as minhas lembranças são de muito sofrimento para os companheiros, mas o nosso ideal sempre colocou que nós teríamos mais o desejo de solidariedade, de companheirismo e de busca de liberdade para o povo brasileiro, não só para o povo brasileiro. Quem trabalhou, quem lutou, quem estudou; a amizade, a fraternidade que foi espalhada no mundo inteiro em busca do socialismo, sabe que a gente buscou primeiro os objetivos coletivos, e não os objetivos individuais, que todos têm direito, que é a busca da felicidade.

ANISTIA

Uma atividade que foi muito importante para a vida dos goianos, mas também para a vida dos brasileiros, foi a anistia. E essa anistia não começou em 1979 quando veio a Lei da Anistia, ela começou muito antes. Aqui, em Goiás, um grupo de estudantes, de perseguidos políticos e de pessoas que já tinham cumprido pena criou o Comitê Goiano pela Anistia. O primeiro presidente foi o Divino Dorneles, que na época era deputado estadual, ou federal; muito ativista. Era uma pessoa lá da Campininha, muito ativista. Sempre trabalhou junto ao pessoal mais carente e com o pessoal mais ativo politicamente. Então, muitos companheiros começaram essa luta e era uma luta frequente.

O Comitê teve uma atuação muito grande nas suas atuações políticas para trazer o nosso pessoal de volta, o pessoal que estava para o exterior,

que tinha sido exilado. Já tinha passado aquele período mais cruel da ditadura. Era hora de reconciliar a Nação, de reconciliar o povo goiano com suas famílias. E nessa luta nós participamos, tivemos uma atuação. Eu não participava muito porque, nesse período, quando eu saí da cadeia, em 72, eu saí e prestei vestibular para Direito na Federal. Fui fazer Direito e já tinha me decidido nesse período qual caminho que eu queria no ramo de Direito, que era o Direito Municipal, o Direito Constitucional e fui trabalhar com municípios. Em 77 eu formei e nós estávamos em uma ação muito grande do Comitê Goiano pela Anistia. Eu viajava muito. Fazendo Direito, trabalhava com outro companheiro que já tinha feito, e que, inclusive, nós nos conhecemos na prisão. Ele fazia parte daquele pessoal que foi preso em Minas Gerais, do grupo de Caparaó. Ele foi secretário geral do Clube do Sargento em Brasília, é o João do Lago Nogueira Paranaguá, que foi companheiro meu de trabalho por muito tempo e morreu em um desastre de avião, indo fazer uma defesa de um cliente no Paranã. Ele saiu primeiro que eu da cadeia; tinha sido condenado a 4 anos de prisão, e formou-se em Direito. Eu, saindo da cadeia, fui trabalhar com ele. Fui trabalhar com os municípios porque eu achava que trabalhando com municípios, acho que compensou, poderia influenciar a ação de algum prefeito, de algum vereador; poderia discutir a democracia, a verdadeira boa governança a partir do município. Para mim a nação existe, e é lá.

Eu participava do Comitê Goiano pela Anistia sempre que estava em Goiânia, e foi uma luta muito boa. Depois do João Divino Dorneles, foi um grande presidente o Predo Wilson, que é até hoje um grande amigo meu que eu respeito muito, é uma pessoa que tem uma luta muito grande pelos direitos humanos. Ele tem primeiro os projetos coletivos e depois o individual - se é que ele tem algum projeto pessoal. O Pedro - eu sempre falo isso pra ele - sempre comandou muito bem.

O PLURALISMO POLÍTICO

Nesse período foi a formação dos partidos políticos, foi quando veio o pluralismo político. Eu estava no MDB e era do partidão, embora um pouco afastado naquele período porque tínhamos sido presos, mas algumas pessoas continuaram com o partidão. Nasceu o PT, e eu estava junto com esse pessoal na época. Eu lembro muito bem que o Olívio Dutra... Naquela precisava pegar assinatura em alguns estados, me parece que em nove estados; precisava ter um tanto de assinaturas. Lembro que nós estávamos em uma reunião de atividade política, começando a pensar no PT. A gente pensava, o Partido dos Trabalhadores vai ser mais popular,

nós não vamos ser clandestinos, nós vamos ter uma ação mais efetiva... Eu sempre entendia que se fôssemos lutar pelo socialismo e comunismo diretamente, ficaríamos muito restritos na nossa ação política, porque estamos em um país de classe conservadora, e precisamos continuar trabalhando sindicatos, organização, conscientização, cultura e evolução. É o processo civilizatório. Eu achava que no PT nós iríamos fazer o trabalho. E realmente ele caminhou. Não do jeito, do pensamento que eu tenho de como gerir uma nação. Depois foi que eu entendi isso, mas fui um dos participantes. Quando Olívio Dutra passou, nós estávamos na casa paroquial, no fundo da Catedral Metropolitana. Ele passou com um livro colhendo assinaturas. Eu assinei, Pedro Wilson, parece que Atos Magno e alguns outros companheiros. Não sei se Delúbio, naquela época ele fazia parte do CPG, uma coisa assim – hoje Sintego. Eu lembro que nós assinamos, e muitos companheiros. E nós criamos o Núcleo 1º de Dezembro. Fazia parte Pedro Wilson, Sérgio Paulo Moreira, Clíce, Marco Antônio de Almeida Castro. Parece-me que Carlos Maranhão, os companheiros com os quais hoje estamos juntos. O Fernando Safatle... Vários companheiros. Tivemos uma atuação grande. E nessas atuações, na estruturação do PT, nos seus congressos, nas suas reuniões e nas suas decisões nós apresentávamos ideias, mas o partido aqui em Goiás, o pessoal do sindical foi quem ganhou a liderança, a direção dele. Então, apresentávamos ideias, e eles não discutiam as ideias, as nossas propostas de fazer um partido mais aberto para a sociedade. Nós entendíamos que trabalhador não era só o trabalhador que pega na enxada, nem o operário que está ali na metalúrgica. Nós entendíamos que todos os trabalhadores, professores, engenheiros, advogados, todos que construíam o Brasil também eram trabalhadores, tinham que participar. Um partido para ser mais amplo, mais universal, que tivesse mais poder de chegar à base, à sociedade deveria ter essa pluralidade e conviver com a pluralidade de pensamento e de ideias. Mas eles sempre ganhavam e sempre nos massacravam nas votações sem discutir as ideias e as propostas.

Naquele período, então, governador Henrique Santillo, que já era conhecido nosso, era senador, e era um dos autênticos – ele e o irmão dele, Ademar Santillo - sempre representava a gente no Congresso Nacional e nos apoiava em nossas lutas do movimento estudantil e na luta da anistia. Ele resolveu ser candidato a governador, e nos convidou, esses amigos. Nós devemos ter saído em torno de 30 a 40 pessoas do PT e fomos acompanhá-lo na caminhada para fazer a proposta de governo dele. A eleição foi em 1986, ganhamos as eleições com ele e o acompanhamos em seu governo. Em 1988 nasceu o PSDB. Grande parte dessas pessoas foi, e ele próprio

pediu que a gente fosse. E ao estudar o PSDB, as pessoas que entraram nele: Franco Montoro, Euclides Calco, Mário Covas, Fernando Henrique, José Serra e muitos outros companheiros; o Richard, que ficou encarregado do Centro Oeste, e as ideias da social democracia, isso me cativou mais. Então, a maioria que estava com o Henrique Santillo foi para o PSDB, no qual estou até hoje.

Nesse período não deixei de ter contato com todos os partidos, fiquei nessa ação até 1985, 88 que foi mais ou menos quando eles deixaram de nos monitorar. Com a vinda da anistia, em 1979, foi que fui rever alguns companheiros que tinham ido embora: Lenine Bueno Monteiro, o Euler Ivo, o próprio Tarzan, e alguns presos que tinham ido embora. Eles voltaram e todos foram para a ação partidária.

Hoje nós estamos tentando esse progresso, evoluir dentro desse ordenamento jurídico que existe. Acho que de agora para frente nós teremos mais a contribuir, mas com luta mais firme para que a gente tenha reforma política, que seja mais profunda e descente. A Lei da Ficha Limpa é muito boa para estarmos atrás disso. Que nós façamos a reforma política, que tenha partidos que representem o pensamento brasileiro... Então, nós devemos levar adiante essa luta para aperfeiçoar o sistema democrático de forma a, também, democratizar a questão econômica para que toda a sociedade brasileira tenha as vantagens do desenvolvimento econômico e da verdadeira vida em sociedade. Que todos tenham direito à educação e à saúde. Devemos estar nessa luta, e todos os companheiros estão.

Eu queria só fazer um breve período. A nossa luta na época da fundação do PT, eu vi que nós estávamos certos depois pela história. O PT só veio mesmo a influenciar a sociedade brasileira - como está sendo feito até hoje, que fez com o Lula e está fazendo com a Dilma, que está tendo um avanço ainda maior, e o período também é outro - depois que ele começou a pegar justamente as nossas ideias na época, que era abrir o partido para a sociedade. Para ter o apoio de toda sociedade organizada e de todos os seguimentos sociais; que o empresário não é nosso inimigo, ele precisa de controle; o capital financeiro precisa de controle para que, com controle em cima dele, o seu lucro vire benefício para a sociedade, e vire para todos nós, para conseguirmos ser realmente uma federação. O maior erro da nossa elite política, hoje e que eu sempre lutei e vou continuar lutando, é por uma reforma essencial para mim, que é a rediscussão do Pacto Federativo para a nação brasileira reencontrar com a nação verdadeira brasileira; com a realidade brasileira, a verdadeira Nação que é o povo, que é o município. Porque ninguém nasce na União, ninguém nasce no estado, ele nasce, vive, e tem alegrias, e tristezas, e produz é no município. É preciso

rediscutir o Pacto Federativo; os municípios merecem recursos, porque o povo mora é nele. Aí mora a verdadeira nação, o verdadeiro Brasil.

JOSÉ PEREIRA DE MARIA (Pe. Pereira)

Data de nascimento: 17/02/1926

Data de falecimento: 25/04/2013



MARCO ANTONIO PEREIRA DE MARIA

Data de nascimento: 25/05/1951



Pe. Pereira:

Estudei no colégio, depois no ginásio e isso nos fez participar de um grupo de jovens que gritava, andava. Eles não gostavam, achavam que éramos irreverentes, que estávamos em uma área e postura diferentes. Mas vivíamos assim, na luta por um Brasil diferente.

Marcos Antônio Pereira de Maria:

Papai tinha propriedade rural, tinha criações e mexia com carnaubal também, que é da carnaúba, aquela árvore nordestina de onde se extrai a borracha. Ele era o chefe, o patriarca. Casou-se com a mãe do Pereira, depois com a minha. Sou do último casamento. A família do papai era grande. Criou vários filhos.

Pe. Pereira:

Ele era inteligente, lia vários livros da época dele, mas falava firme, tomava posições raras e precisas. Todos o respeitavam. Tenho a honra de

ser filho dele. Era um lutador. Do ponto de vista intelectual, raro. Manteve na casa dele cursos e mais cursos para o pessoal da região. Era um cara ligado a muita gente do Brasil, da época, intelectuais celebres. Destoava do palpite da região na época. Hoje é diferente, de vinte anos para cá é diferente, mas grupos que participavam coordenando e propondo um projeto diferente para o Brasil, para o mundo, ele estava rente aí.

Estudei Filosofia e Teologia no grupo do seminário da igreja. Me ordenei em Olinda.

Sempre fui um cara com uma visão um pouco além e em oposição aos grupos da época.

Naquele tempo havia em uma casa ou outra a informação geral que se dava, e nós éramos contra aquela opinião. Ficávamos contra a maneira de ver da igreja, da família, e etc. Eram as circunstâncias da época.

Marcos Antônio Pereira de Maria:

Na nossa família temos o Pereira, outro irmão padre, e uma irmã freira. Papai era muito religioso, católico.

Pe. Pereira:

O palpitante da época era essa figura religiosa, tradicional de amor à igreja e ao mundo, mas a partir de Jesus. Fomos pessoas ligadas a Jesus Cristo, mesmo quando discordávamos de tal aspecto que era mais social que religioso. Foi um encanto na época viver isso.

O seminário também começava a mudar, e, então, íamos vivendo um mundo de luta pela justiça, pela participação, pelo reconhecimento, pela proposta do conjunto da sociedade. Ficávamos, de certa maneira, tentando abrir uma nova estrada.

O Pe. PEREIRA

Marcos Antônio Pereira de Maria:

Ele foi diretor do colégio em Oeiras (PI) em seu trabalho como educador. Foi também assessor do bispo de Teresina, Dom Avelar.

Quando ele veio para Goiás, vieram vários estudantes do Colégio com ele. Ele veio acompanhado de uns 15 a 20 estudantes, dentre eles o professor Zeus, que foi vereador aqui.

Pereira mudou do Piauí para Goiás porque nosso pai morreu e ele precisava assumir nossa família. Ficamos desamparados, especialmente os quatro mais novos. Ele assumiu os novos, os velhos, e até os estudantes do Nordeste que ele trouxe. Ficaram todos sob tutela e orientação dele. Isso aconteceu nos anos 60.

Foi de suma importância. Quando meu pai morreu eu ainda era novo, não tinha conhecimento de nada, e o Pereira praticamente foi meu pai, meu e de todos os meus irmãos. Ele nos orientou e nos deu toda a formação que temos hoje.

Sou católico, mas uma coisa interessante é que ele nunca disse que eu tinha que ir à missa. Ele nos deixava livres e nos dava a oportunidade de escolhermos o que queríamos. Sua inteligência e formação como educador nos deu a oportunidade de escolha.

Pereira quando chegou a Goiânia foi o vigário da Vila Operária, e lá conseguiu reunir todas as religiões em torno da igreja. Toda a comunidade, o espírita, o protestante, o católico, todos fazendo o mesmo trabalho social para a comunidade. Os sem-terra também.

Padre Olímpio também andou participando do movimento que o Pereira operava. A meu ver, foi a inovação do Clero em Goiás, com sua participação na assessoria de Dom Fernando.

Uma passagem interessante aconteceu quando Dom Fernando o convidou para assessorá-lo. Naquela época os estudantes da Faculdade de Direito, na Rua 20, e todos os movimentos estudantis de revolta “enterravam” Dom Fernando. Faziam um caixão e “enterravam” Dom Fernando como Bispo reacionário da época. Dom Fernando disse ao Pereira que precisava de um padre como ele, ligado a juventude para assessorá-lo, pois ele estava em maus lençóis. Pereira então foi trabalhar com ele e assessorá-lo.

Naquela época existia uma turma bem ativa. Esse pessoal que “enterrava” Dom Fernando, era o pessoal que convidou Guevara e Fidel Castro para serem paraninfos da turma. Fidel Castro não pôde vir, mas Guevara veio. Foi na época em que Jânio Quadros era presidente da República. Veio e participou da posse do Centro Acadêmico de Direito da Federal, na Rua 20.

A partir daí pararam de “enterrar” Dom Fernando pela ligação do Pereira com ele.

Foram criados os grupos de jovens católicos: Juventude Estudantil Católica - JEC, Juventude Universitária Católica -JUC. Dentre esse pessoal podemos nos lembrar de alguns como: Pedro Wilson, Alvaní, Zoroastro, Flávio Peixoto, Ovídio de Angelis, Gilberto e Dr. Gilvan.

Dentro de todas essas movimentações, o casamento do Pedro Wilson, por exemplo, foi na minha casa. Pedro Wilson morava em uma república e trabalhou com o Pereira por muito tempo na Pastoral da Terra, na igreja, dentro dos movimentos religiosos.

O casamento do Valdir Camércio também foi na Utopia. Pereira tinha uma chácara que se chamava Utopia, onde se reunia todo esse pessoal

da época da ditadura. O casamento do Valdir foi com Pereira, Ático Vilas Boas e o professor Milton Cabral vestindo uniformes ortodoxos russos. O Pereira, católico, em cima de uma carroça. Esse tipo de atividade era feito na chácara dele.

Foi um processo muito bom na época, com novas mudanças, novas orientações. A meu ver, Pereira tem uma participação fundamental nisso aí, nessa mudança de formação da Igreja Católica em Goiás, partindo de Dom Fernando.

Mauro Borges convidou o Pereira para ser seu secretário da Educação na época, e ele não quis. Pereira nunca quis participar de Governo. Ele fazia o trabalho dele, mas não queria ser Governo. Veio então padre Rui para ser Secretário. Posteriormente, ele insistiu muito para que Pereira fosse seu secretário de Trabalho, e ele também não aceitou.

Pereira tinha um relacionamento muito bom com Mauro Borges. Inclusive, estive no Batista Custódio há uns dez anos atrás com Adhemar Santillo em uma entrevista, e o Batista perguntou quem era o irmão do Pereira. Adhemar disse que era eu. Custódio então me mostrou uma foto do Pereira benzendo a pedra fundamental do BEG na Praça dos Bandeirantes. Na foto estavam, Pereira de batina, Mauro Borges e Pedro Ludovico.

Nosso processo na época foi ativo, participativo em todos os sentidos. Acho que o Pereira e outros dessa agregação entre a igreja e os movimentos que participaram do processo contra a ditadura tiveram uma participação fundamental e importante na área educacional. Os jovens estavam desorientados e precisavam de orientação.

Pereira foi fundamental na área dele. Dava oportunidade para os caras se expressarem, inclusive no relacionamento com a igreja que era difícil.

Na área educacional ele foi professor da Federal e da Católica. Dirigiu departamentos na Federal como o ICHL. Na Católica foi reitor por várias oportunidades. Sempre esteve ligado aos movimentos.

Acho fundamental a participação dele.

O GOLPE

Marcos Antônio Pereira de Maria:

Naquela época eu era muito novo, mas me lembro de algumas coisas.

Na época do golpe vários políticos correram para Goiás, para serem escondidos da ditadura, pois a perseguição foi violenta. Dentre eles me lembro de Almino Afonso, que foi ministro do Trabalho de Jango. Pereira juntamente com Dr. Samir conseguiu guardá-lo e ele ficou um tempo em Goiás, sendo protegido pelo pessoal ligado ao Pereira e outros amigos.

Posteriormente o Pereira teve um trabalho efetivo com grupos religiosos. Começaram as perseguições contra o povo, contra os estudantes, e tiveram esses grupos autênticos e sérios que não aceitaram, e começaram a demandar contra, apesar da igreja ter apoiado o golpe militar. Esses grupos sérios, mais ativos começaram a se rebelar e participar com os jovens, não aceitando aquilo que estava sendo implantado no país. Com o trabalho de inovação, de um mundo melhor do Pereira, não tenha dúvida, começaram as perseguições também.

Houve um caso de um padre, assessor do Dom Helder, que foi morto em Olinda, e alguns amigos do Pereira vieram atrás dele para dizer que ele tinha que sair porque senão ele seria o próximo.

Foi uma passagem difícil e o Pereira foi para o exílio. Ficou por uns quatro anos na França, mas não ficou sem participar de nada, ele deu aula na Sorbonne, em Paris. Pereira sempre teve esse trabalho ativo no meio dos jovens, da comunidade menos favorecida, na educação. Ele foi um dos fundadores da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Católica. Foi Reitor da Universidade Católica durante dezesseis anos. Pereira tem uma participação fundamental na estrutura da Católica, a começar dos jovens. A Universidade foi ampliada na estrutura, nos cursos. A criação do Museu do Cerrado que hoje é considerado o número um em visitas de turismo em Goiás. Ele teve essa visão do futuro.

Tentou também a democratização do processo de escolha dos reitores da Católica. Pedro Wilson, inclusive, foi eleito legalmente como reitor da Católica em uma eleição popular entre os estudantes, professores e funcionários. Lembro-me que na época seu adversário foi Jônathas Silva, que posteriormente foi secretário da Segurança Pública, e Pedro o venceu.

Foi também na época do Pereira que se iniciaram os trabalhos pela TV que foi recentemente inaugurada pelo novo reitor. O requerimento para criar a PUC foi iniciativa do Pereira na época. Nesse processo todo, acho que ele tem participação fundamental em tudo que está hoje aí.

Houve um processo violento na parte de moralização e evolução para um mundo melhor, de ligações com a igreja, os estudantes, os jovens, e o povo em geral na comunidade. Teve perseguições, e em duas, ou três, foi detido. Teve várias passagens como sendo inimigo do regime militar.

No processo de greves estudantis, os estudantes se apoiavam na igreja. Só tinham o apoio da igreja, que era Dom Fernando e o Pereira. Os estudantes iam para a Catedral em todas as atividades. Até hoje os professores mantém esse contato com a igreja.

Em uma dessas greves estudantis, a polícia entrou e atirou dentro da igreja. Telmo de Faria, que também era dessa turma de Direito de 60 da

Federal, levou um tiro dentro da igreja. Estavam também querendo pegar o Pereira, e Dom Fernando se alterou. Meira Matos esteve aqui, entreviu, e disse muita coisa para o Coronel.

ANISTIA

Marcos Antônio Pereira de Maria:

Coloco o problema do Pereira como o do Gilberto Gil com Caetano. Chegou uma hora que o negócio não era ficar lá, era voltar.

O mundo e o Brasil já haviam mudado um pouco. Já se estava tendo o processo de abertura da anistia, e os amigos dele, professores, intelectuais, padres da época acharam que ele deveria voltar, como ele voltou. Ele ainda voltou antes da anistia.

A anistia na época em que veio, foi a da época do Prestes, de outro pessoal. O problema da anistia foi com o pessoal mais novo. Pedro Wilson foi o Presidente da Comissão da Anistia por muito tempo. João Divino Dorneles, deputado de Campinas, já falecido, foi também um dos primeiros presidentes da Comissão da Anistia. Esses grupos que ficaram participaram ativamente do processo de discussão dessa abertura democrática. Era esse pessoal mais novo como o João Silva; Paulinho de Jesus; Mirim do grupo Tortura Nunca Mais, o irmão do Marco Antônio, que morreu e está desaparecido; o Malan; o Jacques; Rui Português, que foi deportado; Chiquinho Sapienza, que participava do grupo do Lyceu; Juarez Ferraz da Maia; a Olga D'arc Pimentel, que foi presidente do Grêmio do IEG; o Alan Kardec, presidente do Grêmio do Lyceu de Goiânia; e muitos outros da minha época de secundarista.

A Lei de indenização aos anistiados começou com Fernando Henrique Cardoso na tentativa de reparar esses episódios ruins que aconteceram no nosso país. Ele criou essa Lei para amparar. Muitos morreram, muitos sofreram. Tentaram reparar, mas não há como reparar a morte de um cara que foi torturado, espancado. A tortura física política é violenta.

Fernando Henrique Cardoso conseguiu abrir esse processo que achei importantíssimo. Veio o Lula, aperfeiçoou, e está agora a Dilma também tentando agilizar esse processo, mas é difícil mudar a sociedade de um dia para outro.

Ainda existem uns desvios, que agora mesmo o Estado de 30 está aí do mesmo jeito. Houve esse processo de democratização, mas não tiveram muitas mudanças do aparelho repressivo no país. Continua o mesmo, intacto. Podemos observar as atitudes, como houve recentemente em São Paulo, numa desapropriação. Entraram como se os caras fossem perigosos.

Derrubaram as casas, espancaram velhinhas, mães, filhos. Um ato desses em uma democracia, em pleno Governo nacional do PT. Porque lá era do PSDB, partido do Fernando Henrique Cardoso, que também esteve exilado e foi anistiado.

O processo não mudou muito. Tem um dito popular que diz “Mudou a coleira, os cachorros são os mesmos”. Mesmo que alguém tente mudar a estrutura, o processo é violento.

Henrique Meirelles, que era presidente do Grêmio do Ateneu Dom Bosco, criou a CGE – Cooperação Goiana dos Estudantes para apoiar o golpe militar contra a União Goiana dos Estudantes Secundaristas - UGES do Tarzan, do João Silva, do Santa Cruz e de muitos outros.

Depois disso, Henrique Meireles sumiu de Goiás, desapareceu, e nesse processo de transformação não tinha quem cuidasse da CGE, e o pessoal que lutava contra a ditadura a assumiram na clandestinidade. Dentre eles, Juarez Ferraz da Maia, professor da Federal, que também esteve no exílio e trabalhou com Samora Michel em Moçambique, como Padre Rui que também participou na época. Foi um processo de reintegração da sociedade civil.

Como a vida muda! Henrique Meirelles, presidente do Banco Central em um Governo de esquerda do PT. Lula o convidou. Para vermos como a política é dinâmica, Meireles ajudou a criar um negócio para massacrar o pessoal da esquerda, depois voltou sendo chefe da área mais importante do Governo, o dinheiro, o capital. Estamos um mundo capitalista, o capital é que domina tudo.

MARCOS PEREIRA

Dentro desse processo, eu também tive um problema com a revolução, estive preso por sete meses. Participei dos movimentos estudantis em Goiás, e no Brasil.

Naquela época aconteceu uma passeata, e depois da repressão da passeata, no dia 7 de setembro, houve um choque com as forças de segurança. Euler Ivo e sua irmã Marina tinham uma participação ativa, eram daquele pessoal da Campininha. Paulinho de Jesus também, e foi presidente do Grêmio. Nós tínhamos atividades em Goiânia, eles na Campininha, mas nos uníamos em um bem comum, que era lutar contra a ditadura. No dia desse protesto, mataram um lavador de carro na Praça dos Bandeirantes pensando que ele era o Euler Ivo.

Dentro desse processo nessa época, fomos para um congresso da UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, em Belo Horizonte,

na Avenida Amazonas, no Colégio dos Padres Salesianos. Esse congresso foi realizado a uma quadra da 4ª Região Militar.

Fizemos o congresso, e pela força política de Goiás conseguimos eleger três elementos que nem para o Congresso foram: o Alani, o Euler, que elegemos para um cargo importantíssimo, secretário Geral da UBES, sem ele nem ter ido ao Congresso.

Goiás era considerado nos congressos daquela época como terceiro colocado a nível nacional, só perdíamos para o Rio e para São Paulo. Apesar de ser um Estado pequeno naquela época, o movimento era muito atuante. Tínhamos uma participação muito ativa, de linha de frente.

A diferença dos grupos mais ligados à igreja e a do pessoal mais tradicional era que nosso pessoal ia para a rua protestar contra a ditadura. No dia 7 de setembro o pessoal fazia passeata enquanto o pessoal estava desfilando. Por várias vezes chegaram a cercar o Lyceu durante a noite para que os estudantes não saíssem, mas onde os grêmios eram ligados à igreja, os estudantes eram mais combativos, mais atuantes.

O pessoal não era muito bom de reunião, era no participativo, no dia a dia, na luta mesmo.

A Polícia Federal prendeu vários colegas meus da área estudantil, o DOPS, a Polícia Estadual, e em Goiás me parece que somente eu fui preso pela Polícia da Aeronáutica. Mandaram um avião da Aeronáutica para me buscar sozinho.

Fiquei por três horas no 10º BC, o avião veio me buscar especialmente, e fui para Brasília. Fiquei na Base Aérea de Brasília por volta de uns trinta dias, e depois fui transferido para o Pelotão de Investigações Criminais - PIC da PE, lá tinha X1 e X2. Dentro desse período tive a oportunidade de conhecer frei Beto.

De Goiás estavam presos também o presidente do PT Valdir Camarcao; o Vanderlindo de Catalão, que é geólogo; João Arnolfo, Alan Kardec, que foi Presidente do Grêmio do Lyceu; Jacques Silva, que hoje trabalha na assessoria de um senador do PTB em Brasília; e a Olga D'arc Pimentel. Tiveram outros que não foram presos comigo, mas que também tiveram papéis importantes na época. Foi o caso do Mirim, do Grupo Tortura Nunca Mais, do seu irmão Marco Antônio, que o corpo até hoje está desaparecido; Chiquinho Sapienza; Rui, que era português e chegou a ser deportado na época.

Esses colegas eram todos da época estudantil e alguns partiram para a luta armada. Todos eles foram presos, porque a maioria já estava nesse processo de luta. Na época quando fui preso, eles pensaram que eu também estivesse.

Quando fui preso Pereira não estava no Brasil, e eles achavam que eu estava coordenando alguma coisa em Goiás. Deram-me essa relevância e me levaram para Brasília. Fui torturado, me levaram para o final da pista e disseram que se não entregasse, inclusive o Pereira - eles diziam que ele e o Dom Fernando eram comunistas - que eu seria fuzilado na pista do Aeroporto de Brasília. Na base estava chovendo, era mês de fevereiro. Foi um processo violento, peguei uma pneumonia e fiquei no Hospital Militar por uns quinze dias. Estava com minhas pleuras inflamadas devido as porradas que levei nas costas. Foi um processo difícil.

À medida que iam prendendo meus colegas que estavam no processo de luta armada, eles iam me tirando a culpa. Na época me chamavam de Pereira, e concluíam que eu não estava nesse processo, que meu processo só foi na época da política estudantil. À medida que prendiam um, me tiravam um pouco da responsabilidade.

Aconteceu um processo em que o General Bandeiras pegou a turma toda de Goiás, disse que arrumaria emprego para todos, e todos iriam à televisão dizer que estavam arrependidos de terem sido terroristas. Os outros aceitaram, eu disse ao General que não iria porque eu não era terrorista. Disse ainda que havia lutado por um mundo democrático, contra a ditadura, mas que eu não havia feito nenhum ato de terrorismo. Eles disseram que então eu mofaria por mais tempo. Os outros saíram e eles realmente arrumaram emprego para cada um deles.

Quando saí, eu tinha um empreguinho, fui mandado embora porque não tinha voltado mais, tentei voltar, mas não consegui.

Tinha um bispo de Porto Nacional, Dom Alan, um francês que conhecia o Pereira, conhecia todo mundo. Fiquei confinado lá por seis meses sob a responsabilidade da polícia. Não podia sair da estrada, ficava em quarentena.

O Bispo me levou um dia para almoçar e me deu uma carta para que eu pudesse encontrar um emprego. Até hoje guardo essa carta, dizendo que eu era uma pessoa boa, de família religiosa, irmão de padre, que eu não participava de luta armada. Eu não consegui emprego, foi uma fase difícil aquela. Quando saía na rua aqui em Goiânia e encontrava algum conhecido, ele corria para o outro lado da rua para não me cumprimentar. Dava aquele baque violento nas pessoas.

Naquela época eu estava preso com o Jacques, e tinha o Dr. Rômulo, um famoso advogado que defendia os presos políticos de Goiás. Em uma de suas idas, houve um acidente com a mãe do Jacques. A mãe dele morreu em um dia de quinta feira, dia de visita para os presos. Dr. Rômulo levava os parentes para visitarem os presos. Eu estava na cela ao lado da

do Jacques. E nessa quinta feira, às 8 horas, ele bateu na mesa me chamando, me dizendo que estavam soltando ele, que ele estava indo para casa. Ele ainda me perguntou se não tinha algum recado, eu disse para que ele dissesse que estava tudo bem comigo. Quando foi às 22 horas ele voltou, tinham levado ele para o enterro da mãe dele.

Jacques Silva sofreu muito. Presenciei sua passagem pelo 10º BC, passagem violenta. Um capitão, que lamentavelmente se chamava Marconi, falava que Jacques era perigoso, chegava com um cigarro aceso e colocava a ponta queimando o braço do Jacques. Presenciei esses episódios vividos por ele. Hoje ele está bem, vive em Brasília e é assessor de um senador.

Eu assessorei quase todos esses governos do PMDB. Desde a época do Iris e do Santillo, meu último cargo comissionado foi de secretário Particular do Prefeito de Anápolis, Adhemar Santillo. Sou ligado à família há mais de trinta anos. Houve um processo em que eles lutaram contra a ditadura e eu, como estudante naquela época, fiquei encantado com o Henrique e Adhemar Santillo, os irmãos coragem. Eram os únicos que falavam contra a ditadura.

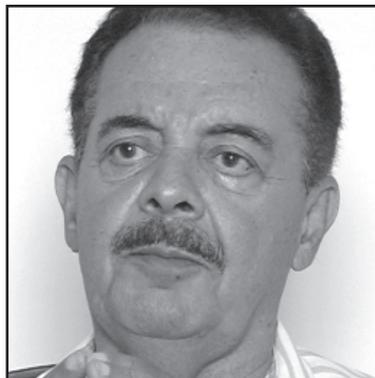
Teve uma diferença muito grande entre o Governo do Iris, do Nion e de outros. Esses outros não iam para a luta. Eles foram votados para o serviço, foram cassados, mas voltaram calados sem falar nada contra a ditadura. Os Santillos eram quem de fato metiam o pau contra a ditadura militar. Lutavam em favor dos trabalhadores, operários, estudantes. O pessoal do PC do B também, entre eles o Aldo Arantes. Era essa a frente que existia.

Naquela época não tinha PMDB, Arena, PT, era uma grande frente, e todos ficavam no MDB, que hoje é PT, PC do B. Com a anistia os partidos se dividiram e cada um seguiu sua orientação.

A meu ver foi um processo violento nessa época. Mas tudo passa e está hoje esse jovem aí, Padre Pereira.

TARZAN DE CASTRO

Data de nascimento: 05/06/1938



Meu nome é Tarzan de Castro. Tarzan é um nome diferenciado, que era sempre notado. Nasci em Alto Araguaia, no Mato Grosso, na década de 30. A família da minha mãe era retirante do Nordeste. Meu avô morreu no caminho fazendo roça. Minha mãe foi criada por um tio que tomou conta da família - tio Cirilo Rodrigues da Silva, que se converteu e, inclusive, morreu como religioso. Ele nunca se casou, era religioso demais.

Minha mãe era filha única e não podia ler nada. Só podia ler coisas da catequese do padre do Alto Araguaia na época. Ela era inquieta, queria ler outras coisas. Havia um comerciante árabe considerado muito sério por lá, João Zaiber, dessa família Zaiber que tinha aqui, eram vários, e meu tio autorizou que ela lesse o que esse senhor lia e recebia pelos Correios. Dentre as obras que ele recebia, tinha romances do Tarzan (naquela época nem eram quadrinhos) eram romances. Era o que ela lia, e então se apaixonou por aquele herói e disse que seu primeiro filho se chamaria Tarzan. Sou simplesmente de uma série de onze que ela teve; e tive que carregar esse nome. Até tentei mudar de nome, pois sofri e apanhei muito. Tenho riscos nos braços de cortados porque apanhava na rua. Bater no Tarzan era uma glória. Naquela época Tarzan não era como hoje; Tarzan era como o Batman, o herói dos quadrinhos.

Com doze anos de idade já em Jataí, tentei trocar de nome. Fui ao cartório e quando minha mãe soube, precisava da autorização dela, ela desabou a chorar e chorou por uns três dias. Então tomei uma decisão: até o fim da vida, velhinho, estarei de bengalinha, mas continuarei com prazer a chamar Tarzan por causa da minha mãe.

Falarei dos codinomes chamados, também, de nomes de guerra. Quando se estava na militância clandestina, você não usava seu nome (ainda mais

se chamando Tarzan), era a mesma coisa de chamar o policial. Todos tinham o nome de guerra e isso fazia parte das regras da clandestinidade.

Tive vários nomes de guerra ou codinomes, eram: Sérgio, Antônio, Paulo, Rodrigo, Rogério, me lembro de vários.

Eu era do partido e o partido o transferia para que você atuasse, por exemplo, no interior de São Paulo. Se precisasse ir para a capital, você teria que usar outro codinome. Em Pernambuco fui preso com outro nome.

Em uma época vi um material do Exército onde se relatava como eram as características do indivíduo: a altura, o cabelo e os codinomes que poderia estar utilizando. Então, ter codinome era uma regra geral, não era um caso específico meu; todos militantes tinham, e era uma maneira de se proteger. Você chegava a uma reunião de quem você não conhecia, havia dez caras cada um com seu codinome, até para que você, em caso de prisão, não entregasse seu companheiro. Você poderia até falar o codinome, mas o nome verdadeiro era uma maneira de proteção da clandestinidade, e isso é universal.

MILITÂNCIA

Por volta de 1956, me mudei de Jataí para Goiânia. Em Jataí eu já militava, fui presidente do Grêmio do Colégio Estadual Nestório Ribeiro. Trabalhei em teatro. Havia uma figura interessantíssima do DNE, um carioca, diretor de teatro, seu João. Montávamos peças de teatro e eu participava dessa situação. Fui presidente do Grêmio e organizamos em Jataí uma série de atividades do movimento estudantil. Participávamos de congressos estaduais e reuniões do movimento.

Quando voltei para Goiânia eu era um militante. O que eu não tinha realmente era uma formação; nenhuma opção ideológica, uma postura do ponto de vista do engajamento. Era um movimento estudantil sem compromissos maiores. Tínhamos compromisso apenas com o setor, com a categoria. Era puramente do movimento estudantil secundarista.

Vim para Goiânia, fui estudar no Lyceu. Naquela época o movimento estudantil era muito forte. A população em Goiás ainda era muito pequena. Goiânia era uma cidade de provavelmente duzentos e poucos mil habitantes. Todo mundo conhecia todo mundo; a maioria se deslocava a pé ou de bicicleta. Tinham algumas lotações, mas as próprias pessoas da chamada elite da época eram ciclistas. Foi nesse quadro que cheguei à Goiânia e fui estudar no Lyceu. Já vinha com algum conhecimento, pois já havia participado de congressos estudantis fora de Jataí e vim para Goiânia com algumas ligações.

O Lyceu era um colégio-centro das atividades. Naquela época a Universidade Federal não existia, as universidades não existiam. Inclusive a Faculdade de Engenharia funcionava no próprio Lyceu. Na Rua 20 funcionava a Faculdade de Direito, que era a mais importante. Tinha uma Faculdade de Farmácia e outra que, se não me engano, era de Odontologia. O fato era que quase não havia um movimento universitário. O movimento secundarista era que ocupava esse espaço, e os universitários eram os agregados. Posteriormente as coisas foram mudando, o conteúdo da movimentação; mas o movimento estudantil secundarista e posteriormente o movimento universitário, tinham uma papel muito importante dado, acredito, por essa fragilidade do ponto de vista industrial e comercial que era a realidade política e sociopolítica econômica de Goiás na época.

Fui bedel no Lyceu, foi meu primeiro emprego em Goiânia. Em Jataí trabalhei muitos anos como ourives. Vindo pra cá, pensei que para me manter aqui trabalharia como ourives, mas chegando consegui esse emprego de bedel no Lyceu. Eu vigiava a disciplina de alunos e professores.

Com o passado que eu tinha, com o conhecimento que eu já possuía e com a disposição de militar no movimento estudantil influenciado por muita situação concreta que existia na época, passei logo a ter um destaque no movimento estudantil dentro do Lyceu. Logo no primeiro ano houve eleição para a presidência do Grêmio; candidatei-me e incrivelmente fui eleito presidente deste que era o principal Grêmio da época. Não sei se pelo meu nome, se pelo apoio que consegui dentro do próprio movimento estudantil, ou se porque as pessoas que se destacaram no Lyceu estavam ligadas a mim. Dou um destaque especial a Sanito Arantes, que era presidente do Grêmio do Lyceu, e eu o substituí. Ele era irmão do Aldo Arantes e principal figura da família naquele momento. Tivemos uma ligação muito profunda, uma imensa amizade; ele me apoiou e, em consequência disso, uma série de outras lideranças.

Fui presidente do Grêmio do Lyceu, se não me engano, nos anos de 1957 e 1958. Foi esse um período muito intenso. Houve muita movimentação e naquela época as lutas já eram marcadas por uma luta nacionalista, democrática; luta pelo Petróleo é nosso, luta por bandeiras nacionalistas. Havia um movimento que era fundamentalmente do Partido Comunista Brasileiro, que era a principal força política de esquerda. Tinham as variantes como os trotskistas, que chamávamos de neo trotskistas; o pessoal que era ligado a Política Operária - POLOP; e o pessoal que era ligado a uma tendência mais radical dentro do partido. Havia essas variantes, mas o centro era o partido.

Podemos destacar pessoas importantes para o movimento estudantil na época, e depois no movimento comunista: Elbio Guimarães de Brito,

por exemplo, um ‘figuraça’ no partido; Walter Valadares; Meire Baiocchi que estudava no Lyceu (fundou o movimento da Liga Feminina do Lyceu na minha época) foi a pioneira do movimento feminista em Goiás ligada ao Partido Comunista Brasileiro. Tinha uma quantidade imensa de profissionais liberais. Tinha o Chico Chagas, Chicão. Havia vários militantes do partido que temos que lembrar inclusive para não cometer injustiça. Havia uma intensa mobilização feita pelo Partido Comunista Brasileiro.

Tinham os chamados grupos católicos que também tinham uma influência muito grande. Nessa época, logo em seguida, chegou a Goiânia o Padre José Maria Pereira, que veio com a missão de organizar o movimento junto à juventude da igreja. Era um padre muito carismático, com uma influência muito grande, que conseguiu organizar a Juventude Universitária Católica -JUC, a Juventude Estudantil Católica - JEC. Nesse desdobramento posso me lembrar de algumas lideranças dessa época ligadas a ele; por exemplo, Vi D’angelis, o Vaní de Andrade, Henrique Meirelles, que estudava no Lyceu, Solon Amaral, Zoroastro Maranhão, enfim, era uma comunidade católica militante e que nos contrapunha.

Caí nos braços da esquerda porque eu morava em uma república na Avenida Paranaíba e lá tinha um militante do Partido Comunista Brasileiro, que era meu colega de república, e ficamos muito amigos. Ele dizia que eu era uma pessoa que trabalhava no movimento estudantil, mas que não tinha cabeça nem orientação e que eu acabaria sendo instrumento da direita. Dizia que eu era mais de direita que de esquerda e que um homem inteligente como eu precisava ler e estudar. Enfim, me deu uma “barriada” brutal e aquilo me chamou atenção.

Ele me deu algumas coisas para que eu lesse. Eu nunca me esqueço de que dentro da literatura de esquerda ele me deu o livro “Os dez dias que abalaram o mundo” e disse que eu precisava lê-lo. Eu tinha muito tempo vago e li o livro, que realmente mexeu comigo. Abalou-me profundamente e passei a ter uma simpatia, uma aproximação com as ideias de esquerda a partir daí. Esse companheiro se chamava Antônio Siqueira. Quero até prestar uma homenagem a ele, que hoje é falecido. Foi uma grande figura e grande amigo meu. Ele estudava na Escola Técnica de Goiânia, era do Partido Comunista Brasileiro e deu uma guinada na minha vida do ponto de vista ideológico.

Fiz um processo de ascensão dentro do movimento estudantil. Na época participávamos de muitas greves, e além das bandeiras nacionais, bandeiras democráticas, bandeiras nacionalistas, havia as bandeiras específicas do movimento. Era luta pela escola pública, luta contra o aumento das anuidades escolares, luta a favor nas áreas de cinemas, de espetáculos, de entretenimento. Havia uma movimentação muito grande com reivindi-

cações específicas do movimento dos estudantes. Era um movimento muito forte. Quando desenvolvíamos uma dessas atividades, tínhamos uma influência imensa; parávamos a cidade.

Na época os prefeitos eram praticamente simbólicos, não tinham muita força; tinham um gabinete para sentar e mais nada. Quem mandava em tudo era o governador. Na época, em Goiânia, quem detinha todo o poder era o governador. Nossos confrontos eram com a polícia.

Os governadores de um modo geral eram quase todos ligados ao PSD; e, como as pessoas diziam, existia o PSD progressista e o PSD conservador. Lembro-me do José Ludovico de Almeida, depois José Feliciano, depois Mauro Borges - nessa sequência. Todos esses governadores de um modo geral davam certo acolhimento ao movimento estudantil. Quando a situação ficava muito complicada, confrontos com a polícia, o governador entrava e colocava panos quentes. A salvo no movimento do dia cinco de março que foi uma tragédia.

5 DE MARÇO DE 1959

Era um movimento contra o aumento da anuidade escolar. Houve uma repressão e, então, convocamos uma greve e uma espécie de comício que aconteceria na Praça do Bandeirante. Lembro-me que o movimento na cidade estava muito intenso e havia uma luta política, que até hoje não sabemos se foi específica para a repressão do movimento estudantil, ou se foi uma luta interna de poder dentro do próprio PSD. Porque Juca Ludovico estava saindo do PSD para ser o candidato da oposição, no caso a UDN. O governador era José Feliciano Ferreira, que ficou com o velho PSD ao lado de Pedro Ludovico. Juca Ludovico rompe com o PSD e essa ruptura rompe também a estrutura dominante. Muitos interpretavam que eles provocaram essa situação, pois aquela repressão não se justificava.

Lembro-me de que o comandante chegou e me falou, junto com José Martins, que tínhamos cinco minutos para sair. Dissemos que cinco minutos era pouco, que podíamos dialogar, conversar. Ele dizia que não tinha conversa e que era para avisar o restante das pessoas. Dizíamos que não poderia ser daquela forma, e nesse ínterim já começaram os tiros. De princípio pensei que eram festins, bombas de gás de efeito moral, e de repente as pessoas começaram a cair. Próximo a mim um cara levou um tiro no peito, sangrou-se todo; o pegamos e a bala estava alojada no corpo. Então, vimos que se tratava de balas verdadeiras.

Naquela época na praça não existiam os bancos que existem hoje: Banco Itáú, BEG. A Praça do Bandeirante era só tijolo. Para terem uma

ideia do que era Goiânia, ali não existiam aqueles prédios, eram apenas lotes. Isso aconteceu no ano de 1959.

O pessoal começou a pegar pedras e a jogar, complicando a situação; jogando pedras em caras armados, com armas de fogo. Quando começamos a sentir as pessoas caindo, um aqui, outro ali, foi um pânico generalizado. Várias pessoas feridas. Tenho a impressão que por sorte as pessoas só foram para os hospitais, acho que não chegou a morrer ninguém. Eram várias pessoas feridas. A cidade no outro dia ficou um caos.

Acho que essa ordem jamais partiu de José Feliciano. Acredito que tenha sido uma precipitação dentro da polícia, ou jogada de interesses políticos. Havia uma interpretação de que o pessoal que apoiaria Pedro Ludovico teria provocado aquele acidente para ser colocado como responsabilidade do governador, que apoiava Mauro Borges. José Feliciano Ferreira vive até hoje e deve ter quase cem anos.

No outro dia convocamos um imenso comício na Praça Cívica, em frente ao Palácio. A cidade parou, a praça ficou cheia e nós fizemos uma reivindicação. Na praça estava a pessoa que queríamos, parecia até combinado, mas não era. Queríamos mudar o secretário, que era o Tales Reis. Exigimos a sua demissão e de todos os delegados de todos os distritos de Goiânia que considerávamos envolvidos. Fomos chamados ao Palácio, e o governador, que era meu amigo pessoal de Jataí, disse que não acreditava que eu, seu amigo, estava fazendo uma agitação daquelas. Disse a ele que não era agitação e que o hospital estava cheio de feridos e que havia acontecido uma tragédia naquele momento.

A cidade estava toda na praça. Os estudantes pegaram Reinaldo Baiocchi e saíram carregando-o e exigindo que ele fosse o secretário. Conclusão: o governador demitiu o secretário e todos os delegados e, ainda, nomeou Reinaldo Baiocchi como secretário de Segurança Pública, como queríamos. Foi uma vitória e um acontecimento inéditos. Nunca ouvi dizer que um movimento estudantil se desenvolveu a este nível e a este ponto. Esse foi o maior exemplo da força desse movimento aqui. Conseguimos pós cinco de março essa vitória.

COMÍCIO DE JUSCELINO KUBITSCHEK EM JATAÍ

Eu era garoto, estava lá; e por coincidência estava também Toniquinho, que é muito meu amigo. O comício de Juscelino, que andou muito o Brasil para a campanha à presidência, era o acontecimento da cidade. No discurso de Juscelino, Toniquinho pediu uma parte e lhe perguntou se caso fosse eleito cumpriria o aditivo constitucional que determinava a

mudança da capital federal para o Brasil central. Em um ato de desprendimento, Juscelino disse que sim. Aquilo poderia ter sido mais uma conversa de palanque, de campanha, mas na realidade acho que aquilo o tocou profundamente.

Juscelino era candidato à presidência pelo PSD e essa campanha aconteceu em 1954 e 1955. Se não me engano ele foi presidente de 1956 a 1961.

Nossa região foi revolucionada, pois era aquela história que todos sabem: tudo acontecia no litoral. Com a decisão de Juscelino de mudar mesmo a capital, a história do Brasil pode ser contada antes e depois, sem dúvida. O próprio Governo de Juscelino foi um governo marcante, progressista, democrático e de grandes avanços para a sociedade brasileira, tanto do ponto de vista político, como do ponto de vista material e econômico. Nós da região saímos do isolamento. Conheço Goiás antes da criação de Brasília, era o isolamento total. Vivíamos longinquamente, quase que longe de Deus e perto do Diabo; era difícil a vida aqui. Houve uma revolução, isso é inegável e graças àquele início em Jataí.

O CRESCIMENTO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Havia uma dissidência do movimento estudantil, e a essa altura nós já tínhamos fundado uma entidade que se chamava Frente Democrática dos Estudantes e a fundimos com a antiga UEG – União dos Estudantes Goianos – fundando a União Goiana dos Estudantes Secundaristas - UGES. A UGES se tornou uma entidade estudantil ampla, e depois do cinco de março se tornou uma entidade muito forte e respeitada. O governador na época atendia as nossas reivindicações. Passamos a manter a sede da entidade no Lago das Rosas, no antigo Castelinho, que era uma construção art déco muito bonita onde antes funcionava uma boate. Passamos a ocupá-la e construímos um restaurante estilo dormitório. Foi um momento de fortalecimento muito grande do movimento estudantil.

Fui fundador e, por duas vezes seguidas, o presidente da UGES. Achei tendo uma projeção fora da realidade. Nessa época eu já estava engajado com a esquerda. Não cheguei a entrar no Partido Comunista nessa época, mas era muito esquerdista. Entrei naquela coisa meio primária. Abracei aquela causa toda como se fosse o salvador da pátria, da humanidade e sem querer me liguei a correntes que achavam que o Partido Comunista Brasileiro era reformista. Eram vários chavões, diziam que era um partido que não queria a revolução. Nesse ínterim acontece a famosa Revolução Cubana. Cuba se liberta da Ditadura do Batista com bandeiras nacionalistas, com ligações

com o Movimento Comunista Internacional. Fidel Castro, Che Guevara não eram de origem do partido, mas parte do partido cubano havia participado.

Nesse íterim fui eleito vice-presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – UBES, que também já tinha muita força a nível nacional; e eu como tal fui a uma viagem a Cuba no segundo aniversário da Revolução Cubana. Fui representando o Brasil. Formou-se uma delegação, eu fui representando os estudantes. Foram os representantes da União Nacional dos Estudantes - UNE; representante do Congresso Nacional, que era Almino Afonso, um figuraça da política brasileira; foi Josué de Castro, que era o chefe dessa nossa delegação.

Eu tive um verdadeiro deslumbre com a Revolução Cubana. Uma espécie de paixão à primeira vista com tudo aquilo; e aquilo era, naquele momento, tudo que podia acontecer de mais profundo e significativo na luta contra a opressão na América Latina; contra as ditaduras, contra o atraso, contra o chamado imperialismo americano. Então eu chego em Cuba e faço um quase que verdadeiro compromisso de fé, de amor, de entusiasmo, com muita ingenuidade. Eu tinha vinte e poucos anos. Quando fui a Cuba me engajei profundamente.

Tenho documentos com fotografias ao lado de Zé Porfírio, Fidel Castro, Olinto Meirelles, que foi representando a UNE, o Ezin que era dirigente do Partido Comunista aqui. Tenho fotos com uma porção de pessoas expressivas em Cuba. Dei entrevista para a revista mais importante da época em Goiás, Vera Cruz, que, aliás, era a única que existia. Depois surgiu outra publicada por Iberê Monteiro, no Rio de Janeiro.

Essa ida a Cuba acaba me moldando dentro daquele ideário revolucionário romântico, salvador da humanidade, contras as injustiças humanas e engajado em um processo de luta latino-americana. Volto de Cuba com muita ligação.

LIGAS CAMPONESAS

Nesse período eu já havia conseguido as primeiras ligações com as Ligas Camponesas. Eles haviam me procurado dado as minhas participações em congressos de estudantes. Eu havia ido ao Pernambuco e ao Rio de Janeiro várias vezes. Aliás, nesse período eu estava morando no Rio e, como vice-presidente, morava no prédio onde a UNE e a UBES funcionava na Praia do Flamengo.

Fui procurado pelo pessoal das Ligas, na época o Diniz Cabral, Clodomir de Moraes, que era um ex-deputado do Pernambuco e um dos principais dirigentes da Liga, e pelo próprio Julião. Eu estava em contato

com eles e eles estavam com profunda ligação com Cuba. Fui naturalmente recrutado para a militância política da chamada Ligas Camponesas, que era um movimento radical pela reforma agrária, mas que não se contentava apenas com essa luta, eles tinham uma proposta no estilo cubana para a realização de um processo revolucionário no Brasil. Essa proposta era latino-americana, era uma proposta que contrapunha a linha política do Partido Comunista Brasileiro. O Partido Comunista Brasileiro estava em um processo de democratização, de conquistas democráticas, de participação no Governo de João Goulart, que era um governo democrático, nacionalista, dentro da linha do partido e com profundas propostas e profundas mudanças. Reformas de base, conquistas na área dos trabalhadores, nos sindicatos; fundando a central única dos trabalhadores pela primeira vez na história do Brasil: a CGT, Central Geral dos Trabalhadores, que era influenciada e praticamente controlada pelo Partido Comunista Brasileiro. Era um momento de auge na luta democrática do Brasil, onde a principal figura era João Goulart, e em segundo plano o Partido Comunista Brasileiro.

Nós, ligados às Ligas, ligados a um esquerdismo que eu considero bastante meio irracional, nos contrapúnhamos a isso e achávamos que o que tínhamos que fazer era revolução. Queríamos transformar a reforma agrária em uma bandeira revolucionária tal que ela empolgasse todas as outras bandeiras de uma revolução; e isso ia de confronto com o que estava acontecendo no Brasil. O que estava acontecendo no Brasil era importantíssimo para aquele momento. Nós, querendo ou não, fomos gasolina no fogo da inconsequência de uma radicalização artificial que terminou ajudando muito a direita e, em particular, os segmentos de direita dentro das Forças Armadas e dentro da UDN, que era o partido que sempre tentava fazer o golpe no Brasil.

Aqui em Goiás tínhamos o Governo do Mauro Borges, e eu era assessor especial do governador. Participei da campanha, tinha uma ligação profunda e trabalhava no gabinete dele. No Governo do Mauro, o Partido Comunista participava. Ele fundou a Secretaria do Trabalho, que era um grande avanço na organização do sindicalismo. Organizar um sindicato em Goiás era um horror, era um perigo, organizar uma Liga também, e nós participávamos disso.

Existia o Conselho Estadual das Ligas Camponesas do qual eu era o presidente. Era composto na maioria por jovens também dentro dessa linha mais radical. Mas tinha o Partido Comunista do outro lado, que tinha uma proposta muito mais adequada para aquele momento de avançar de acordo com as possibilidades, compondo com Mauro.

Mauro foi até considerado uma espécie de traidor pelo PSD, pois o PSD era o partido dos fazendeiros e, embora não tivesse esse segmento, ele apoiou a sindicalização rural. Essa foi uma atitude considerada horrorosa pelos fazendeiros. Diziam que o comunismo tinha tomado conta do mundo. Fundar um sindicato em qualquer lugar era uma coisa escabrosa.

Já se tinha a tradição em Goiás de luta dos posseiros. Comandada por Zé Porfírio, era anterior; era uma luta pela terra, luta contra grileiros. Não era uma luta de caráter mais profundo, era uma luta localizada, mas que deu vazão a muitas interpretações. Um terror que se criou no meio do mundo rural entre os proprietários rurais.

A bandeira de que os comunistas iriam tomar as terras, tomar as fazendas era agitada. Ter trabalho assalariado no campo era algo que praticamente não existia, era muito pouco. Trabalhador rural ter férias, ter salário mínimo era um afronto, um insulto. Você entrava com essas propostas dentro do que havia de mais conservador na sociedade goiana, que é até hoje uma sociedade rural. Dá para imaginar o que era na época! Nesse contexto é que eu tive essa ligação com as Ligas Camponesas e virei o ‘Senhor Radical’, o chefe dessa situação toda. Os cubanos me davam um valor que eu não tinha, um exagero; e de um momento para outro me vi um comandante revolucionário. Era essa a realidade.

Descubro mais tarde que, além da parte política que fundamos na Liga Camponesa, já havia um movimento militar com campo de treinamento de guerrilha e com suportes. Quando descobri tive o impacto por um lado e, por outro, imaginava que realmente a revolução estava chegando. A ideia que se tinha era que com cinco focos de guerrilha, como foi feito em Cuba, você poderia pipocar com o restante do país que viria atrás. Como se houvesse um clima revolucionário generalizado, como se o país estivesse todo pronto para repetir aquela façanha cubana.

Aquilo era específico de Cuba, era uma realidade que jamais se repetiu em outro lugar. Mas não era assim que a situação era vendida. A situação passada era que a América Latina estava madura para aquele tipo de revolução, e acabávamos entrando naquilo. Não morríamos, apesar de terem alguns que morreram, porque a inconsequência era grande. Em um determinado momento me colocaram que precisavam que levássemos jovens para os campos de treinamento, e eu fui acionado para isso. Fui para uma reunião nacional. Era o Congresso dos Trabalhadores Rurais em Belo Horizonte, onde aconteceu uma explosão de radicalismo das Ligas Camponesas contra as teses do Partido Comunista, que dominava o movimento sindical rural.

Chegamos com as Ligas Camponesas e havia cisões dentro do próprio partido, de elementos mais radicais. Saímos então daquele congresso como

se fosse a boca da revolução. Em seguida houve uma reunião nacional das Ligas Camponesas em Pernambuco e fui eleito para o Conselho Nacional das Ligas Camponesas do Brasil. De lá comecei a participar das decisões nacionais e com responsabilidade de também militar. Assustei, mas era aquela a situação. Eu tinha que ajudar no recrutamento de jovens para os campos de treinamentos e eu cumpri essa tarefa aqui em Goiás. Recrutei várias pessoas, inclusive do Formoso porque Zé Porfírio tinha uma grande simpatia e eu tinha uma imensa amizade com ele. Ele era do Partido Comunista, mas tinha seus momentos de confronto e inclusive me ajudou a recrutar de dentro do Formoso vários ex-resistentes. Nessa situação o partido também aproveitou e mandou alguns para saber o que estava acontecendo nesse campo de treinamento. Foram pessoas para o campo de treinamento do Mato Grosso. Tinha campo de treinamento no Paraná, na região de Cascavel; na fronteira de Minas com a Bahia; tinha no Maranhão e no norte de Goiás.

Eu era do gabinete do governador, assessor especial do Mauro Borges, e sua confiança era algo incompatível. Em um belo momento, Clodomir Moraes, que era um dos principais líderes, me chama e me diz que estavam com um problema sério em Goiás e que eu teria que encontrar uma maneira para que se resolvesse a situação. Perguntei o que estava acontecendo e ele disse que tinha um campo de treinamento no município de Dianópolis, norte de Goiás, que hoje é Tocantins, e que tinha gente desconfiada, mas não tinha jeito de tirar o pessoal de lá. Acontece que em Dianópolis tinha um ex-delegado de polícia que era juiz de direito, que tinha sido do Movimento Integralista e focou que aquilo estava errado.

Eles haviam deslocado uma série de jovens intelectuais do Nordeste e jogado lá. Compraram uma área e construíram umas construções totalmente diferentes e os jogaram no meio de uma mata chamada Rio da Conceição. Eu estive lá, pois foi me passado que eu fosse o responsável pelo apoio a eles. A ideia deles era a de continuar com o pessoal, mas a essa altura, como a cidade de Dianópolis era pequena, já estava tudo furado e já havia virado de conhecimento público.

Naquela época havia rota de avião daqui para lá, era a linha da Cruzeiro do Sul, e me mandaram para lá. Disseram-me que eu teria que dizer que aquilo era uma cooperativa, que iria criar pequenos animais, que iria revolucionar a região e que traria empregos. Era uma forma de irmos disfarçando até amadurecer as condições para a luta acontecer. Essa era a primeira orientação. Fui até lá. Quando cheguei na cidade, o pessoal me conhecia, pois havia participado de campanhas políticas. Eu era jovem, mas já tinha participado da campanha do Mauro, já tinha dormido em

Dianópolis na casa do chefe militar de lá, que era o seu Joca. Cheguei lá e o agente da Cruzeiro do Sul, que depois veio a ser prefeito, era meio aparentado meu. Ele era de Correntina, cidade da minha mãe. Perguntou o que era aquilo e falou para que eu tivesse cuidado.

Fui ao foco do treinamento e vi o pessoal. Lembro-me do nome de alguns como Carlos Montarroyos, e Joaquim Ferreira, que era economista; eles eram do Pernambuco e da Paraíba. Era um pessoal como eu, muito cheio de idealismo, mas não tinha nada a ver com essa situação de guerrilha. Lá tinham cacarecos velhos que diziam ser fuzis 1908. Fizeram uma construção; era uma coisa meio oriental, toda redonda com ranchos. Os caras dormiam em cima e em baixo. Compravam rapadura porque na época da luta tinha que ter rapadura e farinha. Era um negócio, fiquei admirado.

Quando voltei para a cidade estava escrito nos muros “Fora Julião Mirim, Fora Comunistas”. Isso estava pregado nos muros da cidade de Dianópolis. Fiquei admirado, me perguntando que loucura era aquela. Peguei o avião e voltei para o Rio de Janeiro, porque o comando era para que se arrebetasse tudo. Quando ia saindo o chefe da Cruzeiro do Sul, Negro de Oliveira (nunca me esqueço dele, pois era meu parente, foi prefeito da cidade por várias vezes e deve estar vivo até hoje), disse que eu estava era doido; que o Exército já havia ido lá por várias vezes e que a Polícia Federal, que na época tinha outro nome, já havia ido lá e feito um levantamento e constatado que havia comunistas e que todos seriam atacados. Ele me disse que sabia o que estava acontecendo. Ele havia ido buscar gasolina para os aviões em Barreiras, tinha ido em um caminhão, e um cara pediu carona e ele o levou na carroceria. Houve uma “bacada” e os documentos do cara caíram. Ele pegou e viu que ele era capitão. O homem pediu para que ele não falasse nada, disse que era da Polícia Federal e do Exército, que teria um bando de comunistas fazendo arruaça lá e que eles prenderiam todos, mas que contava com o silêncio dele. Ele me contou isso e voltei de posse de todas essas informações. Fui para o Rio de Janeiro correndo, apavorado, dizendo que teríamos que tirar o pessoal de lá imediatamente, senão seria um escândalo sem tamanho.

Antes, o governador Mauro Borges me chamou. Inclusive, em entrevista para o Jornal Opção, ele contou esse episódio. Ele me chamou e me disse que estava sabendo de tudo, e que Érides Guimarães, secretário do Trabalho havia sido procurado. O coronel o procurou dizendo que estávamos doidos, fora da realidade e que aquilo era um absurdo. Ele disse que gostava muito de mim, que eu era uma pessoa que ele tinha apreço (até hoje somos grandes amigos), mas que eu teria que decidir: ou continuaria em seu gabinete, e para isso eu teria que romper com aquele tipo de agita-

ção; ou do contrário eu teria que sair do gabinete e de seu Governo. Disse a ele que preferia sair. Isso aconteceu em 1962, 1963, bem antes. 1964 vêm depois. Isso era o movimento das Ligas Camponesas, que explodiu no Brasil. Esses campos de treinamento existiam pelo Brasil afora.

Chego ao Rio de Janeiro para encontrar uma saída. Eu havia combinado com o cara que era o comandante, Joaquim Montarroyo, que iria ao Rio pegar um dinheiro para que eles sumissem, pois em Dianópolis já estava tudo arreventado. Eram vários rapazes universitários, alguns recém-formados.

Cheguei ao Rio e fui à sede da Liga Camponesa. Tinha o jornal e lá estavam Padre Alípio, o poeta Ferreira Goulart, todos me conheciam. Contei o que estava acontecendo em Dianópolis, e disse que tínhamos que tirar o pessoal de lá. Disse ainda que aquela história de campo de guerrilha era uma brincadeira, que aquilo era uma piada, que não havia campo de guerrilha; o que tinha era um pessoal bebendo cachaça e tocando pandeiro, pois não tinham o que fazer e que tudo iria explodir. Eles ficaram surpresos e preocupados.

Clodomir era o comandante geral, o chefão; o adorávamos, criava-se um clima que nós, uma quantidade de jovens, ficávamos todos encantados, paralisados e acreditávamos que estávamos sendo realmente monitorados por aviões, satélites... Clodomir chegou. Disse a ele que teria que resolver esse problema e que eu teria que voltar imediatamente, pois tinha combinado com o pessoal. Ele pediu que eu tivesse calma, que fosse para um hotel no Flamengo e que me procuraria para conversarmos e resolvermos esse problema. Disse a ele que teria que ser rápido.

Fiquei esperando e ele não apareceu; dormi e ele não apareceu; voltei a dormir e ele não apareceu. Voltei na Liga exaltado dizendo que ele não havia ido. Uma pessoa que estava lá me disse que ele tinha ido para o Pernambuco buscar um pessoal para mandar reforços para o enfrentamento ao Exército em Dianópolis. A loucura e o devaneio eram tanto que ele tinha ido para o Pernambuco; e de fato de lá ele mandou dois jipes com quatro ou cinco jovens dentro, indo pelo sertão afora para resistir o possível enfrentamento ao Exército.

Os cubanos haviam me colocado que se eu tivesse algum problema, que eu procurasse tal pessoa na embaixada. Era o chefe, o coordenador, o homem que dava a assistência aqui. Não me restava outra alternativa, fui à Liga, conversei com uma pessoa e disse que iria procurá-lo. Fui à embaixada de Cuba, procurei a tal pessoa e me apresentei. Ele disse que já me conhecia. Contei a ele a situação, disse a ele que era uma palhaçada, que não ia dar nada e que isso iria explodir. Disse ainda que todos seriam en-

volvidos em uma imensa besteira, que isso repercutiria em cima de todos. Ele me questionou se era realmente da maneira que eu estava contando. Disse que sim e que em todos os locais era igual, pois eu havia recrutado pessoas para vários locais desses e era tudo mais ou menos igual.

Era uma situação que não tinha lógica. Era uma situação romântica, mas inconsequente, irresponsável, absolutamente voluntarista e produto de uma imaginação que não tinha nada a ver com a realidade brasileira. O chefe da embaixada me disse que teríamos que conversar fora dali. Marcou um encontro comigo em Ipanema, na Praça Marechal Ozório. Mandou que eu fosse para lá, ficasse por tantas horas e que no outro dia pela manhã ele iria, pois a situação era tão grave que ele teria que conversar. Perguntou-me se eu tinha passaporte, falei que sim e ele disse que eu teria que ir a Cuba conversar com o comandante de lá. Ele era o responsável e entrou em pânico.

No outro dia nos encontramos, eu ia relatando e ele escrevendo. Ele me disse que eu teria que me preparar e conversar sobre isso lá. Pediu que eu me preparasse que ele iria providenciar as passagens. Marcamos de nos encontrar dois dias depois. Ele apareceu apavorado, perguntei o que tinha acontecido e ele disse que havia repassado o relatório aos companheiros que estavam aqui para que eles levassem para o Comitê Central da Executiva do Partido Comunista, com o presidente do Banco Central de Cuba, e o avião havia caído na Cordilheira dos Andes, próximo a Lima. Disse ainda que havia mandado o relatório detalhado e que a mala era diplomática, de ferro para que não pegasse fogo. Ele disse para que suspendêssemos tudo, e eu disse que eles iriam atacar lá. E foi isso o que aconteceu. A Polícia Federal atacou Dianópolis e prendeu o Gilvan. Os outros entraram no mato e foi uma confusão. Era a principal notícia dos jornais.

Passado alguns dias, eu estava no Rio de Janeiro, decretaram minha prisão em Dianópolis e eu estava escondido no Rio. O que havia acontecido? A Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos - CIA pegou a tal mala e o tal relatório e repassou ao "Estado de São Paulo" que começou a publicar em série. Saiu no Estado de São Paulo, era tanta informação... Diziam que o comunismo cubano estava querendo fazer guerrilha no Brasil.

Carlos Lacerda entra e leva aquilo para a Câmara dos Deputados, dizendo que eu era primo de Fidel Castro e estava infiltrado no Brasil. Isso foi um horror. O cubano foi embora e logo em seguida isso era pano quente para o golpe de Estado. Na realidade, isso foi ajudando.

A situação era tão complicada que quando ficou sabendo disso, Almino Afonso, líder do Governo que depois foi ministro do Trabalho e é meu amigo até hoje, mandou que me chamassem para resolvermos essa

provocação que estávamos fazendo, mas de uma maneira que não prejudicasse. Fui conversar com ele, e ele disse que daria um jeito de fazer com que os ataques fossem amenizados; que eles poderiam atacar, matar, e acabou. Poderiam dizer que isso era conversa fiada de algum babaca que queria fazer Liga Camponesa e ficaria por isso mesmo. O Governo passaria uma esponja. Combinei com Almino, e até com um militar, que disse que iria esquecer aquilo, que aquilo iria acabar e que havia sido um momento de desvario, mas a documentação do avião que caiu não deixou com que essa situação ficasse escondida.

A pessoa que informou, inclusive morreu há pouco tempo. Eu cheguei a encontrá-la em Paris, e ela disse que havia passado um ano e meio em um canalial cortando cana por castigo. Ela era adido cultural, uma pessoa super legal.

Há pouco tempo o Élio Gaspari publicou a morte desse cara dizendo que aquela história ninguém nunca iria saber, mas eu sou aquela história, eu fiz aquele relatório. Esse foi um acontecimento que mexeu muito com o Brasil na época, porque realmente acabou sendo uma prova, sendo algo que não tinha como sujeito fantasiar em cima.

FUNDAÇÃO DO PCdoB EM GOIÁS

A partir desse momento as coisas começaram a ter outra conotação. Passado algum tempo eu fugi; fiquei escondido, tinha prisão decretada. As coisas foram passando e fui me esconder no Rio Grande do Sul. Fui sentindo o clima e passado alguns meses depois voltei para Goiás. Procurei a cobertura de alguns amigos. Eu era muito conhecido e fui preso rapidamente. Foi uma prisão rápida, mas resolveram não complicar e me deixar porque não interessava levar isso adiante. Não interessava ao Governo do Mauro. Quem entrevistou para que me soltassem foi Cristovão do Espírito Santo, deputado estadual eleito pelos estudantes e que era do governo.

Fui voltando para o movimento, era estudante de Direito. Fui participando dos movimentos com muita discrição. Houve uma grande cisão do Partido Comunista em 1961, aquela cisão da chamada linha pró-chinesa. Foi no 20º Congresso do Partido Comunista e provocou uma cisão mundial no partido. Aqui no Brasil a cisão foi comandada por João Amazonas, pelo Arruda, por Maurício Grabóis, Pedro Pomar e outros que fundaram então uma dissidência do Partido Comunista Brasileiro, que é o PCdoB – Partido Comunista do Brasil, ligado à China.

Grande parte de nós que vínhamos da Liga Camponesa, que tínhamos divergências e tínhamos uma postura esquerdista, entrou para o Par-

tido Comunista do Brasil – PCdoB. Fui o fundador do PCdoB em Goiás. O Neso também era parte e já encampamos e fundamos o PCdoB em Goiás e passamos a militar no partido. Isso aconteceu antes do golpe. Aí, já ligados à China, em um radicalismo maoísta que não era do foco de guerrilha, mas em cima de uma possível guerra de libertação nacional. Era a teoria de Mao Tse Tung, na época defendida pelo Partido Comunista chinês, como se fosse viável no terceiro mundo repetir a experiência chinesa, levando-se em conta a realidade. Era mais racional, era mais pé no chão, mas mesmo assim muita gente ia fazer curso na China. Na China se fazia curso político e curso militar, e eu também fui. Nesse ínterim há o golpe de Estado aqui, o golpe de 64. Havia um clima revolucionário.

O GOLPE

Eu estava em uma reunião da direção do Partido Comunista do Brasil, em Niterói, no Rio de Janeiro. Imediatamente a reunião foi suspensa e cada um voltou para suas bases. Peguei um avião e voltei para Goiânia. Fui preso uns quinze dias depois.

Particpei das resistências e tentei resistir ao golpe. Quando vimos que não tinha jeito, fugi. Eu tinha o projeto de ir para a fazenda de um irmão meu, na época era muito longínqua, e de lá me exilar ou ir para outro lugar. Enquanto estava lá, dia 15 de abril, fui preso pela polícia de Mauro Borges.

Mauro Borges apoiou o golpe. Mauro tinha uma profunda divergência com João Goulart. Mauro participou do movimento da legalidade para garantir a posse de Jango. A primeira tentativa de Golpe foi quando Jânio Quadros renunciou. Jango estava de viagem à China, os militares se reuniram e deram um golpe provisório. Pegaram o presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli, e fizeram com que ele assumisse. Impediram que Jango voltasse ao Brasil, e Brizola levantou um movimento de resistência no Rio Grande do Sul pela legalidade e posse do presidente eleito. Mauro o acompanhou em um fortíssimo movimento, do qual nós todos participamos.

Eu não havia falado desse fato, mas foi um fato marcante que fez com que Goiás aparecesse a nível nacional como um local de muita consciência política, de muita participação, como um dos focos da esquerda democrática no Brasil. E o Mauro foi o comandante de tudo isso. Mas Jango, embora tenha sido altamente reformador, tenha sido responsável por um dos melhores momentos da vida política brasileira, com relação ao Mauro ele não foi correto, em minha opinião. Por influência de outros setores, levou para o Governo o pessoal do PTB que estava aqui. Considero que o PTB aqui era dirigido pelo vice-governador do Mauro, Rezende Monteiro,

e outras pessoas; era uma situação ruim, o nível deles era baixo se comparado ao Mauro. Mauro se sentiu absolutamente traído. Eles nomearam presidente da Caixa Econômica; todos os cargos federais foram para esse grupo, e o Mauro ficou muito “mordido”. Inclusive, chegaram a nomear uns dos principais adversários de Mauro, Alfredo Nasser, como ministro da Justiça. Ele foi indicado pelo governador de São Paulo, Ademar de Barros, mas de qualquer forma aquilo caiu como se fosse uma afronta ao Mauro. Tudo que Jango fazia caía como afronta ao Mauro.

Mauro tinha uma profunda divergência com Antônio Ermírio de Moraes, que era dono das reservas de níquel de Niquelândia, e eles viabilizaram a participação de Antônio no Governo. Mauro foi em um processo de confronto com o Governo Federal, um sobre o outro. Mauro tentou fazer o governador de Brasília, não conseguiu. Mauro não conseguia nada com o Governo, e ele havia sido a principal figura depois do Brizola na resistência.

É preciso compreender esse momento do Mauro vivido aqui. Ele passou a ter o Jango como inimigo e eu acho que Mauro acreditava que o golpe seria algo passageiro; que tiraria Jango; faria eleições; JK voltaria... Mas na realidade o golpe foi dado por quem vinha elaborando uma concepção golpista profunda de ocupar o poder por muito tempo, como de fato aconteceu.

Mauro apoiou no começo com muito cuidado, não houve torturas. Eu por exemplo, só fui torturado depois pelo Exército. Não sei de torturas naqueles primeiros momentos. O secretário de Segurança Pública era Rivadavia Xavier, que se empolgou e o golpe subiu à cabeça. O delegado do DOPS era Jurandir Rodovalho. Foram feitas várias prisões, se montou um fichário corrido de comunistas de uma hora para outra, e eu era uma das pessoas mais marcadas. Eu fugi, mas me denunciaram. Depois de uns quinze dias fui preso e transportado pra cá.

Há uma contradição aparente muito forte com Mauro. Não estou justificando, estou fazendo uma análise de acordo com meu entendimento do porquê Mauro teve esse comportamento. Ele acabou sendo vítima, foi tão vítima deles que foi o único Estado que sofreu intervenção no Brasil. Em nenhum outro teve intervenção. O Arraes caiu, mas eles foram lá, o prenderam e em um acordo o vice assumiu. Aqui não. Eles interviram, derrubaram o governador, não deixaram o vice assumir e colocaram um marechal do Exército como governador.

Eu fui torturado e denunciei o fato no Jornal Correio da Manhã, na época. Fui torturado para que denunciasse que o Mauro era o líder das Ligas Camponesas. Que as guerrilhas, os campos de treinamento todos tinham sido

feitos pelo Mauro. Disse a eles que era uma loucura, pois Mauro tinha feito era me prender e que aquilo não havia existido. Eles queriam um álibi, um motivo para intervir em Goiás e supervalorizaram o papel da Liga Camponesa.

Com a Liga Camponesa fizemos grandes arruaças nas regiões de Jus-sara, Montes Claros; invadimos fazendas abandonadas. O movimento estudantil participou muito daquilo. Mas a Liga Camponesa não teve essa força que eles fantasiaram para justificar a intervenção em Goiás. Quem tinha essa força aqui era o Partido Comunista Brasileiro; eles sim tinham muitos sindicatos organizados, tinham uma estrutura. Mas nós tínhamos uma estrutura que fazia muito barulho e serviu de interesse aos golpistas.

Eu era o presidente da Liga Camponesa no Estado. Eu participei dessas invasões, conduzi as tomadas das fazendas, fui eu quem conduziu isso lá. Fomos presos pelo Governo do Mauro, bateram em muita gente ligada a nós. Mandaram um avião e vim preso pela polícia do Mauro. Tiveram que me soltar, pois eu era do gabinete do Mauro; e, ao mesmo tempo, houve um manifesto estudantil na rua muito forte exigindo minha soltura. Fiquei preso por uns cinco dias no DOPS e acabaram me soltando.

O fato é que Goiás era um centro muito ativo. Um dos fatores principais em Goiás era a presença do Mauro no Governo. A resistência liderada por Mauro trouxe o foco para Goiás.

O movimento estudantil era forte, o Partido Comunista tinha um trabalho; eu e um grupo de pessoas encampamos a chamada Liga Camponesa e queríamos provocar fatos que justificassem a existência de um clima revolucionário no país, que na verdade não existia. Era um clima de reforma, de avanço, mas achávamos que existia um clima revolucionário e queríamos artificialmente fazer isso. Inconscientemente fiz muito isso e depois continuei fazendo no PC do B, porque fui o fundador e o primeiro presidente do PC do B aqui.

Estávamos convencidos, tanto é que depois do Golpe, Neso assaltou o quartel do Tiro de Guerra em Anápolis para pegar as armas para fazer a resistência armada. Havia em Goiás uma efervescência e uma consciência política muito forte, mas com todos esses aspectos e contradições existentes naquele momento. Goiás foi um lugar privilegiado sob alguns aspectos, mas ao mesmo tempo um laboratório de experiências.

FUGAS E PRISÕES

Tive essas duas prisões anteriores, mas a que mais pesou foi a de 1964, porque fiquei preso por mais ou menos um ano. Fiquei muito tempo preso e depois soltaram praticamente a todos.

Fui preso no interior em uma cidade que na época era município de Piranhas; depois virou distrito de Arenópolis e hoje é cidade, depois do Rio Caiapó. Minha prisão foi lá, e na época não tinha nem a ponte no Rio Caiapó, não tinha estrada. Você tinha que ir para Piranhas, depois para Jataí e depois que vinha para cá; era tudo estrada de chão. Isso em 1964. Fiquei preso por muito tempo, me soltaram no Governo do Mauro. Mauro corretamente mandou avisar para meu irmão, através do Paulo seu irmão que já faleceu, que se o Exército intervisse aqui ele me soltaria. Eles eram obrigados a me manterem preso, pois eles exigiam e eu era tido como exemplo de agitador ligado ao movimento comunista internacional e a Cuba. Mas se ele sentisse que fosse cair, ele me liberaria.

Antes de intervirem, eles me pegaram no CEPAIGO e me levaram para o 10ºBC, que é o quartel do Exército, para ser torturado, por ironia, para que eu denunciasse o Mauro. Denunciei isso na época; saiu na imprensa nacional, no Correio da Manhã e em outros jornais, pois na época ainda se tinha certa liberdade. Isso foi antes de 1968 e a ditadura ainda não tinha fechado tanto.

Denunciei que fui preso pela polícia do Governo e que depois me pegaram, me levaram para o Exército para ser torturado para que denunciasses o Mauro como chefe da Liga Camponesa e uma porção de 'bBOSEIRAS'. Eles arrumaram um alibi, montaram um aparato monstruoso e queriam encaixar os personagens para que todos denunciasses o Mauro.

O que mais me assustou, foi ser torturado em um quartel do Exército. Nós estávamos acostumados, em meio às agitações, com Exército chegar como salvador. Achávamos que o Exército era nacionalista, democrata e estava do lado do povo. Era uma bela ilusão. Veio o golpe de Estado e quando fui torturado nesse quartel, na hora, tive um trauma comigo mesmo. Fiquei espantado por estar sendo torturado dentro de um quartel do Exército. Foi um dos maiores traumas que tive em minha vida.

Depois disso, fui torturado por várias vezes: fui torturado pelo Exército em São Paulo, pelo DOI-CODI no quartel da Tijuca no Rio de Janeiro, mas aqui a ficha já tinha caído na real. Aquela tortura no quartel do Exército foi um dos momentos mais cruciais da minha vida. Estava indignado por ser torturado pelo Exército, no quartel do Exército, e era real. Isso aconteceu com vários, inclusive alguns foram assassinados lá, como o Ismael Silva e outros.

Fui preso várias vezes. Fui preso em São Paulo, em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, no Pernambuco, em Brasília. Foram várias prisões. Fiquei por mais ou menos quatro anos e meio na cadeia durante o período do golpe. Aqui em Goiás fiquei preso por quase um ano; levaram-me para Brasília e lá fui libertado. Ainda havia habeas corpus.

Minha mãe, valorosa Joaquina Ramos de Castro, minha heroína, que depois que entrei para o movimento também evoluiu politicamente e passou a ser uma militante de esquerda, me apoiava e tinha uma participação fantástica. Todos que conheceram minha mãe militando têm por ela uma amizade, um respeito. Ela foi uma pessoa fantástica não só porque me gerou. Brinco que devo a minha mãe três vidas: uma que ela me pariu, me concebeu; e duas que ela não deixou que me matassem.

Na primeira vez que fui solto por habeas corpus, ela conseguiu simplesmente que Sobral Pinto, o advogado mais famoso do Brasil, me defendesse. Minha mãe, além da militância, tinha essa batalha. Fui preso no Chile, ela foi atrás. Fui preso no Estádio Nacional e no Estádio do Chile, onde fui barbaramente torturado. Fui dado como fuzilado. Chegou a sair na imprensa aqui que uma turma de latino-americanos tinha sido fuzilada. Infelizmente vi os caras sendo fuzilados na hora em que fui preso. Eram cubanos. Fui preso próximo ao quartel, vi quando eles chamaram o cara e o pegaram. Já havia ditadura em toda a América Latina: na Argentina, no Brasil, no Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru. Havia uma espécie de condomínio fechado próximo ao quartel em Santiago, que se chamava Antônio Vara, e quando começou o golpe eu estava fora - eu trabalhava numa escola nacional de adestramento.

Eu estava no Deserto do Atacama, em uma mina de manganês, e consegui chegar a Santiago antes de ser preso. Cheguei e com minha companheira que na época era a Cristina, combinamos de fugir. Estávamos na embaixada e não tínhamos como voltar. Fomos passar a noite na casa de um companheiro nosso, nas beiras desse quartel e desse condomínio. Na madrugada, o Exército chegou e prendeu todos os homens. As mulheres foram deixando. Foram nos batendo, e quando saímos na beira do muro eles nos encostaram perguntando a nacionalidade e o que estávamos fazendo lá. Os que não eram cubanos eram separados. Esse foi um dos duros momentos da minha vida, não acreditava no que estava vendo. Colocavam o cara lá e falavam para os soldados prepararem as armas, apontarem e mandarem fogo. Mataram os cubanos: os miolos ficavam pregados na parede, e eles caíam no chão.

Já tive vários momentos bravos e esse eu me lembro de maneira muito marcante. Por causa desse episódio, saiu a notícia que eu teria sido fuzilado. Fomos levados para o quartel e foi tortura em cima de tortura. O Estádio Nacional era até refresco se comparado. Fomos para o quartel e apanhamos muito. Estava caindo neve, e nos levaram para o Estádio do Chile que foi um horror. Não tínhamos comida, não tínhamos lugar para dormir, e foram 10 dias. 10 dias sem comer. Só nos davam água e, de vez em quando, misturavam um pouco de açúcar.

Estava rasgado, arreventado. Fiquei com o testículo enorme, pensei que nunca mais iria funcionar. Inclusive tive um filho depois, mas pensava que nunca mais conseguiria. Eles batiam com o cinto do soldado: eu estava com uma calça jeans que se rasgou toda. Ficamos presos nessas condições: sem comida e frio abaixo de zero. Resistíamos porque éramos jovens.

Após dez, quinze dias, fomos transferidos para o Estádio Nacional porque não cabíamos mais naquele estádio. Não tínhamos como comer e dormir; então fomos levados para o Estádio Nacional, que foi transformado em prisão, onde fiquei por 90 dias. Devagar íamos nos recuperando.

Houve uma reação mundial contra o golpe no Chile. Opinião pública mundial e as Nações Unidas entraram no meio. Era uma pressão em cima por causa da matança. Comparado ao golpe do Chile e da Argentina, o golpe no Brasil foi apenas um ensaio do que iria acontecer. Aliás, os torturadores brasileiros foram torturados no Chile, dentro do Estádio Nacional. Oficiais do Exército Brasileiro, agentes da polícia brasileira foram torturados. Não acreditávamos. Pessoas que tinham sido torturadas ensinando os chilenos a fazerem tortura.

Lembro-me de quando prenderam o neto do ministro de Relações Exteriores daqui. Um rapaz muito legal, que estava numa boa curtindo uma música e um fuminho em um determinado lugar. O pegaram, deram uma surra violenta e só depois descobriram que era o neto do ministro de Relações Exteriores daqui. A família descobriu e foi atrás para tirá-lo. Ele estava todo arreventado e eles ficaram tratando dele, o levando na enfermaria. No camarim do Estádio do Chile é que a situação era pior. Ele disse que lá tinham vários cadáveres e que eles colocavam um por cima do outro. Eles o levavam para tratar, pois não podiam soltá-lo naquela situação. Esse rapaz se chama Sérgio e disse que no dia que saísse de lá, denunciaria. E denunciou mesmo.

Com a pressão internacional e a ONU, liberaram os estrangeiros que estavam presos. Liberaram-nos uns 3, 4 meses depois. Estávamos só 'a carne e o osso'. Levaram-nos para um convento e nos davam comida; sempre um pouquinho pela manhã, um pouquinho no almoço, um pouquinho à tarde, até que se tomasse corpo novamente. Ficamos lá por uns vinte dias, comendo noite e dia; quando dávamos uma melhorada, começavam a nos soltar.

Pedi primeiramente asilo na Suécia e depois pedi na França. A autorização saiu primeiro na Suécia, mas por questões culturais preferi ir para a França. Fiquei por quase sete anos. Fiquei de 1973, quando fui, até a anistia aqui. Voltei depois da anistia.

Eu havia voltado da China, depois de ter feito curso, estava militando no interior de São Paulo e fui preso. Eles sabiam que eu havia vindo da

China. Disseram que outros já estavam presos e mostravam as fotografias. Eu sempre negava.

Nunca me esqueço de uma cena em que me pegaram, bateram e me arrancaram os sapatos e eles eram chineses. Eu havia arrancado a etiqueta, mas arrancaram a sola e lá estava escrito em chinês. Para me defender, disse a eles que havia comprado aquele sapato por aí, mas naquela época não havia esse tipo de mercadoria chinesa. Disse, então, que havia ido para a Bolívia e comprado por lá. Ele me perguntou onde eu tinha ido. Falei uma cidade geograficamente errada: eu estava de um lado do rio, falei que estava de outro. Conclusão: disse que iria morrer e que me entregariam para o Exército. Nesse momento apareceu um norte-americano e foi outro susto que tive na vida. Me levou para o DOPS em São Paulo para o interrogatório; era um norte-americano que se apresentava como Robert. Ele falou que eu iria morrer; que ele era da CIA, que tinham colaboração aqui, que queria me ouvir. Disse ainda que eu havia ido à China com fulano e fulano; que tinham recolhido nosso passaporte entre o Carachi e não me lembro qual a outra cidade. Descemos em Carachi, no Paquistão, passamos a noite e depois pegamos um avião para a China. Aí me lembrei de que todos os passaportes realmente haviam sido recolhidos no ar e que achamos aquilo estranho. Ele deu nome de toda a primeira delegação que tinha ido, e dos que não haviam conseguido pegar ainda. Na lista estavam a Elza Monnerat e alguns outros que morreram na Guerrilha do Araguaia; disseram que seriam presos porque os pegariam. Disseram que eu era um cara inteligente e que deveria ficar com eles, e que aquilo tudo era uma besteira. Era aquela história do agente bonzinho. Disse que eu poderia ir morar nos Estados Unidos, fazer conferência para os jovens nas universidades americanas, mostrando o que aquele comunismo atrasado fazia aqui na América Latina.

Lembro-me bem dessa cena, no DOPS de São Paulo: abriram uma mala com 100.000 dólares. Aquilo me deixou em choque, um americano me interrogando. Falei que aquela possibilidade não existia pra mim. Disseram, então, que eu iria morrer, pois iriam me transferir para o Rio de Janeiro e estavam me dando a última chance. Eles diziam que eu seria entregue para Exército brasileiro e seria morto. Disseram que eu teria que escolher entre a vida e a morte. Ou ficaria com eles, ou morreria. Se era aquela minha última palavra, então iria morrer.

Passaram-se alguns dias, me mandaram para o Rio de Janeiro e fui entregue para o Exército realmente. Levaram-me preso para lá, e prenderam mais gente. O Gerson já estava preso, e estava também o James Allen. Levaram-nos para uma prisão militar que era uma ilha - Ilha de Laje. Tem

o Forte de São João, você entra no barco e é a ilha de frente, na entrada da Baía da Guanabara.

Aí presos, passava o dia e a noite, interrogatórios, juntam os presos... O banho de sol era uma hora para cada e um de cada vez para não conversarmos. As celas ficavam nas pedras, dentro de um buraco escuro. Aquilo ficava absolutamente escuro; não tinha energia, acendiam apenas uma energia local. Mas você acaba conversando, pois eram os soldados que ficavam ali. O oficial ia de vez em quando. Tinha um soldado que fumava uma macoinha, a gente tinha um dinheirinho e dava pra ele e íamos ficando amigos.

Quando íamos tomar banho de sol, tinha um soldado que pescava e vendia os peixes e nos colocava para pescar pra ele. Passávamos o dia inteiro pescando para o sargento. E quando o oficial vinha de longe já se recolhia todo mundo. Tínhamos até o cadeado e a chave da cela, mas como era uma ilha não tínhamos como fugir. Mas criou-se uma promiscuidade entre os soldados e os sargentos que nos vigiavam; era pinga, maconha.

Almoçávamos todos juntos no refeitório com os sargentos e soldados e depois voltávamos para a cela. James Allen deu a ideia de todos fugirmos e irmos embora para o México. Dizia que viveríamos bem no exterior como exilados, que saíssemos dali e entrássemos em uma embaixada. Estavam soldado Botelho, soldado Bráulio e cabo Arraes que era o chefe e contra a ditadura e aquela situação toda. Arraes disse que se o levássemos ele iria, ele toparia. Um soldado falou que ele estava doido. Eu falei para o Arraes que não falasse daquela forma, que eu sabia que ele estava brincando e os seus subordinados poderiam achar que era verdade. Ele respondeu dizendo que realmente estava falando a verdade e que se quiséssemos ele toparia. Disse que queria ir conosco, que o que queria era uma bolsa de estudos e estudar, que não aguentava mais ficar nesse Exército, nesse regime e que não queria mais saber daquilo. Na hora de irmos para a cela, Gerson me falou que Arraes estava achando que eu não queria; ele achava que eu era o chefe de todo mundo. Pedi, então, que falasse a ele que se quisesse realmente fugir que viesse de madrugada, me tirasse da cela para conversarmos fora de lá para que os soldados não vissem. Nessa noite nem dormi e fiquei esperando. De madrugada, naquele corredor escuro no buraco que era a cela, ele chegou e me perguntou se eu queria conversar. Disse que sim; que Gerson havia me falado, mas que achava que ali não daria. Ele me tirou, saímos quietinhos, subimos na fortaleza e ele disse que tudo o que tinha falado era verdade. Eu disse a ele que queria preveni-lo, que era complicado, que teríamos que encontrar um jeito de sair dali, de fugir. Tínhamos que tomar as armas, tomar a fortaleza. Disse, ainda, que teríamos que encontrar uma maneira de sair dali porque a nado não daria.

Eu já havia descoberto onde havia um lugar para fugir. Eu já havia avisado para o Gerson e para o James que se algum dia eu não amanhecesse ali era porque eu havia entrado no mar. Eles traziam o jornal e eu olhava o horário da maré. Eu descobri um canal de esgoto que saía da minha cela e caía no mar. Eu fazia exercícios quatro, cinco horas sem parar. Eu calculava que tinha que nadar por umas cinco horas. Arrumei um óleo para passar no corpo e entrar quando começasse a maré cheia. Eu pensava e estava me preparando. Eu falava para eles que se algum dia eu não amanhecesse ali é porque havia conseguido ir embora. Eu estava com o espírito da situação.

Falei para Arraes que ele teria que preparar uma canoa e que, se na hora que tomássemos, eles nos matassem, teriam direito, pois estávamos tentando a fuga. A situação era complicada e teríamos que saber para onde iríamos. Dei uma missão a ele para testá-lo.

Havia um argelino preso conosco e eles o colocaram lá. Ele havia entrado na fortaleza como turista e o prenderam como agitador, pois a Argélia estava em guerra. Ele estava preso e estava doido, comia até o reboco das paredes. Conversávamos em francês com ele e dava para entender um pouco. Decidimos fazer um teste com o Arraes. Dissemos a ele que ele teria que ir à embaixada da Argélia avisar que havia um argelino preso, que estava apanhando e que aquilo era um absurdo. Fizemos esse teste porque pensávamos que ele poderia estar querendo nos levar para matar. Passados uns dois, ou três dias o embaixador da Argélia apareceu por lá e tirou o cara.

Dissemos, então, a Arraes que ele teria que conseguir uma canoa. Esse meu irmão, que já faleceu, tinha ido ao Rio de Janeiro e estava lá. Falei para Arraes que o procurasse e comprassem uma canoa e um motor na Mesbla, uma loja grande da época. Pedi para que falasse com meu irmão Erlan e conseguisse algum dinheiro para comprar a canoa e também algum pescador; e ele disse que tinha um cunhado. Não deu certo, pois meu irmão tinha ido embora. Tinha um comerciante em Copacabana amigo meu, falei para que o procurasse, mas o cara ficou com medo e não quis emprestar o dinheiro. Depois esse cara foi preso e torturado, a história dele era estranhíssima.

Arraes disse que namorava a filha do barqueiro que levava a comida, e o filho dele era pescador. Pescava ali na baía, e que poderíamos contratá-lo. Disse que teríamos que bolar uma história para contarmos a ele. A história era que ele teria uns amigos contrabandistas e que quando ele estava de guarda eles desembarcavam na ilha e depois ele os levava de volta. Eles trariam relógios de luxo contrabandeados. Aí montaríamos uma situação

que servisse de álibi. Então, juntamos malas com roupas sujas dentro para dizer que eram as malas dos contrabandistas. Ele foi até o pescador, que topou. Prometeu algo como R\$ 200,00 hoje, mas não tínhamos esse dinheiro. Tínhamos apenas uns trocados que havia sobrado.

Ele marcou a data, tudo certinho. Tínhamos que tomar a fortaleza com o dia escurecendo, quando a guarda principal fosse embora. Ele havia feito o levantamento nas embaixadas do México e Uruguai, que eram na Praia do Flamengo. Tínhamos marcado de sair em frente ao Cineclub: chegaríamos, sairíamos correndo, pularíamos o muro da embaixada e entraríamos. Era para ser na embaixada do México, mas vimos que não dava, pois tinham guardas, teria que ser na embaixada do Uruguai. Tudo planejado, tudo certinho. No dia aquela ansiedade, ficamos preparados. Na hora que preparamos, os soldados estavam todos tranquilos, cochilando, pois éramos todos amigos. Metemos as armas neles (metralhadoras, fuzis), dissemos que eles estavam presos e que iríamos fugir. Dissemos que o Arraes iria fugir junto e que eles não reagissem. Um deles pediu que déssemos uma pancada na cabeça porque senão iriam se dar mal. Os pegamos, os prendemos na cela e jogamos a chave fora. Como eles falavam que fazíamos bombas, dissemos que tínhamos um dispositivo e que se eles tentassem se soltar explodiria tudo. Queríamos ganhar tempo e dissemos para que esperassem a chegada da guarda ao amanhecer, mas que não tentassem fugir, pois tudo poderia explodir.

O cara que estava nos esperando para atravessar não poderia saber que estávamos fazendo aquele movimento lá dentro, então falamos para que ficasse longe e fingisse que estava pescando. Ele ainda veio antes para pedir uma água, mas falamos que na hora que estivesse tudo pronto apitaria para que ele viesse. Quando ele chegou, me apresentaram como o chefe. Fiz um auê de contrabandista, disse que o Arraes era nosso amigo, que voltariamos lá uma vez por semana e que sempre precisaríamos dele. Ele ficou feliz da vida. Dissemos para que às 7 horas da manhã voltasse para pegar o Arraes na Fortaleza e que pegasse o dinheiro com ele, pois estávamos sem dinheiro. Ele disse que não tinha problema, mas que déssemos pelo menos o dinheiro para o cigarro. Tinha um dinheiro que dava para que comprasse um cigarro, e disse para que ele voltasse cedo e pegasse o pagamento com o Arraes. Pegamos as malas, a canoa desceu bem mais em baixo. Desembarcamos e subimos. Pensamos que a última armadilha poderia estar ali.

Antes aconteceu uma cena engraçada. No Aeroporto Santos Dumont, os aviões desciam e batiam o farol muito forte na canoa. O primeiro farol que nos iluminou, achei que era a polícia. James falou para que parasse de ser medroso e que aquilo era farol de avião e não polícia. Desce-

mos e onde pensei que poderia ser a última armadilha, tinham casais se beijando, namorando.

Como combinado, saímos correndo, passamos pelo Largo do Machado e chegamos na Embaixada do Uruguai. Tinha um guarda lá; então, disse a eles que teríamos que subir correndo - éramos todos atletas na época. Falei para subirmos e se o guarda nos segurasse arrebentariamos ele. Paramos do outro lado da rua: Arraes, eu, Gerson e James e vimos que aquele seria o momento, pois o guarda estava distraído. Saímos todos correndo para subir; o malote vagabundo caiu, James, inconsequente, ainda voltou para pegá-lo; o soldado não sabia o que fazer. Foi um horror. Saímos nas primeiras páginas dos jornais. Foi um horror essa prisão. Foi algo de repercussão nacional.

Passaram-se alguns dias e acabaram entregando o Arraes. Não queríamos que isso acontecesse. O embaixador estava pressionado. O Exército chegou dizendo que iria invadir, dizendo que o Arraes era desertor e não tinha direito a asilo político. O Arraes ia se enfraquecendo, eles queriam dialogar. Certo dia um major nos chamou dizendo que éramos revolucionários e que tínhamos pegado o pobre do Arraes e o tínhamos iludido. Disse ainda que no México havia tido uma revolução, morrido um milhão de pessoas e nunca ninguém havia se exilado. Que tínhamos que ficar aqui, e perguntou do que estávamos correndo. Disse também que tínhamos que nos entregar, senão Arraes pagaria por nós. Justificava dizendo que o Arraes era um desertor, que o pegaria e que o embaixador não poderia assumir aquilo. Pressionando-nos.

Terminada essa história toda, disseram que se voltássemos garantiriam as nossas vidas. Disse a eles que não voltaria em hipótese alguma. Eu dizia a Arraes que aquilo era uma mentira e para que ele não aceitasse voltar. Eles disseram ao Gerson que sabiam que seu pai estava doente, com câncer e que iriam protegê-lo; ele disse que não voltaria, e James da mesma forma. Essa pressão continuou, e certo dia Arraes voltou de lá de dentro fumando; ele estava dialogando demais e cedendo. Disse a ele que iríamos amarrá-lo, pois não iriam invadir a embaixada. A conclusão foi que Arraes acabou aceitando negociar e voltar com os caras. Fizeram um carnaval com ele, foi preso e o “diabo”. Isso estava em toda a imprensa da época. Foi assim que aconteceu essa fuga.

Ficamos na embaixada por oito meses. Eles não nos davam a passagem. Era como uma prisão, pois não davam o salvo conduto para que saíssemos.

O dia que fui preso depois da fuga, eles me levaram para Recife. Eles estavam matando mesmo, então fui olhando cada coisa como se fosse

a última vez: o mar, os coqueiros. Levaram-me para o DOPS e acabei não morrendo.

Outra vez foi no DOI-CODI no Rio de Janeiro. Começaram a me bater e pensei que morreria. Disseram que eu era o atleta da laje; que tinha fugido de lá; que eu era um filho da puta. Bateram e ironicamente me deram as boas vindas ao Exército brasileiro. Estava de capuz, pensei que fosse morrer. Bateram com um soco inglês no peito e desmaiei. Devo ter acordado um tempo depois; estava no chão, jogaram água em mim. Não sei quanto tempo durou, pois começaram de dia e já era noite. Nesse dia também pensei que fosse morrer, mas não morri. Levaram-me para uma solitária e lá fiquei por noventa e três dias. Apanhei mais uma vez, queriam que eu assinasse alguns papéis e eu me recusei. Eu queria ler o que estava escrito. Eles estavam me transferindo, pensei que pudessem estar me levando para matar. Perguntaram-me se não ia assinar e começaram a me dar pancada, até que assinei.

Os papéis eram a transferência do DOI-CODI. Estava condenado há quatro anos e meio em Juiz de Fora e estavam me levando para a prisão. Até chegar a Juiz de Fora eu sofri, pois achava que estavam me levando para me matarem. Eles falavam que estavam me levando para o estradão. Pararam no quartel, e um deles disse que o primeiro “teco” seria dele. Eu dentro do camburão escutando aquilo, pensei que havia chegado a minha hora.

Nas curvas da estrada de Santos, vazava o gás do escapamento que começou a entrar dentro do carro e comecei a passar mal, vomitar. Comecei a meter o pé naquele troço. Os caras me xingavam e falavam para que eu parasse. Eu falei que estava passando mal e, como iria mesmo morrer, continuei a meter o pé. Eles pararam, eu estava todo vomitado. Estava amarrado em um banco de ferro, algemado. Eu falei que poderiam fazer o que quisessem. Falaram para que eu descesse que iriam me dar o “teco” ali mesmo. Mandaram que eu corresse, disse que não iria correr. Então, mandaram que eu quebrasse uns galhos para cobrir os vômitos. Veio-me, então, o pensamento de que estavam me levando para Minas Gerais, eu estava condenado em Juiz de Fora, e era isso mesmo. Tanto é que quando cheguei na prisão achava que aquilo era o paraíso, e os caras ficavam “putos”. Falava que aquilo era o paraíso, tinha coletiva de presos, tinha comida, tinha cigarro, tinha som, música. Era uma penitenciária rural que foi transformada em cadeia somente para os presos políticos. Os presos políticos ficavam “putos” por estar achando bom. Eu dizia que comparado aos lugares de onde eu tinha vindo, aquilo era um paraíso.

VALTERLI LEITE GUEDES

Data de nascimento: 15/12/1945



Em 1964 tinha 18 anos de idade e três anos de Goiânia. Sou filho de retirantes nordestinos, do Ceará, região de Inhamuns, a mais seca do Ceará. Filho de lavrador, pequeno proprietário rural, e de dona de casa costureira. Família de 13 irmãos, sendo oito do primeiro casamento do meu pai e cinco da minha mãe com ele. Nós deixamos o Ceará em busca de lugar que chovesse. No caso, Goiás. Cheguei a Goiás aos seis anos. Fui um menino de roça dos seis aos quinze anos, quando vim estudar em Goiânia. Então, eu conheço bem as atividades rurais. Meus brinquedos, tanto os meus quanto dos meus colegas, dos meus irmãos, não eram industrializados, eram cavalo de pau, vaca de osso; era tomar banhos em córregos. Era aquela vida da qual participaram e participa muitos brasileiros. Hoje a minoria, mas na minha época era acima de 70% da população vivendo na zona rural.

Digo isso para que compreendam que aos 18 anos, e com três de estudo propriamente dito, eu não tinha conhecimento para ser um comunista, por exemplo. Não tinha lido o suficiente para isso. Olhando assim, à distância, fico até feliz de ter me posicionado na esquerda, por que eu teria mesmo que ser coerente com a minha origem, comigo, com o meu passado. Eu não poderia vir para Goiânia e estar ao lado da direita. O que era a direita na época? Eram os estudantes de direita, havia uma disputa entre direita e esquerda. Havia uma briga bem definida entre direita e esquerda. Hoje eu imagino que essa briga existia em função de dois mundos. Um mundo comunista, liderado pela União Soviética; e o mundo capitalista, liderado pelos Estados Unidos. De forma, que isso refletia no Brasil inteiro, no movimentos estudantil que era muito diferente. O comportamento dos estudantes era muito diferente do comportamento de hoje. Hoje os estu-

dantes buscam a felicidade pessoal, naquela época não. Existia uma luta ideológica. Então, o golpe de 1964 aconteceu dentro dessa luta ideológica. Por que 64? O golpe foi tentado antes. O golpe foi tentado, por exemplo, em 1955, quando a população do Rio de Janeiro estava nas ruas pedindo a queda do presidente Getúlio Vargas. Essa população incendiada ali pela direita, por Carlos Lacerda, por generais de direita. A política de direita de um modo geral. A qual aconteceria em 64. Por que não aconteceu? Foi o tiro no coração do presidente. A mesma população que estava na rua querendo a queda de Getúlio Vargas, naquele momento, passou a chorar nas ruas a morte do seu presidente.

Então o golpe foi frustrado em 1954, mas a ideia do golpe continuou nos quartéis, nos partidos políticos de direita e em alguns setores do empresariado. E tentou-se colocá-la em prática em 1961, com a renúncia do presidente Jânio Quadros, ocorrida em 24 de agosto de 1961. Houve uma tentativa de golpe naquele momento. Só que o presidente, depois de alguns tragos, renunciou inesperadamente. Não havia o preparo suficiente para concretizar o golpe naquele momento. Então, houve negociação, isso é conhecido, é tema histórico, para que mudasse o sistema de governo e passasse para parlamentarismo, com a posse do presidente. Posteriormente houve um plebiscito e foi restabelecido o presidencialismo. Mas houve aquela tentativa naquele momento, e a ideia do golpe mais uma vez continuou.

Em 1964, tendo em vista que o presidente era realmente um homem de esquerda, um homem que hoje se sabe, com substância de esquerda, essa sua atuação, a maneira de governar acabou induzindo, facilitando para que acontecesse o golpe militar de 31 de março, que soou propriamente dito, em 1º de abril de 1964.

Naquela época eu tinha sido recrutado havia um ano para uma entidade de esquerda. Não era uma entidade propriamente revolucionária, que quisesse pegar em armas. Era uma entidade teórica que se reunia para discutir certos temas, inclusive, com mais frequência, a situação nacional. E foi assim que eu, um estudante de nível médio de 1964, tomei conhecimento de que o golpe iria acontecer mais ou menos um mês antes do que aconteceu.

Nós tínhamos reuniões, vinham pessoas intelectuais para fazer palestras, para discutir conosco a situação nacional. E um jornalista, que não me recordo o nome, mas era um jornalista do estado de São Paulo, veio passar a sua folga em Goiânia para conversar conosco. Tomou um ônibus e veio. Ele disse: olha um golpe vai acontecer no Brasil dentro de um mês. E, é claro, as entidades de esquerda estão muito preparadas, não tem perigo algum, então o golpe vai ser frustrado. Essa foi a expectativa

transmitida por aquele jornalista. Ele disse: olha o Brasil está totalmente preparado, o povo está mobilizado. De maneira que não tem perigo. Não mudamos o regime no Brasil porque estamos aguardando que as esquerdas de outros países como a Colômbia, a Venezuela e a Argentina, as esquerdas desses países também façam a preparação igual a que fizemos aqui para que isso aconteça em conjunto, de uma vez só. O fato é que quando aconteceu o golpe, aqueles rumores, aquele zunzunzum, aquela tensão nacional aí 30, 31 de março, eu já estava sabendo que algo iria acontecer de grave no Brasil. E realmente aconteceu.

Em Goiás, o então governador Mauro Borges Teixeira, ele apoiou totalmente, apoiou entusiasticamente aquele movimento golpista. Por que ele apoiou, isso é coisa que ele mesmo deveria explicar. Mas os fatos que eram públicos na época são mais ou menos o seguinte: voltemos a agosto de 1961, quando o presidente Jânio Quadros renunciou. O então governador colocou-se ao lado do movimento liderado e deflagrado no Rio Grande do Sul. O então governador Mauro Borges colocou-se ao lado de Brizola, criaram a cadeia da legalidade, e a rádio estatal goiana, Rádio Brasil Central, que era e é do governo de Goiás, foi colocada em cadeia, e foram convocados jovens para fazerem exercícios militares em preparação para impor a posse, como presidente, do vice-presidente João Goulart. Ele estava viajando para a China e demorou a vir tomar posse porque veio para os Estados Unidos e depois para a Argentina. Mas era muito perigoso ele chegar naquele momento. Então, houve esse movimento para preparar a volta dele. E o Governador Mauro Borges apoiou esse movimento. Em consequência, ele esperava que Goiás tivesse uma recompensa em termos de ajuda financeira, de obras. E essa recompensa, de 61 a 64, ele achava que ela não tinha acontecido. Goiás não indicou um ministro dele, o ministério no parlamentarismo não tinha um ministro indicado pelo Mauro Borges. Ao contrário, foi indicado a ministro da Justiça um adversário dele, o deputado federal Alfredo Nasser, que era do partido do Ademar de Barros.

O que se sabe é que o PSP.. os partidos daquela época, que era em um número de 13, funcionavam como esses trinta e tantos que temos hoje funcionavam fazendo negociação para ocupar cargos. E o PSP ficou com o ministério da Justiça. Colocar quem no Ministério da Justiça? A pessoa mais qualificada que o PSP nacional, partido do Ademar de Barros, governador de São Paulo, tinha era o deputado Alfredo Nasser. Então, foi colocado lá um adversário do governador Mauro Borges, quando o Mauro Borges é que havia participado do movimento pela posse de Jango. E ocupar ministério de Estado, especialmente naquela época, era coisa muito importante. Porque, agora mais recentemente, Goiás já indicou vários ministros. Hoje são quase

40 ministros, naquela época eram poucos, menos de 15. O Ministério da Justiça e de Negócios Exteriores era muito importante. Goiás politicamente era um estado muito periférico, basta dizer que, até então, só um goiano havia sido ministro de Estado no Brasil; só um goiano, Leopoldo de Bulhões, que foi um ministro forte, ministro da Fazenda de dois governos, ministro do século passado. Mas, desde Leopoldo de Bulhões, nenhum outro havia ocupado um ministério. E aí Alfredo Nasser ocupou. E isso afastou o governador Mauro Borges do presidente Jango.

O fato é que, entre 31 de março e 1º de abril de 1964, enquanto os adversários de Mauro Borges, os adversários do PSD, o partido do Pedro Ludovico, do Mauro Borges, principal chefe político naquele momento, enquanto o partido dele estava contra o presidente Jango, os partidos dos seus adversários, a UDN, o PSP, o prefeito de Goiânia, Hélio de Brito, essas pessoas estavam conversando sobre aliança com o PTB de Jango. Essa aliança resultaria no apoio dos partidos ao vice-governador da época, que era o Antônio Rezende Monteiro, do PTB, para o cargo de governador no pleito que se realizaria ainda em 1965. De forma que as forças que naturalmente estariam ao lado do golpe, estavam se aliando ao presidente João Goulart, e Mauro Borges estava a favor do golpe.

A explicação política é essa, embora eu ache que o governador ficou contra a democracia. Uma coisa é ficar contra Jango, outra coisa é ficar contra a democracia, e foi o que ele fez. Essas forças contrárias a ele, e que estavam na contramão do golpe, elas se articularam rapidamente e começaram um movimento pela queda do governador Mauro Borges. E a queda veio acontecer alguns meses depois, precisamente no dia 26 de novembro de 1964.

Em Goiás houve intervenção federal no dia 26 de novembro. Foi o único estado do Brasil onde a ditadura promoveu uma intervenção federal. Vários governadores tiveram seus mandatos cassados, os direitos políticos suspensos, foram presos. O primeiro governador preso foi Miguel Arrais, no Pernambuco. Mas, o vice dele, que era um rico usineiro, assumiu no seu lugar. Em Goiás não, houve intervenção, o vice-governador não foi cassado, mas, não assumiu. Quem veio assumir o governo foi um coronel do Exército, porque, até então, estava um coronel golpista, o coronel Carlos de Almeida Matos, que de 1954 a 1961 estava em Cuiabá. Ele veio para Goiás como interventor federal porque fazia parte do golpe a intervenção por dois meses. Nesses dois meses foi escolhido governador o Marechal Ribas Junior, escolhido pessoalmente pelo então presidente, Humberto Castelo Branco.

O General estava de pijamas no Rio de Janeiro, morando em Ipanema, quando um dia o general Castelo Branco telefonou para ele. Ele não

sabia quem era, mas era o Castelo Branco que perguntou: é o Ribas? E ele respondeu: não é o marechal! Aqui é o Castelo, e o Ribas respondeu, então aqui é o Ribas! E assim o Castelo fez o convite para ele vir ser o governador de Goiás. E o Ribas debochou tanto de Goiás, desde o começo, que respondeu assim: eu não estava pensando em sair do Brasil agora - querendo dizer que o Brasil era Ipanema onde ele morava. E acabou que realmente veio como governador para completar o mandato do governador Mauro Borges.

E como eu me insiro nisso? Eu era um pequeno funcionário, sem carteira assinada, contratado precariamente como revisor da Imprensa Oficial. A Imprensa Oficial era o Diário Oficial que tinha a parte noticiosa, que foi lançada em Goiás pelo governo Mauro Borges. Um jornal diário chamado de "Diários de Goiás". E eu trabalhava, também, nesse jornal. Eu fui despedido imediatamente nos primeiros dias de abril de 1964. Foi dito a mim, olha você não precisa mais voltar aqui. Não recebi nada por escrito. Eu fui demitido em abril, e lá em outubro o governador editou um decreto oficializando a minha demissão. Eu acredito que até para mostrar em Brasília que ele estaria realmente perseguindo supostos comunistas, ou verdadeiros comunistas. De maneira que foi já em abril.

Eu fui procurar trabalho em outro lugar, virei repórter policial. Poucos meses depois, no governo Ribas júnior, fui proibido de trabalhar pelo secretário de Segurança Pública, um capitão do Exército. Ele assinou uma portaria e mandou publicar em todos os jornais diários de Goiânia. Eram 5 jornais na época, tinha mais jornais do que hoje. Eu era repórter policial, e ele me proibiu de entrar nos órgãos da Secretaria de Segurança Pública. Então, passei a ser uma espécie de leproso social. Eu não podia trabalhar em jornal, mas acabei continuando o trabalho porque alguns jornais me chamavam. Trabalhei em todos os jornais de Goiânia, nesse período.

Fiz posteriormente o curso de Direito, mas antes disso, ainda em 1964, veio a prisão pelo Exército com base em uma ficha de comunista existente na Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS. E o Exército me recolheu ao Batalhão de Caçadores.

Eu devo dizer que era tudo novidade para mim. Eu nunca havia entrado em um quartel do Exército. Fui recebido por um pelotão com mais ou menos 8 ou 10 militares, todos portando fuzis, um comandante dando ordem de comando, baixar e levantar as armas. Puseram-me à frente e me levaram para a prisão, que era em uma sala de aula. Os presos eram tantos que precisaram usar uma sala de aula para colocar todos. Éramos mais ou menos uns 30 nessa sala de aula no 10º Batalhão. A essa altura o comandante já era Danilo Darci de Sá da Cunha e Melo. Ele fazia visitas de vez em quando à prisão.

Uma curiosidade entre os presos é que havia muitas duplas de irmãos: eu e João Leite Neto, meu irmão; dois cariocas, Maurício e João Batista; o Aluísio e o Toni Sá Peixoto, filho do doutor Sá Peixoto; dois irmãos do Tarzan de Castro, o Alan e o Erlan; dois filhos do desembargador Jorge Jardim, Ronaldo e Antônio. Eram muitas as duplas de irmãos, e o coronel Danilo de vez em quando fazia visitas a essa prisão.

Recordo-me que um dia, por volta de 2 horas da tarde, o portão se abriu e ele, em traje de campanha com uma pistola a altura do joelho, entrou com alguns militares. Alguns deles, soube-se depois, praticaram muitas torturas em Goiás. Os sargentos Guido e Thompson entraram e começaram a fazer um trabalho de vistoria na prisão. Nós não tínhamos rádio, não tínhamos nada para ler. Mas nos deram folhas de papéis e esferográficas. E nós bolamos uma maneira de ir passando o tempo, o jogo do risca-risca. Era mais ou menos assim, escrevia de 1 a 100, cada um dos participantes ficava com número na mão, e os outros iam cantando aqueles números; quando era chamado o número 70, por exemplo, quem estava com ele nas mãos era o vitorioso. E o que ficava por último perdia o jogo. E em uma dessas inspeções do coronel Danilo, o sargento achou aquele papel do jogo do risca-risca e chamou o coronel em particular; o coronel viu aquilo e ficamos muito preocupados. E o coronel disse, vocês vão me explicar isso aqui. Dissemos a ele que era o jogo do risca-risca, era a maneira de nós passarmos o tempo, e não adiantou. Fomos levados a 7ª CSN para depor porque o coronel imaginou que aquilo poderia ser, por exemplo, um plano de tomada do quartel.

A essa altura não se falava tanto em torturas. Só depois alguns desses companheiros que estavam presos lá foram barbaramente torturados. Por exemplo, Pedro Ribeiro dos Santos, que era o principal líder sindical de Goiás naquele momento, em 64; ele era o presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria no Estado de Goiás. Era um homem vigoroso, forte, um piauiense, um grande papo. Ele morreu alguns anos depois. E morreu de tristeza, eu imagino, porque eles devem ter realmente torturado ele. Outro que foi muito torturado foi um polonês que estava preso conosco, o Pawel Gutko, que era um professor de vários idiomas, muito inteligente. Ele tinha facilidade com os idiomas e dava aulas de vários idiomas e sobrevivia com essas aulas. Ele foi muito torturado porque, no processo para derrubar o Mauro Borges, eles o obrigavam, através de tortura, a dizer que ele seria aqui em Goiás uma ligação do Mauro com o regime comunista da Polônia, um espião polonês com vinculação com o governo de Goiás. Depois ficou confirmado que Pawel Gutko era um intelectual que sobrevivia modestamente das suas aulas de idiomas em Goiânia.

Posteriormente, trabalhando no jornal Cinco de Março em Goiânia, alguns anos depois, tive oportunidade de me vingar. Naquela época a escolha do governador era por via indireta. E por ser indireta, era comum surgir muitos candidatos. Bastava os generais indicarem. E o coronel Danilo, secretário de Segurança Pública, era um dos governadoriáveis. A imprensa relacionava os dez governadoriáveis, sendo que um daqueles seria o governador. E um desses nomes era o do coronel Danilo da Cunha e Melo. E aconteceu que nesse momento, o Pawel Gutko, esse intelectual polonês, morreu de infarto. E eu aproveitei aquilo para de certa forma me vingar do coronel Danilo. Fiz uma manchete e o jornal Cinco de Março publicou com chamada de 1ª página. O editor do jornal sempre gostou dessas coisas, da ousadia no jornalismo, e saiu a matéria que eu escrevi com a chamada sobre a morte do Pawel Gutko na primeira página. A matéria tinha o seguinte título: “Candidatura de Danilo Mata Um”. Isso foi o suficiente para que a candidatura do coronel fosse eliminada. Um candidato que a simples candidatura dele é suficiente para matar alguém, como governador faria muito pior.

O fato é que eu não sou nenhum herói, não fiz nada de extraordinário. Companheiros que faziam parte da POLOP em Goiás, estes sim, conforme foi verificado, conforme os registros da história, e os registros estão aí para testemunhar, esses ousaram muito. Pegaram em armas, como Juarez Brito Guimaraes e sua mulher Maria do Carmo Brito. E outros com os quais nós nos reuníamos em Goiânia, estes sim. Eu fiquei apenas modestamente no jornalismo como repórter, como estudante de Direito, cuidando da minha vida. É claro que sem nunca me aliar à ditadura; eu fiquei na legalidade, eu não parti para o trabalho clandestino. O que eu podia fazer eu fazia no próprio jornalismo, sendo perseguido, sendo demitido de jornais - às vezes a pedido das autoridades da época.

Uma vez eu fui eleito secretário do Sindicato dos Jornalistas. Na eleição seguinte já tinha uma ordem federal impedindo que eu fosse candidato. De maneira que eu fazia quase nada, fazia o que podia contra a ditadura, e a ditadura ia fazendo sempre o que pudesse contra mim.

Acabei sendo preso posteriormente como estudante de Direito. Fui preso novamente no mesmo quartel, por volta de 1972, 1973, não me lembro bem. Fui intimado para comparecer ao quartel. Tinha comprado o meu primeiro carro e me dirigi ao quartel para atender a convocação, e lá eu fiquei preso. Queriam que eu escrevesse tudo que eu soubesse para eles. E eu não escrevi nada. Falei que não sabia de nada, então, não tinha o que escrever. Acontece que outras pessoas conhecidas e que me conheciam já haviam escrito dizendo que eu participei de reunião assim, assada.

Eu não confessei que tinha participado de reunião, daquela reunião específica porque se eu abrisse a guarda eles iriam querer saber de muito mais coisas. Então, eu não sei de nada e tal. E fui acareado com um. Eu não ponho culpa em ninguém por que cada um tem os seus limites. Se o cara vai torturado é evidente que ele pode não suportar. Eu propriamente não fui torturado, só psicologicamente. Em cada depoimento tinha um aparelho de dar choque colado na cadeira. Mas pancada não recebi. Fui colocado em um banheiro com piso de cerâmica durante dias, nu. E com a orientação para que quando a porta se abrisse eu ficasse de pé, virado para a parede e levantasse as mãos à altura das orelhas. Em outras palavras, para que eu não visse os rostos deles.

Eu me lembro de que em uma dessas vezes quando eu percebi que as portas havia se fechado, ninguém falou nada. Eu me virei e estava no chão um pão grande que tinha sido deixado ali para eu comer. E nessas circunstâncias a gente não tem muito apetite, então eu passei a utilizar aquele pão como traveseiro. Meu traveseiro era a mão. Eu pelado, ali dentro do banheiro, usava as mãos como traveseiro. E as noites acabavam sendo muito longas, por que a gente pensava que dormia muito, mas tinha dormido só 5 minutos. Aquelas marcas da cerâmica ficavam no corpo da gente. Eram noites longas.

O quartel tinha música o dia inteiro. Tem uma música que eu peguei birra, exatamente naquele momento, por tocar todos os dias no alto-falante do quartel: “Eu te amo meu Brasil, eu te amo”. E eu amo o Brasil, mas dessa música eu fiquei com raiva. E eu ficava pensando, um dia eu estarei vivo e esses generais golpistas já estarão mortos. E a gente vai poder comemorar tudo isso aí.

E foi assim que já em 79 surgiu a primeira anistia. Mas, antes disso, eu gostaria de dizer mais alguma coisa sobre questão goiana da ditadura em Goiás propriamente. Ainda sobre a atuação do governo Mauro Borges, fichamento de comunistas. Todos sabem que o DOPS em 1964, ou nos anos imediatamente anteriores a 64, não se preocupava com comunistas, preocupava com travestis na rua; em outras palavras, não se preocupava com a ordem política, se preocupava com a ordem social. Então não havia nela comunistas fichados. Eu tenho certeza que não existia essa ficha de comunista no DOPS. E essas fichas vieram a existir como? Foi da seguinte forma, o governador Mauro Borges era um dos incumbidos de escolher o presidente da República da ditadura. E os outros governadores incumbidos dessa missão pelos militares para escolher esse nome eram o governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti; o de São Paulo, Ademar de Barros; e o do Guanabara, Carlos Lacerda. O governador Mauro Borges es-

tava em um hotel e, por volta de 8, 9 horas da noite, fez uma ligação para o seu secretário de Estado de Segurança Pública Rivadavia Xavier Nunes. Muito jovem na época, advogado de Anápolis, era de um partido pequeno como os de hoje e de oposição, mas que naquela época apoiou o candidato Mauro Borges. O Rivadavia foi nomeado na cota desse partido, como secretário de Segurança Pública. Então, o governador Mauro Borges fez um telefonema interurbano para a casa de seu secretário e perguntou se tinha comunistas fichados no DOPS. Ele respondeu que não. O governador disse, precisamos ter, e o assunto foi só esse. E no dia seguinte, pela manhã, o secretário de Segurança pegou seu automóvel e foi ao 10º Batalhão de Caçadores e pediu uma audiência ao comandante. O objetivo era pedir ao comandante que o DOPS estadual copiasse as fichas de comunistas que por ventura existisse naquele Batalhão. E ele foi atendido pelo coronel que prontamente cedeu as fichas para retirar cópias. Eu acredito que tenha até hoje fichas de comunistas nos quartéis brasileiros. Foi uma prática que se tornou rotineira desde 1935 e as Forças Armadas passaram a se preocupar com comunistas de um modo geral. O acervo do DOPS de Goiás foi baseado nessas cópias de fichas do quartel. É importante dizer isso porque o governador nesse momento estava ao lado golpe, e o golpe foi ficando contra ele e a ditadura acabou mandando um general para Goiânia, para fazer um inquérito sobre a atividade ideológica do governador Mauro Borges.

O governo Mauro Borges era um governo moderno, planejado, e tinha diversos vieses dentro desse governo do ponto de vista ideológico. Tinha um seguimento militar. Que sendo militar ele quis prestigiar alguns colegas de farda, nos quais ele confiava. Tinha um seguimento de direita e um seguimento de esquerda. Daí a explicar a presença da Eveline Singer, da Polop, Política Operária. Aquela que me convidou para ir para a POLOP era técnica altamente qualificada da Secretaria de Educação. E existiam vários elementos de esquerda vindos do Rio, de São Paulo. Então Mauro Borges tinha algum tipo de compromisso político com esquerda.

Então, veio para Goiânia o general Lima Castro para fazer esse inquérito, apurar as atividades do governador. O general ficou hospedado no Hotel Bandeirantes e se deslocava em horários previamente marcados, agendados, para colher depoimentos do governador. Esse general fez uma indagação ao governador, fez uma observação. O senhor tem elementos comunistas no seu governo, dentro do Palácio. E o governador Mauro Borges disse: não, não tenho, não é do meu conhecimento. Mas deveria ser, por que são elementos fichados no DOPS, que é um órgão estadual.

E aquele telefonema do governador para o secretário de Segurança, que resultou nas cópias, na coleta das fichas de comunistas, no DOPS

virou-se contra ele. Nas fichas estavam elementos que não sei se eram comunistas ou não, mas que estavam fichados no Exército e que trabalhavam no Palácio. O cineasta João Bennio Batista, era um desses. O João Batista Zacariotti, procurador da Assembleia Legislativa, posteriormente exilado no Chile, foi muito torturado, foi outro que estava fichado. A partir daquela recomendação do governador para que seu secretário de Segurança providenciasse o fichamento de comunistas, passou-se a fazer fichas rotineiras no DOPS de Goiás. Mas aquela providência determinada pelo governador acabou complicando a vida do próprio governador que veio a cair posteriormente, em 26 de novembro. De forma que a vida prosseguiu em Goiás e no Brasil.

A ditadura a partir de 68 recrudescceu, ela radicalizou, ficou muito mais forte, muito mais dura com o AI-5.

Foram muitos os atos institucionais. O primeiro pelo qual eu fui punido pelo governador Mauro Borges foi o Ato Institucional de 9 de abril de 1964. Não era numerado, não era o ato institucional número 1. O projeto dos golpistas era ter um ato institucional só, e possivelmente a abertura democrática viesse mais rápida. Essa era a tese de um dos seguimentos militares. No caso, do próprio Castelo Branco. Ele era por uma abertura mais rápida. E foram vários atos institucionais, o mais famoso foi o Ato nº 5, que foi editado no dia 13 de dezembro de 1968. A partir de então houve um fechamento muito grande, de vários anos.

A abertura acabou começando por imposição popular, por imposição das urnas. A ditadura era uma ditadura civil-militar, era uma ditadura cujos ditadores tinham prazos determinados para ficarem no poder. Era uma ditadura diferenciada. Em uma eleição que houve em 1964, eram 24 unidades da Federação, só tinham dois partidos, Arena e MDB. O MDB, que era oposição, elegeu 16 dos 24 senadores. Isso assustou a ditadura, mostrando que a população estava contra a ditadura. Eles se assustaram porque boa parte da população apoiou o golpe de 1964. É preciso dizer isso. É preciso dizer que a imprensa, parte dela, apoiou o golpe de 64. Dizer que a imprensa ficou contra, que ela disse não, não foi nada disso. Boa parte da imprensa, dos órgãos ricos apoiou. O papel que hoje é ocupado pela Rede Globo, que tem cadeia nacional, tem presença no país todo, era ocupado e guardava proporções com muito mais força, muito mais veículo, pelos Diários Associados - Diários de Emissoras Associadas, do Assis Chateaubriand. Ele tinha jornais em todos os estados e territórios, foi pioneiro na implantação de estação de televisões no Brasil.

Os Diários Associados apoiaram tão entusiasticamente o golpe, que em Goiânia foi instalado um grande garrafão de vidro, grande mesmo,

talvez de uns 300 litros, 200 litros. Foi colocado na carroceria de um caminhão e esse caminhão ficou estacionado por vários dias na Praça do Bandeirante para que naquele cofre fossem colocadas as contribuições da Campanha do Ouro para o Bem do Brasil. Então, os Associados implantaram, socorrendo o golpe, socorrendo a ditadura, para popularizar a ditadura, lançaram a campanha do Ouro para o Bem do Brasil. No lançamento da campanha muitos casais, acreditando naquilo, porque o Ouro para o Bem do Brasil era para o pagamento da dívida externa brasileira, que na época era pequena, mas para o país, na época, era considerada grande, coisa de 3 a 4 bilhões de dólares. Para o Brasil de hoje é troco, mas naquele tempo era muito dinheiro. Então, muitos casais, em fila, compareceram para depositar naquele vidro grande as suas alianças de casamento. E o povo patrioticamente foi fazer isso, boa parte da população fez isso. Claro que os ricos, pois os pobres já estavam desconfiados de tudo aquilo e, com razão, por que a dívida brasileira, com a ditadura, aumentou e muito.

O milagre brasileiro foi feito em cima do endividamento do país. Empréstimos para construir a Transamazônica e outras obras que eles queriam fazer para dar a impressão de desenvolvimento do país. O chamado milagre brasileiro não era milagre coisas alguma, era o dinheiro estrangeiro em forma de empréstimos, e que ainda hoje estão aí criando problemas para o Brasil. O grande problema do Brasil hoje é o seu endividamento. A dívida externa hoje é considerada pequena, mas porque o governo internizou essa dívida, então ela hoje está alcançando 2 trilhões de reais porque foi internizada. É melhor que a dívida externa, porque a externa a gente deve para o estrangeiro. E sendo interna somos devedores de nós mesmos. Somos um país que gasta 20 bilhões de reais com educação por ano e 200 bilhões com os juros, com os serviços da dívida. E foi justamente esse endividamento que provocou o fim da ditadura.

Essa abertura iniciada em 1974, com essa eleição, sinalizou para os militares que o país queria mudar. E alguns generais tiveram sensibilidade para compreender isso e achar que era momento para o processo de mudança, que o general Ernesto Geisel definiu como sendo lenta. Abertura lenta, gradual e segura. Realmente ela foi bastante lenta e gradual, mas foi acontecendo.

Havia dois seguimentos, o seguimento militar que queria a abertura e o que não queria. Os seguimentos que não queriam tentaram fazer um atentado, prepararam o atentado durante um show no Canecão no Rio de Janeiro. Foi frustrado porque, quando os dois militares estavam chegando com a bomba no colo de um sargento, num veículo dirigido por um capitão, a bomba explodiu no colo do sargento, matando-o e ferindo grave-

mente o capitão. O objetivo era atribuir o atentado às forças de esquerda para que não houvesse a abertura programada pelos generais que achavam que ela deveria acontecer.

Mas o povo já havia sinalizado, em 1974, que realmente queria a abertura política, e ela foi acontecendo. Em 1979, o general Figueiredo, o então presidente da República, mandou uma mensagem ao Congresso e nessa mensagem continha a anistia. Eu, quando vi pela Globo, Jornal Nacional, Cid Moreira lendo a mensagem, eu pensei, eu me enquadro nessa Lei aí por que todos que foram punidos com base nos atos institucionais são anistiados. Eu era pequeno funcionário do governo de Goiás e fui punido com base no Ato número 1. Pensei, eu me enquadro nisso aí, e de fato me enquadrei naquele dispositivo da anistia de 79. E a abertura foi prosseguindo, claro que dentro dessa cultura brasileira. Nós temos uma cultura diferenciada no Brasil, diferente de muitos outros países. Quem vai aos países vizinhos aqui, vai ao Chile, a Argentina, vê lá as estátuas dos libertadores, antigas, de San Martim e por aí vai. Libertadores nascidos naquele país. No Brasil não, nós temos Tiradentes como herói da independência, mas quem promoveu a independência foi o próprio imperador. O próprio governo, o colonizador. E dessa forma foi na abertura política. Houve o milagre também com a morte do Tancredo Neves. Operou-se o milagre por que o presidente do partido da ditadura veio a ser o presidente da abertura, o Sarney, o presidente do reestabelecimento da democracia.

Se alguém que morreu no final da ditadura pudesse ressuscitar e voltasse dois, três anos depois do fim da ditadura, levaria um susto ao encontrar o Sarney, presidente da Arena, como o presidente da República. Mas isso é coisa da cultura brasileira, a mesma cultura que está persistindo ainda agora, recusando a criação da Comissão da Verdade.

Esse trabalho do Ministério da Justiça, das associações de anistiados, colhendo depoimentos é um trabalho muito bom porque dá às pessoas a oportunidade de contar a sua verdade, a sua modesta participação, como é o meu caso. O que não quer dizer que seja a verdade inteira. Mas dar a sua versão a respeito de todos esses episódios é muito importante. Então, o que o Brasil quer hoje, ano de 2012, com uma mulher na presidência da República? Não está querendo, eu imagino, punir com prisões os torturadores, os ditadores como a própria Argentina fez com o general ficando na cadeia, às vezes preso domiciliarmente por questão de idade. Mas de qualquer maneira isso é uma punição moral. No Brasil nem punição moral, a anistia foi recíproca, foi para os dois lados. E isso tudo foi negociado, dentro da nossa tradição de conciliação. Mas tudo bem, isso já é reconhecido até pelo Tribunal Superior Federal. Mas por que a oposição

à verdade, a verdade histórica, aos documentos que por ventura existem? Porque generais e militares da reserva se opõem, agora no ano de 2012, que seja criada a Comissão da Verdade e são ouvidos pela imprensa? Aparentemente eles não têm chance alguma, mas, estão sendo ouvidos. E possivelmente eles estejam a serviço de generais da ativa. Acredito que eles não podem mais oferecer... porque o país amadureceu. A importância de uma ditadura, por mais crueldade que ela tenha praticado, é o amadurecimento da sociedade. E o Brasil já sabe que não quer outra ditadura. Mas eles não querem a verdade, não querem que seja dito o que aconteceu, não querem que seja revelada essa verdade.

Eu acredito que o Brasil vem muito vagarosamente conquistando o seu processo civilizatório. Foi o último país das Américas a libertar os seus escravos. Então, foi um marco no processo civilizatório. São vários os marcos, muitas vezes imperceptíveis.

Quando o Fernando Henrique criou o Ministério da Defesa, juntando ali diversos ministérios militares, aquilo foi um passo importante no processo civilizatório brasileiro. Por que o normal na cultura das repúblicas existentes na América do Sul era os militares muito fortes. Nós tínhamos no Brasil o Ministério da Aeronáutica, o Ministério da Guerra, do Exército, da Marinha, o ministro-chefe do Gabinete da Presidência da República, do Estado Maior das Forças Armadas. Eram muitos os ministérios militares. A criação de um ministério único, o Ministério da Defesa, foi uma grande conquista. Até políticos que já foram cassados, civis, foram nomeados ministros como, por exemplo, Valdir Pires. De forma que o poder civil é que tem que prevalecer. O militar tem que ser circunscrito a suas tarefas. As forças militares são muito importantes, a defesa do Brasil é importante. E acho que o Brasil tem que cuidar bem, é um país que está cada vez mais rico. E é preciso que cuide de suas riquezas e das suas defesas. O que não pode, é um absurdo, é uma violência, é o militar utilizar as suas armas que são dadas pelo contribuinte, pelo povo, pela população para querer se insurgir contra o próprio povo, retirar a democracia do Brasil, assumir o poder e administrar. Isso é como o guarda noturno de um estabelecimento comercial tomar o estabelecimento comercial; é furtar o estabelecimento. Isso é impossível.

Para concluir, eu acho que o Brasil será um país civilizado, deu muitos passos. A existência de uma presidente, uma mulher na presidência, é um passo muito importante. Nesse processo civilizatório, essa participação é importante porque a mulher, supostamente, vamos ser aqui modestos ou razoáveis, elas significam 50% da inteligência nacional. E se elas não podiam, não tinha mulheres deputadas, era uma coisa muito rara; até

os anos 30 elas não podiam nem votar, e se elas não pudessem ter essa participação, ocupar posições, nós estaríamos, de cara, desprezando, abrindo mão, de pelo menos 50% da inteligência nacional, da capacidade nacional. Como somos um país ainda de muitos analfabetos, já foram mais, mas ainda temos muitos, nós estamos abrindo mão da inteligência desses analfabetos, também. E se o Brasil oferecer possibilidades de educação farta e de qualidade para toda população, nós vamos dar um grande salto. Não existe possibilidade de desenvolvimento sem educação. Não tem nenhum país do mundo, não existe um registro de um país rico com analfabetos, não tem. Ao contrário, tem país rico sem ter minério, sem ter ferro e sem ter petróleo e é rico, mas porque tem educação.

Como acontece agora com a Coreia do Sul, que aplica muito dinheiro em educação. Nós aplicamos pouquíssimo. E nós vamos dando esse salto. Um deles é ter uma mulher presidente, foi criar o Ministério da Defesa. Um salto mais antigo foi a libertação dos escravos. São saltos que vão sendo dados. Mas falta um salto, que é o militar poder dar sua opinião sem ser uma opinião tendente a usar a forças das armas para atuação política. Tem que usar argumentos. E um argumento contra a revelação da verdade é um argumento inconsistente. É um argumento que não se sustenta. A verdade é o que todos queremos.

Seria muito bom se hoje tivéssemos os documentos sobre escravidão, seria bom para não se repetir isso, mas não, queimaram muitos documentos por ser algo que realmente envergonhava o Brasil.

O Haiti, que é um país muito pobre, foi o primeiro a libertar os escravos. Nós fomos o último. Então, a verdade tem que vir. Mas têm militares da reserva que estão dizendo que não, que não pode, que isso é absurdo. Absurdo por quê?

Então, vocês da Associação dos Anistiados, esse projeto do Ministério da Justiça, vocês estão fazendo muito ao fazer essas gravações. Eu não tenho muito a dizer, não tenho muitas histórias. Sou um jornalista da província, que depois fez Direito e que está hoje na advocacia e no jornalismo, mas muito modestamente. Então, eu não teria muito a revelar. E fico feliz em ver que vocês estão buscando documentar tudo isso, buscar a verdade para que as novas gerações possam realmente ter acesso a essas informações. Sobretudo com o objetivo de que o Brasil possa avançar, possa ganhar novos degraus no processo civilizatório para que sejamos em breve um grande país, uma potência mundial. Temos riquezas naturais para sermos potência mundial, temos população. Falta justamente dar instrução, dar informação a esse povo para que ele possa construir um grande país.

WASHINGTON LUIZ TEIXEIRA RABELO

Data de nascimento: 16/08/1950



Eu sou de Uruana, interior de Goiás. Tive a possibilidade, a felicidade de ter contato e de ter como referência, já na minha infância, pessoas que tinham interesse pela cultura, pela literatura e até pela filosofia. Eram pessoas sensíveis que pensavam e se preocupavam com a sociedade, com as desigualdades sociais. Eu tinha coleções de livros, o que naquela época não era tão comum em uma cidade pequena do interior. Um tio meu tinha um acervo de livros, e fiz disso uma das minhas principais atividades; tinha como hábito ler. Já muito jovem, lia Cervantes, lia Shakespeare, e eu creio que isso acabou me fazendo pensar na cultura, pensar na sociedade, nas desigualdades sociais e na história. Pensar criticamente a sociedade.

Em 1965 eu era muito jovem, eu tinha 15 anos. Naquela época, com 13 14 anos, eu já trabalhava em um banco como assistente de contabilidade. É meio inacreditável, eu era muito jovem para exercer um cargo daquele. Mas efetivamente eu era um assistente de contabilidade do banco daquela região.

Com a mudança para Goiânia, meu pai optou por mudar para Goiânia, aqueles conhecimentos de literatura nos fez ter uma sensibilidade maior para entender o que estava acontecendo no Brasil. Era 1965 1966, Goiânia era uma cidade muito diferente do que é hoje, era uma cidade mais provinciana. Eu não entendo o provincianismo como algo que exclui e contrapõe à cultura, ao contrário. Goiânia era uma cidade pequena em relação ao que é hoje, mas já tinha teatro, cinemas. Era uma fase em que o Cinema Novo estava começando. Havia inquietação, era o período imediatamente após o golpe. Na época do golpe militar eu era estudante do ginásio, pequeno ginásio de Uruana. Mal entendia o que estava acontecendo no Brasil, mas já começava a ter uma postura, uma posição contra o arbítrio, contra a tirania em todas as suas formas. Quando viemos para Goiânia, após o golpe, já

ouvíamos falar das primeiras prisões. E por razões óbvias, o ímpeto natural, a tendência natural, até por afinidade com a cultura humana com os valores da humanidade, a gente se indignava com as primeiras manifestações da ditadura que marcou a história do Brasil a partir de 64. Naquela época, eu me matriculei no Colégio Pedro Gomes de Campinas, que era um colégio caracterizado pela excelência do ensino - eu creio que ao contrário do que acontece hoje. Tinha professores muito atuantes, interessados pela excelência, pelo humanismo e pela história. Eu tive professores como Ernesto Gomes, que depois se tornou conhecido como cronista nos jornais de Goiânia. Eram pessoas realmente muito interessadas pela cultura e pelos valores humanos. Foi um período em que efetivamente começaram a haver as primeiras contradições fundamentais entre o que eu e o meu irmão pensávamos e o estado de coisas que passavam a vigorar no Brasil. E já com sensibilidade social, com percepção das injustiças sociais, em um quadro em que a livre expressão dessas inquietações era impedida, começava a ser impedida de forma mais sistemática, mesmo sendo em um período anterior ao Ato Institucional número cinco. Já naquela época havia uma restrição à livre expressão do pensamento.

Na biblioteca do Pedro Gomes tínhamos clássicos: tínhamos Zolar, tínhamos Brust, Balzac, tinha a literatura marxista. A vigilância ainda não se fazia assim de forma mais eficiente. Então, continuei estudando a história do Brasil, percebendo que havia um estado de coisas que de nenhuma maneira era compatível com os valores humanos e que guardava pouca ou nenhuma identificação com os valores do povo brasileiro. Havia uma crescente presença de valores culturais alienígenas, em particular da pior música comercial americana. Porque uma coisa teria sido a presença positiva, vantajosa, benéfica do jazz americano, dos valores da cultura popular americana. Mas o que passou a chegar a partir de 1964, 1965, 1966 era efetivamente o que havia de mais comercial da cultura americana. E é claro que instintivamente me voltava contra aquilo e buscava efetivamente uma identidade crescente e mais profunda com os valores populares do povo brasileiro e da humanidade; inclusive, os valores efetivamente mais valorosos da cultura americana. Buscava o jazz, mas o jazz não era divulgado aqui. O que era divulgado aqui era o que havia de pior da cultura, da mídia americana. E de forma sistemática. Nesse período de 65 a 67 senti muito a substituição até da música brasileira, da literatura brasileira por valores da pior cultura de mídia, da agressão cultural americana.

No plano da educação, esse período marcou também as primeiras grandes reformas que a nascente ditadura brasileira estava começando a impor. Eu me recordo, por exemplo, do acordo MEC-USAID, promovido pelo

MEC naquela época, tirar da educação, tirar da formação escolar os clássicos e substituí-los pelo utilitarismo, pelas expressões mais vulgares, menos profundas, menos identificadas com os valores humanos. Era um período em que essa agressão passou a ser sentida de forma cada vez mais crescente.

Eu me recordo, por exemplo, que na minha infância a gente ouvia grandes compositores brasileiros como Cartola, Pixinguinha. E a música brasileira foi cada vez mais nos meios de comunicação como a televisão e o rádio sendo suprimidos em favor desses valores importados e impostos no Brasil. A primeira reação em relação à ditadura foi essa. Foi uma reação cultural. A gente achava que as desigualdades culturais eram profundas. E uma influência que me marcou muito na juventude foi a do chamado socialismo tópic, do igualitarismo, das utopias do Thomaz Morus. Eu acreditava na possibilidade de justiça social, de igualdade.

Influenciado por Rousseau, achava inadmissível as desigualdades sociais; pouco compreensível o porquê de haver ricos e pobres em um país em que essa diferença é mais marcada, era muito marcada, acentuadíssima naquela época. Ainda é. Infelizmente o Brasil é um dos países em que essa desigualdade se faz mais sentir, ainda que tenha havido progressos significativos nesse sentido. Então, na realidade, a primeira reação que tive em relação à ditadura foi mais estética, não aceitava aquele negócio. E claro, a gente entendia também a importância da chamada democracia representativa, a democracia burguesa; apesar das suas limitações, era a melhor forma possível em que os debates, a livre expressão do pensamento, em particular a cultura, que no meu entender desde o início era preponderante, não a cultura formal, mas o teatro, a música constituem uma maneira poderosa de fazer o ser humano, as pessoas conscientes de si mesmas. E naquela época havia uma transgressão sistemática contra a cultura.

O Pedro Gomes, que foi o colégio em que me matriculei, começava a se indignar contra essas transgressões aos valores culturais brasileiros e aos valores humanistas em geral. Havia uma indignação contra isso. Consequentemente era um colégio marcado por uma resistência. Eu era mais jovem do que os que tinham uma postura de direção, de liderança no Pedro Gomes, eram estudantes de mais de 18, 19 anos. Esses estudantes marcaram muito a minha forma de pensar. Eles tinham uma postura combativa, foram os primeiros combatentes contra a ditadura, contra a esse estado de coisas; foram os primeiros que queriam liberdade, a livre manifestação da cultura, que queriam a conscientização, um espaço em que as pessoas pudessem tomar consciência de si mesmas. No Pedro Gomes havia uma indignação. Fui muito influenciado por isso e participei ativamente dessa luta. Foi quando começou uma lenta aproximação com o pensamento da esquerda em geral

e, em particular, com o Partido Comunista, que nessa época já tinha uma presença maior em colégios como o Pedro Gomes, o Lyceu de Goiânia e nas universidades, principalmente na Universidade Federal. Foi quando comecei a perceber o que a ditadura significava, a ter uma concepção, uma visão do que a ditadura era. O programa, os fundamentos em que se assentava a ditadura começaram a ficar mais claros para mim a partir de 1966 e 1967. Em 68, toda essa tendência, esse potencial de agressão, de limitação das liberdades individuais, contra a democracia, contra a liberdade de expressão, foi com o AI-5 efetivamente como se a noite, as trevas de fato se consolidassem no Brasil. Aí sim que toda a capacidade de agir de forma humanista, esclarecida começou efetivamente a sentir com muito mais rigor a presença, a ação dominadora, tirânica do estado ditatorial.

Nessa época eu já escrevia. Aos 18 anos eu já tinha escrito artigos que foram publicados em alguns jornais e que não existem mais em Goiânia. Eram jornais independentes. Eu me lembro de alguns artigos que escrevi que eram publicados em jornais que tinha certa circulação em Goiânia. Esses jornais que eram independentes ficaram inviabilizados pela própria censura. Então, não havia possibilidade de um jovem de 16, 17 anos escrever nos jornais diários ou ter os seus textos publicados.

No teatro, nós tentamos. Eu já tinha me aproximado dos grupos teatrais na época. Criamos 2 ou 3 grupos teatrais com o objetivo de criar espaços de cultura e que promovessem a consciência política, a consciência social. No Pedro Gomes nós tivemos dois grupos de teatro, criamos juntamente com o professor de Artes Cênicas de Goiânia, que é bastante conhecido, o José Ageu. É interessante que ele me ensinava teatro, e eu tentava ensinar a ele as posições políticas de esquerda, mas ele não se deixou convencer. O conhecimento dele de teatro permitiu que fizéssemos um trabalho consistente juntos, um trabalho breve de uns dois, três anos porque, em seguida, já começou o período de repressão direta que nos atingiu. Eu me lembro de que nós corríamos o estado de Goiás, as pequenas cidades e apresentávamos peças que nós próprios escrevíamos. Isso foi interessante por que nos ajudou a tornar mais consistente a nossa visão da sociedade, das condições de vida daquela época, das condições da cultura, da necessidade de usar um espaço poderoso como o teatro como forma de divulgação dos valores humanistas, da literatura; de usar o teatro efetivamente como um instrumento de levar a literatura, os valores literários maiores para as pessoas.

Em 1971 eu passei a trabalhar como professor, os jornais para os quais eu escrevia deixaram de existir. Havia dificuldades econômicas, a própria censura. Eram jornais mal vistos; já nos seus nascimentos esses jornais eram discriminados. A gente não tinha, por exemplo, nenhum tipo de apoio eco-

nômico. Eles dependiam da venda direta nas bancas; então, não tinham nenhuma possibilidade de sobrevivência em uma situação em que prevalecia a censura, a tentativa de todas as formas de supressão nascente de cultura. E os jornais deixaram de existir. O teatro também não tinha espaço. Eu me lembro que o próprio Pedro Gomes a partir de 67, 68 passou por um processo de militarização. O diretor já era indicado por gente ligada às Forças Armadas, à parte repressiva. Não das Forças Armadas como um todo, mas gente do governo ligada ao serviço de informação que passou a monitorar de forma direta o Colégio Pedro Gomes, que era um colégio que tinha uma massa de estudante muito grande e uma efervescência política significativa. E houve incidentes lá várias vezes com a polícia que entrou no colégio. Houve tiroteio, um estudante morreu; era um colégio de grande efervescência. Eu tinha o Pedro Gomes como a minha base de sustentação da atividade teatral. E foi a partir dessa época que o espaço para o teatro, para escrever, os espaços passaram a ficar cada vez mais reduzidos. Quando aconteceu de ter de fato amadurecido um pouco para ter a possibilidade de assumir uma atuação mais combativa, mais consciente e com mais capacidade de ação política, como objetivo da reconquista de valores humanistas, democráticos contra a ditadura já era 1969. Já em um período posterior ao AI-5. Foi quando eu entrei para universidade, em 70. Eu entrei para o curso de Matemática e Física da Universidade Federal. Foi talvez um período de maior dificuldade pessoal porque eu tinha de conciliar a universidade com a minha sobrevivência familiar, eu já tinha um filho. E eu tinha que conciliar tudo isso e fazer um curso exigente que era o curso de Matemática e Física. Tive excelentes professores na área de Matemática, mas a exigência, o rigor do curso e a necessidade de trabalhar acabaram criando uma relação complicada no plano pessoal. E adicionalmente eu tomei, aos 21 anos, a decisão de militar politicamente. Eu nunca entendi que tivesse uma aptidão especial para a atividade política. A minha trajetória tinha sido voltada para a cultura, para a literatura, para o teatro. Mas aconteceu com as restrições impostas pelo estado à época, pela incapacidade de aceitar as condições impostas; pela incapacidade até ética de cruzar os braços e acompanhar e assistir passivamente a uma situação de transgressão dos direitos individuais. Prisões arbitrárias já eram notórias, já eram do conhecimento público. As pessoas já comentavam as torturas que passavam a haver de forma sistemática nos cárceres políticos da ditadura desde 64. Já conhecíamos casos indescritíveis de torturas a presos políticos. Pessoas ligadas ao antigo governo do então governador Mario Borges foram presas e torturadas de forma desumana, de forma bárbara. E isso causava em mim uma profunda indignação. Já em 70, acabei me aproximando, através da leitura dos clássicos ingleses do socialismo utópi-

co, do socialismo real da época, que a gente chamava de socialismo real, que era a União Soviética, Cuba que tinha promovido para a nossa geração uma experiência modelar porque reagiu contra toda essa agressão que se chamava na época de agressão imperialista, econômica, agressão cultural e até a agressão militar que promoveram em Cuba, na Baía dos Porcos, em 1961 protagonizada pela CIA. Cuba consistia para a gente, representava para minha geração, isso é indubitável, tem que falar isso com toda clareza porque se há muitos aspectos que efetivamente a gente pode apontar como questionáveis na situação de Cuba hoje - eu me refiro à maneira como se perpetuou um sistema de partido único, isso é questionável; os aspectos relacionados com os exercícios demorados do poder por parte dos mesmos líderes da época, isso também é questionável - Cuba para nós, para a minha geração foi um exemplo. Foi um exemplo a luta do povo cubano. Fizeram uma revolução em 58 e dez anos depois Cuba era efetivamente um símbolo da resistência contra a agressão militar, econômica e cultural americana e promovia uma igualdade social que nos encantava, nós que tínhamos sonhos utópicos do socialismo, da igualdade e até do comunismo; da igualdade plena entre as pessoas. A confraternização entre essas pessoas, da vida associativa, e não da vida marcada pela competição, que é a marca do capitalismo, a competição, a concorrência, a juventude rejeitava essa visão. A visão de que só pode haver, ou tinha que haver competição entre as pessoas, algum tipo de progresso material. Nós, jovens militantes, questionávamos isso, não aceitávamos isso em hipótese alguma. E Cuba e os países socialistas, em particular Cuba, pela proximidade cultural, era modelar porque as desigualdades sociais foram suprimidas. O estado geria a educação e a saúde em nome de toda sociedade. E com isso Cuba assumiu para nós, para mim, uma dimensão heroica. A resistência do povo cubano contra o embargo, o bloqueio econômico já era realidade naquela época, isso tudo fazia com que Cuba se constituísse em um exemplo sem paralelo para a nossa geração. Nós nos sentíamos atraídos pela supressão da propriedade privada. Influenciado desde Rousseau, nós achávamos que se um país tinha conseguido suprimir a propriedade privada - isso para nós era uma coisa fantástica, nós queríamos efetivamente apoiar essa experiência, todas as experiências que se voltassem contra esse primado da concorrência da competição entre as pessoas - isso era possível. E com isso nós acabamos nos aproximando do socialismo. Eu me identifiquei com o Partido Comunista.

Aos 19, 20 anos eu me aproximei de estudantes mais velhos que tinham vínculos com o Partido Comunista. E em particular com um senhor já de idade madura, que é o senhor Bazileu Leal, que foi um marco para mim, um exemplo de sujeito de enorme dignidade. Ele foi um autodidata, ele dei-

xou um livro publicado, um livro de memórias sobre Luziânia. É um sujeito de grande coerência pessoal e uma pessoa impar no que diz respeito à maneira como ele via a sociedade humana e como ele via a realidade social do Brasil. Ele era um dos fundadores do Partido Comunista no Brasil. Através dele não tinha como não me aproximar do Partido Comunista. O Partido naquela época já tinha influência nas universidades e nos colégios em Goiânia.

Em 1971 eu já era militante do Partido, foi a única organização de esquerda a qual eu estive ligado. A gente sabia que de 1968 até 1973 parte da esquerda motivada pelos mesmos ideais de igualdade social e pelos mesmos objetivos que tinha de supressão da propriedade privada, de criação do estado socialista com a orientação no sentido de criar uma sociedade humana sem desigualdade, parte desses jovens, que eram atraídos pelos mesmos objetivos, acabaram optando na época pela luta armada. Eu devo dizer que não foi por falta de coragem pessoal que não optei pela luta armada, mas porque entendia que não havia possibilidade alguma de lutar contra a ditadura onde a ditadura era de fato mais forte, no campo militar. Achava que não havia possibilidade de sublevação imediata, que se tratava de conscientização política, de mudar a mente das pessoas no sentido de consolidar a tendência que as pessoas já tinham de se voltar contra a ditadura. Achava que era a luta política que tinha possibilidade de êxito, e não a luta armada. Sabia que os que tinham se ligado à luta armada contra a ditadura já estavam sofrendo grandes reveses. Sabia das prisões. Houve naquela época, entre 69 e 70, os primeiros sequestros, os primeiros banidos que saíram do Brasil. Sabia de tudo isso e achava que a luta tinha que ser preferencialmente no plano cultural, da consciência política, no plano político e não no plano militar.

Minha opinião como militante daquela época é de que a luta armada, mesmo conduzida por pessoas heroicas, por pessoas de grande abnegação que dedicaram a própria vida, que sacrificaram a própria vida pelo bem do ser humano, pelo fim das desigualdades, pelo fim das injustiças sociais, pelo fim da tirania da ditadura militar - muitos desses jovens sacrificaram a vida - minha opinião é que apesar da melhor intenção patriótica, do heroísmo humanista desses jovens, a luta armada acabou fortalecendo a ditadura naquele período. 1968 foi um grande revés. O AI-5 foi de grande impacto na consolidação da ditadura militar e do que houve de pior na ditadura. E essa possibilidade foi objetivamente propiciada pela luta armada. Eu tinha uma posição contra a luta armada, achava que a luta armada estava se fortalecendo rapidamente, estava inclusive criando um movimento de opinião favorável à ditadura. Se a opinião pública tinha alguma dúvida, quando do sequestro dos embaixadores ficou com a ditadura. Nitidamente não era o tipo de luta que o povo brasileiro fosse apoiar. Por essas razões todas, apesar da juventude, de ser muito jovem,

optei pela luta política, pela luta que o Partido Comunista Brasileiro a partir do 6º Congresso passou a adotar: a luta política. A tentativa de isolar a ditadura através da consciência, da conscientização popular, da mobilização, das alianças com setores não comprometidos da burguesia, que eram chamados de setores liberais que criaram um grande leque de alianças contra a ditadura, através da única via que era possível adotar que era a via política eleitoral; aquele restrito campo que a ditadura tinha de ação democrática, que a ditadura tinha deixado, que era o campo da ação política eleitoral, tinha que ser explorado. Eu me lembro, por exemplo, era inacreditável, mas os políticos, até os políticos históricos que ficaram na história como criadores do MDB, no meu entender não foi bem assim... Um companheiro morreu por que na época a grande tarefa que ele se dedicava a fazer era colher assinaturas pela formação do MDB. A gente saía convencendo as pessoas a se filiarem ao MDB. Essa era uma maneira de falar da ditadura. O MDB era um partido criado pela ditadura, mas era o único espaço que a oposição democrática tinha de atuação contra a ditadura. Por essas razões todas, e, claro, pela identificação, a admiração clara que tinha pelo heroísmo da revolução cubana e pelo Estado soviético - falar sobre isso hoje é quase uma heresia, mas a gente achava, tinha restrições porque conhecia um pouco de história - que o período do Stalin na União Soviética tinha sido um período marcado pela transgressão aos valores das liberdades individuais, da liberdade. Achava que a coletivização da União Soviética tinha sido uma violência contra o povo soviético contra o povo russo.

Jamais apoiei os chamados julgamentos de membros do Partido Comunista da União Soviética que foram fuzilados. Achava que as liberdades individuais tinham sido suprimidas em favor de um poder tirânico individual na antiga União Soviética. No 20º Congresso, o Partido Comunista da União Soviética denunciou esses crimes. Os crimes contra a liberdade do povo soviético. E houve já no 20º Congresso um princípio de restabelecimento, ou um grande movimento no sentido de restabelecer a democracia; o que nós chamávamos na época de democracia socialista. Permitir no Estado soviético a livre manifestação de pensamento, o pluralismo de opiniões, a liberdade das pessoas exporem francamente o que pensavam. Julgava que a partir do 7º Congresso tinha começado esse movimento de restituição das liberdades políticas da União Soviética, e de fato houve. Isso permitiu dar um apoio, ainda que um apoio um pouco crítico, à União Soviética daquela época. Nunca adotei a concepção de que para haver socialismo tinha que haver uma supressão sistemática das liberdades individuais.

No 20º Congresso houve uma grande virada, creio que em 1954; foi quando houve uma denúncia contra os crimes praticados por Stalin, e isso ajudou a justificar o apoio à União Soviética, apesar dos processos movidos

contra os escritores. A gente achava que era um absurdo, era indesculpável que escritores da União Soviética, pelo fato de não apoiarem de forma irrestrita o Estado soviético, fossem criminalizados. Havia muitas restrições em relação a isso. De qualquer forma, como havia tido essas denúncias contra os crimes do Stálin, a gente queria ficar com o melhor, ou com o que havia de bom na União Soviética, que eram as condições de vida do povo, a promoção da cultura, a garantia de saúde para todo povo - um estado social em que as pessoas não se sentiam privilegiadas ou excluídas. Minha opinião continua sendo ainda amplamente favorável à realidade dos estados socialistas daquela época, especialmente o Estado soviético. Fizem com que me aproximasse do Partido.

A luta armada tinha se exaurido. Havia um isolamento muito grande dos movimentos armados, e a minha convicção era de que se tratava de isolar a ditadura. Eu tinha sido ganhado por essa visão do Partido Comunista na Resolução do 6º Congresso. Foi uma resolução histórica de 1966. O Partido propugnava precisamente essa concepção de isolar a ditadura através de um modo amplo, um leque de alianças das forças democráticas, das forças que se opunham à tirania política. E na militância havia essa grande contradição: por um lado eu trabalhava, e trabalha muito, eram 40 horas semanais em sala de aula, lecionando; a universidade, onde eu era aluno de Matemática da Universidade Federal, e simultaneamente a luta clandestina. Então, eu saía de uma reunião clandestina e ia para a sala de aula. Havia um contraste muito grande na vida pessoal. Contudo, essa experiência foi extremamente rica. Durante um ano e meio, dois anos que eu estive atuando no Partido Comunista aqui em Goiânia, desenvolvi um esforço imenso, desproporcional às minhas forças pessoais na época. Era jovem, inexperiente, mas lutei muito naquele período. Organizei uma ação consciente junto aos sindicatos, aos diretórios estudantis, à universidade e a área secundarista. Buscava divulgar, esclarecer, me aprimorar como pessoa e ao mesmo tempo levar as pessoas a terem uma consciência crescente contra aquele estado de tirania e de obscurantismo que predominava no Brasil.

Em 1971, eu tinha um ano e meio de militância política, isso ainda me impressiona, eu fui alçado à condição de secretário Político do Comitê Metropolitano do Partido em Goiânia. Isso evidencia, é uma confirmação de que na época os militantes eram muito jovens e na sua maioria inexperiente. Contudo, tinha essa visão libertária, visão de dedicação à causa das liberdades democráticas, da conquista, da construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária. Quando estava nessa luta, saindo de reuniões clandestinas em bairros remotos de Goiânia, buscava criar essa consciência junto às entidades de trabalhadores. Tinham na época alguns membros

combativos da construção civil, eram profissionais que, eles sim, tinham uma grande experiência de lutas. Eu me recordo com muita admiração de um companheiro que se chama Santos; o nome dele é Lázaro, ele ainda vive, era uma pessoa admirável, um trabalhador da construção civil, um homem simples que não tinha frequentado cursos universitários. Creio que ele não passou do curso primário da época, mas era um autodidata, era um homem que tinha uma sensibilidade social, uma capacidade de liderança exemplar. Ele fazia parte do Comitê Metropolitano. Muitas vezes à noite nós estávamos reunidos na casa dele, havia uma tensão crescente, eu percebia, alguma coisa fazia crer que estávamos em uma contínua situação de perigo. Eu me lembro de uma reunião em particular que tive o pressentimento de uma prisão iminente, havia indícios de que o cerco estava se fechando.

Em 1972 nós tínhamos talvez uma centena de militantes em toda grande Goiânia, era um número inexpressivo, é claro, em relação à população. Estou convencido que a intenção de criar o partido, essa concepção antiditatorial, socialista, no meio dos trabalhadores era mais uma intenção, um sonho do que propriamente uma realidade. Nós não estávamos isolados como a esquerda armada, a esquerda radical, por quem eu sempre nutri grande respeito porque eram pessoas realmente muito dedicadas à causa. No entanto, eles sim estavam muito isolados. Nós não estávamos tão isolados quanto eles porque nós tínhamos um programa de aproximação com as forças que se posicionavam contra a ditadura. Mas de qualquer forma estávamos muito distantes da construção de um partido de massas. Nós éramos um partido restrito, com poucos militantes, muito dedicados, com pouquíssimos militantes dedicados de maneira profissional à ação do Partido. Nós tínhamos uma exiguidade de custos muito grande, chegava a ser uma pilhéria. Nós até ríamos das insinuações de órgãos como o Estado de São Paulo de que a esquerda brasileira, ou seja, nós éramos mantidos pelo ouro de Moscou. E nós nunca vimos esse ouro.

A exiguidade de recursos era imensa, e para mantermos um ou dois militantes profissionalmente, dedicados integralmente às ações do Partido, era uma dificuldade muito grande. Nós fazíamos o trabalho, nós próprios, militantes, era quem efetivamente financiava as ações do Partido. Ou seja, pagar os companheiros que tinham se profissionalizado, que eram pouquíssimos como eu já disse; financiar a própria circulação do jornal do Partido que se chamava “Voz Operária”. Então, esses recursos eram exíguos e a par disso a nossa grande inexperiência. Eu já me referi ao fato de que aos 21 anos, com pouquíssima experiência, eu era um militante de um ano, um ano e meio só de atuação, e já era secretário político.

Em meados de 1972, houve algumas quedas, algumas prisões isoladas. Nós do Comitê Metropolitano de Goiânia sabíamos que de alguma maneira o cerco estava se fechando. Havia uma repressão já diretamente voltada para membros ou ex-membros do Partido ou simpatizantes. As prisões estavam se multiplicando e em meados de 72 esses temores se confirmaram. O Comitê Metropolitano de Goiânia foi preso integralmente. Fomos presos no espaço de poucos dias.

Eu fui preso em Goiânia próximo à casa que eu residia e que eu resido até hoje. Fui levado para o 10º BC, antigo Batalhão de Caçadores, que hoje é a unidade militar do Exército Brasileiro aqui em Goiânia. De início eu fui submetido aos rigores que eles adotavam nos interrogatórios daquela época marcados pela extrema violência. E quando cheguei no 10º BC, fui colocado em uma prisão solitária onde permaneci por muitos dias de forma completamente incomunicável. Nos interrogatórios eu já percebia que vários companheiros já tinham sido presos. Essa experiência da prisão acabou sendo um marco fundamental da nossa vida naquela época porque nós não tínhamos conseguido grandes êxitos na nossa atuação política. Nossos objetivos eram: o isolamento da ditadura militar; conscientizar as pessoas através dos meios disponíveis; mobilizar a opinião pública contra a ditadura militar. E para coroar esse pouco êxito, veio a queda integral do Comitê Metropolitano de Goiânia. Esse foi um dos maiores processos de repressão política no Brasil naquela época. Goiás que é um estado de relevância econômico-política tradicionalmente tida como menor no contexto dos estados brasileiros... É digno de nota dizer que o Partido Comunista Brasileiro, que é uma das entidades importantes da esquerda, da história da esquerda brasileira, era sem dúvida nenhuma o mais importante partido ou organização de esquerda da história política do Brasil. Naquela época ele estava estruturado principalmente no estado de Goiás. Aqui era onde ele tinha a organização mais consolidada. A prova disso é que foi um processo que envolveu centenas de pessoas entre militantes, dirigentes e simpatizantes. Dezenas de prisões ocorreram naquele período nessa repressão orientada contra o Partido Comunista Brasileiro em Goiás.

O que eu posso dizer com relação a minha experiência pessoal nesses dias que fomos presos em Goiânia é que esse período foi marcado pelo lado, pela evidência do extremo aprimoramento. Uma coisa tão sórdida como é a repressão, a repressão política, a repressão tirânica, e, no entanto, em 72 eles tinham atingido um nível de sofisticação, de aprimoramento na condução da repressão política no Brasil. Sabe-se que os órgãos de repressão no Brasil naquela época exportavam esse tipo de conhecimento, de técnica. Eu me recordo que no golpe militar de 1973 no Chile, havia no Estádio Nacional do

Chile a presença de vários assessores brasileiros na condução das torturas, dos interrogatórios.

Quando fui preso aqui em Goiânia, tive uma prova do aprimoramento técnico dessa prática desumana que foi a repressão política no Brasil. Fiquei preso durante todo o 2º semestre de 1972, foi um período marcado por duríssimas experiências pessoais. A tortura era amplamente utilizada. O 10º BC na época era uma central importante na estratégia da repressão movida contra as forças de esquerda em toda essa região centro-norte do Brasil. Eu me lembro de que assim que cheguei, apesar do capuz que me foi colocado desde o início e que depois comprovei que era um tratamento similar que todos tinham tido, com a brutalidade da prisão, com o terror que utilizavam, o que eu percebia é que o 10º BC era o centro de repressão, o centro de inteligência, o centro de apoio à repressão àqueles que lutavam contra a ditadura militar aqui nessa região. Já tinha histórico de presos que passaram por lá desde 64, 65 e que tinham sido duramente torturados. Já tinha esse triste elo com o passado de repressão localizada utilizando as dependências do Exército em Goiânia.

Os primeiros dias são indubitavelmente os mais terríveis. É quando se abate sobre a pessoa, o militante preso, toda fúria dos interrogadores. A experiência pessoal que eu tenho é que aos 21 anos eu não estava preparado. E hoje eu creio poder afirmar que nenhum ser humano está preparado para ser submetido a esse tipo de tratamento. É contra a natureza humana, conseqüentemente nenhum ser humano consegue estar acima de um massacre pessoal como o que foi movido contra os que lutavam contra a ditadura militar naquele momento.

Eu acredito que em particular eles tinham contra o Partido Comunista um rancor especial, porque o Partido Comunista era o grande articulador da luta contra a ditadura naquele momento. Eles sabiam que nós éramos de fato a força mais consistente, embora pouco numerosa e com pouca estrutura organizacional, mas que nós constituíamos um elo vital para a oposição contra a ditadura militar naquele momento. Eu me recordo, por exemplo, que nos corredores do quartel, quando passava por ali encapuzado, era comum ouvir dizer: esses daí vão morrer, vão morrer. Havia uma pressão psicológica contínua. Mas eu acho que havia, como os fatos depois evidenciaram, havia de fato a intenção de eliminar fisicamente os combatentes do Partido Comunista que tinham caído naquele momento.

Os interrogatórios foram marcados por essa violência toda. Eu pude constatar a resistência isolada de alguns companheiros da época por quem eu passei a nutrir uma admiração maior ainda. Foram heróis que tentaram a todo custo manter o sigilo das atividades, dos membros do Partido que

tinham sob sua responsabilidade. Apesar de toda essa luta individual desses companheiros, infelizmente não sobrou nada de nossa atividade política. Em agosto de 1972 aconteceu algo que me marcou muito naquela época. Em 9 ou 10 de agosto talvez, fui levado para Brasília e durante o trajeto eu tive a possibilidade de conversar pela primeira vez com os companheiros presos. Até então, cada um de nós era mantido sob a condição da mais rigorosa incomunicabilidade. Foi quando eu soube da morte do companheiro Ismael, que tinha o nome de guerra de Olavo. Isso também evidencia quão jovens éramos. Para minha surpresa, o Ismael era mais novo do que eu. Eu caí preso aos 20 anos e ele caiu aos 19 anos. E o que mais impressionou foi que o Ismael, apesar de ter só 19 anos, era o responsável pelas finanças do Comitê Metropolitano de Goiânia e era responsável direto pela ligação com o Comitê Estadual e com o Comitê Central do Partido. Ele era uma figura chave e sobre ele se abateu com toda fúria a repressão daquelas pessoas encarregadas de conduzir o processo. Ele não resistiu, ele morreu em 9 de agosto, morreu a poucos metros da minha cela, e só fui saber quando estava sendo levado para Brasília. Soube depois que quando ele morreu teve uma manifestação de repúdio da população. Eu entendo que foi uma antecipação do que aconteceu depois em São Paulo com muito mais notoriedade.

Em 1975 Herzog morreu e isso levou a ditadura a uma situação delicada, porque houve um grande movimento de opinião pública contrária. Pois bem, em agosto de 72, três anos antes, a morte do Ismael, o mais jovem dos companheiros que tinham caído, fez com que a população de Goiânia se manifestasse absolutamente contrária àquilo, repudiasse aquilo. O chefe do quartel naquela época, eu não me recordo o nome, era um coronel, ele foi à televisão explicar o que tinha acontecido. Em plena ditadura daquela época do Médici, um coronel de Exército responsável por uma unidade militar vai à televisão tentar justificar o injustificável, que era a morte de um jovem de 19 anos. Isso foi em decorrência da reação da opinião pública ao que aconteceu. No meu entender foi uma antecipação do que aconteceu depois em São Paulo com Herzog. E é curioso constatar que o Ismael morreu em uma situação análoga, e isso me marcou profundamente porque foi para mim uma grande derrota pessoal.

É evidente que você tem as marcas pessoais do que você passa, do sofrimento pessoal que você passa, em especial o sofrimento moral a que você é submetido, essa espécie de assassinato moral a que um combatente passa quando preso pela tirania. Ele passa por uma espécie de assassinato moral porque tenta se extrair dele, através dos métodos mais desumanos, aquilo que ele tem de dignidade, de respeito, de coerência com a luta que ele travou. Tenta-se extrair dele a parte mais humana, isso é o suprassumo da crueldade, a pior forma de assassinato.

Nós temos na história, por exemplo, Jordano Bruno que foi um grande filósofo morto no século XV, no auge da inquisição italiana, depois de torturas indescritíveis; e tantos outros que morreram em condições semelhantes ou que passaram por sofrimentos análogos aos que passamos desde a inquisição e muito antes da inquisição até. Desse período a gente tem essas muitas marcas pessoais, marcas do sofrimento físico e do sofrimento moral. Mas nada se igualou naquele momento à perda do companheiro Ismael. Até porque ele era mais jovem, eu tinha por ele o apreço, o companheirismo, o dia-a-dia das reuniões clandestinas; o cuidado que um tinha que ter com o outro, com a segurança do outro; o cuidado que prevalecia na relação fraterna entre os companheiros, a gente tinha por ele uma dedicação ainda maior pelo fato de ele ser mais jovem e ter sobre si uma responsabilidade desproporcional e que evidencia a fragilidade de uma organização importante como foi o Partido Comunista na época. Era um partido, aqui em Goiás, e eu suponho que em outras regiões do Brasil, que a sua organização, a sua segurança interna estavam entregues às pessoas dedicadas, mas de muita inexperiência, pessoas da mais tênue idade. Para mim o Ismael é um herói, é um mártir. Ele lutou até o final para manter a lealdade dele à causa, e para nós em Goiás é uma das figuras modelares de jovens que deram a vida pela causa.

Hoje quando ouço dizer de pessoas, de órgãos da mídia que criticam a reparação econômica que a Constituição de 1988 garantiu a quem foi reprimido pela ditadura; e quando ouço dizer que fomos beneficiados por essa reparação que nos tenha conferido algum tipo de privilégio ou de vantagem pessoal, eu me recordo dessa época. Nós não tínhamos nada a ganhar. Aquela luta, a luta do Ismael, por exemplo, era uma luta que não tinha como objetivo atingir nada para si; nós não tínhamos pretensão a cargos públicos, a única possibilidade que nós tínhamos era de morrer nos cárceres da ditadura e que no caso dele infelizmente se concretizou. Aconteceu que em agosto de 72, subitamente sem que soubéssemos a causa, começaram a nos tratar melhor, isso coincide com o período que o Ismael morreu. Com a morte do Ismael, o tratamento que conferiam a nós melhorou. Estávamos sendo submetidos a um processo de eliminação sumária, com a morte e o enterro dele tendo se convertido em um marco de resistência, de oposição e de indignação popular eles melhoraram as condições em que éramos tratados.

Fui levado para Brasília, levado para o PIC. O PIC era na época uma central do terror do Exército. Antes disso fiquei em outro quartel. Eu quero falar algo que sempre achei e que ao longo da minha vida sempre pedem para eu falar sobre essa fase da minha história. Nós éramos presos em brigadas militares, em regimentos do Exército brasileiro. Conseqüentemente tínhamos contatos com oficiais do Exército. Eu me recordo de uma noite

em que os quadros da repressão foram me buscar na cela para submeter-me ao interrogatório. Eu estava na cela e chegou um oficial, suponho que era um tenente, e ele constrangidamente me entregou um capuz e falou: “Infelizmente vou ter que lhe entregar para esses caras porque a ordem que tenho é essa, mas quero que você saiba que eu não estou comprometido com isso, nós não nos envolvemos nisso. Nós somos oficiais de carreira, com muito orgulho, oficiais dos Exército brasileiro, e não participamos disso aí não. Esses caras que vieram buscar você são de órgãos da polícia política, e eu não tenho nada a ver com isso. Infelizmente eu tenho que entregar você para eles.” E ele estava sendo sincero, a maior parte dos oficiais que tinha algum vínculo conosco, guardados ali, custodiados pelo Exército, nos tratavam bem, nos tratavam com respeito. O que me levou a crer sempre, eu que nunca pesquisei essa matéria, não sou historiador, que o Exército brasileiro, como instituição, não esteve ligado com as ações sórdidas que a tirania ditatorial promoveu no Brasil naquela época. Alguns quadros separados do Exército, dedicados exclusivamente a essa atividade, é que conspurcaram a farda que usavam e transgrediram as suas funções e se conduziram da maneira odiosa que a história registrou. Então, o Exército como tal nunca se ligou a essa prática. E posso dizer isso com certa autoridade porque eu estive preso só em unidades do Exército e nunca me senti subjugado ou submetido à violência promovida, praticada por oficiais do Exército. Eventualmente um ou outro oficial exerceu essa atividade, mas não como oficial do Exército e sim como um quadro destacado para as atividades da polícia política. Eles eram desligados, estavam à margem do conjunto do Exército. Eu fui bem tratado dentro dessas unidades em que estive. A exceção era o PIC porque o PIC era o chamado Pelotão de Infantaria da 3ª Brigada de Brasília e já era uma unidade que ao meu entender agia de forma isolada, de forma separada do Exército; era dedicada à repressão, eram os profissionais da repressão.

No PIC passei vários meses de incomunicabilidade, de muita violência. Durante todo esse período, e é difícil dizer por que foi para mim não digo um trauma, mas um grande pesar com a inexperiência, com a juventude. Eu quisera ter uma atitude ainda mais inflexível diante dos que cumpriam as ordens da tirania da ditadura naquela época, a figura do herói que se contrapõe a todas as formas de tortura e que mantém o segredo, o sigilo e o silêncio absoluto. Infelizmente acho que poucos, eu pelo menos não posso dizer que eu tenha tido todas as razões para acreditar que eu não poderia ter agido melhor. Eu acho que naquelas condições difíceis não estava preparado, não estava à altura desse embate direto e desigual com a repressão. Tempos antes tinha sido elaborado no Partido um documento cujo título era “Se caíres preso como se conduzir.” O preso político naquelas circunstâncias

combatia dentro dele próprio de forma corajosa para manter um mínimo de dignidade, mas era muito pouco diante da sofisticação técnica que tinha sido alcançada por pessoas que cumpriam com esse triste papel.

Fui posto em liberdade e em seguida fui julgado pela Marinha e condenado a seis meses de prisão. Parece-me, não me recordo, já tinha cumprido. Mas alguns meses depois, o Superior Tribunal Militar me condenou a penas maiores.

Nesse período quando saí da prisão, eu e outros companheiros que dávamos aulas em cursinhos pré-universitários em Goiânia, nas escolas secundárias da época, não podíamos mais exercer a profissão. O comandante militar do Planalto telefonava pessoalmente para as escolas de Goiânia e de Brasília dizendo: “Olha, esses professores não podem mais exercer, eles não podem mais trabalhar em nenhuma circunstância porque senão a sua escola vai ser fechada.” Então, as escolas fechavam as portas para nós e eu não tive possibilidade de continuar como professor. Mudei de cidade, mudei para Anápolis, fui trabalhar no comércio durante um ano. Nesse período o Superior Tribunal Militar me condenou a penas maiores, e eu fui dos poucos “agraciados” com o Decreto Lei 447, por esse decreto eu estava excluído, expulso da universidade. Então, minha experiência pessoal desse período é essa. Eu saí da prisão com a condição física de saúde muito debilitada, sobretudo com essa grande dor na alma por ter perdido um companheiro da estatura e da grandeza do Ismael, com todos os traumas que a prisão implicou, e eu não tinha condição de continuar trabalhando; então, foi uma época realmente complicada. E adicionalmente eu não podia estudar porque estava incluso no Decreto 477, que era um dos decretos fundamentais do Ato Institucional nº 5. Por esse Decreto eu estava fora da universidade também. E ainda havia a perspectiva imediata de voltar à prisão. Eu optei por sair, por ir embora do Brasil. Foi uma decisão muito difícil e acredito sinceramente nos que afirmaram naquela época que o exílio é pior do que a prisão. Acho que em certo sentido é.

O exílio foi uma fase duríssima da minha história pessoal. Nesse período de exílio felizmente fui muito bem recebido. Os países da Europa tinham se posicionado de forma muito generosa em relação aos exilados latino-americanos. Desde o golpe militar no Chile, os latino-americanos perseguidos políticos eram muito bem recebidos por alguns países europeus, em particular pela França, Alemanha e Suécia. Eu fui recebido como exilado político na Suécia. Lá eu permaneci, eu e minha família, minha mulher mais três filhos. Meu filho caçula nasceu na Suécia, e tivemos um amparo muito grande, a verdade é essa.

Eu fui entender o significado da Convenção de Genebra precisamente no exílio. A relevância que tem um acordo que permite que pessoas

perseguidas por suas opiniões políticas ou por seus credos religiosos; enfim, pessoas perseguidas em seus países de origem por razões ideológicas ou de crença terem o amparo em outros países com base na Convenção de Genebra. Foi o que efetivamente me aconteceu: como preso político no Brasil eu passei à condição de exilado político na Suécia. Eu sou realmente muito grato a esse país, fizemos desse país a nossa segunda cultura. Lá eu voltei a trabalhar como professor de Matemática por alguns anos. Pude voltar para o Brasil em 1983. A anistia foi em 1980, mas em 80 eu não tinha condições de voltar para o Brasil porque era muito difícil a mudança do exílio para o país de origem. Passa a ser uma decisão também traumática por ser uma readaptação depois de tanto tempo, de muitos anos de ausência do Brasil. Somente três anos depois da primeira anistia, a anistia do Figueiredo, no momento da abertura que o AI-5 deixou de vigor, eu não tenho muita certeza das datas, mas foi quando efetivamente houve a primeira anistia. Voltei, fui trabalhar com computação, desenvolvendo sistemas de automação comercial. Durante muitos anos eu trabalhei nessa atividade, desenvolvendo também sistemas de computação voltados para a área médico-hospitalar e para convênios médicos.

Algumas pessoas me perguntaram por que eu não voltei à atividade política no Brasil quando retornei, já que eu tinha essa atividade política na época da ditadura. Seria talvez o mais lógico: que eu voltasse e que me vinculasse a algum partido político e que fosse trabalhar na política parlamentar e etc.. A minha realidade é a seguinte: eu só decidi ser militante político quando tinha 20 anos porque era a única maneira digna de viver naquele período da ditadura, era lutar contra a ditadura. E a única maneira de lutar contra a ditadura era entrar para um partido político e participar da luta política. Mas na volta para o Brasil, por razões de natureza pessoal, eu achei que não era compatível com minha maneira de ser participar da vida política parlamentar.

Eu tenho muito orgulho do meu passado e eu estou seguro de que todos os companheiros com quem eu convivi naquela época, hoje têm orgulho do seu passado. Foi um passado marcado por muita luta, por muita dor, por grandes perdas pessoais, mas por essa vitória, a vitória íntima de ter tido coragem de se opor ao arbítrio, de lutar contra uma tirania poderosa, uma estrutura militar poderosa, econômica poderosa, e de ter empenhado a sua juventude nessa luta. Eu sinto que apesar de não ter tido a possibilidade de exercer, de ter uma trajetória normal, de ter optado por certos caminhos profissionais, artístico, literário, de qualquer maneira, apesar das perdas que me foram impostas no plano pessoal, eu sinto que dei a minha modesta contribuição para que o povo brasileiro se visse livre daquela ditadura.

Uma coisa que eu não posso deixar de dizer é o seguinte: Essa concepção do isolamento da ditadura militar através de alianças políticas de todas as forças democráticas - que era a nossa meta, era o fundamento programático do Partido Comunista Brasileiro do qual eu fiz parte - de isolar politicamente a ditadura usando o único espaço que era possível usar, o espaço político eleitoral, rendeu um êxito que foi inesperado. Um êxito para nós e uma derrota para a ditadura, que foi absolutamente inesperada para a ditadura. Em 74, um dos períodos mais negros da história política do Brasil, que foi no governo Geisel que tinha pessoalmente a intensão de conferir às eleições parlamentares daquele ano um caráter plebiscitário; ou seja, o Geisel e o grande ideólogo da ditadura, o Golbery do Couto e Silva, eles acreditavam plenamente que iriam ganhar as eleições de forma majoritária, expressiva. Consequentemente eles conferiram àquelas eleições de 74 um caráter de plebiscito, que, na avaliação deles, seria a aprovação do governo militar por parte da população brasileira. O repúdio, a indignação, a consciência que lentamente foi-se formando contra a ditadura militar fez com que em 74 a ditadura militar sofresse a sua mais contundente derrota política. No meu entender foi em grande parte fruto dessa concepção. Da concepção do isolamento político, e não do confronto militar; da consciência das pessoas contra a ditadura. E disso, orgulhosamente eu afirmo, que dessa concepção e dessa atividade eu fiz parte.

Em 1974 a ditadura sofreu essa inesperada derrota. Em 75 era absolutamente irreversível que eles comessem de fato a promover a chamada abertura política. Eu creio que consta em livros recentemente editados, se não me engano do Hélio Gaspari, eu não li essa obra, mas parece que há uma referência clara a esse episódio. O Golbery do Couto e Silva era o ideólogo da ditadura, general do Exército de certa formação literária e que tinha realmente a incumbência de ser um dos teóricos da ditadura militar. O Golbery e o Geisel diante da irreversibilidade de ter de recuar, de ter de abrir espaço para a restituição da democracia no Brasil, estabeleceram uma condição: Tudo bem, vamos abrir, mas antes vamos eliminar o Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro. Eles sabiam que o Partido Comunista tinha sido a peça fundamental para a compressão dessa política de isolamento político. E lhes era impossível evitar a abertura política e eles estabeleceram essa condição: Legal, vamos abrir, mas antes vamos eliminar fisicamente o Comitê Central do Partido Comunista. No meu entender isso foi uma grande vingança; e efetivamente em 75, 76 houve uma série de mortes, de assassinatos de presos, de membros do Comitê Central que eles conseguiram prender naquele período. Todos foram sistematicamente assassinados, e no meu entender essa foi a resposta que nos seus estertores a ditadura militar deu ao

Partido. Ou seja, a abertura política é inevitável, tudo bem, mas vamos antes suprimir o Comitê Central do Partido que esteve no centro, no cerne dessa política de isolamento que os levou a essa derrota de 74. E para mim foi de fato um marco da derrocada da ditadura militar brasileira. No meu entender quem derrotou a ditadura militar brasileira não foram as ações isoladas, não foram os militantes isolados, mas sim a obra de todo povo brasileiro que não se deixou chantagear em 1974. E para isso, eu tenho certo orgulho de ter dado uma modesta contribuição. Em síntese é isso.

Eu acho que talvez eu não tenha tido possibilidade de explicar de forma mais clara aquilo que eu precisava, que se esperava que eu pudesse explicar hoje. Mas essencialmente eu queria falar um pouco, como eu falei, do preâmbulo da minha formação política, do que me levou a lutar contra a ditadura militar no Brasil. Havia esses dois polos: a restituição da democracia e o socialismo. Eram esses dois objetivos. Obviamente o socialismo não se atingiu; mas através da consciência que poderia ter levado ou que levará algum dia à mudança da sociedade, parte dessa concepção levou o povo brasileiro a ter consciência da sua própria força, da possibilidade de criar um país melhor. Isso também faz parte das conquistas que nossa geração promoveu, sobretudo a restituição da democracia que, eu creio, foi obra da nossa geração. Volto a dizer, sempre que ouço alguém falar sobre algum ganho auferido a partir da Constituição de 1988 aos que lutaram contra a ditadura militar... Eu me recordo que quando alguém me falou sobre reparação pela perseguição de que fomos alvos, isso no início do ano de 2001, 2002, eu cheguei a rir; falei: olha, recompensa por aquela época, por aquela luta, você está sonhando, não existe essa possibilidade; aquilo foi abnegação, só abnegação. Nunca objetivamos nem cargos, nem benefícios ou coisa alguma; a única coisa que se descortinava diante de nós era sacrifício, sacrifício e mais sacrifício. Eu sinto que, ainda que modestamente, talvez eu tenha dado a minha contribuição.

SIGLAS

ALN - Ação Libertadora Nacional
AP - Ação Popular
ARENA - Aliança Renovadora Nacional
CEPAIGO - Centro Penitenciário de Atividades Industriais do Estado de Goiás
COLINA - Comando de Libertação Nacional
CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
DEOPS - Departamento Estadual de Ordem Política e Social / Delegacia Especializada de Ordem Política e Social
DOI-CODI – Destacamento de Operações e Informações - Centro de Operação e Defesa Interna
DOPS - Departamento de Ordem Política e Social
EBAP - Escola Brasileira de Administração Pública
FALN - Forças Armadas de Libertação Nacional
FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
FLEG - Frente Legalista dos Estudantes Goianos
IPM - Inquérito Policial Militar
JEC – Juventude Estudantil Católica
JUC - Juventude Universitária Católica
MDB - Movimento Democrático Brasileiro
MNR - Movimento Nacional Revolucionário
MOLIPO - Movimento de Libertação Popular
MR-8 - Movimento Revolucionário 8 de Outubro
MIR - Movimiento de Izquierda Revolucionária de Chile
OBAN - Operação Bandeirante
PCB - Partido Comunista Brasileiro

PCBR - Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PCdoB - Partido Comunista do Brasil
PIC - Polícia de Investigação Criminal
POC - Partido Operário Comunista
POLOP - Política Operária
PSD - Partido Social Democrático
UDN - União Democrática Nacional
UEG - União dos Estudantes Goianos
VPR - Vanguarda Popular Revolucionária
VAR- Palmares - Vanguarda Armada Revolucionária Palmares
7ª CR - 7ª Circunscrição de Recrutamento
7ª CSM - 7ª Circunscrição de Serviço Militar
10º BC - 10º Batalhão de Caçadores de Goiás

Esta obra foi composta em Apollo MT,
a impressão se fez sobre papel Sulfite 75gr/m²
e a capa em Cartão Supremo 250gr/m²,
em setembro de 2013.
